

Poderosa
Obsessão

*Uma noite... um homem misterioso...
uma obsessão*

MANUH COSTA





Poderosa Obsessão

*Uma noite... um homem misterioso...
uma obsessão*

MANUH COSTA

Poderosa Obsessão

Copyright © 2017, Manuh Costa

Capa: Taty Nomedes
Diagramação: Taty Nomedes
Revisor: Gabriela Servo
Foto Capa: (Adaptada)
Fotosearch-ROYALTY FREE

Dados internacionais de catalogação (CIP)

N837 Costa, Manuh
Poderosa Obsessão
1ª Ed
Minas Gerais, 2017
1.Literatura Brasileira. 1. Título.
CDD:B869
CDU: 81.134.3(81)

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).
esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.
todos os direitos desta edição reservados pela autora.



Obsessão

Acordei devagar, meus olhos doeram com a claridade do quarto, na verdade, demorou para que eu realmente conseguisse abrir os olhos, sinto o estômago revirando e um pouco de tontura, então, me ergo cobrindo as pálpebras com a primeira coisa que consigo apalpar. Um travesseiro.

— Deus, nunca mais vou beber na minha vida — digo a mim mesma, devido a sensação horrível que sinto por todo meu corpo.

A Primeira coisa que me veio à mente, foi cenas daquele filme “Hangover” e depois eu me vejo horrorizada ao perceber que não uso o jeans de ontem à noite, e nem a minha blusa, pior, nem sutiã, nem calcinha.

— Meu Deus, Maria, o que aconteceu? — questiono com espanto, buscando em minha mente algo que possa servir de explicação, pois, não me recordo de como terminei sem minhas roupas.

Começo a xingar, silenciosamente, a Sarah; minha melhor e única amiga, quando consigo abrir os olhos o suficiente para ver toda a cidade de Las Vegas pelo blindex transparente do imenso quarto.

Parece que estou num lugar suspenso, então, percebo que nunca estive num sonho tão louco.

Belisco minha coxa, mas a dor surge lenta e vagarosa, me fazendo perceber que eu não estou sonhando.

Me levanto e fico meio tonta, apoio no criado da cama enorme, notando como os lençóis estão bagunçados.

— Meu Deus! — exclamo com mais surpresa ainda e sinto meu estômago

revirar outra vez.

Meu coração dispara e não consigo segurar o vômito, então, quando jogo para fora, absolutamente, tudo – principalmente o que nem eu lembro que comi e bebi –, consigo me reerguer. Mas não consigo me aproximar das imensas janelas e volto para a cama, olhando em volta e me sentindo apavorada.

Onde eu estou? O que aconteceu com as minhas roupas? Que lugar é esse?

Essas são perguntas que faço em silêncio para meu subconsciente.

Começo a forçar a memória, tentando me lembrar de ontem e do que havia acontecido. Sei que havíamos saído do hotel e ido para o Grand Cassino Hilton, Sarah, Gina e eu. Essas são nossas primeiras férias juntas em cinco anos, eu havia juntado até o meu último centavo para estar aqui. Não exatamente aqui, mas em Las Vegas, então, agora não faço ideia de onde estou e o porquê estou nua num quarto de hotel.

Demoro para sair do choque, ainda me punindo por ter bebido. Mesmo que não me lembre, tenho certeza que essa é a minha única e maior ressaca.

Me sinto como uma adolescente inconsequente e irresponsável, não quero nem imaginar o que a minha mãe pensaria se soubesse disso. Passo mais alguns minutos tentando me lembrar de algo, mas sou trazida de volta ao presente momento quando alguém bate à porta.

Eu me cubro com a primeira coisa que vejo pela frente, um outro travesseiro – como se fosse adiantar alguma coisa eu gorda desse jeito, pelo menos dois travesseiros seriam necessários para me cobrir de quem quer que seja.

— Senhorita?

É um homem, a voz de um homem. Meu Deus, será que eu transei com ele?

Me apavoro com a ideia de ter transado com alguém, não há vestígio algum de camisinha, não parece bem um filme famoso americano, “Brasileira transa com desconhecido e acaba em quarto de hotel com Aids”, meu Deus, Aids?

Congelo com a possibilidade.

Novamente estou parada, dura, agarrada a um travesseiro fofo. Perdida num quarto de hotel que é maior que a casa onde eu moro.

— Senhorita!

Não preciso ser bilíngue para saber que o homem me chama. Levanto juntando toda a força que ainda possuo e me enrolo num dos lençóis, depois vou até lá e abro uma brecha da porta.

É um homem alto, tem olhos azuis, cabelos brancos, a cara fechada, e usa um daqueles trecos no ouvido, um segurança?

— Sou Olaf. — Ele diz com um sotaque forte e ergue a sacola de papel. — Suas roupas, eu a aguardo para levá-la para o seu café.

— Eu não falo muito bem inglês — falo em inglês forçado. — Olaf, eu dormi com você?

Ele ri como se achasse muita graça disso, eu me sinto como uma completa retardada é claro. Não, definitivamente, eu nunca dormiria com um cara como Olaf, ele parece um bandido de meia idade com cara de mafioso, sempre fui boa em primeiras impressões, se fosse para fazer aquilo, com certeza não seria com ele.

— Não, mas tenha certeza que o meu patrão providenciara para que fique bem, descemos em cinco minutos.

Entendi as palavras “Boss” que significa patrão e “Five Minutes”, então, fechei a porta e olhei para sacola.

— Minhas Roupas! — exclamo com certo alívio.

Analiso-as rapidamente, meu jeans velho, minha camiseta nova com emblema “eu coração NY” – quem nunca? – e um par de sapatilhas que, com certeza, eu nunca usaria na vida, vermelhos com lantejoulas que lembravam sapatos de uma prostituta. Talvez eu não seja muito diferente de uma, certo?

Mas nada das minhas roupas íntimas.

Eu preciso de roupas íntimas?

Não ousei tocar no meio das minhas pernas, como poderia saber? Faz muito tempo que eu não faço isso, como posso saber se dormi com um cara?

Cinco Minutos...

Me visto rápido e coloco as sapatilhas número 37 que não me serviram, já que eu calço 39. Depois, quando abro a porta, Olaf está à minha espera com seu terno preto intocável, parecendo um daqueles caras que trabalham para o FBI.

Sempre quis saber por que os americanos gostam desse tipo de coisa, agora começo a sentir medo disso.

Quero fazer centenas de perguntas para Olaf, tais como: onde estou? Quem é você? O que aconteceu ontem? Mas não consigo se quer pensar no Verbo to be. Na minha mente as coisas funcionavam em ordem sempre, mas agora me sinto tonta, enjoada e confusa, mas, principalmente, com um medo me domina por inteira.

Queria estar no hotel mixuruca onde me hospedei ontem, era para ser o final de semana da minha vida, e agora acordei num quarto de outro hotel – O Hotel –, na cama de alguém que não faço a menor ideia do nome, ou até mesmo do rosto. Consegui ler o letreiro no elevador que diz “Hilton TM”, Olaf aperta o botão do terceiro andar e ficamos um de frente para o outro. Ele numa ponta, com a cara fechada e os braços para frente, como se estivesse em guarda, e eu na outra, querendo de novo vomitar, devido ao nervosismo excessivo que me atormenta.

Será que ele vai me levar para o hotel onde eu estou hospedada?

Olho para o reflexo no espelho e me espanto com o volume dos meus cabelos, quero gritar. Claro que eu não sou do tipo que vive presa a chapinha, mas andar com o cabelo assim não é o meu estilo.

Consigo prender ele em um coque improvisado, querendo grampos para cuidar dos fios mais rebeldes. Tudo só fica pior quando o elevador para no sétimo andar e uma mulher muito linda e chique entra, ela me olha de cima a baixo como se sentisse nojo, eu tento dizer para eu mesma que não faz diferença.

Nunca convivi com pessoas ricas, eu nunca estive num Hotel da Franquia Hilton ou acordei pelada numa cama que eu não conhecesse, ou transei com um cara, sem camisinha, que eu não fazia ideia de quem fosse.

Olaf deve conhecê-lo.

Mas eu não sei nem conversar com Olaf direito, preciso de um dicionário de bolso, como aquele que me deram no avião.

Não gosto da cara de nojo que a loira peituda faz para mim, Olaf, no entanto, parece bem gostar do decote V do vestido justo que ela usa. A mulher segura um cachorrinho chihuahua no colo, todo cheio de enfeites cor de rosas, e usa uma bolsa Prada enorme de lado, óculos escuros também, é admito que ela é linda, seria um despeito enorme da minha parte não admitir que é perfeita essa moça, mas está na cara que a boca não é dela, assim como o nariz e os peitos.

Sinto vontade de rir com a cara de bobão que Olaf faz, enquanto olha para

o decote generoso da loira, então, me lembro que não me encontro numa posição tão feliz quanto ela, ou Olaf.

Repito em minha mente que acabei de acordar de uma noite que não me lembro, na cama de alguém que não faço ideia.

Mas pelo visto, não é pobre!

Porém, também não me importo. Eu não sei se sinto mais ódio de mim por ter enchido a cara e ter feito isso, ou se sinto ódio da cara do homem por ter feito isso comigo mesmo vendo o meu estado.

O elevador para no terceiro andar e loira sai na frente, como se estivesse abominando a presença da gente. Olaf abre espaço para que eu saia e em seguida sai me segurando pelo braço, como se fosse alguém bem íntimo. Eu me preparo para reclamar, mas percebo que ele só está me guiando pelo caminho certo, então, me calo.

A primeira coisa que eu vou fazer quando conseguir voltar para o hotel, com certeza, é chorar, e a segunda é um teste de aids, com certeza a terceira é tomar um banho com uma esponja bem grossa e a quarta é continuar me culpando por tudo.

Como eu a pessoa mais responsável e decente que eu conheço me meti nisso?

Olaf me conduz pelo corredor extenso, mal presto atenção no caminho só sei que o corredor nos leva a uma porta como as muitas do lugar, Olaf passa o cartão então a porta se abre e ele entra depois diz: — Senhorita, o patrão vai recebê-la agora — diz Olaf.

Meu coração dispara ao ouvir isso, pois, essa frase eu entendi, e desejo não a ter ouvido, mas respiro fundo e entro no quarto. Descobrirei o que aconteceu ontem ou chegarei à conclusão de que estou completamente certa. Espero estar equivocada.



Mentalmente, eu duvido que não esteja em mais de um dos meus sonhos loucos sobre suítes de luxo com vista esplendorosas, meus olhos não acreditam muito no que veem, uma suíte enorme e luxuosa com uma sala imensa. Ela é composta por dois sofás grandes, tv, objetos de arte, um piano.

Me lembro daquele livro sobre um cara rico se apaixonar por uma garota pobre quando meus olhos param no homem parado perto da lareira.

Meu coração dispara, ele está de lado, usa uma calça jeans e uma camisa branca por baixo de um suéter azul-escuro, os cabelos negros estão molhados e penteados para trás, não aparenta ter mais de vinte e poucos anos, ele parece até mais novo que eu. Ele é, tenho essa certeza em meu peito.

Sinto que meu coração acelera mais ainda quando ele ergue o olhar, os olhos azuis estão me encarando com uma certa estranheza, então, percebo que ele está me analisando, e me endireito. Olaf indica o sofá, me cutucando no ombro de forma discreta.

Senti vontade de fugir, na verdade, eu quis pular pela janela, ou abrir a porta enorme de blindex que dava para sacada e me jogar de lá. Já fazia muito tempo que eu não me sentia assim, mais de dez anos.

— O tradutor já está chegando — disse Olaf. — Café?

— Sim. — Eu encolho os ombros, me sentindo idiota quando me sento no sofá, na verdade, acreditei muito pouco que fosse ele o patrão de Olaf, não tão jovem, não tão bonito. — Olaf?

— Sim, Senhorita — responde o homem educadamente.

— Eu dormi com ele? — pergunto baixinho, sentindo que as minhas faces ficam quentes.

Por favor, Deus, que não tenha sido ele, por favor, Deus.

Olaf dá uma risada seca, mas bem-humorada e diz: — Não sei.

Me pergunto: Maria, como você não se lembra do cara com quem transou ontem?

Me surpreendo de forma negativa com o meu bom senso e consciência, eu que sempre dou sermão em Sarah por gostar de ter vários parceiros, me vejo agora, presa ao meu próprio sermão.

Olaf se afasta, então o homem se aproxima. Eu não olho para ele, não sei se estou mais envergonhada do que com medo, nenhuma situação parecida me aconteceu em toda a minha vida, nunca fiz essas coisas. Na verdade, eu nunca, jamais em sã consciência, faria algo do tipo. Sarah é a aventureira, eu estou mais para “prefiro os meus livros”.

Um silêncio incomodo paira no lugar, fico olhando para o chão, falando para mim mesma que não pode ficar pior. Então, um Senhor baixinho entra na sala, vindo do que parecia ser a cozinha do lugar, por uma porta que eu

não tinha visto que existia.

O homem se levanta da poltrona e se senta no sofá diante de mim, assim bem de perto, ele parece ainda mais bonito. Na verdade, eu acho que estou sendo bem modesta, porque ele é lindo, a barba impecavelmente feita, sobrancelhas escuras, assim como os cabelos, lábios vermelhos e pequenos, eu nunca vi um cara tão bonito em toda a minha vida.

— Olá — disse o homem em português. — Sou Joseph, eu sou tradutor.

— Que bom. — Consigo falar. — Pode perguntar se eu, bem, eu posso ir embora?

Quero perguntar se dormi com esse cara sentado no sofá ao lado, mas não parece certo, ainda mais para um tradutor, mesmo eu sendo, às vezes, a pessoa mais objetiva e sensata da face da terra, nunca faria isso. Agora, depois de tudo, só quero sumir desse lugar.

Joseph traduziu rapidamente para o inglês, o homem imediatamente fez que não com a cabeça e ficou me olhando de um jeito indiferente. Olaf apareceu com a bandeja posta, nos depois serviu três com xícaras de café quente e se afastou, mantendo boa distância de onde estamos.

O homem fala algo para Joseph em inglês, eu fico olhando para o meu café sem interesse, depois que bebo um gole, Joseph começa: — Este é o Senhor Denzel, ele é o advogado do Senhor Carson, ele informa que você e o Senhor Carson passaram a noite juntos. — Joseph estava com um bloco de notas na mão. — Ele quer saber como se chama e se está com os exames de sangue em dia!

Meu Deus!

Não me incomodo com a forma direta na qual Joseph fala, ele parece o tradutor do Google narrando alguma história, mas fico meio impactada com a pergunta do Senhor Denzel, claro que eu estou com os meus exames de sangue em dia. Mas que tipo de cara manda o advogado para falar com a mulher com quem transou ontem? Um cara rico sua tolinha.

— Diga que sim, e os dele? — pergunto, Joseph traduz rapidamente e Denzel faz que sim com a cabeça, parece bem sério. — Eu quero fazer os exames ao mais rápido possível.

Então, tento me acostumar com a terceira pessoa na conversa, Joseph era apenas um meio para um fim. Assim que a conversa acabar, eu vou embora e nunca mais vou precisar olhar para a cara desse homem, nem para cara do

advogado do cara com quem eu dormi ontem. Ainda não faço ideia de quem seja, mas já estou começando a me irritar com ele.

— O Senhor Denzel informa que nem você nem o Senhor Carson se preveniram, e que o seu cliente lamenta pelo contratempo.

— Diga que lamento tanto quanto ele.

Eu tenho a impressão que ele entendeu pelo jeito como me olhou, seu olhar parece mais obscuro ainda quando Joseph traduz, então, ele fala algo de novo para o Joseph, sua voz é baixa e educada.

Se ele souber que faço direito e sei do que se trata, talvez seja mais educado comigo, mas se eu falar, talvez ele me prenda aqui e me faça assinar algum termo de confidencialidade.

— Disse que Olaf a levará a uma clínica onde farão os exames necessários, e que entregara sua bolsa com documentos, mas não sabe onde foi parar seu par de tênis, ele lhe comprará um par novo.

— Diga que agradeço pela gentileza.

Isso era tão, tão estranho, ainda mais vindo de mim, porém, eu sempre soube me controlar em circunstâncias assim. Por dentro eu poderia estar me matando de culpa, gritando de medo e histeria, mas por fora eu apenas me controlo, sempre, independentemente da situação.

— Qual a sua idade?

— Tenho 28 anos.

— O que você faz?

— Eu sou analista Jr, em uma empresa de contact center no Brasil.

— É casada?

— Se eu fosse casada, não dormiria com o cliente dele.

Bebo um pouco de café, o que aquilo tem a ver com a noite passada? Não é da conta dele o que eu faço ou do cliente dele. Isso não vai acabar bem, Maria Eduarda!

— Ele questiona se tem formação.

— Por que esse interrogatório?

Denzel fala algo para Joseph, o homem coça a cabeça e me olha sem jeito. Bebo um pouco mais do café de Olaf – ficou forte e amargo, ótimo para ressacas, horrível para língua –, enquanto o Senhor Denzel ainda segurava o seu no pires, intocável, e me olhava com total frieza. Bem, não preciso que

me olhe de outra forma, ele é advogado, eu estou fazendo direito e sei como é. Lembrando também que tudo isso foi apenas um erro. Um grande e embaraçoso erro de percurso.

— O Senhor Denzel acredita que caso haja consequências da noite de ontem, precisará saber mais a respeito da Senhorita.

Eu não consigo me mover após a palavra “consequência”, engulo o café a força e torço para não me engasgar, tudo isso é uma grande merda!

— Pode ser que tenha engravidado.

— Não! — digo imediatamente, quase sufocando. — Não mesmo, eu não posso ficar grávida!

— Por que não?

— Bem, por que eu não quero?

Não é por isso, mas o Senhor Denzel, nem Joseph, ou o homem com quem eu dormi ontem – como era mesmo o nome dele? Carsson! –, o Senhor Carsson, precisam saber de todos os problemas da minha vida, já é vergonhoso demais ter dormido com ele e nem me lembrar. Céus, grávida? Não, Deus que me livre!

— Pode ser que aconteça, fará exames de sangue hoje, e daqui a duas semanas exames regulares de gravidez. — Joseph diz após ouvir o que Denzel fala. — O Senhor Carsson vai custear tudo, onde mora?

— No Brasil. — Eu ainda estou, completamente, chocada depois da palavra gravidez, o medo de Aids passou, ainda me assustava a doença, mas um filho me assustou ainda mais, ou outro, na verdade — Ele acompanhará tudo via e-mail e providenciará para que os exames sejam feitos lá também. — Joseph anotou algo no papel e entregou para mim. — Esse é o número do Senhor Denzel, e-mail e contatos, ele pede completa e total descrição da sua parte.

Eu quero saber, por que um cara rico que tem um advogado de plantão, dormiu comigo? Como nós havíamos nos conhecido? Quando? Onde? O que havíamos feito? Sei que ele é o único que pode responder todas essas perguntas, mas em vez de ficar frente a frente comigo, ele apenas enviou dois correspondentes – deixando bem claro que queria distância de mim –, e sumiu.

Eu não lembro dele, de seu nome, nem como ele é, e agora estou lidando com isso, com o advogado dele e um tradutor.

Merda! Merda! Merda! Mil vezes merda!

Denzel saiu da sala sem nem olhar na minha cara, deixou claro que era assunto encerrado. Achei tão impessoal, como a noite de ontem, e no fundo, disse para mim mesma que nesse momento, bater um papo com alguém que me tratava como algum tipo de contratempo via advogado muito gato e tradutor humano, é a última coisa que eu preciso na minha vida.

Levanto, aperto a mão de Joseph e agradeço. Olaf se aproxima e me pega pelo braço, me levando na direção da porta e a última coisa que consigo ver antes de sair da suíte, é um advogado parado diante de uma lareira falando ao celular.

—Senhor Carsson?

São as últimas palavras que entendo naquele idioma.





Nível 01 da Obsessão.

— Não entendo o porquê você está estranha. Afinal de contas, quem passou a noite fora fomos Gina e eu, não você.

Se você soubesse.

Às vezes eu acho que Sarah é prática demais, outras vezes eu simplesmente a acho meio tola e fútil. Queria que ela soubesse o quanto estou chateada por ter me deixado num cassino, ao Deus dará com quem, sei lá quem — ou Jack Carsson —, bêbada e à mercê, para ir transar com algum gringo em algum motel da cidade.

Dá para ver que ela e Gina estão amando a viagem, mas eu... Desde que cheguei, depois de viver a manhã mais estranha da minha vida, não consigo se quer pensar direito, eu não posso estar grávida!

Eu já fiquei grávida uma vez e isso foi o suficiente para eu ter plena certeza de que não quero mais bebês para o resto da minha vida, duvidava que Jack Carsson tivesse alguma doença, todavia, sempre há chances, então, o medo é em dobro.

Quando cheguei, fiquei grata por elas não terem chegado primeiro que eu, ou teria que dar explicações, odeio fazer isso. Nunca precisei dar explicações, eu sempre fui do tipo que a mãe não se preocupa porque é certinha demais para fazer coisas erradas, ou medrosa. Não tanto.

— Você não vai querer sair hoje à noite com a gente?

— Não, eu vou descansar e ler um pouco.

Não sairia nem amarrada, Sarah me conhecia tanto que nem perguntou de novo, foi para cama dela e Gina para o banheiro. Analisei meus pés grandes,

assim que cheguei fui tomar banho, havia procurado vestígios em meu corpo da noite de ontem e encontrei.

Muitos! Percebi que as minhas coxas doem, aliás, eu estou toda dolorida e não gosto disso.

Observo o papel com o e-mail escrito e em baixo o número de telefone, Olaf havia me levado para uma clínica particular longe do centro e uma enfermeira peituda tirou pelo menos, quatro cilindros enormes de sangue dos meus dois braços, havia me dito também que os exames ficariam prontos em 24 horas, mas estava pouco me lixando para os resultados, desde que não dessem positivo para HIV e positivo para gravidez, mas a segunda opção não teria como saber assim de cara, certo?

No fundo eu estou com medo, eu não sei realmente o que fazer, preciso ligar para casa, conversar com a mamãe, com o Fernando, ligar para a vó dele, Suelli. Parece que tenho que dar muitas e muitas explicações sobre a minha vida para várias pessoas, mas por enquanto eles não sabem, e se depender de mim, não saberão nunca, principalmente a minha mãe.

Começo a imaginar suas críticas sobre eu ser mais responsável, sobre ser mais madura, porque ela sempre dá um jeito de me criticar por tudo, principalmente depois que o Nando nasceu, ou quando eu engravidei, quando o Jorge e eu não demos certo, ou, sempre por tudo.

Me encolho ainda mais, o que faço Meu Deus? E se eu estiver grávida?

Se estiver grávida, vai ter o bebê, mais um bebê.

Senhor, por favor, não me envie mais um bebê!

Não estou pronta, eu nunca estive pronta para bebês, o Nando é a melhor coisa que me aconteceu na vida e eu o amo, não consigo nem descrever o que sinto pelo meu próprio filho, mas outro, outro nunca!

Alguém bate à porta e dou um pulo, pois, me assunto fácil.

Ou talvez você só esteja com os nervos à flor da pele, Senhorita gravidez.

Começo a me punir secretamente por tudo, até pela viagem, pela bebedeira, por ter me afastado das meninas, ou será que elas se afastaram de mim? Preciso descobrir urgentemente o que aconteceu ontem, odeio não ter a noção do que acontece na minha vida.

Mais duas batidas rígidas e secas na porta. Reviro os olhos, estou com dor

de cabeça, com ressaca, enjoada, com problemas, quem será?

Resolvo abrir, então, outro Susto!

—Ai Meu Deus—digo nervosamente, pigarreio e depois me endireito. — Olaf?

Será que ele me viu dando aquele pulo de “Meu Deus, o que você faz aqui?”, lógico que viu, eu basicamente gritei com o susto. Olaf está sério, desconfio que esse seja seu humor habitual, ele não sorri, é intimidador, fico olhando para o homem com o dobro da minha altura. Não falamos o mesmo idioma, mas ele apenas me estende um pacote quadrado envolvido por um papel preto, depois faz um breve gesto com a cabeça.

—Com os cumprimentos do Senhor Carsson.

Olho para Olaf sem entender, que parte aquele homem não havia entendido que eu não falo inglês?

—Não falo inglês — digo forçado. — Não, eu não posso.

Mas antes que fale aceitar, Olaf já se afastou e sumiu no corredor, penso em ir atrás dele, porém, não vou. Me sinto completamente supressa, fixo o olhar no pacote quadrado de cor preta e sacudo, mas não escuto nada. Volto para o quarto, por sorte, Gina já está no último sono e Sarah sumiu das minhas vistas.

Me sinto curiosa, o que será que o Senhor Carsson me enviou?

Volto para cama e deixo o pacote diante de mim, me sentindo num terrível dilema. Abro ou não abro esse pacote?

Como se fizesse diferença abrir um pacote dele, você já fez coisas bem piores com ele ontem, o Senhor Carsson transou com você a noite toda, toda, toda.

A palavra ainda se repete em minha mente agora, parece sair das partes mais cavernosas do meu cérebro, não consigo pensar direito enquanto olho para o pacote preto. Ele não tem selos e nem carimbos, está lacrado por um zíper de plástico.

Se fosse um presente, ele enviaria numa caixa colorida, se fosse algo mais caro, com certeza entregaria pessoalmente, tolinha. Deve ser algo que precisa, dar para você. Não imagino o que um cara que mandou o advogado dele para uma conversa muito íntima, mandaria através de mais um de seus empregados.

Penso mais uma vez antes de tocar na caixa e resolvo abrir, mas então,

ouço os passos de Sarah. Jogo a caixa embaixo da cama com rapidez e pego meu livro mais próximo. Não, Sarah não precisa saber disso, minha consciência já está me crucificando e meu bom senso preparando o julgamento do ano. Se Sarah sonhar que eu transei com um cara ontem, ela vai surtar, eu estou surtando!

—O que foi?

Ela me conhece há tanto tempo, que as vezes esqueço que, raramente, guardamos segredos, pois, somos como irmãs. Sarah é morena, olhos claros, boca bem cheia, vive malhando, tem um corpo de dar inveja. Sinto inveja dela as vezes, por ser independente e muito gata, enquanto eu... eu sou gorda e moro com a minha mãe, e Sarah é dois anos mais nova, o que me envergonha ainda mais.

—Nada—digo e ela se joga na minha cama. —Como foi ontem? —questiono, para disfarçar meu nervosismo.

—Enchi a cara e transei com um espanhol—confessa Sarah, sem o menor pudor. —E você?

—Eu não transei com ninguém—digo imediatamente e percebo que alterei a voz.

Ah, Merda!

—Você tomou banho! — Sarah me encarou com seu olhar de pura malícia.

Sarah só olha assim para a Gina, para mim sempre olha com pena porque não pego ninguém quando saímos. Me sinto mal em mentir, mas falar a verdade não é uma opção. Quando eu estiver sem saída mesmo, desabafo, ou quando — de alguma forma — ela descobrir. Eu nunca fico impune quando se trata dela, Sarah gosta de pegar os podres dos outros e jogar na cara em momentos críticos, não quero que ela me jogue na cara que transei — depois de dez anos me guardando — com um cara que nem me lembro do rosto.

—É a ressaca, acho que bebi muito ontem. —Minha voz assume um controle que tenho certeza que ela conhece, mas tento parecer tediosa. —Subi e acordei vomitando até as tripas.

—Mas não tinha vestígios de vômito no banheiro.

—O serviço de quarto serve para isso, oras!

—Duda, tem certeza que não quer me falar nada?

—Falar o que? Nossa, você gosta de esfregar na minha cara que eu não sou como você e Gina, não é?

Sarah suspira, parece se dar por vencida. Ela sempre cai nessa, sei como apelar com essa garota. Às vezes.

—Só queria que curtisse mais, amiga—Sarah me dá um sorriso. —Não conheceu ninguém legal?

—Acho que vocês pensam que eu sou infeliz com a minha vida.

—Só não quero que fique assim.

—Sozinha?

—Não, com essa cara de “Sarah se diverte e eu não”.

Me sinto aérea, sempre me sentia assim quando saíamos no começo, mas agora já me acostumei com o fato da Sarah ser a superlegal e descolada, enquanto eu sempre fico de escanteio, não tem como competir com alguém sem celulites na bunda ou estrias nos peitos. Sah e eu somos amigas desde os dez anos, nossas mães são amigas, nossas avós são amigas, e as vezes não sei como ela me suporta. Abraço a Sah, sentindo como se retornasse a algo seguro, longe da noite de ontem — que nem me lembro — e do dia péssimo de hoje, sinto vontade de chorar.

Se arrependimento matasse.

Você teria transado com ele de novo, é o destino Vaca. É, acho que vou te chamar de Vaca!

Maldito bom senso.

— Vou dormir um pouco — Sarah diz e levanta. — Por que não desce e joga um pouco? Ontem você estava tão feliz, jogando com um cara alto.

Meu Deus.

— Sah — chamo e pigarreio. Sarah me olha, esperando eu dizer algo. Fala alguma coisa, fala alguma coisa, pergunta desse cara— Esse cara, você o viu?

— Não lembro, estava chapada, mas sei que era alto e usava um terno preto, bem chique!

Meu Jesus.

— Legal, vou dormir um pouco.

Não farei mais perguntas, pois, ficaria muito na cara e agora me sinto mais tensa. Sarah vai para o quarto, então, volto a atenção para o romance na minha mão, Orgulho e Preconceito, o meu predileto.

Quero ler de novo e de novo, mas minha mente está cheia, ocupada com aquela nova notícia. Pego uma caneta em cima do criado e anoto a

característica na capa interna do livro, penso que preciso de um bloco de anotações, ou vou acabar com meus livros. Outra coisa que penso é sobre o homem de terno chique, e se ele for o Senhor Carsson?

Não sei, talvez tenha sido qualquer cara do cassino. Forço a mente e não lembro de nada, nada versus nada e me sinto de novo com medo. Não quero nunca mais ter que passar por isso na minha vida.

Nunca mais eu vou beber, nunca mais eu vou beber, nunca mais eu vou beber.

Enquanto repito mentalmente, me afundo na cama. O precioso sono começa a me tomar, agarro meu livro, e desejo, profundamente, que quando eu acordar, tenha acabado todo esse pesadelo.

Sinto um certo receio enquanto olho para esse pacote diante de mim, porque algo me diz que se eu abrir ele, não vai ter volta. Claro que não vai ter volta, se eu abrir, acaba o mistério, daí eu vou saber o que o Senhor Misterioso Carsson me enviou.

Sah e Gina tinham saído quando eu acordei, então, pedi que meu simples e humilde jantar fosse servido no quarto, fiz careta ao ver o bife seco com fritas ressecadas e pudim de sobremesa.

Ok, sem bife, então, depois pego o pacote e há mais ou menos quarenta minutos depois com as fritas diante de mim, fico olhando para ele.

Refletindo, me culpando, sentindo medo e mais todo o turbilhão que a noite de ontem ainda me causa.

O Mistério do Senhor Carsson não me intriga, na verdade, está me deixando ainda mais ansiosa. Em cinco minutos, já tinha roído todas as unhas da mão, me sinto tensa!

É como carregar todo o peso do mundo nas costas, algo que já experimentei bem e não quero voltar a experimentar, me sinto péssima, contudo, ainda sim quero saber o que tem nessa droga de caixa.

Jogo ela embaixo da cama decidida, então reviro os olhos e a pego de volta. Por que ele enviaria uma caixa? Por que não flores? Os namorados da Sah enviam flores para ela depois de uma noite maravilhosa de sexo. Ah Merda, não fiz sexo maravilhoso com ele, fiz?

É isso mesmo o que está fazendo, Senhorita gravidez? Nomeando a noite que nem se lembra por “sexo maravilhoso”?

Essa droga de incerteza é algo que venho evitando há muito tempo, essa droga de medo, essa droga de ansiedade. É por isso que eu evito ter

namorados, ou transar com quem quer que seja.

Passo a mão no pacote, mordo mais uma frita, o que fazer?

Ele nem vai saber se eu abrir o pacote, mas a minha consciência vai saber, eu vou saber!

Não quero me sentir assim, mas desde que acordei hoje, isso me corrói, chorar não me leva a lugar algum, mas já tinha chorado horrores durante o banho da manhã.

Preciso de outro banho antes de abrir essa caixa!

Mil banhos não seriam suficientes, mas não sei, é como se estivesse contaminada.

Será que eu cheirava a sexo hoje de manhã?

Subitamente, cheiro o meu pijama, olho para cima me sentindo idiota, claro que não cheiro a sexo. De manhã estava tão aflita para chegar logo ao hotel, que nem pensei nisso, bem, não pensei em muitas coisas que estou pensando agora, que estou com um pouco mais de calma, como:

Quem é o Senhor Carsson? O que ele faz? Por que não teve a decência de se apresentar? Por que ele não deu as caras?

Entro no box estreito do banheiro, percebo que ainda estou de pijama. Na verdade, não quero olhar para o meu corpo agora, não depois de ontem.

Essa vergonha está me consumindo, assim como toda a ansiedade que me cerca.

Droga! Me sinto suja, ah Senhor, por que eu bebi?

Vejo o tamanho do meu bico refletido no vidro transparente do box, toda a bagunça do banheiro, está alheia aos meus olhos especuladores e ao meu senso de organização impiedoso, queria muito ter algo com o que me preocupar além da noite de ontem.

Me sento no chão, abraço minhas pernas, a água fria cai em minha cabeça, então, fico por alguns instantes, chorando de novo.

Fui dormir mais cedo, achando que acordaria do pesadelo, e quando acordo, percebo que só estava começando.

Tento me lembrar da noite de ontem, do Senhor Carsson, mas nada! Mas adianta mesmo ficar assim? Claro que adianta, preciso me punir, preciso ser mais responsável, mais consciente, preciso ser eu.

É COMO SE A SUA MELHOR PARTE TIVESSE SE CORROMPIDO, DUDA!

Não quero me sentir sem identidade de novo nunca mais. Logo eu, que

sempre passo sermão para todas as minhas amigas—principalmente Sarah—sobre ser mais responsável, ter namorado fixo, casar, ter uma família.

Quero gritar, mas não consigo, essa é a pior sensação do mundo, quando eu me sinto frustrada e sem saída. Acho que não sei lidar bem com os meus problemas, mas isso, isso é impossível de lidar.

Saio do chuveiro me sentindo uma derrotada—ok eu sei que sou, mais hoje está pior—, dou as costas para o espelho e pego a primeira toalha que vejo pela frente, tiro a roupa rápido, visto um roupão e coloco a toalha na cabeça. Olho em volta e não quero imaginar o que a Gina e a Sah fariam se morassem juntas.

O secador de cabelos está dentro da pia, escovas de dentes jogadas no chão, escovas de cabelo em cima do vaso fechado, toalhas do hotel espalhadas por todo lugar, calcinhas — argh — fio dental jogadas nas paredes do box, sutiãs espalhados num outro canto.

Meu Deus, isso é uma camisinha feminina? Rio com minha própria desgraça, não sei se é pior imaginar eu transando sem camisinha, ou eu transando com uma coisa desse tamanho.

—Bem, vamos lá, Duda, o pessoal do serviço de quarto não precisa disso.

Preciso ocupar a minha cabeça. Recolho as calcinhas, os sutiãs e coloco tudo em ordem num piscar de olhos. Escovas juntas nas gavetas da pia, secador, devidamente, guardado no armário de baixo, escovas de cabelo junto com o secador. Então, jogo todas as roupas íntimas das meninas numa mala de roupas usadas de Sah, no quarto dela. Engraçado, não parei para pensar por que a Sah ficou com o quarto individual da suíte, não é grande coisa, mas tem uma mesa de refeições e janela com vista para a capela mixuruca do lado.

Volto para a minha cama e olho para o pacote do Senhor Carsson, quero tanto abrir, que sinto as minhas mãos formigando.

—Chega! — digo para mim mesma no ápice da minha ansiedade. —Vou abrir e depois eu devolvo.

Pego outra batata frita, então, limpo as mãos no meu roupão com emblema do hotel bordado e me sinto idiota, em seguida abro o zíper do pacote preto com cuidado, enfio a mão dentro dele e apalpo algo sólido. Uma caixa de papelão?

Puxo para fora do pacote, então, analiso boquiaberta a ilustração do celular diante de mim.

—Um iPhone 8?!

Fico paralisada e com o queixo caído, pisco várias vezes sem querer acreditar. Cara, isso é mais caro do que o pacote para Vegas, bem, talvez custasse a metade do pacote. Eu não acredito no que os meus olhos veem, esse telefone ainda nem chegou no Brasil.

Demoro um pouco para puxar o lacre adesivo que mantêm a caixa fechada. Se eu soubesse que era um Iphone 8, jamais teria jogado embaixo da cama daquele jeito... Duas vezes!

Analiso o aparelho intocável, embalado por plástico bolha e isopor, então, encontro um bilhete amarelo com algo digitado em português: ***Cara Senhorita Barbosa, espero que tire proveito do presente, meus cumprimentos, Jack Carsson.***

Traduzindo: Obrigado pela transa, Vaca!

Pego o aparelho, analiso o designe moderno e extrafino, depois os fones brancos e o carregador com o cabo, um manual em português, de primeira mão! Não, Duda isso não é seu, tem que devolver! Por que ele me mandaria um celular? Meu Deus, um iPhone 8?

Pego o Orgulho e preconceito onde escondi o papel que Joseph me deu, pego meu celular—velho, mas é meu—, mas lembro que não funciona fora, trouxe apenas para contatos e para receber ligações, então, pego o telefone do hotel e, rapidamente, ligo para o Senhor Denzel. Quando atende, sua voz é firme, áspera, e em inglês, ah, havia me esquecido disso, mas preciso arriscar.

—Oi—digo e passo a mão no rosto, nem sei por que estou com vergonha, ele não está me vendo falar inglês desastrosamente.

— Senhorita Barbosa!

Ah, a voz de Denzel, ele fala? Ok, piadinha besta, já que ele falou com o tradutor.

—Sim, eu—digo procurando o meu dicionário na gaveta, como se fosse adiantar alguma coisa. —Um momento, por favor.

Please, isso eu falo bem. Abro o dicionário, sinto que demoro, mas tento escolher as palavras certas. Do outro lado da linha, nenhum som, nem mesmo a respiração do advogado do Senhor Carsson. Estou me odiando agora por ter recusado as aulas de inglês que o meu padrasto, Van, queria pagar quando eu tinha doze anos, mas eu o odiava tanto na época, ainda odeio, odeio menos, mas odeio!

—Senhorita Barbosa?

—Ah, hum. —Preciso de uma caneta, mas havia decorado as palavras. — Senhor Denzel, me enviaram um iPhone 8, quero devolver!

Estou ereta, olhando para o dicionário que me entregaram no avião, esperando que ele diga algo, quando ouço batidas na porta do quarto, dou um pulo.

—Um momento! — digo ao Senhor Denzel. — Por favor, não desligue.

Talvez fosse o serviço de quarto, não sei, essas pessoas aparecem do nada, abro a porta e, de fato, é o serviço de quarto. Me forço a sorrir, mas francamente, o sorriso fracassou. Me afasto até a cama, quando pego novamente o telefone, o Senhor Denzel já desligou e me irrita muito com isso.

Analiso o iPhone 8, dizendo em pensamento para não mexer mais nele, devolveria assim que possível, mas então, para minha surpresa, o celular toca dentro da caixinha de isopor e me assusto. Pego ele e vejo que na tela aparece o nome: Jack Carsson.

Meu Deus! Meu coração dispara, então, respiro fundo, tomo um pouco de coragem e deslizo o dedo pelo visor, atendendo o aparelho ultrafino e o colocando no ouvido, minha mão treme mais do que vara verde nesse momento.

— Senhorita Barbosa!

Sua voz é grossa? O sotaque forçado. Eu não falo inglês, o que eu digo? O que eu digo? Fale alguma coisa, Duda, fale!

—Não falo sua língua tão bem assim — diz ele, em português forçado. — Recebeu o meu presente, pelo visto.

—Quero devolver. —Foi o que consegui falar.

Ele suspira profundamente, como se estivesse cansado, ou deitado. Olho para os funcionários do hotel que circulam pelo quarto. Penso que se ao menos eu soubesse falar inglês, poderia resolver muita coisa, pois, preciso fazer uma centena de perguntas, que tenho certeza que ele não vai saber responder em nenhum dos dois idiomas, mas, pelo menos, poderia fazê-las.

—Sem devoluções. —Jack Carsson tem a voz pesada. —Tive que viajar para o Japão, desculpe. Os rapazes te trataram bem?

Então, esse é o motivo de você ter me deixado pelada numa cama de hotel, nas mãos do seu motorista, ou sei lá o que? Coro, ainda sim, me envergonho,

estou falando no celular com o cara com quem dormi ontem.

—Você está bem, Maria?

Não gosto do jeito íntimo e enrolado como fala meu nome, parece que somos tão próximos, para ele, é claro, porque para mim, não passa de um estranho.

—Precisamos dar um jeito nisso —ele disse. —O meu irmão te tratou com educação?

—Irmão?

—Alejandro, Denzel!

Denzel é seu irmão?

Quero gritar, Meu Deus.

—Converse comigo, Maria, por Deus!

Eu não sei o que dizer e esse é o problema. O que vou falar com um completo estranho? Então, me ocorre que talvez, Jack Carsson se lembre de alguma coisa, e eu não lembro de nada, nem da voz dele. Me sinto mal com isso de novo, meu coração se contrai, não quero que os funcionários do hotel me vejam chorando. Na verdade, eu não quero é que me vejam tendo uma crise de choro, enquanto converso com o cara com quem transei ontem e se quer, sei quem é.

—Maria?

—Por favor, não me procure mais, vou devolver o celular assim que possível.

—Por que?

—Mandou seu irmão advogado e um tradutor conversar comigo sobre a nossa noite de ontem.

—Não vi outra forma, o meu irmão é de confiança, mas não fala português muito bem.

—Foi constrangedor.

—Está chorando?

—Não.

Não estou pronta para essa conversa e penso em desligar, mas de repente, não consigo.

—Não quer que eu te procure mais?

A resposta está na ponta da minha língua, porém não consigo falar, fale

Duda, Fale Duda!

—Até os exames de gravidez ficarem prontos, não posso me dar ao luxo de que se afaste. —Jack Carsson estava completamente frio. —Não tenho tempo para essas coisas. Como foi o seu dia?

Agora está sendo educado e duro comigo, como se eu precisasse disso. Minha consciência já está me crucificando por isso, sei que ele tem razão, e percebo que está preocupado tanto quanto eu, com o fato de uma possível gravidez.

Estremeço, o pavor de engravidar começa a me atacar de novo.

—Fale comigo! —ordena secamente.

—Esse não é o tipo de conversa que eu queira ter por telefone. — Consigo falar, odeio esse tom que ele usa comigo.

—Entendo—disse. —Vamos jantar em breve.

Arregalo os olhos. Não quero jantar com você!

—Amanhã Olaf irá buscá-la.

Percebo que durante esse papo, ele não está me perguntando nada, está determinando tudo.

—Talvez eu não possa ir Senhor Carsson.

—Mas vai!

—Transamos uma vez e acha que manda em mim?

—Querida, eu mando em tudo o que tenho.

—Não sou sua posse.

—Não perguntei se era, esteja pronta às 19:00.

E desliga! Filho da... Argh!

Quero jogar esse iPhone 8 na parede, quero esfernear e gritar de tanto ódio. Odeio autoritarismo, odeio pessoas mandonas, odeio pessoas que adoram dar sermões, não sei lidar com isso simplesmente.

Passei os últimos dez anos da minha vida me guardando para o cara certo e acabei fazendo isso com o cara errado. Não quero saber nada sobre o Jack Carsson, simplesmente, porque vou deletar ele da minha vida como a noite de ontem, vou esquecer e se houver possíveis consequências, eu assumo. Crio o Nando sozinha há dez anos e não morremos por isso.

O pessoal do serviço de quarto entra nesse cômodo e vou para o quarto da Sah, pois, as roupas de cama já estão trocadas. Só percebo que levei o Iphone

quando o jogo na cama. Fico me questionando, que espécie de pessoa dá um celular para alguém com seu número gravado?

Uma pessoa que quer que você se comunique com ela de forma segura e rápida. Vaca!

Estou começando a ter birra do meu bom senso, sinceramente!

Analiso o celular, mal sei mexer nele, mas já parece todo programado e tem muitos aplicativos, WhatsApp? Eu não uso WhatsApp, minha irmã de quinze anos usa, mas eu não sou ligada nesse tipo de modernidade. Continuo mexendo no aparelho e vejo uma biblioteca com várias pastas com músicas de Caetano, Jobim, Milton Nascimento. Poxa, ele sabe do que eu gosto? Me pergunto se ele se deu ao trabalho de programar o aparelho, porém, concluo que não, um homem que transa comigo e viaja para o Japão na mesma noite, não se daria ao trabalho de fazer nada para mim, talvez algum empregado dele, nunca namorei um cara rico antes.

Isso não é um namoro, isso é um erro de percurso lembra? Mas afinal, o que ele havia visto em mim ontem? E eu nele?

De novo aquela ansiedade maluca se apossa de mim e decido que não quero pensar nisso, espero até que o serviço de quarto vá embora e quando vou ao outro cômodo, as camas já estão trocadas e meu Orgulho e Preconceito no criado com as outras coisas do Iphone.

Gente honesta essa! Eu já fui roubada algumas vezes, enquanto me hospedei em hotéis no Brasil, mas também não quero começar uma disputa íntima entre esse lugar e o lugar onde nasci, pessoas são pessoas, independentemente, do lugar, e eu prefiro o Brasil.

Às vezes eu acho que penso demais.

Você pensa demais, Vaca? Tanto que se jogou na cama do primeiro que apareceu ontem!

Não dou voz ao meu bom senso maldoso, preciso pensar com mais calma. Me deito, pego os fones, o carregador, meu livro e ligo o carregador na tomada ao lado da minha cama. Me jogo nela e então, abro o set list, meus dedos deslizam maravilhados pela tela superfina e sensível ao toque. Coloco os fones, seleciono a pasta com nome de “*Edith*”, então *Non, je ne Regrett Rien* ecoa em meus ouvidos, me deixando paralisada.

Amo *Edith Piaf*, meu Deus, ela é como um remédio para os meus ouvidos, poucas pessoas que conheço gostam desse tipo de música, mas amo. É inevitável o suspiro, a voz dela me acalma tanto.

O Mister “M” sabe o meu gosto musical, me perguntando como ele sabe disso faço anotações no livro.

***Arrogante**

***Prepotente**

***Mandão**

***Celular novo.**

***Voz grossa**

***Gentil?**

Ser gentil é um pré-requisito básico e ele não foi gentil, foi educado, risco a palavra gentil.

Está Fora de Cogitação.

E não deu o celular, é um empréstimo, vou devolver, em seguida, risco celular novo.

Este Também está fora de Cogitação.

Preciso de um bloco de notas urgentemente ou o meu livro predileto vai acabar cheio de rabiscos e feio. Sempre sou cuidadosa e ciumenta com todos os meus romances, mas O Orgulho e Preconceito é o meu bebê e já rasurei ele demais.

Então, só me restou quatro coisas que sabia sobre Jack Carsson. Ah, faltou uma:

***Rico!**

Me sinto idiota, mas é algo que preciso ter ciência, lembro o que ele disse sobre Olaf vir me buscar. Não quero ir jantar com ele, na verdade, não quero sair. Tudo o que busco é isolamento total. Edith me deixa calma, porém, deprimida, então, mudo a pasta e seleciono uma com o nome “variadas”.

Sleeping at Last, Turning Page?

Então, do nada o celular vibra na minha mão e quase deixo ele cair, a ideia é absurdamente assustadora. Se esse celular cair no chão, eu estou ferrada, mais ainda do que eu já sou por natureza. Aperto a janela verde do WhatsApp, que se abre diante dos meus olhos com o nome Jack Carsson estampado, embaixo um seco: “Oi”

Pisco, incrédula, não é possível que esse homem não vai me deixar em paz, bem, se não é capaz de conversar comigo por telefone de forma decente, por que deveria conversar com ele por mensagem? Eu não quero conversar com ele, mas, de repente, minha mão está coçando de novo. O celular vibra

novamente, outra mensagem de Jack.

“Não vai falar comigo?”

Aperto o teclado sem expectativa, não quero falar, então, digo a verdade: “Não”.

Imediatamente, Jack responde e fico espantada.

“Preferia você ao efeito de vodca e Tequila, querida”

Ninguém nunca me chama assim. Não, espera, eu bebi vodca e tequila ontem?! Meu Deus, não lembro, então, vejo aqui minha oportunidade de saber um pouco mais sobre ontem, sobre Jack Carsson.

Me pergunto, por que eu estou fazendo isso? Mas meus dedos já estavam respondendo, rapidamente, a mensagem dele no teclado do Iphone 6, novinho!

“Senhor Carsson, não bebo com frequência, creio que tenha criado ao meu respeito, uma imagem que não possuo”

Ele responde rápido, como ele entende tão bem português e o irmão dele precisa de um tradutor para conversar comigo?

“não acredito que pensou que Denzel e eu fôssemos a mesma pessoa, sou mais bonito!”



Rosas Brancas.

Como ele sabe?

Engulo seco, bem, depois dessa, não sei o que falar. Aqui estou eu, com um celular de última geração, ouvindo um set list perfeito, depois do dia mais constrangedor e estranho da minha vida. Então, me lembro rapidamente de que perguntei a Olaf se havia dormido com Denzel, antes de saber que ele era advogado do homem com quem, realmente, dormi. O celular vibra novamente.

“Você não se lembra de mim, não é mesmo?”

Sinto vergonha de responder, mas meus dedos, simplesmente, deslizam pelo teclado sensível ao toque, esse celular é um barato. Completamente diferente do meu, que trava toda hora e, às vezes me estressa, made in Paraguai é claro.

“Acho que bebi demais”

“Não estou magoado, também bebi demais”

Meus ombros relaxam um pouco, não que eu me sinta mal por isso, tecnicamente, não é minha culpa e sim da bebedeira. Como eu poderia imaginar que ficaria com uma amnésia pós bebedeira de vodca e tequila? É claro, eu em sã consciência, nunca, jamais, misturaria bebidas assim. O máximo que bebo quando saio —raramente— com as meninas, ou a Sah, é uma lata de cerveja e, já fico meio aérea. Não quero me imaginar bêbada depois de beber Tequila com vodca.

“Você faz isso sempre?”

Será que eu não estou sendo muito pessoal? Mas a mensagem já foi visualizada. Me sinto nervosa quando a palavrinha “escrevendo” aparece embaixo do nome dele no alto da tela. Não tem foto alguma de Jack Carson no quadradinho lá em cima, apenas a imagem padrão de um perfil de cor cinza. Me sinto tomada por uma curiosidade pesada e insistente, percebo que se eu o visse agora nessa foto de perfil, talvez não parecesse tão emocionante, talvez, por sua aparência, se quer conversasse com ele. E se fosse um velho?

Que coisa feia, Vaca, querendo novinhos?

—Você não quer ninguém, Vaca!

O celular vibra, olho para tela e leio.

“Nem sempre, depende do meu humor, gosto de me divertir, não leve a mal.”

Diversão? Então, é isso o que eu sou? Me irrita, então, respondo.

“Igualmente”

Eu só estou magoada, quero que ele pense que não me importo. Na verdade, eu nunca faria sexo com alguém por diversão, jamais, mas ontem. Ontem eu fiz, ou talvez, estivesse bêbada demais para saber quais os motivos que me levaram a dormir com um estranho.

“ :) “

Quero rir e mando outra carinha.

“ :(“

Jack Carsson visualiza, então, responde com um coração seguido de uma carinha fazendo biquinho, depois escreve e para, então, torna e escrever. Estou em alerta, e ansiosa, preciso desligar esse celular e não conversar com ele, mas é inevitável estou curiosa demais para parar agora.

“Ainda está brava por eu ter partido?”

Eu estou brava com uma centena de coisas na minha vida, você é uma pequena parte delas, e mal te conheço, mas apenas envio um simples: “Não”

Jack Carsson responde, e fico espantada em ver que é um áudio, ele está me enviando um áudio? Como se grava um áudio nisso? Enxergo o pequeno microfone no teclado ao lado do de tirar fotos. Como a Júlia mexe tanto nessas coisas e eu não faço a menor ideia de como se mexe? Acho que até o Nando sabe mexer no WhatsApp, enquanto eu... Eu ainda uso o meu celular para falar e, raramente, enviar algum tipo de mensagem. O áudio carrega imediatamente, aperto o botão do play, então, a voz dele toma conta dos meus ouvidos.

—Sem arrependimentos, lembra? Prefere rosas brancas ou vermelhas?

Esse sotaque mandão. Aperto o botão de gravar áudio.

—Não quero nada vindo do Senhor.

Ele ouve o áudio e responde. Tenho que me acostumar a falar com alguém pelo WhatsApp, iria me preparar para isso em breve, porque ano que vem o Nando vai para escola sozinho, então, tenho que dar um celular para ele, para gente se comunicar durante o dia.

—Brancas!

Engulo meu sorriso, ele não desiste, respondo.

—Sou alérgica a rosas.

É mentira, é claro, Jack ouve e responde: —Disse que nunca ganhou rosas, querida, não te entendo.

CACETE! O QUE MAIS EU DISSE PARA ELE?

—Talvez, eu estivesse bêbada demais Senhor Carsson.

—Não me chame de Senhor Carsson, escolha rápido, preciso desligar!

A gente nem está numa ligação, isso é uma conversa? Então decido.

—Me deixe em paz!

Jack apenas escuta, vejo pelos risquinhos do visto na tela, então espero, espero e nada, ele não respondeu. Como numa fração de segundos, a companhia toca e me assusto.

—Caralho!

Tinha parado de xingar quando o Nando começou a falar, tampo a boca imediatamente, sentindo como se tivesse cometido um erro grave. Mamãe odeia que fale palavrões. Abro a porta ainda embalada pela música alternativa do Sleeping At Last, então, me deparo com o imenso buquê de rosas brancas.

Meu Deus!

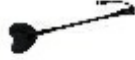
O entregador fala meu nome com dificuldade, entrega o imenso buquê de rosas brancas e indica o lugar para que eu assine, coloco o Iphone dentro do bolso do roupão e assino, me sinto sem alternativa, fecho a porta com o pé, então, avisto o pequeno cartão branco. As rosas cheiram bastante, doce. Ah Céus, nunca ganhei rosas de ninguém na minha vida e essas são as mais lindas e perfeitas que eu poderia ganhar! Abro o cartão, e não me surpreendo com a pequena palavra digitada em português: —Brancas!

O celular vibra em meu bolso, pego imediatamente e vejo a mensagem de Jack Carsson. Engulo o sorriso, droga estou sorrindo? Era para eu estar furiosa, eu estou! Ah, essa confusão mental está me deixando louca. Nenhum áudio, então, é apenas uma carinha, acompanhada de três palavras.

“:) Até amanhã, querida”

Penso em responder, mas decido que é melhor ficar na minha. Preciso me livrar desse buque antes que as meninas voltem de madrugada, ou amanhã, não sei. Porém, segurando-o em meus braços agora, duvido muito que

consiga me livrar disso tão fácil, e muito menos do homem que as enviou para mim.



Acordo no dia seguinte com os cutucões de Sah e olho para ela com espanto, ela está olhando fixamente para o buque no meu criado, não consegui me livrar das rosas ontem, até arrumei um vaso com o pessoal do hotel para que não murchassem, fico sem graça, pois, o olhar certo dela me pega.

Ah, merda!

—Eu sabia que havia transado com alguém!

—Eu não transei com ninguém!

Mas a minha voz está fraca e baixa, Sah olha para os fones nos meus ouvidos e depois os arranca, puxando o Iphone 6 que está embaixo do meu travesseiro. Tomo de volta, ela está horrorizada. O mais engraçado, é que eu não julgo ela tão mal assim pelos absurdos que ela faz com os caras com quem sai, por que quando é comigo todo mundo faz cara de horror? Igual quando eu contei para ela que estava grávida, ela ficou chocada.

—O que é isso, Duda?

—É um celular, não está vendo?

—Um Iphone 8?

Por que ela tem o direito de ter pais mais ou menos ricos que dão tudo para ela, aparecer com celular novo de três em três meses, trocar de carro uma vez por ano, e eu quando apareço com um celular novo, sou algum tipo de aberração? Me irrita.

—É apenas emprestado—digo ciente que não devo satisfações a ela ou a ninguém, bem, já faz dez anos que sou maior de idade e sei como me cuidar, ou sabia, até ontem.

Me recupero do sono e levanto, ainda bem que escondi o Orgulho e Preconceito num lugar onde ela nunca vai achar, pois, sei que agora ela vasculha cada canto da minha cama atrás de algo para me incriminar, Sah adora isso. Odeio quando ela banca a amiga responsável, ou tenta bancar, eu sou a amiga responsável, esse posto é meu, obrigada.

Me endireito olhando para as rosas no imenso vaso do criado, não tenho

coragem de me desfazer delas, vai parecer que estou tentando me livrar de Jack Carsson—eu estou —mas, gostei das flores. Ontem eu já sabia o que me aguardava da parte de Sah, mas agora, na realidade, não sei por onde começar.

—Desembucha! —ordenou Sah, bruscamente.

Observo o shortinho jeans que ela usa e o top preto, a barriga tanquinho, dá até para contar os quadradinhos no abdômen dela, sinto inveja pois, sei que fez sexo a noite toda de ontem e mesmo assim está linda, com os cabelos úmidos e lisos, com aquela cara de “tomei banho por que transei a noite toda”, ela se quer tem olheiras.

—O que quer que eu fale?

—Que trepou com alguém ontem e mentiu para mim.

—Olha o linguajar, Sarah Elizabeth Mello!

Sah não se importa, o linguajar dela é curto e muitas vezes vulgar, exceto quando estamos perto do Nando, que ela banca uma de tia dedicada e legal, responsável até. Droga, ela é uma ótima tia para o Nando, isso não está em questão.

Enfio o Iphone 8 no bolso, porque sei como ela é, tanto que ontem coloquei senha. Se ela tivesse pego meu Iphone, não, o Iphone de Jack Carsson com aquela conversa no WhatsApp, eu estaria ainda mais ferrada que agora.

—Fala logo.

—Shiu, vai acordar a Gina!

Gina ainda dorme na cama ao lado da minha, Sah levanta da cama com as mãos na cintura, exibindo seu corpo enxuto e moreno. Nos fins de semana ela vai para praia, enquanto eu, eu trabalho e, muitas vezes estou ensinando o Nando na tarefa da escola, sou mãe, ela não. Bom, isso não tem nada a ver com o fato de ter transado com alguém ontem e não ter dito a ela, tenho obrigação?

—Vamos para o restaurante do hotel, então?

Estivemos no restaurante quando chegamos no hotel, é pequeno e meio vazio, parece ótimo para qualquer tipo de conversa, não quero falar sobre isso perto de Gina, ela é fofqueira, de Sah não escondo segredos.

—Vou vestir algo, e não tente fugir, Duda, eu te acho!

Pensei em fugir ontem, penso em fugir toda hora desde que acordei na

cama de um estranho. Sah vai para o quarto dela sem tirar os olhos de mim, quando ela entra no quarto, solto a respiração, porque sei que a conversa não vai ser legal, nem sei por onde começar, começo a ensaiar frases feitas na cabeça quando o celular vibra, olho na direção da porta do quarto dela, ainda trancada, depois pego o aparelho, desbloqueio e visualizo a tela do WhatsApp, não fico surpresa.

“Bom dia, querida, dormiu bem? Tenha um ótimo dia, Jack!”

Não respondo, não tenho tempo para responder e me irrita, ele me irrita! Visto o mesmo jeans de ontem me recriminando, depois pego um sutiã na minha bolsa ao lado da cama e visto apressadamente. Não quero mais falar com esse cara, talvez se eu o ignorar, ele me deixe em paz, e talvez, canse daquela ideia de gravidez. Hoje penso com clareza e não estou grávida, o medo de ontem não passou, mas mesmo sendo a pessoa mais azarada do mundo, Deus não me castigara dessa forma.

O celular vibra de novo no bolso do roupão, pisco e pego ele de novo. Visualizo a mensagem e vejo que é um áudio. Não quero e não vou ouvir, mas então, minha curiosidade me acerta, ah como me odeio, e como odeio esse cara por me fazer voltar atrás nos meus pensamentos, que há muito tempo não são tão confusos e incertos. Recoloco os fones e aperto o play enquanto brigo com a camiseta para que entre na minha cabeça.

—Ainda está brava?

Sua voz é de quem acabou de acordar e pelo eco no fundo, dá para perceber que está em um banheiro, decido não responder. Melhor desligar esse celular, e dei, por fim, esse quase novo dialogo com Jack Carsson, agora tenho que me preocupar com outra pessoa, Sah, mas não tenho coragem de deixar o aparelho no quarto e enfio ele no bolso do meu jeans, se sumir não tenho tanto dinheiro para pagar pelo celular.

—Vamos?

Sah está de volta ao quarto, ela está usando uma bata por cima do short curtinho e sandálias, pernas malhadas e já de maquiagem, ela está linda, não faz esforço para isso, pois, já nasceu assim. Percebo que nunca vou superar ela, não importa como ou quando, ela é a melhor em tudo o que conheço, e isso é motivo de me sentir orgulhosa de ser sua amiga, mesmo que eu a inveje muitas vezes—uma invejinha básica de mulher e boa— eu a amo, não quero e não vou brigar com ela por causa de problemas meus.

Prendo meus cabelos numa borrachinha preta, depois saímos do quarto. Ela fica me olhando, espera que eu fale algo, mas não digo nada, não quero dizer o quanto me sinto ridícula perto dela, porque sempre que falo, ela me recrimina. Não sei como Jack Carsson transou comigo, tendo tantas mulheres lindas como Sah em Las Vegas.

Este hotel não tem corredores chiques como o Hilton, nem suítes de luxo ou obras de artes estampadas nas paredes, é simples, com um corredor curto e um elevador que cabe apenas cinco pessoas por vez, me lembro do Hilton, da vista esplendorosa, e sinto como se eu estivesse saindo de um sonho.

—Vai, fala logo.

A curiosidade dela as vezes é tão ou mais aguçada que a minha, por isso somos amigas, tão parecidas em muitas coisas, como ser curiosa, ter uma personalidade forte, transar com caras desconhecidos **Também, Vaca!**

Meu bom senso torna, ótimo, como se não bastasse ter que dar satisfações—que eu estava escondendo como a minha vida—para minha melhor amiga, tem essa voz chata no meu cérebro me acusando de tudo.

Saímos do elevador, alguns caras que entram olham para o traseiro de Sah, ela não liga, ela não precisa ligar, é gostosa, pode ter o cara que quiser as mãos dela e pelo menos, ela sabe com quem transou ontem à noite e provavelmente, se preveniu. Já eu, eu falo no WhatsApp com o cara com quem eu acho que transei. Não tinha parado para pensar, e se não for Jack Carsson, o Jack Carsson que Denzel e Olaf falaram? Ok, preciso conversar com Sah, depois penso no meu Transete! Essa palavra existe?

—Ele te deu o Iphone e as rosas, né?

Não tenho coragem de encarar ela, Sah está rindo filha de uma mãe, esperava por esse sorriso “minha amiga deu para alguém, ai que emoção”, se tratando dela, deve estar pensando algo pior, como eu transando de cabeça para baixo com Jack Carsson.

Coro.

Não lembro disso, e se... não! Meu Deus, não, eu nunca conseguiria fazer isso, conseguiria?

—Quero detalhes.

—Sabe que eu não vou falar, né?

Entramos no pequeno restaurante, está vazio, poucas mesas ocupadas. Nos sentamos numa mais afastada de todos e uma garçonete com maquiagem

intocável vem nos atender. Tenho que admitir que as mulheres em Las Vegas são perfeitas, até a camareira sabia como se maquiar, todas sempre sorrindo, essa garçonete usa cílios postiços e tem peitos enormes, talvez trabalhe a noite em alguma boate ou cassino, é comum aqui.

—Nós vamos querer.

E Sah começa a falar inglês daquele jeito que me faz me sentir um lixo, lembro que parei de me comparar a ela na oitava série—pensei que tinha parado—quando ela me alcançou mesmo sendo dois anos mais nova. Ela já é formada em Turismo, trabalha numa Gigante do Rio, os pais dela são donos de alguns hotéis, sei que é quase uma obrigação para ela falar mais de uma língua. A garçonete anota o pedido e se afasta, Sah me olha tremendo as sobrancelhas de um jeito malicioso.

—Como ele é?

—Não sei!

—Como assim, não sabe?

—Não lembro!

Sah me olha boquiaberta, desejo ter algo para beber, odeio mentir, odeio omitir as coisas, ela sabe disso, por isso ela faz isso comigo sempre, o interrogatório completo. Se bem que não falamos de caras, já que eu não tenho uma vida romântica, ela quem vem sempre com o “conheci um cara maravilhoso ontem na empresa”.

—Você, hum, bem, pode começar do começo, não te julgo, já me deram boa noite Cinderela, lembra?

Ela fala disso tão normalmente, que me sinto ultrajada com esse fato. Eu lembro que eu quem fui buscar ela no motel no qual o tal sujeito que ela nem lembrava havia deixado ela, sem roupas, sem sapatos, sem documentos. Sah teve que mentir para os pais dela, e eu tive que suportar ela por duas semanas choramingando. Pelo menos, o tal sujeito não havia abusado dela. Depois disso, ela me prometeu que nunca mais beberia coisas que lhe oferecessem na balada, mas sei que ela faz isso até hoje.

—Ele foi legal com você?

—Não lembro.

—Aff, Duda, não mente, não rola você mentir.

—Não lembro, já disse, apenas bebi muito, quando acordei estava num quarto de hotel.

Ela me olha de forma séria como de perguntasse com o olhar “qual hotel?”, me endireito na cadeira, estou desconfortável, não quero falar sobre isso com mais ninguém na minha vida.

—Hilton!

O queixo de Sah cai e olho para minhas mãos que começam a soar. Quero sair correndo, isso é bem mais constrangedor que ir ao ginecologista, só perdi a vergonha do Doutor Alejandro depois que dei à luz ao Nando, não tinha como ter vergonha do homem que viu um bebê saindo de dentro de mim, tinha?

—É muita informação até para mim, que mais?

—Não tem mais, ele sumiu, mandou que o motorista dele.

—Espera. —Sah se abana. —Ele tem um motorista?

—E um advogado. —Que é irmão dele muito gato por sinal. —Mandou o advogado dele me avisar que não tem AIDS e que transamos sem camisinha!

—Você? Transou sem camisinha?

Ela está adorando, eu a encaro séria, sob controle, mas quero gentilmente cravar as unhas no pescoço dela e enforçar Sah, arrancar esse sorriso de seus lindos lábios cor-de-rosa pêssego.

—O que mais?

—Ele tem medo de eu estar grávida.

Sah enrijeceu, ela sabe que eu abomino qualquer coisa que me lembre a palavra bebês ou filhos. Ela sabe o quanto eu sofri na minha gestação, ela estava lá quando dei à luz ao Nando, e estava lá quando duas semanas depois, eu passei pelos piores momentos da minha vida, não gosto de lembrar!

Meus olhos se enchem de lágrimas, não quero que ela perceba que estou assustada com tudo, mas é tarde demais, ela vem e me abraça com força. Sinto que posso desmoronar, aqui está a minha única e maior amiga, quase irmã, sei que ela está me julgando agora, mas seu julgamento não interfere que me entenda, por isso eu a amo como uma irmã, a Júlia que me perdoe, mas não posso falar nada. Ela só tem quinze anos, as vezes é tão infantil que briga com o Nando por causa de sorvete depois do almoço.

—Amiga, nem conheço esse cara, mas já odeio ele, por que fez isso com você?

Eu não sei, talvez eu tenha me insinuado para ele, também não quero mais saber, quero esquecer tudo isso. Encaro ela, Sah está limpando minhas faces,

sei que se tivesse falado desde ontem, ela não teria saído, estaria do meu lado, mas esse não é um problema dela, é meu problema.

—Deveria ter ficado ao seu lado no cassino, sei que é fraca com bebida.

—Não é sua culpa, apenas aconteceu.

Quero sumir de novo, a garçonete aparece com o café, panquecas, ovos mexidos, bacon, torradas, suco. O tradicional café americano, mas não sinto fome.

—Não sabe nada sobre ele?

—Sei que se chama Jack Carsson.

Fungo, engulo o choro, preciso de, pelo menos, um café, mas Sah já está empurrando o prato com ovos mexidos, bacon e torradas na minha direção, faço uma careta.

—O que mais?

—Não sei.

—Vocês não se encontraram depois da trepada? — Fecho a cara para Sah, mas ela sorri. —Digo, depois que fizeram amor?

Não fizemos amor, talvez tenhamos trepado mesmo. Minhas faces ficam vermelhas de novo, quero que um buraco me engula, não quero falar de sexo com a minha melhor amiga pervertida, ainda mais porque sei que ela sempre dá um jeito de ver o lado erótico de tudo, nunca tive um lado erótico.

—Não, ele mandou o motorista dele me entregar o celular, e ontem à noite, depois que saíram, as rosas. Conversei com ele por telefone, não gostei dele.

—Mas trepa, hum digo, dormiram juntos.

—Sah, eu estava bêbada.

—E ele?

—Disse que também estava.

— Então, melhor para você, ué. —Não entendo o porquê ela vê o lado positivo de tudo, isso não é o melhor para mim.

—Quanto menos envolvimento tiverem, melhor, por que te mandou primeiro o celular?

—Disse que quer ficar se comunicando comigo para o caso de eu estar grávida.

—Ele é rico!

—Sabe que não curto gente assim.

—Mas trepo.

Ela parou de falar, reconhecia meu olhar de “vou te matar se continuar falando”, ficamos em silêncio, mas eu não aguento, preciso que ela me fale sua opinião, mesmo que na pior das hipóteses, seja irônica e sarcástica.

—Fala, Sah.

—Trepou com ele!

Esperava pelo fez amor com ele, mas sei que para ela é difícil usar outros termos, Sah é uma boca suja, ela as vezes parece um cara falando. Não julgo, a maioria das minhas outras amigas ou colegas, as vezes falam coisas piores que “tregar”.

—Vamos usar um termo mais leve—determina Sah, pensativa. — Fodeu?

—Transou.

—Vocês foderam e os dois estavam bêbados?

—Basicamente, sim.

—Aí ele foi embora e mandou você falar com o advogado dele sobre possíveis consequências da trepada?

—Sah, você não está ajudando.

—Ué, mas isso foi uma trepada, fazer amor é algo divino, isso o que você fez foi uma baita fodida.

Estou me sentindo perto de Cristian Grey de Cinquenta Tons de Cinza, tirando a gravata cinza e os olhos cinzas, boca suja.

—Ele não te mandaria esse celular se não fosse importante, ou se não tivesse gostado da trepada.

Passo a mão no rosto e formiga, me esforço para comer uma garfada de ovos, mas não consigo. Parece que toda vez que ela fala essa palavra, meu estômago revira, minha consciência pesa, e sinto algo estranho nas entranhas, mas é péssimo saber que ela não está mentindo.

—Ou talvez, esteja com a consciência pesada.

Sah está devorando seus ovos mexidos, eu não estou pronta para comer agora, afasto o prato e bebo um gole confortante de café, ela faz uma careta.

—O que mais rolou além da trepada?

—Ele me ligou, exigiu que eu saia com ele hoje à noite.

Ela arregala os olhos, claro que está surpresa, dou de ombros.

—Não vou!

—Ah, qual é?

—Acabou de falar que é melhor menos envolvimento.

—Não quer saber mais dele?

—Sei que é autoritário, grosso e mandão.

—Não sabe lidar com pessoas assim, porque você é assim.

Odeio quando ela fala a verdade, me sinto sem armas, sem argumentos. Sei que no fundo, no fundo, sou assim, mas não gosto de ser tratada desse jeito. Bebo mais um gole de café.

—Agora que sei a verdade, posso ver o celular?

Está bloqueado, ela jamais conseguira ver as mensagens, então, entrego o aparelho para Sah, ela olha para ele como se olhasse para um carro novo, seus olhos brilham. Tenho que admitir que é ótimo me sentir como se tivesse algo que ela não tem, Sah sempre tem tudo, bem, um Iphone 6 ela não tem, ainda! Mesmo não sendo meu, me ajuda a me sentir vingada. Sah aperta o botão, ela sabe como ligar, ela tem um Iphone 5, desconfio que ela compre o Iphone 6 depois de hoje.

—Ele é bonito?

—Eu não lembro.

—Aí, você consegue ser chata até quando faz algo errado.

—Desculpe.

Sei que ela está com inveja, Sah com inveja de alguém, essa é boa!

—Vou comprar um para mim hoje — ela diz e me entrega o aparelho. — Estou morrendo de inveja.

—Isso é bom.

—Já tinha me acostumado com você tendo uma superbike cor-de-rosa, e agora isso. Merda, uma trepada por um Iphone 6, preciso conhecer caras assim.

Ela me faz me sentir uma vadia, mas eu acabo rindo.

Então, o celular começa a vibrar incessantemente na mesa. Olho para Sah, que ergue as sobrancelhas de forma maliciosa, o visor de led ascende e apaga rapidamente várias vezes seguidas, é incomodo, mas finjo que não vi, não quero que ela perceba o quanto estou ansiosa.

—Hum... Não fala com ele, não é mesmo?

—Ontem eu disse para ele não me procurar mais.

Ela não está surpresa com isso, isso é tão eu. Não quero proximidade com ninguém, nem relacionamentos, nem nada.

—Não faria mal para ninguém saber o que ele quer.

Ele quer me encher.

—Eu não quero saber o que ele quer, eu até tinha desligado o celular.

—Então, não se importaria se eu visse a conversa?

Me importo tanto, que não vou te deixar ver, é algo particular e privado.

—Não confia em mim? — Ela está me encarando boquiaberta, dando uma de ofendida.

—Ah, qual é?

—Pensei que fôssemos como duas irmãs, que você não tivesse segredos comigo, dorme com um cara num dia, e no outro somos completas estranhas.

—Sah!

—Então, pelo menos veja o que o pobre homem quer depois da trepada de ontem, ele lhe deu um celular de quatro mil reais.

Eu sei disso.

—Não é meu, é um empréstimo.

—Não faz mal saber o que ele quer, e se for algo importante?

Não tenho nada a falar com Jack Carsson, mas sei que ela não vai desistir. Desbloqueio o celular, ela vem para o meu lado e coloca um dos fones na orelha dela e o outro na minha. Abro o WhatsApp e tem três áudios seguidos, então, antes que eu aperte o play, a intrometida ao meu lado aperta, claro, se fosse em chinês, ela daria um jeito de saber só para fuçar a minha vida.

—Você realmente não está levando a sério tudo isso!

Olho para o canto do visor e vejo chamadas perdidas. Sah aperta o play para o próximo áudio, que é um pouco mais comprido.

—Sei que talvez eu pareça um saco, mas isso é para o nosso bem, querida, antes de ontem você estava muito à vontade comigo, conversamos, temos química na cama, trepamos gostoso, se lembra disso?

Fico vermelha, Sah está curiosa demais para perceber, ela aperta o play do próximo áudio. Começo a achar que só eu não falo esse linguajar.

—Não fique magoada, esse é o meu jeito, não sou muito do tipo sentimental, gostou das flores? Por favor, responda!

Fazia meia hora que ele havia me enviado esse último áudio, então, a

palavra “online” apareceu lá em cima, e Jack Carsson começou a escrever, ele é rápido.

“Não vai falar?”

Como eu odeio gente como ele. Ah! Droga, Sah está me olhando como se dissesse “você é assim”, mas não sou tão mandona, certo?

—Vai, responde ele—ordena ela. —Cara, que voz.

Eu também pensei isso, mas me restrinjo em dizer apenas um seco: “Gostei das flores, obrigada”

Sah estreita os olhos para mim, isso me irrita, ela sabe que eu não sou do tipo de ficar fazendo sala para ninguém. Eu não sinto como se tivesse que tratar nada com Jack Carson, nossa troca de olhares esfarrapastes é interrompida pelo vibrador do celular.

“Que bom que gostou, acostume-se, gosto das minhas garotas bem tratadas”

Respondo imediatamente.

“Senhor Carsson, não sou sua garota, não me trate como uma posse”

—Aí, isso é tão você —reclama Sah chateada, mas atenta ao visor do celular.

“Querida Maria, acho que a trepada de anteontem falou mais sobre você do que imagina, então, sim, considero-a minha.

Fico sem ar, será que ele fala mesmo sério? Eu não sou boa de cama, sou?

—Responde logo!

Ai, como se eu precisasse de você metida nisso. Mal dou conta dos meus problemas, já basta esse mandão, agora você, a única pessoa que tem que me apoiar, me recriminando pela minha personalidade, me dando ordens.

“Senhor Carsson, uma trepada não diz nada sobre ninguém”

“Fale por você, querida, eu me garanto”

—Aí. —Sah se abana e bebe um pouco de suco. —Poxa!

Me irrita.

“Trepadas não são o meu foco nesse momento, Senhor Carsson, o nome desse filme não é Cinquenta Tons de Cinza, não banque o Senhor Grey comigo, foi um erro.”

“Sádico?”

“Você se lembra de tudo, não é mesmo?”

“De cada uma das três trepa, digo, que termo uso para nossa noite?”

“Nenhum termo, me esqueça, Senhor Carsson”

“Querida, já expliquei que não sou do tipo que ignora nenhuma amante”

“Não sou sua amante”

—Caralho, Duda, dá um tempo.

—Não enche, não está vendo que preciso me livrar dele?

—Mas ele está a fim de você!

—Afim?

Eu dou risada e volto a atenção para o celular, Jack Carsson mandou um áudio, fico tensa, mas aperto o play.

—É sim.

Quero rir, Sah não se controla e solta suas risadas, mas fico séria. Ele adora esse joguinho, principalmente quando percebe que estou irritada. Decido gravar um áudio e colocar um ponto final nisso.

—Senhor Carsson, agradeço por toda atenção, mas peço que esqueça essa loucura, foi um erro —vejo as caretas de Sah e ignoro. —Preciso que entenda que não posso mais vê-lo, não insista, se eu por um infeliz acaso estiver grávida, garanto que não irei perturbá-lo, garanto que dou um fim ao bebe— isso é mentira. — Espero que fique bem, obrigada pelas flores, deixarei o celular na portaria do Hilton, até nunca!

Então envio e definitivamente desligo o celular, Sah me encara boquiaberta, mas essa é a minha decisão, não quero nenhum envolvimento com Jack Carsson e quanto mais cedo eu me livrar dele, mais rápido vou esquecer tudo isso. Acho que estou sendo dura demais, contudo, não tenho o mesmo privilégio de Sah de fazer escolhas loucas na vida, meu bom senso não permite, nem minhas condições atuais. Não me sinto completamente bem, o peso de minhas costas não saiu, quero chorar, mas sinto que estou fazendo a coisa certa, e sou melhor em fazer escolhas certas do que seguir o meu coração, mesmo que ele me diga que estou fazendo tudo errado. Que devo esclarecer as coisas, conversar com ele, tentar descobrir o que houve ontem. Terminamos o café em silêncio, não consegui comer quase nada.

Não estou com os pensamentos em ordem depois desse café conturbado com Sah, mas me sinto melhor depois de conversar com alguém sobre a noite mais louca da minha vida, mesmo que os olhos dela pareçam julgadores e

maliciosos, não estou arrependida.

Subimos para o quarto e permaneço com o Iphone na mão, não vou ligar ele de novo nunca mais. Vou pegar um táxi e deixar o celular na portaria do Hilton, assim que possível. Sah vai para o quarto dela, e confesso que sinto falta da seleção de músicas do celular. Me jogo na cama, não sinto vontade de fazer nada, essas férias—que tem que ser as melhores da minha vida —, sinto que estraguei, tenho medo de sair e fazer como há dois dias. Então, pego o telefone e ligo para a única pessoa que ainda me faz sorrir.

—Mamãe!



Nível 2 de Obsessão

— Senhorita Barbosa?

Por que não estou surpresa em te ver?

Olho para Olaf com raiva, não pensei que Jack Carsson fosse chegar tão longe. Eu fiz tudo certo, durante a tarde Sah e eu passeamos num shopping local, voltamos para o hotel já de tardezinha. Tinha terminado de tomar banho e colocar meu melhor pijama quando ouvi batidas na porta. Quero gritar quando vejo Olaf, ele permanece com seu terno preto impecável, sério, quero bater à porta na cara dele, mas sei que não é sua culpa, é culpa de outra pessoa.

—Diga que não vou—falo em português, sei que ele não entende, mas foda-se não quero ir e não vou.

Olaf pega um celular do bolso, depois diz algo rapidamente, então, estende para mim com cara feia.

Oh não!

Pensei que havia me livrado disso, eu me livreí dessas conversas hoje à tarde, quando deixei o pacote preto na portaria do Hilton com uma recepcionista ruiva mal-encarada.

— Fale para ele!

Não entendo o que Olaf fala. Sah está no banho, posso chamar ela para me ajudar a me comunicar com Olaf, mas de repente não é boa ideia, sei que ela adora bisbilhotar e vai tirar proveito para falar coisas que não quero que ela saiba, às vezes, coisas que nem eu sei ainda. Gina saiu, provavelmente com algum cara do hotel, ou que conheceu ontem, eu não vou pegar esse celular nem amarrada.

Olaf vê minha reação, diz algo ao celular e aperta um botão, depois aproxima do meu rosto, fico encarando ele confusa.

—Querida!

O berro no viva voz me dá um susto. Juro que vi um sorriso no rosto de Olaf, estreito os olhos. Ah, como eu te odeio, Jack Carsson.

—Bebê, vamos, vai ser divertido.

—Me deixe em paz.

Quero correr, me esconder, pensei que tinha me livrado de você Mister “M”, puro engano.

—Não vai doer, nem machucar, prometo. Olaf irá levá-la, você passou o dia bem, meu bebê?

Sei que faz isso para me irritar, sua voz passou de dura para infantil e irônica. Quero jogar esse celular no chão, quero dizer o quanto me irrita. Por que ele não me deixa em paz? Eu estou ótima sem te ouvir, sem seus áudios, sem suas mensagens, sem você!

—Vai para o inferno!

—Querida, facilite as coisas, não dificulte. Reservei uma mesa no meu restaurante predileto, estou te esperando, e se não for, eu mesmo irei buscá-la.

Arregalo os olhos, incapaz de acreditar nisso, isso é pura chantagem. Ele

desliga, Olaf guarda o celular no bolso e cruza os braços, disposto a não ir embora. Fico indignada com isso, não, na verdade estou, puta. Estou muito puta!

Ninguém fala assim comigo, claro, minha mãe adora fazer isso, mas ele não é nada meu.

Quero bater à porta na cara de Olaf, mesmo sabendo que ele só está obedecendo ordens, quero que Jack Carsson vá se ferrar com suas ordens e essa mania de perseguição.

Entro para o quarto e fecho a porta com cuidado, o que fazer?

Sei que Olaf não irá sem mim, mas não quero ir. Se eu for, vou ter que suportar o pedante Jack Carsson, conhecê-lo, reencontrá-lo, essa é a palavra certa—isso me apavora—, porém, mais ainda se eu não for, pois, ele mesmo virá me buscar—será o fim—e, pela forma como está demonstrando se preocupar com uma possível gravidez, eu sei que ele não vai desistir.

Não quero ir, estou ótima e relaxada aqui. Sah logo sairá e eu fiz planos para ver TV e pedir uma pipoca, mais tarde iria ler um pouco, aí esse idiota começa a me perturbar de novo?

— Senhorita!

Aquele tom de Olaf que reconheço de ontem de manhã, quero sumir, é só o que quero.

Me vejo tirando a calça do pijama com irritação e pisando nela. Deus, por que eu bebi? Por que dormi com ele? Poderia ser qualquer um, qualquer um normal, alguém que nem fosse lembrar da minha mísera existência.

Para completar, Sah entra no quarto secando o cabelo, enrolada numa toalha pequena.

—Para onde está indo?

—Jantar com o Jack.

O semblante dela passar de “acabei de tomar um banho” para “minha nossa”.

—Pensei que fosse Senhor Jack Carsson.

—Tanto faz.

Por que eu o estou tratando pelo primeiro nome mesmo?

—Deveria aproveitar e arrancar algumas lasquinhas!

—Aí, você só pensa nisso, né? Adora me ver pelas costas.

—Nossa, que mal humor. Vou me arrumar, boa sorte!

—Não preciso de sorte, preciso que esse cara suma da minha vida.

—Diga isso para ele.

Lanço um travesseiro nela e acerto em cheio. O problema, é que falo isso desde nossa primeira conversa, Sah faz isso para me irritar, tanto que, ri e sai correndo. Me sinto uma grande burra por deixar que as coisas cheguem a esse ponto.

Quero imediatamente voltar para casa, para minha vida normal, onde sou apenas uma pessoa como todo mundo, com problemas como “quem vai buscar meu filho na escola hoje” ou, “cheguei atrasada na empresa”, agora estou mais para “estou sendo perseguida pelo cara com quem transei e estou com medo de estar grávida dele”.

Visto um jeans cigarrete e uma bata longa que tenho, prendo os cabelos com uma linguinha, depois pego a bolsa, calço meu All-star predileto—não que use em épocas especiais, mas não quero ir com algum esportivo para um jantar com Deus sabe quem—abro a porta e Olaf me olha de cima abaixo, mas não diz nada.

Não é pago para falar.

Nossa, Vaca, que isso? Está atirando para todos os lados!

Foda-se, bom senso, quero que saibam mesmo que não vou por vontade própria.

Sigo Olaf até o elevador, estou inquieta, nervosa, mas tento me controlar. Vou reencontrar Jack Carsson e não faço a mínima ideia de como ele seja, acho que isso é o pior, essa expectativa me mata.

Não me sinto ansiosa assim desde o dia do meu parto.

Quando isso acabar, talvez eu esteja completamente destruída, ou dê uma boa história, nunca se sabe, tento me convencer de que talvez, na pior das hipóteses ele seja no mínimo um grande grosso, que vai me tratar com petulância e arrogância.

Caras ricos + eu = não rola!

Não me sinto confortável quando entro nesse carro de novo, ontem de manhã estive nele, não sei qual o modelo, mas sei que é de luxo, daqueles que a gente vê nos filmes.

Quando Olaf manobra o carro para fora do subsolo, a luz do sol invade todo o lugar. Olaf estende a mão para trás, exibindo o pacote preto zipado,

estreito os olhos para ele, que nem se quer olha para trás, como se não desse a mínima para mim. Ah, como eu te odeio, Jack Carsson.

Pego o pacote quadrado, abro já ciente do que tem dentro. Olho para o Iphone 6 que entreguei hoje mais cedo na portaria do hotel, tudo bem, essa beleza me deixa um pouco maravilhada, principalmente, porque nela tem algumas set lists que amo. Também, porque por um dia, consegui ter algo que Sah não tem, mas principalmente, porque alimenta meu ego, nunca tive algo tão caro e bonito.

Que pensamento fútil, Vaca, fascinada por um celular? Me poupe! Que coisa baixa!

Minha mãe sempre fala que preciso comprar coisas novas para mim, porque isso faria bem a minha autoestima. Começo a perceber que ela tem razão enquanto ligo o aparelho com uma pressa incontrollável. Claro que nunca vou ter algo assim na vida, depois que eu devolver de novo—agora pessoalmente pra Jack Carsson—essa maravilha, mas eu vou repensar as minhas prioridades, talvez eu compre um celular novo para mim quando voltar para casa.

Imediatamente o celular vibra e reviro os olhos, já sei quem é.

“Não aceito devoluções, lembra?”

Ainda estou furiosa, então, deixo ele esperando, mas Jack Carsson não espera e envia outra mensagem.

“Querida, quanto menos resistir, melhor para nós dois. Antes de ontem estava sem resistências”

É incrível como ele me faz pensar absurdos com poucas coisas que fala a respeito dessa noite. Antes eu estava curiosa, agora eu estou completamente apavorada com a ideia de saber mais sobre tudo isso, quero saber, mas sinto medo. Medo dele falar coisas que eu sei que vou me arrepender amargamente de ter feito, já tinha me conformado que, talvez, nunca fosse saber, mas ele não desiste de me perseguir, me deixa nervosa e faz eu me sentir culpada por essa noite que nem me lembro de como começou e, sei bem como acabou, ou mais ou menos.

Decido mudar o rumo do assunto, sei que teremos tempo para falar disso durante esse jantar.

“Senhor Carsson, não me disse o que faz da vida além de trepar com garotas bêbadas”

“:(“

Agora eu consigo sorrir.

“Eu sou desenvolvedor de sistemas”

“Isso quer dizer que você é nerd”

“Mais ou menos isso”

Fico imaginando agora um cara de quarenta anos, de óculos, magricelo, mexendo num computador, ele tem cabelo ensebado e dentes amarelados, a mesa do computador está cheia de lixo, sacos de salgadinho, latas de coca, sinto calafrios. Deus, por favor, tudo menos um antissocial viciado em computadores e vídeos pornô.

“Moro no Vale do silêncio”

Onde fica isso? Preciso pesquisar!

“É uma comunidade cheia de cabras?”

Ok! Brinco um pouco, mas é por que não quero entrar nos detalhes sórdidos dessa noite por mensagem.

“:) não, querida, é uma cidade onde fica o Google, Microsoft... Nunca ouviu falar?”

Fico com vergonha, olho para Olaf, sei que ele deve saber, mas não adiantaria perguntar nada para ele, não falamos a mesma língua.

“Desculpe, não moro nos EUA, mas vou pesquisar”

“Ah, esqueci, onde mora é mais legal”

Pelo linguajar não parece um cara velho, se bem que, caras velhos falam assim quando estão próximo dos cinquenta anos.

“Senhor Carsson, qual a sua idade?”

“Curiosa ;)”

Engulo o sorriso, ele sabe como me irritar, mas também como me fazer rir, ou querer rir, talvez para me acalmar.

“33 anos, por quê? Sou velho para você querida?”

Que alívio!

“Eu tenho 28, perguntei só para saber mesmo”

“Eu sei”

Isso não me pega de surpresa, mas é tão chato saber que alguém sabe demais ao seu respeito e você não faz ideia de quem seja a pessoa,

principalmente, alguém que mal conhece, um estranho. É como se ele tivesse um caderno cheio de anotações com coisas ao meu respeito, músicas que eu gosto, minha idade, meu nome, parece que a cada conversa que temos, ele sabe mais e mais coisas sobre mim.

Mas dormi com ele, o que posso esperar? Ele sabe, porque eu devo ter falado, desejo, profundamente, não ter dado detalhes da minha vida para ele, não mais do que ele já sabe.

“Você está assustada?”

“Com você?”

“Também?”

Ele manda uma carinha mostrando os dentes, quero rir, mas não quero que Olaf Veja, sei que ele conta tudo para Jack Carsson, prefiro manter meu orgulho inabalável e intacto antes de admitir para alguém que esse homem me faz querer rir as vezes.

“Não”

“Sou meio invasivo as vezes, mas é o meu jeito”

“Por que?”

“Não sei, não gosto de dividir o que é meu, me chame de egoísta”

“Você acha que eu sou sua porque passamos uma noite juntos?”

“Acho que você é minha por muitos motivos”

Você também é convencido, menos um pronto para você, Jack Carsson.

“É bonito pelo menos?”

“Não sei, não lembra?”

Como te odeio, mas estou gostando do rumo dessa conversa.

“Não lembro, um ponto para o Senhor”

“Me trate por você”

“O que vou ganhar em troca? Um Iphone 9?”

“Ainda estamos trabalhando no oito, mas se quiser, faço um protótipo só para você, querida”

Fico boquiaberta, Jack Carsson é um desenvolvedor de sistemas, um Iphone para ele seria como um brinquedo.

“Você gosta de montar coisas, Senhor Carsson?”

“Desde criança, e você?”

Percebo que o que Jack Carsson quer é saber mais sobre mim, não quero fazer o jogo dele, mas enxergo como uma troca. Ele me fala dele e eu falo de mim, não vou mentir, mas não vou falar tudo, não sou burra.

“Acho que sabe muito sobre mim”

“Sei que mora com seus pais, tem um cachorro, uma irmã e, que está em Vegas de férias, acertei?”

“Sim, ah, lembra que mandou Denzel perguntar sobre a minha formação?”

“Sim, sei que é esperta e inteligente, só queria saber o que faz, saber mais ao seu respeito”

“Ele já disse que sou atendente de call center?”

Jack Carsson não responde, de repente, me sinto tomada por um certo medo, até vergonha, gosto do meu emprego, tenho ótimos benefícios, mas parece que perto dele sou apenas um nada, me sinto constrangida.

Depois de alguns minutos, o celular torna a vibrar na minha mão, percebo que estou tão ansiosa, que digitei a senha sem ao menos ver, visualizo a tela.

“Sim, ele disse! Gosta de trabalhar nessa área?”

Por que ele demorou? Por que eu estou achando ruim sua demora? Fico tentada a demorar também, mas parece infantil da minha parte, respondo retomando a conversa.

“Sim, eu gosto”

“Que tipo de pessoas atende?”

“Todas”

“O que os seus pais fazem?”

“Não conheço meu pai e a minha mãe é cozinheira”

“Nunca tive uma sogra cozinheira, isso é empolgante”

Ah, agora ele vem me irritar? Sei que está criticando, sendo irônico, quero jogar o celular pela janela, mas não é meu, e se fosse, pensaria duas vezes antes de fazê-lo.

“Me orgulho da profissão da minha mãe, Senhor Carsson, e da minha também, desculpe se não estou à sua altura, no Vale do Precipício”.

“Querida, estava brincando”

“Não gosto das suas brincadeiras”

Parece tão sincero, que quase acredito em você, quase!

“Desculpe “

“Não”

Depois disso, bloqueio o celular e coloco ele na caixa, ouço-o vibrar, mas não pego ele de volta. Talvez eu esteja sensível demais com todos os acontecimentos, mas odeio esse cara, ele está me fazendo chorar bem mais do que acontece na minha vida nos últimos dez anos.



O restaurante que Jack Carsson escolheu era pequeno, discreto, mas só de olhar para esse lugar, tive certeza de que uma reserva aqui deve custar uma nota. Tem poucas mesas ocupadas, olho para dentro e vejo, apenas casais que se vestem muito bem, garotas de 20 anos que tem sorrisos clareados, cabelos lisos e cheios de ondas douradas. Me sinto imediatamente desajustada, mas sei que estou assim devido à ansiedade de saber que daqui a alguns momentos conhecerei—ou reencontrarei—Jack Carsson.

Olaf troca algumas palavras com a recepcionista, a mulher me olha de cima abaixo e dá um sorriso forçado, me sinto uma aberração pela cara dela, depois ele me estende o braço e aceito, me sentindo tensa.

Bem, chegou o momento.

Entramos no restaurante, meu coração dispara com a expectativa, depois respiro fundo e vou com Olaf pelo caminho que a moça magrela mostra. Ela nos leva até uma mesa reservada, num canto próximo a uma janela enorme, com vista para rua movimentada, porém, a mesa está vazia e me decepção, esperava que ele já estivesse aqui, mas não está.

Olaf puxa a cadeira para que eu me sente, agradeço, ciente que ele entende apenas pelo gesto, depois ele me estende o Iphone 6 com os fones. Não vi quando ele pegou, achei que tinha deixado no banco de trás do carro.

Ele aponta para o celular com cara feia e depois se afasta, me sinto ciente de que não é um pedido. Um garçom se aproxima e bem antes de eu falar qualquer coisa, me entrega a carta de vinhos, também não sou tão burra para

não saber o que é uma carta de vinhos.

Olho para os lados, apenas casais, nada de um cara de 33 anos de cabelo lambido e espinhas na cara.

O Iphone vibra na mesa, me sinto curiosa. No carro eu prometi para eu mesma que não responderia mais, no entanto, Jack Carsson ainda não chegou, quero saber que horas ele vem, já que exigiu que eu estivesse aqui agora.

Quatro mensagens e nenhuma ligação, visualizo.

“Não quis ofender sua mãe”

“Gosto de sogras cozinheiras”

“Minha última sogra era dentista”

“Maria, não sei lidar com desprezo, fale comigo”

Quero rir, ah, Jack Carsson, então quer dizer que o Senhor não sabe lidar com desprezo? Isso é novidade, ou talvez esteja apenas falando isso para que eu converse com ele, para parecer engraçado.

O celular vibra enquanto digito um simples “onde você...”

“Ainda bem que voltou, já estava ficando um tédio sem você para brigar comigo”

“Onde você está?”

“Aqui, com você, oras”

Arregalo os olhos, olho em volta, sentindo como se cada nervo no meu corpo endurecesse, estão atrofiando, mas não avisto ninguém na entrada do restaurante, nem no bar, apenas casais sentados, os garçons, e a magricela, que agora está conversando com Olaf, esse que eu percebo que é animadinho quando se trata de mulheres, ele sorri enquanto conversa com a garota.

“Não consigo te achar”

“Bem, estou aqui, oras”

Me irrita fácil, não acredito que ele fez isso, ah, vontade de arremessar esse celular pela janela não me falta, ele não vai vir!

“Menti para mim”

“Querida, não menti, ainda em Tóquio, mas isso não me impede de comer com você”

“Você está de sacanagem com a minha cara, né?”

“Não”

Isso é ridículo, que ideia desse cara achar que vou comer num restaurante sozinha, enquanto ele está do outro lado do mundo, ou Deus sabe onde, achando que é um jantar a dois. Isso é estranho e constrangedor até para mim, que as vezes vou no cinema sozinha e falo sozinha para os cantos durante o filme.

“Peça um tinto”

“Vou embora”

“Olaf não tem ordens para levá-la”

“Ah, bem, existem carros amarelos aqui que se chamam táxis”

“Ou você pode aproveitar e jantar comigo”

Esse cara não desiste, faço menção de levantar, mas o garçom já está de volta, não falo inglês e me sinto idiota por discutir algo assim com Jack Carsson por mensagem, isso é tão ridículo!

“Peça um tinto”

Eu não sei como ele faz isso, mas me irrita muito, como se estivesse aqui vendo tudo, ou ele apenas planeja tudo para fazer eu me sentir uma trouxa.

Olho para carta de vinhos sem prazer algum, não quero beber...

“Peça um 1879 tinto”

Acho o vinho na cartilha.

—Eu quero esse. —Indico na cartilha e o homem anota no papel. —E um café!

Nem morta que vou beber esse vinho, eu não bebo assim com frequência, posso fingir que bebi, ele não está aqui. Droga, estou mesmo num jantar via mensagem com o meu transe de dois dias atrás?

O garçom some, volto atenção para a tela, um áudio do mister “M”.

—Vai gostar daqui, é um bom lugar.

—Senhor Carsson, por que esse medo de voltar a me ver?

Estou curiosa, sei que não é isso, mas esse joguinho já está começando a me tirar do sério.

—Não tenho medo, querida.

—Então.

—Negócios!

Esfrego a testa com a ponta dos dedos, me sinto mais e mais curiosa sobre

uma centena de coisas a respeito dele. Supondo que estivesse aqui, sei que não faria tantas perguntas ao homem com quem dormi antes de ontem, mas... ele não está, então, não me sinto assim muito nervosa ou envergonhada, já que sabe tanto ao meu respeito, me deve pelo menos algumas respostas ao respeito dele.

—Por que fala português tão bem?

—Tive uma namorada portuguesa.

É por isso que não tivemos dificuldade em nos comunicarmos então...

—Você teve muitos namorados no Brasil?

—Pensei que tivesse falado da minha vida para você.

—Só o básico, você e eu temos muito incomum, apesar de achar que não.

—Como por exemplo.

—Gosto musical.

—Quem montou o set list? O Olaf?

“Rsrsrsrsrsrs “

Ah, não entendo por que ele fica nessa mudança, hora áudio, hora mensagem. Envio uma carinha brava para ele, Jack responde com outro curto áudio.

—Não.

“Só não consigo entender a parte em que você, um cara gato e inteligente, me quis”

“Rolou”

Quero rir, na verdade, já estou rindo. Droga, ele me faz rir.

“Não?”

“Vou te chamar de Mister “M”

“Você não reclamou”

Ele adora esfregar isso na minha cara.

“Eu não me lembro disso”

“Quer detalhes?”

Droga, quero, quero e quero, quero saber tudo.

“Sim”

“Quero algo em troca”

“Uma foto da comida?”

“Rsrsrsrs, uma foto sua”

Ok, nível um de maníaco do parque, definitivamente, não.

“Acho que não quero mais saber de nada”

“Querida, só para recordação”

“Já teve mais que uma foto”

Rapidamente uma foto carrega na tela, uma foto minha dormindo, arregalo os olhos incrédula. Estou agarrada a um travesseiro, nua da cintura para cima, sei que da cintura para baixo também estou, mas a foto pega da minha cintura para cima. Fico chocada, observando essa foto, meus cabelos soltos espalhados na cama, dá para ver os lados de um dos meus seios, e o pior de tudo, eu estou sorrindo!

Isso é assustador.

“Quero uma de agora para minha coleção”

“Tem mais?”

“Sim”

Estou boquiaberta, o queixo caído, ele envia outra, nessa estou dormindo de costas para ele, minhas costas completamente nuas, não pegou meu rosto, mas dá para ver claramente que sou eu, sou eu!

Meu Deus do Céu, eu pelada em fotos, eu pelada em fotos no celular de outra pessoa, quero gritar!

“Gosto de tirar fotos, já disse que sou fotografo amador?”

Vai para o inferno, estou cada vez mais tentada a jogar esse celular pela janela quando o garçom aparece com o vinho, outro rapidamente coloca a mesa e mais um traz o café numa bandeja prata, poxa, nunca fui servida por três pessoas ao mesmo tempo. Isso é estranho, e gritante, pela primeira vez na vida, sou servida com sorrisos e um pingo de educação digna, pessoas assim só servem gente com grana, eu não tenho grana!

“Não fique brava”

Respiro fundo, ok, estou furiosa, mas vejo que brigar com esse cara não adianta, ele é teimoso demais, mas não resisto e provoco ele.

“Imagina, isso acontece comigo sempre”

“Então, pode me mandar uma foto sua?”

Algo passa pela minha mente, estou mesmo pensando em pedir isso? Sim!

“Me manda uma sua”

Jack Carsson só visualiza, bingo! Eu sei que ele não vai enviar foto alguma para mim, fico conformada e não escondo o sorriso. Coloco meus fones, quer dizer, os fones de Jack Carsson, e seleciono o set list da pasta com nome Bon Jovi. Quero rir, menos um ponto para ele, odeio Bon Jovi, ele tem que errar em alguma coisa, certo? Mas escuto Always degustando minha xícara de café, que para minha surpresa, está forte e adocicado, no ponto.

O celular volta a vibrar, desbloqueio, então me engasgo com a imagem estampada na tela, Meu Deus, é uma foto!

Não só uma foto, é a foto de uma boca, uma boca vermelha com um enorme sorriso, salpicada por uma barba que começa a nascer, lábios finos e vermelhos, dentes perfeitos e brancos, sinto uma vontade ridícula de me abanar. Céus, Jack Carsson, essa boca linda é sua?

Vaca!

“Agora você”

Sacudo a cabeça, ah não.

“Eu não gosto de tirar fotos, e também, quem me garante que essa boca é sua? Pode ser de qualquer um”

A rapidez na qual digito me espanta, estou ficando boa nisso, percebo que estou mordendo a língua, isso acontece quando estou muito nervosa, ou muito empolgada, mas estou nervosa, nervosa!

“Você prometeu”

Suspiro, eu não prometi, mas pensei que ele não mandaria.

“Você já tem muitas, Senhor Carsson”

“Uma a mais para minha coleção”

Me sinto idiota, não quero tirar uma foto para esse estranho, e percebo que ele não é tão estranho, já que dormiu comigo há dois dias e tem fotos minhas, fotos comprometedoras, que eu nunca tirarei na minha vida. Odeio o meu corpo, e odeio-o mais por isso, por ter dormido comigo e se aproveitado de um momento de fraqueza para tirar fotos constrangedoras do meu corpo. Observo o sorriso estampado nessa foto, parece tão sincero, aberto, mas acredito pouco que seja dele. Não me importa, eu só preciso me livrar logo dele e ponto, esse é o objetivo, sumir com esse homem da minha vida.

“Vamos, não dói”

Odeio tirar fotos, nem sei como se tira uma foto nesse aplicativo, então, vejo a câmera pequena ao lado do microfone onde gravo os áudios. Não me

surpreende que a Julia goste tanto de mexer no celular dela e eu não goste tanto do meu assim, me sinto de infantil, estou parecendo a minha irmã de quinze anos tirando uma selfie. Aciono a câmera frontal, percebo a nitidez e qualidade da imagem, minha irmã surtaria se tivesse um celular desses.

Aperto o botão rapidamente, depois visualizo a foto, ah não, não, que desastre!

Deleto essa e tiro outra, pronto, a altura da dele, envio.

Essa foto da minha boca não ficou tão mal, não estou sorrindo, mas ficou até boa.

“Que lábios!”

Eu rio, esse cara sabe como ser engraçado, pronto admito.

“O Senhor que o diga, Senhor Carsson”

“Você”

“Isso não soa nenhum pouco formal”

“Não preciso de uma namorada que me trate com tanta formalidade”

“Não sou sua namorada”

“Tem razão, você é mais que isso”

Estou corando com uma mensagem de um estranho com quem dormi uma vez na vida?

“Para um nerd, você é muito bom na cantada, Senhor Carsson”

“Hey, algo contra os nerds?”

“Não, em absoluto”

Terminei o meu café, o garçom vem com um sorriso largo, me serve uma taça de vinho e se afasta, acho que Jack Carsson sempre está pronto para tudo. Ele planejou tudo para hoje à noite, e isso além de irritante, é bem intrigante. A troco de que, ele me traria para jantar sem estar aqui comigo? Esse é o jantar mais estranho da minha vida.

“Você é muito rico?”

“O que você entende por ser rico?”

“Tem pessoas que o servem sempre”

“Vivo bem, trabalho bastante para ter uma vida confortável, se isso é ser rico para você, querida, então eu sou”

Engulo a seco, bem, não quero, mas preciso beber um pouco desse vinho.

Me espanto com o gosto maravilhoso dessa bebida, percebo que a garrafa é de uma cor verde quase transparente e o emblema com um enorme “1879” é dourado, só de ver isso já percebo que não deve se barato, desce fácil na garganta, é suave. Se a carta estivesse aqui, eu estaria vendo o preço dele agora.

“Querida?”

“O que você faz exatamente?”

“Digamos que eu compro computadores velhos e os transformo em coisas uteis, não quero te entediar com isso, como está o vinho?”

Olho em volta espantada, esse homem sabe de tudo? Só pode ser o satanás, o pensamento me faz rir.

“Está bom, mas já sabe disso”

“Não beba muito, tomei a liberdade de escolher o nosso jantar”

“Por que isso não me surpreende, Senhor Carsson?”

“Não ando dispondo de muito tempo, estou implantando negócios aqui no Japão”

“Que horas são aí?”

“Seis da manhã”

“Sempre acorda tão cedo?”

“É a hora que eu estou correndo, normalmente, mas sim, acordo cedo, e você?”

“Levanto as cinco”

Por que estou falando isso para você? Sem mais detalhes, sem mais detalhes, não quero ter que te contar da minha vida.

“Tão cedo?”

“Não sou rica, não tenho uma vida confortável, não corro, mas eu trabalho”

“Ai”

Engulo a risada e bebo um pouco mais do vinho, parece que só eu estou ouvindo Bon Jovi e conversando com alguém ao celular, o resto das pessoas aqui estão namorando, trocando olhares, e apesar de eu me sentir um peixe fora d'agua—como sempre—, percebo que pareço ser a única que mesmo estando aqui contra minha vontade, estou realmente rindo, ou se divertindo.

Jack Carsson me divertindo é, isso eu não pensei que fosse acontecer

nunca, mas apesar dele ser insistente e um chato pedante, também me faz rir. Será que foi por isso que dormimos juntos? Será que foi isso que me atraiu a ele? Esse foi o motivo incomum que tivemos para conversamos e depois irmos para cama? Preciso descobrir, com ou sem Jack, pessoalmente, para me falar isso.

“Meus detalhes”

“Gosto da sua curiosidade”

“Foi por isso que dormiu comigo, Carmen San Diego?”

“Oh não, uma viciada em desenhos como eu!”

Estou sorrindo, bebendo vinho e digitando rapidamente no celular, essas são as piores férias da minha vida!

“Hoje sou mais eclético”

Eu diria que já passei da minha fase, mas que hoje assisto desenho com o meu filho de dez anos, se você fosse normal e nós não tivéssemos transado há dois dias.

“Meus detalhes”

“Pergunte”

Mas não sei o que perguntar, estou começando a ficar envergonhada com o rumo da conversa, como perguntar sobre algo que fiz que foi constrangedor e não me lembro?

“Eu, bem. Eu fiz sexo oral em você?”

“Não”

Solto o ar preso nos pulmões vagorosamente, depois rio e passo para outra pergunta: “Você fez em mim?”

Quero apagar, mas já enviei, não pensei bem na pergunta e mandei o que me veio primeiro a mente.

“:) Sim”

Coro e afundo as faces na mão, droga, droga, mil vezes droga, alguém fez sexo oral em mim, e eu não lembro nem como que foi a sensação.

Hei, Vaca, você quer lembrar das sensações, safadinha!

“Eu gostei”

Gostou?

Quero levantar, ir tomar um ar, preciso esticar as pernas, preciso, preciso sair daqui, dessa conversa, como pude deixar um cara fazer isso comigo?

Estou morta de vergonha.

“Você está brava por isso?”

“Não”

“Gosto da intimidade que compartilhamos”

Não gosto disso, temos uma intimidade? Bebo mais um gole de vinho, preciso me acalmar, não pensei que fosse ficar assim quando ele começasse a falar.

“Você é linda”

Odeio realmente que ele esteja falando isso, está sendo gentil comigo?

“Conversamos sobre muitas coisas, fizemos apostas juntos, depois bebemos, subimos para o quarto e você disse que era a melhor noite da sua vida”

Não consigo acreditar, eu, provavelmente, devo ter saído do meu corpo naquela noite. Eu jamais diria algo tão clichê para alguém e eu não bebo. Claro, todo o lance de jogos em Vegas me deixou bem empolgada quando saímos naquela noite, mas não sou obcecada por jogos num geral, eu nem tinha muito dinheiro, o máximo que jogo -um pouco viciante admito—é o play do Nando, e as vezes ele me irrita por não me deixar pegar naquela beleza.

“Nos divertimos muito”

Parece que ele está tentando me convencer de algo, não acredito, mas sei que por motivos que desconheço, é preferível acreditar nele, até porque ele não tem motivos para inventar algo assim, exceto a parte de eu ser bonita, isso sei que está inventando.

“Você gostou?”

Por que eu estou perguntando isso mesmo?

“Sim”

“Fui tipo romântica?”

“Não, por quê? Você tem um lado romântico?”

“Não”

Vaca, mentirosa e cínica, sempre que vê Titanic ou Ghost, você chora!

“Você é ótima”

É a primeira vez na minha vida que alguém diz que sou boa em alguma coisa, e eu não esperava que fosse por uma noite de sexo, me sinto ainda mais

envergonhada, está parecendo que eu fiz um favor ou algo assim, sexo de favor.

“Está me agradecendo por ter feito sexo com você, Senhor Carsson?”

“Não :) “

Ele está gravando um áudio, nesse momento um garçom se aproxima com o jantar.

Ele serve um prato de salada de alface, tomates secos, rúcula, cenoura, e outras folhas que eu não como há algum tempo. Não gosto tanto de salada quanto deveria gostar, mas obrigo o Nando a comer porque se depender da minha mãe, ele nunca vai comer nada além de besteira, ela sempre faz todas as vontades dele.

—Essa salada é servida com muçarela de búfala, está embaixo dela.

Fico surpresa, ainda fico surpresa!

“Boa salada, Senhor Carsson”

“Boa salada, querida”

Como a primeira garfada em silêncio, observo que no meio das folhas tem alguns bloquinhos de queijo com orégano, experimento e são ótimos, o queijo é mole e gostoso. Toda a salada está uma delícia. O celular volta a vibrar, mas dessa vez está chamando, Jack Carsson, é o nome que aparece na tela, um sorriso automático surge na minha boca e me sinto idiota ao atender.

—Senhor Carsson.

—Está apreciando o nosso jantar?

—Pensei que fosse me mandar mensagens!

—Cansei de digitar.

—Hum.

—O que está usando?

—Fala sério?

—Sim.

—Tênis, jeans e camiseta, e você?

Isso é tão idiota, por que estou perguntando isso? Passo a mão na testa enquanto devoro mais uma garfada, essa salada está sumindo do meu prato rápido, acho que estou muito ansiosa.

—Calça, camisa e tênis, não sou muito formal.

—Nerds... All-star?

—Garota esperta!

Acabo rindo, esse sotaque dele.

—O que foi?

—Seu sotaque, é engraçado!

—Você precisa aprender inglês.

—Para falar com você?

—Por que não?

—Não vamos ter contato quando eu voltar para o Brasil.

Sei que por dentro estou tremendo, eu sei que logo isso acabara e daqui a algum tempo, vou acabar esquecendo ele também, ou lembrar dele de vez em quando. Não quero prorrogar isso, não tem porquê, eu continuar com esse joguinho com Jack quando eu voltar para casa.

—Talvez tenhamos. —Jack disse. —Espero que goste de tofu com verduras ao vapor, já disse que sou vegetariano?

Ainda bem que ele não está falando de gravidez de novo, sinto arrepios só de pensar, não quero tocar de novo no assunto, Deus me Livre.

—Corre, não come carne, conserta computadores, resultado do teste: bom partido!

—Eu gosto do meu estilo de vida, eu também faço judô, e você?

Tenho a impressão que ele está mastigando algo, não pensei que estivesse falando sério sobre comer comigo, ainda mais salada, aqui são sete da noite e lá sete da manhã, mas pelo barulho, percebo que parece algo crocante, algo como... Sucrilhos?

—Sua salada é bem barulhenta!

—Desculpe. —Jack fala. —Estávamos falando dos seus esportes prediletos.

—Eu gosto dos jogos de inverno na TV e de seriados de TV, ultimamente, meu esporte predileto é ver se consigo apertar o botão do controle o mais rápido possível.

—Nada de programas ao ar livre?

—Às vezes a minha mãe nos obriga a fazer trilha por causa do meu padrasto, ele quem curte correr e tal.

Ela nos obriga a fazer trilha pelo menos uma vez no mês, mas é porque

tem medo do Van paquerar com as meninas que fazem trilha com ele e o resto do pessoal da academia que ele trabalha. Atualmente ele adora se exhibir, andando dentro de casa sem camisa, e a Júlia vai no mesmo ritmo, só tem quinze anos e já faz academia, ok, admito, tenho inveja deles.

—E você não curte?

—Na verdade, eu nado, isso não é bem um esporte.

Acompanho o Nando nas aulas de natação as terças e quintas.

—Seu padrasto é atleta?

—Ele é pessoal, tem 35 anos, mamãe 45.

—Sua mãe é muito jovem.

—Ela me teve com 18 anos.

A mesma idade na qual eu tive o Nando. Eu, realmente, nunca parei para pensar nisso, nós duas tivemos o mesmo começo trágico, mas a minha mãe deu sorte, se é que pode chamar o Van de sorte, mas, no fundo, sei que ele não é um péssimo marido para minha mãe, e apesar de tudo, é um ótimo pai para Júlia.

—Você não pensa em se formar?

Não entendo por que isso é tão importante para ele, até dois dias atrás não se importou em transar com uma estranha sem forma o.

—Você é formado?

—Sim, eu sou formado em física!

Nossa! Preciso de mais um gole de vinho.

—Isso te surpreende?

—Pensei que mexesse com blocos e lego!

—Em parte, sim, eu não exerço, mas me ajuda muito no meu trabalho.

—Entendo.

—  importante estudar.

Agora está falando como a minha mãe, não mereço esse sermão, s  faltam dois períodos, dois para eu terminar a faculdade, as minhas notas são as melhores da turma e, segundo o meu professor de criminal, eu serei uma excelente delegada. —Não vou ser delegada— Então, melhor falar a respeito disso com ele.

—Eu estudo!

—Mesmo?

—Sim, eu estudo à noite, não precisa me dar sermão.

—Não estou passando sermão, é que sempre falo isso para todos que conheço—ele pigarreia. —Ok, estou sem assunto.

O garçom tira o prato vazio e serve outro com tofu e verduras cozidas, fico espantada, comi toda a salada e nem vi? Pego o garfo e mexo na comida, parece boa, comi tofu uma vez com Sah, não é ruim.

—O que você faz?

—Direito.

—Poxa.

A voz dele agora está relaxada, parece que está deitado, eu também não tenho assunto, mas sei lá, o que falo para desligar? Para começar, eu nem sei por que estou falando com ele, comendo tofu sozinha, num restaurante romântico, cheio de casais mais novos que eu, uns dez anos no mínimo.

—Denzel não gostou de você, ele reconhece um advogado de longe.

—Também não gostei dele.

—Não? Mas pensou que ele fosse eu.

—Bem, o que esperava? Você sumiu, Olaf disse que me levaria para falar com o patrão dele, achei que ele fosse você.

—Denzel prefere meninas populares.

Como Sah e Gina, não sei o que levou ele a me querer, não sou tão bonita, na verdade, sou um completo desastre.

—Achou ele bonito?

—Que pergunta idiota.

—Responda!

Mandão.

—Um pouco, ele não é tão legal como você.

—Denzel é mais novo que eu, tem 23 anos, gosta de sair.

—Você não?

—Já tive a minha fase, hoje sou mais quieto.

—Bem, você é jovem.

—Não penso dessa forma, quando eu tinha a idade dele, já tinha parado de sair há um bom tempo, ok, eu nunca fui de sair.

Sorrio, caramba, esse cara sabe ser engraçado, o sotaque dele ajuda. Belisco um pouco mais do tofu com verduras, está bom.

—E você?

—Eu não gosto de sair, Senhor Carsson.

Não quero falar sobre eu mesma, sou um tédio, não quero dar detalhes da minha vida, mas não sei como desligar a ligação sem parecer uma completa sem educação, não tenho mais motivos para brigar, então, só me resta conversar com ele. Também sei que se eu desligar, ele vai ligar e me mandar mensagens, como está fazendo desde ontem.

—Você não gosta de sair no Rio?

—Não tenho tempo, ultimamente, ando muito envolvida na faculdade, e o meu trabalho é de período integral. —E tenho um filho de dez anos que exige total atenção nas horas vagas ou sempre.

—Gosta de ler?

—Muito.

—Percebi, você ficou falando toda hora sobre o Senhor Darcy.

A voz dele é acompanhada de algo parecido com um sorriso e afundo na cadeira, ah céus, não acredito que falei do Senhor Darcy para ele, eu só falo do Senhor Darcy para as minhas amigas fãs de Orgulho e Preconceito, e do clube de literatura que eu participo online, num blog de uma delas, as vezes eu sou um saco falando do Senhor Darcy.

—O cara perfeito, não sei o que as mulheres veem nele.

Eu sei.

—Gosto do livro, eu gosto de literatura.

—E por que fez direito?

—Porque não tem esse curso no Brasil.

—Não pensa em exercer?

—Claro que sim, eu amo o meu curso, vou prestar concurso assim que pegar a minha licença.

—Já tirou a licença da ordem?

—Sim, eu fiz antes.

Graças a Deus, o inferno acabou quando eu passei no exame da ordem, estudei um ano para pegar a carteirinha da OAB, foi o pior ano da minha vida. Ano passado, eu nem gosto de lembrar, não tive tempo para nada, vivia

estressada, não comia direito, eu só queria fazer logo a merda da prova, fiz e passei, não foi a melhor nota, mas eu passei, isso realmente importa.

—Garota esperta!

—É um elogio?

—Uma observação, gosto de mulheres inteligentes.

—Gosto de cenoura cozida.

Ele riu, Jack Carsson tem uma risada gostosa?

Esse cara é uma caixinha de surpresa!

—Não precisa ficar na defensiva, querida.

—Eu não estou.

Fez-se um silêncio estranho na linha, depois eu tenho a impressão de ouvir uma voz feminina vinda de lá, não sei por que, mas fico tensa.

—Preciso desligar.

—Ok, tchau

Desligo antes que ele fale qualquer coisa, fico aliviada ao ver que o celular não volta a vibrar novamente e ao som de it's my life, do Bom Jovi, encerro o meu jantar. Bem, sei algumas coisas sobre Jack Carsson, mas sei, principalmente, que não devo e não vou confiar nele, não depois daquela vozinha feminina no fundo da ligação.





O Encontro

Acordo no dia seguinte com o celular vibrando.

Reviro os olhos, preciso desligar esse celular, atendo.

—Bom dia!

—O que você quer?

Jack Carsson dá uma risadinha, parece malévola, respiro fundo, não quero conversar, ontem eu decidi ver filmes até tarde e me encher do chocolate depois que Olaf me deixou no hotel. Eu tentei afastar todas as coisas dos últimos dias da minha mente, até consegui me distrair, mas esquecer, bem, Jack Carsson, não lembro de nada do que fiz com você—ou você com comigo—mas, não consegui por um segundo esquecer da sua voz, agora me acorda com esse bom dia idiota, achando que eu sou algum tipo de retardada que acredita que se interessa por mim.

Sei que não se interessa, ele está é preocupado com uma possível barriga...

Senhorita Gravidez!

Fico rígida, sentindo um frio no estômago, um forte e amargo medo nas entranhas, sempre me sinto assim quando estou frágil e insegura, como numa montanha russa, mas sempre na hora da queda, sempre nos momentos de suspense.

—Já cheguei em Vegas.

O que?

Me ergo e me sento na cama, olho para o lado e arregalo os olhos, Gina está agarrada a um cara de cueca na cama, ambos dormem, me sinto enjoada com a cena, Meu Deus, o quarto de hotel virou um motel e eu nem vi? Ela perdeu a noção de perigo, claro que está de sutiã e calcinha, sinto vontade de cobrir eles, nenhum sinal de camisinha. Um pouco enjoada, pego um dos

meus lençóis de cama e jogo em cima deles, mas sei que ela, provavelmente, não transou com esse cara ontem, devem ter bebido todas e na hora “h” apagado.

—Maria?

—Ah, um momento!

Preciso sair daqui, não quero acordar ninguém, isso já é constrangedor demais, ainda bem que dormi com um conjunto de moletom. Pego os fones e os coloco rápido, prendendo meus cabelos, calço a pantufa do Mickey que ganhei de Sah ontem e saio do quarto, me assusto ao me deparar com aquele homem sério e mal-encarado, Olaf tem o dom de me assustar.

—Acho que já viu Olaf, ele foi buscá-la.

Cruzo os braços, estou começando a ficar impaciente de novo, ah, eu estou muito, muito irritada com Jack Carsson.

—Não vou!

—Justamente quando acabei de chegar à cidade e quero te ver?

—Sim.

—Mas você vai!

Fico sem resposta, minha boca fica seca, não sei por que ele faz isso, ele gosta de me tratar como se eu fosse uma propriedade dele, como se eu fosse um objeto que Olaf—outro capacho—leva para os lugares onde e quando ele quiser, eu não costumo ceder assim tão fácil como ontem, mas hoje... hoje eu não vou ceder, estou determinada, que se foda, Jack Carsson.

—Não vou.

—Não me obrigue a buscá-la.

—Não caio nessa!

—Maria, viajei mais de doze horas para vir te ver, estou exausto, por favor, não faça isso.

Algo na voz dele soa como algum tipo de mágoa e raiva, eu quero desligar esse telefone, mas não consigo, ah, ele tem esse dom, de me fazer querer conversar com ele, me nego a isso, mas sei que é a pura verdade. Olho para Olaf, que permanece de braços cruzados, será que todo cara rico tem um segurança do tamanho de um armário como ele?

—Não posso ir.

Tenho que ter uma ótima desculpa.

—Sei que pode.

—Não quero te ver.

—Mas vai.

—Por que?

—Porque eu quero!

—como você é arrogante!

—Olaf tem ordens para trazê-la em dez minutos, até mais.

E desliga.

Eu esperneio e chuto o ar, engolindo o grito em minha garganta, fico arfante, depois respiro fundo e vou até Olaf, ele está escondendo um sorriso, sei que ele não vai embora, maldito Jack Carsson!

Volto para o quarto e bato a porta com força na cara de Olaf, Gina se assusta e se levanta com a mão na cabeça, lanço um olhar repreensivo para ela, que fica completamente vermelha, eu não sou mais um exemplo, mas ela não sabe disso, então...

—Desculpa—sussurrou ela baixinho.

Sei que estou mesmo é irritada com a minha vida, com Jack Carsson, mas ela sabe das regras, nada de caras no quarto. Pego minha bolsa, preciso acabar com isso de uma vez, preciso resolver isso com Jack Carsson.

—Preciso resolver algumas coisas, já volto!

—Vai assim?

Não me importo em como vou, só quero acabar logo com isso.

—Sim, e quando eu voltar, não quero esse cara aqui, até.

E saio do quarto, sigo na frente pelo corredor, vendo Olaf me seguir em silêncio, ainda estou com um conjunto de moletom, ainda estou de pantufas, mas estou muito irritada para pensar nisso agora. Meus cabelos estão presos no alto da cabeça de qualquer jeito, não quero mais ter que passar por isso nunca na minha vida, quero me livrar desse cara de uma vez por todas.

Olaf havia estacionado o carro na garagem do hotel, o mesmo de ontem, está estacionado a distância entre os muitos outros carros no subsolo do prédio, então, nos aproximamos do carro e ele me segura pelo braço e me impede de continuar seguindo até lá, tira algo do bolso, uma venda?

—O que?

Quero dar um chique, ele só pode estar de brincadeira, certo?

—Use!

Isso eu entendi bem, ele quer que eu coloque uma máscara de dormir nos olhos? Que coisa estranha!

Analiso a máscara, é normal, daquelas de dormir, eu não vou colocar uma máscara nos olhos, por que isso agora? O que está acontecendo? Ele não queria que eu fosse encontrar ele?

—Não!

— Senhorita, não resista—Olaf disse.

Não entendo o que ele fala, ah, quero começar com isso de novo? Impaciente, tomo a máscara da mão dele e coloco, só quero que isso acabe o mais rápido possível, esse joguinho de Jack Carsson está começando a, realmente, me deixar com os nervos à flor da pele.

Olaf me pega pelo braço e me conduz, não consigo ver nada, ouço o barulho da porta do carro sendo aberta, não tenho a real noção de quanto andei. Olaf coloca a mão no meu ombro indicando que devo abaixar, me sinto idiota e me apoio no que parece ser a porta do carro, me inclino e entro apalpando tudo o que vejo pela frente, então, por um descuido, ao colocar o pé dentro do carro, não sei como, caio basicamente no banco, de frente, mas sinto duas mãos me segurando pelos lados dos braços, respiro fundo arfando, algo me diz que não é Olaf.

Claro que não é ele sua, Vaca, ele acabou de abrir a porta do carro para você, como estaria dentro do carro assim, tão rápido?

Desastrada eu sempre fui, mas burra e ingênua, ingênua talvez, durante um tempo, mas burra eu nunca fui, já imagino que seja o Mister M.

—Cuidado!

Esse tom repreensivo, reconheceria em qualquer lugar, quero arrancar essa máscara de dormir dos olhos imediatamente, mas não faço, meu coração ainda está pulando devido a pequena queda.

Me ergo, me sento no banco e respiro fundo, tentando me acalmar, bem, chegou a hora, não sei porque eu estou nervosa, estou tremendo? Estou tremendo!

Sopro com força, tentando ainda recuperar o ar, acho que estou uma pilha, estressada, nervosa, com raiva, e odeio me sentir assim, eu não sou assim, e eu estou de férias. Num dia de cão, no pior dia, eu costumo ter um comportamento bem diferente desse, esse homem me deixa com os nervos à

flor da pele.

Minhas mãos soam, tremem, que tipo de cara me deixou assim antes em minha vida? Parece que estou numa entrevista de emprego!

De repente, sinto a mão quente segurando a minha, ele pega a minha mão e a segura, foi muito rápido, ele gira minha mão e beija meu pulso—meu pulso, que estranho—, os lábios dele estão úmidos, deixando uma marca quente na minha pele, meu coração dispara ainda mais, estou respirando pela boca. Dentro desse carro esquentou? Quero soltar a mão dele, mas não consigo, ele mantém na dele e entrelaça os dedos nos meus, acho que eu fiz isso uma vez na vida, com o Jorge...

—Que bom que veio.

—Hum, é?

Estou pigarreando porque não sei o que falar, não sei se quero estar aqui, eu só quero resolver isso logo e não ter que passar por uma situação assim nunca mais na minha vida.

—Por que a essa máscara de dormir?

—Você está bem?

Tenho a impressão que Jack Carsson não gosta muito de dar satisfações.

—Acabei de acordar. —Nem escovei os dentes, meu Deus quero conferir meu hálito, mas como?

—Por isso está irritada?

Você me irrita.

—Não exatamente, minha amiga levou o, namorado dela para o quarto da gente, e quando acordei, você sabe!

Ele esfrega o polegar em cima da minha mão, não me sinto incomodada, não completamente, mas não sei se quero me sentir assim com esse toque—bem—, sei que isso causa arrepios no local e algo me diz para não me sentir assim.

—Vou dar um jeito nisso—ele disse com convicção na voz.

Seu sotaque me fez querer rir de novo, mas me sinto meio idiota em me sentir assim por que não é hora de rir, a voz dele é bem mais grossa e agradável pessoalmente.

—Hum, mesmo? —Quero saber como, mas não pergunto.

—Sim, mesmo—ele disse. —Quantos dias até suas férias acabarem?

—Três—Não sei por que estou falando isso.

—Ótimo—ele falou. —Não mereço um beijo?

Não!

Essa ideia de beijo me assusta, quero soltar a mão dele e pular para fora do carro, mas Olaf já está tirando o carro da vaga—e eu não faria isso de verdade—, só não entendo por que para Jack Carsson isso parece tão normal, eu dormi com você uma vez, mas isso não significa que sejamos tipo, um casal!

—Não?

—Não escovei o dente.

Poderia falar qualquer coisa, menos isso, mas foi a primeira coisa que me veio à cabeça, quero sumir, como eu consigo falar essas coisas para alguém assim? Estraga qualquer tipo de diálogo, sem falar que faz eu parecer uma completa sem noção.

—Não me importo.

—E se eu não quiser?

—Por que?

—Você pergunta demais, Senhor Carsson.

—Não vejo problema em nos beijarmos.

—Você acha tudo isso tão normal, né?

—Sim, por que não? Pessoas se beijam todos os dias.

—Eu não.

—Terá que adquirir ao hábito!

—Como consegue ser tão pedante?

—Minha mãe me criou assim.

Quero falar mal da sua mãe, mas então, sinto um puxão na mão que ele entrelaça os dedos, e vou sem querer, então, Jack Carsson me beija. É um breve selinho, mas deu para sentir o gosto de café vindo dos lábios quentes dele, deixou minha boca úmida de saliva, lambo os lábios recém-beijados, quero limpar, mas sei que, talvez, esse carrasco teimoso não encare isso muito bem. Ele não encara nada que eu faço muito bem, sempre ignora o que eu falo, não me ouve, não preciso conhecê-lo assim tão profundamente para saber que ele não faz a linha: cara legal e romântico.

—Viu? Não doeu.

Não teve graça, nem expectativa, nem todas as coisas românticas que eu sonhei para esse momento, mas levando em consideração que há dois dias ele fez sexo comigo—não só isso—, esse beijo é algo que devo considerar no mínimo normal, será que nos beijamos assim há dois dias?

—Não fique brava—ordenou ele. —Estou tentando consertar tudo.

Ok, consertar tudo se resume em infernizar a minha vida? Então, que fique tudo desconsertado, não estou com um pingo de paciência para esse cara hoje, ele já me tirou da cama, me obrigou a usar uma máscara de dormir para encontrar ele e, provavelmente, me sentir ridícula por beijar ele—se é que pode chamar isso de beijo—usando minhas pantufas novas.

—Vamos para minha suíte, você poderá ficar comigo lá...

—Jack, por que você acha que eu quero participar disso?

—Ótimo, você voltou a me tratar normalmente.

Me irrita, tem um jeito como eu trato ele? Então percebo que ele se refere ao fato de eu chamar ele pelo primeiro nome, me endireito, estou corando por isso!

—Eu não sou obrigada a ficar com você depois que nós dormimos!

—Fala mais devagar, não entendo quando fala muito rápido.

—Eu não vou ficar com v-o-c-ê!

—Querida, já estamos juntos.

Ah, como eu odeio esse tom de riso na voz dele.

—Sobre a máscara de dormir, prefiro que seja assim.

—Por que?

—Porque sim.

—Porque sim não é resposta.

—Vai se acostumar com esse porque sim, pelo menos por enquanto.

Como isso é injusto!

—Eu não quero encontros às cegas. —Ou nenhum encontro. —Por que isso?

—Vai saber na hora certa.

—Você é tipo o cara do Fantasma da Ópera?

—Talvez eu seja.

É incrível como o tom de voz dele sempre é neutro, enquanto o meu é

apelativo e rude, percebo que estou sendo completamente mal-educada e grossa, não como eu realmente sou, mas é que esse homem tem o dom de fazer eu me sentir assim.

—Você adora essa situação, não é?

—Cada segundo, querida!

Faço menção de tirar a máscara, então, a mão forte segura a minha com firmeza.

—Não! —ele berra num tom repreensor e rude. —Não faça isso, entendeu? Nunca!

Isso me assusta e por uns segundos, fico com medo, a mão dele está espremendo a minha com uma força dolorosa, engulo o gemido de dor. Ele está apertando com muita força minha mão, isso machuca, as juntas dos meus dedos doem e os ossos estão sendo exprimidos de um jeito impiedoso. Me arrependo de ter entrado nesse carro, então, ele solta minha mão e me afasto dele, não ousa tirar a máscara, agora estou com muito medo de Jack Carsson, quero chorar.

—Me desculpe.

—Não.

Seguro a mão ainda dolorida e me encosto na porta, escondendo dele a minha mão, maldita hora que te conheci, Jack Carsson.

—Me deixe.

—Não toque em mim!

Me encolho, não exatamente com medo, mas percebo que estou mesmo magoada com ele, por ter feito isso comigo, não só pela dor física, como pela humilhação, pela forma como venho me comportando nos últimos três dias por causa dele, não entendo por que ele quer que eu use uma máscara, não faz diferença alguma.

—Poderia esquecer tudo, me deixar em paz.

—Não posso!

O carro para e Olaf está manobrando, talvez tenhamos chegado, não tenho muito a noção de tudo, já que não consigo ver absolutamente nada.

—Temos que ficar juntos. —Ele está determinando isso. —Vai entender na hora certa.

Não entendo nada do que ele fala, fala em enigmas, acho que ele espera

que eu caia nessa. Não tenho que ficar com você, Jack Carsson, sexo não prende ninguém a ninguém, nem mesmo um filho, se fosse assim, eu não seria mãe solteira, estaria casada, todavia, não quero ficar brigando com você nesse carro. Preciso respirar ar puro, preciso de uns segundos para te perdoar por ter feito isso com a minha mão—que ainda dói—e com a minha dignidade.

—Ouça, não faça tantas perguntas, podemos tomar café juntos?

A voz dele assumiu esse tom estranho que eu não conheço, próximo de uma completa frieza, eu não entendo por que essa insistência em tudo, eu não quero ficar com você, Jack Carsson, e não preciso entender nada na hora certa, agora está pedindo para que eu não faça perguntas sobre essa ideia maluca de máscara de dormir nos olhos e, quer manter isso fazendo de conta que é coisa de gente normal?

Pode me esquecer e me deixar em paz, no entanto, está me obrigando a fazer as coisas com você às escuras, me pergunta se posso fazer as coisas com você, porém, quando falo que não, me obriga ou nem me pergunta, determina tudo.

Estou começando a achar que é muito complicado entender você.

—Tenho escolha?

—Mínimas.

Que legal!

Droga, como me meti nisso?

—Chegamos! —Entendo o que Olaf disse. —O Senhor Denzel já o espera.

—Ótimo! —Jack disse num tom habitual. —Preciso resolver algumas coisas com ele, Olaf, leve-a para o meu quarto e peça que sirvam o café para Senhorita Barbosa.

Ele parece o Jack Sparrow de Piratas do Caribe falando meu sobrenome, ai Deus, não acredito que estou sorrindo, então, de repente sinto a mão suave sobre a minha, você, com certeza, nunca pegou no pesado, um cara com mãos assim no máximo deve pegar o peso de uma caneta, algumas vezes na vida.

Ele beija minha mão suavemente, permaneço com a cabeça baixa, não faz diferença alguma, é apenas algo que ele faz para parecer gentil, sei que ele não é.

—Você e eu já nos falamos, bebê.

Ah, essa intimidade, quero saber de onde surgiu, mas não digo nada, não

adianta, ele não vai falar, a não ser que dê na telha dele, como ontem, mas desconfio que ele só conversou comigo assim ontem, porque queria me prender naquele restaurante.

Ou talvez, não tivesse muita intimidade, talvez, ele trate todas as amantes dele assim.

Vaca virou Amante de Um estranho!

Ouçõ o barulho da outra porta sendo aberta e Jack solta minha mão, depois ele sai do carro, então, Olaf abre a porta do meu lado e ele me pega pelo braço. Ouçõ o barulho da outra porta sendo fechada, percebo que mais uma vez tenho que usar minha audição como instrumento para alguma coisa na minha vida.

No meu emprego ela é a coisa mais importante, não preciso falar olhando meus clientes, apenas escutando-os, falando com eles, que grande ironia. Só falta ele me colocar diante de um computador e me pedir para termos algum cyber-relacionamento.

Sinto-me estranha, isso nunca me ocorreu, nunca imaginaria que isso aconteceria comigo.

Saio do carro com a ajuda de Olaf, depois começamos a andar pelo estacionamento, ouçõ o barulho de carros andando e freando, abaixo a cabeça, e se alguém estiver me vendo nessa cena degradante?

Levo a mão a máscara querendo a arrancá-la, mas aí me lembro do que aconteceu há pouco quando tentei tirá-la, calafrios, medo, desisto! Preciso me manter neutra e estável, antes que tenha um tipo de surto psicótico, estou a ponto de explodir com esses acontecimentos dos três últimos dias.

Quero sair correndo em qualquer direção, sumir, mas não faço muito esse tipo “corra, fuja, pobre garota confusa”, e acho que esse sempre foi o meu problema, eu tento encarar tudo sozinha, minha mãe chama de orgulho, eu chamo de praticidade.

Acho que é por isso que não me envolvo com ninguém, estou desacostumada e pensar no “nós”, não estou pronta para me envolver com ninguém nessa fase da minha vida, ainda mais com um louco que vive invadindo a minha privacidade e me obrigando a andar vendada em estacionamentos de hotéis caros com seu capacho.

Logo eu, que sempre fui contra a qualquer tipo de cara mandão e controlador, me vejo nessa situação.

Percebo que estou chorando quando entramos no elevador, as lágrimas interrompidas pela máscara não caem, engulo o soluço e respiro fundo, me recuso a permitir-me sentir assim por causa de um homem, eu jurei para eu mesma que nunca mais choraria por causa de um, mas sei que não é só por causa dele, acho que é porque sinto como se não fosse mais eu, essa não é a minha realidade.

As portas do elevador se fecharam, sinto o cheiro familiar de loção pós-barba, o mesmo do carro, ele está aqui!

Talvez estivesse seguindo a gente, eu não sei, não consigo ver nada!

Ouçõ uma voz diferente da de Olaf e da de Jack, não entendo, me encolho e dessa vez, eu que agarro o braço do segurança, tem mais pessoas no elevador, que vergonha.

—É o meu irmão — soa a voz de Jack no lugar. —Não se preocupe.

Não, imagina, seu irmão só está me vendo no momento mais ridículo, sujo e banal da minha vida!

Como te odeio, Jack Carsson!

Te odeio mais do que ao meu padrasto, mais que Jorge, mais que a metade das garotas da faculdade, mais que qualquer coisa.

Meu celular vibra dentro da bolsa, e não é o Iphone.

Musica das Spice Girls em seguida, sinto minhas faces quentes, essa música marcou a minha infância e adolescência, é a minha predileta. Solto Olaf e abro a minha bolsa rapidamente, já estou acostumada com ela, é pequena e de um bolso único, pego o celular de flip—sei que sou completamente antiga—e atendo.

—Onde você está?

Sah!

—Oi!

—Gina disse que você deu um chilique e saiu do quarto feito uma louca.

—Tenho que resolver algumas coisas.

—Com Jack?

—Sim.

Sah dá uma risadinha irônica, ah, também te odeio Sah, você me paga.

—Você vai vir para o almoço, né? Tem aquela excursão pela cidade.

Ah, esqueci completamente, mas eu vou.

—Sim, eu vou, só preciso resolver e depois volto para o hotel.

—E aí, como está sendo?

—Gina levou um cara para o quarto, isso é contra as regras.

Não vou te falar que estou vendada num elevador, com três caras desconhecidos me olhando, me sentindo uma ridícula por isso, bem, talvez um dia eu conte, mas não agora.

—Já falei com ela, disse que encheram a cara, mas que não rolou nada. Vocês transaram?

—Não, Sah!

—Por que está brava?

Suspiro, meus ombros doem com a tensão, sei que estou uma pilha de nervos.

—Sah, faz assim, quando eu estiver saindo, eu te ligo, ok? Você me busca?

—Claro, o Nando ligou!

—Nando?

Estranho, por que ele ligou? Falei com ele ontem!

—Disse que um garoto bateu nele na escola.

Fico meio irritada com isso, mamãe quem deveria resolver esses problemas, se eu estivesse lá, isso não teria acontecido. Três dias foras e o meu filho já levou uma surra na escola?

—Por que?

—Por causa de uma menina!

Fico dura, o Nando brigando por conta de uma garota?

—Ele te contou isso?

—E me fez jurar que não te falaria, ele está com vergonha.

—Vergonha de mim?

—Não de você, né, ele é garoto, ai amiga, você não entende!

—Não entendo que ele não queria falar isso para mim? Eu converso sobre tudo com ele.

—Tem coisas que garotos não gostam de falar com suas mães.

Eu entendo, mas não justifica, meu filho está crescendo, eu sempre tento falar sobre tudo com ele, mas as vezes sinto que não é completamente sincero comigo, talvez seja isso, ele tem uma namorada!

Isso me faz sentir calafrios no estômago!

—Está magoada?

—Não por ele não falar, mas porque ele me omitiu isso, não entendo.

—Acho que temos que conversar sobre isso quando voltar, aí ligamos para ele, vou ligar para sua mãe agora.

—Entendo, nos vemos mais tarde, então?

—Sim, beijinho.

—Beijoca. — Desligo e suspiro, que baque.

—Quem era? —soa a voz firme de Jack no elevador.

—Minha amiga.

—Quem é Nando?

Estremeço e respiro fundo, não quero dar satisfações, mas parece que ele nunca me dá ouvidos, vai me infernizar até eu falar, sei que sim.

—Fernando é o meu filho.

—Tem um filho?

—Foi o que eu acabei de falar.

Um silêncio estranho paira no elevador, ah, quem sabe agora ele não me livra desse castigo? Caras como Jack não parecem ser do tipo que saem com mulheres que tem filhos.

—Quantos anos ele tem?

—Dez anos.

—Dez anos?

É bom saber que ele está mostrando algum tipo de reação que não seja frieza, pelo tom de voz dele, não gostou nada disso, não me importo, desde que me deixe em paz.

—Deveria ter me dito.

—Pensei que soubesse de tudo, Senhor Carsson.

Não quis soar tão irônica também, mas é inevitável.

O elevador para. Olaf fala algo e se desvencilha do meu braço, em seguida, ouço o barulho da porta se abrindo. Levo a mão a máscara, mas, de repente, alguém me impede de tirá-la. Reconheço essa mão e sinto sua proximidade, sei que é Jack Carsson, não consigo me mover, por que ele tem mãos tão suaves?

—Por que você teima tanto? —perguntou ele. —Quero outro beijo.

—Estamos sozinhos? —Isso me deixa mais apavorada do que imaginar que o irmão dele e o capacho estão aqui, Olaf eu sei que não está.

—Sim.

As portas do elevador se fecham, então, volta a subir, quero saber onde estamos, será que é no Hilton?

Abro a boca para perguntar, mas então, sinto uma boca quente na minha, os braços de Jack Carsson me envolvem, puxando-me para perto dele, colando nossos corpos. Ele prova dos meus lábios e chupa o inferior com força, meu coração dispara, não acredito que estou deixando ele fazer isso comigo.

Talvez eu tenha sido pega pela surpresa, não sei, mas meu coração está na boca, apenas com esse beijo. Não faço ideia do que está acontecendo comigo, mas minhas pernas tremem um pouco e o meu estômago borbulha, me sinto idiota, meus braços estão moles dos lados do meu corpo.

—Não resista!

Os lábios dele estão tão perto, que dá para sentir seu hálito, quente, gosto de café.

—Posso tocar o seu traseiro?

Coro, não sei o que falar, acho que estou nervosa demais para falar.

—Deixa. —Sua voz é um suplica baixa e oprimida.

—Você o tocou naquela noite?

—Sim. —Ele revela com simplicidade. —Gosto disso, deixa?

Jack Carsson está pedindo para tocar minha bunda enorme e grande? Me sentindo deslocada em três, dois.

—Você faz com que eu me sinta vivo —Jack diz baixo. —Como nunca.

—Hum—pigarreio nervosa, estou surpresa. —Posso saber por quê?

—Não sei. —Ele admite com um tom de franqueza séria.

Então de novo sinto os lábios quentes e macios nos meus, me sinto derretendo nos braços dele e odeio isso, a boca dele é úmida e macia, está tocando a minha com lentidão, está sendo suave, calmo, não sei como agir, me sinto apavorada, quero me afastar, mas não consigo.

—Não resista.

—Já disse isso!

—Então.

—Precisamos conversar, as coisas não são assim.

—No meu mundo são.

—No seu mundo pessoas normais não conversam?

Jack se afasta, como aqueles caras bipolares que a todo instante mudam de humor, não gosto disso, na verdade, detesto. Eu odeio pessoas inconstantes, na minha vida só cabe uma pessoa tão indecisa, e eu só tolero por força maior, minha Mãe.

—Conversam—disse, a voz mais grave. —Você é muito impaciente!

—Nunca me levaram para passear sem a focinheira, Senhor Carsson — respondo, sei que estou sendo de novo arrogante.

—Está se comparando a um cachorro?

Agora ele está dando uma de ofendido, não me importo.

—Um cachorro ao menos teria a dignidade de ver algo.

—Maria, apenas entenda que por enquanto, eu quero que as coisas sejam assim.

Quero perguntar por que, por que, e, por que, mas acho que isso está indo longe demais. Todo esse jeito como ele me trata, toda essa perseguição, esse jeito bipolar desse homem, me pergunto mais uma vez, por que eu dormiria com alguém assim? Eu nunca me envolveria com um homem tão irritante, não sei por que Sah acha que somos parecidos, posso ser meio mandona, ok, sei que sou, mas eu não fico obrigando ninguém a nada, nem fico agindo de forma tão controversa a cada dois minutos. Quando eu não gosto de alguém, eu não gosto, quando eu gosto, eu gosto, e tem pessoas que apenas tolero porque sei que tenho que tolerar, mas não fico tratando ninguém assim.

O som da porta, ele pega meu braço, vou praticamente forçada, esse é o tipo de relacionamento no qual eu nunca vou querer ter com alguém, me sinto dentro de um daqueles livros idiotas de romance erótico que leio as vezes para me distrair. Sinto vontade de sair correndo e percebo que isso é constante desde que o conheci... ou melhor, desde que não o conheci, não lembro dele, então, não vale. Tudo o que sei, é o que ele me mostra—ou me obriga a tolerar—, apenas conversas, discussões idiotas, um jantar virtual, e agora isso, me sinto de novo humilhada, não preciso passar por isso para lidar com essa situação. Abro a boca para reclamar, quando sou puxada de novo para ele, quero me soltar, mas é como se as minhas forças se fossem, Jack

Carson me prende pela cintura, sei que ele está de terno, bem, parece um terno, sinto o tecido na ponta dos dedos enquanto encosto a mão no peito dele, parece sólido, é sólido, ele tem músculos!

—Eu sinto que isso está te ofendendo de alguma forma—Ele fala baixo agora, com uma ponta de arrependimento na voz —, mas eu sou assim, é o meu mundo.

Não vou desculpá-lo, e também não acredito nas palavras dele, fico em silêncio, vendo o nada diante de mim, minha mente está confusa e irritada. Só quero ir embora desse lugar e nunca mais ter que lidar com esse homem, que a cada segundo me prova que caras loucos e obsessivos existem de verdade.

—Maria?

—Já posso ir embora?

Ele suspira, parece cansado dessa discussão, bem, eu também estou, me solto dele e saio andando esticando as mãos, tentando achar o caminho de volta até o elevador. Ouço uma risadinha, me irrita, mas também não ousa tirar a máscara, e se eu tirar e acabar com a mão quebrada? Sinto raiva quando lembro disso, ouço os passos no meu rumo, detenho a vontade de sair correndo, ele me segura pela cintura e me conduz, conto quase trinta passos até ser pega no colo, depois ele me coloca num lugar fofo, uma cama.

—Vamos conversar—declara ele, calmo, está andando pelo quarto. —Vou pedir um café para nos dois, o que quer comer?

—Estou sem fome, obrigada.

—Um sanduíche de queijo quente, então.

Quero socar algo, ele nunca me escuta!

Fico quieta, minhas mãos soam, e toda essa coisa já está me deixando tonta, tenho um senso de percepção muito forte, escuto bem, vozes, passos, mas não ver é péssimo. Lembro das piadinhas das meninas do meu trabalho e de Aécio, um colega que se senta ao meu lado, quando ele fica contando das aventuras que tem com os homens em motéis distintos do Rio, todo mundo na operação sabe que ele faz programa, mas ninguém toca no assunto, ele descreve tudo com uma naturalidade incrível, eu me sinto até meio envergonhada só de lembrar que ele contou da última vez que saiu com um dos clientes dele. Disse que foi um encontro às escuras num motel meia boca da cidade, talvez, seja como isso agora, ou mais ou menos isso. Aécio descreveu a noite como maravilhosa, que o homem foi isso e aquilo, e que

ficar sem ver nada deu uma emoção a mais em toda a coisa, para mim isso já está se tornando uma tortura.

Sinto o cheiro de café e o cheiro de queijo, meu estômago faz barulho, sei que estou morrendo de fome, mas não quero dar o braço a torcer, mais por teimosia mesmo, por que estou muito irritada, também, apesar da fome, não sei se desce.

Ele, ou quem quer que seja—essa ideia me assusta—, coloca algo diante de mim, uma bandeja talvez, depois reconheço sua mão segurando a minha e indicando o que parece ser uma caneca.

Tão gentil!

Sinto um beijo leve na minha cabeça, não gosto disso, não gosto quando ele faz as coisas erradas e tenta se redimir com isso, ou será que só faz para deixar claro que não dá a mínima para o que eu quero?

Ele se senta na cama, parece comer algo, minha mão treme enquanto ergo a caneca, é leve, sinto o vapor de café de longe, cheira muito bem.

—Coma!

E pega a minha outra mão, coloca em cima de algo morno, um sanduíche, um misto quente, me sinto como naqueles jogos de adivinhação da TV, os famosos apalpam coisas com os olhos vendados.

Bebo o café, está ótimo, mas não sei se tenho estômago para comer, mesmo com fome.

—Coma, por favor.

Suspiro, enfim, cansada de brigar, pego o pão, frustrada, mas pego. Levo a boca e dou a primeira mordida, está ótimo, foi feito agora, bebo o café, e mordo de novo.

—Como é a vida no Brasil?

Não quero decepcionar ele com o tédio que eu chamo de vida, e também não vou ficar falando assim de mim para ele, não mais, já chega.

—É boa.

—Você vai muito a praia?

Ele é curioso.

—Às vezes, não muito.

—Não seja vaga—ordena. —Eu não vou à praia.

—Que pena. —Suspiro, mordo mais uma vez esse misto delicioso, só

quero que a conversa acabe logo.

—O que faz nos dias de folga?

—Durmo, vejo TV, leio, essas coisas que todo mundo faz.

—Não sai para correr?

—Não gosto.

—Não é saudável.

—Senhor Carsson, eu não gosto, e também, eu organizo a minha casa.

—Não mora com sua mãe?

—Eu moro no andar de cima. —Me interrompo.

—Qual a sua cor favorita?

Que pergunta estranha!

—Azul.

—Azul Celeste?

—É. —Concordo, sincera.

—Tudo bem. —Ele levanta. —Fique aí.

Com coisa que dá para sair às cegas andando por um lugar que eu não faço ideia. Engulo o resto do misto e bebo o resto do café, só um pouquinho grata, pelo menos me deu comida.

Fico minutos sentada nessa cama, chego a me sentir nervosa com o silêncio, não ouço nenhum barulho vindo de lugar algum, até que escuto passos, os passos que memorizo bem, são os dele. Ele tira a bandeja, em seguida, se senta novamente na cama e, as mãos dele pousam sobre as minhas.

—Me fale mais do Brasil.

—O que quer saber?

—Sobre onde mora, seus pais, sua infância.

—Não tenho muitas coisas para falar, eu sou um tédio. —É verdade. — Moro com meus pais, meu filho, minha irmã e dois cachorros, minha infância foi, normal.

—Gosta da sua vida?

Não entendo o porquê ele faz essas perguntas, nem o porquê respondo, mas me sinto presa a essa situação, tanto que, nem sei como sair, como me enfiei nisso? Nunca mais eu vou beber na minha vida!

Vaca Bêbada!

—Gosto.

—Quem paga os seus estudos?

—Acho que já deve ter percebido que eu não sou rica.

—É? Nem tinha passado pela minha cabecinha.

Me irrita tão facilmente quando percebo que ele ri das minhas más respostas, na maioria das vezes, as pessoas se irritam com isso, ele ignora totalmente. Ai, como eu odeio isso.

As mãos dele seguram as minhas com muita intimidade, fico mentalmente imaginando essa cena. Eu, num quarto de hotel, com uma máscara de dormir nos olhos, de mãos dadas com um homem que eu não faço ideia de quem seja, com um moletom gigante, pantufas do Mickey, e a minha bolsa feia e surrada, sinto vontade de rir, mas oprimo, não vou rir.

—Quem, Maria?

—Eu pago.

—Você?

—Tenho 28 anos, acho que já posso pagar as minhas contas, Senhor Carsson.

—Bem, é que os pais costumam fazer isso pelos filhos.

—Seus pais são ricos.

—Eu não tenho pais.

Nossa!

—Fui criado pelo meu tio, meus pais morreram quando eu tinha sete anos, eu e os meus quatro irmãos fomos criados por ele.

—Sinto muito. —Estou sendo sincera, não gosto quando me contam que perderam os pais, ou parentes, me sinto meio mal por isso, ainda tenho todos meus avós e tios vivos e quero que continue assim por um bom tempo.

—Eu fui para a universidade com bolsa de estudos.

—Que bom, eu não consegui. Na época o Fernando só tinha seis anos, não tive tempo para estudar para um vestibular decente. —É impossível não falar, não sei por que estou falando, droga!

—E o pai dele?

As mãos de Jack estão tocando a minha com suavidade, os polegares nas costas das minhas mãos, acariciando com muita delicadeza. Ele tem mãos tão

finas, que sinto vergonha das minhas.

—O pai dele e eu não temos contato, ele é casado e tem dois filhos com ela —digo, não me importo, Jorge e nada para mim, são a mesma coisa.

—Ele a ajuda com a criança?

—Não e, eu prefiro assim.

—Por que?

Não gosto de contar essa história para ninguém, porque as pessoas tem pena de mim e odeio isso, odeio quando sentem pena de mim e, também não é algo que eu compartilhe com outras pessoas normalmente, nunca!

—Prefiro não falar.

—Quero saber.

—Por que?

—É importante saber sobre você.

—Minha vida não é interessante.

—Por que acha isso?

—Eu sou normal e sem graça.

—Maria, eu nunca conheci alguém tão engraçada e divertida quanto você em toda minha vida.

Isso eu sou, mas só com a Sah e a minha família por perto. Coro, eu fui engraçada com um estranho durante o sexo? Não quero nem imaginar o que aconteceu, em minha mente fico pensando em algo, uma cena de sexo, em cima do homem transando e contando a piada do palhaço, ah Deus, quero morrer!

—Você é muito teimosa. —A voz dele sai com muita calma. —Fale!

E eu odeio isso.

Suspiro, sem alternativas, me inclino para trás soltando as mãos dele, e apalpo a colcha de cama macia. Fico “fitando” o escuro, preciso escolher bem as palavras, ele não vai desistir, ele não vai me deixar em paz, vai me perseguir e me obrigar a isso de novo, Olaf vai viver na minha cola, preciso pensar numa forma de sair dessa sem me envolver, mais.

—Eu não gosto dele, é simples, nós nos envolvemos quando eu tinha dezessete, depois eu fiquei grávida e tive o Fernando, ele nunca gostou do meu filho.

—Como assim, não gostou?

—Não gostou! Ele não tem sentimentos por ele, ou você acha que todo pai quer um filho assim, como se fosse a coisa mais maravilhosa do mundo?

Jack se move na cama, ele deita do meu lado, o peso dele me puxa para o lado, ele é grande? Barulho de sapatos caindo, ele se ergue e tira minhas pantufas novas dos meus pés, ainda estou de meia, volta a deitar, junto minhas mãos na barriga.

—Não parece ter tido um filho.

Todo mundo fala isso, Sah diz que se não me conhecesse, diria que eu tenho 22, me gabo por isso as vezes, mamãe tem quarenta e tantos e nem aparenta, me sinto até meio bem com isso.

—Ele não queria que ficasse grávida?

—Na verdade foi tudo, complicado.

—Por que?

Não gosto de lembrar disso.

—Bem, acho que na época eu era muito ingênua. —Prefiro pensar assim sobre o assunto, Jorge é dez anos mais velho que eu, ele sabia muito bem o que fazia, me encolho só de lembrar, afasto a cena da cabeça, foi péssimo. — E o Senhor?

—Preciso dizer que eu não tenho filhos!

Ele estava mais relaxado, essa situação parece bem normal para ele, como se sempre fizesse isso com as amantes, não resisto.

—Nunca deixa suas namoradas te verem?

—Só me envolvo com pessoas que tem os mesmos gostos que eu.

Isso é um gosto?

—Como funciona isso?

—Eu decido que quero que seja assim, a pessoa concorda e, pronto!

—Por que?

—Porque eu quero.

—Nossa, tanta humildade, que eu estou até contagiada —comento e me arrependo por perceber que ele está rindo, quero revirar os olhos.

—Sou uma pessoa pública.

Ele é importante!

—E acha que eu quero que as pessoas saibam que dormi com você?

—Na verdade, me preocupo mais com as chances de você acabar sendo perseguida por alguém, por minha culpa.

—Sei.

Claro que não acredito nele, ele é louco, gente louca não merece credibilidade nenhuma.

—Digamos que isso é um, fetiche.

Engulo a seco, permaneço parada, fora do ar, ele disse a palavra Fetiche? Isso é algo sexual!

—Não gosta de fetiches?

Eu nunca tive isso, na verdade, eu preciso reler no dicionário o significado. Sou cínica, prefiro fingir que não sei das coisas, funciona para arrancar a verdade das pessoas, ou quando estou com tédio delas e sem assunto.

—Não tenho nada disso, eu acho que ainda prefiro as minhas pantufas do Mickey.

—Gosta do Mickey?

—Sah me deu elas de presente, eu gosto.

—Quem é Sah?

Droga....

—Minha melhor amiga.

—Ah, a morena!

Então, ele já conhece ela! Percebo que ele está tentando me distrair, sair do assunto.

—Voltando ao fetiche, você gosta que não te vejam?

—Mais ou menos, se me visse, não teria graça.

—Te vi há dois dias.

—Mas não lembra. —Observa ele, com cautela.

—Talvez me lembre de algumas coisas. —Vou jogar com ele, funciona com mamãe, ela sempre cai. Sou bem convincente, ela diz que vou ganhar rios de dinheiro quando me formar.

—E gosta do que lembra?

Ele toca minha mão, depois puxa para dele, e sinto um beijo leve no pulso de novo, meu estômago revira, sinto vontade de correr, mesmo não vendo. Se já é assim sem ver, imagina se eu o visse? Estou grata por estar de máscara?

Estou!

—Não me apego as aparências — Solto devagar, não quero que perceba que o meu coração—estúpido— está pulando tanto com isso.

—Não? —Jack mantêm a minha mão na dele. —Talvez, não goste do que venha a ver.

—Talvez eu não me importe com isso —replico convicta, estou sendo sincera, apesar de ter medo disso.

—E se eu for deformado?

Sinto calafrios, mas penso bem antes de falar e de alguma forma isso me atinge, porque isso para mim não é nenhum obstáculo, lembro do Nando e meu coração se contrai, o meu filho não é um deformado! Solto a mão dele, e me ergo.

—Acho que quero ir embora, agora é sério, preciso encontrar minhas amigas!

—Por que está magoada?

—Por favor, eu estou pedindo que me deixe ir.

Estou a ponto de chorar, isso já está indo longe demais.

—Tudo bem —ele fala como se chegasse a uma conclusão.

Sei que está andando pelo quarto, saio da cama e fico caçando às cegas minhas pantufas. Achei! Coloco elas rápido, então, sinto a mão familiar no meu braço, me puxa para cima, sinto vontade de correr com sua proximidade.

—Nos vemos a noite, então. —Ele determina.

Depois beija minha cabeça e outro braço me segura, Olaf. Me sinto como um objeto facilmente manejável, e minha mente está uma completa desordem, só quero sair logo daqui. Essa situação está me deixando louca.

Entramos no elevador, não contei os passos, mas assim que entro, o próprio Olaf tira minha máscara. Seco as lágrimas, me obrigando a não chorar por causa disso, eu não vou derramar nenhuma lágrima por esse homem, não mesmo!

—Ele é assim —Olaf disse de forma curta e grossa. —Vai se acostumar.

Não quero me acostumar, mas ele não precisa saber disso. Minha mente volta para o meu filho, ele não é deformado, isso me magoa tanto. Me sinto culpada por ele ter o problema na perna, tem que ter sido minha culpa, afinal, ele deveria ter sido formado corretamente dentro de mim, sei que só estou

sensível. Mais tarde, quando estiver melhor, eu vou pensar com mais calma.

A primeira coisa que faço, é pegar meu celular e ligar para casa, quero ouvir a voz dele, saber como ele está, me sinto tão irresponsável agora, eu deveria ficar ligando para saber se ele está bem. Ele havia brigado na escola por causa de uma garota, lembrei disso, mas no momento só quero ouvir a voz do meu filho, ele é o meu porto seguro.

—Oi, mamãe!

—Oi, meu amor. —Quero chorar—Já disse que te amo, hoje?

Nando ri, como qualquer criança da idade dele. O elevador para e eu saio com Olaf, ouvindo as tagarelices dele sobre a escola, os coleguinhos. Me sinto livre enquanto entro no carro, quando estamos partindo, não olho para trás, me distraíndo com o riso do meu filho. Só quero esquecer essa segunda manhã mais pavorosa da minha vida.



Nível 3 de Obsessão

Saí sem destino.

Tudo o que quero é poder esquecer esses três últimos dias, achava que essas seriam as férias mais memoráveis e felizes da minha vida, no entanto, acho que vão ficar mesmo só para memoráveis de um jeito depressivo e

apavorante.

Já são dez da noite aqui, passei a tarde toda num táxi, me esquivando da ideia de ter que “ver” Jack Carsson de novo. Andei pelo centro, fui numa biblioteca, comprei livros num shopping, e agora estou aqui, de frente para uma lojinha de artigos bregas, analisando as pessoas entrarem e saírem com sacolas.

Isso é tão eu.

Duda, a deslocada, Duda, a isolada, Duda, a sem amigos para se divertir, a garota que prefere livros, ficar deitada numa cama sozinha e blá, blá, blá!

Mamãe vive falando isso para mim, que devo sair mais, me divertir mais, bem, de que serviram os conselhos dela? Segui eles droga, e olha no que deu? Posso estar grávida de um maníaco agora, ou doente, como poderia acreditar nele? Eu não!

Quero apenas esquecer tudo, Sah já me ligou doze vezes—sim, ela é outra desequilibrada—atrás de mim, não atendi, ignorei as mensagens, e ainda bem que eu não trouxe o Iphone, me recuso a ficar olhando para ele, na realidade, eu me recuso a qualquer coisa que lembre Jack. Estou tentando esquecer ele, e sei que todo esse processo vai demorar.

Eu sou assim com as pessoas, se elas me decepcionam, eu apenas me afasto e tento apagar elas da minha vida, não deixo de ser educada, mas eu as ignoro completamente. Mamãe me chama de extremista e Sah de ignorante, mas, no fundo, sei que não sei lidar com decepção ou coisas do tipo.

Afasto o medo da minha consciência, meu bom senso mandei para casa do caralho mesmo. Suspiro, acho que já está na hora de voltar para o hotel, mas eu não quero voltar, não se isso significar ter que lidar com tudo. Eu nunca fujo de nenhuma situação, mas essa me pôs para correr.

Me ergo, pegando as sacolas da livraria, talvez ainda tenha uns dois mil dólares na minha conta, juntei cada centavo para gastar nesses dias, e é incrível como agora não tenho um pinga de prazer em gastá-los.

Eu mal abaixo para pegar as minhas sacolas—com uns vinte romances que estavam na promoção—quando vejo sapatos reluzentes, suspiro, mais triste que irritada, estou tão cansada disso, ele poderia me dar um tempo?

— Senhorita!

Olaf, como eu te odeio, vai a merda!

Ele está com o rosto sério, parece irritado, mas se tratando de um robô sem

emoções, eu também não julgo, porém, algo dentro de mim queima quando ele estende o Iphone dele, o mesmo de hoje cedo, me sinto tensa, não quero pegar. Os olhos de Olaf faíscam, ele está mais sério, sinto medo.

—Pegue!

É UMA ORDEM?

—Eu não.

— Senhorita, por favor!

Entendo o que ele fala, ele segue ordens do demônio, sinto vontade de jogar as sacolas nele e sair correndo, mas eu nunca faria isso, faria? Ele tem culpa? Me sinto mal, talvez o homem perca seu emprego, deixo as sacolas no chão e pego o celular.

—Onde você está? —soa a voz furiosa do outro lado da linha.

—Eu sai para dar uma volta.

—Por que não levou o celular?

—Esqueci.

Ele sabe que eu estou mentindo, não sobre tudo, mas sobre o celular, não sei o porquê ele está furioso, e não sei o porquê não me espanto com isso.

—Quero te ver.

E eu já sei que não vou poder ver ele, e não sei o porquê eu fico sonhando com negar, antes que eu responda, ele já desligou. Jack é tão bom em dar ordens.

Sigo Olaf em silêncio, também não deixo ele levar as minhas sacolas, estou na defensiva, meus dedos tremem enquanto o sigo, algumas pessoas nos olham e me sinto como uma refém de algum tipo de mafioso russo, ou algo assim.

Evito olhar para ele, não sei se consigo me sentir envergonhada por isso, não é culpa dele, é culpa do Jack Carsson, e minha culpa. É injusto descontar em alguém que é subordinado a algo, eu também tenho um emprego, eu sei como é fazer algo no qual não quero, mas tem que fazer.

Entramos no elevador do shopping, as mulheres desse lugar são lindas, nesse momento, eu me olho no espelho e me pergunto pela milésima vez, o que esse homem viu em mim?

Meus cabelos são horríveis, meus olhos são de um castanho comum, meu nariz nem é tão pequeno e, a minha boca é normal, eu não sou magra, isso é visível e sou bem mais baixa que a maioria das mulheres com a minha idade.

Você dá gostoso!

Meu bom senso retorna, mais felino que nunca, me irrita só de pensar que seja por isso. Será que eu fui boa na cama? Será que isso é o que os homens realmente querem? Uma trepadeira?

Minhas mãos soam enquanto saímos do elevador, Olaf está de olho na bunda de uma loira, mas a mão dele já se enfia no bolso, eu já sei, Jack está no carro, só não faço ideia de onde o carro esteja, procuro com o olhar, mas nada. Uma ponta de irritação me toma de novo, só de pensar que estarei na presença dele novamente, já fico tensa e irritada.

Quando saímos do elevador, Olaf mostra a máscara, não digo nada, fecho os olhos tentando ignorar o fato desse estacionamento estar basicamente lotado e movimentado, ele coloca a máscara de dormir em mim e segura meu braço gentilmente.

Quero ir devagar, mas ele anda mais rápido que eu, só estou tentando prorrogar esse momento, meu receio de ter que lidar com isso, mas enfim, ouço o barulho da porta do carro, e dessa vez consigo entrar sem cair ou bater em nada.

—Fez compras!

A voz dele é presente, com essa ponta familiar de irritação.

—Sim—digo com as sacolas em meu colo, Olaf fecha a porta do carro. —Boa noite, Senhor Carsson.

—Apreciou o passeio? —Ele está bem perto de mim.

—Sim, foi muito agradável. —Tento parecer convincente.

A verdade é que estou triste e cansada, na maioria das vezes, chorei e fiquei o dia todo me martirizando. Eu nunca passei por isso na minha vida, não sei lidar com toda essa coisa.

—O que comprou?

—Livros.

Sei que ele já viu que são livros.

—Nenhuma roupa?

—Não gosto das roupas daqui, são muito coloridas.

Jack passa o braço envolta de mim, me sinto tensa, ele me puxa e beija minha boca de leve, meu coração dispara—contra minha vontade— e sinto vontade de sair correndo, como sempre.

—Pensou sobre nós dois?

—É, acho que sim.

Sobre você, só você ah, me sinto idiota.

—Se acalmou?

—Um pouco. —É verdade.

—Vamos para o meu quarto, podemos jantar. —Ele está de novo determinando tudo. —Quero que durma comigo hoje.

Engulo, sufoco e oprimo, faço isso, constantemente, quando algo me choca.

—Eu não quero dormir, preciso conversar com as minhas amigas.

—Ligue para ela. —Ele beija minha bochecha. —Por favor.

Agora está sendo de novo bipolar, ou talvez, educado demais, mas a educação não interfere quando quer ser arrogante e idiota comigo, não é mesmo?

Não sei por que obedeco, eu sempre obedeco a ele, me sinto tão estúpida, deixo as sacolas no chão do carro, pego a minha bolsa e acho o meu celular dentro, mas percebo que não estou vendo para poder ligar, me sinto idiota.

—Ligue do meu!

—Senhor Carsson, não tem como eu digitar sem ver.

—Eu digito, fale o número.

Falo os números devagar, ele segura minha mão e me entrega o aparelho, está tão perto, que sinto a respiração dele. Ignoro os arrepios no meu pescoço quando ele beija esse canto, arrepios Sah atende.

—Sou eu—digo e escuto um suspiro furioso. —Eu sei, desculpa.

—Vou matar esse cara —Sah resmunga. —Onde você está? Não pode andar sozinha por aí.

—Estava no shopping, agora eu vou para o Hilton. —Eu acho.

—Está com ele! —Sah muda de mãe preocupada para irmã alegre. —Conta tudo.

—Não dá —digo, reprovando isso. —Estou indo para lá, te ligo depois, amo você, beijo.

E desligo, ela, provavelmente, vai me ligar dez vezes seguidas, não vou atender. Estendo o celular para Jack, ele pega.

—Você já jantou?

Não como nada desde o misto, não sinto fome.

—Estou sem fome.

—Comeu?

—Não.

—Nem almoçou?

—Por que essa preocupação?

—Eu não quero que fique sem se alimentar.

Não entendo esse homem. Bipolar!

—Quero te dar algo, acho que vai gostar.

Fico tensa, ele está querendo me dar as coisas, isso não é bom.

—Não sei se posso aceitar.

—Mas vai.

Ele segura minha mão, ignorando o que eu acabei de dizer, em seguida eu sinto um peso frio no meu dedo esquerdo. Um anel! Paraliso e o meu coração fica disparando, um anel!

—Quando chegarmos ao hotel e se trocar, poderá ver. —Ele beija essa mão e meu pulso. —Espero que goste.

Por que me daria um anel? Quero tocar o anel, sentir como ele é, mas me detenho, fico com medo de agir como eu mesma perto dele, o que ele vai pensar? Talvez confunda minha curiosidade com empolgação, eu não quero esse anel, e vou devolver ele, assim como o Iphone.

—Jack, por que me deu um anel?

—Porque eu quero.

Tão simples!

—Dá anéis para as suas amantes?

—Não!

Fico tensa, ele me puxa com facilidade, e me coloca nas pernas dele, isso não é seguro, estamos sem cinto, fico dura, mas sei que é por causa da intimidade.

—Você não é minha amante.

Os pelos da minha nuca ficam ouriçados, me sinto ainda mais travada, ele puxa meu rosto pra baixo e beija meus lábios com suavidade, a boca dele cheira a café —talvez beba com frequência, como eu — um hálito gostoso,

quente.

—Não resista!

—Não precisa ficar repetindo.

Se ele souber que não é resistência, sei que vai rir de mim.

— Então, o que é?

Não quero explicar isso para ele, não mesmo, me inclino e beijo, não acredito que estou fazendo isso, não acredito, não acredito!

Jack segura meu rosto, a palma da mão dele é suave, tão fina, ele me beija de novo. Estou ficando ansiosa enquanto eu tento fazer isso, estou nervosa enquanto ele me beija, ele acelera, meu coração dispara, ele está enfiando a língua na minha boca, me estimulando a beijar ele, me trazendo para todas essas emoções que eu nunca senti na minha vida. Ele sabe beijar e eu não!

Arfo, perdendo o fôlego, tento puxar na minha memória a noite de sábado, não lembro de nada, será que me beija sempre assim? Ele é tão possessivo!

—O que foi? —ele pergunta, os braços me apertando. —Maria, eu sei que não sou o maior exemplo de romantismo, mas poderia ao menos fingir que me tolera?

—Não, eu realmente não fingiria isso. —Nego e abaixo a cabeça. —Eu apenas não sou boa com essas coisas.

—Que coisa?

—Essas coisas que fazemos.

—Não?

—Não!

Sei bem lá, no fundo que ele não acredita, escorrego para o meu canto, procuro o cinto no canto e puxo, ainda estou nervosa, ainda estou tremendo, talvez, conversar seja melhor que beijar, também, ainda—admito—estou tonta com o beijo.

—Sua timidez me cativa —ele diz com certa soberba.

Não respondo, viro a cara para o outro lado, não me importo com mais nada. Vou embora em três dias, só mais três dias e eu estarei livre desse louco, mas, no fundo, me sinto mal de pensar assim a respeito dele. Talvez, ele ache que sou amante dele, e o que para mim é um erro, para ele é algo comum, mas não sei se posso pensar diferente, uma vez que ele age como um maníaco perseguidor, sem falar nessa coisa de encontros às escuras.

—Quanto menos souber sobre mim, melhor, Maria —ele fala, com frieza na voz. —Pelo menos por enquanto.

—Eu não me importo mais, faça o que quiser.

Do nada, sinto que ele puxa meu cabelo, quando percebo, estou sem a máscara, mas não abro os olhos, eu não consigo me mover, ainda estou virada para o lado oposto a ele, Jack pega minha mão e coloca a máscara lá, depois a fecha.

—Sua escolha, então, vire se quiser.

Percebo a importância disso e a raiva dele com o jeito como estou me portando, aperto a máscara na mão, e no fundo, sinto que ele tenta me culpar por isso. Não entendo, por que não posso vê-lo? Por que não podemos ao menos agir como dois adultos normais numa situação como essas?

Resisto à vontade, e é difícil me controlar e decidir rápido. Não abro os olhos, recoloco a fenda no rosto, essa é a minha escolha, porque sei que se fosse diferente, ele me culparia se algo desse errado, e também, eu confesso que tenho medo, agora, eu realmente tenho medo de ver esse homem.

Ficamos em silêncio, não sei se ele permanece bravo, se aprovou o que eu fiz. Tento ignorar esse medo que cresce, eu não sei o porquê aceito isso, ainda estou confusa, preciso pensar com calma. O dia todo tentei fazer isso, mas não funciona, simplesmente não consigo pensar em nada, fico apenas me culpando infinitamente por tudo.

De quem mais poderia ser a culpa?

Ninguém colocou bebida na minha boca, e essa amnésia, provavelmente, é dividido a isso, ele não me forçou a fazer nada. Mesmo eu sendo a pessoa mais prudente e medrosa do mundo, me enfiiei em tudo isso, preciso arrumar uma forma de sair, preciso ser corajosa para dar um basta nessa situação, não posso deixar um estranho aparecer na minha vida e me obrigar a tudo. Eu sou livre, sou maior, e do mesmo jeito como transei com ele, poderia ter transado com qualquer um, isso não faz dele meu dono, faz?

—Chegamos —comunica com a voz baixa. —Quer ir para o seu hotel?

Percebo que sua voz está carregada, talvez de raiva, talvez de frustração.

—Eu prefiro. —Escolho porque é a verdade. —É o melhor.

—Gostaria muito que ficasse comigo—Jack toca minha mão—Por favor.

Abaixo a cabeça, um grande NÃO está na ponta da minha língua, mas então me vejo balançando a cabeça num sim bem devagar, acho que estou

ficando louca, eu estou!

—Ótimo —ele diz, a voz parece controlada demais. —Olaf vai levá-la para a minha suíte, preciso resolver algumas coisas.

—Aqui no hotel?

—É, no restaurante, com alguns sócios.

Fico parada esperando por Olaf, surpresa, ele naturalmente é rico, e isso me deixa travada, eu não gosto disso, na verdade, odeio essa situação, porque eu não combino muito com esse tipo de coisa. Nunca pensei que se um dia fosse ter algum tipo de relacionamento, seria com alguém rico, mentira, pensei, mas isso foi depois de ler livros de romances baratos, depois eu li o Morro dos Ventos Uivantes e vi logo que não combino muito com gente assim.

Jack sai do carro, depois Olaf abre a porta para mim, procuro apoio e a mão dele segura a minha para que eu saia. Eu ainda sinto que dá tempo de desistir, de ir embora, não sei por que fiquei, há pouco queria ir, chego à conclusão que Jack Carsson me deixa assim, ele me confunde muito.

—Boa escolha, Senhorita!

Entendi Olaf, você age como um robô a pilhas, já é programado para obedecer, eu não.

—Obrigada. —Robô. —Pelo menos posso tirar a máscara enquanto vamos para o quarto?

Olaf faz silêncio, depois percebo que ele não entende a minha língua, suspiro, bem cansada na verdade, estou seguindo um segurança de dois metros com cara de mafioso com uma fenda nos olhos no estacionamento do Hilton, isso é tão eu!

Aposto que Sah acharia isso o máximo, algo muito excitante, ela é a garota dos fetiches. Ainda preciso entender o porquê ele me escolheu, com tantas mulheres naquele cassino—mulheres de verdade—, foi logo me querer?

O que eu fiz para ele me perceber? O que eu fiz para chamar sua atenção?

Vaca, você Deu Gostoso, já disse!

Valeu, bom senso das Trevas!

Sei que acabamos de entrar em um elevador, ele começa a subir, mas não para em nenhum andar, saímos dele e Olaf me conduz respeitosamente pelo braço. Desejo tirar a máscara, mas nunca se sabe, e se o Mister “M” aparecer do nada? Ele ficaria furioso!

É difícil entender Jack Carsson, e é difícil me entender agora, preciso pensar com calma em como vou acabar com isso, mas de uma forma que vai fazer com que ele nunca mais me procure, com que me deixe em paz, que pare de agir como se tivéssemos algo.

Ouçó o som de uma porta se abrindo, entramos. Olaf me conduz lentamente e fazemos curvas que me deixam tonta, então paramos, Olaf tira minha máscara—minha máscara, nível possessão—, olho em volta, espantada com o tamanho desse banheiro. Tem uma banheira gigantesca e está cheia, toalhas no batente da banheira, Olaf bate no meu ombro, indica uma caixa grande preta em cima da pedra do lavatório duplo, e depois a máscara que deixa lá, então, sai fechando a porta atrás de si.

Me irritado, suspiro, olho para o meu conjunto composto por um jeans cóis alto e uma blusa mais ou menos, eu não combino com nada disso.

Ele mandou que preparassem um banho para mim, fico olhando para toda a ostensiva banheira, o box duplo e transparente, até os vasos são muito chiques. Me sinto deslocada e ao mesmo tempo quero vasculhar cada centímetro desse banheiro—sabonetinhos—, mas engulo meu entusiasmo. Tiro minha bolsa, coloco-a no batente do lavatório, analisando cada detalhe do meu rosto no espelho.

Tenho 28 anos, porém, não me sinto diferente de uma velha. Meus ombros estão caídos e me sinto exausta só de pensar no que acontecera quando sair desse banheiro.

Devagar, tiro minha camiseta, o sutiã, depois o tênis e a calça, fico observando meu corpo estranho no espelho, e o jeito frio como estou encarando isso agora. Dou as costas para o espelho, tiro a calcinha, então, vou me arrastando para a banheira.

Nunca tive esse luxo na vida, eu nunca estive numa banheira tão grande, ou num hotel tão caro, me sinto medíocre de novo, coisa constante em minha vida. Entro na banheira e é como se meu corpo todo relaxasse com isso, a água está quente e cheira a erva doce, gostei! A espuma é muito cheirosa e agradável.

Três batidas na porta, fico em alerta, meu coração quase sai pela boca, e fico paralisada.

—Sim?

—Sou eu —Jack responde com sotaque arrastado. —Já está com a

máscara?

Sacanagem!

— Não! — Demoro para responder.

— Então, coloque, preciso de um banho!

E a reunião? E os sócios? Foi tão rápido assim? Ou foi eu que demorei com Olaf?

Tenho medo de sair da banheira e me atrapalho com a toalha. Saio, pego a máscara e volto correndo para dentro, coloco a fenda e afundo, dando as costas para porta. A água está coberta por essa espuma cheirosa, ele não vai me ver nua, isso é que não.

— Posso?

— Sim.

Ouçõ a porta sendo aberta, fico tensa, a ideia de estar assim com mais alguém por perto me deixa apavorada, e só de lembrar que há dois dias estive assim com esse homem, me sinto ainda mais tensa.

— Gostou da água? — A voz dele está próxima, mas não muito.

— É— respondo abraçando as minhas pernas. —E a reunião?

— Foi rápida. — Ele está andando pelo banheiro. — Posso entrar?

— Na banheira? — Fico nervosa com a ideia.

— Melhor não, então. — Ele está sorrindo, tenho certeza disso.

Ouçõ o barulho no box e depois o chuveiro, me sinto aliviada. Em seguida, uma música bem conhecida começa a soar no banheiro, ele tem esse habito também? Radiohead!

Suspiro, essa música marcou minha adolescência, adoro ela, de alguma forma traz algumas recordações boas. Eu e Sah na escola, ou como na época que eu inventei de fazer nataçõ, estuprava o replay do meu walkman ouvindo exatamente essa música, fazia eu refletir, mesmo eu não entendendo o significado, ainda não entendo bem, realmente, aprender inglês é algo fundamental na minha vida.

— Tem que andar com o celular — Jack fala, parece mais relaxado. — Não pode ficar por aí sem ele, precisamos nos comunicar, querida.

— Sei—digo, esfregando os meus dedos dos pés, eles estão doloridos, também, passei o dia todo andando.

— É sério. — Sua voz se torna mais firme. — Fiquei preocupado.

—É? Com medo de alguém me embebedar e me levar para um hotel cinco estrelas?

—Não te embebedei.

Percebo que ele se irrita fácil com frequência, e que sua bipolaridade me deixa assim também, resolvo não atçar, eu não sei do que ele é capaz, afinal de contas.

Esfrego minhas canelas, espantando o cansaço, tentando ficar o mais natural possível, estou cansada, realmente, passar o dia todo andando para cima e para baixo em shoppings ou pela cidade, foi bem cansativo.

—Você fica bem com o cabelo solto!

Toco as pontas dos cachos, puxo eles para baixo, completamente sem graça, eu odeio meus cabelos. São volumosos e secos demais, uma cor sem vida, nada parecido com Sah ou metade das minhas colegas da faculdade.

—Não vejo nada de especial em mim, você deve ser bonito.

—Por que acha isso?

—Sua boca é bonita!

É a verdade!

—Isso importa?

—Na verdade, eu não estou numa posição de escolha —confesso, toco meus joelhos. —Acho que eu não sou muito do tipo que ficaria com alguém pela aparência.

—Gosta de homens inteligentes? —Tem um tom de arrogância na voz dele agora.

—Claro, por que ficaria com alguém pela beleza? Um dia a pessoa ficará velha, a beleza vai embora, isso é muito fútil —respondo não gosto da ideia de mentir para ninguém, não sobre esse tipo de coisa.

—O pai do seu filho, ele é bonito?

Isso é importante para ele!

—Bem, dizem que ele é bonito. —Lembro do Jorge e sinto calafrio, para mim ele se tornou tão feio por dentro e por fora, ou sempre foi?

—Mas o que você acha? —Jack desliga o chuveiro.

—Não acho ele bonito—admito. —Ele é muito arrogante.

—Ele tem dinheiro?

—Acho que já percebeu que eu não me hospedo no Hilton todas as vezes

que viajo.

—Não ficaria com alguém por dinheiro também.

—Acho que não combino muito com esse tipo de coisa.

—Então, o que te motivaria a ficar com alguém?

—Eu não sei, talvez a personalidade da pessoa.

—Sou explosivo.

—Eu já percebi.

Fico parada, tentando lembrar de algo que me motive a falar mais, no entanto, estou desconfortável com a situação, e estou em desvantagem, porque ao que me parece—e é—, Jack sempre se sai bem em situações assim, ele sabe como forçar as pessoas a fazerem exatamente o que ele quer, pelo menos admite que tem uma personalidade difícil, ele sai do box.

—Não sou bom, na verdade, eu não presto, sou bem sincero quanto as chances de isso dar certo. —Ele está andando no banheiro. —Mas, por que não judiar um pouco mais de você?

Isso é sombrio, sinto calafrios, a voz dele é abafada e seria, mas de um jeito assustador.

—Você é ingênua—ele fala com desdém. —Não a culpo por ter caído na minha lábia.

—Não o culpo por ter ficado bêbada e transado a noite toda com você —desabafo e tenho de novo a sensação que ele está sorrindo, deve estar. —Isso não é engraçado, Senhor Carsson.

—É engraçado. —A voz dele se aproxima, me encolho. —Quer ajuda para sair da banheira?

—Eu quero ficar um pouco mais aqui. —Não tenho a mínima noção de como vou sair sem enxergar nada.

—Te espero no quarto, vista o que eu comprei para você!

—Não vamos fazer sexo!

Jack dá uma risadinha, uma risadinha cínica e maldosa, ouço o barulho da porta se fechando. Quando escuto o silêncio absoluto, tiro a máscara, olho em volta e noto como estou aliviada. Afundo na banheira, a tensão vai abandonando meu corpo, e aos poucos sinto que uma dor de cabeça começa a me ameaçar.

Me demoro na banheira, a quem estou tentando enganar? Sei que se eu não

sair, ele vai vir atrás de mim, me atazanar, ele mesmo admitiu que gosta de me infernizar. Quando saio, percebo que minhas mãos estão enrugadas e os meus pés, me sinto infantil, preciso aprender a lidar com essa situação. Me envolvo na toalha rápido, e pego a fenda que deixei na pedra da banheira, vou devagar olhando para caixa-preta.

É grande e sem emblema, abro me perguntando por que faço isso, depois pego as alcinhas da camisola verde-esmeralda comprida, é seda pura, acho que já vi algo assim numa prateleira de uma loja da qual nunca me atrevi a colocar os pés no Rio, abraço o tecido, é tão macio e cheira a amaciante de bebe, com certeza foi lavado.

—Maria. —Jack chama do outro lado da porta. —Nosso jantar.

—Já estou indo.

Sei que ele não vai entrar, e percebo que isso talvez seja uma vantagem, será que tem medo que eu o veja? Ou será que tem algum fetiche louco por isso? Procuro entre minhas roupas meu conjunto de roupas íntimas—que não é grande coisa—, mas não encontro, meu coração dispara com a hipótese desse maníaco ter pego. Ele pegou!

Por que pegou minha calcinha e sutiã sem graça? Será que quer se divertir as minhas custas?

—Maria!

—Eu já disse que estou indo.

Coloco a camisola mesmo assim, me sinto gorda nela, como em metade das coisas que uso, mas confesso que ela é muito bonita e delicada. Consigo pentear meus cabelos tão rápido, que me assusto, deixo eles de lado. Minhas mãos soam um pouco, vou para o rumo da porta levando a máscara de dormir, coloco ela antes de pegar a maçaneta, não sei por que estou nervosa, isso nem é um encontro.

Giro a maçaneta devagar, recuo um passo abrindo a porta, sei que ele está me olhando, sinto isso, é estranho, nunca me senti observada por ninguém.

—Ficou perfeito em você.

Quero revirar os olhos.

—Vou te alimentar bem, querida. —Jack deposita as duas mãos nos meus ombros, sinto arrepios. —Você se importa de comer algo mais leve?

—Por mim tudo bem.

Talvez eu precise colaborar mais, encontrar a hora certa para colocar um

fim nisso, busco mentalmente por paciência com a situação, sou boa em ter paciência com tudo na minha vida. Não sou ansiosa, mesmo confessando de três dias para cá que eu estou assim, dando nos nervos por causa desse homem, mas num geral, eu sou até boa em sair de situações.

As mãos dele deslizam suavemente pelos meus braços, sinto sua aproximação, não consigo me mover, a mão suave ergue meu rosto pelo queixo, sinto a pressão dos lábios dele nos meus, mas num beijo apenas muito rápido.

—Vamos, você gostou do anel?

Eu estava tão preocupada com tudo, que nem prestei atenção nesse detalhe, toco o anel com o polegar me certificando que ainda está aqui, eu não vi o anel, como eu não vi?

—É bonito —minto, com cuidado.

—Que bom que gostou, minha irmã escolheu.

—Disse que daria a uma das suas amantes?

—Não fico dando satisfação da minha vida para minha irmã de dezoito anos, Maria.

Coro e não sei por que fico com vergonha, ele segura a minha mão, me conduzindo e damos voltas de novo. Me sinto novamente meio zonza, é péssimo não enxergar o caminho, não ter a noção de onde se está, com quem está.

—E, eu já disse que não é minha amante, querida. —Ele me segura pelos ombros novamente e os pressiona devagar para que eu me sente. —Nossa cama.

Nossa, até parece.

—Gosta de alface?

—Eu como qualquer coisa.

Ele anda pelo quarto, fico esperando, me sentindo ansiosa com isso também. Preciso escolher as palavras certas, o instante certo para ter essa conversa, explicar para Jack porque não posso continuar com isso—seja lá o que for—e, para dizer que tudo foi um grande erro, ele se senta ao meu lado.

—Abra a boca!

Obedeço, e ele enfia uma garfada de alface na minha boca, tem sabor de limão com algo doce, não é só alface, tem tomate e uva? Uva!

—Gosta da sua vida no Brasil? —Ele está muito perto. —Se importa se eu comer com você?

—É normal. —Sinto a ponta do garfo nos lábios, abro a boca e como outra garfada, confesso que essa salada está ótima, nunca comi algo tão fresco ou gostoso, quanto essa alface com essas frutas.

—Eu morei no Brasil um tempo. —Jack começa a mastigar.

—Por isso fala bem o português. —Concluo.

—É, e também porque o meu tio não queria que eu crescesse sem aprender o idioma, meu pai era brasileiro.

Nenhum americano falaria assim, mesmo que torto, nem entenderia tão bem meu idioma.

—Mas meu pai mudou para a América muito pequeno, cresceu falando os dois idiomas.

—Entendo.

—Meu tio pagou aulas com um professor brasileiro por anos.

—Ah, entendo.

—Gosto do seu sotaque.

Ninguém nunca me disse isso, e eu também não sei por que quero rir, não é o meu ponto mais forte, eu falo normalmente.

—Acho atraente —ele fala de um jeito bem arrastado agora. —Você ainda está brava por hoje cedo?

—Na verdade, eu tenho que pensar em tudo —digo com cuidado. —Tudo isso foi muito rápido.

—Fala sobre não ter que me ver? Acredite, não vai querer me ver.

Sinto um calafrio na espinha, ele fala assim com tanta amargura, não sei por que, mas me lembro de Quazíndromo, de O corcunda de Notre Dame...

—Por que? —pergunto devagar.

—Eu não quero falar disso.

—Mas se eu te vi e não senti medo.

—Não provoco medo nas pessoas, Maria, eu sou perfeitamente normal.

Não entendo!

—Então.

—Apenas não gosto que me vejam, sou complicado.

Não é pela aparência dele, mas ele tem medo que eu o veja, por que?

—Podemos fazer amor hoje?

Fazer amor? Sufoco, oprimo, engasgo, tudo ao mesmo tempo.

—Estou brincando. —Ele solta e dá uma risada malvada.

Nossa, meu coração veio na garganta e voltou.

—É sempre assim com as suas namoradas?

—Já me fez essa pergunta, e eu já disse que não, isso depende muito da pessoa com quem eu saio.

—É como um jogo?

—Não, é como algo que eu prefiro, às vezes.

—Isso te excita?

—Não da forma como você pensa, eu apenas não quero que me veja.

—Por que?

—Talvez se apaixone pela minha beleza e, eu não quero isso.

Isso soou muito sincero, mas bem convencido, eu rio, contrariada e ao mesmo tempo tão debochada com o comentário, que me surpreendo, ele é o que? Um Tom Cruise da vida? Eu não sou dessas que se enganam pelas aparências das pessoas, nunca me apaixonaria por um cara só por um rostinho bonito.

—Gosto quando sorri. —Jack toca minha face com cuidado. —Você não acredita, não é?

—Que seja bonito, sim, mas que seja ao ponto de alguém se apaixonar por você apenas por isso, não. —Ainda estou rindo, ele passa o polegar nos meus lábios, fico constrangida.

—Algumas pessoas já se apaixonaram pela minha aparência. —Jack soltou meu rosto e voltou a me dar comida. —E, não foi tão agradável quanto eu imaginei.

—Também se apaixonou pela aparência delas?

—Na verdade, eu não busco o amor de ninguém, e você?

—Não me imagino casando, nem nada, estou velha demais para essas coisas. —Dou de ombros, mastigando e como mais uma garfada da salada.

—Velha? —repete meio admirado.

— Faço 29 esse ano e completo 30 no ano que vem, não sou tão jovem,

homens preferem garotas novas.

—Confesso que preferia, mas nunca parei para pensar direito sobre isso.

—Entendo, acho que já estou satisfeita, obrigada.

—Você mal comeu. —Ele beija minha bochecha com uma intimidade fora do comum. —Coma mais um pouco.

—Estou meio sem fome.

Jack suspira, irritado, coloca um copo na minha boca, água, menos-mal, se fosse bebida, nem passaria perto. Ele levanta e começa a andar pelo quarto, fico parada esperando que volte, escuto o barulho da porta e os passos dele se aproximam, por que sempre que ele se aproxima, meu coração acelera assim? Porque nunca sei do que ele realmente vai fazer.

—Vem!

Ele empurra meus ombros de um jeito muito gentil para trás, eu vou me arrastando, sem ter um pinga de noção de como estou na cama, apalpo o colchão macio e deito conduzida por ele. Tenho a impressão que estou torta, mas não me movo, bem, preciso começar agora. Vou contar a até três, sempre funciona, um... dois... dois e meio...

—Gosto do seu cheiro —Jack fala e se deita em cima de mim.

Ele é muito pesado, fico imóvel, mal consigo respirar, ele está sem camisa, posso sentir o calor da pele dele na minha, ele é quente. Fico toda arrepiada, imóvel, sufocando com essa nova sensação no meu corpo, droga, não deveria ter contado dois e meio.

—Pode me abraçar, se quiser. —A boca dele está bem próxima da minha, sinto o hálito quente. —Eu não mordo, Maria.

—Aham—concordo, seco as mãos na colcha macia, então, ergo meus braços e passo em volta dele. —Assim?

—Não como um robô. —Ele está com os lábios a centímetros dos meus, posso sentir sua respiração agora, lenta e pesada. —Obrigado por ter ficado.

—Sem problema. —Bipolar.

Ele começa a me beijar de novo e me sinto com o estômago revirando outra vez, essa possessividade e agressividade dele, me deixam perturbada. Me beija com tanta força, que machuca a minha boca, não sei como fazer isso, mas se soubesse, com certeza não seria assim.

—Não resista! —ordenou. —Por favor.

—Você é muito agressivo —confesso, sem folego. —E, está me deixando sem ar.

—Ah. —Ele sai de cima de mim e fica de lado, me puxa para perto dele, respiro fundo. —Assim é melhor?

—Sim —digo aliviada. —Por que é tão pesado? Nem parece gordo.

—Eu sou alto. —Ele ri de novo. —Tenho 1,87 de altura.

Poxa!

—E você, tipo, faz exercício?

—Faço, eu disse isso quando nos conhecemos.

—Ah é, desculpe.

É que quando ele está assim, bem próximo, eu não consigo pensar direito, eu tento, mas não consigo.

—Você é muito bonita, Maria —ele fala e toca toda minha face com carinho, desliza a mão para o meu pescoço e acaricia minha nuca com cuidado, isso é tão bom. —Em dois meses, tudo vai ficar bem.

—Dois meses? —repito confusa. —Está sugerindo que fiquemos juntos dois meses? Eu estou de férias!

—Posso ir te visitar no Brasil. —Sua voz é calma agora. —Eu vou.

Engulo e só sufoco, nem sei como engasgar com essa notícia, eu não sei como falar que não quero isso, e o pior, eu não faço a mínima ideia de como começar a entrar no assunto, tenho medo da reação dele.

—Posso conhecer o seu filho até lá. —A voz se tornou mais profunda. —Me beije.

—Te beijar? —repito feito um papagaio desafinado, fico apavorada.

—Disse que sou possessivo, então, me mostre como gosta de ser beijada.

Eu não tenho um jeito de ser beijada, eu não quero que conheça o Nando, e eu não quero que fique me visitando no Brasil.

—Me beije.

É uma ordem!

Nossos rostos estão muito próximos e eu travo por alguns instantes, meu cérebro costuma funcionar bem sob pressão, mas com esse homem..., eu admito que nada em mim funciona quando ele está por perto.

—Me beije, Maria!

—Espera, eu preciso pensar se isso é o melhor para mim.

—É o melhor. —Ele pega minha mão e beija de leve. —É muito simples, você é minha e, pronto.

Só não consigo me imaginar sendo de alguém nessa situação, sonhei tanto com momentos assim, mas de um jeito diferente, talvez com alguém normal, como eu. Alguém que fosse ter um significado especial na minha vida, nem precisava ser um príncipe num cavalo, mas também não precisava ser o próprio cavalo. Ele toma folego, sei que vai ordenar de novo, me irrita e pronto, beijo ele.

—Pronto. —Me afasto depois do selinho.

—Isso não foi beijo —Jack reclama com sorriso na voz. —De novo.

Suspiro, minha mão está tremendo, mas consigo tocar o rosto dele, não sei como posso falar isso, não quero falar.

—Maria.

—Eu nunca beijei ninguém na minha vida —falo de uma vez.

—Nunca? —Jack soa tão incrédulo, que me envergonho.

—Só você. —Isso é muito complicado, levanto, ah, não preciso contar a minha vida inteira para um estranho.

—Volta aqui. —Jack me segura pelo pulso. —Disse que tem um filho.

—Ele não me beijou no momento em que estava fazendo —explico e quero cobrir o rosto, pelo menos, não estou olhando para ele.

—Não? E quanto a outros namorados?

—Que namorados, Jack? Eu nunca tive namorados. —Me solto da mão firme, sem saber se estou exatamente de costas para ele. —Isso já foi bem longe.

—Não foi. —Ele fica atrás de mim, depois cheira a curva do meu pescoço muito devagar. —Venha para nossa cama.

Sinto arrepios bons se espalharem pelo meu corpo, Jack afasta o meu cabelo para o lado e puxa as alcinhas da camisola para baixo, fico imóvel, meus braços caídos sob o meu colo, eu não consigo me mover. A boca dele está deixando beijos quentes nas minhas costas, ele acaricia meus braços, puxando as alcinhas até meus cotovelos, abaixo a cabeça, mais arrepios, mal consigo me mover, meus braços estão moles.

—Sua pele é divina. —Ele cheira minhas costas, as mãos pousando em

meus ombros.

—Você está me vendo nua —replico e puxo a camisola para cima.

Ele não responde, arrumo as alcinhas no lugar, sou puxada de novo, Jack deita atrás de mim e me abraça pela cintura, me encolho, ok, vou deixar o terceiro maior momento mais constrangedor da minha vida para essa situação.

—Viajo para o Egito amanhã cedo, e só retorno em cinco dias — comunica. —Nós nos veremos no Brasil, em breve.

Não acredito nele, prefiro não pensar nisso, já estou bem cansada para ser sincera, ele me beija no pescoço e isso se espalha pelo meu corpo como se me ascendesse toda. Todo o meu corpo está cheio de arrepio, mas estou tão cansada, que deixo tudo isso para trás, me entrego ao sono, prefiro ter pesadelos apenas no mundo dos sonhos, esse pesadelo real já tinha me tirado o sossego demais por hoje, amanhã vou dar um final para essa história, um final que soará mais como um feliz para sempre para mim.



Escuto uma risada alta, o barulho de taças e vultos andam para todos os lados, o som de uma máquina caça-níqueis, estou diante de uma dessas máquinas festejando, enquanto pego as fichinhas que caem. Ouço uma voz macia e agradável atrás de mim, ergo o olhar, então, acordo, assustada, e irritada comigo mesmo, cheguei tão perto de ver!

Toco minha cabeça, ela dói, e de novo me sinto tonta, deve ser por causa dessa coisa na minha cara, sinto uma mão suave nas minhas costas, e depois sei que ele está bem aqui, apalpo a coberta fofa, sou puxada de volta para cama, para os braços desse homem que me atormenta até nos meus sonhos, é o meu primeiro sonho, minha primeira recordação da noite de sábado, ao mesmo tempo que estou tentando lembrar, sinto um bloqueio enorme na minha mente.

—Durma.

—Estou com dor.

—Dor? —Jack repete sonolento. —Dor! Onde?

—De cabeça —digo com impaciência.

—Espere que vou providenciar um remédio, sempre ando com remédios na minha bolsa.

Ele sai da cama, me pergunto de novo, por que estou me submetendo a isso? Quero ligar para Sah, chorar, e ficar bem longe dele, quero dar um basta nessa situação, mas não sei como.

Ai, outra pontada!

Acho que foi por que eu não comi direito, ou ainda a consequência da bebedeira de sábado, sou fraca com bebida, não tem jeito. Toco minhas têmporas, ouço os passos dele pelo quarto, estou começando a reconhecer os passos dele, que ótimo, isso vai me servir de tanta coisa quando sumir da minha vida.

—Aqui!

Tenho a impressão que a voz dele é preocupada, ele ergue meu rosto e me dá uma água que tem gosto amargoso, bebo quase a força, mas bebo tudo, tem gosto de dipirona, porém, mais forte.

—Vai ficar bem. —Ele garante e volta para debaixo dos cobertores. —Vem.

E eu tenho escolha?

—Isso está te apertando? —Toca a máscara, depois tira ela do nada do meu rosto. —Agora está melhor?

—Sim, obrigada.

Eu nem consigo abrir os olhos, mais presa ao medo que tudo, mas sei que o quarto está completamente escuro, ele me abraça, e a quentura do corpo me envolve. Nunca fui abraçada por um homem na vida e eu também nunca dormi de conchinha com ninguém—a Sah não conta—, me sinto estranhamente confortável.

—Não é saudável dormir com os cabelos úmidos. —Jack desliza a mão pela minha cintura e toca minha barriga. —Por que não secou seus cabelos?

—Não pensei nisso. —É um hábito que eu sempre mantenho, nem sabia disso.

—Hum. —Ele está sonolento, beija meu ombro. —Durma, querida.

—Eu não consigo —respondo.

—Por que? —Jack me aperta. —Durma, agora!

Sinto vontade de rir, ele acha que pode controlar as necessidades fisiológicas das pessoas, coitado!

—O que quer para dormir?

—Por que se importa? Estou em silêncio!

—Você fica tensa e dura quando está acordada.

—Quer que eu saia da cama?

—Quero que durma.

—Eu estou com dor de cabeça.

—Por que?

—Por que existe um ser chamado Deus, que permite que eu sinta.

Estou tão irritada, Jack ri, e isso me deixa ainda mais furiosa, minha cabeça dói.

—Hum. —Ele me aperta de novo e me vira para ele. —Vem cá, você precisa de um beijo para ficar calma.

Não preciso de droga de beijo, nem de nada, fico parada, Jack parece se divertir a cada segundo com a minha irritação. Ele me beija e percebo que realmente não se importa com isso, juraria que ele está me ignorando para que eu fique ainda mais irritada.

O beijo é lento, calmo, ele está bastante relaxado, com o braço em volta de mim, os lábios dele se movem e enfia a língua quente e úmida na minha boca, meu coração dispara, e ele me aperta ainda mais.

—Apenas mova a boca com a minha, como fez no carro hoje.

—E se eu te morder?

—Não vai.

Suspiro, tenho medo disso, fico insegura, mas obedeço—droga ainda obedeço—Minha boca se move devagar e percebo que tenho mais medo disso do que de qualquer outra coisa na minha vida, me sinto como quando tentei andar de moto uma vez, um frio na barriga e aquela sensação de como se fosse bater ou destruir algo, num geral não sou insegura—não tanto—, mas enfim, preciso mesmo fazer isso?

Me afasto, com essa sensação de que estou fazendo algo muito errado—e esquisito—, mas ele me prende e a boca dele avança, de novo ele está enfiando a língua na minha boca. Jack tenta me estimular, ele quer mesmo que eu o corresponda!

Suspiro infinitamente, minha mão segura o pescoço dele e sinto os cabelos finos na ponta dos meus dedos, ele tem cabelos compridos..., pelo menos,

mais compridos que o normal, ele se afasta, devagar, meus lábios estão completamente úmidos pelo beijo, quentes.

—Agora já está mais calma. —A mão dele toca minhas costas. —Não está?

—Sim. —Mas ainda estou com dor de cabeça.

—Gosto quando me toca aí.

Já toquei ele várias vezes na nuca? Ele suspira, meus dedos deslizam lentamente nos cabelos da nuca e os lábios dele estão nos meus novamente. Continuo a acariciar a nuca dele devagar, são lisinhos, finos, os lábios dele invadem minha boca de forma tão calma, que sinto arrepios. Salivo, então, me afasto, porque percebo que não quero isso —mesmo fazendo —, não quero parecer que gosto, eu gosto?

—Não adianta resistir, querida —ele sussurra e me abraça colando nossos corpos. —Você quer.

—Não quero —digo, minha voz está tão fraca.

—Quer—afirma, e puxa me rosto para cima com a mão grande. —Apenas precisa se acostumar comigo.

—Por que faria isso?

—Por que não?

—Não pertencemos ao mesmo mundo, nem ao mesmo país, e pelo que entendi, você não quer que eu o veja.

—Isso é importante para você?

Eu não sei, não estou acostumada com isso, droga!

—Bom, eu nunca saí com alguém às escuras.

—É o meu jeito, gostaria que respeitasse.

—Não entendo.

—O meu jeito?

—É, é complicado.

—Tudo o que é diferente, assusta as pessoas.

É verdade e fico espantada com essa comparação, ele mesmo se define como diferente, mas não tinha parado para pensar que isso pareceria um tipo de limitação, será que é alguma doença, como toque? Ou algum tipo de fobia? Existe alguma doença para isso?

Existe! Como se chama... Esco... Escopo...

—Você tem Escopofobia? —Solto, irritada por ter demorado em encontrar a palavra.

Jack fica em silêncio e começa a me apertar, mas apenas de leve e ficamos assim, em silêncio por alguns minutos. Uma ansiedade grita dentro de mim, eu lembro do significado dessa doença por causa de um estudo de caso que fiz há um tempo, era a história de um homem que processou o outro após ter fotos suas divulgadas num site de jornalismo, ele alegava que tinha essa doença, foi um inferno ter que achar uma boa desculpa para eu, como advogada, ganhar o caso, acabei com um mísero sete, mas foi bom, dentro do possível.

—Isso seria um problema para você?

Eu não sei, no entanto, sei que tenho que ficar chocada de alguma forma, ele está admitindo que tem uma dessas fobias doidas e esquisitas que podem destruir a vida social e familiar de qualquer pessoa, mas afasto a sensação de medo. Primeiro, eu não quero nenhum tipo de relacionamento, segundo eu não quero me envolver com ele, e terceiro, eu realmente não sei como vou fazer isso, mas se fosse para ter escolhido, com certeza escolheria alguém normal, dentro do possível.

Sua vaca preconceituosa.

—Não sei, mas você é muito rude, poderia ter dito desde o começo.

—Acharia ridículo.

—Por que?

—Todos acham.

—Todos?

—Sim.

—Eu não me chamo todos.

Ele não responde, eu não sei por que estamos tendo essa conversa, mas sinto que é o primeiro passo para resolvermos essa questão, talvez, se eu convencer ele de que tudo isso foi um engano, ou um erro, ele perceba que a noite de sábado não tem que ser levada adiante.

—Não sou bom em dar explicações, sempre fui muito independente. —Toca minha face. —Você se importa se eu for?

—Isso significaria que eu nunca poderia saber quem é você?

—Talvez por um tempo, até eu perder o medo.

Não sei por que faço essa pergunta, se não pretendo ficar com ele, mas sei que o meu senso de curiosidade só cresce e cresce, quanto mais conheço esse homem, mais fico intrigada.

—É assim com as outras pessoas?

—Alguns, sim. Outras não.

—Estranhos?

—Não, apenas pessoas do meu convívio.

—Por que?

—Eu não sei, é mais fácil quando não sabem que eu sou assim, quando são pessoas que conheço, elas frequentemente ficam me observando, elas se questionam por que eu sou isolado.

—Você é?

—Sim, eu não gosto de convívio social.

—Você disse que é uma pessoa pública.

—Sim, mas ninguém sabe quem eu sou.

—Como, 007?

Jack ri, me sinto idiota de novo!

—Mais ou menos, eu apenas evito algumas coisas, sou muito recluso.

—Você é muito jovem para isso, não acha?

—Preciso rever os meus conceitos?

—Talvez precise de um psicólogo.

—Já tenho uma, agora durma.

Bocejo e percebo que a dor diminuiu, essa conversa me distraiu bastante. Me encolho, o braço me aperta, e fico quieta, esperando o sono de novo. Demora um pouco, mas vem, espero que consiga ver algo a mais nesse novo sonho, ao menos o rosto desse homem, me sinto mais calma, confesso, mas também ainda com o meu pé direito—que nunca sai do lugar—atrás, quanto a isso. O cara com quem eu dormi há três dias, tem medo de ser observado, ele é diferente de todas as pessoas que já conheci na minha vida, e estou, confortavelmente, relaxada entre os braços dele. Tão acomodada, que consigo dormir, pela primeira vez em dez anos, estou me sentindo aquecida e bem. Antes que o sono me tome, sinto seus dedos se entrelaçando nos meus, ele beija meu olho direito, depois o esquerdo, não precisava disso, precisava? Então, durmo, deixando a bronca para um outro momento.



A Máscara

Um homem usa uma máscara e de repente ele a tira, grito com a imagem do rosto deformado, então, acordo, me ergo de repente, desnorteada, estranho a claridade, mas não consigo abrir os olhos, sinto medo, estou chorando.

Demoro um pouco até conseguir me mover, apalpo a cama em busca da máscara de dormir, alguns segundos depois escuto passos apressados, já sei quem é, seco as faces rápido, esse foi o pesadelo mais estranho da minha vida.

—Minha máscara, onde está?

—O que foi?

Sua voz está mais próxima, e eu estranho o fato de que ele pareça sempre tão preocupado comigo, sinto um cheiro bom de sabonete, Jack segura minha mão e percebo que a dele está molhada. Ele estava no banho.

—Você está chorando?

Acho que ele pergunta só para ter certeza, claro que ele sabe que sim, que pergunta mais idiota.

—Não foi nada. —Consigo responder, o choro preso na minha garganta,

ainda aterrorizada por esse sonho. —Onde está a minha máscara?

—Não está com ela! —exclama meio baixo.

—Não, eu estou com os olhos fechados, não consigo achar.

Me estico na cama procurando a máscara, não sei por que não abro os olhos e não acabo logo com isso, me sinto tão boba, tão idiota em concordar com isso, apalpo os cobertores. É difícil achar algo nas cegas, mesmo com a claridade do quarto, eu sei que não posso abrir os olhos.

Minhas mãos tremem, meu coração está disparado, sinto esse medo estranho, é isso, tenho medo de ver Jack Carsson.

—Você não está bem. —Sua voz está impaciente. —Por que está chorando?

—Foi apenas um sonho ruim. —Me estico na cama, ela é enorme, enfio as mãos debaixo dos travesseiros, achei!

Coloco tão rápido, que até me assusto, e não faço ideia do porquê fico aliviada com isso, de novo, de volta a escuridão.

—Eu já volto, fique aí!

Os passos se afastam, seco minhas faces, não tenho pesadelos assim há um bom tempo. Os últimos pesadelos que tive, me renderam anos de terapia com uma psicóloga que eu nem lembro o nome, era horrível descrevê-los, claro que esse pesadelo nem chega aos pés daqueles, mas me faz lembrar daquele momento ruim que eu sempre tento apagar da minha memória, sinto arrepios só de pensar.

Toco minha nuca e os meus ombros, sentindo a tensão. Estive tensa durante o sono, isso acontece sempre em véspera de prova, ou quando estou sob grande estresse. Acho que já cheguei ao meu limite com toda essa coisa, eu não quero mais prorrogar nada, eu não quero mais ter que saber lidar com Jack, ele é complicado, é difícil e, ele quer me forçar a aceitar algo que eu não quero.

—Pedi o nosso café. —Ele entra no quarto, a voz parece bem-humorada. —Eu cancelei a viagem.

Sufoco, oprimo e fico paralisada, tentando engolir a notícia, ele se senta diante de mim, as mãos seguram minha cabeça de forma que os polegares estão nas minhas bochechas, de um jeito impulsivo coloco as mãos sobre as dele, quero tirar as mãos dele de mim, não quero que me toque mais, porém, sou de novo pega por essa sensação de imobilidade, não consigo.

—Estou nas suas mãos hoje. —Ele se inclina e me beija de leve, a boca quente e úmida. —Pode me levar para onde quiser.

—Acho que não vou conseguir sem enxergar —replico e tomo coragem. —Jack, precisamos conversar.

—Eu comecei com o pé esquerdo, eu sei, mas vou mudar essa primeira péssima impressão —interrompe ele. —Por favor, não resista, eu não vou desistir de você.

—Por que insiste nisso? —Não estou irritada, na verdade, estou bem surpresa com essa atitude dele.

—Eu quero. —As mãos dele deslizam até os meus ombros. —Você está tensa, precisa de uma massagem.

—Eu estou bem. —Abaixo a cabeça. —E se eu não quiser ser sua amante?

—Em algum momento precisará ser minha amante, eu espero, não vejo problema nisso. —A voz fica séria. —Eu não sou muito de ficar fazendo sexo com qualquer uma.

Fico aliviada, e ao mesmo tempo curiosa, o que isso significa? Que ele não faz sexo com frequência, ou que eu não sou uma completa vadia?

—Eu sou muito meticoloso quando se trata de escolher as minhas namoradas.

—E sempre é assim?

—Não, já disse, você se esquece muito fácil.

—É que quando você fica muito perto, eu não consigo pensar direito.

—Sente medo?

—Fico nervosa, isso é estranho.

—É por que você gosta de mim?

Engulo, sinto como se cada nervo do meu corpo ficasse rígido, eu não gosto dele, gosto? Só por que me sinto assim perto dele não significa que eu gosto dele, até ontem eu ainda odiava ele por me obrigar a passar por isso certo?

—Maria, eu sei que sou intimidador, e todo o resto, mas é o meu jeito.

—Também tem medo de ser observado.

—Você não tem medo de nada?

—Tenho medo disso que está acontecendo —admito, ele respira fundo, e sinto que fui rude, até ontem, não me importaria, mas até ontem, antes da

nossa conversa civilizada, eu também não sabia da limitação dele. —É algum trauma de infância?

—Podemos não falar disso? —Pede, mas ainda está calmo, a voz gentil.

—Está bem, sem problemas — digo, porque sei que estou interessada demais e não gosto disso, não preciso, nem tenho que me interessar por ele, ou qualquer coisa a respeito dele.

—Vou me vestir, não saia daí.

—Não posso me vestir também?

—Tenho planos para o nosso dia.

Nosso dia! Já pode comemorar?

Um sorriso amargo brota nos meus lábios, Jack levanta e se afasta, fico parada esperando que volte, o que posso fazer? Toco a máscara de dormir, o rosto do monstro deformado invade minha mente e estremeço, toquei o rosto dele, não parecia deformado e, ele disse que é bonito, não sei por que desse medo idiota.

Ouços passos, sapatos, não são os passos de Jack, estou ficando boa nisso —Expert em passos—, prendo até a respiração. Escuto o som de uma porta sendo aberta, não sei em que sentido, mas uma porta desse quarto. Quero me cobrir, quero sumir, os passos param, sei que tem mais alguém nesse quarto, ou prestes a entrar nele, meu estomago revira.

—Oi.

É uma voz de mulher!

Não consigo respirar, meu coração dispara e é como se me dessem um soco no estomago, algo está bem errado, ouço os passos de Jack, bem apressados agora.

—Júlia, o que faz aqui?

—Queria conhecê-la.

—Eu disse para não vir.

Algo começa a girar, e girar, e essa sensação faz com que eu perca os sentidos por alguns instantes, quando volto, sei que estou ainda na cama, Jack me sacode pelos ombros, repete meu nome umas vezes seguidas.

—Oi—digo ainda com essa sensação de tontura.

—Você está bem? —A voz dele está controlada, mas não esconde um tipo de irritação ou coisa assim.

—Sim. —Me ergo.

É pior quando não se pode ver, quando se enxerga você tem um ponto de apoio, algo no que focar e se equilibra, com os olhos fechados a sensação é pior, você não consegue nem ter a noção de nada, só consegue se sentir infinitamente tonta, prestes a cair em algum tipo de abismo, essas coisas que nunca aconteceram comigo.

Ele me segura pelos cotovelos e isso me passa um pouco de segurança, respiro fundo, minha consciência vai voltando aos poucos, estou soando e ainda tenho a terrível sensação de que não estamos sós.

—Oi, Maria.

Ela repete assim, com a voz muito doce e infantil, e eu me sinto travada de novo, não acredito que estou me submetendo a isso, quem será essa mulher?

—É a minha irmã mais nova. —Jack fala com irritação. —Ela queria muito te conhecer.

—Ah. —Isso é normal? Será que a irmã é como o outro irmão, que acha essa coisa toda normal?

—Muito prazer —diz ela em português muito forçado. —Eu sou Júlia.

—Maria. —Consigo falar, mas é só.

Fico parada, pensando em tudo isso, encolho os pés, quero correr, por que eu, Deus? Por que com tantas mulheres no mundo, ele tinha logo que me escolher?

—Não precisa ter vergonha. —Júlia está bem perto. —Todos nós sabemos das... limitações do nosso irmão.

—Você não deveria estar na faculdade? —Ele segura minha mão, e de repente me puxa, faz com que me sente em seu colo.

Júlia começa a falar inglês, respiro fundo, Jack já está vestido, me sinto ridicularizada e fútil. Como algo banal, comparável a apenas um pequeno detalhe, não consigo me mover, já é bem constrangedor saber que passo por isso, fazer a louca na frente da irmã dele vai deixar tudo isso ainda pior.

—Júlia vai nos acompanhar no café —determina ele. —Tudo bem por você?

Isso é tão normal para eles!

Não consigo responder, balanço a cabeça devagar, meus ombros doendo com a tensão, fala algo para moça, depois ouço os passos dela se afastando, o som da porta, Jack me aperta.

—Vou te levar ao banheiro.

—Ok.

—Vai se acostumar.

Não quero me acostumar.

Como fui entrar nisso?

Desço do colo dele, Jack passa o braço envolta de mim e me conduz em silêncio, durante o trajeto, a cada passo, sinto vontade de correr de novo, não costumo ser tão calma em situações assim, mas eu tenho tanta certeza que se eu fugir ele vai me encontrar, que sei que não vale a pena.

Paramos, ele abre a porta e estico minha mão, alcançando a soleira, sinto um beijo leve no meu pescoço, me adianto apalpando a porta.

—Não demore.

—Está bem.

—Não precisa ter medo, Júlia é minha irmã.

—Isso é constrangedor.

—Não é, ela não se importa.

—Claro, já deve estar acostumada.

—Com o que?

—Você vive apresentando suas namoradas para ela.

—Minha irmã nunca conheceu nenhuma namorada minha, Maria.

Meu coração dispara, fico desconsertada, droga, ele está rindo, pela primeira vez desde que o conheci, sinto vontade de ver o sorriso dele, mas pessoalmente, aquela foto não quer dizer nada, mesmo que seja o sorriso mais lindo que já vi em toda a minha vida.

—Vou te esperar aqui.

—Está bem, não demoro.

Fecho a porta e passo a tranca, solto o ar bem devagar, porque sinto que se soltar de vez, vou ficar tonta. Arranco a máscara de dormir e meus olhos ardem um pouco em contato com a luz.

Se acostumando com a escuridão, Vadia!

Ah, eu tinha esquecido de você, bom senso de merda!

Olho em volta, tudo está no mesmo lugar, vou até o espelho e me assusto com o volume dos meus cabelos, preciso arrumar isso urgentemente. Que legal, além de toda essa coisa de Escopofobia, eu ainda pareço um espantalho

para conhecer a irmã mais nova dele.

Pego os grampos na bolsa e, rapidamente, prendo meus cabelos no lugar, o vibrador do meu celular faz aquele barulho insuportável e chato, pego imediatamente e atendo.

—Que horas você vai vir para o hotel e agir como você mesma? Estou preocupada!

—Desculpe Sah, eu—Quero chorar, engulo. —Eu vou em algumas horas.

—Ele não te estuprou, certo?

Ela não precisava falar isso, precisava? Como se todo mundo que eu conhecesse fosse agir assim comigo sempre!

—Não! —Seco as faces, droga. —Eu estou bem.

—Não está. —Sah nega convicta —Ele está te forçando a alguma coisa? Maria, você não está bem.

—Estou. —Minto, porque sei muito bem do que ela é capaz —Ele quer me conhecer melhor, me trata bem, eu estou bem.

—Está chorando?

—Claro, você falou essa palavra de novo.

—Ah, me desculpe.

Sei que ela só está preocupada comigo, seco as faces, e ligo a torneira chique, mantenho o celular afastado, começo a lavar o meu rosto.

—Você vai ficar com ele?

—Não quero, mas é muito complicado, posso te explicar depois?

—Ok, que horas você vem?

—Acho que depois do almoço.

—Está bem, não fica sem atender o celular.

—E o Nando?

—Ele está bem.

—Vou ligar mais tarde.

—Eu vou querer saber tudo.

—Está bem, amo você.

—Também amo você, atende quando eu ligar.

—Ok.

Às vezes acho que ela tem medo de eu morrer, assim não vai ter mais

ninguém para aturar ela, essas neuroses dela, ou como quando ela acha que tem celulite e fica me mandando olhar a bunda dela com uma luneta —sim isso é o nível maníaco e obsessivo da minha melhor amiga —mas eu a amo. Desligo e me olho no espelho, me sinto estranha com essa camisola, tiro ela rápido, mexo nas minhas coisas e fico surpresa, minhas roupas de baixo—sou antiquada—estão aqui, no meio do meu jeans, mas parecem limpas. Ele mandou lavar!

—Maria!

—Eu já vou!

Fungo, estou soando um pouco, acabo vestindo tudo bem mais rápido do que pensei, calço o tênis, analiso minha roupa simples, nada que se compare ao Hilton ou a esse cenário, aonde estou me metendo?

Coloco o meu celular no bolso, pego a máscara de dormir, depois vou para a porta, respiro fundo antes de colocá-la no meu rosto, depois giro a maçaneta.

—Com quem estava falando?

—A Sah.

—Sua amiga!

—É, ela tem medo que eu me perca ou algo assim.

Pelo menos, parece se preocupar comigo.

—Estava chorando!

—Não é sua culpa.

—Então.

—É coisa minha com ela, somos como irmãs, ela fala demais as vezes.

Ele passa o braço em volta de mim.

—Ela a magoou?

—Um pouco, ela as vezes age de um jeito muito possessivo.

—Como eu!

Nossa, como você é direto!

—Acho que ela tem medo de eu morrer do nada e ficar sem alguém para conversar.

—Por que ela teria esse medo?

—Tive câncer com dez anos de idade.

—Câncer?

—É, de medula.

Eu não gosto de ficar falando essas coisas para ninguém e eu odeio quando fazem cara de pena quando sou obrigada a dizer em voz alta, mas é algo sobre mim que nunca passaria despercebido, minha mãe se enche de orgulho para falar “minha filha venceu o câncer “para todo mundo, porém, não me sinto uma heroína, apenas aliviada por não ter morrido tão pequena. Começamos a andar, seco as mãos no jeans, soam demais.

—Mas não existe nenhuma possibilidade.

—Nunca se sabe, estou curada e eu sempre faço exames, mas os médicos dizem que há 99,09% de eu não ter mais, fiz transplante, minha mãe era compatível.

—Você é saudável?

—Sim.

—Vamos fazer exames mais detalhados o mais rápido possível.

Que ótimo, mais um superprotetor para minha vida, como se eu precisasse disso, já basta mamãe, a Sah e até o Van, que vive me enchendo para que eu tenha hábitos saudáveis. Por que eu disse isso para ele?

Preciso me controlar, preciso me manter neutra, preciso não permitir que ele saiba mais nada ao meu respeito, isso não é um caso, isso não é um romance, isso é. O que é isso?

—Júlia é uma boa garota. —A voz dele se torna algo mais para “admiro minha irmã”.

—Ela entende as suas limitações —concluo, Júlia disse isso. —Sabe da sua Escopofobia.

—Sim. —Não está preocupado. —Ela entende, todos os meus irmãos entendem.

—Disse que são quatro.

—Somos cinco, um inclusive, já tem uma filha.

—Hum, são próximos?

—Não muito, Júlia é mais próxima, assim como Alejandro.

—Alejandro é o advogado.

—É!

—É um nome muito bonito.

Giramos para a esquerda e depois para a direita, então, sinto uma brisa leve soprando em minha direção, algo quente, mas tão gostoso, que me sinto aquecida. Jack avisa sobre o degrau e sinto que estamos do lado de fora, em algum lugar do hotel, mas de fora, ele me conduz novamente e ouço os sapatinhos andando, Júlia está aqui, me sinto nervosa de novo, isso é tão desconcertante.

Sei que ela puxa a cadeira por causa do som dos sapatos, Jack faz com que eu me sente, pousando as mãos em meus ombros, ainda tensa, sinto o acento confortável. É uma cadeira bem larga e toda estofada, toco o tecido, é liso... como couro.

—Precisava te conhecer. —Júlia fala de um jeito torto, quero rir.

—Deveria ter avisado que viria. —Jack pragueja, senta bem ao meu lado.
—O que quer comer?

—Eu? —Me sinto idiota.

—Claro que é você, quem mais poderia ser?

Grosso!

—Não estou com fome —respondo, de repente ouço um suspiro impaciente vindo dele—É sério, eu não estou com fome.

—Mas vai comer —determina. —Júlia, pode servir café para ela, torrada, queijo suco, é muito bom.

Coço a nuca, finjo que não escutei, ouço o tilintar da louça. Júlia está servindo-nos, isso não é só chato, como constrangedor, minhas mãos soam e a tensão retorna, é difícil saber lidar com isso, já não bastava o Olaf—que eu até aceitava—, agora a irmã dele? Isso é tão esquisito.

E pior, é saber que para eles isso parece normal, eu acho isso próximo de um profundo “desequilíbrio ou distúrbio mental”, deve ser, essas coisas que as pessoas inventam para justificar algum tipo de preconceito que tenham, ou algo assim.

Preciso aceitar isso? Alguém que tem medo que eu o veja? E que diferença faria? Não estou interessada, estou?

A ansiedade só cresce dentro de mim. A mão gentil e suave pousa sobre a minha, é a mão de Júlia, já conheço a mão dele, a mão dela é menor e mais delicada. Ergue minha mão e deposita algo que começa a esquentar, seguro com as duas mãos, é uma xícara... Ai, café!

Um café tão, genuinamente, cheiroso, que não resisto, talvez me acalme, bebo um gole. Está doce e forte, não com gosto de café de máquina, está com

gosto de café fresco, tão bom...

—Você está gostando de Las Vegas, Maria? —pergunta Júlia, sua voz quase infantil de tão amável.

—Sim. —Me restrinjo, posso ser tudo, menos mal-educada, mal-educada não. —Estou, obrigada por perguntar, é uma cidade alegre.

—Fico feliz que Jack tenha encontrado alguém que goste dele de verdade.

Coitada, não sabe nem da metade, ele disse que ela tem dezoito anos, é jovem demais para perceber o que realmente acontece, ele provavelmente me apresentou como namorada, mas não temos nada, além de uma noite e um buraco cheio de desavenças e diferenças, que eu tenho certeza que nunca resolveremos.

—Maria é advogada.

Ainda falta um ano.

—Por isso o Alejandro não gostou dela. —Júlia dá uma risadinha. —Ele conhece de longe.

—Na verdade, ainda não me formei —digo, porque é a verdade. —Eu trabalho num call center, tenho um filho de dez anos e moro com a minha mãe, ah, e eu ganho um salário-mínimo.

Pega essa, Jack Carsson!

—Sempre imaginei o Jack com alguém honesta e muito simpática —Júlia fala com naturalidade. —Você nem parece ter um filho com essa idade.

Não esperava por essa reação, gente rica não gosta de gente pobre, gosta? No mínimo, que me esnobasse.

—Fui mãe aos dezoito anos—confesso, mas não consigo me sentir envergonhada.

—Como ele se chama?

—Fernando. —Sinto vontade de sorrir quando falo o nome dele, todo mundo fala que eu sou uma boba por isso, e louca pelo meu menino. Admito que sou apaixonada pelo meu filho, ele é tudo o que eu mais amo na face da terra.

—É um belo nome.

—Tem sobrenome? —Jack questiona, depois começa a mastigar algo, sucrilhos?

—Se chama Louis Fernando, e o meu sobrenome.

—E o sobrenome do pai?

—Ele não registrou, eu o registrei sozinha.

—Por que?

Respiro fundo, não quero falar disso.

—Porque achei melhor na época. —Minto.

—Ele não quis assumir?

Jack é sempre tão direto, será que ele é assim com todo mundo, ou só faz para me irritar?

—Não, e eu também não iria querer.

—Por que?

—Porque ele me estuprou.

Minha mão treme, levo a xícara até a minha boca, depois levanto, e sei que aqui acaba toda essa droga.

—Eu preciso ir, vou tirar a máscara e vou embora, por favor, não tente me impedir.

Não ouço resposta, sei que depois disso ele não vai vir mais atrás de mim, tenho certeza. Ele está a minha direita, então, giro para esquerda, tiro a máscara, abro os olhos, mas só consigo olhar o chão. Detenho a vontade de correr, não preciso ver Júlia, não preciso ver Jack, tudo o que preciso é ir embora e esquecer toda essa história, prosseguir.

—Não pode ir embora —Jack fala, assim que começo a me afastar da mesa.

—Eu já estou indo!

—Não vai!

—Eu já disse que estou indo e não tente.

—Maria, nós dois estamos casados!

Fecho os punhos, sufocando, e vagorosamente consigo dar mais um passo, e outro, e outro. Não posso acreditar nisso, é mentira, é mentira, meu subconsciente repete várias vezes, preciso me prender a isso, não vou acreditar nele, eu não posso estar casada com ele. Jack só pode estar mentindo para me manter aqui, para me prender.

Mais lágrimas, esse quarto é um labirinto, tento me recordar do caminho, mas como poderia? Eu estava de olhos vendados, nunca vou encontrar o banheiro aqui, entro numa sala que é maior que o sobrado onde eu moro e fico olhando

em volta, atordoada com a hipótese de isso ser verdade.

Como posso estar casada? Por que? Quando?

Começo a ficar com medo, e enquanto ando no apartamento—isso parece um apartamento—, me sinto tonta de novo. Quando ando, a sensação de mal-estar aumenta, tudo começa a girar rápido demais, estou basicamente correndo, desesperada para achar ao menos uma saída, peço para buscar minha bolsa depois, só quero sair daqui.

Mas não consigo, tento me apoiar em algo, mas não chego nem perto, depois disso, só vejo vertigem.

—Achei ela!

É a voz de Júlia, mas já estou desfalecendo, vou direto para o estado de escuridão, coisa da qual vejo que começa a ser mais frequente na minha vida, e em seguida, desmaio.



Nível 4 da obsessão

Acordo.

Demoro um pouco para recobrar os sentidos, não preciso abrir os olhos, já estou novamente com a máscara de dormir. Mal me movo na cama e sinto a mão grande em meu ombro, ele me impede de levantar, então, não levanto, fico parada, sem saber exatamente como reagir. Estou decidida, eu não vou mais suportar essa situação, está insustentável, insuportável, e impossível para mim prosseguir com isso.

—O médico disse que você está com pressão alta.

Eu nunca tive isso.

—Ele colheu sangue.

—Não precisava.

Toco minha mão, e percebo que tem algo enfiado nela, sigo o fio para cima... Estou no soro?

—Onde estamos?

—No meu avião.

O que? Como?

Fico dura, meu corpo está mais relaxado, e não sinto a tensão de antes. Estou num avião? No Avião de Jack! Jack Tem um avião!

—Não tinha o direito de fazer isso.

—Sou seu marido, tenho direitos sobre você.

—Como pode.

—Eu trouxe suas amigas, vão passar os últimos três dias na minha casa, elas estão com a Júlia.

Não sei se estou mais apavorada com isso, ou com o fato de Sah ter visto Jack e eu não, isso é tão impessoal, ela conhece o homem com quem eu dormi, conhece a irmã dele, e eu não.

—Ele te deu um sedativo e te colocou no soro, uma enfermeira está cuidando de tudo.

—E espera que eu concorde com isso?

—Não preciso que concorde, você é minha esposa e vou cuidar de você.

Esposa dele!

Fico parada, sem saber exatamente o que falar, ou como agir diante disso, quero muito acordar desse pesadelo, mas sinto como se nunca fosse acabar. Se já estava difícil me livrar, é algo que mais parece um sonho impossível.

—Tente não ficar agindo como uma louca perto da minha irmã, mentindo para nos assustar.

Eu não estava mentindo, pensei que ele estivesse percebido, estava tão furiosa. Acabei fazendo tudo isso por impulso, movida a raiva, estresse, não queria ter dito algo assim da minha vida, principalmente isso, é, realmente, foi péssimo.

Me viro para o lado oposto, tomando cuidado com a mão onde o soro está, não quero ter essa conversa, para mim é muito simples. Não vou prosseguir

com isso e ponto, só preciso pensar numa forma de desfazer todo o engano, esse suposto casamento.

Ouçõ esse suspiro pesado e que dizia claramente “preciso de paciência”, a mão dele pousa em meu ombro.

—Maria, por favor, entenda!

Não entendo Jack, por mais que eu me esforce, eu realmente não entendo por que ele é tão bipolar. Ao mesmo tempo que tenta impor algo, ele me pede para entender, para aceitar, e em outras vezes, me sufoca com suas exigências, me obriga a fazer coisas das quais não quero.

—Você é tão bipolar.

—Temperamental.

—É, inconstante também.

—Não queria ter agido daquela forma com você, mas você fica resistindo.

—Não sou omissa.

—Queria que ao menos, tentasse aceitar o meu jeito.

Ele faz com que eu me sinta mal quando fala essas coisas, como se eu não fosse tolerante e muito incompreensiva, como se eu fosse obrigada a entender tudo isso e aceitar numa boa, bem, eu não sei se todas as mulheres do mundo aceitariam tudo assim.

Jack deita ao meu lado, me abraça, e por mais péssimo que seja, faz eu me sentir segura quando faz isso, rejeito isso, não posso me sentir assim depois de tudo. Ele beija minha nuca, sinto arrepios bons se espalharem por todo o meu corpo.

—Você vai se acostumar.

—Por que quer isso? Você não é obrigado a ficar comigo, Jack.

—Eu quero ficar com você.

Meu estômago revira, ele me aperta, e de novo sinto esse calor incomum se espalhar no meu peito, nunca senti isso na vida, não sei o que é, mas é bom.

—Sei que você não é assim, sei que só está assustada, mas vai aprender a lidar comigo. —Beija meu pescoço. —Vou cuidar de você.

—Eu não sou de louça, é apenas o estresse —retruco, oprimindo tudo isso.

—Vai relaxar —garante. —Por que não vem aqui e me deixa eu te dar um beijo?

—Não —falo a força. —Eu não escovei os dentes.

Ele ri, quero revirar os olhos, as vezes eu realmente não penso muito antes de falar e sou tão sincera que as pessoas acham que é alguma desculpa esfarrapada, mas não é.

—Eu não me importo. —Me puxa pelo ombro e beija minha bochecha. —Vem cá.

Suspiro, tenho outra opção?

—Vou te ensinar a beijar!

—Você está me deixando envergonhada, eu não vou mais te beijar.

—Gosto quando fica constrangida.

Mas antes que eu responda, ele me beija, o lábio primeiro, não sei por que me sinto tão tensa sempre que vou beijar esse homem, me sinto como se tivesse doze anos de idade, e ao mesmo tempo, uma velha de oitenta anos, cheia de princípios idiotas, vergonha.

Jack enfia a mão no meu pescoço e acaricia minha nuca com essa intimidade fora do comum que ele me mostra cada vez mais que possuímos, ele já esteve com essa mão em todo o meu corpo um dia, há alguns dias apenas, me tocando Deus sabe onde...

Movo meus lábios, cansada de resistir, não sei se estou fazendo certo, sei que não é o melhor para mim, não quero parecer que cedo, mas sei muito bem com quem estou lidando, ele nunca desiste.

Lentamente, na minha cabeça me vem aquela música do Bob Marley, One Love, sinto vontade de rir, pensei que quando beijasse um cara—realmente por querer—ouviria sininhos e essas coisas, não uma música de reggae de mil anos atrás.

—Você está indo muito bem. —Ele beija o canto da minha boca. —Continue, querida.

Me encolho quando a mão dele se enfia nos meus cabelos, que percebo que estão soltos, solto o ar lentamente e depois o beijo de novo, dessa vez, bem melhor que a primeira, Jack parece brincar com a minha língua, quero rir.

—Quer que eu pare? —pergunto, fingindo irritação.

—Não. —Sei que ele está sorrindo. —Queria seu sorriso.

Droga, pare com isso, Jack!

—Ele é lindo, não é?

—Eu não acho, nada em mim é bonito.

—Talvez, você precise dos seus óculos.

—Quando enxergar o erro que cometeu, vai saber que essa não foi a melhor decisão da sua vida.

—Você é uma excelente decisão.

Sorrio —não devo sorrir, droga —e não entendo por que ele toca minha boca nesse momento.

—Você é uma mulher incrível, Maria, apenas não percebe.

Junto Coragem, um... Dois...

—Vai anular o casamento, não é?

—Não —ele diz, mas não está irritado. —Por favor, estou cansado.

Eu suspiro, com a mão livre abraço Jack, não sei o que estou fazendo e por que estou fazendo, ele tira os sapatos, puxa um tipo de lençol para nos cobrir e me encolho, tudo ficou tão confuso agora, mas preciso saber lidar com isso. Sobre esse casamento, sei que é válido, eu já li sobre esses casamentos realizados na Cidade de Las Vegas, me sinto cansada com os últimos acontecimentos das minhas férias, deveria estar num cassino agora, no entanto, estou aqui, deitada Deus sabe onde e com quem, casada com essa pessoa, C-A-S-A-D-A!

—Quero você —ele sussurra no meu ouvido. —Quero te dar tudo, te levar para viajar, quero te mostrar o meu mundo.

Um mundo escuro!

Engulo a proposta, realmente, parecem planos ótimos, ganhar tudo de um homem, viajar e se permitir a uma aventura incrível ao lado dele, se isso fosse dentro do possível uma relação de verdade, com duas pessoas apaixonadas, não dois estranhos que se casaram bêbados numa noite de farra.

—Você se acostuma depois com isso.

—Sua doença?

—É, eu ando trabalhando nisso há um tempo, com a Lane, mas não é tão fácil quanto parece.

—Lane é?

—Minha psicóloga.

Deve ser difícil ser assim.

Não parei para pensar, mas tenho que aceitar?

—Eu gostaria que respeitasse, Maria, pelo menos até eu estar pronto para

que me veja.

—E quando seria isso?

—Eu não sei.

—Como espera que eu aceite... isso por tempo indeterminado?

—É como viver no escuro. —A voz dele fica de repente dura.

—Isso não é tão legal quanto parece. —Nego. —Eu odeio não ter a noção das coisas.

—Vai aprender a ter. —Ele beija minha cabeça. —Depois vai ser bem mais fácil, quando estiver acostumada.

—Eu nunca vou me acostumar.

—Claro que vai.

Fico parada, Jack beija os meus olhos por cima da máscara de dormir, às vezes não espero por esse tipo de coisa vinda dele e fico surpresa.

—Logo vai perceber que é apenas um estilo de vida.

E volta a procurar minha boca, nos beijamos devagar, e acabo me atrapalhando na hora de virar para o outro lado, acho que mordi a boca dele, paraliso e ele ri. Volta a me beijar, nossas línguas se enroscam e o beijo muda de lento para intenso, forte, tomo folego quando ele se afasta um pouco.

—Maria, quero ter uma vida conjugal normal. —Ele beija minha bochecha e cheira o meu pescoço. —Quero muito te ter de novo.

—Morreria de vergonha —admito, um medo cresce dentro de mim. —Não sei se consigo, é muito para mim.

—O que é muito para você, querida? Fizemos amor, várias vezes na noite de sábado —fala com naturalidade. —Foi ótimo.

—É, mas você ficou jogando na minha cara que foi apenas sexo.

—Estava bravo.

—Não tem o direito de ficar bravo, eu tenho.

Estou mais calma, com certeza devido ao sedativo, mas isso não muda o fato de que, por dentro, ainda me sinto muito nervosa com tudo isso, Jack se recusa a aceitar um rompimento e eu não sinto que quero ficar com ele, não assim!

Mas não se trata de ficar com Jack ou não, se trata de ele respeitar o que eu quero, e ele nunca faz isso. Jack só toma as decisões que julga melhor para ele, talvez se sinta na obrigação comigo, talvez pense que por termos feito

isso juntos, que devamos acabar juntos, mas não passamos de dois estranhos um para o outro, ele mal me conhece e eu, se quer, posso vê-lo.

É difícil, complicado, venho falando isso para mim há três dias, querendo terminar seja lá o que for tudo isso, agora descubro que se chama Casamento e que estou presa a ele, ao menos nesse país.

—Eu nunca senti como se fizesse algo certo na vida, e também não estou pedindo que você faça nada extremo, quero que respeite o casamento porque é importante para mim.

—Por que?

—Porque eu prometi para o meu tio que um dia se eu casasse, não jogaria isso fora como eu fiz com todas as outras coisas na minha vida, ele é velho, não aceita que me divorcie.

Fico meio aérea com a revelação, ele quer manter o casamento devido a uma promessa familiar? Mas é claro, por amor é que não é, eu também não sou cínica, por três dias venho mais odiando ele do que me sentindo bem ao lado dele, e são tantas coisas novas, que eu sinto que nem sei descrever tudo isso.

—O casamento é válido?

—Claro que é, Maria!

—Isso não vai dar certo, olhe para nós dois, somos dois estranhos.

—Não somos mais, com o tempo se acostuma, vai vir ficar comigo pelo menos duas vezes no mês, eu vou te visitar, vou cuidar de tudo.

Como se fosse simples, ele realmente não está pensando direito, só pode estar louco, não é possível que queira levar isso adiante.

—Estamos casados e é um fato, Maria. —Ele beija meu queixo. —E eu ainda quero você.

—O que viu em mim? —Estou querendo fazer essa pergunta há um tempo. —Você queria isso?

—Eu não sei, apenas nos conhecemos, você é a pessoa mais sincera que eu já conheci. —Segura meu rosto. —Não mereço você, eu sei disso, você é muito especial.

—Parece amargurado —digo, estou confusa de novo. —O que foi?

—Não queria sentir como se te forçasse, sábado você estava feliz, sorridente, não parava de repetir que foi o melhor momento da sua vida,

agora você me odeia, me rejeita e não me quer por perto.

Menti para ele? Enganei esse homem porque estava bêbada, disse coisas que eu jamais diria para um estranho e ele acreditou, por que acreditou? Estávamos bêbados! Mesmo assim, esse sentimento de culpa me corrói por dentro, nunca precisei enganar ninguém para nada, nem mentir.

—Queria um novo recomeço, uma nova vida... com você.

Sufoco!

—Sei que parece loucura, mas você é a pessoa que eu quero ao meu lado, por favor, aceite isso.

Jack está passando de louco maníaco, para cara romântico... Talvez esteja mentindo, mas parece tão sincero, fico sem palavras.

—Maria?

—Estou pensando!

—É boa nisso.

—Não quando está perto, me força a ser precitada.

—Quer espaço?

—Quero sumir.

Me encolho, ele me aperta como se me compreendesse profundamente, eu gosto de me sentir segura perto de Jack, porque ninguém nunca faz com que eu me sinta assim, estou vendada e mesmo não vendo nada, confio nele plenamente, não devo, mas infelizmente, confio.

—Deveria me afastar de você, mas eu não quero. —Beija minha testa.

—Não tem obrigações.

—Acho que não está entendendo bem o que eu disse, falei que eu não quero, não envolve obrigações. —Beija minha bochecha com afinho. —Se não resistisse tanto.

—Você deveria ter dito no começo.

—Falaria, mas você reagiu mal a tudo, pensei que se contasse imediatamente, fugiria de mim.

—Não consigo fugir, Jack, você sempre me acha.

—Deu trabalho para o Olaf ontem.

Por isso Olaf estava tão irritado, por que não conseguia me achar!

—Colocou ele para me vigiar?

—Claro, ele faz isso desde que te deixou no hotel há três dias.

Fico tensa, ah Jack.

—Não gosto de mentiras, não quero que fique chateada com isso.

Tarde demais, porém, já não consigo nem pensar em algo para dizer para ele, o que devo falar? Ele sabe que isso é obsessivo e repulsivo, não entendo por que ele age assim, por que faz essas coisas, mas, de repente, ele está sendo completamente sincero comigo. Ninguém nunca é totalmente sincero comigo, nem minha mãe, principalmente a minha mãe, Sah é aquela pessoa que fala muitas verdades quando quer, mas que quando tem que mentir, faz com tanta conveniência que ainda me espanto até hoje, a Júlia. Júlia!

—Sua irmã, minha irmã também se chama Júlia!

E isso me ocorre agora, parece algo insignificante, mas antes não tinha nem parado para pensar.

—É? —Jack cola a testa na minha. —Talvez não tenhamos tantas diferenças assim.

Os nomes das nossas irmãs, grande coisa!

—Maria!

—Sim.

—Não fique triste, sinto muito se isso não é grande coisa para você.

—Isso nosso casamento?

—É, é importante para mim.

—Já disse isso.

—É para que não se esqueça que mesmo eu sendo um doente maluco, eu me importo com você, você é importante para mim.

Nossa!

Vadia... Vadia... Mil Vezes Vadia! Deu gostoso para o Maluco!

Fico em choque, e alguns minutos se estende enquanto eu tento absorver essa frase, o que Jack tenta me dizer, é que apesar de ser assim, ele se importa realmente comigo, que sou importante. Não sei como me sinto sobre isso, ninguém nunca precisou de mim para nada, ninguém nunca me disse isso, nem a minha mãe.

—Tem que comer alguma coisa.

—Não —digo e abraço ele. —Fique comigo, por favor, cuide de mim, é isso o que você quer fazer, não é?

—Sim. —Jack coloca um beijo carinhoso na minha boca, fico meio aérea.
—Descanse.

Obedeço, ainda obedeco.

Tento relaxar, não é difícil, agora diferentemente de ontem, não estou mais dura, mesmo com tudo, eu sei que as coisas não se resolvem assim de uma hora para outra, ele não vai se afastar, disse isso, não vai me deixar em paz, estamos casados.

Toco o anel com o polegar, ainda está aqui, pontudo, octogonal como sempre, até com algum peso, não sei o quanto, preciso ver esse anel, será que ele tem um anel de casamento também?

—Você não usa aliança, usa?

—Não, ainda não parei para pensar nisso.

—E casamos assim, sem nada?

Estou curiosa, quero saber de tudo, tenho que aproveitar esse momento, não sei como mas preciso arrancar todos os detalhes dele. Não é como saber sobre a nossa noite de sexo louco e tórrida, o casamento, por incrível que pareça, tem uma relevância maior para mim, mesmo que os atos que cometi na noite de sábado sejam muito difíceis de serem aceitos por mim. O casamento é mais importante, claro que é, e é necessário que eu saiba ao menos como foi.

—Você enfiou um anel preto.

—O meu anel de coquinho. —Esqueci completamente dele. —Está com ele?

—Sim, e não vou devolver. —A voz de Jack está carregada de humor. —Disse que era para lembrar dias cobertos de esperança.

E o meu lado romântico idiota sempre querendo interferir, até nos momentos de bebedeira, claro, que eu escondo esse lado meu a sete chaves, nem a Sah sabe desse lado. Ela sabe que eu amo romances, mas nem quero imaginar como ela reagiria se me ouvisse falando algo assim, tão clichê e ridículo.

—Ele está em segurança. —Jack garante com franqueza. —Até a sua aliança de casamento ficar pronta.

—Você vai usar? —Tenho medo da resposta e nem sei por que isso é importante para mim, não deveria ser, deveria?

—Sim, por que não usaria? —A voz dele se transforma de forma profunda.

—Maria, vamos nos casar no civil o mais rápido possível.

Droga, eu e minha boca grande!

Suspiro, o que falo? O que devo falar? Eu querendo acabar com tudo isso e ele quer prosseguir, quer assumir algo que eu não desejo, mas que talvez, eu tenha provocado na noite de sábado. Será que fui eu que o incentivei a se casar comigo? Eu o seduzi? Eu disse palavras que o convenceram? O que fez Jack Carsson casar comigo? Transar comigo? Querer algo além, comigo?

—Descanse!

Ele me beija mais uma vez, algo que faz com que eu lembre da música de Bob Marley de novo, de repente me sinto dura outra vez, idiota. Abaixo a cabeça fazendo com que o beijo cesse e me escondo embaixo do braço dele, tudo o que eu quero agora é esquecer tudo isso, deixar isso de lado, é tão injusto! Mas como posso culpá-lo agora, depois de saber de tudo? Afinal, ele não me obrigou a nada, obrigou? Não lembro!

E também nem sei se adiantaria lembrar, de que me adianta se não posso mudar o presente? Suspiro e muito devagar o sono vem, e durmo, sem saber como será o meu mais tarde. De uma coisa tenho certeza, Jack estará lá quando eu acordar, ele e toda a escuridão que o cerca.



Sem Escapatória

Acordo com uma risada tão familiar, que fico até feliz em ouvi-la, e de repente, Sah está diante de mim, com uma entrada de banho azul-turquesa e aquele micro biquíni de sempre, que deixa ela muito sexy, ainda me sinto zozza, mas sei que não estou no avião, toco meu rosto espantada, minha máscara não está aqui.

Minha Máscara, nível maníaco de obsessão pela escuridão.

Vadia da Máscara!

—Vem, acorda, amiga!

E Sah me ajuda a me sentar, nada de agulhas, nada de Jack, nada de escuridão, apenas um quarto ensolarado enorme, bem ao estilo “ricão”, dele de ser, me espanto com minha própria ironia, eu não queria estar aqui, na verdade, eu não sei nem onde eu estou.

O quarto é enorme, claro, e eu estou nessa cama que cabe pelo ou menos mais cinco pessoas tranquilamente. A decoração muito latina, colorida, não há quadros, e tem uma lareira, uma mesa para dois, e alguns vasos de flores coloridas—que não parecem de mentira—, no criado dessa cama uma orquídea branca perfeita, adoro orquídeas. Essa então, deve custar uma fortuna.

Gina está no pé da cama também de biquíni e conversa alegremente com uma garota branca e loira de maiô azul. Ela é magérrima, tem seios pequenos e a barriga é sequinha, os cabelos loiros estão presos num rabo de cavalo perfeito e ela é branca como uma vela, ela me olha e em seguida sorri, os dentes parecem de coelho e ela tem um nariz perfeitinho, coberto por sardas claras, olhos verdes incríveis, eu não sei por que, mas gosto dela, logo de cara.

—Como se sente? —Sah pergunta e toca minha testa como se eu estivesse febril ou algo assim. —Parece melhor.

—Só meio tonta mesmo —admito, ela arruma os travesseiros atrás de minhas costas e me encosto, confortável. —Onde estamos?

—Na casa do seu Jack, oras. —Insinua ela com malícia.

—Ah, na casa do meu Jack —digo a força, engolindo toda a irritação que começa a surgir dentro de mim, não resisto. —Viu ele?

—Claro!

Isso me irrita ainda mais.

Sah fica me olhando desse jeito sugestivo e muito malicioso, mas o que me irrita muito mais, é saber que ele se mostrou para ela e não para mim, sei que ela está adorando cada segundo. Quero fazer algumas perguntas, mas nesse momento não sei nem por onde começar, preciso me preparar para o batalhão de perguntas e a chuva de acusações dela, três, dois.

—Não disse que havia casado com ele!

—Nem eu sabia.

Sah abre a boca toda horrorizada, enquanto Gina dá uma risadinha vingativa, é, realmente, isso é algo que deve ser impagável para elas. Logo eu, que sou o maior exemplo de todas, fui cair nessa, casada com um estranho em Las Vegas.

—Ele é muito educado—Sah fala com o nariz empinado. —E muito bonito, na verdade, estou morrendo de inveja, ele é bem mais que bonito.

—Que bom para ele —respondo, mas estou morrendo de curiosidade.

—Ah, isso é tão você —reclama Sah, zombeteira. —Estraga prazer.

Quero mostrar a língua para ela, mas, de repente, nem sei por que devo fazer isso com essa garota loira olhando para mim, ela parece meio confusa ou algo assim.

—Quem é? —Ouso perguntar.

—A sua cunhada, Júlia —explica Sah, meio arrogante. —Trate a menina bem, ela não tem culpa dos seus problemas.

Nossa, Sah, desculpe!

Porque quando é ela, eu tenho que aceitar, quando sou eu, ela sempre arruma esse jeitinho brasileiro de tentar me forçar a falar as coisas, se bem que eu nunca faço algo do tipo, eu não preciso ficar dando explicações para ninguém, não me sinto em dívida com as pessoas, eu não falho, esse talvez seja o problema nisso tudo, eu não cometo erros assim nunca!

—Oi, Júlia!

Falo a força, Júlia sorri, e me dou conta das primeiras impressões que causei na moça, Jack disse que assustei ela, minhas bochechas queimam, coitada, estou morta de vergonha agora, porque Sah tem um pouco de razão, ninguém tem culpa dos meus problemas.

—Eu não falo bem português!

O jeito como ela fala me dá vontade de rir, é bem pior que Jack, que puxa

mais para o português de Portugal misturado com o inglês. Gina e Sah já parecem acostumadas com Júlia, essa bela moça sentada diante de mim com um pequeno e tímido sorriso, me pergunto se Jack é parecido com ela. Se for, é muito bonito, Júlia é linda. Outra dúvida me cerca.

—Quanto tempo faz que chegamos?

Eu não lembro de ter chegado aqui, só sei que estou agora nesse quarto, da última vez que me lembro, estava no avião de Jack. No A-V-I-Ã-O de Jack, isso é incomodo.

—Chegamos ontem à noite, a enfermeira já disse que você está bem, só meio grogue por conta dos sedativos. —Sah segura minha mão, seu semblante passa para preocupado. —Fiquei tão preocupada quando ele me ligou, você tem pressão alta, Mah? Nunca me falou!

Ela só me chama de Mah quando eu estou péssima, estou é claro, contudo, não quero ter essa conversa na frente da Gina ou da Júlia, sei que devo falar tudo para Sah, mas quero que seja num momento só nosso, eu nem sei também como vou conseguir sobreviver a essa futura conversa, se é certo contar tudo exatamente como aconteceu, a doença de Jack. Como explicá-la?

—Eu não sabia, acho que foi o estresse, mas já me sinto bem.

—A enfermeira acompanhara você hoje, está em observação, por hora tem que ficar de repouso —Gina explica com muita paciência, como se eu fosse uma criança teimosa. —Trouxemos tudo, não se preocupe.

—Até o meu Orgulho e Preconceito?

—Juro que não abri por nada. —Sah ergueu as duas mãos. —Tinha visto você escondendo, sua falsa.

—Sabe que eu nunca largaria o Darcy. —Suspiro, tento relaxar, estou bem melhor, ainda sinto os efeitos dos remédios no meu corpo. Olho para Júlia. —Me desculpe por... ontem?

—Tudo bem. —E Júlia sorri, de uma forma doce demais.

Entendo por que Jack ficou bravo, ela tem dezoito anos, mas parece ser bem mais jovem, uma garota de quinze anos no máximo, é miúda e as feições infantis demais, Júlia de alguma forma, me lembra minha irmã Júlia, que apesar de meio interrompida—por minha mãe, é claro, que faz todas as vontades dela—, sempre se mostra um pouco menina demais, infantil até, claro, só tem quinze anos.

Me distraio com três batidas na porta, uma mulher de meia idade entra no

quarto com roupas leves, jeans e camiseta, sapatilhas cinzas da cor da camiseta, uma bandeja na mão com o que parece ser comida, cheira a comida, meu estômago revira, olho para Sah, que fica em pé.

E a mulher diz algo em Inglês que eu não faço ideia do que seja, ela é carrancuda, séria, ela não deve ter mais de cinquenta e poucos anos, é ruiva, mas com várias mechas brancas nos cabelos curtos na altura do queixo, rugas na testa e nos olhos, rugas duras, talvez essa só seja a cara dela mesmo, ou será que está brava?

Sah levanta com cara de quem não gostou nenhum pouco disso, Gina já vai logo pegando Júlia pelo braço e arrastando para fora do quarto, o que posso falar para ela?

—Vou explicar tudo assim que possível. —Me sinto em dívida por ter estragado as férias delas.

—Só não surta, ok? Sabe que eu morro de medo de você morrer primeiro que eu e tal. —E me dá um beijo na cabeça. —Eu te amo, Duda.

—Também amo você. —Quero chorar. —Me desculpe.

—Pelo que?

—Ter feito tudo isso, ter casado, feito sexo com um estranho. —Mordo meu lábio, oprimindo as lágrimas. —Eu nunca faria isso, sinto que falhei com vocês.

—Ah, Duda.

—Hum —pigarreia a velha mal-humorada, segurando a maçaneta da porta e fala de novo em inglês se dirigindo a Sah.

—O que ela está falando? —pergunto confusa, seco as lágrimas.

—Jack vem vê-la agora, depois nos falamos, essa velha é “mó” chata —cochicha Sah irritada, depois se afasta muito devagar, rebolando enquanto anda.

A mulher fica olhando para Sah com raiva, e pelo visto, todos já se familiarizaram com Jack e a casa dele, a irmã dele, menos eu, até a empregada Sah já conhece, e eu... eu estava dormindo o tempo todo, na terra dos sonhos, nem lembro o que sonhei, mas só de não ser um pesadelo, já está ótimo.

A mulher se aproxima da cama, antes mesmo que eu veja, ela deixa a máscara perto dos meus pés, e depois sai do quarto, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo, claro, ele não apareceria com tantas pessoas

por perto para ver o quão ridículo toda essa coisa possa parecer para os outros.

Ainda é ridículo para mim, mas eu não me sinto mais no direito de julgá-lo, pensando bem, e se fosse eu?

Coloco a Máscara, há muitas chances de tudo isso não dar certo, penso com mais clareza agora, mas ainda não quero prosseguir com o plano, vou tentar persuadi-lo na primeira brecha que eu tiver.

De volta a escuridão, ouço batidas leves na porta, suspiro, e ordeno que ele entre, sei que é ele, quem mais poderia ser?

E os passos que começo a reconhecer estão mais próximos que nunca, rápido!

A boca dele me beija com urgência, fico surpresa, bem, muito mais que surpresa, Jack me beija mais e mais, e a mão dele se enfia na minha nuca, sinto arrepios, fico sem ar, meu coração vai disparando rapidamente com a necessidade dessa boca feroz, ele se afasta e se senta diante de mim, a mão ainda na minha nuca, o polegar começa a acariciar meu pescoço, isso é bom.

—Que bom que acordou. —Ele está afobado. —Desculpe o mal jeito, precisava disso.

—Tudo bem. —Talvez se sinta no direito, afinal estamos casados, toco o anel, ah, droga, não olhei de novo.

—Como se sente? —Ele toca meu rosto agora. —Mirna trouxe seu almoço, eu mesmo quero dar para você.

—Posso comer sozinha.

—Está fraca, é uma sopa bem forte com fatias de frango, sua amiga, Sarah, disse que você gosta, vai te ajudar a ficar mais revigorada. —E me ignora completamente, levanta.

Sei que ele está pegando a sopa, suspiro, então, ele já está de novo sentado diante de mim, o cheiro da sopa é divino, também não quero recusar, estou com fome ou, pelo menos, um pouco, abro a boca aceitando a primeira colherada, está incrivelmente com o gosto de “casa”, canja. Amo canja!

—Precisa tomar um banho, a enfermeira virá em meia hora para ajudá-la.

—Não sou inválida.

A preocupação dele é desnecessária, mas me cativa por algum motivo estranho, depois da minha mãe, Jack é a pessoa que mais parece se preocupar comigo, e só nos conhecemos há quatro dias eu acho, bem, não nos

conhecemos exatamente, mas enfim, como posso chamar essa droga toda?

—Mas precisa ficar quieta e repousar, abra a boca.

Aceito mais uma colherada, minhas mãos soam, é estranho, me sinto mais observada que nunca por ele e isso me deixa nervosa, agora com mais calma vou começando a perceber que a raiva inicial por tudo se acalma dentro de mim, e a situação, apesar de estranha e surreal, é menos repulsiva. Ao menos, ele me explicou o que tem, o porquê é assim, e tem o casamento e tudo mais, não é como se tivéssemos feito apenas sexo—mentira, foi apenas sexo—, mas dentro do casamento.

Me sinto tão ridícula por esse pensamento, mas a sensação de alívio me invade, porque já era esposa dele quando tudo aconteceu, independentemente da bebedeira, eu não fui uma completa vadia, sei que sou muito antiquada.

—Você ainda está brava?

—Não —admito. —Apenas pensando nas chances de acordar a tempo do sonho.

—Isso não é muito romântico. —Ele segura minha mão. —Fique tranquila.

—Eu estou. —É mais ou menos verdade. —E então, o que achou da Sah?

—Ela é muito curiosa e meio protetora demais, entendo ela. —Jack volta a me dar colheradas na boca, apenas sigo essa coisa que estou descobrindo que tenho, sentidos. —Ama você e quer você segura.

—Sua irmã é muito jovem —digo e fico vermelha. —Me desculpe, realmente assustei ela, eu acho.

—Ela não se importa. —Jack me beija de leve.

—Onde estamos, exatamente?

—Malibu, Califórnia, já ouviu falar?

Ah meu Deus!

—Malibu?

—Não gosta?

Como se algum dia da minha vida eu tivesse condições de estar em Malibu.

Por que ele se preocupa? Estou chocada demais para acreditar, eu sempre quis conhecer Malibu, ou lugares assim, Los Angeles, claro, sonho distante e impossível.

—Tenho essa casa aqui, não venho há anos, pareceu boa ideia te trazer

para que descanse, eu comprei as alianças.

Percebo que sua voz está nervosa, e eu fico paralisada, esperando o que vem a seguir. Estar com Jack é como entrar num jogo de cabra-cega, literalmente falando, onde cada surpresa te ataca como se fosse uma pessoa que surge do nada, eu ainda fico surpresa com essas atitudes dele.

—Quer vê-las? Se não te agradar, posso escolher outras.

—Jack, eu não.

—Maria, já falamos sobre isso, não resista.

—Não quero prosseguir com o casamento, foi um erro.

—Besteira, vai se acostumar comigo, é apenas questão de tempo.

A voz está dura agora, brava, encolho os ombros e tiro a mão da dele, Jack suspira, chateado.

—Desculpe, eu realmente te assustei, mas quero ser diferente, vou fazer com que se apegue a mim.

—As coisas não são assim.

Me renego a acreditar que o homem que vem me obrigando a fazer essas coisas—como ficar vendada a todo momento perto dele—, está me falando isso, não o Jack que “conheci”.

—São, é apenas um ponto de vista, quer ver ou não?

Mordo o lábio inferior, quero? Ou não quero? Decido.

—Sim.

—Quando acabar de comer, vou ao banheiro, tem cinco minutos.

Isso é tão, infantil.

Mas estou tão curiosa, tento comer a sopa o mais rápido possível, Jack permanece calado apenas me alimentando, talvez ele esteja muito bravo comigo agora, deve estar, e isso pela primeira vez desde que tudo começou, realmente me incomoda.

Ergo a mão, e tento apalpar o que parece ser o rosto dele, é duro e firme. Opa, ombro!

Subo a mão, ele coloca mais uma colherada de sopa na minha boca, e a minha mão desliza até a nuca dele, disse que gosta quando o toco nessa parte, quero me desculpar, mas não sei como.

—Não fique bravo, Jack.

—Você não me entende.

—Porque você é complicado, sabe que isso é difícil, e eu não quero o casamento, estou tentando absorver tudo com o máximo de paciência.

—Estamos casados.

—Eu sei, e eu lamento se te irritei com isso.

—Não sabe o quanto significa para mim, Maria.

Fico paralisada, se ele continuar falando essas coisas para mim assim, vou ter um ataque cardíaco a qualquer momento.

—Criou expectativas?

—Você não me conhece.

—Realmente.

Estou contrariada com o comentário, mas sou tão irônica, que tenho quase certeza que ele sorri, Jack vem para mim com uma facilidade incrível, os lábios dele tomam os meus agora com muita paciência, Bob Marley ecoa em meus ouvidos, meus pés parecem ter aquelas sensações estranhas de quando estou prestes a pegar uma onda perfeita, e o frio na minha barriga se espalha por todo meu abdômen.

Puxo os cabelos da nuca dele devagar, é bom, é como acariciar algo fofinho, beijo ele também, e isso está ficando bem menos pior do que quando concordei beijar esse homem a primeira vez, a boca dele é quente, úmida, cheia de vontade, meu coração começa a disparar mais e mais, a mão de Jack toca minha face, minha nuca e ele vem se inclinando sobre mim.

Tomo folego quando ele se afasta um pouco, fico dura, sei que ele coloca o prato no criado, e se inclina de novo me beijando, abandonando o peso dele em cima de mim, ele é muito pesado. Ele ergue a cabeça e me beija com mais cuidado agora, muito devagar, me sinto tonta, nossa!

V-a-d-i-a!

Paro, preciso resistir, o que está acontecendo comigo? Quero beijá-lo!

Isso é um absurdo!

—Não —determina ele mais ríspido. —Não faça isso!

Não disse nada, nem precisei, parece que Jack tem um senso de percepção tão forte e aguçado, que prevê as minhas reações, eu ainda nem disse nada e ele já vem se objetando a tudo, me sinto surpresa de novo.

—Maria, me deixe ter um pouco de você, sim? Aja como se isso fosse normal, pelo menos uma vez na vida.

Sinto uma certa amargura na voz de Jack, não havia parado para pensar que isso seja ruim para ele, faço que sim com a cabeça, o que posso dizer? Ele vai insistir até que eu ceda.

Volta a me beijar, não recuo, ele está com os braços apoiados na cama dos lados da minha cabeça, tento correspondê-lo da melhor forma, o peso dele me sufoca um pouco, mas não é tão ruim, eu acho que estou começando a aprender a beijar um homem na vida... Meu marido!

—Ótimo —soa ele entre o beijo e morde meu lábio inferior como se fosse dele. —Você não gosta, não é?

—No início não muito, você sabe. —Deixo a frase morrer.

—Disse que te ensinaria!

—Como você é convencido. —Acuso com uma ponta de irritação, morro de vergonha disso.

Jack sorri com a boca na minha, e pela segunda vez desejo ver o sorriso dele, ergo a mão, me atrevo a tocar no rosto dele, é liso, firme, o queixo largo, ele deve ter feito a barba hoje. Fico imaginando o rosto dele apenas de apalpar, como será que ele é realmente? Moreno? Loiro? Que cor são os olhos dele? Como é o cabelo dele? Parece liso, mas... ah, quero saber tantas coisas, nem sei o porquê, tenho que parar com isso, preciso, mas não consigo, é a primeira vez que quero realmente vê-lo, mesmo que isso me amedronte mais que tudo, não sou capaz de resistir a minha curiosidade.

—Quando, quando vou vê-lo?

—Já falamos sobre isso. —Ele rola para o lado, um suspiro resignado. —Por favor, não tente forçar nada, seria péssimo ter que afastá-la de mim.

Nossa!

Então é isso, você se casa com as pessoas, se esconde delas e quando a pessoa te pressiona, você se divorcia delas? Me irrita.

—Sério? Quantas foram antes de mim? Sempre faz isso, ou é só por diversão?

—Não, não é por diversão, e não, eu nunca fiz isso, eu não faço essas idiotices sempre.

Nossa!

Meu estômago revira com essa resposta, e a bipolaridade de Jack retorna, mostrando quem ele realmente é. Me ergo, de repente quero ficar longe dele, esse grosso. Por que eu sinto vontade de chorar? Porque casar comigo foi

uma idiotice!

Levanto, e não procuro apoio saio andando com as mãos na frente, as lágrimas presas a máscara, e essa sensação de que a qualquer momento vou cair é pior agora, sei que estou fraca, a sensação de enjoo também é forte, de tontura e as minhas pernas tremem muito, mas estou determinada, e os passos dele no quarto de novo!

—Não seja idiota!

—Não ouse se aproximar de mim! —Porque sei que ele está muito perto.
—Seu estúpido!

—Maria.

—Saia. —Mando, meio enérgica. —Estou cansada desse seu joguinho, você é louco!

Ele fica em silêncio, estou tão magoada, não sei o porquê, acho que é por meu estado emocional estar tão abalado, eu não sou assim, mas estou cansada demais desse homem, das exigências dele, de tentar entendê-lo, de aceitar que ele faça essas coisas, me submeta a elas, talvez nem isso, é só pelo fato dele ter sido tão estúpido comigo.

—Sinto muito —ele fala com toda sinceridade. —Apenas é o meu jeito.

—É? Seu jeito machuca as pessoas. —Também quero que se ferre o jeito dele, essa doença e o resto, bipolar!

—Eu não queria estragar tudo, sinto muito —fala baixo agora. —Por favor, volte para cama, está doente.

Estou tremendo, chorando, odeio chorar, meu estado só parece ainda mais debilitado, estou de férias tendo uma crise de staff, tudo culpa dele. Também minha culpa, mas se talvez esse homem houvesse sumido na manhã de sábado e não estivesse voltado, eu estaria bem menos nervosa.

—Vamos.

Não consigo nem falar, só choro, estou tão, cheia!

Jack me pega no colo e estou de novo na cama, sei que ele se senta diante de mim, me encolho como uma bola abraçando as minhas pernas, sei que ele me observa e isso se torna um peso grande dentro do meu peito, quase como um pequeno fardo, também tenho plena e certeza que ele não vai embora.

—Me desculpe!

—Não, não desculpo.

—Você me irrita.

—Então, por que casou comigo? Por que não se livra de mim? Eu assino o divórcio! —Soo bem mais desesperada que o normal, quem sabe assim ele não entende o meu apelo? —Por favor, não nos sujeite a isso.

—Minha personalidade é difícil. —Ele não se move. —Mas você é muito especial para mim.

—Não adianta ficar me ferindo e em seguida ficar assim, faz parecer que você mente. —As lágrimas se acumulam na máscara que começa a ficar úmida. —Não preciso de nada disso.

—Eu preciso, preciso de você!

—Para fazer sexo?

—Isso seria fácil, teria feito e deixado você no hotel, simples, acho que você não entende o grau de importância que tem na minha vida.

—Que importância, Jack? Você só sabe me obrigar as coisas desde que te conheci.

—Não pensei que fosse reagir tão mal ao nosso envolvimento, você me enganou!

—Jack, qual a sua idade?

Ele não responde, e isso me dá agonia, eu sei a idade dele, ele me falou, 33 anos, é isso, ele é mais velho que eu e age como se fosse um moleque de quinze falando essas coisas, nesse tom magoado e doloroso, ah, como odeio isso, ele está tentando me culpar, é isso?

—Não tem a ver com idade, Maria, só que, se me conhecesse profundamente, saberia que eu nunca faria algo assim, me enchi de esperanças pela primeira vez na vida, sabe, você não me entende!

—Como posso entender? —Me levanto furiosa. —Você é muito obtuso, grosso e bipolar.

—É? Não diga. —Ele faz pouco caso.

—E sarcástico!

—É o que tem para hoje.

Quero chutar algo, já não estou mais chorando, agora estou começando a ficar brava com ele por esse comportamento, ele gosta de falar a verdade, mas ouvir que é bom.

—Talvez, quando for me conhecendo se acostume comigo, meu jeito, eu já

disse que não sou bom, essa coisa de casamento me deixa irritado.

—É? E por que mantêm?

—Acho que já deveria ter percebido que tenho sentimentos por você, Maria, mas se prefere que eu diga—A voz está completamente seria, depois ele diz cada palavra muito devagar para que eu entenda. — Eu gosto muito de você!

E a sinceridade dele me queima de novo, me deixando sufocada, esqueço de respirar, meu coração dispara e dispara, sinto vontade de gritar, sair correndo, ao mesmo tempo o frio forte na boca do estômago, e uma queimadura forte no peito.

—Entendeu, ou quer que eu repita? —Está fechado de novo.

—Quando vou te ver? —É a única coisa que eu quero que ele responda.

—Isso é injusto! —Acusa Jack, explodindo.

—Eu só vou concordar em manter o casamento, se me falar quando vou te ver.

—Por que isso é importante? —E Jack parece inquieto, agitado. —Já disse sobre a doença.

—Ela não pode durar para sempre, quero te ver, sou sua mulher. —Vou tirar vantagem disso, quem sabe ele não desiste? Estou sendo fria, mas essa é a única forma de afastar essas sensações do meu corpo, do meu coração. — Como faremos quando for conhecer minha família? Meu filho?

—Eu ainda estou pensando nisso! —Ele está apavorado.

—Quer que eu fique vendada diante da minha família?

—Maria, por favor, não faça isso!

A voz parece amargurada, dolorosa, e percebo que com isso eu o machuco de alguma forma, ele merece porque há pouco também me machucou, mas sei que o insulto não chega nem perto da dor que pedir isso causa no próprio Jack, isso é sério, bem mais que sério.

—Vou dar um jeito. —Promete ele com a voz sufocada. —Mas, por favor, não use isso para me afastar.

—Disse que vai se afastar de qualquer forma —replico nervosa—É isso o que quer? Se livrar de mim, mas não tem coragem, tem pena de mim.

—Por que teria pena?

—Porque sou feia e gorda!

Isso é tão idiota, que até eu quero rir, Jack está sorrindo, eu sei que sim, esse sexto sentido está realmente funcionando comigo, é como se eu visse no escuro, apenas através de algo que não fazia ideia de que possuía.

—É impossível ir contra o que eu quero, Maria, eu sou assim, é o meu jeito, não sabe o quanto é difícil para eu mesmo ter que lidar com isso...

—Mas é só comigo, não é?

—Não se sinta especial, até quatro dias atrás, não falava com os meus irmãos há uns cinco anos.

—Os outros irmãos? —pergunto, estou espantada, o máximo que consigo ficar sem falar com a Júlia—pirracenta—é duas semanas, e com a Sah, o máximo em 28 anos foram algumas horas, três para ser exata.

—Sim, Júlia disse para todos que me casei, se assustaram e ficaram me ligando —Jack fala baixo, isso o incomoda. —Tive que explicar que estou bem.

—Eles se preocupam com você. —Deve ser isso.

—Se preocupam com um possível golpe. —Ele soa bem mais amargo, isso me ofende.

—Açam que eu quero o seu dinheiro!

—Não querem que eu me machuque, apenas isso.

—Como se você fosse uma criança.

—É, são mais velhos que eu, Jonas tem 43 anos e Phelipe tem 40, eu sou o terceiro mais velho da família.

Isso me intriga, não passou pela minha cabeça que o resto família de Jack talvez se preocupe com ele por sua doença, suas limitações, e agora ainda mais essa, comigo, uma possível golpista, me sinto ofendida, mas não vou falar nada sobre isso, eu não sou assim, nunca ficaria com ninguém para ter algo em troca, eu posso ser pobre e não ter um centavo na minha poupança—nenhum mesmo, gastei tudo com essa viagem—, mas eu nunca ficaria com alguém por dinheiro, isso seria estranho, eu seria como uma puta ou coisa assim, que as putas me perdoem, mas nunca conseguiria fazer isso.

—O que pensa sobre isso?

—O que?

—Meu dinheiro.

—Por que?

—Você sabe que eu tenho condições.

—E daí? Eu também tenho condições. —Me sinto ofendida. —Realmente acha que eu dormiria com você por dinheiro?

—Não! —Há sorriso na voz dele, algo que derrete.

—Não dormiria com você nem a base de morfina. —Sei que estou sendo engraçada, cruzo os braços. —Que insulto! Eu tenho dinheiro, ou você acha que vir a Las Vegas é coisa de gente pobre?

Jack ri, algo sincero e tímido, dois segundos depois ele está em cima de mim, me abraçando, como se dissesse “estou muito aliviado”, não me importo, só quero que ele entenda que ele ter dinheiro me incomoda muito mais, do que me parece lisonjeiro, se alguma mulher no mundo me ouvir falando isso, provavelmente me mata a facadas.

—Eu tenho um trabalho, Jack, claro que não dá para comprar um avião com meu salário, mas eu nunca dormiria com ninguém por dinheiro. — Suspiro. —Ainda mais um louco, como você.

—Pare de me chamar de louco. —Pede mais sério e começa a deitar. — Cuide de mim, estou cansado.

—Estou doente —argumento.

—Preciso de carinho, atenção. —Ele apoia a cabeça na minha coxa de forma que fica de frente para mim.

Fico tentando imaginar a cena, Jack esparramado numa cama, com a cabeça nesse círculo das minhas pernas meio abertas, ele se acomoda tão bem aqui, o peso da cabeça dele não é tão ruim assim, ele faz com que isso pareça muito mais familiar, eu nunca fiz isso com nenhum homem na minha vida, esses dias se resumem num ciclo vicioso de primeiras vezes com um homem, a raiva está passando com a mudança de assunto, e o nervosismo torna.

—Sua psicóloga?

—Ela mora em Nova York, onde eu mantenho residência fixa!

Estátua da Liberdade!

Ah, Nova York, outro lugar que eu quero conhecer, com certeza, só escolhemos Las Vegas porque eram duas contra uma, e Sah insistiu muito.

—Ainda quer ver as alianças?

—Não sei —respondo tenho a sensação que ele revira os olhos.

Jack se move na cama, de repente puxa minha mão esquerda e sinto que

enfia o anel no meu dedo, coloca o outro na minha mão com toda brusquidão do mundo.

—Sua vez!

—Grosso!

—Vamos, coloque.

Me sinto idiota, minha mão treme um pouco, ele coloca a mão na minha, uma mão grande e suave, a mão esquerda deduzo, procurando entre os dedos o anelar, penso em desistir, isso é tão ridiculamente idiota da forma mais estranha do mundo, por que faço isso? Mas enfio o anel no dedo dele, Jack me puxa para baixo, me forçando a curvar sobre ele e me beija de leve, isso é tão normal para ele, que me assusto, o beijo faz um estralo bom, estou corando.

—Bizarro. —Deixo escapar.

Ele ri mais alto, realmente se divertindo com isso, fico ainda mais vermelha.

—Tenho a impressão que se esconde de mim e aos poucos vai retornando ao que foi naquela noite. —Ele ainda me segura pela nuca. —Me beije!

Carente!

Me ajeito meio de lado, me curvo e beijo ele, mais por querer do que por alguma obrigação, não me sujeito a isso, não sou obrigada a beijá-lo, apenas quero, ele não me ordenou, ele me pediu. A outra mão de Jack segura a minha mão livre e entrelaça os dedos nos meus, enquanto nos beijamos tenho uma pequena sensação de paz que vai me tomando, até que eu fique realmente mais calma, é tão estranho se sentir assim, minha mão se perde na dele, é enorme.

—Pode colocar um biquíni e ir ficar com suas amigas se preferir, Júlia está adorando elas —ele diz com muita naturalidade.

Eu + biquíni = tragédia

—Não uso biquíni, posso descer de roupa mesmo.

—Não precisa descer de roupa, arrumo um maiô para você, então. —Ele beija meu pulso. —Mirna traz para você.

—E, e você? —Estou curiosa.

—Preciso trabalhar. —A voz dele se aprofunda. —Mas, a noite nós ficaremos juntos.

—No seu quarto? —Engulo a seco.

—Este é o meu quarto.

—Cheio de flores? —Faço uma careta.

—Pedi que colocassem para você.

Nossa, isso me faz lembrar de algo que realmente me desanima.

—O que foi? Não gostou?

—As meninas não trouxeram meu buquê.

—Que buquê? Quem te deu um buquê? —Jack demonstra irritação. —
Fale, quem te deu um buquê?

—Você! —respondo constrangida. —O que me deu, de rosas brancas, elas
devem ter deixado no hotel.

Ele parece relaxar imediatamente, me sinto tola.

—Pelo menos trouxeram o seu Darcy.

Me pergunto, o que mais Jack arrancou de Sah? Nem tanto dela, ela sabe
como eu sou, mas Gina é uma linguaruda, deve ter falado muitas coisas ao
meu respeito, fico nervosa só de pensar.

—Tem uma porta para o meu escritório, estarei lá, desça, fique com elas,
mas mantenha repouso. —Ele está se erguendo. —A enfermeira virá para te
ajudar com o banho.

—Jack, me desculpe pela forma como falei com você, mas as vezes você
me deixa furiosa com o seu jeito —digo sem soltar a mão dele e de repente
me sinto agoniada sem saber o porquê.

—Vai se acostumar. —Ele não cansa de falar isso.

— Pode ficar um pouco mais comigo? Como no avião?

Ele fica em silêncio, calado, eu não tenho muita noção das reações de Jack,
mas daria tudo para ver a cara dele nesse exato momento, nem sei por que
pedi isso, mas a ideia de que ele se afaste me deixa um pouco frágil demais,
até com medo e nem sei o porquê.

—Sim, claro.

—Obrigada.

Me inclino para trás, Jack vem rápido para o meu lado e me abraça, me
dando conforto, segurança, me encolho e passo o braço em volta da cintura
dele, assim me sinto pequena e incrivelmente protegida, quente entre os
braços dele, e isso é muito bom, mesmo que eu nunca admita.

—Gosto muito de você, Maria. —E beija minha testa. —Gosto muito.

Me encolho, guardo as palavras dentro de mim, absorvendo-as, faço isso com frequência quando não quero me esquecer do momento.

Ele coloca a mão na minha nuca e isso me deixa relaxada, abandono meu corpo aqui, com um pouco menos de receio, ainda não quero desistir do plano inicial, mas tudo se torna tão incerto, que não faço ideia de como vou conseguir afastá-lo. Ele está mais próximo de mim que nunca, não apenas fisicamente, mas emocionalmente, talvez esse seja o problema, mas não é isso, Jack apenas não permite que me afaste, talvez ele tenha agarrado esse casamento como uma grande oportunidade de ter alguém que o suporte, nem sei o que pensar, por que como poderia ele gostar de mim mal me conhecendo? E se gostasse, por que agiria dessa forma? A angustia se espalha dentro de mim feito parafina de vela derretida, e isso me machuca, melhor não pensar nisso.

Me ergo procurando a boca dele, talvez isso me distraia, Jack me aperta enquanto nos beijamos, e a minha boca se enrosca na dele com mais facilidade agora, e o beijo se torna possessivo de novo, não me afasto, ainda não me afasto, dentro de mim algo me impede de sair de perto dele, estou bem aqui, e gosto disso, por que não? Ele é o meu marido.

Vadia Cínica!

Jack se afasta primeiro.

—Melhor parar por aqui. —Ele se desvencilha dos meus braços. —Estarei no escritório.

—Ok. —Ainda estou meio tonta e sem ar. —Bom, trabalho.

Tenho a sensação que ele está rindo de novo, mas ignoro, sinto um beijo leve na cabeça, em seguida ouço os passos se afastando, tiro a máscara quando escuto o som da porta se fechando, olho em volta, e tudo isso começa a parecer realmente surreal para mim.





Nível 5 da obsessão

Foi constrangedor ter alguém me dando banho, a última vez que isso aconteceu eu tinha passado por toda aquela fase difícil do transplante, a quimioterapia, mas agora já até me acostumo com a Gil, ela é séria, não fala português, mas sabe muito bem cuidar de pessoas que precisam. Me espantei com o tamanho do banheiro da suíte de Jack, é duas vezes maior que o banheiro suntuoso do Hilton, um pouco menos chique, mas com uma hidromassagem enorme, box duplo, tudo duplo, para um casal, o que me deixa com um pouco de medo, meu pé direito sempre atrás com tudo isso.

Percebi que estou bem mais fraca durante o banho, tive que tomar na banheira de hidromassagem e eu mal consegui tocar as minhas costas, Gil fez isso por mim, nunca estive tão grata, quando voltamos ao quarto, Mirna já estava lá, segurando uma caneca de chá quente com a cara mais feia do mundo, acho que ela não gosta de mim. Ou de ninguém.

Aceito o chá, ela indica as roupas na cama, as peças compostas por um maiô e um short de malha pequeno, não quero vestir maiô, quero minhas roupas, mas não falo inglês e duvido que a última coisa que quero é estar vendada na frente da enfermeira. Olho para outra porta a esquerda, está trancada, ali é o escritório dele.

Gil tira meu roupão e começa a me secar, isso é constrangedor, mas não digo nada, o chá é de camomila, doce, mas bom. Com a ajuda de Mirna e Gil consigo me vestir, elas me tratam como se eu fosse me quebrar a qualquer momento. Mirna, apesar de ter essa cara fechada, demonstra um pouco de preocupação, a enfermeira já é assim por natureza.

Depois que estou vestida, Gil me pega pelo braço e devagar vamos saindo

do quarto, já terminei meu chá, mas Mirna permanece ali, parada feito um poste olhando para cama, corô, será que ela acha que eu e Jack fizemos algo naquela cama?

Fico cansada durante o percurso, principalmente quando chega as escadas, são dois lances, eu me sinto tão tonta que fico incapaz de prestar atenção na decoração do lugar, Gil percebe meu mal-estar, me sinto mal com isso, odeio dar trabalho para os outros.

Odeio ser dependente.

Mirna me agarra pelo outro braço e consigo descer, ignorando ao máximo o mal-estar, Jack tem razão, eu estou doente. Sigo todo o caminho com os olhos fechados, parece mais suportável assim, o que é uma grande ironia. Quando me sento, estou numa varanda, diante de mim tem toda uma imensidade só azul e perfeita, fico parada diante de toda essa beleza.

A casa é projetada em cima de rochas que se estendem dos lados, e as ondas quase alcançam a entrada, o vento sopra nesse começo de tarde esplêndido e apenas essa visão perfeita faz com que eu me sinta completamente em paz.

Isso é a coisa mais linda que eu já vi em toda a minha vida.

E eu sempre vou à praia, mas nada comparado a isso, é como ver o paraíso na terra, as casas que se estendem ao lado direito também são em cima dessas rochas, e há árvores, dá vontade de descer e olhar de frente. Gil puxa minhas pernas para a esteira e Mirna coloca travesseiros nas minhas costas. Analiso cada detalhe dessa praia perfeita, me sinto dentro de um daqueles filmes dos anos oitenta, ou coisa assim, tudo isso é muito surreal.

O céu está mais lindo que nunca, azul num tom claro e límpido, quase sem nuvens, o sol quente e claro iluminando cada pequena parte ali fora, as ondas quebram silenciosamente até a beirada apenas, a poucos metros dessa casa. A varanda é comprida, com vários sofás coloridos, vasos de plantas, janelas amplas e largas, eu nunca estive num lugar tão bonito assim antes.

Mirna estende meu novo celular —Iphone de Jack— com os fones, eu pego e depois a mulher some. Gil aparece com uma bandeja, lá tem de novo um prato de canja, agora com um recipiente cheio de fatias de torradinhas. O celular começa a vibrar e nem olho, pois, sei que é ele. Coloco os fones e atendo.

—Gostou?

Se eu gostei?

—É perfeito —admito, não sei se mentiria sobre isso. —Gostaria de poder descer.

—Deixe para amanhã —aconselha Jack, muito calmo. —Suas amigas estão na cozinha com Júlia, elas estão preparando sanduíches.

—Ah!

E Gil está segurando a colher diante de mim, toda séria, ela deve estar acostumada com isso, mas eu não, nego com a cabeça, ela permanece dura igual a uma rocha.

—Como se explica em inglês para sua enfermeira, que eu não quero que ela aja como você?

—Ela é paga para isso, coma!

Como ele sabe disso?

Fico pasma e com receio, aceito a primeira colherada, talvez Mirna tenha dito, é tão ele ficar sabendo de cada passo meu, cada passo meu!

—Onde está Olaf?

—Dei folga para ele descansar esses dias, por quê?

—Ele não está me vigiando nem nada.

—Tenho mais gente agora.

—É claro, sua “mordoma” parece uma mão de ferro.

—Ela não é uma “mordoma”, ela é a esposa do meu tio.

Minhas bochechas queimam, e eu fico dura, como assim esposa do seu tio?

—Ela entende...

—Absolutamente não, ela sempre vem com a Júlia, ela tem medo que eu a desvie para o caminho do mal.

—Desculpe, ela é muito séria.

—É o jeito dela, nada parecida com meu tio, ele é mais simpático.

Suspiro, outra colherada, a canja continua deliciosa, pego uma torradinha e mordo, olho para esse mar azul maravilhoso diante de mim, me sinto tão... bem, a brisa é leve e gostosa, me tapeia com facilidade e me sinto relaxada com tudo isso, o som das ondas, toda a vista, só desejo uma coisa.

—Preciso ligar para o Nando. —Meus pensamentos saem de órbita.

—Sarah disse que ligou ontem à noite, ele está bem, descanse depois ligue

para ele.

—Se importa se eu usar o seu celular?

—Ele é seu!

—Vou devolver.

—Não vai não, Maria, não comece.

—Está no escritório? —soo meio melosa e me irrita, sei que ele está lá, onde mais estaria?

—Sim—A voz é firme. —Queria que estivesse aí com você?

Penso por alguns segundos.

—Queria dar uma volta na praia, parece perfeito.

—Faremos isso amanhã, então.

—Está bem.

Ficamos em silêncio, não sei o que falar.

—Nos vemos mais tarde.

—É, nos vemos mais tarde —repito e suspiro. —Um beijo.

Um beijo?

Jack dá uma risadinha, logicamente tirando vantagem do meu estado frágil, depois ele desliga, me viro para o mar. De novo estou fazendo algo que não deveria, mas já nem sei falar se é contra a minha vontade ou não, estou sorrindo.

—Jack Carsson, o que você fez comigo?



Sah e Gina chegam momentos depois com uma bandeja e sanduíches de patê, maionese, e um treco laranja que eu nunca vi na vida. Júlia vem atrás, com uma jarra de suco, que parece ser de laranja, e copos. Analiso a irmã de Jack, tão jovem e linda, tão diferente das garotas que me cercam, de alguma forma estranha, essa face angelical dela me deixa muito maravilhada, mas não é só isso, eu sinto que gosto dela, e eu mal a conheço. Lembro de ontem, quando ela se apresentou simpaticamente para mim, a voz era calorosa e ela parecia feliz, cora, acho que assustei a garota.

—Posso tirar uma foto desse momento —Sah fala com maldade.

—Ah, não pensei que poderia usar as que eu tenho de você enfiando o dedo no nariz.

—Você é muito sem graça as vezes, Duda.

—Eu sei, adoro ser chata. —Suspiro, satisfeita pela minha pequena vitória.
—Ligou para o Nando?

—Sim, claro, ele está bem. —Sah se senta ao meu lado no sofá espaçoso.
—E aí? Como foi com o seu Jack?

—Estamos tentando resolver tudo —falo com cuidado.

—Hum. —Sah morde o pequeno sanduíche com vontade. —E isso na sua mão?

Ergo a mão, analiso os dois anéis com cuidado, a aliança dourada é grossa e grande, como aquelas alianças que só se vê em filmes de época, mas é lisa e muito reluzente, já o outro anel—que deveria ter visto há dois dias, mas nem me dei ao trabalho—é mais delicado, com uma pedra azul escura em forma octogonal, é de prata, mas bem antigo. Uma joia perfeita e linda demais, não é algo que combine com as minhas mãos, estico os dedos para Sah e ela fica com essa reação pasma, como no dia do Iphone, eu também não estou acostumada com isso, ela é a garota do dinheiro, eu só sou um ninguém.

Mordo o lábio inferior, seria a maior mentira do mundo se dissesse que são feias, são perfeitas, nunca ganhei algo caro assim, isso deve custar uma fortuna, porém, não me sinto lisonjeira por isso, nem especial nem nada. Eu não gosto de ganhar presentes de ninguém, para mim é algo muito estranho, porque parece que tenho que retribuir o favor e, infelizmente, nem sempre posso, como uma pequena obrigação.

Sah segura minha mão, olha as joias de perto. Gil pigarreia, esperando que eu coma a última colherada da canja, aceito, meu estômago agradece, é claro, também não há mais torradinhas na tigela. A enfermeira levanta bem mais satisfeita que o comum e sai levando a bandeja, Mirna a segue e nos deixa a sós com Júlia e Gina.

—Era da minha avó. —Júlia aponta para o meu dedo com um pequeno sorriso—Safira!

Safira?

Quero gritar, estou usando uma safira da avó de Jack! Meu Deus, uma safira!

S-A-F-I-R-A

Sufoco, oprimo e guardo esse choque só para mim, Sah solta minha mão visivelmente irritada, enciumada até, me irrita com isso, qual é o problema dela? Me dou conta de que talvez ter as coisas um pouco melhores que ela, seja algo frustrante para Sah, porque afinal de contas, Sarah Mello tem tudo, um emprego perfeito, é formada, tem roupas caríssimas, mora num apartamento na Tijuca que custa os olhos da cara, carro, e ela vive a solteirice gozando de várias festas em boates da alta carioca, é bonita e rica por natureza. Enquanto eu, eu sou apenas eu, ando de ônibus, trabalho num call center, minhas roupas são basicamente de lojas de preço único e eu não tenho nem metade do dinheiro que ela tem, ou beleza... ou TUDO.

—E você aceitou tudo isso muito bem. —Insinua ela, com desdém.

—Estava bêbada —argumento boquiaberta, o quê?

—Você está com inveja. —Gina diz o que eu não tenho coragem de falar.

—A Maria tinha que mudar esse jeito dela, ela merece isso.

—Confesso, estou mesmo. —Sah me olha meio arrependida. — Principalmente porque ele é lindo, arrogante, mas lindo!

Fico atizada, sei que Sah nunca me esconderia algo, ela é muito transparente, tanto que nem consigo ficar muito brava com ela, não vou entrar no assunto agora, mas mais tarde, ou quando estivermos a sós, eu vou arrancar dela detalhes da aparência de Jack e contar tudo, por hora, melhor desviar o assunto.

—E o Nando? A história da menina?

—Ele está bem. —Sah também se alivia. —Duda, você está tão pálida.

—Foi todo o estresse, eu não reagi bem aos acontecimentos. —Olho para baixo, estou cansada desse assunto, mas bem, são minhas amigas, merecem uma explicação. —Nos casamos e pelo visto, ele quer manter o casamento.

—Ele me falou isso. —Sah revela piscando com certa malícia. —E também disse que acha que talvez, esteja grávida.

Coro, Gina ri, Júlia parece entender e fica toda feliz, estou exausta para começar uma discussão com Sah sobre falar essas coisas na frente dos outros. Eu não estou grávida, estava tão preocupada com os últimos acontecimentos, que esqueci disso, da possível gravidez.

—Acho que não —digo tentando parecer convicta. —Depois de dez anos, basicamente.

—Ele é muito protetor, mas admito que gostei dele! —Ela me olha com

maldade nos olhos castanhos claros. —É educado e um perfeito cavalheiro.

—Conversaram. —Jack já tinha me falado isso, sinto arrepios só de pensar nele e Sah falando de mim, sobre mim.

—É, eu expliquei para ele que você não faz essas coisas com frequência, perguntei quais as intenções dele, essas coisas de irmã. —Sah pisca inocentemente. —Ele foi muito enfático em falar que você é esposa dele, pensei que mijaria em mim ou coisa parecida.

Quero rir, conheço essa mulher há mais de vinte anos—ou a minha vida inteira—, eu aposto qualquer coisa como ela deve ter falado umas boas verdades para ele. Sah é mais bocuda, atrevida, ela não é como eu, que na maioria das vezes me calo, ou tenho medo diante de problemas assim, mas a julgar por mim, que nunca tive um relacionamento—de verdade—, até que estou sendo meio resistente, e grossa, mas nunca chegaria aos pés dela.

—Jack gosta de Maria —Júlia diz meu nome de forma torcida, toda tímida. —Eu nunca o vi tão feliz.

—Feliz? —repito incrédula. —Feliz, feliz?

—Sim. —A garota sorri de ponta a ponta. —Ele está muito feliz por te conhecer.

É ruim ver Júlia falando assim, parece que ela faz força ou algo parecido, me sinto meio burra também, porque ela e Gina engatam uma animada conversa em inglês e eu estou aqui sem entender nada, claro que Sah entende, ela fala mais de três línguas. Encolho os ombros, incapaz de entender, olho em volta e percebo que qualquer uma se encaixaria perfeitamente aqui, exceto eu.

—Não faz isso. —Sah pede com paciência.

—Isso o que? —Finjo que não entendi.

—Não fica se desmerecendo, você olha para gente desanimada, como se nós fossemos melhores que você. —Ela me olha com certo receio. —Ele não escolheu nenhuma de nós duas.

—Não precisava que ele me escolhesse —confesso e olho para o mar perfeito, as ondas que vem e voltam ali mais adiante. —Pedi o divórcio, ele não quer dar.

—Nem deve!

Arregalo os olhos, ela deve ter tomado uma insolação, fico irritada só com a hipótese de Jack ter feito a cabeça de Sah, será que ele realmente fez isso?

—Ele disse algo.

—Não, Duda, ele não disse, ele apenas disse que quer continuar casado com você, que quer cuidar de você —Sah fala com tanto cuidado, que fico impressionada.

—Estávamos bêbados.

—Já fiz muitas coisas, bêbada Duda, mas esse homem, eu sei que ele gosta de você. —Sah fica séria. —Ele me pediu tanto para não te perturbar, para deixá-la dormir, toda hora ia no quarto ver se estava bem, você dormiu por mais de dez horas seguidas.

Me espanto, porque para mim todo o processo foi muito rápido.

—Ele se preocupa com você, apesar dele ser muito calado e na dele, apenas ia, olhava, se aproximava da cama e ia embora, eu fiquei com você o tempo todo, depois que aterrissamos.

—E como... ele é? —Tento não parecer tão interessada.

—Ele é muito educado, mas não fala muito —ela fala. —Deveria ter visto ele primeiro, teria feito um estrago.

Quero rir.

—Ele é muito bonito? —Afasto uma madeixa úmida para trás da orelha, meus cabelos estão quase secos.

—É, bem, para uma garota como você! —Sah diz devagar e tapa a boca, percebendo a besteira que disse. —Inveja.

Suspiro, preciso mesmo desse choque de realidade, Gil volta e se aproxima de mim, olha para Sah e diz algumas palavras em inglês.

—Ela quer que repouse, vai te levar para o quarto, o seu amor quer ter ver de novo.

Sah não está tão brava quanto eu esperava, ela está mais para cínica e irônica, Júlia se põe de pé falando essa língua complicada de um jeito animado de dar inveja, ela parece ser assim, quando sorri ilumina tudo.

—Nos falamos depois, Júlia quer ir tomar sol, alguém precisa cuidar do novo membro do trio, já que a solteirona convicta se casou!

Olho para ela mais séria e mostro a língua para. As três descem, levando a bandeja e o jarro com os copos, me sinto ignorada e trocada, mas nem retruco, sei que não conseguiria ir nem se quisesse, só de levantar já estou tonta de novo. A última coisa que vejo antes de entrar na casa, são as três que

se combinam perfeitamente, tirando as entradas de banho para deitar na areia branquinha dá praia, agora eu estou com inveja.



Marido?

Já no quarto, passo por todos os exames que Gil me reservou, ela afere minha pressão, parece satisfeita, depois me coloca um termômetro embaixo da axila e pega meu pulso, olhando para o relógio, sempre anotando tudo depois que termina, ela é muito rápida e me espanto quando vejo que ela já terminou, ela me acomoda entre os travesseiros e sai do quarto, distraída com as anotações.

Me sinto ridícula com esse maiô, prefiro as minhas roupas, esse short é muito curto e, levando em consideração que eu não sou a perfeita modelo com pernas finas feito palitos, não me sinto confortável.

—Maria?

Não sei de onde vem o chamado, mas também não me assusto, a voz de Jack já é familiar demais, até três dias atrás me irritaria com essa voz, agora

parece tão... Normal.

Que Legal... Achando a Voz DELE Normal!

—Sim?

—Coloque a máscara.

—Ela não está aqui.

—Embaixo do travesseiro.

Acho a máscara embaixo do travesseiro da ponta esquerda da cama, coloco e fico esperando, mal fiquei com as meninas, nem tomei sol e já estou de volta a escuridão, isso é meio deprimente. Ter que me sujeitar a isso, preciso me acostumar, realmente acho que estou ficando é louca em ter que aceitar isso, ter que lidar com isso para mim ainda é muito complicado, me sinto em conflito comigo mesma por aceitar algo parecido, ainda mais por saber que ele age assim—até agora ao que parece—só comigo.

Ele sobe na cama e fico parada esperando, o nervosismo está de volta, tento ficar calma, digo para mim mesma que não adianta ficar assim. Jack Carsson é o meu marido, bom ou ruim, vou ter que me acostumar com ele, com esses problemas dele, ao menos até eu convencê-lo a me dar o divórcio, até lá, sei que suportarei muitas coisas, a escuridão que me acerca é uma delas.

—Oi.

—Oi. —Minha voz soa fraca e abaixo a cabeça, sei que ele está bem ao meu lado.

—Eu... eu tirei o dia de folga, para ficar com você.

—Deve ser difícil para alguém como você tirar uma folga, não precisava se dar ao trabalho.

—Precisava.

Não insisto, Jack coloca a mão em cima da minha, meu coração vai disparando mais que o normal, eu nunca me senti assim perto de homem nenhum na minha vida.

—Gostou da vista?

—Sim, é perfeita.

Ele se move na cama e deita, não sei em que posição ele está, mas a minha esquerda, escorrego para baixo um pouco sem jeito, não sou das melhores nesse tipo de coisa, não ver tudo não ajuda em nada, mas passa pela minha

mente agora que, talvez, se eu o visse, não saberia agir da mesma forma, ou talvez fosse pior, isso não é um benefício para mim, mas me proporciona a dúvida, e se eu o visse, como seria? Será que eu haveria reagido tão mal desde o início? Teria rejeitado a ideia de termos dormido juntos? E se ele não fosse escopofóbico?

—Como é a sua vida no Brasil? —Ele segura minha mão com zelo, e o polegar acaricia meu pulso com carinho.

—É normal, meio caótica, eu não tenho muito tempo também, eu trabalho em período integral e estudo à noite, folgo aos fins de semana.

—E o seu filho?

—Ele fica com a Júlia, ela me ajuda com ele agora que já cresceu, eu levo ele para escola de manhã, ela busca ele depois da aula, eu o vejo basicamente só quando chego da aula. —Ou aos sábados, quando o levo para natação.

—Não vai em casa durante o dia?

—Não dá tempo, eu almoço no trabalho e de lá já vou para a faculdade.

—De carro?

Quero rir, bem, minhas condições não incluem um carro... Ainda.

—Nada de carro, eu só ando de ônibus —digo e sei que estou sorrindo feito uma otária. —Pelo menos eu tenho um motorista.

Jack está rindo, a risada dele é um pouco baixa e soa mais para educada do que muitas risadas que eu conheço, inclusive a minha. Sah é a que mais me repreende pela minha risada, é, as vezes eu sou exagerada, ou sempre, mas não ligo muito para isso.

—Eu nunca andei de ônibus. —Jack solta minha mão e me puxa para junto dele. —É bom?

Um homem que nunca pegou um ônibus na vida... Que ótimo!

—Sério? —Estou em pânico.

—Ônibus corporativo vale?

—Tipo de empresas?

—É, da minha empresa, mas eu já andei de trem muitas vezes na França e em Londres.

—Você nunca andou de ônibus?

—Não, mais por minha condição, eu tento viajar sempre com os mesmos funcionários.

—Tem sorte.

Talvez eu seja bastante acomodada, mas eu nunca parei realmente para pensar em comprar um carro ou coisa do tipo, eu priorizo mais a educação do Nando, minhas contas, outras coisas. A maioria das pessoas que eu conheço tem carro ou moto, eu nem carteira de habilitação tenho, e agora estou casada com um homem que o máximo que chegou perto de um ônibus cheio, foi dentro de um ônibus que é dele, da empresa dele. Isso me apavora, mas o que posso fazer?

—Você mora perto da praia, não é?

—Uma hora de ônibus, mas a Sah sempre me busca lá em casa, vou aos domingos, às vezes.

—Eu não venho aqui há quase seis anos, foi sugestão da sua amiga, ela falou que você adora o mar.

—É, eu gosto.

Na verdade amo, não vou falar para ele que eu surfo, isso é tão brega em vista de quem ele realmente é, as coisas que possui, eu não sei por que estou tão calma, em muitas outras situações quando eu pensei—um dia, em mil anos luz da terra—que talvez me casasse com alguém com dinheiro, isso seria no mínimo... bom, claro, sou pobre, não tenho dinheiro para nada, demorei cinco anos para juntar o dinheiro para a viagem para Las Vegas e mesmo assim, isso me custou muito sacrifício, mas nada comparado a um homem que tem um avião, uma casa em Malibu, rico.

—Podemos vir aqui mais vezes se desejar.

Podemos!

Nós dois... Eu e ele... Casados... Como um Casal...

Preciso digerir isso, entender, aceitar, mas antes preciso deixar uma coisa bem clara.

—Eu tenho o Nando e, ele está acima de qualquer coisa ou pessoa, Jack.

—Quando disse podemos, estava incluindo ele.

—ah. —Abafo o sorriso, e fico curiosa com uma coisa. —Gosta de crianças?

—Não convivo muito com crianças, mas posso conhecê-lo. —Ele parece pensar por alguns minutos. —Antes de me conhecer, já tinha conhecido algum americano antes?

Eu não entendo o porquê da mudança brusca de assunto. Me encolho, vasculho minha mente minuciosamente a procura de uma resposta, eu já vi muitos americanos e estrangeiros nas praias do Rio, como moro na capital, é comum ver pessoas de fora, mas só tem um que eu realmente me lembro com muito cuidado desde que eu era adolescente. Se bem que, não era americano, eu não sei, ele falava tão enrolado, um garoto que eu conheci na escola, ele estudou comigo por um ano, mas era tão estranho e branco, que eu fazia questão de ficar bem longe. Ele estava fazendo intercâmbio, ou algo assim, foi no último ano, quando eu voltei para escola depois que tive o Nando. Acho que ele deveria ter dezessete anos, era meio ruivo e tinha olhos incrivelmente azuis, mas ainda assim, não me lembro se era americano.

—Teve um garoto no terceiro ano, eu tinha dezenove anos, tive que repetir porque eu engravidei do Nando. —Fico envergonhada. —Acho que era de fora.

—Hum. —Ele me puxa, fazendo com que eu fique deitada em cima dele. —Mais alguém?

—Não, acho que não. —Estou meio sem jeito. —Melhor eu...

—Não, pode sossegar aí—E suspira. —Nenhum mesmo?

—Você —falo e ele parece sorrir, subo minhas mãos secando-as na colcha e toco no rosto dele. —Como você é?

—Normal. —Ele fica parado. —Você se importa demais com isso, Maria, esqueça por um momento minha aparência.

—Não é pela sua aparência, é a situação —digo, bem mais que sincera. —Jack, você tem medo de mim, mas das outras pessoas você não tem.

—De algumas, sim. —Pousa as mãos nas minhas costas. —Nenhuma delas tem tanta importância para mim, é claro.

— Então, me fale de alguém.

—Talvez, não seja boa ideia.

—Acho que posso suportar.

—Todas as minhas amantes.

Nem sei o que falar.

Ele me aperta com força, como se precisasse disso, fico impactada com a minha própria incredulidade diante dessa revelação, ele nunca se mostra para as mulheres com quem se relaciona, é isso? E todas aceitam isso numa boa?

Senhor do Céu!

—Diga algo.

O que? Você é louco? Isso é doentio?

—Se sente enojada? —A voz dele está mascarada de novo, como se isso fosse meio deprimente demais.

—Apenas surpresa, você sempre dorme com elas antes?

—Não, e nenhuma delas me conhecem pessoalmente, como foi com você, eu disse que não me envolvo com qualquer uma assim, por causa disso, nem todas as minhas amantes sabiam das minhas limitações desde o começo.

—E depois elas aceitavam tranquilamente?

—Nem todas.

—Mas disse que teve algumas...

—Uma apenas, não quero falar disso.

Ele não quer falar dela.

—Durma um pouco.

—Estou sem sono, acabei de acordar.

—e então, o que quer fazer?

—Você não dormiu..., Sah me falou.

—Não preciso dormir.

Fico meio espantada, ele coloca um beijo na minha cabeça.

—Dormi no avião com você, calma.

Ele deve estar sentindo as batidas aceleradas do meu coração agora, por isso ele está falando isso, coro.

—É culpa sua. —Acuso, desprovida de humor.

—Minha culpa? —Jack está sorrindo, sei que sim. —Fica assim sempre que um homem se aproxima de você?

—Nenhum homem se aproxima de mim, Jack, olhe para mim —falo meio descrente, porque é a verdade. —Que homem iria me querer?

Saio de cima dele, porque isso não se trata dele, deito de lado e me abraço, é o melhor que posso fazer para tentar explicar que talvez isso seja um erro, o que ele poderia querer comigo? Estamos presos a esse casamento, somos tão diferentes, fora todas as implicações dele e tudo mais, o que poderia nos manter juntos? Ele precisa entender isso.

—Bom, eu não sei por que você está falando essas coisas. —A voz dele está dura agora. —Você se menospreza assim mesmo, ou está fazendo isso para me afastar? Porque não funciona, nada vai me afastar de você, Maria.

—É? —pergunto me irritando. —Pois bem, deixe que me conheça de verdade, não vai querer ficar comigo nem por mais de cinco minutos.

—Até lá, eu estarei aqui esperando pela minha esposa.

Não sei por que ele se prende a isso, também não me oponho, ele volta a me abraçar, ignorando minha irritação, fico calada e espero que diga algo mais, porém, ele fica em silêncio, uma brisa leve sopra para dentro do quarto, aos poucos, começo a relaxar.

—Maria.

—Hum.

—Você me acha estranho?

—Não você, mas a sua doença, não consigo entender.

—Não precisa, é complicado, eu sou assim.

—Entendo que seja difícil, só não entendo por que com suas... amantes.

—Elas ficam bem mais próximas de mim do que as outras pessoas, Lane fala isso.

—Por serem próximas de você, acaba ficando de alguma forma suscetível, é isso?

—Mais ou menos, é ruim falar disso, mas sei que você não aceita, então, quero tentar explicar.

—Mas se mostrou para mim no cassino, nos casamos.

—É, foi diferente, você é diferente.

Como se isso fosse uma vantagem, é isso o que ele faz parecer a palavra “diferente” quando fala ao meu respeito, só não entendo por que. Até onde eu sei, apesar de ser uma grande retardada para minha família, o maior erro da vida da minha mãe, e ser um empecilho na vida do meu padrasto, eu nunca me vi como uma pessoa diferente, eu sou comum, não é como se ele falasse sobre minha aparência, ele fala a respeito da minha pessoa.

—Gostaria que entendesse isso, aceitasse. —Beija meu ombro.

—Você não é carinhoso.

—Não, não sou, mas você me deixa assim.

—Era assim com as outras?

—Por que se preocupa? Não estou casado com nenhuma delas.

Aí, essa doeu.

—Aham, claro, e depois eu sou a vilã da história.

—Gosto quando fica magoada, você fica toda dramática.

—Você não me conhece, Jack!

—Então, me mostre quem é você, nos dê uma chance.

—Desse jeito?

—É tudo o que tenho para lhe oferecer.

A escuridão, a incerteza, o medo, e todas essas coisas que eu sinto desde que o conheci, por outro lado, ele me faz sentir que estou protegida de uma forma tão estranha quando está por perto, ele se importa comigo e disse que gosta de mim. Realmente, não sei o porquê levo tudo isso em consideração, principalmente porque ele me obrigou a uma centena de coisas desde que o conheci, preciso me agarrar a isso, preciso ficar brava com Jack por isso, mas de repente, não consigo.

—Não quer tirar esse maiô?

Nem morta, e só a hipótese faz meu coração acelerar mais e mais.

—Não.

—Ele é desconfortável, tire!

—Jack, eu não vou ficar nua para você.

—Mais cedo ou mais tarde, isso acontecerá de novo.

Coro, há um divertimento explícito na voz dele, claro, ele adora me deixar constrangida, ele mesmo falou isso.

—Não vou tirar.

—Quero que fique à vontade.

—Estou à vontade.

—Não está, ficaria melhor de biquíni.

—Para você ficar olhando para o meu corpo feio e sem graça, eu não combino com essas coisas.

—Então, o que sugere?

—Que eu continue assim.

—Não está relaxada.

—Para você é mais importante que me sinta mais relaxada do que bem?

—Tire o maiô, Maria, vai se sentir melhor.

—Não quero tirar, você quer começar a brigar de novo?

—Não, mas ele a incomoda.

Você me incomoda!

E isso me irrita!

—Estou bem assim.

—Não está.

—Jack, o que você quer? Transar?

—Se quisesse, já teria feito sem nenhum esforço, acredite, tire o maiô.

É uma ordem!

Fico estarrecida com isso, ele está mais ameaçador agora, bravo, lentamente me sento, humilhada e medrosa, estou de costas para ele. Jack sai da cama, não sou obrigada a isso, o que ele pensa que está fazendo? Ouço o barulho da tranca, ainda dura sentada na cama, agora não dá mais para tentar fugir, mas eu não vou tirar o maiô.

—Quer ajuda? —A voz dele está bem diante de mim.

—Não quero tirar, não me obrigue —peço e aperto a colcha, minhas mãos soam mais que tudo, e estou tremendo.

—Quero te ver.

—Isso é injusto! —explodo com essa raiva que cresce dentro de mim. —Quer me ver? E eu não posso te ver.

—Estamos casados. —Ele insiste, mas controlado. —Tire o maiô, pode usar minha camisa, eu saio para que se dispa, tem dois minutos.

Coloca uma malha nas minhas mãos, os passos se afastam e ouço a porta do escritório sendo fechada, estou tão brava que nem tiro a máscara, tiro o short e jogo para longe, depois o maiô, arfo nervosa, me atrapalho com a camiseta e tenho que tirar a máscara de qualquer jeito, analiso essa camisa enorme, mesmo eu não sendo dentro dos padrões. —isso é, vestindo menos que 42—É branca, lisa e meio fina, algo leve para se vestir em casa, comprida, assim que a visto, fica na altura das minhas coxas, poxa...

—Já estou indo.

Coloco a máscara rápido, a porta do escritório se abre e de repente ele volta para a cama, poderia não ter feito isso, eu realmente não sei por que cedo.

—Acho que não se importa se o seu marido ficar só de cueca, não é mesmo?

O mais inacreditável é que ele parece levar mesmo tudo isso bem a sério, como se fosse a coisa mais normal do mundo casar assim, do nada, com uma completa estranha em Las Vegas.

—Não—consigo falar, sufoco com a ideia de ver um homem de cueca, aperto a colcha com força.

—Vem, deita comigo.

Deito puxando a barra da camisa para baixo, Jack nem espera que eu me ajeite, deita em cima de mim e coloca um beijo teimoso na minha boca, não resisto, mesmo tensa consigo correspondê-lo, meu coração continua dando esses pulos alarmantes, o corpo dele é quente, só que agora sinto as coxas dele em contato com as minhas, as pernas dele estão entre as minhas, o contato causa arrepios em meu corpo. Tarde demais, Bob Marley de novo.



Nível 6 da obsessão

Nas duas vezes que acordei, Jack estava ao meu lado. Foi sufocante e meio atordoante não poder tirar a máscara, é estranho acordar e se dar conta de que

de repente, tudo está escuro, sem o sol, ao menos sem enxergar algo. Passamos a tarde toda, deitados as vezes eu tive a impressão que ele também dormia, ele não se meche muito. Na segunda vez que acordei, ele acariciava minha cabeça, então dormi, acordo de novo e ainda estamos aqui, mas não na mesma posição, agora eu estou de bruços em cima dele, não entendo como vim parar aqui, mas ele está embaixo de mim agora, fico quieta, de novo na escuridão.

Ele segura minha mão e percebo que estou agarrada ao homem, como quando eu durmo em cima de um travesseiro, meus braços estão abraçando ele por baixo das axilas, ele está acordado, relaxado, tão à vontade com tudo isso claro, ele não precisa colocar uma máscara de dormir para ficar perto de ninguém, mas será que eu suportaria viver com medo de que as pessoas me vissem?

—Acho que está na hora de você sair da cama, mocinha. —Ele coloca um beijo na minha mão.

—Não. —Estou com preguiça, admito, eu nunca me dou o direito de me sentir assim.

—Não? —Ele sorri, sei que sim. —E quer ficar aqui?

—Sim. —Esfrego meu nariz na nuca dele, cheira a madeira ou coisa assim. —Seu cheiro é tão bom.

—É? —Jack parece se encolher.

—É, estou explorando meus sentidos, quero aprender a identificar quando você estiver por perto.

—Isso quer dizer que.

—Não se empolgue tanto. —Corto, tentando afastar as boas sensações. —Apenas até você decidir me dar o divórcio.

—Tenho que avisar que, talvez, isso nunca aconteça.

Suspiro, afasto os cabelos lisos de Jack para cima da nuca e cheiro mais uma vez aqui, e o pescoço dele, ele se estica e saio de cima dele, acabo caindo para o lado errado e solto um grito alto, porque sei que cai da cama. Num mal jeito só, nem sei como ele me segura com um braço pela cintura, prendendo meu corpo entre o braço e a cama com força, tento apalpar algo, ainda meio assustada estico o braço, estou suspensa.

—Cuidado. —Ele avisa me puxando de volta, pega meu quadril com a mão livre e de repente estou deitada do lado dele de novo. —Tudo bem?

—Sim. —É péssimo sentir tanto medo de uma pequena queda, se estivesse enxergando, isso não aconteceria, me espanto com a força dele. —Você é muito forte.

—É impressão sua.

Tento sorrir, nem sei se estou diante dele, Jack toca minha face.

—Me desculpe por te submeter a isso.

Meu coração estava se acalmando, agora volta a pular que nem louco, pela primeira vez depois que tudo começou, ele me pede desculpas por tudo, agora eu realmente não tenho o que falar.

—Você quer desistir. —Ele fala com tristeza na voz. —Eu só te forço as coisas.

—Algumas não são tão ruins, acho que a melhor foi me trazer para cá. —Abaixo a cabeça, é claro para ele que não concordo com o casamento, mas essa tristeza aparente dele faz com que eu me sinta mal com tudo. —Você não é tão sensível.

—Se tentasse me conhecer ao menos.

—Não quero sair, podemos comer aqui então —falo e pego a mão dele. —Está bem?

—Você quer a minha companhia?

—Sim. —Decido—Você não fala muito, nem eu, é bom assim.

A boca dele procura a minha de novo, então, estamos na cama nos beijando outra vez, ele me puxa para cima de si e enfia as mãos nos cabelos dele, na nuca dele, ah, Jack tem razão, gosto de tocar na nuca dele, na verdade, nem sei o porquê, mas gosto.

Ele toca minhas costas por cima da camisa, me aperta, não me sinto mal com isso, e o jeito respeitoso como ele as mantém aqui me agrada, ele gira e fica por cima, sobe um pouco mais, segura minha mão puxando-a para as suas costas.

—Me toque também.

Me beija fazendo um pequeno estalo, meus dedos deslizam pela nuca dele apreciando a maciez dos cabelos mais compridos, será que ele é loiro como Júlia? A outra mão fica ali parada no meio das costas dele, e a língua dele está de novo na minha boca, Me arrepio toda, algo fica firme em minha barriga e lateja, ele está excitado, e só agora percebo isso.

—Jack.

—Ok. —Ele rola para o lado e respira fundo. —Desculpe por isso.

—Não é você.

—Eu sei.

Sei que ele está me olhando, me analisando, puxo a barra da camisa para baixo.

—É difícil ser homem perto de você, Maria, quando estamos juntos me sinto numa montanha-russa.

—Bem-vindo ao meu mundo, pelo menos pode ter a percepção que quer, ver minhas reações, meus sorrisos, e quando estou brava.

—Quer ver meu sorriso?

—Se não fosse tão presunçoso.

—Gosta de mim?

—E muito convencido.

—Gosta!

—Você está rindo de mim, não é?

—Você não sabe mentir.

Que legal, agora ele sabe que além de tudo, eu não sou uma boa mentirosa, que vantagem tenho nisso?

—Diga. —Pede com voz arrastada.

—Jack, você é louco, obsessivo e doentio —disparo nervosamente—, mas eu gosto de você.

É realmente importante para ele ouvir isso, eu sei que sim, a confusão se dissipa dentro de mim, e eu entendo que apesar de tudo, eu até gosto dele, ao menos de algumas coisas, outras abomino.

—Só precisa se acostumar comigo agora. —A voz dele está um pouco mais feliz, menos abafada. —Vou buscar nosso jantar, Gil virá te examinar.

—Quero uma calcinha. —Eu não estou pedindo também.

—Vou pedir a sua amiga que entregue para Gil, ela está com sua bagagem. —Me beija devagar. —Gosta de mim!

Mordo a boca dele tentando puni-lo por repetir em voz alta, ninguém precisa saber disso, já é bem degradante ter que admitir em voz alta que gosto dele.

—Hum. —Mas ele sorri, com a boca na minha. —De novo!

—Você parece um adolescente apaixonado, Jack —reclamo, soando meio amarga. —É isso? Pedante também?

—Sou, eu disse, basta me conhecer, vai ver que eu sou ruim, mas não tanto. —Me beija de leve. —Já volto.

—Ok, eu posso tirar a máscara?

—Sim, quando eu estiver vindo eu aviso, fique atenta ao celular, só vou colocar uma camisa e saio.

Estou surpresa com a empolgação na voz dele, tudo isso, o jeito gentil, a forma como me trata, será que se eu não tivesse reagido tão mal a tudo no começo, ele teria me tratado assim sempre?

Prefiro não pensar, fico atenta aos passos de Jack no quarto, ele ainda volta e beija minha cabeça, então sai, só tiro a máscara quando tenho certeza que ele não está mais aqui, coloco ela depressa embaixo do travesseiro, pego o celular e não tem nenhuma mensagem ainda, acho que estou ficando paranoica.

Em fração de segundos, Sah entra se esgueirando pela porta, minha mão já está na máscara, poxa, meu coração quase saiu pela boca, não faça mais isso, Sah!

Vadia da Máscara!

—Nossa, pensei que ele não fosse mais sair. —Sah fica me olhando com cara suspeita. —E aí, Senhora Carsson?

—Nem vem. — Me irrita com essa cara de “vocês estavam trepando?” dela.

—Vocês estavam...

—Não, não estávamos —digo e relutante deixo a máscara lá onde está, bem longe dos olhos da minha melhor amiga bisbilhoteira.

—Está bem —Sah ergue as mãos no alto —mas, vocês não saíram, fiquei preocupada, pensei “devem estar trepando muito”, ou sei lá, tirando o atraso.

—Me fala, o que achou do Jack. —Vou aproveitar esse momento. —Tudo.

—Bem, já disse, ele é educado e muito reservado, jovem também.

—Jovem? —Faço uma careta. —Ele tem 31.

—Não, não tem. —Sah faz uma careta pior que a minha. —Helo! Júlia disse que ele tem 26.

—Ele tem 26? —repito, incrédula.

—Ele não te falou?

Ele tem 26!

Ele tem 26!

Ainda estou em choque, as palavras ecoam no meu ouvido muito lentamente, 26 não é 31, ele é mais novo que eu? Sacudo a cabeça, me recuso a acreditar que ele mentiu para mim sobre a idade dele.

Arfo, quero socar o travesseiro, ele mentiu para mim sobre a idade dele, Jack é mais novo que eu, mais novo, não acredito, Deus.

—Opa!

—O que mais, Sah? E fisicamente? O que achou dele?

—Maria, você quer que eu diga que o seu marido é o homem mais bonito que eu já vi na minha vida, sim, ele é.

—Tipo os olhos.

—Lindos, tudo, ele é perfeito.

Não isso, Sah!

—E os cabelos dele, o que achou da cor dourada?

—Você está mesmo doente, os cabelos dele estão bem longe do dourado, querida. —Sah aponta para mim e se senta na cama de frente para mim. — Está bem, vamos começar de novo, Mah, você não quer me falar nada?

Suspiro.

É que são tantas coisas, que nem sei por onde começar.

—É tão ruim assim que não quer me falar? Ele não te bateu, não é?

—Não. —Engulo a seco. —Ele, ele tem uma doença.

Sah fica boquiaberta, assim meio chocada ou sei lá, eu nunca faria isso na minha vida, claro, me envolver com quem quer que seja dessa forma, já não basta toda aquela história de sexo, casamento, agora isso, como vou explicar para ela?

—Só não me diz que é HIV!

—Não, Deus nos livre!

Sah respira mais aliviada, ela está encantadora nesse vestidinho colorido, a estampa é cheia de flores cor-de-rosa, um vestido solto e justo, algo bem a cara de Sarah Elizabeth Mello, nada que eu costume usar, a maioria das

roupas que ela me dá eu dou para a Júlia, Sah veste 38, e eu lamentáveis 42, o problema se resume em minha bunda enorme e a banha da minha bunda. Foco!

—Então, o que é?

—Ele é escopofóbico!

Sah leva dois segundos para absorver a mensagem, depois arregala os olhos, uma sobrancelha negra e comprida se ergue, conheço essa sobrancelha, é a sobrancelha do espanto, ou da dúvida.

—Ele não gosta de ser visto!

—Não por mim, ele é muito tímido.

—Está me falando que ainda não o viu?

Pigarreio, até contar para ela dá trabalho, minhas mãos soam, limpo na colcha.

—Sim, não, quer dizer, eu o vi na noite do cassino, mas não lembro, bebi muito.

Sah dispara a rir, quero chutar algo, permaneço parada e vermelha, esperando que ela pare de se gabar por isso, é tão ridículo, eu sei, mas ela não sabe o inferno que a minha vida tem sido desde então.

Ela cruza as pernas de um jeito muito charmoso, fica ereta, me mantenho meio sentada com as pernas dobradas, em posição de ioga, o lençol cobrindo metade do meu corpo, ela me analisa com cuidado, não faço ideia do que vai falar, mas seja o que for, estou pronta.

—Desculpe —ela para de rir—, mas é que isso é tão sua cara, se envolver com um cara estranho, sei lá.

—É? E você, que nem lembra das vezes que dormiu com o Gabriel de tão bêbada que estava? —Analiso e vejo ela ficar seria de repente, Gabriel é o primeiro ex namorado da Sah. —Bom, né? Você não sabe o quanto isso está sendo difícil para mim.

—Maria, você está exagerando.

—Isso não teria acontecido se não tivessem me deixado sozinha no cassino, para irem transar com Deus sabe lá quem. —Acuso e sei que isso a mágoa, os olhos dela se enchem de um tipo de dor, ignoro a sensação de arrependimento. —Não é um processo fácil, não é você, você faz com que eu me sinta medíocre, sabia?

—Me desculpe, só estava brincando.

—Não tem graça, porque isso é bem sério para mim. —Limpo as faces, me recuso a chorar, mas as lágrimas vêm e pronto, droga, estou chorando.

—Você sofre com isso? Você é advogada, pode entrar com uma ação de divórcio, a não ser que, goste dele.

—Bom, eu não sei, não queria fazer as coisas de forma forçada, sinto que enganei ele...

—Ora, por favor, estavam bêbados, como poderia enganar ele? Você adora carregar o peso do mundo nas costas, se tem um culpado, é ele!

Isso é um pouco verdade, porque eu sou responsável e certinha demais, faz parte de mim, queria ser diferente, mas não funciona comigo, Sah é a menina das inconsequências, eu sou a menina dos sermões.

—Ele acredita que vai dar certo. —Quero acreditar nisso? —Disse que gosta de mim.

—Gosta dele? —Sah estreita os olhos.

—Me sinto segura perto dele, não sei o porquê. —Fungo, limpo as faces de novo. —Mas tudo isso está me deixando louca.

—Você teve um ataque de nervos e, não é para menos—Sah agora está muito séria. —Eu estou aqui, querida.

—Quero te contar tudo, mas quando estivermos a sós —confesso incerta— Sah, eu não queria isso, mas já aconteceu, me sinto na desgraça.

—Na desgraça? —Sah começa a rir de novo, como se eu fosse uma menina exagerada. —Maria, você contou para ele sobre sua história?

Me arrepio, faço que não, e de repente a porta é escancarada, fecho os olhos.

—Jack, eu—E para de falar.

Não é a voz dele, que susto! Outro susto!

Estou com medo de vê-lo, de quebrar as regras, tiro as mãos dos olhos, e de repente Alejandro está ali, parado perto da porta, segurando um celular e uma bolsa de lado, ele está com os cabelos penteados de lado, óculos quadrado no rosto, e um terno impecável, ele é bem mais jovem do que eu e Sah, ela olha sobre o ombro, também está impressionada com a beleza do irmão de Jack, bem, qualquer uma ficaria, e a única coisa que me vem à mente é: será que ele é parecido com Jack?

—Alejandro.

Agora é ele, volto a tapar os olhos, minhas bochechas ficam mais vermelhas que nunca, Meu Deus, por favor, me leve para Marte!

Jack entra no quarto, Sah coloca a mão na minha perna tentando me passar um pouco de confiança, os dois homens começam a falar em inglês, de novo não faço ideia do que esteja acontecendo.

—Gil está aqui, querida. —Sah diz com carinho na voz. —Ela precisa te examinar.

—Ok —Pego minha máscara embaixo do travesseiro e coloco o mais rápido que consigo. —Desculpe, Sah.

—Tudo bem —Sah se levanta. —Estou aqui.

Depois do parto do Nando e de tudo o que venho me submetendo, esse é o momento mais estranho da minha vida, mentalmente estou um lixo, Gil segura minha mão, sei que é ela porque ela fala algo em inglês bem próximo a mim.

—Então..., como eu estava te falando, o Nando me contou a história da menina. —Sah se senta na ponta da cama, a voz parece o mais perto do normal possível. —Acredita que ele disse que está afim dela?

Fico dura, mais dura ainda, Gil se senta ao meu lado, ela coloca o equipamento de aferir a pressão no meu braço, eu realmente não esperava por isso, mas também, não falaria sobre Jack na presença dele para minha melhor amiga.

—E o que ela tem de especial?

—Ele disse que ela é linda, assim, loirinha dos olhos claros e tudo. —Sah parecia sorrir. —Você está com ciúmes?

—Estou preocupada —reclamo nervosamente. —Ele só tem dez anos.

—Ele está crescendo. —Justifica ela, calmamente.

—Ele é uma criança —defendo. —E também, quando eu chegar em casa vou conversar com ele sobre isso, eu é que não vou ser avó antes dos sessenta.

—Mas você é muito ciumenta!

Gil tira o equipamento, começa a tocar meu pescoço, a região não dói, mais pela tensão, tento me concentrar na conversa, deixar o nervosismo e a vergonha de lado. Jack disse que a família dele sabe, Gil é enfermeira, nunca

seria algo constrangedor para ela, ela é funcionária, não da família.

—Não sou, apenas me preocupo, se fosse seu filho, reagiria da mesma forma.

—É verdade, mas quando eu tiver filhos, vou ser uma mãe muito despreocupada e liberal.

—Claro, porque afinal de contas, sou eu que fico mexendo no celular dele, não é mesmo?

—É diferente.

—Claro, claro!

Sah belisca meu pé e engulo o riso, sei que ela ama o meu filho como se fosse dela, de um jeito infantil e despreocupado, mas quando o assunto é o Nando, ela não mede esforços. Gil fala algo e se afasta.

—Sua pressão já está normal. —A voz de Jack soa mais séria. —Sua amiga...

—Ela sabe que eu estou com enxaqueca. —Minto, nunca que vou contar para ele, que ela sabe. —Meus olhos ardem com a claridade.

—É, ela já estava assim quando eu cheguei. —Sah concorda com minha pequena mentira. —Quando ela tem dor de cabeça, não suporta a claridade.

—Ela vai ficar bem. —Assegura Jack, com firmeza. —Meu irmão, Alejandro, Denzel, essa é a amiga da minha esposa, ela se chama Sarah.

—Jack, se você quiser, eu posso cuidar dela para se resolver com o seu irmão. —Sah diz com simpatia.

—Pensei que poderíamos comer juntos, Gina e Júlia nos esperam para o jantar lá embaixo. —Jack diz, mas a voz está tensa. —Maria, pode esperar aqui no quarto, já que não se sente bem.

Sah fica em silêncio, engulo a ideia, claro, sendo excluída, como poderia participar disso sem que parecesse estranho para os demais? Pra Gina, ela não sabe, e também já comecei com a mentira então.

—Tudo bem, Sah—falo. —Desça, fique com as meninas, jantem, eu vou descansar mais um pouco.

Sei que ela está com receio, Sinto um beijo leve na minha cabeça, em seguida ouço os passos saindo do quarto, fico quieta, não tiro a máscara, não quero que ninguém me veja chorando de novo. Abraço o travesseiro e digo para mim mesma que é melhor assim, seria bem pior descer, mas o pior

mesmo, é constatar que desde o início não haveria chances para isso.



A Máscara é Amiga.

Algo se move na cama e sei que não estou sozinha, fico quieta, permaneço parada fingindo que estou dormindo, estou ficando boa nisso, ontem à noite eu fiz isso até pegar no sono, a máscara ajuda.

A Máscara é Amiga.

Meu bom senso que havia sumido, agora está reagindo ainda pior depois de ontem, o jeito evasivo como Jack decidiu as coisas, eu também não queria brigar, tanto que, quando ele voltou, permaneci fingindo que havia dormido, nessa madrugada acordei umas três vezes e fiz o mesmo, eu não quero conversar.

Não quero ter que explicar o quanto isso me deixa incomodada, magoada, e o quanto foi péssimo saber que ontem as minhas amigas estavam nessa casa, tendo um jantar com um homem que se diz meu marido e a família dele, enquanto eu fiquei trancada num quarto, com uma máscara de dormir no rosto feito uma idiota. Acho que já é manhã, quando acordei da última vez, dei uma espiada e o quarto já estava mais claro.

Não é possível que não tenha amanhecido!

Faltam mais dois dias, dois dias para eu voltar para a casa, quem sabe assim eu não pense com calma? Longe da influência dele, mesmo que eu esteja calma, sei que não devo estar assim, no mínimo devo me opor, no entanto, sei que isso não adianta, então prefiro ficar na minha, sou boa nisso, na verdade, boa demais.

—Maria!

Não respondo também, não sou obrigada, Sai!

—Maria, por favor!

Junto também a raiva com o fato dele ter mentido sobre a idade dele, por que mentiu sobre isso? Me intriga, me irrita e me incomoda, continuo sem responder, respiro devagar.

Não quero conversar com você e não vou conversar.

—Era o único jeito delas não saberem, por favor, Maria, entenda! —Ele pede baixo.

Fico quieta, analisando a justificativa, eu sei que é isso, mas é difícil para mim pensar nisso, entender isso, concordar. Não quero aceitar, não quero pensar como isso será doloroso para mim, me privar de uma centena de coisas.

Como posso estar casada com alguém que não me permite ver ele? Como posso lidar com isso diante da minha família? Dos meus amigos? O que vou falar para as pessoas? Essas dúvidas me cercam desde ontem, e estou cheia disso.

—Por favor, não faça isso! —Ele toca meu ombro. —Fale comigo.

—Não quero, me deixe quieta —peço e me afasto. —Por favor, não insista, não me magoe mais.

—Não era minha intenção. —A voz dele se arrasta. —Não sabe o quanto é árduo para mim também, isso é muito ruim, Maria, não gostaria de se sentir assim, acredite.

Sah tem razão quando diz que eu quero carregar o peso do mundo nas costas, não sei o porquê eu sinto pena dele, só pode ser isso, fico em silêncio. Já tentei me colocar milhares de vezes no lugar dele e ainda assim, não consigo, como posso entender isso? Como isso funciona? Estou casada com um desconhecido que não me permite vê-lo, simplesmente, porque tem vergonha de mim.

—Você mentiu sobre sua idade —acuso, é o meu argumento ímpar.

—É—admite, a voz ainda dolorosa. —Seria mais um motivo para me afastar.

—Você é mais novo que eu.

—Besteira, Maria, são apenas dois anos, nem isso, sua amiga falou?

—O que importa é que mentiu —retruco. —Por que não vai trabalhar?

—Não quer que eu fique com você? —A voz dele está dura.

—Você espera que eu reaja bem a tudo isso do dia para a noite? Não sabe o quanto me senti mal ontem. —Minha voz está cheia de mágoa, não quero falar, mas ele quer, então falaremos.

—Sei como se sente, e sinto por isso, mas eu não conseguiria..., por favor, apenas entenda.

—Jack, eu não posso fazer isso. —Eu estou tentando não falar algo que o magoe, eu não quero isso. —Eu não sei como fazer isso, você entende que da mesma forma que é difícil para você, é para mim?

—Sim, eu entendo —responde ainda num volume muito baixo —, mas teria se sujeitado a descer com a máscara de dormir?

—É uma condição que é imposta devido a sua doença. —Ele sabe que nunca faria isso, seria burrice. —Isso o impedia de vir e jantar comigo?

—Não, mas não queria parecer mal-educado, e Júlia insistiu muito para que jantássemos juntos, ela ficou triste por você não pode descer, depois percebeu o que fez e me pediu desculpas, quando desci, ela já havia arrumado tudo, até convidou Alejandro sem me avisar.

Então, foi uma situação induzida por Júlia, não por ele!

Droga Jack, Você Deveria Ser o Culpado!

E agora? Estou errada? Devo me desculpar? Como eu poderia saber? Decido mudar o rumo do assunto.

—Disse que me levaria para passear na praia hoje.

—De que adianta? Não vai poder ver!

Tarde demais, já magoei ele, sei que sim, Jack sai da cama, me sinto mal.

—Jack...

—Só pedi que me aceitasse, apenas isso, você acha que eu quero essa situação. —A voz dele está frustrada. —Eu pensei que você aceitaria, entenderia, ontem você estava cordial e mais calma.

—Não espera que seja tão rápido, espera? —replico me sentando. —As coisas não são assim.

—Não, mas poderia se esforçar.

—Acredite, Jack, eu estou me esforçando, eu já passei por coisas muito ruins na minha vida e já fui submetida a coisas bem piores que isso, só que você não ajuda.

—Como quer que eu ajude?

—Me falando sobre você.

—Sou parecido com Alejandro, o que mais quer saber? A cor da minha cueca?

—Grosso!

Saio da cama, já tenho uma noção de como chegar a porta, ontem treinei o caminho várias vezes, mesmo que eu morra de medo de esbarrar em algo, ou cair e me machucar, não quero continuar com essa briga, é inútil, ele me magoa eu o magoo e sempre acabamos brigando.

—Para onde pensa que vai?

—Passear na praia!

—Vai cair no primeiro degrau—reclama impaciente. —Me espere aí, vou pegar um casaco para você, ainda é muito cedo.

Sei que irrita ele profundamente, também não retruco. Jack anda pelo quarto depressa, alguns instantes depois ele segura meu braço e enfia num tecido quente e macio, depois o outro, então, fecha pelos botões. Ergo as mãos e sigo o caminho pelos braços dele, já está com uma camisa de mangas mais fina, toco os antebraços e depois subo, aperto os músculos braçais dele um pouco receosa, passo pelos ombros largos e esses dois calinhos aqui, alcanço o pescoço, puxo ele para baixo e beijo ele, acerto primeiro no queixo, depois na boca, ele me puxa para cima, correspondendo o beijo.

—Me desculpe. —Ele pede baixinho. —Não tenho palavras para me desculpar.

—Vamos logo —falo. —Que horas são?

—Espere, vou pegar meu relógio e nossos celulares.

Jack é atencioso, droga, ele é!

—Me atrapalho com o relógio as vezes. —Ele volta um pouco apressado. —Desculpe.

—Tudo bem.

Segura minha mão, rezo para que ninguém esteja acordado agora, e saímos do quarto, já não estou tão fraca como ontem, pelo contrário, ficar nesse quarto me deixa mais cansada do que andar. Ele me avisa sobre os degraus, mas não estou tonta, e já tenho uma noção mais ou menos de como descer sem cair ou coisa assim. Quando, enfim, sinto a brisa fria em minhas bochechas, sorrio, adoro esse cheiro, cheiro de praia, de água salgada, o som das ondas me tranquilizam.

—Quer tirar a máscara e dar uma volta sozinha?

—Não, vamos assim mesmo.

—Tem certeza?

—Absoluta.

Entrelaça os dedos nos meus e saímos, ele me avisa sobre a escadaria da varanda, minha primeira reação quando meus pés tocam a areia é de total felicidade, está fria e macia. O que acho mais surpreendente é que mesmo não enxergando, essa sensação é tão forte e familiar, que parece que a vejo. Materializo em minha mente a areia fria e branquinha, enfio meus dedos dentro dela, Jack me guia, não tenho medo, estou materializando tudo. Mesmo sem ver, sei que o céu está azul, o sol está nascendo, e as ondas estão mais calmas, escuto o som de pássaros gaivotas, talvez.

A areia se torna mais densa e molhada, quero tocá-la, mas isso me basta, paramos, e o vento sopra mais forte aqui, a primeira onda alcança meus pés, a água está gelada, abaixo a cabeça materializando-a, a espuma branca vinda em meus dedos, todo o azul diante de mim.

—Estou atrás de você.

Ele solta minha mão e rapidamente tira minha máscara bem antes que eu perceba, por alguns momentos fico feito uma estátua fechando os olhos com bastante força, não é como ver o escuro, mas saber que está apenas com os olhos fechados num canto claro, ainda assim, não os abro, tenho medo.

—Pode olhar, estou atrás de você.

—Obrigada, não vou olhar para trás eu prometo.

—Sei que não.

Coloca uma mão em meu ombro agora, a mão dele está tremendo, o que significa que ele está nervoso, respiro fundo, eu realmente não quero isso, seguro a mão dele, não abro os olhos.

—Me dê a máscara, Jack.

—Eu.

—Tudo bem, eu entendo, para mim já é o suficiente, não preciso ver, eu vou ver mais tarde.

—Me desculpe, acho que estraguei tudo.

—Não estragou.

Ele mesmo coloca a máscara no meu rosto, eu realmente devo estar ficando louca, Jack me abraça como se tentasse se desculpar por isso, e eu consigo entender um pouco o lado dele, só de sentir a mão dele tremendo, já percebo que isso é bem mais sério do que eu imaginei, ele realmente não faz isso por querer, é algo que o afeta muito, é uma doença.

—Sinto muito.

—Não precisa sentir, acho que você tem razão, está frio, vamos voltar.

—Quer um café?

—Seria ótimo.

—Vou preparar o seu café.

Não espero por certas atitudes de Jack, admito que fico surpresa com isso, mas não imagino como seria eu tentar comer sozinha, ir para os lugares sozinha, ou até mesmo preparar um café sozinha com a máscara de dormir, eu provavelmente me machucaria, quebraria algo, e seria um risco a mim mesma.

—Te deixo no quarto, você lava os pés no banheiro, quando eu subir te aviso.

—Está bem.

Subimos em silêncio, as vezes ele me orienta a cada passo, nossas mãos não se soltam, já não fico tão perdida, ele abre a porta e me deixa aqui, de novo beija minha cabeça e sai, tiro a máscara. Olho em volta, suspiro, as flores estão vívidas, lindas, o quarto está do mesmo jeito, a cama revirada, vou ao banheiro girando a máscara no meu dedo indicador—a melhor amiga—, aproveito a escova de dentes—sei que é dele—e escovo, lavo o rosto, minha aparência realmente está diferente, meus cabelos como sempre uma droga, mas já não estou com olheiras, apesar de pálida. Dormi muito ontem, faço xixi, lavo os pés, tento fazer um coque, mas os cachos não colaboram, queria ter o cabelo liso.

É impossível ignorar as joias no meu dedo também, é estranho olhar para elas e me sentir diferente do que eu sempre fui, e foi tão rápido, estou casada, isso é esquisito demais.

Principalmente para mim, que já perdi a esperanças há muito tempo, na verdade, eu nunca tive esperanças, elas foram arrancadas já há alguns anos. O que vinha esperando da vida, era ao menos que o Nando crescesse, se formasse, fosse um bom filho—que ele é—e que Deus o conservasse assim para sempre, até eu morrer, sair da casa da minha mãe assim que me formasse, ter algum dinheiro, mas casar, casar é algo que estava enterrado dentro de mim.

Ainda mais eu, que abomino esse tipo de coisa.

Sah tem razão quando se refere a mim como solteira convicta, eu quero o cara certo, o cara dos meus sonhos, bonito, alto, perfeito, como um príncipe encantado, mas abomino a ideia de conviver com alguém, ser como uma escrava da pessoa, passar tardes intermináveis e fins de semana num fogão cozinhando—não que seja diferente—, mas somos apenas eu e o Nando há um bom tempo e, eu não sou um perfeito exemplo de “Amélia”, na maioria das vezes, aos sábados comemos fora, e aos domingos, minha mãe me leva comida, essa é a vantagem de morar com ela, ela nos alimenta sempre, e eu não sirvo para alimentar mais ninguém, além do meu filho.

Não me conformo em ter que além de estudar, trabalhar, cuidar do meu filho, minhas dívidas, meus problemas—que não são poucos—, ter que me preocupar com outra pessoa, com os problemas dela, a vida dela, as necessidades dela. Mamãe me chama de egoísta e preguiçosa, afirmo com prazer, eu não quero terminar igual a ela, uma mãe de 47 anos, casada com um cara dez anos mais novo, e tendo que fazer tudo para não tomar um chifre—inclusive ser omissa—, que adora fazer a linha “Amélia”, eu não, eu conquisto a minha independência todos os dias, prefiro pensar assim.

Analiso esse casaco verde-musgo em mim, é enorme, as roupas de Jack são grandes, ele é um homem grande, fecho os olhos, tento mais uma vez em vão me lembrar dele, do rosto dele, só algum detalhe e nada.

Ele disse que é parecido com Alejandro, se for é muito bonito, o irmão dele é moreno, incríveis olhos azuis, cabelos escuros, sobrancelhas perfeitas, o rosto quadrado e o nariz perfeito, lábios mais cheios, mas Alejandro deve ter no máximo 23 anos, Jack é um pouco mais velho que ele, mais novo que eu.

Suspiro, estou casada com um estranho, no qual não faço a menor ideia de quem seja, mais jovem, mais rico, mais tudo!

—Maria?

—Já vou!

Ele é rápido!

Coloco a máscara assim que fico diante da porta, abro e dou um passo, acabo esbarrando nele, Jack me segura pelos ombros nesse momento, fico sem graça.

—Desculpe—digo apressada—Achei que estava no quarto.

—Fiz café e torradas, tem salada de frutas. —Passa o braço em volta de mim—Mirna já está acordada.

—Não tem empregados aqui?

—Prefiro a privacidade, seria incômodo para você, para mim, tenho um funcionário que vem cuidar da casa uma vez por semana, mas ele apenas verifica se a casa está em segurança.

—A Gil.

—Ela é de confiança, trabalha para o meu tio, é chefe das enfermeiras dele.

—Seu tio é doente?

—Não, ele é dono de um hospital.

Meu estômago revira, fico tentando imaginar o que mais sobre a família dele vai me causar essas sensações quando eu souber, talvez eu não queira saber, afinal, ou quero? Quero!

—E o que os seus irmãos fazem?

—Eles têm as empresas deles, um é médico, o outro veterinário, Alejandro é advogado, e Júlia está fazendo faculdade de administração.

—Que bom.

—Você não gosta disso, não é?

—São pessoas importantes.

—Você também é importante.

Nos sentamos na cama, não esperava por uma resposta assim, mais uma vez ele me deixa sem fala, isso acontece muito pouco comigo na vida real, eu tenho um senso de argumentação muito forte, com Jack funciona muito pouco, ou nunca.

—Maria, quero que saiba que eu nunca casaria com alguém que se interessa mais pelo meu dinheiro do que pela minha pessoa.

Que legal, agora vamos falar sobre o dinheiro dele.

—Eu nunca me casaria com alguém rico —respondo e Jack parece se engasgar.

Ele leva alguns minutos para se recuperar da tosse, concluo que ele estava comendo alguma coisa.

—Abra a boca!

Obedeço, a salada de frutas está doce e tão fresca que me impressiono, tem mamão, Kiwi, banana, maçã, delícia, engulo tudo e abro a boca novamente, estou com fome, ontem não jantei.

—Só para saber, por que nunca se casaria com alguém rico? —E coloca mais uma colherada da salada na minha boca.

Mastigo, penso bem na ideia, eu realmente nunca parei para pensar nas hipóteses, primeiro porque homens ricos nunca se interessariam por mim, segundo, os caras da faculdade não passam de um bando de retardados convencidos, alguns tem dinheiro, porque afinal, é uma faculdade paga—e bem cara se quer saber—, outros só vão curtir e montam nas costas de quem rala mesmo. Tem alguns caras legais, porém, a maioria que tem dinheiro são arrogantes demais, adoram se vangloriar e essas coisas, aparecer, eu nunca me casaria com alguém no qual um carro e uma mulher “gostosa” são motivos para o cara se sentir bem, satisfazer o ego dele, e terceiro, eu não busco um relacionamento, ou buscava.

—Não gosto da ideia de ter um ego, em vez de um relacionamento —confesso, e abro a boca de novo.

—Eu não sou egocêntrico, sou? —Coloca mais uma colherada na minha boca.

Realmente, brincadeiras à parte —sem graça—, ainda não sei, mas não é só isso.

—Tem todo um contexto social, eu não sou rica, eu não ganho o suficiente para ter essa casa, nem essa vida, seria constrangedor ter alguém me sustentando sozinho, sem falar que, o que eu tenho a oferecer para a pessoa além da minha personalidade “incrível”, é um sobrado com um banheiro minúsculo e minha família louca no andar de baixo, brigando o dia todo.

Jack ri, não sei porque, isso não tem graça, se ele conhecesse minha

família—ou aqueles desequilibrados—, não agiria assim, amo minha mãe, a Júlia e o Van é suportável, mas definitivamente, as vezes eles agem de um jeito mais infantil que o Nando.

—Eu adoraria conhecer sua família.

—Vai por mim, eles não são normais, me matariam de vergonha na primeira chance.

—Mas você é louca por eles, são unidos, me disse que é apaixonada pela sua mãe, e que fazem tudo juntas.

—É, porque até minha adolescência éramos eu e ela, aí ela conheceu aquele animal e tudo mudou entre agente.

Ele ri, agora mais alto, quero tampar minha boca, eu estou falando demais.

—Não sou próximo da minha família. —Ele me dá mais uma colherada. —Odeio ter que dar satisfação da minha vida para os meus irmãos, mas eu sou muito unido com o meu tio, ele é muito bom para mim, foi generoso comigo sempre, me ensinou tudo o que sabe, me acolheu quando ninguém me queria.

—Ninguém te queria? —Não entendo, mas já estou com medo só de pensar.

—É, eu sou filho de fora do casamento, Maria, minha mãe conheceu o meu pai e fugiu de casa, engravidou do meu pai, que era brasileiro e, eu sou fruto da traição, na verdade, eu e o Alejandro.

Engulo a salada a força, meu estômago revira, ele não parece triste nem nada, mas a voz dele também não é feliz, parece mesmo é dura, fria, algo vazio.

—Isso a enoja?

Agora inseguro, Jack Carsson, o rei da convicção, inseguro.

—Que ideia—reclamo imediatamente. —Por que me sentiria enojada?

—O marido dela foi buscá-la no Brasil, convenceu ela a voltar para casa, ela nos trouxe, meu tio diz que alguns meses depois meu pai se suicidou, o marido da minha mãe não era má pessoa, ele nos abraçou como a dois filhos, mas ele não entendia que a minha mãe não o amava.

Um nó se forma na minha garganta, não passou pela minha mente que algo assim poderia fazer parte da vida dele, parece história de novela até.

—Quando eu tinha oito anos, eles dois foram viajar, o avião em que

estavam caiu, Júlia ainda era recém-nascida, fruto do primeiro casamento, é claro, então, meu tio me adotou, ao menos é tio por parte de mãe.

—Seus irmãos o rejeitavam?

—Sim, eles rejeitavam a mim e a Alejandro, eles não gostavam da gente, por serem mais velhos não se sentiam obrigados a isso, até hoje na família, nós dois somos vistos como os vilões.

—Por que? Eram apenas crianças? Como podem ser culpados?

—A família é bem tradicional, todos tentam apagar esse “erro” da minha mãe, por isso Alejandro é mais próximo, somos filhos do mesmo pai.

E por isso que, evidentemente, Alejandro e Júlia são totalmente diferentes, e só agora entendo e penso nisso, estou tão lotada com meus próprios problemas, que não parei para pensar na diferença entre os irmãos de Jack, eles não tem nada incomum um com o outro, não fisicamente, e talvez com o próprio Jack.

—Havia entendido que ele era irmão do seu tio.

—É, eu minto as vezes, não quero estragar a reputação da minha mãe, cansei de ouvir as minhas tias chamarem-na de puta na frente de toda a família nos natais em que passei com eles.

Poxa Vida!

—Desculpe, acho que te assustei com a minha história de família.

—Eu nunca conheci o meu pai, ele abandonou minha mãe quando ela ficou grávida —digo, talvez isso sirva de consolo.

—Não sente falta dele?

—Na realidade, quando eu era criança não entendia, hoje eu prefiro acreditar que é melhor assim, melhor do que ele viver preso a uma família que não queria.

—E sua mãe nunca te falou quem é ele?

—Não, ela disse que hoje ele é casado, tem família, mas que prefere não perturbar ele com isso, é tão a cara da minha mãe se sacrificar até por quem não merece.

—Você fica muito bonita quando fica brava.

—Ninguém nunca me disse isso, é estranho, porque quando eu fico irritada, a maioria das pessoas ficam com medo de mim, principalmente o meu filho e a Júlia.

E me dá mais uma colherada da salada, estico a mão e toco o antebraço dele.

—Não se sinta mal por isso, Jack, você e o seu irmão não tem culpa, vocês eram apenas crianças, seus irmãos deveriam se envergonhar.

—Hoje eles são diferentes, percebem que acabaram fazendo nos afastarmos deles, mas já é tarde para isso, trabalhei muito duro também para passar na cara deles que não preciso deles para a nada.

—Você parece muito jovem para ter tanto dinheiro.

—É? Eu me esforço muito para isso.

—Para provar algo inútil.

Ele não gosta disso, a prova é o silêncio, me calo, nem sei por que estou opinando, isso não é da minha conta, é? Ele pode fazer o que quiser, é a vida dele, a família dele.

—Você não sabe o que está falando. —Parece muito vago.

—Acho que dinheiro não o torna melhor que ninguém. —Nego convicta, é a minha opinião. —Se quiser provar algo para os seus irmãos, dê a eles tudo o que eles nunca deram para você, assim vai provar seus valores.

—É muito fácil falar. —Ele se move. —Café?

—A salada já acabou?

—Ela te deixa muito intrometida.

Ai!

—Ok—concordo enfática, estou morrendo de vergonha. —Me dê um café bem amargo, como você.

—Não seria justo que provasse uma dose da minha amargura, querida— responde com resignação. —E também, eu nunca conseguiria fingir que me importo com eles, não dou a mínima.

—Isso não é da minha conta também —digo engolindo a minha irritação com o rumo da conversa.

—Você realmente acha que eu faria isso?

—Faça o que quiser, Jack.

—Maria, você não ajuda.

—Falei minha opinião e me chamou de intrometida.

—Foi por impulso.

—Claro, parte da sua personalidade de fogo—e sua bipolaridade—, você é um marido de ouro.

—Me desculpe.

—Que seja.

E ficamos calados, a tensão se espalhando por meu corpo, não queria isso, mais uma discussão, como posso conviver com esse homem sem brigar com ele ao menos uma vez no dia, meu Deus?

—Nunca contei isso para ninguém, apenas Lane sabe da minha vida. —Ele quebra o silêncio, a voz é baixa e muito dura.

—Isso não é uma vantagem, Jack. Depois de dez anos, eu tive uma bela noite de bebedeira, transei com um estranho a noite toda, me casei com ele e, advinha? Ninguém além dele sabe disso—reclamo com impaciência de novo, mesmo surpresa, ah, não vou tolerar essa bipolaridade dele, não mesmo.

—Não sabia que não tinha relações há dez anos. —A voz dele muda para muito mais fechada, nervosa.

—Eu também não bebo, e eu não saio casando com estranhos assim. —Minhas bochechas queimam de vergonha. —Acha que eu minto sobre beijar? Sobre a minha vida? Eu não sou assim.

—Eu sei que não. —Jack se move, a mão toca meu rosto agora. —Você é especial, já disse, diferente.

—Você não. —Estou firme agora. —Me pede para aceitar tudo isso, mas não parece abrir mão de nada.

—Sou novo nisso, Maria, também nunca me casei, ou me senti tão próximo de alguém.

—E as outras?

—Era apenas sexo.

—Fútil.

—Sou homem, o que esperava? Um príncipe num cavalo?

—Com certeza, não o cavalo em si.

Cruzo os braços, Jack dispara numa gargalhada estridente, a tensão vai passando, e essa sou eu, falando essas besteiras que nem me dou conta as vezes, acabei de chamar meu marido—desconhecido, mister “M” — de cavalo.

—Então, você me acha grosso, imagine o que as minhas secretárias devem

pensar.

—Realmente, não imagino. —Estou constrangida, mas não vou me desculpar. —Me dê a salada, consigo comer sozinha.

—Quero dividir, quem sabe eu não adoço a minha amargura?

—É, quem sabe. —Não quero mais discutir. —Posso ouvir uma música no celular?

—Claro, basta falar.

—Você não sabe a senha. —Espelho, fingindo desinteresse.

—Pode ouvir no meu, o seu descarregou. —Ele se move na cama. —Fale o nome da música.

—Talvez não goste.

—Fale!

—É inglês.

—Hum, eu acho que falo inglês, querida.

Odeio quando me trata desse jeito cínico, estou com vergonha de falar o nome da música errado.

—Deixa para lá.

—Maria! —soa mais como um aviso.

—Fragments. —A voz desse cantor me acalma. —Jaymes Young.

E a música começa no quarto, fico surpresa com a rapidez, Jack volta a me dar a salada, tenho basicamente todos os álbuns de Jaymes Young, também do James Bay, adoro música assim, sei as letras e as traduções, sempre pesquiso, talvez eu não seja uma bilíngue, mas, pelo menos, entendo alguma coisa quando se trata de música.

—Gosta desse tipo de música?

—Sim, as letras dele são maravilhosas.

—Não tem graça.

—Vamos lá. —Começo juntando minha paciência. —Eu gosto, ponto, não tem que questionar isso.

—Está fazendo de novo. —Ele ri. —Meu Deus, como você é bonitinha quando fica brava.

Fecho a cara, ele não me leva a sério, a sensação que eu tenho é que ele faz pouco de mim.

—É sempre o que você quer, não é, Maria? Sua vida, suas regras.

—Não preciso de ninguém querendo mandar em mim.

—É, realmente eu gosto de mandar em você, mas isso para mim, é uma forma de deixar claro que você é minha.

—Que diferença isso vai fazer para o mundo?

Ele pega a minha mão, deposita aqui uma caneca, apalpo, está quente, seguro a alça, café!

—Toda diferença.

—Você não mijou na porta da casa?

—Achei melhor foder com você.

Ai, Ai e Aí, boca suja, me deixa até sem ar com isso, ele está rindo de novo, agora algo seco e muito irônico.

—Quer mesmo falar disso, Jack? Devo lembrá-lo que eu não me recordo de nada, estava tão bêbada. —E suspiro de um jeito meio dramático, ele ri de novo do meu sarcasmo.

—Mas estava lá —argumenta e começa a mastigar algo. —E como estava.

—Devo ser boa. —Sai mais para “merda”.

—Não sabe o quanto. —Ele se inclina e sinto sua respiração apenas alguns centímetros da minha face. —Vamos repetir em breve.

Meus nervos tremem e uma corrente elétrica percorre minha espinha, pousando na parte abaixo da minha bunda, por que aí? Me arrepio, me encolho toda, me... aí, como me sinto? Estou atordoada! Nossa!

—Mesmo? —inclino a cabeça um pouco para o lado e ergo a caneca. — Não me diga!

Me afasto e bebo um pouco do café, Jack ri, mas não como se estivesse bravo, a boca dele invade a minha nesse momento, não o detenho porque sei que não adianta, não dá para ser imune a esse homem, a minha força de vontade se vai, e a única coisa que quero é ser beijada por ele, Bob Marley.

Deveria ser diferente!

Novamente este receio me invade, vou chamar de persistência, e me afasto de novo, bebo o café, não devo nem posso fazer isso como se fosse normal— mesmo que pareça—, porque não é, mesmo que precise me habituar a ele, não posso ceder assim, não devo, não é certo, é?

—Você tem medo, é isso?

Não é medo, eu nem sei o que falar, talvez seja porque não faço isso com frequência, é mais como um pequeno aviso de que não posso me aproximar muito de você.

—Não, só não acho que devamos —concluo minha voz quase não sai.

—Não gosta quando te beijo? —Ele está meio apreensivo.

—Não, não é isso, sabe Jack, eu não quero me apegar muito, é isso. Eu sempre fui só e isso é novo para mim. —É verdade. —Você entende?

—Sim, também é novo para mim mas acho que já sabe disso.

—Sei?

—É, nunca fui casado, toda essa coisa, o que quero dizer é que eu nunca compartilhei momentos assim com ninguém.

Poxa Vida!

Meu Deus!

Sufoco, Oprimo, Engasgo.

—Eu não sou bom em relacionamentos. —Ele está nervoso. —Sempre me envolvi com mulheres que sabem que não quero ser visto.

—Mas elas não sabiam os motivos? —pergunto meio curiosa.

—Não, você não sabe quantas pessoas como eu existem, o que quero dizer é que tem pessoas como eu que procuram descrição. —Tropeça na última palavra.

Ainda não entendo, fico esperando que ele conclua o raciocínio.

—Funciona como uma agência, eles localizam pessoas que se envolvam com pessoas como eu, sem fazer questionamentos ou coisas assim. —Faz uma pequena pausa, estou nervosa. —Eles contratam acompanhantes para pessoas que tem escopofobia.

—Como garotas de programa? —O sangue nas minhas veias vai congelando.

—Não exatamente, é como uma rede de relacionamento, as pessoas buscam diversão e prazer, a agência só serve para nos apresentar. —E toca minha mão. —Desculpe não deveria falar isso.

—Tudo bem, quer dizer que sempre se envolveu com pessoas arranjadas por essa agência? —Ainda chocada, tentando controlar meu nervosismo.

—Sim.

—E elas nunca souberam de sua doença!

—Não, não são informadas de nada, para elas é como um fetiche, costumam ser garotas ou mulheres que gostam de curtir a vida.

Então tem mulheres que gostam desse tipo de coisa? Que louca faria algo assim? É muita loucura ficar tendo encontros às cegas com um estranho, não é? Eu em meu estado normal—ou sempre—, nunca faria isso, faço sob influência de Jack, porque sei que é importante—e fundamental— para ele, mas nunca faria isso por prazer, ou alguma bizarrice.

—Todos os meus relacionamentos foram arrumados por essa agência. —A voz dele está muito baixa, longe de ser algo feliz. —Já havia desistido.

—De que? —pigarreio.

—Encontrar a mulher certa. —Ele se move. —Alguém que vai me dar filhos e um lar.

Fico parada, na minha mente essa declaração soa com tanta doçura, que perco a linha de raciocínio, também não consigo imaginar viver tendo encontros marcados por terceiros sempre, viver tendo tanto medo de ser vista, que tenho que me sujeitar a encontros arranjados para poder me relacionar com alguém.

—Isso é muito insignificante para você, não é? —A mão dele volta a tremer. —Eu, eu, eu escolhi você!

Como posso entender esse homem? O que se passa na cabeça dele? Ele está sendo tão sincero e gentil, outra hora irritado e um completo grosso, Jack fala de mim, mas ele é uma verdadeira montanha-russa, estou querendo me derreter toda agora, ele me escolheu!

—É difícil aceitar, eu sei, mas não quero mais ninguém, sei que é você. —A mão trêmula toca a máscara de dormir com cuidado. —Quer me ver agora?

Sim.

—Melhor não—digo, o que ele pretende com isso? —Jack, qual o problema?

—Se me ver vai parar de me rejeitar!

—Não te rejeito, apenas tudo é muito novo, foi muito rápido, você sabe que sim.

—Não para mim, claro, o casamento sim, mas você é a melhor coisa que me aconteceu na vida.

Meu Deus, Jack, pare, pare!

Levanto, meu coração a mil, minhas mãos soam, o que esse homem quer de mim? Que eu morra do coração? Por que fala essas coisas? Não faz o menor sentido! Me afasto da cama, conheço esse rumo, e paro a certa distância da porta, até a minha respiração está acelerada.

—Maria, não fique fugindo —aconselha com voz brava. —Estou sendo sincero.

—Eu sei—falo, estou tremendo. —Estou nervosa.

—Eu também, mas é como eu me sinto, você é muito especial para mim, e eu não quero que fique longe de mim.

Congelo.

—Quero dizer que quero você perto de mim, trazer seu filho, uma família.

Abaixo a cabeça, sem fôlego, nem sei o que falar, o que posso falar? Meu coração está disparando rapidamente, mais e mais, não consigo me mover, ele levanta, vem em minha direção, ainda dura sinto o abraço forte dele, Jack me beija com carinho, um aperto incomum envolve meu peito, é disso o que tenho medo?

—Não agora, logo que você se formar, podem vir para Nova York?

—Não sei. —Consigo falar, meus pés parecem flutuar ou coisa assim. —Você está bem?

—Não, claro que não, em dois dias você vai embora. —Beija minha testa. —Eu não quero ficar longe.

—Hum. —Ainda não sei o que falar. —Vamos ver?

Ele está calado agora, não sei o que esperar, mas também não posso ser diferente, agir diferente, eu sou assim, preciso pensar em tudo antes de agir, se eu fizer por impulso, eu me arrependo e fico me corroendo, como tudo o que fiz na noite de sábado, fui tão impulsiva, eu não sou assim.

—Está bem. —cede, mas está duro. —Quer ficar sozinha?

—Não—admito. —Quero ficar com você.

—Isso é deprimente. —A voz se torna ainda mais fria.

—Não quer ficar? —Não entendo.

—Estou falando sobre a máscara, deve ser péssimo...

—Tudo bem, eu não me importo. —Muito. —Podemos terminar o nosso café?

—Sim, depois ficaremos aqui, tudo bem para você?

—Sim.

Nos beijamos, voltamos para a cama, ainda não sei bem o que estou fazendo. Esses últimos acontecimentos, essas declarações dele mexem comigo, contudo, não quero ter que sair desse quarto e ficar enfrentando as perguntas da Sah e da Gina, preciso pensar, e é isso o que eu vou fazer, ou tentar.



Nível 7 da obsessão

—Você sabe cozinhar?

—Minha mãe é cozinheira, o que espera? Claro que não!

Estou com preguiça, acabei pegando no sono, me estico na cama, como foi que eu dormi? Será que foi por muito tempo? Lembro que agora mesmo eu acabei de tomar café e deitei ao lado de Jack, dormi!

Jack ainda está aqui, ele sorri, sinto por seu suspiro humorado, toco sua face, é bom saber que ele sorri, ele já está sem a camisa e sem a calça, de cueca, estamos embaixo de cobertores fofinhos, travesseiros.

—Eu sei. —Ele toca minha cabeça. —Mas tenho a Helena, ela cozinha para mim.

—Hum.

Sei cozinhar, mas não me gabo, já queimei muita panela na cozinha da

minha mãe, ela me ensinou tudo o que eu sei desde criança, infelizmente ou felizmente, ela é uma excelente cozinheira, acabo tirando vantagem disso, principalmente porque ela quem cozinha a maioria das vezes e deixa minha marmita pronta, nesse quesito não posso reclamar da minha mãe, é por causa dela que eu sou gorda.

—Vou te beijar.

—Acho que permito.

Quero rir da minha resposta, eu sou tão previsível as vezes, não consigo resistir a ele, nossas bocas agora se entendem tão bem, que parece que já fazemos isso há muitos anos. Nossos corpos estão juntinhos e as pernas estão embaralhadas, as minhas nas dele, posso sentir os pelos das canelas dele, o atrito me causa arrepios, o peito dele é sólido, duro, minha mão permanece na nuca dele, e a outra nos cabelos dele—gosto de tocar os cabelos dele, e daí? —, são lisinhos e mais compridos —não entendo esse fetiche por cabelos, Jack, coincidentemente faz o mesmo comigo, seu toque é suave e carinhoso, gosto disso também.

—Você é tão maravilhosa.

—O que fizeram com você? —Estou sem fôlego.

—Disse que não me conhece, só de ter aceitado já estou muito feliz. —Beija o local da máscara. —Vou compensá-la.

Não quero ser compensada, Jack, quero te ver.

Mas oprimo o pensamento, o que posso fazer além de tentar entendê-lo? Conviver com isso? Ele está realmente mudado depois que estamos conversando, nos entendendo, bom ou ruim.

—Eu vou fazer de tudo para parecer algo normal para você.

Isso é realmente importante para ele, sou tomada por um sentimento de culpa extremo, será que ele sempre foi assim e só agiu daquela forma por medo? Por minha reação?

—Não faz ideia de como é importante para mim, Maria. —Ele parece sorrir. —Mal acredito que você entende.

—Aqui está tão bom. —Suspiro e me encolho, ele em aperta. —Não era para estar calor?

—Liguei o ar. —beija minha cabeça.

Três batidas na porta e fico tensa, Jack, levanta depressa, sei que ele se veste, ouço o som do zíper do jeans, não sei como ele se sente, mas me

encolho, um pouco medrosa. Seja quem for, não quero que me veja com máscara de dormir, afundo embaixo nas cobertas.

—Ela está dormindo? —Sah pergunta assim que Jack abre a porta.

—O que foi? —Jack pergunta nesse tom sério de sempre. —Algo com o menino?

Ele se preocupa com o Nando!

—Não, nada —Sah responde imediatamente. —Podem... continuar, aqui, a calcinha que ela pediu, tchau.

Coro, Jack fecha a porta e tranca na chave, ele volta, não quero nem pensar no que ela está imaginando ao meu respeito, tomara que quebre a cara quando eu contar que não fizemos nada. Ela sabe que eu nunca minto sobre nada, ela também não mente para mim só as vezes, quando está muito envergonhada para contar a verdade.

Ele sobe para a cama, e ouço o som do zíper novamente, quando me abraça, estou de novo segura, quero fazer muitas perguntas, mas não sei como. Jack falou sobre a família que o rejeita, mas ainda preciso entender esse medo excessivo de que eu o veja, sei que agora ele está um pouco mais calmo, ele, com certeza, não gosta de falar sobre isso, nem eu mesma, não sei como poderei entender, mas preciso.

—Quando acaba suas férias?'

—Ainda faltam vinte dias, mas as aulas começam antes, então.

Deveria ter perguntado primeiro!

—Quando voltar ao Brasil, ainda estará de férias. —Observa ele e deita em cima de mim. —Pode me levar para conhecer sua família.

Fico paralisada, sufocando com a sugestão, não imagino um mundo onde posso apresentar um homem a minha mãe, ao meu filho, e como farei com a máscara de dormir? O que ele pretende? Isso é uma hipótese?

—Posso ir lá, conhecê-los, seu filho. —Jack está cauteloso. —Podemos viajar, os três juntos, o que acha?

—Viajar? —pergunto, estou bem mais que surpresa. —Para onde?

—Tem um lugar no Brasil —toca minha bochecha —, quero levá-la lá.

—Hum. —Ainda não sei o que falar. —E como seria essa viagem? Para o Nando... seria muito diferente eu ficar vendada a todo momento.

—Vou organizar tudo. —Me beija no canto da boca. —Não se preocupe.

Eu mal entendo isso, como posso explicar para o meu filho sobre essa coisa toda?

—Vai dar certo, Maria, tenha paciência, confie um pouco em mim.

—Não é uma questão de confiança —replico, mas tenho medo disso, não quero me magoar nem surtar com essa coisa toda de novo, mas não sei também até que ponto eu magoaria ele se disser um não. —Eu, eu posso pensar?

—Não tem o que pensar, vai ser uma ótima chance de conhecer o seu filho, e também de você saber um pouco mais ao meu respeito.

Isso é bem mais atraente que fazer perguntas, não respondo, quero saber mais a respeito dele admito, será que essa viagem poderá resolver essa questão? Mesmo apreensiva, preciso pensar nas chances disso, realmente, dar certo, além de não ver, não conto com informações sobre Jack, e não faço a mínima ideia de quem ele seja literalmente, estou totalmente perdida, e ele está longe de querer que eu saiba, ao menos fisicamente, no entanto, e sobre a vida dele? A família O que a família dele faz?

—Fiquei muito surpreso quando falou sobre ele. —Jack toca minha boca com o indicador lentamente. —Você não parece ter tido um bebê.

—Já faz muito tempo —respondo. —Tinha dezessete anos quando fiquei grávida, minha mãe quase me matou.

—É? —Jack pareceu bem surpreso. —Ela não queria que tivesse a criança?

—Eu sempre fui uma boa filha, para ela foi um choque. —Mamãe também não sabe como as coisas aconteceram, só a Sah, por isso eu não culpo ela, até hoje ela passa isso na minha cara. —Eu era uma boa filha.

—Não é mais?

—Não acho que ela me considere um modelo, minha mãe me culpa por ter engravidado no último ano, ela acha que isso foi uma forma de me vingar dela.

—Por que?

—Ela se casou de novo e eu odiava o Van, bem, ainda odeio, um pouco menos, mas é difícil, não nos damos bem.

—Ele trata você mal?

—Ele é muito autoritário e manipula a minha mãe, eu odeio esse tipo de coisa.

—Sou autoritário.

—Eu nem havia percebido.

Jack ri, fico imaginando que tipo de mulher seria sarcástica assim com seu marido, será que eu estou sendo grossa? Provavelmente! Devo me importar?

—É diferente —argumento. —Ele faz ela tomar decisões absurdas, eu já quase sai de casa duas vezes por causa dele.

—Brigam sempre?

—Ultimamente eu não falo com ele além do necessário. —É a verdade. —Ele é muito convencido.

—Em que sentido?

—Todos. —Lembro da forma ridícula como ele fica mostrando os músculos para minha mãe e quero que alguém me mate, sorrio. —Otário!

—Você é má! —soa ele, meio divertido.

—Eu sou má? —Minha sobrelanceira da acusação se ergue. —Não conhece o meu padrasto, ele vai para a academia sem camisa e fica se olhando no espelho enquanto pega peso, em casa ele fica andando para cima e para baixo de calção, porque sei lá, ele acha que moramos na praia?

—Você é muito engraçada. —E ele beija minha bochecha, ainda rindo. —Eu não sou, sou muito fechado.

Inacessível também, e grosso na maioria das vezes, a lista nem vai caber no meu Orgulho e Preconceito, Jack é do tipo de cara com quem eu nunca teria um relacionamento, eu sempre quis alguém romântico e gentil, não um escopofóbico perseguidor.

—E a sua faculdade?

—É normal, estudo à noite, eu gosto, mas como estou no penúltimo período, basicamente tem dias que só vou mesmo para o conselho jurídico, e você? É tão jovem para já ser formado, ter sua empresa!

—Eu terminei um ano antes, me formei em Física em Oxford.

Meu Deus Do Céu.

—Tenho uma outra graduação medíocre em Sistemas. —Ele fica meio de lado com metade do corpo em cima do meu. —Meu tio sempre me deu todo o suporte, é claro, ele pagou os meus estudos, os de Alejandro, a herança da minha mãe foi dividida entre os filhos, mas eu não quis a minha parte.

—Hum. —Nem sei o que falar, como um diploma em Sistemas e outro em

Física seria algo medíocre? Eu estou custando sobreviver ao fim da minha graduação. —Deve gostar do que faz.

—Gosto, abri minha empresa há quatro anos, crescemos muito desde então.

—É o que exatamente?

—Dono.

DONO! Eu me casei com O DONO!

Que legal, já pode soltar os Fogos de Artifício?

—A minha empresa desenvolve sistemas para grandes empresas.

—Entendo.

Faço ideia do que ele está falando, mas meu cérebro parou na palavra Dono, por que me casaria com alguém assim? Por que eu me casei com um executivo? Poderia ser um bombeiro, um policial, ou o padeiro—que segundo a Júlia, é muito a fim de mim—, mas logo alguém que não tem nada a ver comigo?

—Você está calada de novo, isso é assustador. —Coloca a cabeça no meu ombro. —Odeio quando fica em silêncio.

—Por que? —Não entendo.

—Quando você ouve algo que não gosta, fica sem respostas.

Nossa! O que você tem, homem?

—Deveria ser formado em psicologia —respondo, e isso o faz rir. —Não é bem isso.

—E o que é, querida? —A respiração dele está bem próxima do meu pescoço.

Viro a cabeça para o lado dele, não estou vendo ele, mas quero parecer ao menos normal... ou sei lá, como se olhasse para ele? Ele me chamou de querida!

—Eu me esforço para não falar a primeira coisa que me vem à cabeça, eu sou meio... exagerada as vezes. —Escolho bem as palavras.

—Você parece muito tranquila —replica a voz mais que nunca relaxada, o hálito cheira a café. —Pode falar o que pensou há pouco?

—Sobre sua profissão?

—Sim, por favor.

E Essa educação exageradamente charmosa... nunca conheci alguém tão

educado!

—Não sei se a ideia me agrada, você deve ser aqueles caras que vivem enfiados num escritório de terno e gravata, cercado por mulheres lindas que usam aqueles terninhos chiques e tal. —Eu vou sorrindo enquanto imagino. —Imagine só, eu e um executivo... É como vestir uma lingerie pequena, você é grande demais e desconfortável ao mesmo tempo, para ela.

—Lingerie pequena! —Jack ri de novo, agora mais alto, algo que lembra dias... droga, dias com muita esperança.

Estranho, eu nunca pensei isso sobre a risada de ninguém, a do Nando soa como algo fofo que me deixa feliz, da Sah é tão descontraída, me faz sorrir, da minha mãe é debochada, da Júlia jovem e relaxada, a risada do Van soa mais como uma gralha sem graça, Jack, Jack me enche de esperança!

—É. —Fico sem jeito. —Não me imagino casada com um Grey da vida.

—Deveria, meu closet tem muitos ternos, eu gosto, mas eu tento não ficar confinado no escritório. —Coloca as mãos na minha nuca. —Você parece tão natural e confortável agora.

—É, eu não funciono sob pressão, o que é uma ironia, o lugar onde eu trabalho é cheio de pessoas loucas que me cobram o dia todo. —Fico nervosa só de pensar que vou voltar para aquela loucura, amo meu trabalho, mas ele me enlouquece as vezes.

—O que você faz exatamente?

—Eu trabalho na área de vendas.

—Mesmo?

Esse “mesmo” soa tão surpreso, acho que não falei do “tédio” para ele ainda, eu não lembro sobre o que falei na noite da bebedeira, mas isso, com certeza, não disse, ele parece tão chocado!

—Você gosta?

—Bom, as pessoas não valorizam muito a minha área, já trabalho lá há dois anos, a empresa é enorme e eu tenho convênio médico para mim e para o Louis Fernando, eu não ganho mal, dá para sobreviver —admito incerta.

Claro que nada comparado a alguém que tem um avião, isso meio que faz com que eu me sinta pequena agora, e essa sou eu, uma atendente de call center do lado de um homem que tem um avião, uma casa e Malibu e Deus sabe mais o que ele deve ter de tão rico, isso é uma vantagem? Por que para mim parece mais uma grande sacanagem, Um executivo? Sérió Destino?

—Sempre trabalhou nessa área?

—Não, eu costumava trabalhar como caixa no restaurante onde minha mãe trabalha, trabalhei por muitos anos com ela, só que eu não tinha carteira assinada nem nada e, mal tirava férias, depois eu cansei e fui para a Meta, eu sempre trabalhei com a minha mãe, porque eles permitiam que eu levasse o Nando.

—Sem férias?

—É, eu tirava uns quinze dias, mas acabava vendendo as minhas férias, precisava do dinheiro para montar a minha casa.

—Foi assim por muito tempo?

—Depois que o Nando nasceu, até ele fazer oito anos.

—Nossa.

—É, você não conhece a minha mãe!

—Sua mãe?

—Sim, ela fez o sobrado no andar de cima, em troca ela meio que me fez trabalhar com ela e todo esse tempo, logo que o Nando foi para escola, eu quitei minha dívida e disse para ela que não queria mais, aí fui para Meta.

—Ela cobrou isso de você?

—Van fez ela cobrar, a casa onde moramos está no nome dele, também não achei ruim, qualquer coisa era melhor do que dormir na sala.

—Dormia na sala?

Jack soa tão incrédulo, agora que quero rir, até parece que é o fim do mundo dormir na sala!

—Isso é tão absurdo para você, Jack? Nunca assistiu Os Miseráveis?

Ele não ri, fico dura, acho que falei demais, não deveria ter dito!

—Você dormia na sala com um bebê?

—Não, ele dormia no berço no quarto da Júlia, eu dormia no sofá cama da sala, a casa ainda era pequena, ninguém imaginou que eu fosse engravidar. Como eu dividia o quarto com ela e tal. —É melhor contar a verdade, o que ele espera? Uma suíte cinco estrelas no meio do subúrbio do Rio? —Quando ele nasceu, tive que tirar minha cama e colocar o berço dele no quarto dela, passei a dormir na sala.

—Por quanto tempo foi assim? —A voz dele se tornar ainda mais seca.

—Dois anos, aí o Van começou a reformar a casa e eu pedi que

construíssem o andar de cima para mim, foi bom. Hoje a casa da minha mãe é maior e eu tenho mais liberdade no sobrado, é espaçoso, tenho dois quartos, um banheiro e uma sala conjugada com cozinha.

—Apenas você e o seu filho.

—Claro, e a Sah, ela vive lá em casa.

—Você gosta muito dela.

—Ela é como uma irmã para mim, eu amo ela.

Jack cheira o meu nariz!

Que estranho!

Fico assim, meio sem reação com isso, ninguém nunca cheirou meu nariz, que esquisito!

—E você? —Não resisto.

—Bom, eu não tive um prestígio tão maravilhoso de ter um padrasto pessoal. —Ele beija meus lábios de leve, sei que está sorrindo, sorrio. — Sempre estudei em escolas particulares em Londres, eu basicamente fiquei em internatos minha vida toda.

Tremo, isso é tão sombrio, a versão que eu tenho de internatos é aquela que vejo nos filmes antigos, freiras, padres cruéis, crianças uniformizadas e certinhas, porém, infelizes e tristes, pálidas demais, com olheiras profundas e seus cabelos penteados muito comportadamente, andam em fila, não falam, não sorriem, quando quebram regras, ficam de castigo, apanham e Deus sabe mais o que faziam com essas crianças, será que com ele foi assim?

—O que foi? —Jack percebe como isso me causa repulsa.

—Você não foi estuprado, foi?

—Não?

Por que eu fiz essa pergunta? Meu Deus, acho que estou ficando louca, me ergo, mais envergonhada que nervosa, acho que as vezes Sah tem razão quando se refere a mim como uma pessoa distraída.

—Maria?

—Posso fazer uma observação?

—Sim, claro.

—O meu nome é Maria, com entonação no final.

—Está bem, MARIA com entonação no final, poderia voltar para cá agora?

Quero rir, Droga!

Deito, Jack se aconchega de novo, dessa vez coloca a cabeça em cima do meu seio, isso é tão familiar para mim, não sei como me opor em relação a ele, como dizer não.

—Não eram internatos ruins, Maria, eram escolas muito boas, meu tio me visitava sempre, a mim e ao Alejandro.

Não me imagino vivendo longe da minha mãe, bem, não conheço meu pai, mas ela foi uma mãe incondicional, me levou a todos os parques, para as sorveterias que eu adorava e me encheu de amor e proteção sempre, pelo menos até os meus treze anos de idade. Eu fui criada com muitos colegas, filhos dos vizinhos, correndo na rua descalça, Sah fez parte disso até os meus quinze anos, quando o pai dela enriqueceu eles se mudaram do bairro, então, me isolei bastante, mesmo assim ainda via ela aos fins de semana, tinha minha mãe—recém-casada—e, uma vida perfeitamente normal.

—Ele achou melhor assim na época, foi a melhor coisa que poderia ter nos feito, isso nos disciplinou muito e nos preparou para vida adulta.

—Não permitiria que um filho meu fosse para um internato nunca—replico, não mesmo.

—Era isso, ou ter que viver numa família que nos odiava, nos renegava, foi a escolha mais sábia. —Defende Jack, calmamente. —Depois eu fiz dezessete e fui para Oxford, foi a melhor decisão da minha vida.

—Você já era escopofóbico? —Ele fica tenso, duro, nossa!

—Eu sempre fui, não é algo que eu deseje ou que tenha controle, apenas com algumas pessoas é assim, como já disse.

—Desculpe, achei que havia um motivo.

Ele não responde, ainda duro, apenas isso me basta para ter certeza que há um motivo para ele ser assim.

—Algumas coisas, talvez, mas não quero falar disso.

Concordo, balanço a cabeça, estou curiosa, o que o motivou?

—Isso significa que está pensando antes de falar?

—Deixe os meus pensamentos em paz, Jack.

Ele ri, coloco a mão em sua nuca, ele vai relaxando aos poucos, é algo bem mais oculto que eu pensei.

—Está bem!

E ficamos em silêncio, o quarto realmente está mais frio, Jack toca meu pescoço, meu ombro, pequenos arrepios se formam nesse local, ele faz com que eu abaixe a cabeça, sei que vai me beijar, ele gosta de me beijar.

Estou de novo meio nervosa, minha mente continua uma bagunça como um quadro-negro cheio de cálculos extensos, sempre odiei números, ainda é complicado ter que lidar com eles, agora estou casada com um físico, um homem que adora números e mal acredito nisso.

Ele me puxa, Ah, Bob Marley, One Love, Droga!

Suspiro, sei que sou pesada, mas ele faz com que eu me sinta leve enquanto me segura em cima dele, ele quer que eu o beije, não sei como sei disso—ou percebo—, mas Jack sempre espera ser correspondido, será que eu beijo bem?

Ele é tão grande, o corpo dele é mais comprido mesmo, não me atrevo a tocar em nenhuma parte do corpo dele, mesmo que eu queria ter alguma noção disso, me sinto derretendo aos poucos e minha boca se move mais e mais com a dele, não estou desconfortável, não estou com medo—como antes—, nem estou tão nervosa, o beijo é tão... bom!

Meu coração dispara com o jeito intenso como ele me corresponde, a língua de Jack tem gosto de café, ele se torna mais agressivo, mais intenso, a língua investe na minha boca com força primitiva—meu Deus, e eu gosto disso? —, gosto tanto, que agora salivo —droga—e, imediatamente paro, estou sem ar, o que eu estou fazendo?

—O que foi? —Ele também está sem ar.

—Nada —consigo falar. —Preciso ir ao banheiro.

—O que foi? —repete com mais firmeza. —Fiz algo que não te agradou?

Pelo contrário.

—Estou sem calcinha —respondo sei que estou vermelha, preciso de uma desculpa.

—Fale! —exige, ainda com essa seriedade na voz.

Meu Deus, será que eu não posso ter meus pensamentos para mim? Como esse homem pode saber que escondo algo?

—Acho que as coisas estão acontecendo muito rápido e, não sei se consigo lidar com tudo isso—digo —, eu acho que gosto de ficar com você apesar de tudo, mas preciso de um tempo para entender as coisas.

—Se sente atraída por mim, Maria —afirma convicto. —Não é difícil

entender isso.

—Eu nunca me senti atraída por ninguém. —Também não sei como isso funciona, mas estou morrendo de vergonha. —Você ouviu alguma coisa na sua cabeça quando beija alguém?

—Não! —A voz dele volta a assumir o sorriso —Você ouviu?

—Não é estranho? —pergunto e abaixo a cabeça, estou morrendo de vergonha, ele deve achar que eu sou louca. —Desculpe, acho que eu estou mesmo com uma crise de nervos.

—O que ouviu? —Ele beija minha testa. —Sinos?

—Como você é convencido. —Encosto a cabeça no ombro dele, Jack está com as mãos nas minhas costas, o pescoço dele cheira a essa coisa amadeirada forte, gosto do cheiro.

O cheiro de Jack!

—Então, o que é? —Me aperta. —Você precisa parar com essa timidez.

—Eu não sou tímida —reclamo chateada, odeio quando falam isso ao meu respeito, eu não sou tímida, eu sou fechada. —Eu não sou tímida!

—É, e muito, você não precisa ter vergonha de mim, tem vergonha até de me beijar.

—Não é vergonha, é que eu gosto e eu não deveria me sentir assim —replico meus dedos se fecham, minhas mãos soam. —Eu gosto de te beijar e não deveria.

—Por que não? —A voz dele se atenua, parece mais grossa. —Está dando certo, Maria, nós dois estamos casados.

—Você se apega demais a isso, esquece das complicações. —Preciso tomar cuidado com as palavras. —Você esquece da minha vida, da sua vida, como pode me encaixar na sua vida? Como posso te pedir para se encaixar na minha?

—Tente!

Nossa!

—Maria, você realmente não quer prosseguir com isso, não é?

—Jack, você precisa parar de querer me forçar as coisas.

—Só quero que enxergue as coisas como elas são, estamos casados e isso é um fato.

E esse assunto o irrita, me importo com isso quando deveria estar mais

preocupada comigo mesma, me afastar dele, deixar claro as minhas intenções, até dois dias atrás não suportava a ideia de ter esse homem por perto, nem ele, nem metade da dor de cabeça que ele me provoca, mas agora eu realmente não faço ideia de como afastar ele, não consigo afastar Jack!

—Estou te forçando a ficar comigo agora? Isso a incomoda?

—Não.

Eu realmente estou um mar de confusão hoje, ou desde que conheci Jack, algo sobre eu saber que devo fazer a coisa certa, mas eu não consigo, entendo algumas coisas, elas fazem parte de tudo isso, mas outras me deixam tão sei lá.

D-R-O-G-A

Não deveria ter deixado ele se aproximar muito, não deveria ter me permitido fazer essas coisas.

—Estou tentando ser paciente. —Ele ainda assume essa voz séria. —Gosto de você e não quero o divórcio, pode se esforçar um pouco e tentar aceitar as coisas como são.

—É que você fala como se fosse fácil eu assumir tudo isso e fingir que estou bem.

—Não está?

—Estou, Droga!

Jack me solta, levanta da cama, pronto, irritei ele de novo, que ótimo!

—Eu não entendo você, francamente.

—Eu estou bem, mas não quero estar bem porque isso significa que eu aceito a situação e eu na verdade, não sei se estou preparada para tudo isso, só fazem cinco dias Jack, não pode ser alheio a isso, pelo amor de Deus.

—Está agindo por orgulho.

—Orgulho? —Me irrita. —Sério?

—Sério. —Ele está perto da cama. —Eu sei que tudo isso te assusta, mas vai ter que se acostumar, porque não vou dar o divórcio.

Não preciso falar para Jack que não me importo com a opinião dele, não o meu orgulho, eu já atrolei ele várias vezes depois que o conheci, é mais o medo... medo do incerto, das mudanças, medo do que me espera de hoje em diante.

—Não vamos brigar —decreta ele, mas ainda está irritado. —Eu vou...

—Não vai não! —berro, sei o que ele pretende. —Vamos conversar sobre isso, resolver a situação, você não pode.

Mas os passos dele se afastam rapidamente e cinco segundos depois, eu estou sozinha no quarto, não sei que porta se fechou, mas tenho plena certeza de que Jack não está mais aqui.



Sem Resistência.

Eu espero, espero e espero, e, nada.

Jack não volta, me recuso a acreditar que ele me deixou falando sozinha, fico irritada, não apenas isso, furiosa e magoada. Levanto da cama, como não ouço nenhum passo, arranco essa máscara idiota do meu rosto, tranco a porta, bem mais que furiosa.

Como você é Infantil, Jack Carsson, não consegue ter uma conversa de adulto por mais de dois segundos inteiros.

Estou mais brava por ele ter me deixa falando só, do que pelo fato de não querer falar sobre o assunto, odeio quando fazem isso comigo, mamãe faz isso comigo, ela tem toda essa coisa de evitar discussão, eu não, eu não sou

assim. Eu quero resolver o problema e pronto, sei que postergar só vai piorar tudo.

Bem, mas se é assim que ele prefere, assim será.

Vou para o banheiro, me olho no espelho, e—involuntariamente é claro—começo a chorar, as lágrimas são de pura raiva mesmo, como eu odeio essa situação, já está insustentável o bastante, me sinto tão saturada, tão lotada disso tudo.

Respiro fundo, minha garganta queima, sufoco as lágrimas, e percebo que estou muito magoada também.

Suspiro, até quando tudo isso vai durar, Deus?

Me sinto frustrada com tudo, cansada, já disse emocionalmente destruída?

Me sento no vaso fechado e apoio os braços nos cotovelos, as mãos no rosto, seco as lágrimas, digo para eu mesma umas sete vezes seguidas a seguinte frase: “Isso vai acabar”

E fico ouvindo a quietude do banheiro de luxo, olho em volta com desânimo, essa banheira espaçosa onde tomei banho ontem, a pedra de mármore bege perfeita, analiso o chão de porcelanato liso e limpo, levanto, me aproximo do lavatório, de novo me sinto num desses filmes americanos que eu assisto.

Apoio as mãos na pedra de mármore e me observo no espelho, meus olhos são castanhos claros, mas estão avermelhados, meu nariz não é tão delicado e pequeno, mas é reto, minhas bochechas são mais cheias, meus lábios são maiores e mais cheios, mas a minha boca não é tão grande, fungo, mais lágrimas.

Não posso me sentir assim, não posso me permitir ficar desse jeito, mas o que posso fazer para evitar? Desde que eu conheci esse homem, estou com os nervos à flor da pele, fico nervosa e deprimida com tudo, mal consigo lidar com os meus próprios sentimentos, e para completar, ele nunca me escuta.

Respiro Fundo.

Um furor veloz cresce dentro de mim, estou puta de raiva, não é medo, não é incerteza, é apenas ódio, ódio pela situação.

Fico me olhando agora, meus cabelos caindo dos lados do meu rosto, bagunçados, os cachos pesados e desordenado, eles caem na altura dos meus cotovelos, as pontas meio claras e secas, a camisa de Jack no meu corpo me deixa parecida com uma gorducha que eu vi num filme antigo, me pergunto

pela centésima vez, o que ele viu em mim? Eu não sou bonita, não sou magra, não tenho atributos físicos perfeitos, e eu não me considero uma mulher extremamente inteligente.

Lavo meu rosto, tento prender meus cabelos, não consigo e isso me deixa ainda mais enfadada, dá vontade de passar a tesoura—já fiz isso várias vezes em momentos de raiva—, descontar a culpa dos problemas nos meus cabelos.

Ando de um lado para o outro—estou surtando—, respiro fundo e mais uma vez, conto até dez, pulo, preciso que isso saia de dentro de mim, mas não consigo expulsar, Meu Deus do Céu, como eu odeio quando me deixam falando sozinha.

Odeio, Odeio, Odeio!

—Não dá, para o inferno também!

Saio do banheiro, não faço ideia do que me aguarda, também não me importo, estou sufocada, pego a droga da máscara—ainda me atento a essa merda de detalhe—, o celular, os fones que estão jogados no criado, seleciono qualquer música e aumento no último, saio do quarto. Piso tão forte, que duvido que um surdo não escute, eu não sei e não faço a mínima ideia de como chegar lá embaixo, lembro mais ou menos do caminho.

Desço as escadas, e acho o caminho da sala por um corredor estreito, entro, paraliso, meu coração está tão disparado, que duvido que não saia pela garganta.

Pelo menos quatro homens estão nessa sala, entre eles Alejandro e Olaf, os outros dois não conheço, nunca vi na vida, meu primeiro impulso é fechar os olhos, mas não consigo, fico paralisada meio chocada com isso, pisco, me endireito. Sah está muito bem, sentada—com seu microvestido verde de malha—num dos sofás ao lado de Gina—que está de short jeans e blusa soltinha—, Júlia levanta assim que me vê, ela usa um vestido muito bonito de tecido colorido, avisto a porta e foco apenas nela, abaixo a cabeça e continuo meu percurso.

Para o inferno também.

Com “Lady Gaga” explodindo nos meus ouvidos, abro a porta da sala, a sensação de sair é magnífica, estou quase correndo enquanto desço os degraus da varanda, o vento sopra forte, joga meus cabelos para o meu rosto, o cheiro de água salgada é divino, enfio meus pés na areia e vou acelerando meus passos, quando vejo, já estou correndo.

Meus pés tocam a espuma que salpica em minhas pernas, não ligo, a angústia vai ficando para trás, forço o máximo que posso minhas pernas, preciso gastar toda essa energia ruim dentro de mim.

“Poker Face” de Lady Gaga ajuda, é uma música que foi feita para isso.

Enquanto corro, a sensação de peso no meu peito fica para trás, fico leve, a água está fria, o sol quente, fico olhando para as rochas no horizonte enquanto corro, minha mente fica limpa.

Bad Romance!

Sério?

Parece um Thriller da minha situação amorosa atual, vou chamar tudo isso de Bad Romance.

Quando estou sem ar, paro, meus pulmões doem pelo esforço, minhas canelas queimam, assim como minhas panturrilhas, meu coração vem na garganta, mas aquela frustração sufocante se abafou.

Me viro para o mar, é azul e esplêndido, brilha, o céu está azul-claro com nuvens fofinhas e brancas, pouquíssimas nuvens por sinal, caminho em direção ao mar, meu corpo se arrepia com o contato da água, as ondas alcançam minhas canelas quando sinto a mão firme no meu braço, paraliso, aperto a máscara com força entre meus dedos, o Iphone na outra mão.

—O que pensa que está fazendo?

Não sei, tentando suportar tudo?

Não me movo, demoro um pouco para a me soltar da mão firme, coloco a máscara, minha mão volta a tremer.

—Maria?

—O que você quer? —E me viro para ele. —Vai, fala, o que quer de mim?

—Você perdeu o bom senso.

—Realmente. —Concordo e a sanidade também, sua culpa seu louco.

—O que pretendia? Fazer uma loucura?

Fazer uma loucura?

Faço uma careta, bem, Jack, estar com você é uma loucura, não entendo o que isso quer dizer.

—Como?

—É, você pretendia fugir? Se jogar no mar? —A voz dele está puro nervosismo. —Te deixo só por dois minutos e você já pensa em se matar?

—Dois minutos? —repito e respiro fundo, tiro os fones. —Ok, vamos lá, de novo, Jack, o que você quer?

—O que foi dessa vez?

—O que foi? —repito estou grunhindo. —O que foi? Você me deixou falando sozinha!

—Maria.

—Que seja, eu só queria conversar, você é um completo grosso, insensível, estou tentando resolver essa droga de situação, Jack, quando chegamos perto de tentar resolver tudo, você foge! —Minha voz está mais para “pelo amor de Deus, não me deixe falando sozinha, ou te enforco”. —Odeio quando me deixam falando sozinha, odeio.

—Desculpe. —A voz dele está resignada. —Eu tive que receber os meus irmãos, meu tio chegou.

Irmãos? Tio?

Quero chutar algo.

—Ele me ligou avisando que acabara de chegar, por isso eu desci.

—Ah é? E o celular não tocou por quê?

—Porque está no silencioso!

Fico parada feito um poste, aos pouco minha consciência toma a forma, e chego à conclusão: **Vadia Paranoica!**

Coro profunda e arduamente, minhas bochechas queimam.

—Desculpe, deveria ter avisado.

—Não importa.

Mantenho meu orgulho intacto, também não vou me desculpar, como posso adivinhar?

—Posso saber por que correu?

—Não quero falar, e eu vou dar um mergulho.

Pego a mão de Jack—já tenho bem uma noção das coisas—, coloco o Iphone na mão dele, giro e saio andando no mesmo rumo do qual eu estava.

—Maria, volte aqui, não faça isso!

Ignoro o chamado dele.

Não consigo ver, não sei bem como é a maré aqui, mas é tranquila ainda, arrasto meus pés no chão lisinho, é como ir descendo, conheço praia, não é

difícil entrar numa, sei nadar, tento encarar isso tudo apenas como o que realmente é, estou de olhos fechados entrando no mar.

Uma onda e vou entrando mais e mais, preciso relaxar, sair da zona de estresse, pulo, engulo meu entusiasmo porque sei que Jack está apenas alguns metros de distância de mim, a água está agora na altura da minha cintura, meu corpo vai se arrepiando todo, mas esse frenesi é interrompido por uma mão que já conheço bem, fico parada, suspiro, esperei mesmo que ele permitisse que eu desse a última palavra?

Jack me puxa, eu vou assim, como se eu quisesse, uma onda colabora—que coisa—, me jogando para cima dele, sinto que vou cair, meus pés flutuam na água, ele está me segurando, os braços dele me envolvem, meu coração começa a disparar de novo, me seguro nele, ele está vestido.

—Você sabe que eu estou usando a minha melhor Polo, não sabe?

Escondo o meu sorriso, tento ficar séria.

—Você não pode ficar brava comigo para sempre!

—Para sempre é um termo muito relativo, Senhor Carsson.

—ah é, eu esqueci, você entende bastante de tempo e espaço.

—Jack, não!

Ele entende isso como um tipo de piada, ri, e me beija, me derreto—odeio isso—e compreendo algo, a proximidade de Jack me deixa tão dispersa, parece que a minha mente dá um nó quando ele está por perto, não consigo ter força de vontade, ajo motivada pelas emoções—o que eu raramente faço em situações difíceis—, fico tão...boba, quando deveria estar mais e mais furiosa com ele.

Nesse exato momento não estou com medo, não estou incerta, não estou confusa, estou rendida a esse homem, de novo correspondendo-o, quando deveria odiá-lo, precisando muito de forças para isso, mas me sinto fraca, é quase impossível lutar contra isso.

Bad Romance, Vaca!

Nos movemos, Jack está nos levando para o fundo, mais e mais, e ele me puxa para baixo, nossos lábios se movem com rapidez agora, e ele me afunda com ele, me arrepio toda, nossos corpos estão juntos, me agarro a ele como a algo sólido, ele nos sobe, meus pés não tocam o chão, me sinto tão mais leve depois disso.

—E agora? —Ele deixa meus lábios. —Ainda está brava?

—Muito. —Insinuo, tentando manter meu tom indiferente.

—O que posso fazer para me redimir?

Empurro Jack, essa proximidade não vai me ajudar em nada, jogo água no rumo dele.

—Acho que alguém precisa de uma nova polo.

—Sua.

Meus pés não tocam o chão, mas eu mergulho mesmo assim, a sensação é a mesma com os olhos fechados—até porque, nadar com os olhos abertos no mar é suicídio—, consigo prender o ar o máximo de tempo possível, tento ir para o lado oposto, mas não tenho muito a noção, subo, e do nada os braços de Jack estão me agarrando por trás, poxa!

—Isso não é justo! —reclamo emburrada.

—As roupas dificultam que nade. —Insinua nesse tom malicioso dele, diabo. —Tire-as.

—Ah sim. —Minha voz quase não sai. —Você está tentando me seduzir?

—Preciso. —Ele afasta meu cabelo para o lado e beija meu pescoço, arrepios.

—Precisa —repito um pouco mais incrédula. —Por que precisaria?

—Por que? —Jack é pego por uma surpresa estranha. —Maria, você é a minha mulher, já fizemos sexo várias vezes, eu a desejo, eu a quero.

—É? —Choque. —Por que?

—Acabei de falar. —Ele me vira para ele, me agarro ao pescoço dele. —Você não entende?

—É difícil de acreditar —confesso. —Jack, tudo isso me assusta as vezes.

—Eu sei, e sinto por isso.

Ele é sempre tão sincero.

—Quer nadar mais um pouco?

—Alguém está nós vendo?

—Não, você deve ter corrido pelo menos dois quilômetros.

Nossa!

—Você é até rápida.

Dou uma de ofendida.

Ele começa a rir, mas bem antes que eu fale, me beija de novo, afundamos,

e nos beijamos embaixo d'água—poxa vida—, nunca pensei que fosse beijar um homem embaixo d'água em toda a minha vida, me sinto como num daqueles comerciais de creme dental.

Jack me mantém em seu abraço e me gira embaixo d'água, perdemos o fôlego, ele nos ergue, acabo rindo, porque ele se engasga.

—Isso não foi nada romântico —soa ainda tossindo, mas parece se divertir.
—Não nasci para isso.

Ele me arrasta para o raso, até que meus pés toquem o chão, eu o solto.

—Tem razão, você é mesmo um grande grosso.

E jogo água nele, disparo a correr, dou uma espiada para ter uma noção de onde estou—não me atrevo a olhar pra trás—, avisto os sapatos dele jogados na areia com os celulares, pego o meu e saio correndo no rumo do qual vim, o caminho está livre e não vejo risco nenhum, saio correndo, enfiando os fones nos ouvidos, ele nem desligou o reproduutor— essa é a coisa mais estúpida que eu faço na minha vida inteira, sair correndo vendada pela praia sem ver nada—, estou sorrindo, Queen, Love Of My Life.

Amo Essa Música.

As camisas de Jack realmente pesam, me canso com facilidade agora, acho que não consigo nem mais dois metros, vou diminuindo o ritmo, sou agarrada de repente de novo, ele me espreme, sorrio, droga, não dá para fugir desse homem.

—Acho que precisa de um guia.

—É, talvez!

Jack coloca um beijo leve na minha têmpora, a mão dele está na minha cintura, estou segura de novo, mesmo que tente afastar isso de mim, não consigo, caminhamos em silêncio, o vento causa arrepios bons pelo meu corpo, estou melhor, mesmo que não devesse.

—Não queria que eles viessem, Mirna ligou para o meu tio.

Jack está apreensivo, não entendo por que o tio dele deveria vir, o que Mirna falou que é tão ruim assim para ele vir? Os irmãos dele?

—O que foi?

—Ela acha que eu estou te mantendo em cativeiro, ou algo assim.

Só pode ser Sacanagem!

Acabo Rindo!

—Não tem graça.

—Claro que tem, ela adivinhou.

—Maria!

Não consigo parar de rir, Jack me dá um tapa forte na bunda, dou um pulo assustada com isso, Meu Deus, o que foi isso? Acabo de ser açoitada pelo meu marido louco Mister “M” Bipolar?

—O que.

—Você tem sorte de eu não te dar mais palmadas, essa é uma conversa séria.

—Mas.

—MARIA!

Esse MARIA quer dizer: chega! Ok entendi.

Toco minha nádega, que ainda queima, esfrego, me desvencilho do braço dele, também não te quero mais me abraçando.

—Você mereceu.

—Eu sempre mereço ser tratada mal, não é mesmo?

—Sem brigas, posso continuar a contar o que aconteceu?

—Preciso saber?

Esse humor tempestuoso está me infectando, agora mesmo estávamos tranquilamente trocando beijos—ou tentando nos entender—e agora estamos de novo brigando?

—Ele quer conhecê-la, e eu não posso privá-lo disso, nem a ele ou os meus outros dois irmãos. —Ele volta a me enlaçar pela cintura, sem se importar. —Vou apresentá-los.

—São os dois homens que vi na sala com Sah e os outros. —Concluo abismada. —Você não...

—Não, eu fui avisado por Gil que você saiu correndo pela praia, estava conversando com o meu tio. —Suspira. —Não pensei duas vezes, não faça mais isso.

—Por que não?

—Andar só de camisa na frente dos meus irmãos e do segurança não é algo que eu aprove. —Ele fica irritado.

—Mas as meninas estão com vestidos...

—Elas não são a minha esposa, que inferno, você está sem calcinha?

—Está bravo comigo? Eu deveria estar brava—replico vermelha.

—Não sabe a vontade que eu tenho de te devorar agora. —Ele está realmente irritado. —Você vai ter que me compensar por tudo isso depois.

—Isso é uma ordem? —Meu coração acelera, como assim depois? Eu decido se quero depois.

—Não—pragueja—, mas vai acabar acontecendo.

—Você é muito convencido, fica agindo como se fosse um Pica de Ouro!

Jack dá uma risada, tapo minha boca, Meu Deus, o que eu disse?

—Isso significa.

—Você sabe o que a expressão quer dizer no Brasil, Jack.

—Gosto da sua espontaneidade.

—Por isso eu pondero, para não falar essas coisas.

—Bem, então, pondere com o meu tio, está bem?

Não quero conhecer seu tio, Jack, nem seus irmãos, nem ninguém que seja ligado a você, sei o que isso significa, e é justamente por isso que não quero, mas te conheço tanto, que sei que cederei a isso também.

—Talvez não seja boa ideia. —Vale tentar.

—Não posso negar isso a ele, enquanto ele não verificar que está bem, ele não irá embora.

—Por que ele precisa me ver?

—Porque é minha esposa.

—Mas ele sabe da sua doença.

—Sabe.

—Sua tia também.

—Sim.

—Então, por que ela mentiu sobre tudo isso?

—Mirna acha que você está sendo ludibriada por mim, que você encara tudo isso como uma brincadeira e que fazemos da minha casa um antro de perdição.

Faço uma careta, Jack ri.

—Ela acredita que eu a engano.

—Por que?

—Ela é muito religiosa.

—E você?

—Sou ateu.

Me casei com um Ateu.

Traduzindo em letras maiúsculas: **M-I-N-H-A * M-Ã-E V-A-I M-E * M-A-T-A-R.**

Jack dispara a rir de novo, ele, ele está brincando?

Solto o ar devagar, estou mais aliviada, que droga, Jack.

—Qual a sua religião, Maria?

—Cristã, e você?

—Cristã, fui criado em dois Colégios Internos que eram completamente Cristãos, não disse?

—Não entendi dessa forma.

—É algo importante para você?

—Não vou a nenhuma igreja, minha família inteira é católica, mas, eu sou um pouco diferente.

—Diferente, quer dizer.

—Nunca vou à Igreja!

—E se eu for?

—Você, indo na igreja, estamos em Junho, não em Abril, querido.

Ele volta a gargalhar, essa risada cheia de esperança, finjo que nem ligo, mas por dentro meu coração se enche de uma espécie de calor familiar, engulo o suspiro.

—Confesso, não sou muito de ir a igrejas, mas o meu tio é um homem bastante correto e íntegro, ele vai, e é fiel a igreja.

—Que bom para ele, acho que ele e a minha mãe já podem trocar terços.

—Blasfêmia —sussurra ele no meu ouvido e do nada morde minha orelha, ui, me encolho, nossa! —, mas vamos nos casar na igreja também.

Meu coração dispara.

—O que?

—É importante, quero que você seja uma noiva em todos os sentidos.

—Já somos casados!

Jack fica em silêncio, percebo o real significado dessas três palavras,

endureço, isso é um fato, eu e Jack somos casados.

—Você, Maria, o que quer dizer com isso? —Sua voz está baixa..., serena.

—O que você ouviu. —Tento controlar os meus batimentos cardíacos, não consigo, junto coragem. —Estamos casados, e isso é um fato.

—Quer dizer.

—Sim, isso mesmo, quer dizer que eu aceito o casamento.

—Aceita?

—Reconheço que estamos casados, isso é um fato, mas gostaria muito que você me desse um tempo para pensar sobre tudo com bastante calma.

—Terá esse tempo, então.

Coloca um beijo molhado na minha boca, nosso beijo faz barulho, enlaço ele pelo pescoço, fico na pontinha dos pés me esforçando para alcançá-lo, é tão fácil lidar com um Jack assim, quando ele Colabora.

—Meia hora serve?

Sorrio, faço que não com a cabeça.

—Seu inconstante.

—Vai superar isso, espere para sobreviver um dia comigo num dia de trabalho.

Não quero nem imaginar, mas, como será Jack Carsson trancafiado num escritório de terno e gravata, mandando e desmandando nas pessoas? Ele é imponente, firme, e sabe como ser bem duro as vezes, não me vem nenhuma imagem na cabeça, mas apenas imagino algo sobre sua personalidade forte.

Temperamental!

—Vamos, pode pegar algum tipo de resfriado, precisamos de um banho.

Precisamos?

Nem respondo, tenho medo de perguntar, ele sabe que eu não vou tomar banho com ele, por que faz esses comentários?

—Gil lhe fará uma massagem durante o banho.

—Gil?

—É, posso usar o banheiro do escritório.

—Seu escritório tem banheiro?

—Sim, com um box duplo.

—Nossa.

—Hoje à noite sairemos, nós dois, suas amigas e Júlia, iremos a um baile caritativo, quero que seu último dia comigo seja um pouco menos irritante.

—Massagem, banho, tio, irmãos, baile, algo mais?

—Meu beijo.

Suspiro, ergo a mão dele e beijo as costas da mão grande.

—Algo mais?

Estou apavorada com a ideia de ir a algum tipo de festa, eu não quero, no entanto, a voz dele está tão alegre, que sei que se eu falar qualquer coisa que não seja de acordo com o que ele quer, Jack vai se irritar, e brigaremos, mas, por que me importo mesmo?

Por que mesmo ele sendo um doido, você se importa com ele, sua tola!

—Vai gostar do baile, Júlia já providenciou tudo.

Júlia, aquela criança que você chama de irmã!

—Principalmente porque o tema é de algo que você gosta muito.

—Sobre o que é?

—Surpresa.

Engulo a dúvida, com medo de novo de parecer exatamente o que estou sendo, uma completa curiosa, o que eu gosto muito? Por que isso viraria tema de um baile?

—Tire a máscara e abaixe a cabeça, não olhe para cima por nada.

Suspiro, tenho mais alternativas?

Antes dele tirar minha máscara, me beija com carinho—e isso é ótimo, não nego—, depois fecho os olhos com força e ele tira minha máscara, abaixo a cabeça, e devagar vou sendo orientada por ele por qual caminho devo seguir, sei que não devo, não posso, e não tenho que me submeter a isso, mas também sei que se eu “resistir” a isso, acabarei bem pior, por hora, é a minha única saída.

Não resistir a Jack Carsson, não resistir ao meu Marido!





Nível 8 da Obsessão

A voz de Gil está furiosa.

Assim que entramos, ela me puxa pelo braço, vou com ela sem pestanejar —ou melhor, nem abrir os olhos—, cabisbaixa, como uma criança inconsequente que acaba de fazer algo muito errado, Jack vem atrás protestando, tudo em inglês.

—Ela está brava —digo para mim mesma.

Mantenho a cabeça baixa, e por mais estranho que seja, não me imagino agora olhando para trás e vendo Jack, eu não quero isso.

Estou louca, preciso apenas do laudo agora.

Já tive boas oportunidades vindas dele, mas nesse exato momento, por mais absurdo—eu sei que é—que seja, eu não sinto como se precisasse vê-lo, e sei que preciso aceitar que ele é assim, vai ser assim durante um bom tempo, até eu decidir o que vou fazer com esse Bad Romance.

Sorrio, combinou com a minha situação atual.

—Ela tem medo que fique resfriada. —Jack pega a minha mão esquerda apertando os olhos. —Obrigado.

—De nada.

A mão dele está trêmula de novo, entrelaço os dedos nos dele tentando passar confiança, minha tentativa esquisita de afastar a raiva funcionou, não estou mais tão brava, bem, não estou mais brava.

Jack avisa sobre os degraus, Gil se cala e segura minha outra mão, eu não sei se ela sabe sobre tudo isso, mas tenho a impressão que Jack, provavelmente, não omitiu isso de ninguém, talvez ele não tenha dito sobre

sua doença para ela —afinal, como ele disse, ela é apenas uma funcionária—, mas sei que ela deve ter alguma noção ou desconfiar de algo, principalmente depois de ontem, quando me encontrou vendada conversando com a Sah.

Acho que acabamos de entrar no quarto, Gil continua a me conduzir pelo quarto, Jack fecha a porta, fico atenta a cada movimento—passo—dele, o porcelanato frio me alerta sobre o banheiro, sei que estou a sós com Gil, solto o ar, estive tensa durante o percurso, abro os olhos com receio ainda.

Gil me encara com o semblante feio, ela aponta para a hidromassagem muito séria, não tinha parado para prestar atenção nela, é uma mulher na faixa dos trinta ou quase quarenta, de cabelos escuros, presos por um laço preto no alto da cabeça, os cabelos não se soltam dessa camada brilhante de gel, e ela é um pouco mais alva que o normal, magra e mais alta que eu—qualquer pessoa no mundo é mais alta que eu —um pouco.

Suspiro, vou para a hidromassagem calada, sei que ela não vai me entender e eu não entenderei ela, como posso discutir com ela?

Tiro a camisa de frio ensopada de água salgada, depois a camiseta e entro, Gil ainda me olha com cara feia, puxa um fio com um mini chuveiro, liga e a água morna cai em minha cabeça, me aquecendo, ela pega o shampoo e me entrega.

Claro, ela não tem três mãos, sua tonta.

Tenho tanta vergonha do meu corpo que nem sei como agir, eu não fico pelada assim nem na frente da minha mãe, da Sah muito raramente.

Dobro os joelhos e despejo o shampoo na mão, coloco na cabeça e começo a esfregar meus cabelos, tenho que repetir isso mais uma vez, depois passo o condicionador, Gil me enxagua com a ducha, ela me dá um sabonete líquido e uma esponja que pega no box de Jack, me esfrego toda, sou novamente enxaguada.

—De pé. —Entendo ela ordenando.

Fico de pé, olho para o lado enquanto me lavo, e enfim, o banho acaba—espero nunca mais passar por isso em toda a minha vida—, ela me entrega um roupão.

Coloco o roupão, e só agora me vem à mente, que estou fazendo tudo isso para encontrar a família de Jack.

Gil indica a porta que dá para o quarto, saio da hidromassagem e vou para o quarto, sei que Jack não virá aqui sabendo que estou desmascarada, mas,

mesmo assim, tenho receio, precisamos estabelecer algum tipo de sinal.

Genial, pensando em formas de saber quando o Maníaco do seu Marido está por perto, né Vadia!

Vai a merda, bom senso.

Gil vem com uma toalha logo em seguida, aponta para cama e me sento, ela começa a secar os meus cabelos, não demora e volta a reclamar em inglês, ela está realmente brava, será que ela sabe que eu não entendo nada além das palavras “você” e “não”?

Verb-To-Be.

PERIGOSAS

You

PERIGOSAS

He

PERIGOSAS

She

PERIGOSAS

It

PERIGOSAS

We

PERIGOSAS

You

They

Acho que é isso!

Quero rir, ainda assim não entendo.

Talvez a ideia de um tradutor não seja tão agradável em certos momentos, mas que seja fundamental, Jack viajou naquele dia e pediu a Alejandro que resolvesse tudo comigo através de um tradutor, pensando bem, se Joseph não estivesse lá, as coisas talvez ainda estivessem confusas, talvez o problema tenha sido a ocasião.

Foi isso, mas, ainda assim, prefiro que ele resolva as coisas comigo.

Gil me empurra pelos ombros de forma que fico emborcada, ela abre meu roupão e o puxa até a altura da cintura, fala algo, esfrega as mãos e começa a massagem.

—Está gostando da massagem?

Fico dura, Gil pressiona meus ombros com tanta força, que não consigo manter a tensão, e isso é divino, já estou com os olhos bem fechados, realmente precisamos estabelecer como faremos isso.

—Está pensando?

—Aham.

Concordo, minha voz está mais relaxada, tenho plena ciência de que ele está me vendo basicamente nua da cintura para cima, mesmo de braços, estou exposta de novo, isso é constrangedor.

Mas ele é o meu marido, poxa, como isso é complicado e realmente difícil de entender...

Gil aperta meus ombros com força, esqueço desse detalhe, Ah Gil, isso mesmo, aí!

É impossível não relaxar com essa massagem, meu peso vai afundando na cama, meu corpo cede, Gil massageia meus ombros com firmeza—ela tem mãos divinas e fortes—, agora minhas costas.

—Ela pode te fazer mais massagens quando quiser.

—Eu vou querer—digo imediatamente. —Eu pago!

Jack ri, Gil parece entender e ouço uma risadinha discreta e baixa vinda dela, ele senta na cama, do lado oposto ao de Gil, viro meu rosto para ele, não abro os olhos, Gil pressiona minha coluna bem no meio, faz um estalo bom, gemo. Deus, por que eu não sou rica?

—Do que precisa?

—Preciso ser rica!

Ele ri novamente, suspiro, incapaz de ser diferente, sou assim, como posso agir de outra forma? Como posso exigir de mim mesma tentar ser diferente quando na realidade eu nunca vou mudar? Não tenho uma grande personalidade como Sah, ela é extremamente educada e prendada, eu sou mais para a amiga gorda dela, que adora fazer piadas de tudo, essa sou eu, e é a forma como eu tento encarar a minha vida.

—Talvez não esteja muito longe disso. —Insinua ele, a voz baixa e muito calma.

—É, só falta um ano, e também, eu tenho poupança —comento, minha voz se arrasta. —Ela aceita pagamento em real?

Jack da mais uma risada, ok, agora quero falar sério.

—Como vai ser? —Me atrevo a perguntar, Gil passou a esfregar as minhas costas agora, as mãos dela estão banhadas de um óleo cheiroso, fragrância leve, rosa, eu acho.

—Como vai ser? —ele repete a voz ainda baixa.

—É, até nós resolvermos a situação, como vai ser? Temos que estabelecer regras, certo?

Não acredito que eu estou concordando com isso.

Relaxa Piriga.

—Certo.

—Então, precisamos definir como faremos quando você estiver por perto.

—Não quer me ver?

—Quero, mas isso o incomoda, não quero forçar você a nada, já entendi que não é algo que queira, no começo achei que fosse um fetiche, mas agora sei que isso o afeta.

—Entende que não será fácil?

—Entendo que você é impossível.

Ele sorri, sei que sim, pega a minha mão, beija ela, nossa, que gentil.

—Não quero que pense que vai ser fácil, mas não pretendo abrir mão de você, Maria.

Sinto que ele enfia algo no meu anelar direito, outro anel?

—Acho que vai gostar dessa. —E beija minha mão novamente. —

Obrigado por aceitar.

Fico sem palavras.

—Você volta para o Brasil amanhã, tenho uma viagem para Paris, gostaria muito que viesse.

Torre Eiffel!

Ainda estou muda.

—Mas sei que outras pessoas precisam mais de você do que eu. —Ele vira a minha mão e começa a acariciar a palma com o indicador. —Havia pensado se não quer pegar ele e vir para Paris comigo.

Eu pegar o Nando e ir para Paris de férias?

Estou vislumbrada com a proposta, confesso, e é quase impossível que alguma vez na minha vida eu sonhe com Paris, eu não tenho condições de fazer uma viagem assim tão glamorosa, está fora de cogitação, mas então, o meu—maníaco—marido quer me levar para uma viagem assim com o meu filho de graça? Do nada?

—Pode passear com ele.

Engulo a força.

—E você?

—É uma viagem de trabalho.

—Não estaria conosco?

—Algumas vezes é claro, mas, não pensei bem na terceira pessoa.

E em como o Nando vai reagir a tudo isso, ele só tem dez anos, como posso explicar? Suspiro, a massagem se concentra nas costas, estou tão relaxada e calma que é impossível ficar diferente, também não sei como faríamos, acabo decidindo algo que eu sei que ele não vai concordar.

—Não vou, então—digo com um pouco de receio, Jack suspira, prova de que ele já sabe que isso não dará certo—, mas pode vir ao Brasil como propôs, durante essa semana eu posso tentar explicar para a minha mãe que me casei e para o Nando como as coisas são.

Isso não vai dar certo.

Vai Vadia, Cala essa Boca!

—Então, esse será o seu tempo. —Jack se inclina, deixa um beijo leve na minha bochecha—, mas não pense que eu não vou tentar se você pensar em resistir.

—Não dá para resistir a você —confesso. —Você não deixa.

—É, eu sou irresistível!

—Já pode parar, Jack.

Ele ri, beija minha mão novamente e levanta.

—Meu tio e os meus irmãos estarão te esperando lá na sala com os demais.

Ele não vai descer.

—Está bem.

—E dessa vez, vista uma calcinha.

Coro, Jack sai do quarto, ouço a porta se fechando, Gil me vira, ainda estou vermelha, mas já nem sei se pela vergonha que ele me causou, ou se pela minha-nudez parcial, ergo a mão.

Que lindo.

É um anel fininho, cheio de pequenas pedrinhas coladas, as pedras são delicadas e miúdas, analiso a joia, é simples, mas já gostei de cara, é do tipo de anel que eu gosto, não uso joias assim sempre, mas adoro essa.

Fico contente com o presente, sei que não deveria, mas estou.

Gil enfia meus braços no roupão, e começa a massagear as minhas canelas, ah, isso é ótimo.

Batidas na porta.

—Eu trouxe a sua roupa, Senhora Carsson.

Sah!

E ela entra com esse microvestido lindo, exhibe as pernas bem torneadas, e os cabelos pretos jogados para o lado, Gil revira os olhos, é, eu sei, tenho inveja dela desde que eu tinha cinco anos, ela fica perfeita em qualquer coisa que seja, sei como se sente, Gil, compartilho da sua dor.

—Ora, ora, quem diria.

—É bom te ver, Sah—respondo, mas sei que estou vermelha, ela se aproxima com a muda de roupas na mão, minha nécessaire na outra.

Sah se joga na cama, deixando as minhas coisas de lado, se vira para mim, o olhar de pura inocência—mentira—, piscando disparadamente.

—Então, a Senhora bancou a louca?

—Precisava sair, estava claustrofóbica. —Justifico, mesmo que não deva.

Eu a amo demais, tento sempre relevar algumas atitudes de Sah, porque ela

é minha amiga incondicional desde sempre, ela me apoia quando eu preciso e só Deus sabe mais o que já passei na minha vida e ela está sempre ao meu lado.

—E vocês dois.

—Não!

—Eu já sei disso, conheço você, sua sem graça.

Reviro os olhos.

—Não faz essa cara de santa também, vi vocês dois na praia.

—Sah! —Mas não estou surpresa.

—Espiei enquanto todos estavam tomando café, o Senhor Carsson, tio de Jack, estava comigo.

—E vocês dois esqueceram da pipoca? —Me espanto com a minha calma.

—Ele ficou preocupado quando Jack saiu correndo atrás de você, ele é velho, e usa marcapasso, fui atrás dele, então vimos da varanda você entrando no mar e o seu lindo e gostoso tímido marido tirar os sapatos e ir atrás de você.

Me sinto dentro de um filme, fico tentando imaginar a cena, estava vendada o tempo todo, mas isso é tão real, que não sei me sentir diferentemente de sempre, ESQUISITA, porque sei que algumas mulheres no mundo—sãs—, nunca fariam isso, nem eu, mas fiz.

—O Senhor Carsson não acreditou que Jack era realmente ele.

—Não entendi.

—Ele falou boquiaberto que Jack nunca faria isso na vida.

—Ainda não entendo.

—Maria, acho que você já deve ter percebido que o seu marido, aparentemente, é um gentleman.

—Isso quer dizer que.

—Um homem comportado, educadíssimo e muito, muito bem vestido.

U-A-U.

—É para comemorar?

—Meu Deus, para de fingir, você gosta dele.

Sou durona, não vou confessar, devo?

Tento ficar séria, mas a Sah começa a me cutucar, odeio quando ela faz

isso, ela faz em duas hipóteses, nessa hipótese ou quando estou brava com ela.

—Para. —Sorrio. —Que droga.

—Nem adianta fingir. —Sah estreita os olhos. —Mas e agora?

—Não sei. —Respiro fundo, Gil está massageando meus pés, mãos de anjo. —O que eu faço?

—Fica com ele?

—Já disse sobre a escopofobia?

—Sim.

—E sobre o gênio dele?

—Ele parece gostar de você.

—É? bem, talvez isso não seja o suficiente para manter nós dois juntos, mais brigamos que tudo, ele é muito bipolar, eu realmente não sei como lidar com ele.

—Eu saberia.

Odeio a forma como ela se insinua, repreendo ela por isso constantemente, Sah é tão vadia as vezes, e é terrível ter que admitir que tenho uma amiga assim, porque sou o oposto dela.

—Ok. —Sah se endireita. —Eu prometi para mim mesma que vou agir como uma menina boazinha para ver se algum louco me quer e me leva vendada para os lugares, por que isso não acontece comigo?

Gargalho, droga Sah, isso não tem graça.

—Odeio você.

—Eu sei.

—Sah.

—Por que não relaxa um pouco? Gina tem razão, Maria, você tem que se permitir isso, tem que arriscar, ser mais humana, você tem medo de se relacionar com Jack, ou o que? E se não fosse a “limitação” dele?

Sah já está bem por dentro do assunto, deve ter conversado com Júlia sobre isso, o que ela sabe que eu não sei?

—Não sei, quando o conheci não sabia disso, aliás, nem me lembro, isso me irrita —admito, Sah me entende, ela sempre me apoia e vice-versa. —Como posso relaxar?

—Às vezes é necessário a gente chutar o balde, não pode continuar se

privando de ter namorados por causa do Jorge.

Endureço.

—Não é só isso —reclamo. —Sah, tudo isso está me deixando louca, estou concordando mesmo com isso?

—Então seja louca, Duda. —Sah aconselha. —Pelo menos uma vez na vida faça algo errado, você precisa de alguém, e pelo o que eu vejo, ele precisa muito mais desse casamento do que você imagina.

—Ele precisa?

—bem, pelo o que Júlia disse, Jack é uma pessoa muito reclusa, e pelo ponto de vista dela, ele é muito infeliz porque vive só, parece que essa “doença” o afasta de todos, ele não é muito sociável.

Fico com pena, já tenho uma noção de que seja assim, mas ouvir alguém falando é um pouco pior.

—Talvez ele tenha enxergado em você uma chance de tentar ser feliz.

—Ele disse isso. —Ou mais ou menos isso. —Quero te falar tanta coisa, Sah.

—Vamos ter tempo, agora minha missão é te levar com vida para o Senhor Carsson, ele está louco para te conhecer.

Pelo sorriso dela, dá para ver que Sah gosta do tio de Jack.

—Como ele é?

—Muito simpático, gentil e engraçado, diferente daquela velha cara de bunda.

Estou curiosa.

—E os irmãos dele?

—bem, o novinho —Alejandro—, não vou com a cara dele, é muito fechado e sério, os outros dois são bem piores, não conversamos muito, conversei mais com o Senhor Carsson, Júlia já é a minha segunda opção depois da Gina, para quando eu te substituir, é claro, mas não vamos ser cínicas, você está cercada de homens lindos.

—Não me importo com isso.

—É, você adora estragar a minha felicidade, logo agora que eu ia contar os detalhes sórdidos sobre o corpo molhado do seu marido naquela camisa Polo.

Estreito os olhos, Gil troca de pé, Sah ri.

—Desculpe, é difícil não olhar, não é só para ele, é para eles, o novinho

não é de se jogar fora.

A considerar que Sah só namora com caras lindos, Alejandro talvez seja algo comum para ela, mas e o Jack? Não resisto.

—Ele é muito bonito mesmo?

—É, dá para o gasto.

Rimos.

—Duda, eu sei que você nunca se casaria com alguém pela aparência, mas esse homem faria você pensar duas vezes.

Esses comentários só alimentam ainda mais minha curiosidade, mas também meu medo.

—Talvez eu não seja o suficiente para ele.

—Você é tudo o que qualquer homem pediria a Deus, inclusive meu pai, já te disse que ele arrumou uma nova namorada da sua idade?

Os pais da Sah se divorciaram há um ano, ela supera bem isso, mas ela não aceita o fato de que eles tem que prosseguir, a Tia Camila arrumou um namorado mais velho e o tio Carlos já teve duas namoradas depois do divórcio, acho que as duas mulheres não suportaram ela.

—Quanto tempo acha que ela sobrevive, Duda?

—Dois meses.

—Nosso primeiro jantar juntos será em duas semanas, vou levar o Nando, já vi no Facebook dela que ela não quer ter filhos, mamãe disse que ela odeia crianças.

E Sah faz o Nando ser insuportável quando quer, eles dois parecem duas crianças de cinco anos juntas, tramando contra tudo e todos quando estão juntos, odeio essa péssima influência, mas posso proibir? Se eu proibir, os dois me enlouquecem.

—Não vai usar o meu filho.

—O que está insinuando? Só vou levar ele para comer comida japonesa, está me proibindo de ver o meu afilhado? Meu sobrinho? Quanto aos meus sentimentos?

É ISSO!

Gil diz algo para Sah, ela se ergue, estou totalmente relaxada agora, mais leve, olho para Gil muito grata.

—Obrigada—digo em inglês, mas morro de vergonha, talvez a pronúncia

não esteja certa.

—Ela quer que se vista, vai trazer um chá para você e checar se sua pressão está normal. —Sah traduz facilmente.

Gil sorri e sai do quarto, ela me dá a impressão que é uma pessoa discretíssima, gosto de gente assim.

Me ergo, pego as roupas, Sah tira um conjunto preto composto por uma calcinha de rendas e um sutiã do mesmo tecido da minha nécessaire, como ela achou esse conjunto? Escondi ele nas profundezas da minha mala, embaixo do fundo falso, dentro de uma bolsinha zipada, não que eu pensei que fosse usar, é o meu melhor conjunto de roupas íntimas, ela trouxe também a saia comprida que eu usei para embarcar, e a blusa de seda branca que eu vim na viagem, as roupas estão limpas e secas.

—Mirna lavou, ela serve para alguma coisa.

—Não se refira assim a quem te serve.

—Isso é muito feio, eu sei, vamos, eu te ajudo com sua lingerie sexy.

Coro, visto a calcinha rápido, estou meio mole, Sah vai para o banheiro e volta com um secador de cabelos, ela já está bem acostumada com toda essa coisa, esse mundo, eu não, mas também não vou protestar.

Fico de costas para ela, visto o sutiã e Sah abotoa, em outras situações eu provavelmente me esconderia, morro de vergonha dela—ou de todo mundo—, ela me estende a saia e entro nela, nunca pensei em toda a minha vida que Sah cuidaria de mim, me sinto até meio boba com isso, sempre foi o contrário, bom, nem sempre, às vezes, quando eu tenho os meus momentos, ela cuida incondicionalmente de mim. Uma vez ela já até faltou no serviço por minha causa, me sinto grata por ela estar aqui agora, porque se ela não estivesse, eu não sei se conseguiria suportar tudo isso.

—Sah!

—Hum.

—Obrigada por tudo.

Ela me olha, me olha, depois sorri e apenas fala: —Vamos, Senhora Carsson, não podemos decepcionar seus convidados!



Os Convidados

Estou nervosa.

E tudo colabora que nada dê certo.

Sah aperta minha mão, ela está crente e confiante que eles vão gostar de mim, preciso que gostem? Mas não quero parecer uma louca—mesmo que já pareça pela ceninha de mais cedo—, não quero que pensem que eu não sou normal.

Nunca tive namorados, nunca precisei conhecer os pais dos meus namorados, nunca passei por um momento de absoluto pavor como esse.

Descemos as escadas, estou tão lenta, que uma lesma ganharia de mim facilmente, Sah sabe que faço de propósito, ela me obrigou a calçar esses sapatos também—odeio, odeio e odeio sapatos—, eles não ajudam.

Tecnicamente, estou normal, não me olhei no espelho, mas sei que estou bem, dentro do possível, pronta para conhecer o tio de Jack, os irmãos dele. Ao menos, é melhor do que camisas do Mister M, ou um par de jeans com camiseta e tênis.

Minhas mãos derretem assim que entramos na sala, os homens se levantam dos sofás, os mesmos, os dois morenos—lindos—, Olaf—com a cara de mafioso de sempre—e Alejandro, porém, uma outra figura está levantando,

apoiado numa bengala, um Senhor alto, ele tem cabelos completamente brancos, olhos azuis, claros—como os de Alejandro, dos outros dois e Júlia, Jack tem olhos azuis!—Usa uma camisa social e terno, ele é bem arrumado, olho para Sah, vou entrando em pânico, dá vontade de ir voltando.

Olho para baixo, depois respiro fundo, olho para o tio de Jack, ele sorri abertamente para mim, e isso me traz tanto conforto.

Ele fala algo para Sah, sua voz é grave e macia, Sah está atenta, ela vai ser a “nossa tradutora”.

—Duda, esse é o tio do Jack, ele se chama Gerald Carsson, ele diz que se sente muito feliz em te conhecer. —Sah soa o mais formal possível.

—O prazer é todo meu —digo, estendo a mão, tento sorrir.

Gerald segura a minha mão, e como um perfeito cavalheiro beija essa mão, é a mão esquerda—a do casamento—e, ele não parece nenhum pouco incomodado em ver esses dois anéis no meu dedo, pelo contrário, ele analisa e sorri.

Ele Indica os outros dois homens, entendo o nome de cada um, faz as apresentações, o moreno da esquerda é mais velho, Phelipe Dalsson, o da direita Jonas Dalsson, aperto a mão de ambos, um de cada vez, sem conseguir tirar os olhos desses dois homens, são altos, bonitos.

Jonas tem barba e cabelos mais compridos, a barba escura e volumosa, sobrancelhas negras como os cabelos que estão penteados para trás, esqueci da idade dele, acho que tem quarenta, mas não aparenta muito, é mais magro, usa camisa grande e larga, uma de tecido marrom e tênis, ele sorri, mas de forma bem discreta.

Phelipe Dalsson é o mais velho, mas também não aparenta, ele usa jeans e uma camisa xadrez vermelha, ao contrário de Jonas, não tem barba, os cabelos estão bem cortados, mas fora isso, é como se fosse uma versão um pouco mais velha que o outro, alguns cabelos brancos nos cantos das orelhas, e uma delas inclusive é furada, um pequeno alargador.

Nossa!

—Já conhece a Júlia e o novinho, quer dizer, Alejandro, ou Denzel, como ele prefere ser chamado —sussurra Sah no meu ouvido e vai me puxando para o enorme sofá que fica de frente para eles. —Olha como ele é cara de bunda.

—Sah—repreendo, sei que Alejandro pode perfeitamente compreender

tudo o que Sah fala.

—Ele é muito mal-humorado —reclama Sah, nesse tom irritado de sempre.
—A Gina está dando mole para ele.

Olho para Gina, ela está bem sentada, as pernas cruzadas, ao lado dela está Júlia, com um sorriso enorme, me pergunto se esse é o seu estado de espírito de sempre, ou se ela está forçando algo, ela é a única diferente na família, é loira, mas os olhos são os mesmos de todos eles, Jack tem olhos azuis!

Nos sentamos, Alejandro se junta aos outros três, não parece diferente de ontem, bem, parece, realmente incomodado, tanto que se senta na ponta do sofá, longe dos outros. Gerald se senta devagar, olhando para mim, tento sorrir para o tio de Jack, ele parece realmente muito simpático, ele fala algo olhando para Sah.

—Ele quer saber se você se sente melhor!

—Sim—digo, coro, estou dura feito um cabo de vassoura. —Diga que me desculpo pelo inconveniente.

Sah traduz muito rápido, sinto inveja.

Preciso aprender Inglês!

O tio de Jack fala e fala, Sah sorri assentindo com esse “Q” cativante que ela tem, ela sempre teve esse jeitinho de lidar com pessoas, é natural dela ser simpática, gentil, eu não, bem, não gosto muito de lidar com pessoas, não pessoalmente, por isso escolhi a área de telefonia, me identifico com essa área.

Quando entrei na Meta, não tinha muitas expectativas, precisava do emprego bem mais do que queria, mas fui aprendendo a saber cuidar de tudo, hoje sou mais dada ao meu trabalho, tento me dedicar porque sei que os meus resultados dependem somente de mim, até porque, eu só recebo se eu produzir, e também, apesar de ser estressante, as vezes é bom.

Não possuo esse jeito articulado dela, ela sorri, sei que desde sempre Sah soube o que queria fazer, ela ama viajar, conhecer lugares, gente nova, não imagino ela sendo algo diferente do que é, e também, os pais dela na maioria das vezes, deram apoio incondicional para ela nesse sentido, pagaram um bom pré-vestibular, boas escolas, e ela é muito dedicada e decidida, me orgulho dela.

—Ele disse que está muito feliz em saber que Jack se casou, e que espera te receber em breve na casa dele, mora em Nova York. —Sah me olha com

um pouco de entusiasmo. —Ele também disse que te achou muito bonita.

—Muito obrigada. —Sorrio, surpresa com elogio.

O tio de Jack volta a falar, o sorriso de Sah fica mais largo, estou ansiosa, quero saber tudo o que ele fala.

—Ele disse que acha seu cabelo muito bonito e os seus olhos, eu sempre te disse —Gina cochicha se inclinando para o meu lado. —Ele está falando a respeito da sua beleza exótica.

Beleza Exótica!

Quero tocar os meus cabelos, Sah se deu ao trabalho de deixar eles comportados e de lado, não sei o que ela passou, mas funcionou, sei que estou sorrindo—feito uma otária—, porque ninguém nunca me elogiou pelo meu cabelo, pelo contrário, vivo na pressão para alisar, mamãe e Júlia me enchem por causa disso desde que eu parei de passar a tesoura.

—Ele pergunta se você e Jack estão bem. —Sah vai falando baixinho enquanto Gerald Carsson fala. —E se você está precisando de alguma coisa.

—Diga que estou bem —falo, é meio verdade. —Que eu e Jack estamos bem, que agradeço pela gentileza e preocupação.

Sah fala, Gerald sorri de novo, fico com vergonha pela forma como ele me observa, não apenas ele, mas também os irmãos de Jack, nem sei onde enfiar a minha cara.

Mirna entra na sala carregando uma bandeja com xícaras de café já servidas, olho para ela tentando imaginar o porquê ela acha que eu sou um tipo de prisioneira de Jack—apesar de tudo, não sou—, estamos casados, “o casamento é uma prisão” e, mesmo não estando aqui exatamente por querer estar, ou por vontade própria, prefiro entender que Jack nos trouxe porque acredita que eu precise de cuidados—mesmo que por culpa dele—e, se eu tivesse que pagar um hospital? Eu não tenho dinheiro para isso, muito menos uma enfermeira particular.

Gil se aproxima, ela sorri para mim depois para o Senhor Carsson, e pelo jeito, como o tio de Jack sorri para ela de volta, tenho certeza que já se conhecem, Jack disse que ela trabalha para ele, então Gil fala algo para Sah.

—Ela quer aferir sua pressão —Sah explica calmamente. —Ela vai embora em uma hora, precisa checar se você está bem o suficiente para ficar só.

Gil já vai? Fico um pouco triste com a notícia.

—Ah sim, claro.

Sorrio para Gil, Gina afasta, ela sorri de volta para mim, vou me sentir eternamente grata por seus cuidados, me sinto em dívida com ela, cuida tão bem de mim, não deu tempo de ela aferir minha pressão lá em cima, Sah ficou toda hora reclamando que meu cabelo precisava ficar “Perfeito” para ocasião.

—Gil é ótima —Júlia fala no meu idioma com um sorriso. —Você fica muito bem de saia, Maria.

—Obrigada. —Estou envergonhada.

—Posso te chamar de Duda?

—Sim, claro.

Gil coloca o aparelho no meu braço, quero recompensá-la de alguma forma, nem sei como, olho para Sah.

—Quero pagar a Gil pelo serviço, pode dizer para ela isso?

—Ela se sentiria ofendida, já está sendo paga para isso, Maria. —Júlia começa a mexer no celular. —Jack está perguntando se você está bem.

Meu Celular! Onde foi que eu deixei o meu celular? Meu? Não! Meu celular emprestado do Jack!

—Sim—respondo, olho para Gil. —Sabe onde eu deixei o meu celular?

Gil fica me olhando curiosa, ah, claro, a mulher não me entende, como ela pode saber? Sah traduz, Gil faz que sim, fico mais calma, ela saca seu bloquinho de notas do bolso da saia e puxa a caneta presa ao coque, faz as anotações.

—Gil, muito obrigada—digo. —Posso compensá-la de alguma forma?

Sah traduz rapidamente, Gil fica me olhando meio assim, espantada, não consigo entender o porquê, eu também não gosto de ficar com a sensação que devo algo para alguém, nunca gostei de favores por causa disso, ela responde.

—Ela disse que é o trabalho dela. —Sah olha para mim com um pequeno sorriso que eu já conheço. —E que não precisa se preocupar, que é muito bem paga para cuidar de você.

—Eu me sinto em dívida, nunca vou poder compensar o que fez por mim, muito obrigada. —Tento sorrir para ela. —Posso te dar um abraço?

Sah traduz novamente, Gil me encara um pouco surpresa demais, depois lentamente faz que sim com a cabeça, levanto e ela me acompanha, abraço ela com força, não sei se ela é paga realmente para ser tão dedicada, mas

estou tão grata que nem me importo.

—Você é uma excelente enfermeira, obrigada de verdade, quero o seu número, para o caso de eu precisar de uma massagista. —Sah vai traduzindo, Gil sorri meio tímida. —Se precisar de qualquer coisa, pode me ligar, eu estou à disposição, pode me dar seu número?

Gil faz que sim com a cabeça, ótimo, não gosto de ter a sensação que nunca mais verei ela, é assim quando alguém faz algo legal por mim, mesmo que não me torne uma amiga profunda—isso nunca acontece—da pessoa, eu tento ter algum contato, algo me ocorre.

—Ah, gosta de ler?

Gil faz que sim logo depois da tradução.

—Anota o seu endereço, então, e o seu e-mail também. —Fico olhando o que ela anota enquanto Sah fala.

Gil faz um comentário, olho para Sah na expectativa da tradução.

—Ela disse que nenhum paciente foi tão gentil com ela, e que ela se sente muito feliz por você ter entrado na família, lhe deseja boas-vindas —Sah fala e coça o pescoço, parecendo meio incomodada.

Não entendi?

Gil arranca o papel do bloco, sorri para mim e me entrega, abraço ela mais uma vez, então ela sai da sala, Mirna se aproxima e me estende uma xícara de café bem quente, olho para ela, sorrio.

—Muito obrigada!

Lembro do comentário que Jack fez na praia sobre meu descaso com a religiosidade do tio dele, dá vontade de rir, o que Mirna estava pensando quando falou algo tão absurdo para o tio dele?

Mirna se senta ao lado do marido, dou uma espiada rápida nessas pessoas, elas são caladas e sérias, exceto o tio de Jack, nenhum deles parece bem em estar realmente aqui, ele está absolutamente certo quando se referiu ao tio como alguém diferente dos demais, é um Senhor que possui carisma no olhar e sorri constantemente. Mirna definitivamente é a mulher mais fechada que já vi em toda a minha vida, os outros três irmãos de Jack são calados, quietos, claro, não esperava por pura simpatia, principalmente porque sei o que eles pensam sobre mim—caças fortunas—, mas ao menos que fingissem que essa ocasião é algo normal?

Não sei o que eu espero realmente de ninguém.

Tudo é novo para mim, o casamento, a vida de Jack—que ainda é bem estranho para mim—e, agora a família dele, não preciso que me aceitem, Sah e eu já conversamos sobre isso lá em cima há pouco, mas que até que as coisas se resolvam—e eu decida como vou fazer para solucionar essa questão —, eu tenho que lidar com eles, talvez essa seja a primeira e derradeira vez que eu veja essas pessoas na minha vida, mas tenho a leve impressão que não será bem assim.

Gerald faz uma pergunta, entendo as palavras Nova York.

—Ele quer saber quando irá visitá-lo em Nova York.

Eu não sei! O que eu falo? O que eu falo?

—Em breve. —As palavras saem a força. —Jack vai a Paris.

—Paris? —Sah repete um pouco exagerada. —E nós vamos?

—Não —digo e ela revira os olhos. —Tenho que resolver muitas coisas.

—Sério?

Sah já foi a Paris duas vezes, não entendo a decepção, contudo, não sei se os planos de Jack incluíam uma quarta pessoa, isso me basta para ter certeza de que não era boa ideia desde o começo, Sah ficaria muito magoada se eu fosse e não a levasse, preciso conversar com ela sobre isso, só não sei como.

—Ele questiona por que você não vai com Jack. —Sah estreita os olhos para mim. —Já que são recém-casados.

Ah Senhor.

—É uma viagem de negócios, ele virá me ver em uma semana no Brasil, para conhecer minha família. —Não tenho a menor ou vaga noção de como faremos isso também.

Mirna me olha com cara de bosta, ela sabe como intimidar alguém com o olhar, tento não parecer tão dura—como estou—, parecer espontânea, na minha cabeça tenho tantas dúvidas, quero perguntar tantas coisas para o tio de Jack, nem sei se devo—tenho certeza que não—, mas para compreendê-lo, acho que conversar com alguém que o conhece há mais tempo que eu, seja algo fundamental.

—Ele a convida para um jantar na casa dele em uma semana então. —Sah mexe nas pontas do cabelo meio distraída. —Em Nova York, você e a tia Francesca.

Não me imagino levando mamãe para jantar na casa do meu “sogro” em Nova York, eu ainda nem contei para ela que me casei, acho que ela vai

surtar, não, ela vai me matar.

—Claro. —Me esforço para falar com naturalidade. —Jack disse que eu tenho um filho?

Ele responde ainda sem tirar os sorrisos dos lábios.

—Ele fala que não tem nada sobre você que Jack não tenha falado, que ele sabe até a sua altura, Jack não para de falar sobre você um segundo desde que te conheceu.

Fico vermelha, Poxa!

Gerald Continua.

—Ele diz que nunca o viu tão feliz em toda a vida dele, que está contente com o casamento, e que quer que vocês oficializem o mais rápido possível a união no civil—Sah me olha com o canto do olhos. —Que se mudem para Nova York.

Gina arregala os olhos, Sah evidentemente está irritada—mas sorri—, conheço ela.

—Ele espera que você aceite que Mirna organize tudo para o casamento no religioso, que não se preocupe, que como presente de casamento, ele mesmo faz questão de pagar.

—Ah. —Minha pele está pinicando, quero me coçar, mas estou imóvel com o que o tio de Jack fala. —Mesmo? É muita gentileza.

O que posso dizer? Se falar que não, vou ser indelicada, não quero passar má impressão, nem ser mal-educada, dá vontade de tirar os sapatos e sair correndo, olho para a porta três vezes antes de olhar para o tio de Jack novamente, ele continua falando.

—Ele espera não estar sendo muito invasivo. —Sah vira para mim. —Ele é muito gentil, não é? Disse que as portas da casa dele estão abertas para a gente, que te recebe como uma filha, que quer conhecer o Nando e que está muito feliz, porque nunca viu o Jack tão feliz em toda a vida dele.

Absorvo as palavras, um nó se forma na minha garganta, não acredito que ele falou isso, bem, Sah não inventaria, ela também parece bem dentro do possível emocionada, Júlia estende a mão e segura a minha, olho para irmã de Jack, nos olhos dela uma centena de significados, parecem duas bolinhas de gude azuis perfeitas, estão cobertas por lágrimas, isso soa como um pequeno aviso: “Não decepcione o meu tio”

Pisco, me viro para o tio de Jack, bem, ele não sabe muito a respeito da

relação que eu e o sobrinho dele temos tido nesses dias, desde que eu descobri que estamos casados, prefiro que continue assim até as coisas se resolverem, é o melhor.

—Sim, claro, eu agradeço muito, espero em breve ir à casa do Senhor e conhecer sua família.



Nível 09 Da Obsessão

Pego meu dicionário de bolso na nécessaire.

É UMA DAS COISAS QUE EU MAIS PREZO DEPOIS DA BÍBLIA.

Procuro a Letra “E”, e lentamente vou vasculhando ele em busca da palavra que quero.

Acabei de subir, a conversa não foi tão apavorante assim, bem, foi normal, me despedi do tio de Jack e dos irmãos dele logo que acabamos o café, toda conversa se resumiu no casamento—que eu não sei se quero manter—e a “mudança” para Nova York.

Gerald Carsson quer que eu me mude o mais rápido possível para Nova York, quer que eu conheça o restante da família, ele quer que eu faça parte disso.

Minhas mãos tremem, sinto medo disso, como das centenas de coisas que Jack me causa com toda a doença dele, Sah está brava comigo, ela não entende que não podia falar para o homem ir para o inferno, e que o casamento é forçado, não entendo ela, me apoia, me manda prosseguir, mas

assim que o tio de Jack saiu pela porta da sala, ela virou a cara para mim, e saiu puxando Gina—a substituta do despejo—para Deus sabe onde.

Eu ainda fiquei alguns minutos lá embaixo com Júlia e Alejandro, Olaf nos cantos me olhando—ok, senti falta dele, esse robô—, como se não acreditasse que eu sobrevivi aqueles dias a sós com Jack.

Estou frustrada, mas antes de qualquer coisa, eu preciso focar em algo mais sólido, subi com Júlia, não sei se devo falar para ela do meu plano, mas, com a Sah não dá para contar, ela me olha com esses olhos enormes e azuis, é tão doce e delicada que mais parece um anjinho.

Talvez ela saiba da doença do irmão, mas não entenda bem como é conviver com ela como eu convivo.

—Júlia pode me ajudar a entender algumas coisas?

Júlia me olha, me olha, e percebo que ela está tentando entender o que eu acabo de falar, falei rápido.

—Pode me ajudar a entender a escopofobia do Jack?

Falo como um robô, Júlia faz que sim com a cabeça, depois sai em silêncio do quarto, fico sem entender, suspiro, olho para o meu minidicionário, será que vou encontrar mesmo a resposta para isso num dicionário?

O que eu estou fazendo? Por que eu estou fazendo? Devo fazer?

Estou mergulhando nisso de cabeça e sei bem que vou me machucar, mas preciso compreender a profundidade disso, o que significa, saber como lidar com clareza com Jack.

Acho a palavra, já sei mais ou menos o seu significado, mas leio mesmo assim.

Sf (scopo+fobo+ia) Medo mórbido de ser visto.

Classe gramatical: substantivo feminino

Separação das sílabas: es-co-po-fo-bi-a

Plural: escopofobia Que ótimo, isso vai me ajudar muito.

Medo Mórbido de Ser Visto!

Nossa, medo Mórbido de ser visto, procuro a palavra Mórbido.

Mórbido

adj. Medicina. Relativo a ou que demonstra quaisquer tipos de doenças; enfermidade.

Medicina. Que é prejudicial à saúde; que provoca doenças.

Ocasionado por ou que evidencia transtornos psíquicos; que contém determinada anormalidade; doentio.

Sem energia ou força; frouxo: aspecto mórbido.

Em que há devassidão ou perversão: interesse mórbido.

Que se apresenta de modo triste: pessoa mórbida; livro mórbido.

Artes Plásticas. Diz-se da obra artística que possui certa textura demonstrada de maneira suave.

(Etm. do latim: morbidus.a.um) Mórbido é sinônimo de: débil, doentio, enfermiço, entorpecido, insalubre, malsão, morbífico, morbígeno, morbífero, morboso, e valetudinário.

Quantas palavras, quantos significados!

São palavras das quais não estou bem acostumada, ultimamente venho mergulhando fundo no mundo judicial, depois das palavras débil e doentio, o resto é resto, não, entorpecido e insalubre eu conheço, valetudinário também, mas nunca busquei nesse sentido.

Esse negócio é bem mais complexo do que eu pensei.

Não posso buscar o real significado disso num dicionário, por que isso passou pela minha cabeça de vento?

A porta do quarto se abre, não faço ideia se é Jack, mas meus olhos se fecham automaticamente, ainda tenho medo, mas acho que fiz bem, reconheço os passos dele de longe.

—E então? Como foi?

É ele!

Abaixo mais a cabeça, fecho meu dicionário, não quero que ele saiba disso, me sinto idiota.

—Foi bom—digo.

Enfio a mão embaixo do travesseiro, minha máscara está aqui, coloco rápido, Jack se senta diante de mim, fico dura de novo, preciso entender, preciso aceitar, mas me sinto estranha toda vez que preciso colocar a máscara, não posso tocar no assunto com ele também, porque ele não gosta, sei que acabaremos brigando se insistir em conversar sobre a escopofobia dele.

—O que ele falou?

—Espera que visitemos ele, quer que sua tia organize tudo para o “casamento”.

—Ah, e o que você falou?

—Tudo bem?

Jack está sorrindo, quero dar um soco nele, ah, ele está adorando cada segundo, me sinto presa a uma pequena armadilha, será que ele já sabia a proposta do tio?

—Sabia disso?

—Não, mas eu avisei que ele é conservador.

—Ele quer lavar a sua honra, por acaso?

—Eu diria que sim, sou um sobrinho de ouro.

—Claro, claro, esqueci que eu sou a mulher vivida na história.

Ele ri da minha irritação.

—Maria, precisa aceitar que eu sou um rapaz de família.

—Seus irmãos não gostam de mim.

—Eles não gostam de mim também, não morri por isso.

Ficou visível durante o café a apatia que eles sentem por mim, não apenas eles, Mirna também, mas os ignorei, sou boa nisso, adoro ignorar pessoas que não gostam de mim, funciona bem.

—Você está linda.

—Eu e a minha beleza exótica, os homens caem aos meus pés; Minha sobancelha está erguida, Jack ri mais à vontade, sinto sua aproximação e não recuo, ele realmente parece sincero, me sinto consternada, dois homens que me acham bonita num dia só, quem diria, Maria Eduarda Barbosa!

Seguro o rosto de Jack entre as mãos, meus polegares tocam a barba dele, começa a crescer, arranha meus dedos, vasculho em minha mente por qualquer sinal de lembrança, como posso não me lembrar de você? Do que fizemos? Do momento em que nos casamos? São momentos dos quais eu deveria me recordar.

Ele me beija, meu coração dispara, e estou de novo ouvindo Bob Marley, duvido que isso passe, não vai passar, meus dedos se enfiam na nuca dele—de novo—e Jack suspira, ele deixa meus lábios, me arrepio toda, a boca dele está roçando no meu pescoço agora, ele não beija o local, e a respiração quente dele me causa esses pequenos arrepios, Jack deixa um beijo quente no meu pescoço e o cheira devagar, fico ouriçada, ah isso é bom.

—Você é minha! —A voz dele vai mergulhando de novo num mar de

sedução. —Diga.

—O que? —Minha voz fica presa.

—Diga que é minha. —Ele pede baixinho, os lábios voltam a beijar bem devagar meu pescoço. —Por favor.

Engulo a seco, Jack beija minha garganta agora, nunca permiti que um homem fizesse isso comigo em toda a minha vida, e o que ele espera é que eu concorde—naturalmente com isso, como deve fazer sempre com as outras mulheres com quem ele sai, ou saia—e diga que sou dele, Sou Dele.

É vaca, Você é dele, Toda Dele!

—Diga. —exige e vai descendo, beijando a extensão do meu pescoço todo com carinho. —Maria, não me faça te obrigar a falar que é minha, posso ser insistente quando quero.

—O que vai fazer? —Estou paralisada, a carícia me proporciona tantas sensações diferentes, me sinto até meio tonta.

Ele me empurra de repente contra a cama, meu coração acelera, as mãos de Jack pressionam meus pulsos contra a cama, ele está em cima de mim, fico atordoada, tento me mover, mas não consigo.

—Diga. —Ele morde o meu queixo com suavidade. —Agora.

—Seu mimado —acuso, sufocando meu sorriso. —Jack, não combina com você tentar bancar o menino mal.

—Eu sou mal. —Ele não me solta. —Eu quero que fale.

—Para alimentar o seu ego?

—Para eu ter certeza de que não é de mais ninguém.

—Por que seria?

—Ainda tem o pai do seu filho, talvez ele seja uma ameaça.

Ele é, mas não dessa forma.

—Você parece enjoada.

—Eu sou sua. —Não quero falar do Jorge, Sah também fala isso, que quando falamos nele, faço essa cara de enjoo, mas é inevitável, me sinto nauseada.

—Não dessa forma!

—É o que quer ouvir.

—Quero que fale por você.

Preciso ser dele? Por que tenho que falar? Isso não vai mudar nada.

—Quer que eu seja sua?

—Você já é.

—Tem certeza disso, então, não precisa que eu fale.

—Eu preciso, bem mais do que imagina.

Respiro fundo, um... dois...

—Jack, eu sou sua!

Soo mais convincente, mas porque não estou falando da boca para fora, de algum jeito, sou dele, esposa dele.

—Muito obrigado, Senhora Carsson.

—Muito de nada, Senhor Carsson.

E ele ri, e eu estou de novo me enchendo de esperança, eu mesma já estou bem complicada de me entender, para precisar me questionar sobre gostar da risada do meu marido louco, mando minha consciência para longe e beijo ele, era para ser a boca, acerto a garganta de Jack, ele solta os meus pulsos, desce e me beija.

—Não quero que você vá embora —ele fala entre o beijo. —Fique comigo, venha para Paris, faça qualquer coisa.

Nossa.

—Disse que me daria um tempo para pensar.

—Não há o que pensar, ainda não percebe que eu sou louco por você?

—Não fale assim —peço, porque meu coração está quase saindo pela boca.

—Jack, isso é sério, Você é muito ansioso, tem que saber esperar.

—Não quero esperar, quero você perto de mim, não vejo problema algum em vir morar comigo.

—Não terminei minha faculdade, tem minha família, meu filho, tenho uma vida no Brasil.

Ele rola para o lado, não sei se ele está bravo, mas ele não está disposto a aceitar.

—É o que eu tenho para te oferecer nesse momento, Jack.

—Eu não tenho ninguém além de você.

Meu Deus Do Céu!

—O meu tio quer que voltemos para Nova York e isso é um problema.

—Desculpe —peço, sincera, não queria parecer mentirosa para o tio dele, mas talvez, se eu dissesse a verdade, magoasse o Senhor Carsson, nem eu mesma sei qual é a verdade daqui para frente.

—Não é sua culpa. —Ele toca minha bochecha. —Júlia disse que queria conversar comigo, era sobre isso?

Júlia entendeu errado, quero rir, nada a ver o que eu pedi com o que ela entendeu.

—Era. —Mantenho. —Quando voltar de Paris, pode vir me visitar.

—A Senhora deixa? —Jack se diverte com isso.

—Sim, pode vir conhecer minha família doida, até lá vou tentar sobreviver a minha mãe.

—Ela não quer que se case?

—Ela não quer que eu viva.

Jack se aconchega a mim, deita com a cabeça no meu seio de novo, relaxo com o polegar teimoso que toca meu pescoço, meus dedos já estão nos cabelos dele também, estão úmidos, ele ri.

—Por que ela não quer que você tenha namorados?

—Claudia Francesca Barbosa é a mulher mais complicada que existe na fase da terra.

—Mais que você?

—Não estrague esse momento, Jack.

Ele ri de novo, ninguém ri tanto perto de mim quanto Jack, mas é que estou sendo mais engraçada com ele do que com qualquer pessoa, gosto de sentir que ele está bem comigo, não deveria, eu pouco deveria me lixar, mas bem, vamos tentar, né? Como já diz meu tio Nicolau, o que vale é tentar.

—Eu posso me apresentar como seu namorado, então.

Isso é bem melhor do que chegar do nada e dizer “mãe, casei”.

—Como faremos?

—Não se preocupe com isso, Gil disse que deve descansar ao máximo, você gostou dela.

—Sim, ninguém nunca cuidou tão bem de mim.

—Antes de ir, ela me contou que pediu os dados dela, poderia ter pedido para mim, Gil é ex mulher do Phelipe, sei onde ela mora.

Gil é ex esposa do seu irmão?

—Sério? Ela é a sua ex cunhada?

Ainda não acredito, e entendo de repente o porquê da reação da Sah, ela já sabia, Sah sempre sabe das coisas primeiro que eu, mas estou chocada demais para ficar brava com ela a respeito disso também.

—Eles se divorciaram há cinco anos, eu não pensei que ele fosse vir, deve ter sido uma situação constrangedora.

E eu mal percebi, Gil agiu tão naturalmente—ou como ela é—, que eu nem me dei conta, talvez eu estivesse nervosa demais com a ocasião, que não tenha visto, no entanto, não lembro de ter visto Phelipe se quer olhando para Gil.

—Por que eles se divorciaram? —É a primeira coisa que me vem à cabeça.

—Ela não pode ter filhos e ele queria um ego, pelo o que o meu tio me falou na época, então, ele conheceu outra mulher e pediu o divórcio. —Jack está calmo. —Se tornou pai há um ano, mas a moça morreu na mesa de parto, acho pouco.

—Jack!

—Você não sabe o mal que ele fez a Gil, ele a abandonou, traiu ela, isso é imperdoável, um homem tratar uma mulher assim. —Jack protesta, seu tom de voz impaciente. —Agora ele tem um filho, o que sempre quis, mas a mulher ele não tem mais, mereceu.

Não sei o que falar, Jack alimenta uma verdadeira mágoa pelos irmãos, algo bem maior que apenas raiva, não justifica ele falar essas coisas a respeito da desgraça alheia, mas o senso dele e o raciocínio, estão certos, ao menos ao que se refere a Gil, pobre mulher.

—Jonas é outro cínico, ele age como se fosse um adolescente, é casado há um ano com uma mulher que não o suporta, fica implorando o amor dela, ele acha que ela é uma espécie de troféu.

—Por que?

—Porque ele é vaidoso.

Ele parece um menino bravo com os irmãos mais velhos, mas não perde a firmeza, Jack é verdadeiro, ele é desse tipo de homem que fala a verdade do jeito que é e ponto, gosto disso.

—Mirna praticamente foi a responsável pelo casamento do Jonas e pelo divórcio do Phelipe.

—Ela quem vai organizar o nosso “casamento”.

—Não vou permitir, será tudo como você quer.

Como eu quero! Nunca me deram essa opção, sorrio, Jack toca meus lábios, ele está me observando de novo, quero começar a entendê-lo, preciso aproveitar enquanto ele está calmo.

—Me fale de você —peço, mas ainda com medo.

—Não tem muito o que falar.

—Acho que tem, não permite que eu o veja, não quer me falar sobre você, por que se esconde de mim, Jack?

—É melhor assim.

—Por que?

—Já conhece um pouco da minha personalidade, Maria, o resto vai conhecer com o convívio, não sou fácil, e eu já fiz muitas coisas ruins na minha vida.

—É muito jovem para falar essas coisas.

—Não quero que se assuste ainda mais com o meu passado.

Quero falar que nada me assusta mais do que isso, mas ele soa tão sombrio, que não tenho palavras, o que Jack esconde de mim além dele mesmo?

—É difícil para você. —Seguro a mão dele. —Você tem um medo mórbido que eu o veja.

Ele fica parado, calado, acho que usei a palavra certa.

—É, e eu digo todos os dias da minha vida para mim mesmo, que sou tolo por isso, não é só você, Maria, meus irmãos não me viam há mais de dez anos.

—Dez anos? —Não sei por que me surpreendo.

—Sim e, foi torturante na sala hoje, quando desci e eles estavam lá.

Ah Merda!

—Não queria que eles o vissem por quê?

—Se eu soubesse explicar, você provavelmente não estaria vendada.

Deus!

—Eles não causaram isso em mim, nem eu mesmo sei o que foi, desde criança eu sou assim, no decorrer da minha vida, foi ficando um pouco pior, ir para o internato foi o melhor.

—Não convivia com as outras crianças?

—Não, apenas Alejandro, meu tio pagou por cuidados especiais.

Minha mente fervilha, começo a imaginar um menino da idade do meu filho sozinho, longe de todos, com medo de ser observado, isso é deprimente e doloroso demais, afasto a imagem e tento me concentrar na conversa, coitado.

—Você não brincava? Não assistia aulas com os outros meninos?

—Não.

Ele não quer falar disso, a mudança brusca do tom de voz dele o denuncia, mas não posso me dar ao luxo de não saber mais sobre ele, estamos casados, em algum momento essa conversa tem que acontecer e, esse momento é agora.

—Então, quer dizer que você sempre fica só.

—Sim.

—Sem amigos!

—Sem amigos.

—Nem namoradas!

—Sem namoradas.

—E a faculdade?

—Foi a pior época da minha vida.

—Mas, e o seu escritório? Seus funcionários?

—Evolui um pouco, mas gosto de descrição, ficaria surpresa em saber que as minhas três funcionárias de confiança são minhas primas?

Pobre Jack.

—Jack, isso é muito triste.

—Não é, esse sou eu!

Ele levanta, me afastando de um jeito muito rude, da vontade de chorar, meu Deus, o que é isso?

—Não quero sua pena, eu nunca contei isso para ninguém, só para Lane.

Não tenho pena, sinto compaixão por ele, mas estou cheia de informações dolorosas sobre esse homem agora e, não sei o que fazer com as revelações, isso é bem além do que uma simples fobia, que um simples e mórbido medo de ser visto, nenhuma definição, por mais longa que seja, pode justificar isso.

Tem coisas na vida que não tem explicação.

—Estou cheio desse assunto. —A voz permanece fria. —Quer que eu fique?

—Você quer ficar?

—Desde que não toque nesse assunto, sim.

Concordo, melhor não falar nisso mesmo, isso faz mal para ele, isso faz mal para mim.

—Vem cá, bebezão —chamo no impulso.

Sinto que ele sorri, que estranho, ele se move na cama, ouço o barulho dos sapatos caindo, Jack se deita ao meu lado, mas não me toca, o assunto o afastou de mim, fico quieta, melhor nem conversar mais também, meu cérebro está dando voltas.

“Sem amigos” “sem namoradas” “sempre sozinho”, ecoam em minha mente.

Como alguém consegue viver sempre sozinho?

Ok, eu adoro ficar sozinha, isso porque na maioria das vezes eu fico lendo, ou vendo minhas séries de TV prediletas, estudando para época de prova, ouvindo música, mas eu tive uma vida normal—ou dentro do normal—durante toda a minha infância, fui para uma creche, como toda criança, para escola, brinquei muito na rua com os filhos dos meus vizinhos. Para mim, as vezes era até entediante viver cercada de tantas crianças, não tive namorados, mas fora o grande trauma da minha vida—Jorge—, eu sempre fui uma menina “normal”.

Mas como seria estar sozinha sempre? Sempre com medo de alguém me ver? Me escondendo das pessoas? E se esse medo fosse tão forte que me afastasse de tudo, de todos? Não quero pensar como seria, porque está fora da minha capacidade.

—Você não vai falar nada? Não vai pedir o divórcio de novo?

Não posso fazer isso com você, Jack, é injusto, mas preciso que você entenda que não sou obrigada a ficar com você sob essas condições, mas agora, agora eu realmente estou sem armas.

Que Coisa é Essa?

Preciso Entender!

Preciso ter Paciência.

Preciso ser, flexível.

—Maria?

—Tudo bem, Jack, não vou pedir o divórcio.

—Obrigado.

É um alívio para ele!

Quanto mais conheço Jack, mais fico confusa, tudo com ele é fora da minha compreensão.

A mão dele pousa na minha, e os dedos se entrelaçam, ela treme, e está soada, aperto com suavidade.

—Você não quer vir aqui agora, Maria?

Sorrio, me aconchego a ele, ele me puxa para cima dele, coloco meu rosto em seu peito, nesse momento estou segura, Jack me aperta.

—Você ainda é minha?

—Sou.

Não sei bem o que isso parece, mas tenho certeza absoluta de que não posso afastá-lo agora, não agora, talvez demore para eu conseguir afastá-lo, talvez eu nunca consiga afastá-lo.



O baile

Estou num quarto Escuro.

Bem, não tão escuro, as luzes brilhantes do outro lado do blindex iluminam tudo, Las Vegas! Olho para o teto branco, tudo gira um pouco, ergo as mãos, elas estão unidas, meus pulsos estão unidos, tudo gira, parece que estou vendo um filme 3D, movo minhas mãos para os lados, e elas se multiplicam, uma mão, duas mãos, três mãos.

Estou rindo disso, tento me sentar, mas não consigo, e de repente gemo, algo se move mais embaixo, e uma pequena onda quente me toma, causando um arrepio gostoso em mim.

Nunca senti isso na vida.

O que é isso?

Arfo e gemo mais uma vez, tento compreender essa sensação quente e úmida, fecho os olhos, e tudo gira magnificamente, vejo estrelas na escuridão e estremeço, soltando um grunhido alto.

Meu coração dispara com mais uma onda forte e atordoante, e o fervor cresce entre as minhas pernas, grito mais uma vez.

Dá para ouvir os meus gritos de longe.

“Senhor, quero mais”

Não paro de gritar essas três palavras.

Meu Deus, essa sou eu?

Sou Eu!

Tento me apoiar em algo, e só então vejo que estou deitada em cima de alguém, Não demora e sou puxada pelo tronco, estou tão mole e relaxada, não, não é isso, eu estou exausta, exausta com todo esse prazer. Minhas mãos estão amarradas nesse sonho, amarradas por um cadarço.

O cadarço do meu tênis!

Ele segura o cadarço do meu tênis entre meus pulsos, e faz com que eu fique sentada em seu peito, não consigo ver seu rosto, ele está com a cabeça entre as minhas coxas... me chupando.

Meu coração vai disparando mais e mais, o sangue nas minhas veias está pegando fogo, eu estou completamente nua e sentada, permitindo que Jack faça sexo oral em mim.

“Senhor, eu quero mais”

A língua dele é tão rápida, quente, deliciosa.

Meu Deus, desconheço a mim mesma.

“Goze para mim, querida”

Meu Deus, Jack o que é isso?

“Mantenha as mãos atrás da cabeça”

A voz dele é presente, quente como a boca dele, arrepios me tomam, eu obedeco—eu o obedeci—, coloco minhas mãos atadas atrás da cabeça, minhas pernas tremem, eu me tremo toda, e o prazer cresce dentro de mim, não olho para nada, só sinto, explodo em mais um orgasmo tão poderoso, que grito.

O som do grito ecoa em minha cabeça.

Acordo, totalmente sem ar.

Meu coração está na garganta, estou soada.

—Maria, o que foi?

Estou assustada, minhas bochechas queimam, a voz dele é bem mais presente agora, Meu Deus, eu não acredito que fiz isso, não acredito!

—Maria, fale comigo.

—Foi só um pesadelo, eu estou bem.

Tento controlar a minha respiração, seco minha testa, me abano, o que foi isso?

—Vou buscar uma água para você. —Jack sai da cama.

—Vou para o banheiro, quando chegar me avise.

Só espero ele sair, mal ouço o som da porta sendo fechada e tiro a máscara, respiro fundo, me abano de novo, levanto e no primeiro passo, caio estatelada no chão, ouço os passos de Jack, minhas pernas tremem.

—Maria, o que foi? —Ele bate duas vezes na porta. —Você caiu?

—Eu estou bem, não se preocupa —digo apavorada, crio forças e levanto. —Pode ir, aceito um chá.

—Tem certeza que está bem?

—Sim, vai.

Os passos dele se afastam da porta, levanto, respiro fundo e vou correndo para o banheiro, tropeço umas duas vezes antes de alcançar a porta, mas assim que entro, tranco a porta na chave, tiro a saia depressa, jogo a blusa

para longe, corro para o box, meu corpo está quente, eu estou quente.

Entro no box e abro o chuveiro na água fria, a sensação da água caindo na minha cabeça me tranquiliza, me apoio na parede, fico olhando para o meu reflexo no box escuro, olho para o pequeno triângulo formado embaixo do tecido da calcinha. Meu Deus, eu nem me depilei!

Tiro a calcinha, pego o sabonete, começo a me lavar, sentindo a viscosidade no meu centro, eu gostaria mesmo que isso não estivesse acontecendo comigo, uma memória da noite com Jack e eu estou totalmente molhada, bem mais que molhada.

—Maria! —ele chama do lado de fora do banheiro. —Tudo bem aí?

—Sim —berro. —Não entre aqui, por favor.

—A porta está trancada!

Estou coberta de vergonha, é isso, já posso morrer.

—O que foi? —A voz dele está preocupada. —Algum pesadelo comigo?

Acho incrível o senso de percepção dele, como ele sabe?

—Não. —Posso chamar isso de sonho? Foi tão real! Não foi um sonho, é uma memória.

—Então, o que foi?

—Apenas um sonho ruim.

—Você acha que consegue ir ao baile?

O Baile!

—Sim?

—Bom, você não comeu nada o dia todo, me sinto responsável, eu vou deixar a bandeja com torradas e um chá aqui, vou tomar o meu banho.

—Ok.

—Estarei no escritório, Júlia está aqui a sua espera, para ajudá-la.

—E a Sah?

—Lá embaixo, nos esperando com a sua outra amiga, Gina, nos vemos daqui a pouco.

—Ok.

—Não demore.

—Está bem, Jack.

Tiro o sutiã, estou segura aqui, bem longe de todos, não quero demorar,

mas como posso sair e encará-lo?

Encará-lo? Eu se quer o vejo, mas isso é uma vantagem? Isso não me livra da vergonha que sinto agora, ela é presente e estou constrangida com tudo.

Me lavo bem, nunca tive que me lavar bem por causa de um homem, o máximo que eu cheguei perto de ficar molhada foi vendo aquele filme da Angelina Jolie com o Antônio Banderas, Pecado Original, aquela cena era de tirar o folego, mas nada comparado a isso.

Recolho meu conjunto e não sei bem o que fazer com ele, se estivesse lá em casa, poderia levar para a lavanderia, mas aqui não tem lugar para pôr, penso numa boa desculpa, enfio no bolso do meu roupão.

Pego um roupão branco que deixaram dobrado para mim na pedra do lavatório—Mirna—, visto rápido, me olho no espelho, meus olhos estão mais vividos, minhas bochechas estão mais coradas, ah Deus, me sinto, me sinto como se houvesse acabado de transar com alguém.

Mais ou menos Isso, Vadia!

—Duda!

É a Júlia.

Abro a porta, dou meu melhor sorriso para Júlia, ela não suspeita de nada, mas estou morrendo de vergonha.

—Vim te arrumar.

Por que a Sah não veio? Quanto a Gina?

Mas não pergunto para Júlia, eu já sei a resposta, Sah deve estar brava comigo—mesmo sabendo que eu não tive saída durante o café com o Senhor Carsson—, ela insiste em ficar brava, eu com certeza sei bem menos que ela quanto ao meu futuro, mas não quero mudar para Nova York, Gina deve estar com ela, tentando persuadi-la, é sempre assim.

Ainda tenho a minha semana para pensar com calma sobre isso, fico mais calma em saber disso, para mim vai ser a semana da reflexão, e eu ainda terei mais uma e meia de férias, então, poderei pensar com calma. Se eu parar para pensar agora, vou surtar de novo, também não quero ter que me preocupar com a Sah, ela deveria me entender, ela estava me apoiando, as vezes ela é tão infantil.

—Está pronta?

Pronta para que?

Júlia está empolgada, então olho com cuidado o vestido que ela usa, é um vestido comprido que lembra o século dezenove, ou coisa assim, é branco com uma faixa azul clara, os adornos e bordados feitos à mão, os cabelos dela estão presos num coque comportado e firme, e ela usa luvas!

—Júlia?

Ela ri, não entendo o porquê do entusiasmo, Jack falou em baile, entendi, mas, o que essa fantasia de menina do século dezoito tem a ver com algo que eu gosto? Continuo sem entender.

Júlia aponta para cama, pisco, tem um vestido bem ali estendido, é branco também com algumas camadas de véus transparentes, mas bem simples, não sei se vou caber nele, parece pequeno.

—Vamos, estamos quase atrasadas, Jack não gosta de se atrasar.

Jack não gosta de atrasos, entendi!

Vou até a cama, pego o vestido, ele não parece complicado nem nada, é liso e simples, não entendo por que os americanos gostam dessas coisas, é tão simples colocar um jeans e uma blusa qualquer, não estou acostumada com isso.

—Deixa que eu te ajudo. —Júlia está com um papelzinho na mão.

Olho para ela, dá vontade de rir, reconheço, ela está se esforçando muito para que eu me sinta bem com sua presença, será que eu assustei muito ela naquele dia?

—Eu trouxe suas roupas de baixo. —Júlia lê o papel com dificuldade. —Ceroulas.

Ceroulas!

Sorrio, ela cora, fica vermelha como um tomate, ceroulas é o fim, pego o conjunto seco, caminho para o banheiro, Júlia vem atrás de mim como uma sombra, ainda estou rindo quando entramos no banheiro.

—Vou secar o seu cabelo —fala ela ainda com uma dificuldade gritante. —Fazer um pente, pente.

—Penteado —completo, começo a vestir a calcinha, não tiro esse roupão por nada na frente dela, lembro do sonho e isso parece o de menos. —Poderia só me dar licença um segundo?

—ah, sim.

Júlia me dá as costas, me sinto idiota, afinal de contas, ela é mulher, mas se

não consigo ficar pelada—sóbria—perto da minha melhor amiga, quanto mais da minha cunhada.

Minha cunhada! Tenho que me acostumar com isso.

Tiro o roupão, visto o sutiã rápido, é um dos meus conjuntos, enfio os pés no vestido e subo ele, me serve como uma luva, por mais inacreditável que pareça, me olho no espelho, ao menos da cintura para cima ficou bom.

—Eu vou me virar. —Júlia avisa e se vira, olha no papel. —Você está digna.

—Obrigada. —Meu sorriso fica mais largo.

Toco o tecido, é fino como seda, mas, as alcinhas são compostas por véus. Júlia enfia o papel no decote e abotoa o vestido atrás, ele vai ficando mais apertado na região do decote, é um pouco mais aberto, deixa amostra meu pescoço, meus ombros e um pouco das minhas costas. Ela arruma as alças para que o sutiã não apareça e amarra a fita bege abaixo dos meus seios com firmeza.

—Júlia! —Jack chama, assustando nós duas.

—Espera, já estamos terminando —Júlia responde carrancuda. —E nem é para vir, a Duda está sem a máscara.

Júlia liga o secador, ela me faz sentar de costas para a porta, abaixo a cabeça, a irmã de Jack sabe como embelezar alguém e eu não, sou mais velha que ela dez anos e quase não uso um secador. Lembro que uma vez eu quase tive metade do cabelo queimado, encostei a ponta nos meus cabelos, quebraram na hora, lembro que tinha uns quinze anos, mamãe teve que me levar no cabeleireiro para cortar as pontas que fediam a queimado.

Nunca fui boa com essas coisas.

—No século dezenove, as damas não se demoravam tanto —soa a voz de Jack no banheiro.

—No século dezenove, as pessoas não tomavam banho —argumento estou distraída com o anelzinho que ganhei dele hoje à tarde.

—Você não tomou o chá e não comeu as torradas, Senhora Carsson.

Coro, será que ele vai ficar agindo como se fosse meu pai sempre que alguém estiver por perto, ou só está sendo bipolar de novo?

Acho que os dois.

—Esqueci.

—Não deveria, vamos, tem que comer, eu te ajudo.

É O FIM.

Fecho os olhos, não tem como usar a máscara agora, mas sinto sua proximidade, os passos dele, Jack usa sapatos, nunca vi os sapatos dele, ele se senta diante de mim, o cheiro de chá invade minhas narinas, chá de camomila.

—Abra a boca.

Mandão.

Abro a boca, e lembro da forma como ele me mandou manter os braços atrás da cabeça, minhas bochechas queimam, venho corando bem mais que de costume depois que conheci esse homem, mordo a torrada, tem algo doce nela, geleia de morango, gosto de geleia de morango.

—Você está com febre?

—Não, é o calor do secador mesmo.

Espero que ele não perceba, não sei onde enfiar a minha cara, Júlia diminui a velocidade do secador.

—Se sente melhor?

—Sim.

—Se não se sentir bem.

—Me fale do baile, como é?

—Como qualquer outro. —Ele coloca a caneca na minha boca, bebo. — Nunca foi a um baile?

Não fui nem ao meu baile de formatura do colegial, enquanto minhas colegas de turma estavam se formando, eu estava sendo mãe, cuidando do Nando em tempo integral, não saio tanto, não precisa ser um gênio para saber disso. Odeio as festas que a Sah e a Gina frequentam, costumam ser barulhentas e cheias de caras bêbados idiotas, nem conto com os calouros da faculdade, percebi desde cedo que não nasci para isso, também não conto as festas da Meta, elas são cheias de gente chata e são sempre as mesmas pessoas, conversando sobre as mesmas coisas, as mesmas ceninhas do pessoal, ok, eu odeio festas.

—Não, nunca fui num baile.

—Não teve debut?

Jack Debut é coisa de gente rica.

Eu tive bolos cor-de-rosa até os doze, no meu aniversário de treze, a mamãe estava arrumando o quarto da nova bebê, recém-casada com o Van. No meu aniversário de quatorze, Sah e eu brigamos, ela me trocou pelo primeiro namorado dela, Gabriel. No meu aniversário de quinze, mamãe e Van viajaram para a casa dos pais dele em Parati, para passarem o fim de semana, nesse ano meu aniversário caiu num domingo, Sah estava numa viagem para Disney, acabei tendo que comer um bolo de padaria sozinha, chorei tanto nesse dia, no dia seguinte mamãe me ligou, bati com o telefone na cara dela, quando ela chegou de viagem, ignorei ela por duas semanas. Van encheu tanto meu saco, que acabei voltando a falar com ela, eles me deram um urso de presente—ainda tenho o urso, fica na minha cama com as minhas outras pelúcias—e cantaram parabéns com um bolo azul da mesma padaria, não foi a mesma coisa, estava brava com eles, mas era aquilo ou nada.

—Não. —Me restrinjo a falar apenas isso.

—Eu tive. —Júlia suspira. —O meu par foi o mais bonito, o tio Gerald era o broto mais lindo da festa.

Sorrio, Júlia provavelmente precisa de um “Aurélio” mais atualizado.

—Ela está indo bem, tem que admitir.

—É, você é um pouco menos ruim que ela.

Jack me beija de leve, estou ainda mais corada, minhas bochechas queimam.

—Adoro o Brasil, Jack já me levou duas vezes, pena que foi a negócios, ele quase não ficou comigo.

Não foi por isso que ele não ficou com você Júlia, sei que não, o seu irmão não é assim porque quer.

—Pode me visitar. —Sugiro. —Se a sua tia deixar.

—Ela não deixa. —Na voz de Júlia dá para ver a apatia. —Mas ela me cria desde pequena, se mamãe fosse viva, eu não seria tão presa, Jack diz que ela era uma mãe muito boa.

Jack e os outros conheceram a mãe, tiveram a chance de conviver com ela, Júlia não, me sinto familiarizada com ela, eu não conheço meu pai até hoje, claro, já passei por momentos bem difíceis, até hoje o culpo por uma centena de coisas que eu não tive, mas sei que ele é vivo, a mãe de Jack não.

—Júlia precisa focar nos estudos nesse momento. —Mordo a torrada que ele coloca na minha boca. —Por que nunca foi a um baile?

—Não gosto muito de sair. —Mordo mais uma vez.

—Você é muito caseira.

—Também, mas depois da faculdade eu não disponho de tempo, o Nando me exige bastante tempo também.

—Quando suas aulas acabam?

—Em outubro do ano que vem, eu acho.

—Teremos tempo até lá.

Para que eu me acostume, já sei, ele fala como se isso fosse concreto, não é bem assim, no entanto, não quero discutir isso na frente de Júlia.

—É tão bom ver vocês dois juntos. —Júlia desliga o secador suspirando infinitamente. —Vocês dois foram feitos um para o outro.

Que romântico, gostaria de pensar assim em relação a alguém na vida, eu já perdi as esperanças de achar o cara perfeito há muito tempo, Jack não é o melhor exemplo, o que será que me atraiu nele na noite de sábado? Será que foi a aparência dele? Sah fala que ele é muito bonito, pela boa genética da família, é inegável que ele não seja no mínimo um cara bonito.

Mas eu não sou tão superficial, sou? Nunca fui assim, não sinto como se fosse me atrair por caras bonitos, não é a mesma coisa que conversar com caras inteligentes, na Meta tem muitos homens inteligentes, na faculdade também, mas nenhum me desperta interesse.

O que me faria gostar de um homem?

Nem eu mesma sei, agora não dá para saber, não depois de tudo, o único jeito é esperar e ir lembrando.

Me Fode, Jack!

Será que foi isso? Atração?

—Você está muito calada.

—É, as vezes é bom.

Tento parecer firme, quero perguntar, mas não dá, até lá eu provavelmente morreria, como eu pude pedir para alguém me foder? Acho isso tão vulgar.

Sah é a menina da boca suja, eu quase não falo palavrões, minha lista se resume em Droga, Merda, Caramba e Vai para o Inferno, sua merda, os últimos sempre falo para o Van, quando nós discutimos, nada que envolva essa palavra feia.

E por que ele me amarrou? Será que a minha “eu “bêbada perdeu a

completa noção de tudo? O que mais aconteceu naquela noite em Las Vegas?

—O que foi, Maria?

—Por que você me amarrou?

Jack se engasga, a pergunta simplesmente saiu de dentro de minha cabeça, ele está tomando o chá. Dou tudo para ver a cara dele, mas não posso abrir os olhos, Júlia cantarola mexendo nos meus cabelos, ela não deve ter entendido a minha pergunta. Ele ainda tosse, fico parada, quero minha resposta, mesmo que morra de vergonha, eu quero saber por que ele me amarrou, isso é importante, mesmo que não deva perguntar, não é adequado falar sobre a noite louca de sexo na frente da irmã dele, todavia, a irmã dele não entende metade das palavras que eu falo.

—Hum —ele pigarreia, parece ter recuperado o folego. —Você por acaso, lembrou de algo?

—Tenho uma noção. —Estou vermelha, coço o nariz, quero mascarar meu nervosismo, já comecei, tenho que terminar.

—Não é o momento oportuno.

—Eu sei, mas fui eu que pedi?

—Sim.

Ai Meu Deus.

Isso é demais para mim!

E quer mais, Vadia!

—Foi... legal.

—Foi? —repito, estou na desgraça. —O que aconteceu com o meu tênis?

—Eu joguei pela sacada, eu acho.

—Por que?

—Digamos que usamos a sacada para outros fins e, eu acabei tendo que me livrar dele para um fim maior.

Quero sair correndo.

—E qual foi o fim maior?

—Não é o momento de falar sobre isso, querida.

Isso é tão injusto, tudo o que vem de você é injusto, Jack, tudo, desde a forma como nos conhecemos, até esse momento, claro que também não quero falar disso na frente da sua irmã, mas preciso saber o que aconteceu naquela noite, preciso lembrar, talvez isso seja o começo para que possamos resolver

o nosso problema.

—Esperarei lá embaixo.

—Jack, você tem pavor de ser visto, e vai a um baile?

—É por um bem maior, e também, é um baile de máscaras.

Franzo a testa, ele me beija de leve e levanta, toca minha face—que provavelmente é de pura ironia—e se afasta, abro os olhos, pego a torrada, mordo a contragosto, preciso lembrar de sábado à noite, preciso saber o que aconteceu, e é hoje à noite que eu vou descobrir.

—Ah se vou!



Júlia e eu descemos.

Encontramos Sah e Gina sentadas nos sofás, Jack avisou a Júlia pelo WhatsApp que fora na frente—fiquei furiosa é claro, é evidente que ele foge de mim—, quem vai nos levar é o Olaf, que está em pé perto da janela, mas não tira os olhos das minhas amigas.

Sah me olha toda venenosa, para Gina não resta outra opção senão ficar do lado dela, é sempre assim, Sah tem um senso de persuasão muito forte, não tanto quanto o meu, mas ela sabe ser convincente quando quer.

Mimada!

Ignoro ela também, aí como eu odeio quando ela faz isso, ela sabe, e vira a cara, Júlia percebe o clima e fala algo em inglês para o Olaf.

Ele vai na frente indicando a porta, antes de sairmos, Mirna entra na sala com a cara séria de sempre, lança um olhar punitivo para a garota, bem, eu não tenho medo de cara feia.

—Sah, vem cá —chamo por que preciso.

Sah revira os olhos, se aproxima, o vestido dela é como o nosso, os cabelos estão presos por uma trança linda, cheia de rosas, ela calça sapatos altos, calcei a sapatilha dela, eu é que não calço aquele sapato horrendo que usei mais cedo.

—Fala para Mirna que nós traremos a Júlia antes das onze e que eu não vou largar ela por um segundo. —Sah traduz, agora mal-humorada, espero, assim que ela acaba, completo. — Diz que eu e o Jack nunca permitiremos que nada de mal aconteça a Júlia e que ela ficará segura.

—Você e o Jack. —Sah estreita os olhos, ciumenta, mas traduz. —Algo mais, Senhora Jack Carsson?

—Não, muito obrigada.

Também viro a cara, sei que ela vai enfiar a cara entre as pernas e vir me lambe quando a raiva passar, Gina vem para o meu lado esquerdo e pega meu braço, deixando ela para trás, sabe que Sah fica insuportável quando está de mal humor, deve ter cansado de ser o despejo, ninguém além de mim aguenta ser o despejo.

O vestido de Gina é verde chá, com um laço da mesma cor, ela prendeu os cabelos com um coque cheio de flores de plástico, ela está linda assim, as três estão, estamos parecidas, as quatro, é a primeira vez que eu vou a um baile.

Não me sinto empolgada, mas é um baile de máscaras, e Jack estará lá, quero arrancar algumas coisas dele antes de ir embora, amanhã a essa hora, eu estarei num avião a caminho de casa, quero tentar resolver ao máximo as coisas com ele.

Olho para os anéis em meus dedos, são tão lindos, nem combinam comigo, mas não sei se posso devolver, ele, com certeza, brigará comigo se eu o fizer, Júlia nos avisa para que esperemos na varanda.

Ergo o olhar, a noite nessa praia é linda, as luzes das casas ilumina as rochas, o sol já se pôs, deve ser umas sete da noite, mas ainda está claro, o mar infinito diante de mim, o vento sopra com mais força agora, está frio, contudo, não me importo, esse lugar—palco de brigas e discussões—foi o mais bonito que eu já visitei em toda a minha vida. Claro, vou no Cristo uma vez no ano, levo o Nando no pão de açúcar, mas cada lugar tem um significado diferente para mim, sua beleza e esse lugar é perfeito.

Gostaria de poder vir mais vezes, talvez em uma outra ocasião.

Meu coração se encolhe, porque sei que talvez, eu não venha nunca mais a Califórnia, talvez essa seja a minha primeira e última visita a Malibu.

Não quero pensar nisso, não vou sofrer por antecipação, terei uma semana de sofrimento pela frente.

Júlia tagarela com Gina, Sah se mantém perto do pilar, estando mais

afastada da gente, oprimo essa vontade de ir lá e tentar uma aproximação, dessa vez não vou ceder, ela que venha.

Sah já falhou comigo tantas vezes, eu sempre cedo, tenho que ceder a isso também? Como ela espera que eu faça as coisas? Tentei fugir disso e tive um ataque nervoso, não adianta fugir de Jack, mas não é ele, é o casamento, não dá para fugir disso, não posso virar as costas e sair andando, não posso ignorar algo que eu sei que é presente, estou casada com ele, poderia não estar sóbria, mas nos casamos, estamos presos a esse casamento e temos que saber como resolver isso da forma mais madura e certa possível, até porque não envolve apenas a gente agora.

O carro de luxo surge vindo da esquerda, reconheço esse carro, é o carro do Jack, nem sei por que estico o pescoço para ver se tem mais alguém dentro, sei que ele não está lá.

Escondo minha decepção.

Descemos, Sah começa a sessão de reclamações quando o primeiro salto afunda na areia, enquanto nos afastamos, vejo Mirna parando na soleira da porta com um terço na mão, aceno para ela, isso foi um sorriso? Não deu para ver direito se ela mostrou os dentes.

Olaf abre a porta da frente para mim, ele sorri, devolvo o sorriso e puxo meu vestido longo para dentro do carro, me sento, enquanto puxo o cinto, as meninas se acomodam no banco de trás, Sah pisa no pé de Gina, ela geme e reclama, suspeito que seja de propósito.

Senhor, por que eu?

Olaf bate à porta ao lado de Sah com força, deixa claro sua impaciência com ela, Júlia é a única no carro que parece realmente empolgada com esse baile.

Por que Jack quer que eu vá a esse baile? Por que é importante para ele?

—Você vai a muitos bailes? —pergunto para Júlia, ela está ereta, presa ao cinto, apenas Sah não colocou. —Sah, o cinto.

—Aí, que saco. —Sah puxa o cinto irritada e prende a fivela. —Satisfeita?

—Muito.

—Não vou a muitos bailes sem a tia Mirna, participamos mais dos eventos em família. —Júlia está com o papel na mão de novo, Olaf ascende a luz interior do carro e começa a dirigir.

—É um baile de caridade. —Jack falou isso.

—Sim, é para isso que serve o baile funk, para arrastar o popô no chão.

Olho sobre o ombro, Sah se afasta de Júlia, engulo o sorriso, eu não acredito que ela está fazendo isso com a pobre garota, lanço meu pior e mais sério olhar reprovador para ela.

—O que foi? —Sah pisca várias vezes, como a vítima que nunca foi e nunca será.

—Você está muito linda está noite. —Júlia lê o papel. —E peituda.

Gina dá uma gargalhada, oprimo o riso, odeio a Sah, odeio!

—Falei certo? —Júlia se inclina para frente e se apoia nos bancos, fica me olhando sorridente. —O que é uma peituda?

Olho para Olaf, ele está sério enquanto dirige, ele entende dessas coisas.

—É uma moça legal. —Tento ser clara, Sah e Gina rolam de rir no banco de trás.

—Então acertei. —Júlia sorri ainda mais. —Vai gostar do baile.

—Espero que sim, não é toda peituda que tem essa sorte.

Júlia liga o som na estação local, não entendo metade das palavras do locutor de rádio, as três começam a conversar no banco de trás de um jeito tão empolgado, que não consigo espantar a inveja, poucos minutos depois Júlia me estende o celular, o meu celular, como ela achou? Mas bem, antes que eu pergunte, vibra na minha mão, desbloqueio, somente uma pessoa conversaria comigo.

“Apreciando o percurso, querida?”

Suspiro, estou sorrindo, dias atrás estava tão furiosa, que queria quebrar esse celular, não posso fazer isso, uso o termo meu por estar comigo, mas não é, é de Jack. Respondo.

“Boa noite, Senhor Carsson”

Ele digita, vou ficando ansiosa.

“Chegue logo, as mulheres estão me atacando aqui”

“O destruidor de lares”

“Amor, não se refira ao seu homem assim”

Sorrio, nego com a cabeça, tinha esquecido o quanto ele é engraçado quando quer, quando estamos juntos, ele não é tão engraçado, me pergunto por que, apenas uma palavra vem uma coisa vem a minha mente: **Medo Mórbito de ser visto.**

“Não demore”

“Já estamos a caminho, como está sendo sem mim?”

“Tédio :(“

“:) Difícil te ver entediado”

“Não gosto dessas formalidades, alguém quase derramou champanhe em mim e só cheguei aqui há meia hora”

Manda carinha irritada.

“Calma”

Envio uma carinha de sono.

“Você precisa chegar logo”

“Como vai ser? Vou ficar vendada a festa inteira”

“Chamarei esse episódio de gato e rato”

Gato e Rato.

“É?”

“Posso estar em qualquer lugar”

“Ah é, esqueci que você é a da família San Diego”

“Quando estivermos na nossa casa, veremos episódios juntos”

Um cara que gosta de ver desenho, como eu!

Quais são as chances de isso acontecer comigo de novo? Nenhum cara que eu conheço gosta de desenhos, a maioria curte balada, barzinho ou programas com os amigos, estou curiosa.

“Jack, você gosta de ler?”

“É o meu terceiro hobby predileto, depois de tocar piano e correr sem camisa”

“Não banca o Van, não combina com você”

“Qual é o problema em eu andar sem camisa?”

Sorrio, respondo imediatamente: “Nenhum, acho que eu vou andar sem camisa também, que tal?”

Ele me manda uma carinha furiosa, olho de perto, o emoji solta fumaça pelo nariz, rio.

“Jamais, não, retire o que eu disse, você andar sem camisa dentro de casa, nessas condições eu permito”

“Estaremos sozinhos, Senhor Carsson?”

“Com certeza”

Sorrio, bloqueio o celular, nem mesmo o fato das meninas conversarem em inglês me irrita mais, estou pensando no meu marido agora, no meu maníaco e engraçado marido.



A Dança

Olaf fala algo para Júlia e estaciona.

Não preciso ser bilíngue para saber que chegamos, e eu mal prestei atenção no caminho, me distraí lendo as minhas discussões anteriores no “Whats” — me sinto moderna usando esse termo, agora só falta eu abrir uma conta no Facebook—com o Jack, hora eu sorri, hora eu fiquei intrigada, eu realmente fui bastante grossa com ele no começo, parece que faz muito tempo, mas tudo isso começou há cinco dias.

Desde o meu primeiro dia em Las Vegas.

Olaf dá a volta e abre a porta do carro para mim, gosto da gentileza, saio e olho em volta, é o estacionamento de um prédio, estamos num hotel? Acho que sim!

Ele abre a porta para que Sah saia, ela vem igual cachorro para perto de

mim e pega meu braço antes de Júlia, permaneço neutra, só vou falar com ela quando ouvir a palavrinha mágica.

Júlia pega meu braço esquerdo, seu rosto angelical está ainda mais iluminado, é tão incrível que alguém seja tão doce? Ela é diferente das garotas da idade dela, sinto que sim, até mesmo que da minha irmã, essa Júlia é inocente, dá para ver no semblante dela.

Talvez seja por isso que Mirna seja tão protetora, Júlia é uma menina.

—Esse é o baile do ano, claro, tem muitas pessoas importantes. —Júlia lê o papel rabiscado com a mão livre. —Jack é o anfitrião.

Não imagino Jack sendo anfitrião de uma festa, Júlia me olha com certo receio, sei que ela quer me falar algo, mas não tem coragem.

—Pode falar.

—A festa é no salão do hotel, a organizadora é a Soraya, ex namorada do Jack.

Jack tem uma ex namorada!

Tremo, fico parada, absorvendo o que Júlia acabou de falar, Jack tem uma ex namorada e ela é a organizadora do baile.

Que legal, posso chutar o pneu do carro?

Por que estou tão brava? Não tenho que ficar brava, não posso, não tenho direito algum sobre esse homem, apesar de estarmos casados, não posso me sentir assim em relação a ele, estou com ciúmes de Jack.

C-I-Ú-M-E-S

Ele não me disse que teve outras namoradas, ele não me disse..., não me omitiu o fato de que teve outras amantes, mas também falou que nunca apresentou nenhuma namorada dele para Júlia, mentiroso, mentiroso!

Gina vai na frente, de braços dados com Júlia—que está embaraçada com a minha reação—, Olaf as segue mexendo no celular, aposto qualquer coisa que aquele mentiroso deve estar conversando com ele via mensagem.

Respiro fundo, sei que Sah quer me falar algo, ela está se coçando para falar.

—Vai, fala.

—Eu sabia que ele não prestava, ele é perfeito demais para ser verdade!

Perfeito? Jack? Me polpe!

—É como a história do chiclete, ele é o menino, você é o chiclete, ele te

coloca na boca, te masca até que o doce vá embora, depois ele te cospe e te joga no lixo.

Conheço essa história de longe, conto esse sermão para Sah há muito tempo, sinto que a minha garganta queima e estou sufocada. Oprimo, engasgo e sufoco, Jack já teve uma namorada—antes de mim—e hoje estaremos numa festa com essa ex namorada.

Por que ele mentiu para mim?

O celular vibra na minha mão, me sinto idiota, não vou olhar também, odeio mentira. O celular toca e eu não atendo, Olaf para e vira para mim, gira os calcanhares e vem de volta na nossa direção muito sério.

—Não! —Sai como um berro e ecoa por todo o estacionamento lotado de carros de luxo, Olaf recua um passo com medo, Sah se encolhe, estou furiosa. —Diz para ele que eu não quero falar com ele.

Olaf faz que sim, como se entendesse, Gina e Júlia estão paralisadas olhando para mim meio chocadas, mais adiante o elevador. Da vontade de dar meia volta e ir embora, sinto como se tivesse jogado um balde de água fria em mim, é isso, acabou a empolgação—se é que eu estava começando a ter—e ele que vá para o inferno brincar de gato e cachorro com quem ele quiser, com a Soraya.

Gina aperta o botão do elevador, respiro fundo, minhas mãos soam, meus pés soam, não estou disposta a tolerar muito também, por que isso está me dando tanto nos nervos mesmo?

Respiro fundo de novo, Sah fica passando a mão no meu braço com cuidado, ela está me consolando agora, provavelmente arrependida pelo comentário do chiclete, mas realmente, quem sabe eu não sou o chiclete? Quem sabe Jack só me vê como um pequeno passatempo?

Cruzo os braços assim que entramos no elevador, é espelhado e enorme, tem um daqueles velhos com uniforme vermelho e boininha, o homem sorri para mim gentilmente, não posso descontar meu mal humor—Jack e Soraya—nele, ele não tem culpa, sorrio de volta.

—Não entendo por que você não me atende!

Dou um pulo, meu coração vai disparando rapidamente, permaneço cabisbaixa, estou tão cega pela raiva que não vi que ele está aqui, eu não vi!

—Não ouvi o celular —digo, desbloqueio o celular, várias mensagens no Whats, eu as leio em silêncio, meus olhos estão cobertos por lágrimas, por

que me sinto assim? Por que eu me sujeito a isso?

“Querida, você já chegou”, “Você está demorando”, “Maria Eduarda, fale comigo”, “Atende”, “Duda, por favor, atende”.

Dois áudios que não vou ouvir agora, é a primeira vez que ele me chama de Duda, na frente dessa última mensagem, tem um coração cor de rosa, me sinto estúpida, profundamente estúpida.

—Aconteceu algo?

—Não.

Sah vai para outra ponta, fecho os olhos, já vira algo automático, Jack segura minha mão, e a tremedeira, sei que para ele isso é difícil, e o meu ciúme se torna muito insignificante diante do medo mórbido dele. Quero perguntar sobre Soraya, mas não é o momento, ele entrelaça os dedos nos meus, estou de novo impotente, perco a força da raiva.

—Reservei uma mesa para nós dois num canto mais discreto.

A voz dele está sufocada, mas não olho, não posso, e também sei que isso para ele—estar com as minhas amigas por perto e, até mesmo a irmã dele— é uma espécie de tortura, quero entender em que parte de tudo isso eu não sou uma ameaça para ele também.

O elevador para e todos começam a sair, ele segura a minha mão com suavidade, fico, ele quer que eu fique, mantenho meus olhos focados no mármore preto do chão, não faço ideia do que ele pretende, talvez queira conversar comigo a sós, isso não vai acabar bem.

Jack me puxa para ele, me abraça com força desnecessária —ele quer me punir por eu não ter atendido o celular—e me sufoca um pouco, permaneço com os olhos fechados, o calor dele é tão gostoso, me sinto traída pelas sensações, o cheiro dele é o de sempre, e é tão cheiroso, me sinto embriagada com esse cheiro, tenho que me manter brava até o meu interrogatório.

—Tenho um presente para você, na verdade, três.

Suspiro, não vou aceitar mais nenhum anel.

O som do elevador parando, ele me puxa de novo, agora pela cintura, Jack me avisa sobre os degraus, estou meio que com medo, mesmo que me guie e me oriente, contei quarenta degraus, até sentir uma rajada fria de vento no meu corpo, me encolho.

Ele me coloca de costas para ele, fico ansiosa de novo, a mão dele toca o meu pescoço, resisto a vontade de abrir os olhos, arrepios bons se espalham

pela minha pele, ele meio que aperta meu pescoço com delicadeza e beija minha nuca, em seguida sinto o peso frio de um colar no pescoço, quero tocar, mas resisto à vontade, não devo aprovar isso, o colar não parece grande, mas as pedras são geladas.

Jack toca os meus ombros com carinho, as mãos dele são tão lisas, macias, é de dar inveja, será que ele sente o mesmo quando o toco? Fecho as minhas mãos, são tão ásperas!

Não posso vê-lo então a única forma de me comunicar com ele vai ser essa, através do toque, da fala é claro, mas, sei que o enxergarei mais através do toque, é assim que ele se comunica comigo nesse momento, eu acho.

Me segura pelos ombros e me vira, ele me coloca uma máscara — realmente fico surpresa—, me sinto observada agora, Jack toca os meus lábios.

—Te trouxe aqui para falar como nos conhecemos —ele fala e a mão toca minha bochecha, seguro a mão dele—e, quero te contar como foi, para que não fique tentando falar sobre sexo perto da minha irmã.

Coro, ele ri, dá vontade de morder a mão dele.

—Não vou entrar em muitos detalhes e esse é o meu segundo presente, tem direito a duas perguntas.

—Três. —Me empolgo, é automático.

—Duas.

—Três!

—O que eu ganho com isso?

—Hum, um presente em troca.

—Feito.

São tantas perguntas, não quero entrar em detalhes sobre sexo, mas estou muito curiosa, ele falou que sobre a forma como nos conhecemos, parece uma boa pergunta, não quero desperdiçar nenhuma das três.

—Como nos conhecemos?

—Eu passo essa.

Paro de sorrir, meus ombros caem, minha sobrancelha da acusação está erguida, Jack dá uma risada seca, coloco as mãos na cintura pronta para briga.

—Foi no cassino. —Ele passa o braço em volta da minha cintura e sai me

puxando. —Sente frio?

—Não, continue!

Preciso saber de tudo.

—Você estava apostando numa máquina caça-níqueis.

—Eu dei em cima de você?

—Não, as coisas foram bem mais românticas.

—Já sei, derramei bebida em você.

—Água, no meu sapato.

Eu sou um desastre ambulante, cubro minhas faces com as mãos, Jack não para de rir, que vergonha.

—Não foi sua culpa, você comprou a água no bar, eu estava no bar. —Jack me puxa e faz com que eu me sente em seu colo, passa os braços em volta de mim, me aquecendo. —Estava bebendo, quando me virei você estava abrindo a água, aí você derramou a água nos meus pés.

—Nada romântico —digo, mas estou fascinada com a história, minha história.

—Você me pediu desculpas, acho que a Sarah te chamou e você se afastou, o cassino estava lotado.

Disso eu me lembro, havia gente por toda parte, algumas vezes era impossível transitar pelos corredores, no começo da noite, esperei quase meia hora numa fila para comprar fichas, mas estava tão empolgada com a ideia de jogar e me divertir que nem me importei.

—Te segui a noite toda, dava para ver de longe que você não é acostumada com bebida.

Maníaco Perseguidor, mas, o que o motivou a me seguir?

—Por que me perseguiu?

—Você molhou o meu melhor sapato, tinha que te fazer pagar por isso.

Sorrio, Jack me beija de leve, me sinto bem com isso, na verdade até mais leve.

—Qual é a sua última pergunta?

Penso bem antes de falar qualquer coisa.

—Você disse que nos conhecemos na máquina depois no bar?

Ele suspira.

—Te vi na máquina, pronto, te persegui a noite toda, fiz você derramar água em mim e depois usei isso como motivo para puxar assunto.

—Sabe que isso é doentio, não sabe?

—Não me importo, deu certo.

Ainda não.

—Qual é o meu terceiro presente?

—Uma dança.

Ah não!

—Vamos, no baile.

—Eu não sei dançar.

—Claro que sabe, você dançou para mim no hotel.

Eu dançando?

Mas, bem, antes que eu fale, Jack me ergue no colo, solto um grito de puro susto, me seguro nele, quero fazer mais perguntas, a palavra “Soraya” ainda não me sai da cabeça, mas se eu tocar no nome da ex dele, brigaremos, e eu não quero isso.

—Podemos citar Jane Austin agora?

Fico confusa.

—Por que?

—O tema do baile é Orgulho e Preconceito.

Jack me gira, me seguro nele apertando os olhos, acho que dá para ouvir as minhas gargalhadas de longe, tapo a boca, odeio a minha risada.

—Tem muitos Darcy's lá embaixo, não me confunda com nenhum deles, querida.

—O meu Darcy é diferente.

Sei que entramos novamente no hotel, acho que estávamos numa espécie de cobertura, o vento fica para trás, Jack desce os degraus me carregando muito facilmente, ele se quer perde o ar.

—Por que ele é diferente?

—Ele gosta de “WhatsApp”.

Ele ri, algo relaxado e sereno. Me beija de leve, mordo a boca dele, Jack para e me beija com mais força, perco o ar fácil, nosso beijo faz barulho, mas não penso direito, ajo pelo impulso, ou isso que começa a queimar dentro de

mim, me causa arrepios. Desejo apenas beijá-lo, quero a boca de Jack Carsson exatamente onde ela está, na minha.

—Quero um pouco de você —falo, sem ar, meus lábios devoram os dele com força.

—Quer? —Jack desce os degraus com pressa. —Vai ter.

Quero, não sei, mas quero.

Ele abre uma porta e me puxa para esse lugar, cheira a pinho, ele me empurra com força contra uma parede fria, os pelos do meu corpo vão se ouriçando, volta a me beijar com a mesma paixão que possuí, as mãos dele estão nos meus ombros, as minhas mãos enlaçam o pescoço dele, tento alcançá-lo, ele é muito mais alto que eu.

Estamos ofegantes.

Jack se inclina e devora minha boca com força de novo, lentamente sou transportada para uma música que tem uma batida empolgante, nada de One love agora, a música que soa na minha cabeça é uma bem mais antiga, a batida faz com que eu me sinta vontade de dançar, *We Will Rock you*.

Empurro ele, derrubamos alguma coisa, ele ri, puxo ele para baixo pelo pescoço, o calor insuportável—que eu senti depois que acordei do sonho—desperta em mim, meu sangue fica quente, posso sentir as correntes elétricas que provoca em meu corpo, arfo, Jack me puxa para cima me suspendendo um pouco, tento me segurar em algo enquanto sou erguida, derrubo outra coisa, rio.

Estou louca!

—Onde estamos?

—Onde o zelador guarda as coisas.

—Jack!

—Amor, tudo do que precisamos é de um pouco de descrição.

Ele está sendo tão espontâneo.

Me beija de novo, meu coração está aos pulos, as batidas me causam arrepios—ah, eu adoro esse solo—, puxo Jack para baixo, a boca dele está no meu pescoço, ah, estou ficando impaciente, e nem sei por que, uma ponta de ansiedade me toma. Ele desce seguindo uma pequena trilha molhada até o meu decote, cada beijo causa um arrepio bom na minha pele, uma sensação diferente, enquanto me inclino para trás, o braço dele segura minhas costas.

Vou ficando sem ar, arfo a cada beijo, porque não consigo me controlar quando se trata desse homem, meu corpo não me obedece mais, ele me gira, estou de costas para ele, Jack se inclina para baixo e se ergue esfregando a ereção dele na minha bunda, perco ar e quando solto, soa como um gemido baixo.

—Ah, você quer!

Quero?

Quero!

Respiro fundo, a mão de Jack segura o meu pescoço, o outro braço dele está em volta do meu estômago meio que me segurando, ele morde minha orelha, fico um pouco atordoada, sinto que estou molhada—eu sei que estou—e quente, muito quente.

—Mas vamos deixar esse momento para uma outra oportunidade —ele está sussurrando cada palavra com uma lentidão desnecessária, isso me excita.

Estou excitada!

—Aham. —Me sinto forçada a concordar, não me entendo.

Jack se afasta, o torpor dentro de mim vai se dissipando, vou tentando recuperar minha respiração. Coração idiota, sinto como se estivesse corrido muito, tento me acalmar, colocar os pensamentos em ordem, ele abre a porta, ouço o som—a música sumiu da minha cabeça—, a mão dele segura a minha, me deixo conduzir por ele.

—Você está linda, por acaso.

—O Senhor é muito gentil.

Estou tímida de novo, aí, odeio quando travo assim, Jack beija minha têmpora—para piorar—, ele parece querer me consolar por meu acesso de loucura, ele sabe que estou morrendo de vergonha—de mim mesma—e fico satisfeita por nosso percurso ser silencioso.

Não tenho jeito com essas coisas, e ao que me parece, eu estou descobrindo a vadia que existe dentro de mim, então, prefiro deixar esse sofrimento para semana do sofrimento, hoje não.

Estou me enganando.

Mas isso é bem melhor do que ficar com medo de viver o que realmente está acontecendo, estou me envolvendo com esse estranho que chamo de marido e descobrindo coisas que nunca pensei saber em toda a minha vida.

Ouço o som das portas de um elevador, abaixo a cabeça, tento encarar isso de uma forma diferente do que encarava, estou me sentindo humilhada porque sei que talvez tenha mais pessoas nesse elevador, inclusive aquele Senhor que é funcionário do lugar, mas sei que para Jack a hipótese de ser visto é aterrorizante.

—É o elevador de serviço, estamos a sós.

A última palavra sai como uma insinuação bem maliciosa, ignoro, nada de sexo em elevadores por enquanto, já basta eu ter profanado a sala do zelador com você, Mister “M”.

—Aham.

—Não precisa ter vergonha.

—Nunca fiz isso com um homem na vida.

Entramos no elevador, Jack me abraça, cheiro o peito dele, adoro esse perfume, é forte e único, devo me sentir diferente disso, mas não consigo, estou completamente atraída por Jack.

Mesmo que não me lembre, mesmo que tente repelir, mesmo que não me sinta o suficiente, mesmo que tudo tenha começado errado, eu estou atraída por ele.

Ele tem sido bem gentil comigo, é muito educado—as vezes até quando é grosso, isso é arrogante e eu abomino, mas acho um charme—e ao que tudo indica, ele também não é um homem completamente sem escrúpulos, conheço os irmãos dele, o tio dele, a tia—estranha—dele, ele me mostra um pouco do seu mundo, mesmo que eu não o veja, mesmo que não lembre dele.

—Jack, você é um gentleman.

—Ah, eu sei.

Rimos, ele me aperta, admito que em alguns momentos acho ele tão... fofo.

Fofo, ok, quer é trepar com ele, Vadia.

Talvez, bom senso..., talvez!

L-O-U-C-A

—É o momento em que nos despedimos, nos vemos na dança.

Me beija a cabeça, ouço o som das portas do elevador, Jack se afasta de mim e sai, dá vontade de puxar ele de volta, as portas se fecham. Tiro a máscara, esse elevador é menor e um pouco mais simples, nem se compara ao outro, no painel a luzinha que indica o segundo andar está acesa, ele desceu

no terceiro andar, devo descer no segundo.

Sorrio.

O elevador para no segundo andar, as portas se abrem e o robô já está do lado de fora me esperando, pego o braço de Olaf, ele não espera por isso—a cara dele de espanto é o máximo—e, tento mesmo esconder minha empolgação, e entramos no salão cheio.

Respiro fundo, o cheiro de velas cobre o lugar, fico fascinada com toda a decoração, é uma réplica exata do baile onde Elizabeth e Darcy se conhecem, fico assim, meio boquiaberta com tudo.

Nunca estive num baile em toda a minha vida.

Olaf me estende uma pequena máscara branca, enfio a minha máscara de dormir no meio do meu decote e coloco essa, não posso ser imune a tudo isso, é bem fora da minha realidade.

O salão é gigantesco, tem castiçais por todos os lados, a decoração a lá século dezenove é o mais fascinante, adoro coisas antigas, objetos antigos, meu sonho é ter algum tipo de obra de arte na minha casa—que eu pretendo comprar assim que eu passar em algum concurso—, algum quadro ou escultura, acho perfeito.

Tem esculturas de gesso por todos os lugares, Aristóteles, Platão, Darcy!

Puxo Olaf, é uma réplica perfeita da estátua do filme, idêntica ao ator.

—Senhora!

E pigarreia, reviro os olhos, e deixo ele me conduzir, olho para as cortinas brancas próximas das saídas de ar, não sei qual o nome desse hotel, mas deve ser algum de franquia bem chique.

Tem garçons por todos os lados, todas as pessoas aqui estão usando roupas adequadas para a ocasião, algumas mulheres usam vestidos exuberantes demais, os homens aqueles ternos com calça colada e botas, não faço a mínima ideia de como Jack está vestido.

Não me atentei a isso.

Da vontade de rir, como posso me atentar, se não vejo?

As mesas estão lotadas, tem famílias aqui, um menino passa correndo por mim com uma pequena fantasia de Darcy, sorrio, lembro do meu menino, meu coração se contrai, amanhã eu o verei.

Suspiro.

O som de violinos invadem meus ouvidos, uma chuva de aplausos se seguem e a voz de uma soprano ecoa pelo salão. Meu Deus, Habanera, eu nunca estive numa ópera de verdade, solto um pequeno grito empolgado e bato palmas.

—Senhora, por Deus, se controle!

Fecho a cara, estraga prazer.

Olaf me conduz educadamente, olho em volta, me sentindo seduzida pela voz encantadora dessa mulher, não sei de onde vem, mas é relaxante e maravilhosa, gosto de música clássica, bem, eu gosto de tudo um pouco, mesmo que pareça a esquisita que escuta músicas que ninguém mais escuta.

—Senhora!

Ao menos essa palavra eu entendo, olho para ele, Olaf me estende o meu celular—olho para as minhas mãos, como o meu celular foi parar nas mãos dele? —, pego, o celular vibra, desbloqueio cheia de empolgação.

“Oi, amor”

“Onde você está?”

“Descubra”

Rio, não acredito que estou concordando com isso, Olaf puxa uma cadeira e me sento, olho em volta, Sah me estende uma taça de água—nada de bebida —, Gina está a minha esquerda e Júlia diante de mim, a mesa é um pouco grande demais e tem mais dois lugares, Olaf se posiciona feito um cão de guarda no canto, nossa mesa é afastada da multidão, olho em volta, não consigo me controlar.

Onde você está, Mister “M”?

“Amor?”

“Pedante”

“Seria bom ir treinando, para os dias difíceis”

“Você é difícil”

“Não estrague o momento, querida”

“;)”

Coração, sorrio, me endireito, Sah está inclinada lendo nossa conversa, pela primeira vez na vida eu não ligo.

—Não vai brigar comigo?

—Não.

Ela me encara assim, como se isso fosse o fim do mundo, o celular vibra em minha mão de novo.

“Sua amiga é muito curiosa”

“Não tenho segredos com ela”

Sah sorri e beija minha face, depois se afasta.

“Nenhum mesmo?”

“Jack, onde você está?”

“Sou o rato na história”

O que se esconde, o que foge.

“Isso faz de você a gata, minha gata”

“Isso é tão clichê”

“Você gostou do colar?”

Toco o colar, não dá para ver, as pedras são redondas e medianas, parece bonito, quero vê-lo, quero ver o meu presente.

—Alguém tem um espelho? —pergunto, tento controlar todo o meu entusiasmo, isso é bem mais difícil agora.

Júlia abre sua pequena bolsinha azul e me estende um pó compacto. Abro e imediatamente analiso a joia em meu pescoço, Sah enfia a mão na peça com os olhos arregalados, Gina cai feito um urubu em cima de mim, fico pasma com os brilhantes, são redondos e perfeitos, afasto elas duas e dou mais uma olhada no colar, amei, absolutamente, é perfeito, não muito chique, mas também não muito simples.

Pego o celular enquanto minhas amigas caem em mim feito carniça, não me importo, estou ocupada demais digitando.

“É perfeita, Jack, muito obrigada”

“Que bom que gostou”

Sorrio, toco meu colar, é mesmo lindo, vou poder olhar com mais calma quando estiver longe das minhas amigas, Sah por incrível que pareça, não está com inveja e Gina não para de suspirar, descubro o porquê assim que Alejandro puxa a cadeira que fica à esquerda de Júlia e se senta.

—Boa noite!

Apático!

Olho para Sah, o humor dela muda de novo, é óbvio que ela não gosta de Alejandro, conheço ela, ele deve ter dito alguma coisa que a irritou

profundamente, preciso ter uma conversa profunda com a minha melhor amiga sobre essa família.

Alejandro usa um terno mais comum, está sem máscara, deixa claro que não veio ao baile inteiramente como deveria, ele é tão fechado, tão sério, diferente de Jack, ao menos até onde sei. Ele é lindo, mas não fico olhando muito, Gina não faz questão de disfarçar, Sah é indiferente a ele.

“Sarah, não gosta de Alejandro”

Olho em volta, onde Jack está? Ele está nos observando, conheço ele, provavelmente está bem próximo de nossa mesa, ele pode ser qualquer um, meu estômago revira, bebo um pouco da água.

“Amor?”

“Acho que ele deve ter dito algo que a magoou”

“Alejandro é jovem, não tem paciência com certos tipos de coisas”

“Que coisas?”

Quero saber, Jack sabe, Jack sabe!

“Sarah deu em cima dele”

Mentira!

Afundo um pouco na cadeira, olho para Sah. Não acredito que ela fez isso.

“Não precisa sumir de vista”

“Preciso de um buraco”

Jack manda emojis que riem, não é de rir, não sei onde enfio minha cara.

“Alejandro não está acostumado a ser cortejado por mulheres como ela”

“E por que ele veio?”

“Eu não sei”

“Ele é muito fechado”

“Você não conhece o meu irmão”

“Ainda bem”

“Ele apenas é na dele”

“Entendo”

“Internato, lembra?”

Olho de canto de olho para Alejandro, ele não parece desconfortável, apenas quieto, ele é um jovem muito bonito—sim me sinto velha perto dele e Júlia—, as sobrancelhas escuras se juntam enquanto ele lê algo no celular,

está encostado na cadeira de um jeito certinho demais, mas não é como Jack, que fica tenso só de estar em público. Os lábios dele são pequenos e mais cheios que os de Jack—fiquei olhando a foto que ele me enviou naquele dia vários minutos no caminho até aqui—, o queixo de Alejandro é reto e quadrado, e os olhos dele são de um azul inconfundivelmente claro e lícido, suspiro, Sah, não te julgo.

Dou um pulo quando o celular vibra, leio a mensagem.

“Gosta do que vê?”

Coro, nossa Jack, ciumento.

“Bom, se for parecido com ele, dá para o gasto”

“Tire os olhos do meu irmão”

“Quando vou te ver?”

Não dá para resistir a toda hora.

“Amor, não vamos começar de novo, certo?”

“Ok :(“

“Vamos tratar de negócios”

“Temos negócios?”

“Claro que sim, amor, Joseph lhe dará aulas de inglês a partir de amanhã, durante essa semana terá aulas com ele”

Joseph, o tradutor, mordo o lábio inferior, preciso do inglês bem mais do que imaginava, mas a ideia de ter alguém pagando para mim, me deixa incomodada.

“Ele lhe dará aulas durante a tarde, como está de férias, não vejo problemas nisso”

“Talvez eu não queira”

“Querida, é necessário”

“É? Sah pode me dar aulas”

“A resposta é não”

“Jack, não quero que pague aulas para mim, ele vai mudar para o Brasil? E se ele não der conta? Isso não será estranho para ele?”

“Ele é brasileiro, não insulte o meu professor, Maria, ele é um bilíngue perfeito, formado em Cambridge”

Fico abismada.

“Não quero”

“Ele irá todos os dias às 14:00, das 14:00 s as 19:00”

“Poxa, cinco horas? E a minha vida?”

“Ela poderá esperar”

“Posso pagar”

“Não”

Me irrita, bebo um pouco mais de água.

“Vida, não fique irritada”

Ah, bipolar!

“Durante a manhã...

“O que é isso? Uma agenda?”

“Pela manhã você terá que fazer exercícios”

Isso não!

“Por que?”

“Gil disse que as suas taxas de colesterol estão um pouco alteradas”

Nossa.

“Em decorrência disso, tomei a liberdade de contratar uma amiga para te ajudar a se exercitar, ela irá todos os dias às 08:00”

Já pode comemorar? Sinto vontade de quebrar o celular de novo, respiro fundo, Jack continua a digitar, a mensagem chega rápido.

“Vamos dançar”

E Alejandro já está ao meu lado, ele me estende a mão, encaro ele boquiaberta, demoro para conseguir me mover, não sei se levo o celular.

—Deixe aí. —Alejandro orienta.

Foi tudo uma grande armadilha, olho para Sah sentindo como se o meu coração saísse pela boca, claro que ela não faz ideia do que está acontecendo, pego a mão do meu novo e belo cunhado, chegou o momento.

—Gato e Rato!

E vou, para o meu destino, para o meu marido.

Alejandro me conduz entre as mesas, ele é elegante enquanto anda, admito, mas estou nervosa demais com o fato de que posso ver Jack, onde ele está? Olho em volta, estou acima de tudo, ansiosa.

Como posso saber que ele está aqui? Ele pode ser qualquer um!

Suspiro, mais à frente é a pista de dança, casais se arriscam na dança de forma languida, alguns sorrirem, outros estão envolvidos demais, outros parecem profissionais, nunca dancei com um homem na vida, Alejandro será o primeiro, sinto um gosto amargo na boca, queria que ele fosse o primeiro.

—Ela está entregue!

Meu coração vai disparando, e Alejandro segura a minha mão—mole e que derrete—no rumo de alguém, minha respiração se entrecorta, meu peito estufa com o esforço, fico parada, a mão suave segurando a minha.

—Venha, querida!

A voz dele mais parece uma carícia.

Pisco, não ousa olhar para cima. Ah Meu Deus, Ah meu Deus, pode ficar pior?

—Pode olhar, se desejar.

Não vou olhar, quero, mas não consigo.

Andamos de mãos dadas, Jack mantém certa distância, nos aproximamos da massa de pessoas que dançam pelo lugar, mal consigo respirar, meu vestido parece menor, mais apertado no meu corpo, me sufoca.

Tropeço uma vez, Jack me segura com firmeza, odeio isso, odeio a forma como fico nervosa quando coisas do tipo me acontecem, como quando uma vez Van me obrigou a ir num desfile da escola de samba predileta dele, ele me obrigou a usar uma fantasia de Carmen Miranda, bem, pensando bem, já passei muita vergonha na vida. Isso foi há dois anos, amo o carnaval, mas na minha casa, quietinha vendo pela TV, até que o tédio me consome de ver aquelas mulheres gostosas—e irreais—e desligo.

Tropeço a segunda vez, ele permanece firme, a mão segura a minha com tanta solidez que me espanto, droga de vestido, puxo a saia, meus olhos estão nas sapatilhas douradas de Sah, acho que já posso morrer, Deus.

Não posso fazer isso, Não posso!

Eu nem sei dançar.

—Basta apenas me acompanhar.

A mão dele não está tremendo, a voz dele está longe de estar nervosa, estranho, ele está tão... confiante!

Os casais se afastam enquanto nos aproximamos, ficamos um de frente para o outro, e La Traviata!

Jack me puxa, e eu vou para o lado rodando com ele, ouço aplausos. Meu coração pula quando ele cola os nossos corpos, meus passos tentam acompanhar os deles, são largos e elegantes demais, rápidos, me sinto uma anã perto dele, olho para baixo, ele usa uma calça preta colada, e botas cano alto.

Darcy!

A dança se estende, estou dançando!

—Disse que não era difícil.

—É mesmo.

Se resume em passos largos, mordo a língua acompanhando ele, é uma valsa, estou maravilhada com a voz da soprano também, é perfeita.

—Gire!

Fecho os olhos e ergo o braço obedecendo, Jack me gira e me puxa de novo, exploramos a pista—ainda não acredito que estou dançando—, ele me solta, na verdade, me abandona, olho em volta, um Darcy careca e baixinho está diante de mim, sorrio, me curvo, troca de par.

—Gato e Rato —digo para mim mesma.

Dou a mão para o homem, iniciamos a dança, meus olhos vasculham atentamente a pista, quem entre esses homens mascarados é o meu Darcy?



Estou presa no suspense.

Já dancei com quatro homens, depois do careca, um loiro, um ruivo e um Senhor que não deve ter mais de duzentos anos completos, mas confesso que nunca me diverti tanto, olho em volta a todo instante, já perdi minhas esperanças, tem tanta gente na pista, e eu não sei por que isso, tive a oportunidade de olhar e não olhei, então, o que eu quero mesmo?

Quero ver Jack.

Mas tenho medo disso.

É desgastante, é confuso e é estranho.

Mas é assim que é, então melhor me conformar com isso.

Esse Senhorzinho é tão animado, que eu estou até gostando de dançar com

ele, ele me faz rir, apesar de eu não entender nenhuma palavra do que ele diz, conto os dentes na boca dele, um... dois...

Hora da troca de par, ele se confunde, e tenho que ajudá-lo a ir para moça ao lado, ela faz uma cara de quem não está nenhum pouco a fim, volto para minha posição acenando para ele.

—Não sorria assim para o idoso, ele poderá ter um enfarte, Senhora Carsson.

E sou puxada contra ele de novo, Nossa!

—Gostou de dançar com os outros três idiotas?

—Mais ou menos.

O Loiro não parava de falar um segundo, quando ele percebeu que eu assentia porque não entendia, desistiu, o careca ficou toda hora olhando para o meu decote, foi incomodo, o ruivo parecia duro ou coisa assim, mas levando em consideração que eu não sou uma pé de valsa, foi dentro do possível suportável.

—Vamos tomar um ar.

Eu também não quero mais dançar, quero ficar com Jack, aqui está barulhento apesar da música ser ótima, nos afastamos em silêncio, eu mal consigo olhar para cima, na realidade, meus olhos se mantêm focados na sapatilha, sinto que é o melhor, e não sei se é certo quebrar o que estabelecemos. Não quero parecer que forço Jack a nada, ele me explicou que é assim com algumas pessoas, com outras não, comigo ele é assim, talvez com essas pessoas ele não seja assim.

—Pode olhar, Maria.

A voz dele está totalmente diferente, distante do Jack que eu conheço.

—Melhor não.

—Por que não?

—Não quero.

Ele entrelaça os dedos nos meus, me sinto próxima de novo dele, como será que funciona isso? Preciso entender.

—Você não está nervoso nem nada.

—É?

Ele não quer falar, ótimo.

—Quero que conheça a Soraya.

Meus nervos tremem, e meu estômago vai revirando, mais e mais vou ficando nervosa, acho que Jack não sabe que eu já sei que ele namorou com essa mulher, agora só não acredito que ele quer nos apresentar.

Tenho que suportar isso.

—Por que está irritada?

—Não estou.

Jack me puxa para um novo rumo, ele muda de ideia, estamos saindo para fora do salão, mal chegamos na porta, Olaf já está parado lá nos esperando, reconheço os sapatos dele, fico em silêncio. Não sei o que ele pretende, ele fala algo em inglês para o robô e em seguida saímos do lugar, Olaf fica para trás, até que durou muito.

—Pedi para que trouxessem as coisas de vocês para esse hotel, passarão a última noite aqui.

—Claro.

—Vamos subir para o nosso quarto.

Temos um quarto?

—Você embarca amanhã, o meu piloto levará vocês em segurança para o Brasil.

—Já tenho passagens compradas de volta.

—Vai no meu avião, é mais confortável e seguro.

—Não vai usar para ir para Paris?

—Tenho outro.

Fico calada, o que posso falar? Estou chocada, Jack fala como se isso fosse muito natural, entramos no elevador, mantenho minha cabeça baixa, me casei com um homem que tem dois aviões, e eu sofrendo para pagar as prestações do pacote para Las Vegas, classe econômica.

—Não quer falar o que foi?

—Prefiro fazer cara de bosta até que descubra.

Jack coloca um beijo na minha cabeça, odeio quando ele faz essas coisas para me acalmar, ele sabe que funciona, sua proximidade me deixa mole.

—Podemos descer daqui a pouco para o baile, vamos conversar novamente.

—Na cobertura?

—No nosso quarto.

Suspiro, achei que dormiria minha última noite em Malibu, e as flores do quarto de Jack? O mar? Gostaria ao menos de ter tirado algumas fotos para mostrar para o Nando, ele não precisa saber de tudo é claro, mas ele adora fotografias de lugares assim.

Nando.

Estou tão absorvida nessa loucura, que se quer liguei para o meu filho, me sinto mal com isso.

—O que foi, Maria?

A voz dele está próxima da raiva, decido não mentir.

—Esqueci de ligar para casa, para o Nando.

E me sinto péssima por isso, Jack não fala nada, as portas do elevador se abrem, saímos, ele me puxa por um corredor de carpete vermelho, olho para o lado oposto dele com os cantos dos olhos, tem uma decoração clássica, mas sem quadro, paredes bem pintadas de branco gelo, e portas, o corredor é espaçoso e amplo.

—Já disse que pode olhar, querida.

—E eu já disse que não quero.

E por falar nisso.

Saco minha máscara do decote, coloco rápido, me sinto estranhamente segura, paramos, sei que ele fica me olhando infinitamente, minha pele se arrepiava com isso.

—Você me surpreende a cada instante, querida.

E beija a minha mão, quero falar para ele que eu me surpreendo ao fazer essas coisas.

—Para onde vamos tem comida?

—Tem, nosso jantar será servido lá.

—Acho que não voltaremos para o baile, certo?

—Acho que não.





Limitações

O que limita as pessoas?

É a pergunta que mais me faço desde que entramos no quarto agora a pouco.

Sei que Jack se move nesse quarto, ele anda, e anda, e estou sentada no que parece ser uma cama muito confortável, não tenho mais medo disso, mas estou ansiosa, gostaria de não me sentir assim com tudo.

Esse coque está repuxando meus cabelos e a fita do vestido me espreme de forma que tenho que estar ereta a todo segundo para conseguir respirar, o vestido se torna cada vez mais sufocante, estou com vontade de me coçar.

Quero entender as limitações de Jack, quero poder saber quando poderemos ter algum tipo de entrosamento normal, não sei se isso é um tipo de relacionamento, prefiro entender que as coisas aconteceram e pronto.

Minha mente dá voltas e voltas, me esforço para lembrar da noite no cassino, mas as imagens que vem me deixam constrangida, permiti que esse homem compartilhasse comigo tantas coisas, não lembro nem de metade delas.

—Quer tirar o vestido?

—Não, tudo bem.

—Eu já me despi.

Que inadequado, se despir, é bem antigo esse linguajar.

—Ajudo com o vestido, já separei uma camisa minha para você.

—Não quero ficar nua na sua frente.

—Não torne as coisas difíceis, você está sem calcinha de novo?

—Não. —Estou vermelha. —Posso me trocar no banheiro.

—Sou mais rápido, vamos.

Levanto, fico de costas para ele, Jack solta o laço, e de um jeito muito prático, desabotoa meu vestido, estou relaxando conforme ele abre os botões, é verdade, ele é bastante rápido.

Coloca um beijo leve no meu ombro e puxa as manguinhas para baixo, meu coração acelera de novo, as mãos dele descem pelos meus braços, são tão quentes, me arrepio toda.

—Não sabe o quanto eu a desejo.

Não sei, tenho medo de saber.

—Diga, por que está brava comigo?

—Não estou brava.

Se eu falar, ele vai chegar à conclusão de que eu estou morrendo de ciúmes, e isso, eu não admito.

—Então, o que é?

—Sua indiferença.

—Não é indiferença.

—Bem, pareceu.

É uma boa desculpa, não quero falar dessa Soraya também.

Jack aperta meus ombros com suavidade, me puxa para um abraço forte por trás, ele já está sem camisa, acho que ele está só de cueca, a pele dele está quente, é macia, agora, estou mais atenta aos nossos corpos, ao toque dele, mais sensível.

—Não é indiferença, por favor, me desculpe se pareceu isso.

—Tudo bem.

—Vou te alimentar agora, vida.

VIDA!

Sou sua vida Jack, e você é o meu louco.

Me sento na cama segurando o vestido, está caindo do meu corpo, Jack liga o som, uma cantora que eu nunca ouvi na vida, mas a música é agradável, gosto de ouvir música sempre, ele sabe disso, será que eu que falei para ele?

—Você não vai tirar o vestido?

Tem calor na voz dele, muito calor, não quero tirar o meu vestido, ele sabe, por que faz essa pergunta?

—Te ajudo com a camisa, amor.

Não me chame de amor, Jack, seu safado, sei o que você quer!

Você também quer, Vadia!

É, mas isso não significa que deva fazer, que seja o certo.

—Prometo que não vou olhar.

—Aham, ok, me dá logo a camisa, bebezão.

Ele dá uma risadinha maldosa, se aproxima, é estranho pensar que já tivemos a chance de nessa noite mesmo fazermos isso e não fizemos, e agora, tenho a impressão que ambos temos medo disso.

—Não precisa ter vergonha de mim, vida.

Ele se diverte as minhas custas, abro a camisa com a mão livre, o vestido está escorregando para baixo, me irrita, não faço a menor ideia de qual é a frente da camisa, como vou vestir?

Quer saber, para o inferno essa timidez também, sou tímida, o que posso fazer? Mas isso também não me ajuda em nada.

Solto o vestido e bato a camisa no ar, procuro a etiqueta e enfio minha cabeça nela, dou as costas para Jack, tiro as sapatilhas, busco um pouco de autoconfiança, sei que o meu corpo não é lá essas coisas.

Arrumo a camisa no meu corpo, fica bem comprida—ao menos as roupas dele me servem, significa que não sou uma completa gorda—, tiro a máscara e subo na cama, engatinho até os travesseiros, foco neles, solto os meus cabelos desse coque apertado, quando eu tiver algum tipo de reunião na escola do Nando, precisarei fazer um assim, Júlia entupiu meu cabelo de gel também, toco o meu colar no pescoço, posso vê-lo agora com calma, junto minhas pernas, tiro meu colar, coloco ele na cama, sei que Jack está bem atrás de mim, mas não quero dar a impressão que me importo com isso, talvez a solução seja aceitar mesmo, ignorar isso e prosseguir.

Analiso as pedrinhas de brilhante, são redondas e perfeitas, talvez esse seja o presente mais caro que eu já tenha ganhado em toda a minha vida, nunca ganhei joias de ninguém, toco meu anel de casamento, a aliança, Jack não os colocou no dia do casamento, mas, sinto como se fossem bem mais importantes do que apenas joias, a safira é magnífica, meu outro anelzinho também, gosto de todas.

—E o meu presente?

Resisto a vontade de olhar para trás, mordo o lábio inferior, não parei para

pensar no que posso dar de presente para ele, na hora foi mais impulso, algo me ocorre, nego com a cabeça fechando os olhos com força, respiro fundo, essa cena da nossa primeira noite não sai da minha cabeça, o que é isso? Um filme pornô?

—Não quer me *dar* agora?

Quero que um buraco me engula, como eu fui me meter nessa?

—Receberá o seu presente na hora certa Jack, não seja ansioso.

—Está bem.

Ele sobe na cama, sinto um beijo leve no pescoço, fecho os olhos, ah, isso é tão injusto.

—Jack...

—Venha para Paris comigo, sim?

—Não posso. —Isso me deixa realmente deprimida, nem sei por que. —
Desculpe, mas preciso pensar.

—Em me largar. —Ele me puxa e faz com que eu fique deitada de costas, despeja o peso dele em cima de mim, abraço ele. —Você gosta de mim, não gosta?

—Gosto.

Ele me beija, aperto ele, irei embora amanhã e o que eu achava que seria a melhor coisa da minha vida—me livrar de Jack—, está se tornando algo frustrante, minhas mãos andam pelas costas dele, são firmes e quentes, são largas, os músculos se contraem, ele se ergue.

—Vou sentir sua falta, vida.

Ai Jack, pare!

—Pedante, já entendi.

Ele rola para o lado, não!

—Volta aqui. —Mando e subo em cima dele. —Eu não falei para você sair, seu carente.

Jack se senta, puxa minhas pernas, fico sentada nas coxas dele, não me sinto incomodada, pelo contrário, toco o rosto dele, estou sem a minha máscara, mas nem me importo, toco as sobrancelhas dele, parecem grossas, os olhos, o nariz, ele sorri, toco seu sorriso, fico imaginando como ele é, tentando guardar esse momento em minha mente, ele beija a ponta dos meus dedos, me puxa pelos quadris colando nossos corpos, minhas pernas se

fecham envolta dele e eu o abraço, quero chorar.

—Não me largue. —Ele pede.

Aperto ele, as palavras têm um peso profundo para Jack, ele não se refere ao abraço, ele não quer que eu o deixe, me sinto mal em pensar que amanhã ele não estará aqui comigo, mesmo sem que eu o veja.

E o que eu temo acontece, vejo que eu me acostumei com ele.

Me Acostumei Com Jack.

Ele insiste tanto nisso, que acabo me dando por vencida, foram os cinco dias mais estressantes da minha vida, fiquei exausta emocionalmente, aconteceram tantas coisas, discutimos tanto, brigamos tanto, os lugares onde estivemos foram palcos de guerras, ainda estou confusa sobre minha posição nessa história, mas não sinto como se estivesse perdido nada, bem, até agora.

Beijo o pescoço dele e ficamos assim por um bom tempo, músicas melosas soam ecoando pelo quarto, meu peito está contraído, mas aos poucos me sinto aliviada.

—Precisa comer.

—Não quero comer.

—Eu quero!

Sorrio, ele ri.

—Você não presta, Jack.

—É, eu não presto vida.

—Vida!

—Amor?

—Não combina com você.

—Por que não? Eu sou um cara legal.

—Ah é!

Rimos, não solto ele, nem ele a mim.

—Então, vamos comer assim, vida.

—O que é o nosso jantar, vida?

Jack fica calado, não entendo por que, bem, fiz errado em entrar na brincadeira?

—Hum, desculpe?

—Não, pode me chamar assim, eu gosto.

—Ok, só não fica me olhando com essa cara.

—Como pode saber com que cara eu te olho?

—Não sei, essa cara!

Ele ri, me seguro nele, Jack me segura pelo tronco, aperto minhas pernas envolta dele, não solto ele por nada, ele anda comigo pendurada nele, apoio meu queixo no ombro dele, não sei como ele consegue me carregar tão facilmente, não sou maneira.

—Temos frutas, salada, suco de hortelã com água de coco, e de sobremesa, morango.

—Eu quero uma porção de frutas, por favor, e o suco.

—Uvas?

—Sim, por favor.

Beijo ele de leve, Jack está colocando algo num prato, ele cheira o meu pescoço.

—Quando você volta de Paris?

—Na sexta.

Suspiro, Cinco dias.

—Queria mais dias para pensar?

—Queria que voltasse logo.

Isso significa menos dias para mim, mas enfim, nem eu mesma tenho mais poder sobre o que quero, quando estou com ele só quero estar com ele, mesmo com todas as discussões e tudo mais.

—Posso tentar fazer o possível.

—Não quero que cancele.

—Não posso cancelar, Gates me mataria.

—Quem é Gates?

—Bill, nunca ouviu falar?

Bill + Gates = Bill Gates = Microsoft.

—Bem—pigarreio, finjo que é algo normal, parece normal para ele. Meu Deus, Jack conhece Bill Gates! —Então, é melhor você ir mesmo.

—É, mas na sexta mesmo tentarei estar no Brasil, avise para o seu padrasto estar de camisa.

Eu rio, Jack coloca uma uva na minha boca, me carrega de volta para

cama, ele se acomoda na cama, fico sentada em suas pernas de frente para ele, ele toca minha face com carinho.

—Minha máscara, Senhor Carsson.

—Maria?

—Sim?

—Pode abrir os olhos!

—Podemos não falar sobre isso?

—Por que não quer? Era o que mais queria no começo.

—Jack, se ...—respiro fundo—... Se estar com você significar não poder te ver, tudo bem, eu entendo, não faz mal, quando você estiver realmente pronto, eu o verei.

Silêncio.

Ele coloca a máscara na minha mão, e eu a coloco, pronto, agora está bem melhor, ele me puxa de novo, nos beijamos, Bob Marley retorna, e estou sorrindo.



Despedida.

Acordo.

Estou no completo escuro, fico parada por alguns minutos que parecem não ter fim, suspiro, será que ele já foi?

Estendo minha mão, apalpo o vazio do meu lado, afundo a cabeça no travesseiro, tiro a máscara, pisco com a claridade, e fico evitando abrir os olhos, sei que ele não está aqui.

Em que momento eu dormi? Fiz de tudo para não dormir.

Depois que comemos ficamos deitados em silêncio, não conversamos mais, tentei ficar ao máximo de tempo acordada, mesmo calado, Jack estava aqui comigo, ele não me falou sobre horário, mas imagino que tinha que embarcar cedo.

Ficamos abraçados por horas, nunca me senti tão bem em estar do lado de alguém, e também nunca pensei que essa pessoa fosse ser alguém que eu detestasse tanto há apenas cinco dias.

Engulo a dor na minha garganta, abro os olhos, melhor acordar para vida real.

O quarto é espaçoso e chique, mas parece tão vazio quanto já é, toco o meu colar, minha aliança, bem, ao menos não foi um sonho.

Essa noite nada de sonhos sexuais, não lembro dos meus sonhos com tanta frequência, mas a véspera da partida de Jack entrou no meu subconsciente, acabei sonhando que pedia para ele ficar e ele ficava.

Por isso se chama sonho.

Suspiro infinitamente, abraço o travesseiro ao meu lado, dois segundos depois Sah entra no quarto, ela sorri quando me vê e abre os braços, ela me conhece, faço bico, fico de joelhos na cama e ela vem correndo me abraçar.

—Ele acabou de sair, pediu que eu viesse te ajudar a se arrumar, nosso avião particular sai em quarenta minutos.

Mordo o lábio inferior com força, quero conversar com Sah, mas sinto um pouco de vergonha e medo pelo o que ela possa pensar ao meu respeito, já estou vendo a cara dela quando eu falar sobre a sala do zelador, ou sobre as lembranças da farra.

—Vamos ter tempo durante o voo, vamos, já está na hora.

Faço que sim com a cabeça, Gina já está na soleira com a minha bolsa e a minha nécessaire, nunca pensei que fosse contar com ela em momentos assim, esperava ao menos alguma espécie de recriminação, claro, Sah vai abrir essa boca grande dela na primeira chance, mas sei que ela vai me apoiar,

sempre é assim, reclama, reclama, e reclama, mas vive me lambendo.

Gina me estende a muda de roupa, Coloco o jeans, Sah recolhe o meu vestido de ontem e indica as sapatilhas para que eu calce, não quero tirar a camisa de Jack, me sinto idiota por isso, é confortável, grande, e tem o cheiro dele, mas tiro, coloco a minha blusa preta que a Gina trouxe, Sah arruma meu cabelo no lugar—me sinto mimada—e Gina me estende o celular com os fones, assim que pego, ele vibra, abafo meu sorriso, Sah revira os olhos, e vai me puxando pelo braço.

“Bom dia, vida”

Meu sorriso vai se alargando, me sinto tão idiota, respondo.

“Bom dia”

“Não quis te acordar”

“Tudo bem”

Acho que não seria legal me despedir de Jack.

“Alejandro levará vocês para o aeroporto, deixei um presente para o seu filho, espero que ele goste”

“Não precisava de presente”

“Quero deixar boas impressões”

Você deixou.

“Se comporte no Brasil”

“Você também em Paris”

“Quando aterrissar, me avise”

“Ok”

“Nos vemos em breve”

“Em breve”

Bloqueio o celular.

Já estamos no estacionamento desse hotel, eu mal vi o percurso, olho para Sah, percebendo a quanto ela está azeda. Alejandro se aproxima com as mãos no bolso, hoje ele não está de terno, pelo contrário, usa jeans e uma camisa xadrez comprida, os cabelos dele estão úmidos e penteados para trás, mais lindo e jovem que nunca, olho para Sah, ela vira a cara.

Alejandro me sorri—ele fica mais bonito quando sorri—e indica o carro mais à frente, é o carro de Jack, Gina vai na frente, toda animadinha, Sah pega meu braço e me puxa para longe do meu cunhado gato, eu também vou

querer falar com ela sobre isso, é tanta roupa suja para lavar, que sinto medo.

Entramos no carro e ele assume o volante, o celular não volta a vibrar, meu novo cunhado me estende um copo com café, Starbucks, e um saquinho de papel, sorrio, me sinto grata, será que Jack pensa em tudo? Sei que isso é coisa dele.

Bebo um pouco do café, tem creme e está doce, do jeito que eu gosto, Sah coloca os nossos cintos, gostaria que ela fosse mais assim comigo, na verdade, gostaria que a minha vida fosse mais assim daqui para frente, mas sei que não vai ser Preciso acordar para vida, e essa não é a minha vida, não terei pessoas que me servem sempre, eu não sou assim, claro, é muito bom ter o Jack por perto, parece que ele pensa em tudo—ele pensa—, mas não sei se gostaria que fosse—mentira, gostaria—, só que, não sei se me encaixaria nisso assim tão facilmente.

Pego um cookie integral de dentro do saquinho, mordo, é de baunilha, Sah fica mexendo no celular dela como se tivesse que aturar tudo isso, acho bem feito para ela aprender, deve ter dado em cima dele e tomado um fora, por que ela faz isso? Ela não precisa disso!

Nunca entendi a Sah e acho que nunca entenderei.

—Sah.

—O que é?

Ok, ela está brava, aí, que mal humor, logo hoje, que eu estou bem.

—Nossa, não precisa gritar comigo.

—Eu não estou gritando.

Recuo, Sah me encara nervosa, olho para o meu cunhado—meu cunhado, nunca tive um cunhado na vida, bem, tem o namorado da Júlia, mas ele é um moleque idiota—, ele dirige distraidamente, Alejandro parece ser do tipo que sabe como ignorar as pessoas, ele sabe como dar um gelo em alguém, mas não é isso, Sah, não ficaria assim apenas por conta do desprezo de um homem, ela já foi bem desprezada se quer saber e, nunca agiu assim, me viro para ela.

—O que foi?

—Ele vai se casar.

—Ele quem?

—Quem, Duda? O Gabriel!

Bebo um gole imenso de café, Sah faz um bico de choro que eu já conheço, me estende o celular dela, olho o perfil do Facebook—não tenho Facebook—de Gabriel, o acontecimento do dia com centenas de curtidas, “noivo de Isabela Alencar”, Caramba.

—Viu?

Nem sei o que dizer, o que digo?

—Você sabia que seria assim.

—Ele me prometeu que não se casaria com ela.

—Gabriel já te prometeu muitas coisas, Sah, coisas que ele nunca cumpre, não acha que está na hora de prosseguir também?

—Você não me entende.

Não é do tipo de conversa que eu queira ter na frente de Alejandro, mas ele não é do tipo que fica ouvindo conversinha de menina, e também, ele não fala muito bem português.

Olho para Sah, os cabelos dela estão soltos e de lado, lisinhos como sempre, ela está maquiada—ela sabe fazer isso muito bem—, usa short e uma regatinha folgada, coxas bem torneadas, os seios dela são de dar inveja a qualquer mulher na nossa idade. Ela é bonita e tem tudo, mas vive agindo como se nada disso importasse, ela se humilha atrás do Gabriel há anos, ela sempre é a segunda opção dele, e quando se cansa, sai com outros caras para tentar superar ele.

Nunca faria isso comigo mesma.

Acho que no fim das contas, ela é a que mais sofre, Gabriel tem uma namorada fixa, Sah não, ela acaba tendo que suportar coisas das quais não precisa por conta dele, odeio o Gabriel. Conheço ele há anos, quando eles namoravam na época da nossa adolescência, ele sempre agia como se a Sah não fosse nada para ele, acho que ela ficou assim por culpa dele, ele não faz bem para ela, cansei de falar, mas ela nunca me ouve.

—Entendo, Sah, eu conheço essa história há mais de dez anos, eu só quero que fique bem e, perto dele você não fica bem.

—Excluí ele do meu face.

—Você tem que excluí ele da sua vida. —Gina se vira para gente. —Acorda, Sah, Já deu o que tinha de dar.

—Não acredito que ele pediu ela em casamento. —Sah seca as faces com raiva, sei que ela está furiosa.

—Sabe que depois quando eles dois brigarem, ele virá atrás de você, certo?
—pergunta, é sempre assim.

—Sim, eu sei, excluí ele e ele já me add de novo, ai que ódio, Duda.

Sah começa a chorar, fico com pena, ofereço meu colo, odeio Gabriel, odeio, ele sempre a magoa profundamente, e realmente isso é desgastante, Sah merece coisa melhor, na verdade, ela merece muito mais que o melhor, ela é uma pessoa maravilhosa, apesar de todos os defeitos, eu a amo e quero ela bem.

Bebo o resto do meu café calada, olho pela janela, o dia está ensolarado e lindo lá fora, dentro do carro o ar-condicionado está nos refrescando, Alejandro dirige em uma rodovia, ele é um bom motorista, os carros se movimentam freneticamente, eu me dou conta agora que apesar da viagem, quase não conheci nada.

—O que eu faço Duda?

—Eu não vou falar, você nunca me escuta.

—Eu vou escutar dessa vez.

—Esquece esse cara.

—É impossível.

—Nada é impossível na vida.

—Sabe por que ele fez isso? Porque eu disse que não queria mais ver ele antes da nossa viagem, disse que estava cansada de ser a segunda opção dele.

—Você fez o certo. —Foi o que eu disse para ela falar quando Gabriel começou a agourar nossa viagem.

Incrível, ele não quer a Sah, mas não deixa ela em paz.

—Eu não vou voltar dessa vez, mostro para aquele cachorro que não volto.

—Por que não fica um tempo sozinha? Não aproveita o resto das férias para descansar?

—Tem razão, já sei o que vou fazer, eu vou passar o resto dessa semana que vem com você e o Nando, vamos ao cinema, para praia, quero esquecer de tudo.

Não nego isso para Sah, ela está arrasada, claro, sempre fica, mas agora sei que essa decisão de Gabriel pode mudar tudo. Isabela Alencar é a filha de um cara importante no Rio, o pai dela é dono de uma rede de hotéis, é mais rico que o pai da Sah, resumindo, Gabriel quer um bom casamento, e

aparentemente, pelo o que eu sei sobre Isabela—Gina é a minha fonte—, ela é uma boa moça, é formada em engenharia e do tipo certinha demais, o oposto da Sah.

Às vezes acho que ela ficou assim de tanto tentar encontrar o próprio rumo da vida dela, de tanto tentar esquecer o Gabriel com outros caras, ela nunca enxerga que isso não vai resolver nada, Sah precisa ficar só para aprender a viver, em parte porque ela é mimada, os pais fazem todas as vontades dela desde pequena, é filha única e sempre teve tudo na mão, não tenho coragem de falar isso para ela, sei que a magoaria profundamente, mas acho que já está passando da hora dela parar de agir como se tivesse dezessete anos e prosseguir.

—Eu amo você.

—Eu também amo você, Duda.

Suspiro, meu celular está do mesmo jeito, ele não vibra mais, acho melhor assim, Sah precisa bem mais de mim nesse momento, sei que terei tempo depois para conversar com Jack sobre nosso Bad Romance.



Nível 10 Da Obsessão

Me sinto dentro de um daqueles aviões dos filmes que vi durante toda a

minha vida, todos os lugares estão vagos, e a tripulação é composta por cinco comissárias de bordo, um piloto e um copiloto.

Todos nos receberam com sorrisos, Alejandro esperou que entrássemos no avião e depois eu não o vi mais, nós fomos levadas de carro até a pista, e eu que pensava que isso só aconteceria com o presidente, ou pessoas importantes.

No entanto, agora estou sentada, numa poltrona de primeira classe, tomando um café ao lado das minhas duas amigas, Sah continua deprimida desde que decolamos, e Gina não para de falar sobre Alejandro.

No decorrer do voo ouvi música, dormi, já acordei, o voo vai demorar, eu sei, mas estou tão relaxada, que não me importo, na vinda fui exprimida o tempo todo por um casal de adolescentes apaixonados, tinha um moleque chato me mostrando a língua o tempo todo também no banco da frente—aquele garoto não deve ter mãe—, a classe econômica definitivamente não é de Deus.

Li e Reli as minhas conversas com Jack no WhatsApp, nossas discussões, nossas brigas, até esse diálogo de hoje de manhã, nossa última conversa, estou ansiosa para que cheguemos logo para saber se ele me enviou mais mensagens.

Sah se afasta para outra fileira de bancos, Gina pega uma revista e vai para os bancos mais próximos da tripulação, e eu fico só, olho meu anel de casamento, não canso de olhar pra ele. Tento não sorrir, o estado de espírito de Sah é deprimente, ela não parou de chorar um segundo desde que embarcamos, claro, dormiu algumas vezes, chegou num ponto em que uma das comissárias lhe ofereceu um remédio para dormir e chá, mas, ainda assim, ela permanece assim, calada demais, reflexiva, sofrendo por aquele idiota.

Eu e ela sempre tivemos essa conexão, é inevitável, se ela sofre, me sinto mal e, se eu sofro, ela também fica péssima, somos muito ligadas uma a outra, odeio vê-la assim.

Levanto do meu banco, atravesso o corredor e pulo em cima dela, Sah se assusta, depois sorri, já sem maquiagem, a cara lavada, acho que ela fica melhor assim, mais natural, dou um beijo forte na bochecha dela e a abraço, ficando sentada em seu colo.

Já brigamos tantas vezes, discutimos sempre, e paramos de nos falar várias vezes, mas é impossível ver a minha vida sem ela, Gina olha para trás, mas

está distraída conversando com uma das aeromoças.

—Quando vai me falar sobre ele?

—Agora?

—Quero saber tudo.

Escorrego para o outro banco, Sah me encara, não tão entusiasmada quanto antes, eu não quero que a minha felicidade a deixe ainda mais deprimida.

—Bem, já sabe dos problemas de Jack, acho que sabe mais dele do que eu, ele não gosta de falar sobre a escopofobia comigo.

—Júlia disse que ele melhorou muito, que você fez um milagre para ele.

Sah faz uma cara de safada que eu odeio, ignoro-a, mas sei que já estou corando.

—Não acho que seja isso, você viu que no baile ele estava perfeitamente normal?

—Ele parecia outra pessoa.

Exatamente!

Achei que eu estava ficando louca, ainda bem que Sah percebeu, me sinto incomodada com isso, me endireito, jogo as sapatilhas para longe, me sinto tão à vontade aqui, nem parece que estamos num avião, aqui dentro nada se move e tudo parece perfeitamente normal, sem barulho, sem reclamações, sem crianças órfãs demoníacas, somente nós e o silêncio.

—Ele estava muito...

—Frio, distante.

—Isso, Duda, exatamente.

—Tive a impressão que ele ignorava a minha presença também.

—Quanto a isso eu discordo, a única pessoa da qual ele não tirava os olhos era você. —Sah faz um “ar” de puro drama. —Ele não olhava nem para mim.

Rio, não acredito nela, só fala isso porque é minha amiga.

—Senti como se ele fosse outra pessoa.

—Ele não fala muito, mas percebi que quando você está por perto, ele é diferente, e teve algumas vezes que ele parecia que queria matar aqueles caras que dançavam com você.

—Ele estava perto?

—Sim, basicamente do seu lado o todo tempo.

Ah Droga, ele pode ter sido qualquer um!

—Não se culpe, isso é tão complicado que dá até dor de cabeça de pensar.

—Sah, sinto que tenho que ajudá-lo.

—Então ajude ele. —Insinua maliciosa. —Eu ajudaria com todo prazer.

—Não fizemos amor. —esclareço.

—Mas fizeram na noite do cassino.

—É, mas eu estava bêbada e não lembro de nada.

Não estou pronta para contar sobre o sexo oral maravilhoso que Jack me fez, ainda não, escondo isso dentro de mim as sete chaves, um dia eu conto, hoje não.

—Mas..., não vão morar em Nova York, vão?

Ela tem medo disso, eu também, minha semana da reflexão começou, preciso pensar bem em como farei as coisas.

—Não, eu não sei se conseguiria largar tudo, tem a faculdade, minha mãe, a Júlia, o Claus—meu cachorro—e, tem a Gina, o porteiro do seu prédio e você!

Sah estreita os olhos, rio, abraço ela com força.

—Desculpe pela ceninha na véspera do baile, estou morrendo de medo dessa gente te roubar, parece que você é um tipo de celebridade para eles.

—Eu nem sei o que pensar, mas sinto que Jack precisa de um pouco de apoio.

—Ele precisa de um psiquiatra.

—Ele já tem uma psicóloga.

—E sobre o que falaram esses dias?

—Brigamos, ele me sufoca as vezes, eu não tenho paciência com isso.

—Ele é grudento?

—Ele é fofo.

Faço minha melhor cara de tédio, Sah gargalha, ela está amando cada segundo.

—Por que essas coisas acontecem comigo?

—A culpa é do Destino!

Com certeza a culpa não é minha, vou fingir que não ouvi isso.

—Você contou para ele?

—Não sei se devo, Jack já é bem problemático, se quer saber.

—Ele precisa saber disso para que ele tenha consciência de que você não pode ser tratada de qualquer jeito.

—Não quero que ele me trate diferente só porque eu..., você sabe.

Estremeço, Sah segura a minha mão dando apoio.

—Duda, sabe que independentemente da sua escolha, eu vou te apoiar, se você for embora, eu vou também, para trás é que eu não fico.

Olho para Sah, ela está completamente séria, fico com medo disso, se for uma hipótese, minha vida seria completamente diferente, não parei para pensar nisso. Longe da minha mãe, da Júlia, terei que sair do meu emprego, e com sorte concluirei meus dois últimos semestres na faculdade. Não verei mais meus colegas de sala com quem convivo há cinco anos, terei que mudar fora do meu país, com um homem do qual não conheço muito, com seu estilo de vida louco e bipolar, sempre sem ver nada. Me arrepio toda, mas agora com medo.

—Sabe que é isso o que ele quer, não sabe?

—Sei, mas não sei se é isso o que eu quero, pedi essa semana para pensar sobre tudo.

—Fez certo, sozinha você pode pensar com mais clareza.

—Jack quer que eu o aceite assim, antes eu não aceitava, achava estranho, agora...

—Agora se apaixonou por ele.

—Me sinto atraída por ele.

Sah me encara perplexa, mas estou séria, não é um momento de brincadeira.

—Como pode saber se nunca.

—Eu não sei, quando ele me beija, quero beijá-lo, quero tudo com ele, Sah, tenho medo disso.

—Medo de fazer sexo com o seu marido?

Tecnicamente não somos oficialmente casados.

—É um casamento de mentira.

—Bem, mas é válido nos Estados Unidos.

—Me sinto louca por concordar com isso.

—Duda, você quer ficar com ele, gosta dele, ele gosta de você.

—Ele te disse isso?

—Não precisa falar, está na cara que ele te ama.

—Ele não me ama, nos conhecemos há apenas sete dias, como pode me amar?

—Não quer que ele a ame?

—Não sei se isso seria bom, eu não sei se seria o suficiente para ele.

—Já disse que é.

—Olhe em volta Sah, eu não combino com isso, não combino com bailes, nem casas de praia, eu mal sei como lidar com ele, como posso desejar isso?

—Você se menospreza demais.

Ela fala isso sempre, está brava comigo.

—Ouça, olha, agora falando sério, se você decidir não ficar com ele, tudo bem, isso não te torna alguém ruim, mas ele vai ficar arrasado.

—Júlia te falou isso?

—Júlia me falou muitas coisas.

Quero saber tudo.

—Sabe a tal Soraya? Ela e Jack tiveram um caso por anos, Júlia disse que ela o trocou por um banqueiro.

—Nossa.

—Pois é, ela também falou que depois disso, Jack ficou pior da doença, se isolou na Itália, e só de uns meses para cá que vem falando com a família.

—Coitado.

—E isso é o de menos.

Tem mais?

—Ela disse que ele pediu Soraya em casamento, estava disposto a tudo por ela, ela o largou no altar.

Sah está séria, meu estômago começa a girar por causa das notícias, ela me conhece tanto que chama a comissária de bordo, a moça loira se aproxima prontamente com um belo sorriso nos lábios cor de carmim, Sah e ela começam a conversar em inglês, Jack já foi noivo e foi abandonado no altar? A comissária de bordo se afasta, Sah vira para mim e continua.

—Júlia não entrou em detalhes, mas ao que parece, ele estava completamente apaixonado pela Soraya, hoje são amigos, ele a perdoou, ela é

casada com esse banqueiro, mas a Júlia também me disse que depois que a Soraya soube que o Jack se casou com você, ela está atrás dele.

—Por que?

—Não sei, eu vivo atrás do Gabriel e eu mesma não me entendo, me sinto uma Soraya.

Rio, mas ainda estou tensa, abraço minhas pernas.

—Ela o convidou para esse baile ontem, mas não deu certo, Jack mal tirou os olhos de você e o fato de vocês terem sumido, deixou ela ainda mais incomodada.

—Conheceu ela?

—Não, Júlia quem me contou que depois que vocês dois sumiram, Soraya foi na nossa mesa e perguntou por Jack, eu e Gina tínhamos ido ao toalete, Gina menstruou.

—E aí?

—Júlia disse que Jack acabara de ir embora com sua nova esposa, ela me falou que Soraya ficou pálida, pediu licença e se afastou.

—Jack queria me apresentar a ela.

—Claro, ela foi a responsável pela festa, descobri que ela é uma mulher muito rica, o pai é dono de vários shoppings em Nova York, e o marido dono de uma rede de bancos.

Poxa Vida.

—Não acho que ela seja uma ameaça, Júlia disse que Jack gosta de você, que ele tem planos para quando se mudarem, ele já mandou abrirem a casa que ele tem em Manhattan para vocês morarem com o Nando.

Engulo a seco a revelação, Sah segura a minha mão ainda mais forte.

—Pede para ele um cantinho para mim?

Sorrio, se fosse para eu pedir, pediria uma nova casa para minha mãe perto da gente, sacudo a cabeça, afasto isso da minha mente, que coisa mais tola, isso nunca acontecerá.

—Acho que o mais importante nesse momento é refletir sobre tudo —digo, Sah concorda. —Jack é o meu marido, mas não é meu dono, eu descobri nele alguém muito simpático esses dias, ele é engraçado e ele sorri das minhas piadas.

—Isso é realmente fofo. —Sah suspira. —Ele é tão lindo.

Sorrio, não estou consternada por isso, não sei se digo para ela sobre ontem à noite, foi a noite mais perfeita de toda a minha vida, nunca falei de homem nenhum para Sah, me sinto como uma adolescente boba que nunca fui, ou que fui um dia, mas que parei de ser por causa de muitas coisas ruins.

—Nós ficamos abraçados a noite toda, Jack me deu uva na boca e me beijou várias vezes.

Sah me olha maravilhada, quero me abraçar, sei que estou sorrindo como uma tola, ela sorri para mim, está feliz por mim, sei que está.

—E o que mais?

—Ele me chama de Vida.

—Ai que fofo!

—Eu sei.

Me encosto na poltrona, estou suspirando, a comissária de bordo aparece com o carrinho, ela enche um copo de chá gelado para mim e outro para Sah, se afasta levando o carrinho de volta, outra nos estende cobertores, me sinto tão bem cuidada, mimada até.

—Então, ele é romântico.

—Não muito, eu não sei, ele começou a se mostrar assim agora para mim, mas ele muda de humor muito rápido.

E só de lembrar, sinto calafrios.

—Ele pode mudar por você.

—Não quero que ele mude por mim, quero que ele mude por ele.

—Hum. —Sah bebe um gole do chá. —O que acontece?

Faço um breve resumo do que Jack me contou naquela tarde sobre a infância solitária dele, Sah fica chocada conforme vou contando, não entro em muitos detalhes.

—Poxa.

—Fiquei com pena.

—Espera, está com ele por pena?

—Não, claro, quero ajudar ele, mas não é pena, sinto que é o meu dever ajudá-lo, e também, gosto dele.

—Gosta o suficiente para suportar isso?

—A semana irá me falar, Sah. —Respiro fundo. —A semana irá me falar!



Aterrissamos por volta das nove da noite, nos despedimos da tripulação e Desembarcamos como quaisquer outras mortais do mundo no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro.

Me sinto bem em estar de volta.

Sah está com cara de trapo, Gina parece normal, como sempre, mal descemos e Sah já está no celular, Gina pega nossas bagagens na esteira, ligo o meu Iphone, me sentindo entusiasmada.

O celular mal liga e já começa a vibrar, me empolgo, mas bem antes que eu veja as mensagens dele, Gina me chama para que eu a ajude com as bagagens, Sah está falando ao celular, o aeroporto está movimentado como sempre.

Ajudo Gina com a mala da Sah e depois com a dela, a minha é a última, minha mochila e minha bolsa, eu nem sabia onde estava a minha bolsa, meus documentos não estão aqui, olho para Gina.

—Estão com a Sah, Jack precisou dos passaportes para pedir permissão para o voo.

Me tranquilizo, Gina pega uma caixa colorida da esteira, não lembro de ter comprado nada, acho que os meus livros estão na minha mala, durante o voo, Sah me contou que os colocou lá, Jack os devolveu para ela e pediu que os guardasse.

—É o presente do Nando.

O presente!

Não parece pesado, é um pacote colorido e um pouco grande, ajudo Gina colocar no carrinho, Sah se aproxima, ela está bem mais calma agora.

—Papai já mandou que trouxessem o meu carro, vamos tomar um café enquanto esperamos.

Eu e Gina empurramos os dois carrinhos, fico olhando para o presente que Jack mandou para o Nando, eu mesma queria ter comprado algo para ele, mas fico feliz, pois, assim não voltei de mãos abanando, literalmente. Claro que

não vou mentir, agora só preciso começar a formular a coisas, como vou contar para mamãe que estou namorando? Para o Nando?

Entramos numa cafeteria chique que tem próximo à saída, procuramos uma mesa desocupada, está cheio, achamos uma num canto afastado, Gina já está mexendo no próprio celular dela, Sah pede três cafés sem desgrudar da tela de seu aparelho. Desbloqueio o meu, meus dedos deslizam rápido, mais de vinte e duas mensagens, os áudios começam a carregar, leio a primeira mensagem.

“Espero que esteja tudo bem”

“Tivemos que parar em Londres, Nevasca”

Uma foto da pista de voo coberta de neve, aviões parados, próxima mensagem.

“Queria que estivesse aqui comigo para ver isso”

Toco a tela do celular feito uma boba, também queria estar lá.

“Vida”

“Sei que não pode responder, mas estou ansioso, Bill aqui comigo”

Aperto na outra foto e quem surge na imagem é o próprio Bill Gates, fico boquiaberta, o homem usa óculos e está sorrindo enquanto conversa com mais dois homens, todos usam roupas de frio e gorro, cachecol, aperto na setinha de voltar, mais mensagens.

“Sua semana da reflexão, minha semana do trabalho”

“Tédio”

Olho para os lados para ver se ninguém me vê sorrindo assim, é estranho se sentir tão tola com algo como uma mensagem.

“Sinto sua falta”

“Vou embarcar”

As mensagens são em horas alternadas, o que significa que ele também não podia ficar usando o celular a todo momento.

“Espero que chegue logo, Jack”

“Sei que sabe que sou eu, é só que, deixa”

“Podemos mudar para amor?”

Prefiro Vida.

Essas próximas são mais recentes.

“Onde você está? Já deveria ter chegado”

“Duda, estou ficando preocupado”

“Cinco minutos”

“Dez minutos”

“Por favor, responda”

Não me dou nem ao trabalho de ler as outras, estou digitando.

“Estou aqui”

“Eu sei, já consegui contato com o Granth”

Granth é o piloto, fico sem graça.

“Desculpa”

“Eu peço desculpas, fiquei preocupado, você está bem?”

“Sim, e você?”

“Bem, já em Paris, muito trabalho”

“Vai dar tudo certo”

“Você ao menos pensou em mim?”

Sah me cutuca, indica meu café, bebo um gole, digito.

“Claro, estou com saudade”

“Eu também”

“Pensei muito sobre ontem, obrigada, mesmo, foi uma noite perfeita”

“Mal aproveitou o baile”

“Estava com você, isso já está bom”

Me sinto romântica, nunca fui assim, ouço suspiros dos meus dois lados, me apoio no cotovelo, eu mesma suspiro.

“Queria que estivesse aqui comigo, vida”

—Aí que fofo! —Sah exclama derretida.

“Preciso sair, nos falamos em duas horas”

“Ok, beijo”

“Beijo”

Envio um emoji fazendo biquinho, me sinto, como me sinto? Meu coração está muito leve, ele se acelera e não consigo parar de sorrir.

—As aparências enganam mesmo. —Gina está bem surpresa. —Será que o meu Alejandro é assim?

—Aí, acho que vou vomitar.

Estreito os olhos para Sah, Cínica.

—O que foi?

Ela é tão convincente.

—Nada.

Terminamos o café ouvindo as reclamações de Sah sobre a demora do carro, aproveito o tempo para ouvir os áudios de Jack.

—Obrigado por ontem, foi uma noite maravilhosa, querida.

Eu agradeço, Próximo.

—Estou muito feliz que você ao menos me entende.

É, mais ou menos, aperto o próximo play.

—Gosto muito de você.

Sah me cutuca, hora de ir embora, faltam cinco áudios, são curtos, dá para ir ouvindo durante o caminho, próximo play.

—Eu não gosto de gravar áudio, só para constar.

Rio.

—Querida, você está demorando demais.

Suspiro, mais três de apenas cinco segundos, Sah me puxa pelo braço, ela fecha a cara, sinal que estou literalmente viajando, costumo ser a mais atenta, olho para frente, melhor voltar para vida real, logo que eu chegar em casa, terei bastante tempo para ouvir a voz firme do meu maníaco predileto.



Em casa

Acabo de me despedir de Sah, ela espera que eu abra o portão e me ajuda com as malas, sorrio e abraço minha amiga, acabou que nessas férias quase não ficamos juntas, mas sei que amanhã bem cedo ela estará aqui plantada com uma mala e o chororô de sempre.

Deixamos Gina na casa dela e Sah veio me trazer, a casa de Gina é mais perto do centro, a minha mais afastada, aceno para ela antes de fechar o portão, suspiro, olho para o corredor extenso, parece que faz tanto tempo, mas faz apenas oito dias que sai para viagem por esse mesmo corredor.

Coloco minha mochila nas costas, minha bolsa de lado, tento segurar o presente do Nando embaixo do braço enquanto puxo a minha mala com rodinhas, sigo pelo corredor.

Ouçõ Edith, estou mais relaxada, minha cabeça gira em torno de uma centena de coisas nas quais não quero me preocupar ainda hoje, tenho tantas dúvidas, que duvido que consiga dormir, já deve ser mais de meia noite, está todo mundo dormindo aqui em casa.

Me aproximo das minhas escadas quando a primeira luz da casa da minha mãe se ascende, Van enfia a cabeça dele pela janela, ele fica me olhando assim meio com a mesma cara de bosta de sempre.

—Fran, a Duda Chegou! —berra.

Cala a boca, seu merda!

E as luzes da casa da minha mãe se ascendem, tenho certeza que esse berro dele acordou todo mundo, ele abre a porta que dá para o meu corredor e vem na minha direção—de calção de dormir—, nem entendo porque ele sorri, Van me odeia e eu detesto ele e, vivemos muito bem assim.

E ele é apenas alguns anos mais velho que eu, na época que mamãe o conheceu, todo mundo recriminou ela por se envolver com ele—eu recrimino até hoje, nunca superei—, mas no final das contas, todo mundo aceitou ele bem na família, principalmente a minha vó, coitada, acha que esse demônio é um santo.

—Você não ia chegar amanhã depois das cinco?

Meu voo não teve escala, não teve parada, não teve ninguém descendo ou subindo, o avião veio direto, mas não preciso que ele saiba disso, e duvido que ele acredite.

—O voo veio rápido.

—Quer um ajudinha aí?

Não recuso, preciso subir, estou no terceiro degrau quando sinto um abraço apertado da minha cintura para baixo, meus lábios vão se abrindo rapidamente, me viro, dá vontade de chorar ao ver esse sorriso.

Não tenho palavras para descrever o que sinto pelo Nando, nunca tive e nunca vou ter, só sei que o meu coração se enche disso e eu choro, as vezes rio muito, largo tudo e abraço ele com força, vou levantando ele do chão, e quando vejo, ele está no meu colo me esquentando com seu aperto.

Eu te amo Fernando.

—Mamãe!

Cubro o rosto dele de beijos, aperto ele e sinto o cheiro do shampoo que eu compro para ele todo mês, olho para sua face e sinto como se não precisasse de mais nada na vida, eu não preciso, tenho ele e ele tem a mim, e tem sido assim há dez anos e nove meses, desde o dia que descobri que estava grávida.

Vejo esses olhos vividos todos os dias desde aquela manhã na maternidade, eles brilham, são de um castanho parecido com os meus, o nariz dele se encosta no meu e a testa dele está na minha.

—Ainda bem que chegou, mamãe, você não ligou mais, fiquei preocupado.

Quero falar que não foi por querer, que sinto muito, mas antes disso, mamãe vem e nos abraça com força, ela toca a minha face e começa a chorar —não entendi—, mas tudo bem, conheço Francesca, passa rápido.

—Fiquei preocupada, você não liga há dois dias, não faça mais isso comigo, entendeu?

—Está bem, mãe.

Van já está descendo para buscar o resto das minhas coisas, eles ficaram com uma cópia das chaves lá de casa, Júlia vem usando um micro pijama enrolada num lençol fino, ela nos abraça bocejando, hoje já é segunda, mas ela também já está nas férias do meio do ano, o Nando também, sei que ficar acordado até tarde não é algo que a afete.

—Vamos, vou fazer um café.

Não quero café, mas conheço mamãe, ela vai ficar insistindo de um jeito pedante até que eu ceda, ou até brigarmos, parece até alguém que eu conheço.

Já olhei seguidas vezes no celular durante o percurso até aqui se ele mandou mensagem, mas nada, Jack não entrou mais no “Whats”, deve estar muito ocupado, prefiro não me preocupar com isso agora, estou em casa.

Entramos na casa da minha mãe, Claus vem latindo todo alegre, também senti sua falta, amigão, mas não solto o Nando, e ele não me solta, mais tarde Claus.

—Por que chegou agora?

Mamãe vai para o fogão, Van entra e fica me analisando em silêncio, ignoro ele, não nos falamos—regularmente—há dois meses, a última discussão foi por causa de uma briga que ele teve com a Júlia, entrei no meio e acabei me ferrando, é sempre assim depois que ele casou com a mamãe, ela sempre fica do lado dele.

Me ferro.

Me sento à mesa, olho em volta, Claus já está perto dos meus pés, ele deve estar ansioso para ir para casa, o Nando se acomoda agarrado a mim, Júlia vai para o rumo da sala, mamãe já colocou o bule com água quente para ferver, Van está mexendo na geladeira.

Pisco, tudo está do jeito que eu deixei, mas me sinto um pouco diferente do que era antes da viagem, foram tantas coisas que aconteceram.

Tiro os fones das orelhas, Nando fica me olhando com esses olhos imensos e doces de sempre.

—E aí, mamãe, como foi a viagem para Vegas?

—Foi boa—digo, tento não parecer estranha, me sinto assim. —E aqui?

—Foi legal. —Nando toca o pescoço. —Eu briguei na escola.

Ele não costuma mentir para mim, semana passada foi a última semana de aula do Nando, me vem à mente o que Sah me falou a respeito da tal garota, fico olhando para ele para ver se fala mais, porém, ele me retribui o olhar totalmente calado, ele não vai falar, melhor deixar isso para outro momento.

Você está deixando tudo para segundo plano, Vadia!

Voltei a ser boazinha, a moça de família, não sou vadia!

—E esses anéis nos seus dedos?

Olho para Van, escondo bem meu pavor com a pergunta, mamãe arregala os olhos para minha mão, esse merda...

—Eram da Sah, ela me deu, não são lindos? Parecem de verdade, mas são da 25 de Março, ela foi a São Paulo antes da viagem.

—Nossa, são mesmo lindas. —Mamãe estreita os olhos para minha mão, sorri. —Parecem até de noivado.

—É para usar no anelar, mas não serviram. —Minto bem para mamãe assim como ela mente muito bem para mim quando quer, nesse quesito não posso falar nada.

—Tem comida. —Van traz as vasilhas para a mesa. —Vou colocar para esquentar para você.

—Não estou com fome.

—Você parece mais magra, tem que comer.

Com coisa que você se importa.

Não respondo, eu realmente não acho que esteja mais magra ou diferente de sete dias atrás, estou como sempre fui, ao menos por fora, por dentro não posso falar a mesma coisa, mamãe vem e beija a minha cabeça, reza em mim —ela faz isso toda vez que eu me livro da morte— reviro os olhos, mas no fundo estou grata por ter chegado bem.

Sã e Salva.

—Vocês aproveitaram a viagem? Como são os gringos? Jogaram muito?

—Foi boa, mãe, são gente igual a gente, e sim, jogamos.

Ao que me lembre, eu joguei bastante antes de entrar no transe que a bebida me proporcionou, minha mente volta para Jack, não tem como esquecer dele assim, eu não fiz nada além de ficar com ele, brigar com ele, depois tentar entendê-lo, foi uma viagem de pura reflexão, raiva e agora no final, encanto, sim, por que não?

Van me serve um prato composto por arroz, bife e alguns batatas fritas—murchas—com maionese, não recuso, não consegui comer nada além de bolachas no avião, e na volta até aqui, não comemos nada, eu também não conseguiria, agora estou em casa.

O Nando sai do meu colo, o andar meio torto e manco, ele puxa uma cadeira e fica sentado perto de mim, olho para mamãe, ela já está tomando um café, Van fica me olhando com estranheza, não entendo por que ele está assim, ele deixou o bigode crescer.

Van é moreno, alto e bem forte, ele é pessoal, então, o corpo dele é bem enxuto, ele é mais novo que mamãe quase dez anos, mais velho que eu apenas oito anos, ele tem cabelos curtos e meio ondulados, olhos pretos, e não é feio—tá ele é bonito—, não é de se jogar fora. Mamãe é baixa—como eu—, um pouco mais clara, tem olhos mais claros e cabelos cacheados e curtos, ela é magra, e não me gabo, mas para ter 46 ela é bem cuidada, claro,

não é daquelas mulheres que vivem no salão e tal, mas a nossa boa genética ajuda, saímos a minha vó, que tem sessenta, mas não aparenta muito, mamãe vem de novo para o meu rumo e me abraça, estranho.

—O que foi?

—Nada, sua mãe com esse medo de você morrer na viagem de avião, ficou colocando terror em todo mundo, até eu fiquei com medo desse avião cair.

Encho minha boca de maionese, não sei lidar bem com emoções vindas de mamãe, somos próximas, mas nem sempre ela me trata assim, ela é meio seca e na dela, depois que casou com o Van, ela as vezes se quer parecer se importar com alguém além deles e da Júlia, antes não era assim, antes mamãe me dedicava mais tempo, era mais atenciosa comigo, mas também, não foi apenas pelo fato dela ter se casado com o Van ou ter tido a Júlia, ela se afastou de mim quando eu engravidei, para ela foi um grande desgosto.

—Pare com isso, Francesca, ela está bem.

—Fiquei preocupada.

Mamãe chorando, por minha causa, olho pela janela.

—Vai chover!

Ela me dá um tapa leve no ombro, sorrio, tenho 28 anos, tenho que agir como se tivesse essa idade, mas gosto do abraço dela, me sinto próxima dela.

—Mãe! —Júlia chama da sala. —Posso dormir com vocês hoje? O Nando vai com a Duda!

—Não. —Van fala baixo e firme com mamãe. —Não, Francesca!

—Claro, querida!

Adoro quando ela faz isso, rio, Van coça o bigode, se aproxima de mim com cara feia e mexe no meu cabelo, ele acha que eu sou o Claus, otário, hey eu sou uma menina.

—Não faça mais isso com a gente.

—Eu não fiz nada —respondo, minha boca está lotada de maionese, mas é inevitável, esta é a maionese da minha mãe, a melhor do mundo.

—Não viaje para longe da gente, Duda.

Ai, como se eu acreditasse que você se importa.

—Ok. —É o que eu digo.

Ele beija a minha mãe na testa e vai para sala reclamando, provavelmente vai discutir com Júlia—ou ficar falando em vão—sobre ela ter que aprender a

dormir no quarto dela, tá, odeio ele, mas, ele é bom para elas, admito.

—Você parece diferente.

Lá vem ela.

—Não estou diferente, mãe, estou relaxada.

—Mas não é isso, você está... viva.

Vida!

Quero sorrir, ao mesmo tempo sinto o celular vibrando na minha bolsa, meu coração dispara, tenho que ver, tenho que ver, levanto, meu prato já está vazio.

—Mãe, estou cansada, podemos conversar mais tarde?

—Está bem, amanhã estou de folga, troquei porque pensei que você chegaria só a noite, te chamo para o café.

Mamãe me fazendo café, que novidade!

O vibrador me chama a atenção de novo.

—Ok, posso levar um pouco do seu café?

—Claro, querida.

Mamãe enche um copo de café para mim, Nando vai na frente chamando Claus, o meu cachorro corre e sai em disparada para casa, abraço mamãe mais uma vez e me afasto, tentando não parecer tão ansiosa—não sou assim normalmente—. Subo os degraus para o sobrado, vou olhando através das grades de ferro os tetos dos vizinhos, as luzes estão todas apagadas, sorrio, mas não por isso, meu celular não para de vibrar, Nando ascende todas as luzes, os passos dele são lentos, calmos, olho para perninha dele, é melhor para ele quando usa a sandália com o salto do que estar descalço, mas conheço o meu filho, e também é incomodo ficar usando aquela bota toda hora, ou a muleta.

—Mamãe, esse presente é para mim?

—Sim, eu trouxe.

O que eu digo? O que eu digo?

—Nossa, é grande.

Eu também achei, enfio a mão na bolsa, jogo ela para longe e tiro a sapatilha, olho em volta, minha casa está limpa e cheira a lavanda, mamãe deve ter obrigado a Júlia a limpar, está tudo no lugar, sorrio, é ótimo estar aqui.

—Posso abrir?

—Claro amor, abre.

—Você deve ter gastado uma nota.

—Meu amigo comprou para você.

—Da América?

—Sim.

—Fez amigos lá?

—Sim, muitos.

—Que legal.

Ele se joga no sofá, bebo um pouco do café que mamãe me deu, está maravilhoso, ela é ótima em qualquer coisa que lembre cozinha, vou para o sofá e me sento perto dele, observo ele abrir as embalagens coloridas, eu mesma estou curiosa quanto ao que pode ser, os olhos dele brilham, essa reação é impagável.

O celular vibra mais uma vez, dou um pulo, Nando nem percebe, desbloqueio e vejo que tem vários áudios seguidos, mensagens, penso em digitar para avisar que já estou em casa, digito “oi”, Jack está digitando, aperto no botão enviar, me volto para o Nando, ele solta um berro, dou outro pulo.

—Um quebra cabeça!

Ele adorou, conheço o meu filho, o entusiasmo na voz dele, o brilho no olhar dele, ele amou.

—Você gostou, amor?

—Sim, claro que sim, mais de doze mil peças. —Nando abre a caixa maravilhado. —Mamãe, eu gostei muito, quero escrever uma carta agradecendo, poxa, um quebra cabeças novinho.

Nem eu sabia que ele gosta dessas coisas.

—Que bom que gostou.

—Eu quero começar amanhã, acho que até semana que vem eu termino.

—Você é esperto, do que é?

—De Las Vegas. —Nando lê na caixa. —Poxa vida, mamãe, é perfeito.

—É, é perfeito!

Suspiro, não me refiro ao quebra cabeças.

—Eu vou levar para o meu quarto.

—Tudo bem, já vou lá te ver.

Ele carrega a caixa sem dificuldade, vejo ele sumindo no corredor que dá para os dois quartos, olho para o celular, afundo no meu sofá e fico abismada com um áudio de agora, eu gravei? Mas eu não falei nada, só apertei para enviar o “oi”, dou de ombros, preciso escutar os áudios de Jack.

—Desculpe a demora, fiquei preso numa reunião.

Sorrio ao ouvir a voz dele, me estico no sofá, próximo.

—Você já chegou em casa?

—Vida, me responde!

—Ok, parei.

—É que gosto de te chamar assim as vezes.

—Vida!

—Estou ficando preocupado de novo.

—Sinto sua falta.

—Responde!

Na sequência vários emojis de carinhas de sorrisos, outras fazendo biquinho.

—Ok, parei, fala comigo agora!

Estou pronta para falar, mas meu celular toca, atendo imediatamente.

—Onde você está? —A voz dele está dura, irritada. —Maria, responda!

—Em casa. —Paro de sorrir, ouço um suspiro irritado do outro lado da linha.

—Quando eu chamar é para responder.

—Desculpe.

—Amigo, né?

Me ergo, meu corpo vai endurecendo também, e vou ficando aos poucos decepcionada, não era bem essa conversa que queria ter com ele.

—Desculpe, ele só tem dez anos.

—Eu não sou seu amigo! —Jack me interrompe. —Eu sou o seu marido, inferno!

Minha garganta queima, ele está gritando comigo, respiro fundo, sinto vontade de chorar, estúpido.

—Ouça.

—Eu preciso desligar, Jack, nos falamos depois, tchau.

Estou chorando.

Desligo antes que ele ouça, tapo a boca, respiro fundo, não quero que o Nando me veja assim, seco as faces, meu celular volta a tocar, mas desligo a ligação, em seguida o celular, deixo o aparelho no sofá, vou para o quarto do meu filho, não entendo o que aconteceu, eu não fiz nada de errado, certo?

Encontro o Nando no quarto dele mexendo na caixa de seu novo passatempo, fico observando meu filho por um bom tempo, me pergunto se esse é o tipo de homem no qual quero que conviva com ele, se estou disposta a presenciar essas crises sempre, e se ele fizer isso com o meu filho? Por que ele faz isso?

Da vontade de voltar a ligar para ele e afrontá-lo.

Mas não posso fazer isso, estive tão ansiosa para conversar com ele, de verdade, não parei de pensar nele um segundo se quer e é isso o que eu ganho, ser chamada de inferno na primeira ligação.

—Ah, mãe, eu posso começar a montar agora?

—Claro, mas não fique até tarde demais, preciso de um banho.

Preciso mesmo, e não quero pensar em ligar o celular tão cedo.

Estava tão ansiosa, e o pior é que apenas esse pequeno surto de Jack fez com que essa empolgação dentro de mim se acabasse, agora estou triste.

De novo.

Beijo a cabeça do Nando, vou para o meu quarto, meu banho dura bem mais do que quero, mas estou chorando demais para sair, não quero que o Nando saiba, odeio isso, odeio a forma como Jack faz com que eu me sinta as vezes, ou na maioria delas.

Não posso fazer isso, não posso me envolver com alguém assim, não posso!

Ele me afastou de novo, me tratou mal, gritou comigo, não precisou de nenhum motivo, eu não lhe disse nada, não o magoei, não o rejeitei, bem que queria.

Minha garganta está tapada, soluço um pouco, saio do box cansada, preciso dormir, estava tão animada, agora, estou destruída, não sei se posso aturar isso vindo de mais ninguém, não sei se consigo ter que tolerar ele

quando está assim.

Estou de novo incerta e confusa quanto a ele, ontem tinha certeza de que quando estávamos juntos eu só queria estar com ele, ao menos o Jack que ele se mostrou para mim na noite do baile, agora quero distância, porque sei que sempre vou ficar arrasada quando ele me tratar mal, e ele vai, eu sei que sim.

Não sei se me sujeitaria, estou disposta?

Vou para minha cama, olho para os meus anéis, respiro fundo, desligo o abajur, e tudo o que quero é esquecer essa briga, quando eu acordar amanhã, precisarei saber como lidar com isso, hoje não, hoje eu quero esquecer Jack Carsson.



Dia 1 Da Obsessão

Demoro para sair da cama, me ergo, depois deito de novo, não quero sair, escuto o som do Claus na sala, o Nando provavelmente já está devorando alguma coisa com seu achocolatado matutino, me sinto destruída e inútil.

Sinto vontade de ficar aqui o dia todo, mas não posso.

Olho para minha mão, quero tirar os anéis, mas sei que isso só seria um sinal de bipolaridade, afinal, queria elas há dois dias, agora porque estamos brigados, tenho que tirá-las? Estamos brigados?

Não posso nos considerar um casal, estamos sobrevivendo a isso desde que eu descobri que havia dormido com ele.

Dormi bastante ontem, acho que já é bem tarde para um café, ouço os passos de mamãe e sei que ela já está aqui, preciso pegar as minhas chaves de volta, preciso levantar e fazer o que sempre faço em todas as manhãs de férias nos últimos três anos, organizar a casa, fazer almoço, e depois ir ler.

Mas sei que provavelmente não vou conseguir me concentrar, no entanto, nada me impede de tentar, certo?

Passo a minha lista do dia mentalmente: Receber a Sah.

Aturar a Sah.

Fazer comida.

Obrigar a Sah a lavar a louça.

Tentar convencê-la a ficar quieta em casa.

Acabar indo com ela para alguma lanchonete ou para casa da mãe dela.

Fingir que estou bem.

Paro com a minha lista, mamãe está entrando no meu quarto agora, ela traz uma caneca de café e um misto quente num pratinho cor de rosa que eu usava para comer quando tinha a idade do Nando, o que ela está fazendo?

—Bom dia, querida!

Querida? Palavras novas no vocabulário da minha mãe, o que é isso? Um capítulo inédito de Por Amor?

—Bom dia, mãe.

Me esforço para sorrir, ela sorria de ponta a ponta, ok, estou sem entender o porquê dela estar assim, ela beija a minha cabeça, aceito o misto e a caneca.

Misto.

Não quero também, da vontade de chorar, mas enfim, mamãe fez e sei que se eu não comer, ela vai achar que tenho algo contra ela, faz um... dois... dois anos e meio que ela não me traz café na cama, eu quebrei o pé esquerdo uma vez há dois anos enquanto corria no passeio com o Nando, é, eu não sou muito fã dessas coisas, acabou sobrando para a dona Francesca.

Mordo o misto, bebo um gole de café, mamãe vem assim como quem não quer nada e se senta de frente para mim, o que está havendo?

—Vai, fala.

—Van está preocupado com você.

Ai, lá vem, mastigo o misto, Van nunca se preocupa com ninguém além dele próprio.

—E?

—E que ele quer que você se case, filha, você tem 28 anos.

Ai, de novo?

Mãe, eu já estou casada, e o meu marido é um grande idiota, não preciso de mais problema para minha vida!

Brigamos várias vezes por conta desse assunto, não conto quantas, Van e mamãe acham que o Nando precisa de um pai, é assim desde que eu tive ele, mas ultimamente tem sido um saco as insistências deles para que eu me case, mamãe disse que nem se importa se o tal sujeito—como se ele existisse—morasse aqui, desde que eu fosse feliz, com coisa que eu não sou feliz.

—Duda, você tem que arrumar um namorado, sair, como Sarah.

Agi como Sara e me ferrei.

—Mãe, dá um tempo, eu cheguei de viagem ontem, deixa eu respirar.

Ela me olha meio assim, está sem graça é claro, acaba concordando.

—Sarah já chegou, ela está comendo bolo lá em casa com a Ju, vem.

Aff!

Voltando para minha vida maravilhosa, onde a minha irmã mais nova tenta roubar a minha melhor amiga de mim, família de ouro essa.

Estou nua embaixo dos cobertores, olho para o despertador, três da tarde, nossa, dormi demais.

Mamãe sai, não lembro de ter dormido tanto em toda a minha vida, mordo o misto, bebo mais um pouco do café, não consigo comer tudo, coloco em cima do meu criado, tenho muitas coisas para fazer, e ficar deitada lamentando o porquê de Jack ter feito aquilo, não ajuda em nada.

Mas fico sentada olhando para a parede meio manchada do meu quarto, me questiono sobre as mudanças de humor dele, nunca tive alguém tão bipolar perto de mim na vida, como alguém consegue ser assim? A pessoa tem que ter ao menos um tipo de estabilidade, certo?

Imagino que as coisas não sejam fáceis para ele, mas não me sinto obrigada a ter que aturar isso.

Jack tem que saber como as coisas funcionam de verdade, ele tem que aprender a ceder, ele precisa entender a hora de ter só uma personalidade, só

um jeito, se ao menos esse jeito fosse como aquele da noite do baile sempre, mas sei que não será assim.

—Filha?

Coço minha nuca, essa babação da minha mãe já está me dando nos nervos, levanto segurando os cobertores em volta de mim, preciso me livrar dela—no bom sentido é claro—e fazê-la entender que eu não posso me casar.

Já estou casada!

Com um louco, bipolar, perseguidor, maníaco, que me chama de vida.

—Duda! —Sah me para na porta do quarto, ela está ofegante. —Melhor você ficar aqui mesmo.

—Por que? —Franzo a testa.

Sah está de jeans e uma camiseta folgada, os cabelos presos num rabo de cavalo perfeito, ela sorri para mim e me empurra pelos ombros bem devagar, ando para trás, começo a reconhecer os passos, meu coração dispara.

—Não!

—Sim.

—Não!

—Sim.

Ela arruma os meus cabelos e bem antes que eu fale enfia a máscara no meu rosto, meu coração está dando saltos absurdos, minha respiração se acelera, ela faz com que eu me sente na cama, ainda bem, minhas pernas tremem.

—Eu não vou deixar ninguém entrar.

Essa é a minha menor preocupação agora.

Aperto o cobertor no meu corpo, encolho os ombros, dois passos, mais um, e mais um, e ele está dentro do meu quarto, meu estômago embrulha, minha mão começa a soar, Jack Carsson está aqui.

Ah Meu Deus!

Os passos de Sah se afastam, ouço o som da porta se fechado fico parada, espero, e espero, minha respiração está mais acelerada que nunca, mas tudo o que eu ouço agora é silêncio.

Os passos se aproximam, meu coração parece que vai explodir, mas ele para de repente, abaixo a cabeça incapaz de analisar direito tudo isso, meu raciocínio foi para casa do caralho, bastou ouvir os passos dele, reconhecerei

Jack para toda a minha vida apenas por seus passos.

—Você desligou o celular.

—Deve ter descarregado.

—Eu, eu, você está bem?

—Sim.

—Maria, você me irrita.

—Eu sei.

—Não consigo fazer nada.

Nem eu, não tenho nem vontade de fazer nada, sua culpa.

—Vim para ficar com você.

—De Paris?

—Sim.

Mordo meu lábio com força, quero xingar ele, por que ele fez isso? Ele deveria estar no trabalho.

—Ouça, sei que fui grosso.

—Você foi estúpido.

—Sim.

—E precipitado.

—Completamente.

—E bipolar.

—Também.

Jack dá mais um passo, me encolho, não tenho medo dele, estou apenas magoada, também isso tudo é bem irreal para mim, falei com ele na madrugada de hoje, deveria ser uma da manhã, ele estava do outro lado do mundo, agora, nesse exato momento ele está diante de mim.

—Pode me perdoar?

Ah, não faça isso.

—Maria, eu, eu não quero um tempo, por favor, eu não consigo ficar longe, sabe que não.

Engulo a seco, escuto os passos de mamãe no corredor, Sah fala algo para ela que não consigo entender, não quero nem pensar no que ela deve estar falando para Sah.

—Eu gosto de você, somos casados, que sentido vê nisso?

—Muito, preciso pensar.

—Pode pensar ao meu lado.

—Seria fácil.

—Por que?

—Escolheria você.

Ele não responde, para que negar? É a verdade, não o Jack escopofóbico, mas o que se mostrou carinhoso e atencioso comigo na noite do baile, sedutor, engraçado, será que eu maravilhei demais?

—Me escolheria?

—Por alguns motivos, sim, por outros, não.

—Desculpe, fui grosso, eu perdi a paciência, gostaria muito que não falasse para o seu filho que sou seu amigo.

—Gostaria que você fosse mais meu amigo em vez de marido, que fosse mais compreensivo e paciente.

—Eu estou tentando.

—Por que veio?

—Porque queria me desculpar.

—Poderia ter ligado.

—Você desligou o celular.

—Você entendeu.

—Queria te ver porque não suporto ficar longe de você.

Fico impactada com cada palavra dele, Jack não suporta ficar longe de mim? Ele fala isso como se o sufocasse, como se isso doesse muito.

—Eu, eu, quer que eu vá embora?

—Você veio só?

—Sim.

—Quando vai embora?

—Não quero ir sem você.

—E o seu trabalho?

—Não importa.

Engulo, fico cabisbaixa, não acredito nisso, por que ele fez isso?

—Jack, seu emprego.

—Não preciso de dinheiro, tenho o bastante, você!

—Pare de falar essas coisas.

—É a verdade.

Ficamos calados, não tenho nada para falar, sinto sua aproximação, e a mão dele toca o meu rosto, fico quieta, quero chorar porque não queria isso, aceitaria o pedido de desculpas depois—talvez—por telefone, mas sei que uma hora a raiva iria passar.

—Não vou embora sem você.

—Não pode me pedir para escolher entre você e a minha família.

—Mas posso pedir que ao menos pense.

Ele ergue minha face pelo queixo, não o impeço, fico parada esperando pelo o que já sei que vai acontecer, ele não demora, me beija com tanta violência que machuca a minha boca, mas estou presa a esse homem.

Ele morde a minha boca com força, gemo baixo, minha mão se enfia nos cabelos dele e puxo com força, é como um tipo de reflexo, Jack me empurra com força contra a cama e vou engatinhando para trás, minhas pernas tremem, não tenho forças, não quero falar, e o fato de eu não ver, vai me deixando ainda mais nervosa. O peso dele se despeja em cima de mim e volta a me beijar, agora com mais intensidade que nunca, me sinto derretendo na cama.

—Duda!

É a Sah, Jack para, estamos sem ar, tomara que ele não perceba que por baixo desses cobertores eu estou completamente molhada.

—Sim?

—É a tia Fran, ela quer conversar com você.

Coro, Jack rola para o lado, me ergo.

—Posso falar com ela.

—Não quero que fale com ela, ela é a minha mãe!

—E eu sou o seu marido.

—Não quero que ela saiba assim.

—Ela terá que saber de qualquer Jeito.

—Você é sempre tão insuportável?

—Somos casados e isso é um fato.

—O fato de que eu nunca trouxe um homem a essa casa, colabora para que ela ache que eu não tenho namorados e isso é ótimo, porque para ela eu pareço responsável.

—Eu falo com ela, peço sua mão.

—Você está sendo inadequado.

—Estou fazendo o que é certo, fique aí, eu falo com ela.

—Jack, não...

Mas ele já levantou, está se afastando, escuto o som da porta se abrindo e em seguida se fechado, respiro fundo, Jack Carsson está me pedindo em casamento para a minha mãe!



Primeiro dia

Já tirei a máscara.

Visto um jeans e uma blusa comum, prendo bem os meus cabelos e fico esperando que alguém venha, sei que não posso sair, sei que ele está aqui, estou tremendo, acho que vou ter um treco, quantos minutos já se passaram? Parece que faz mais de horas desde o momento em que ele me deixou aqui e foi falar com a minha mãe, sinto pavor disso, medo, muitas coisas. Estou andando de um lado para o outro, já arrumei a cama, já escovei os dentes, não consigo pensar em fazer mais nada enquanto não souber o que acontece na sala, não dá para ouvir.

Por que ele fez isso?

Minha mente gira, a situação é inacreditável, impossível e minha incredulidade diante disso só aumenta, me sinto dentro de uma espécie de filme caótico e estranho no qual esses acontecimentos vão me deixando louca no decorrer da história.

Alguém gira a maçaneta, paro, enfio a mão no meu bolso, já estou pronta para recolocar a máscara, mas é a Sah, ela enfia a cabeça no meu quarto, está sorrindo, solto o ar bem mais que aliviada.

Meus ombros doem com a tensão.

—Ele já está aqui, a tia Fran já desceu, ele quer que você o apresente ao Nando.

Assim? Tão simples!

—Eu não.

—Já conversei com o Nando, pode ficar tranquila.

Já conversou com o Nando? Sobre o que você falou com ele? O que está havendo? Odeio não ter noção das coisas, é o que mais vem acontecendo desde que conheci esse homem.

—Vem, Duda.

—É para colocar?

—Sim.

Isso já está indo bem longe se quer saber, como o meu filho vai entender isso? Estou cansada só de pensar, o que Jack disse para mamãe? Ele falou sobre o casamento? Ele me pediu em casamento?

Coloco a máscara, Sah me pega pela mão e me conduz, não sei o caminho de olhos vendados, é esquisito porque moro aqui já há algum tempo, percebo que mal conheço a mim mesma por concordar com isso tudo.

Pirei.

Da vontade de desistir, porém, sei que se eu adiar isso, não vai adiantar muita coisa. Estamos na sala, reconheço o som da TV ligada em algum canal de desenho, estou cabisbaixa, não faço a menor ideia de quem esteja.

—Mãe, que legal!

Que legal?

—A tia Sarah me contou que você está fazendo uma brincadeira para o seu trabalho. —Nando está empolgado. —É uma coisa que sua chefe mandou.

—É —concordo, mas que ideia, Sah!

—Eu prometo que vou te ajudar em tudo, deve ser difícil ser como um cego.

Me viro para o rumo de Sah, ela dá uma risadinha sem graça, que desculpa mais sem noção!

—Sofá. —Sah avisa fazendo com que eu me sente. —Vou preparar um café, Jack está a sua direita, Nando a sua esquerda.

—Ok!

A situação mais normal da minha vida, quero sair correndo.

—Posso falar para ele que gostei do quebra cabeças?

Nando sabe que Jack lhe deu o quebra cabeça? Sah deve ter dito muitas coisas para ele.

—Claro —falo com dificuldade. —Nando, esse é o Jack.

—Aham, vocês estão namorando —Nando diz e sobe em cima de mim, acho que ele está sorrindo. —Oi, Jack seja bem-vindo a nossa família.

Não espero por isso, claro, sempre ensinei ele a ser muito bem-educado, é isso o que fazemos pelos nossos filhos, certo? Mas não é isso, o meu filho é uma alma muito boa, ele tem um coração enorme e piedoso, eu o amo cada dia a mais por isso.

—Muito prazer —Jack fala, a voz apenas neutra demais.

—Você vai casar com a minha mãe?

—Sim.

Que situação!

—Mamãe.

—Sim.

—Você está bem?

—Sim, claro.

Estou nervosa, tremendo, meu corpo todo está tenso, de todas as vezes que estive em momentos assim com Jack, essa é a pior, porque ele faz isso comigo? Seria mais fácil se ele não estivesse vindo, insistido nisso.

—A tia Sah disse que você vai ficar vendada algumas vezes no dia, por causa da sua chefe.

—É, eu havia me esquecido, é um trabalho para as férias.

Sou criativa, sempre tenho boas ideias, mas a Sah se superou, como ela

bolou algo assim, tão rápido?

—E como funciona?

—É para testar os sentidos. —Invento, sei que ele acredita, o Nando é muito inocente em muitos sentidos, esse é um deles, acredita demais nas coisas.

—Como trocar de lugar com um cego.

Não acredito que ele ignora o fato de eu ter um namorado, está mais interessado na “brincadeira”, não entendo o porquê, claro, eu nunca falei sobre essas coisas com ele, não havia necessidade alguma, nunca tive namorados, nunca trouxe amigos homens para cá para casa, exceto os colegas da faculdade para trabalhos ou os interdisciplinares da faculdade, mas o Nando nunca se importou, de fato, para ele isso não deveria ser algo tão normal assim, ele deveria agir no mínimo com um pouco mais de incomodo.

Não posso ver seu rosto, mas sei que ele não está bravo, essa história está servindo como um tipo de distração maior para ele, não sei se me sinto grata por isso, porém, não estou disposta a tentar explicar toda essa coisa para ele, ele só tem dez anos, é uma criança, meu filho não precisa saber disso.

—Sim—digo e toco o rosto dele. —Você está mesmo bem?

—Estou surpreso, mas estou bem. —Ele toca o local na minha máscara. —Que legal, posso fingir que sou cego também?

—Não —falo imediatamente, ele seria um risco bem maior que eu mesma. —Ainda está de pijama?

—Claro, eu fiquei montando meu novo quebra cabeças. —Nando aperta as minhas bochechas. —Mamãe, você está fria.

—É? Por que você não vai colocar uma roupa, espertão? —Aperto as bochechas dele, ele ri. —Não quero você descalço.

—Não quero usar a bota em casa, Claus está carente, ele não sai do meu quarto.

—Ele ama você.

—Você mal olhou para ele.

Estava preocupada demais com as grosserias de um outro tipo de cachorro.

—Então, por que você não vai colocar sua roupa e traz ele aqui?

—Está bem, mamãe, posso continuar com o meu quebra cabeças?

Suspiro, encosto a testa na dele, conheço esse menino, ele só vai parar

quando terminar.

—Depois do almoço.

—Mas agora eu não tenho nada para fazer.

—Claro que tem, tem que arrumar o seu quarto, e ajudar a tia Sah com a louça do café.

—Ah, vó trouxe bolo, ela fez um banquete, o vovô—sim, meu filho chama aquele idiota de vovô— comprou pão quentinho cedo, mas não quis te acordar.

—Tem certeza que não tem veneno nesses pães?

—Mãe!

Ele ri, desce do meu colo.

—Coloque a bota, não pode ficar sem ela.

—Tá, posso.

—Fernando, não!

Ele suspira, sei que está chateado, contudo, não posso permitir que ele fique o dia todo por conta desse quebra cabeças.

—Eu já volto, então.

— Tome um banho.

—Ai, mãe, eu não estou sujo.

—Louis Fernando.

—Está bem, já entendi, eu tinha feito uma carta de agradecimento. — Nando parece meio envergonhado. —Posso entregar para o seu namorado?

—Claro, se ele quiser, é claro.

—Eu quero —Jack diz, muito baixo.

—Tudo bem, já trago.

Sei que ele se afasta, seco minha testa, estou soando, não quero mais ter que passar por esse terror em momento algum da minha vida, nunca, nunca mais.

Solto o ar, seco as mãos no jeans, escuto os passos de Sah, ela vem rápido, sinto o cheiro de café, respiro fundo, e de novo, estou à beira de um desmaio.

—Vocês foram bem —Sah fala, conheço essa voz sem graça dela. —A tia Fran está ligando para o Van.

Que ótimo, agora ela vai bancar a mãe preocupada, como se não bastasse

tudo isso, ela chamou o Van, que do dia para noite está querendo bancar o meu pai.

—Então, férias..., Jack?

Não imagino Jack e Sah tendo algum tipo de conversa, ela coloca uma xícara na minha mão, mas não consigo me mover também.

—Sim —Jack responde, a voz ainda muito baixa. —Aqui.

—Eu também—Sah se senta, acho que no sofá da frente. —E... a Júlia?

—Na faculdade —ele fala. —Vocês tinham planos para essa semana?

Desastre.

Não acredito que isso está acontecendo, que Sah é conivente com isso, que eu não consigo se quer mudar o que está acontecendo, como posso estar concordando com isso?

—Vim ficar com a Duda, ajudar ela com o Nando —Sah fala como quem não quer nada. —E vocês vão, ficar juntos, daqui para frente?

—Espero que sim. —Jack parece nervoso, ele respira fundo e solta o ar desastrosamente. —Poderia não —Ah sim, claro. —Sah concorda.

Não sei o que está acontecendo, não faço a mínima ideia, o que eles dois estão fazendo?

—Pedi que ela não ficasse olhando para mim —Jack coloca a mão no meu braço, está soada. —Desculpe, acho que assustei a sua mãe.

Assustou?

—Como assim?

—Ele pediu sua mão em casamento, Duda. —Sah está rindo. —Disse que estão juntos e que vão se casar, a tia Fran ficou olhando para ele feito uma retardada.

Sah olharia!

Será que mamãe ficou impressionada com o pedido, ou com a suposta beleza de Jack? Acho que ela está mais para incrédula e chocada, ela não vai deixar isso assim, conheço ela.

—Jack, você sabe que não tem volta, certo?

Cale a boca Sah, cale a boca.

—Sim, eu sei.

—E sabe que a Duda tem a família dela e tudo mais...

—Não vou afastá-la deles, nem de você, não é minha intenção, todavia, não vou me afastar dela.

—Vai vir morar aqui?

—Se for preciso, sim.

Bebo um gole do café e acabo queimando a minha garganta, tento respirar fundo.

—Gosta dela.

—Claro que gosto, ela é a minha mulher.

—Você sabe que ela é uma moça de família.

—Ok, já chega! —berro e levanto. —Isso é muito esquisito, qual é o problema de vocês?

—Nenhum —Sah responde, seu tom risonho. —Nossa, que estresse.

—Você acha isso normal?

—Não, mas você é a minha melhor amiga e eu te amo, não quero que sofra, sabemos que não vai ficar bem longe dele.

—Sério? —Coço a minha nuca, estou começando a ficar muito irritada. —Acha normal tudo isso?

—O que importa é que se gostam, pelo menos uma vez na sua vida, pare de ser pessimista.

Ai.

Que legal, levando sermão da Sah, eu nunca levei um sermão dela na minha vida, parece que o mundo está de cabeça para baixo.

Jack puxa a minha mão, me sento novamente, ele entrelaça os dedos nos meus e sinto que as nossas mãos estão frias, soadas, ele está nervoso, sei que sim, a mão dele treme com tanta força que sacode a minha.

—Sah, poderia.

—Claro, eu vou preparar o quarto do Nando, já vi que vou ter que ficar por lá, e também, eu estando por aqui, você vai ter alguma ajuda.

É verdade.

—Ok.

—Podemos almoçar fora.

Franzo a testa.

—Não tem como.

—Claro que tem, relaxa.

É, RELAXA!

Da vontade de gritar, como ela pode agir assim tão calmamente diante disso? Os passos dela se afastam, Jack pega a minha xícara, coloca em cima do centro eu acho, ficamos calados de mãos dadas na sala, a tremedeira vai passando, no fundo no fundo eu tenho um pouco de compaixão por ele, mesmo com raiva, mesmo nervosa, ele não deveria estar aqui, ele deveria estar em Paris, mal acredito que esteja realmente aqui, quero me beliscar.

—Você tem um cachorro!

—É —admito—Você não gosta?

—Nunca tive um. —Jack está me olhando, me analisando. —Está brava.

—Um pouco!

Sinto sua aproximação novamente, meu corpo se arrepia todo quando ele me beija, ele sabe o que causa em mim quando faz isso, mas não estou disposta a ceder, beijo Jack porque isso é bom, me sinto melhor com seu beijo, como nunca me senti em toda a minha vida, mas não estou disposta a aceitar isso.

—Quero a minha semana. —Me afasto dele.

—Quero você —pondera. —Não vou sem você.

—Jack, você é dono da sua empresa e ela precisa de você.

—Eu já disse para não se preocupar com isso.

—Por que não?

—Deixei Alejandro cuidando de tudo, ele entende das coisas.

—Ele o incentivou a vir?

—Sim, claro, estava atormentado depois que desligou o celular, fico insuportável.

—Como encontrou meu endereço?

—Acho que você já percebeu que encontrá-la não é um problema para mim.

—Não, você é um perseguidor.

—Não vou permitir que se afaste.

—Você me afasta.

—Desculpe, é algo que eu estou tentando melhorar há um tempo já.

—Não deveria ter vindo.

—Quer que eu vá embora?

Não.

—Desculpe, Maria, eu não vou.

—Você não me esperou responder.

—Então responda!

—Como você é impaciente.

—Por favor.

—Não, não quero, já está aqui, podemos tentar resolver as coisas.

—Sou ansioso.

—É, eu já percebi.

—O seu filho parece um bom menino. —Ele me puxa com facilidade para o seu colo. —Ele reagiu bem.

Também estou surpresa com isso.

—Ele é muito, doce.

—É.

—Se parece com você.

Não acho, bem, um pouco. Acho o Nando parecido com a outra vó dele, mas Jack não precisa de mais uma paranoia para enfiar na cabeça.

—Você não me disse que ele tem um problema na perna.

Jack está ponderando cada palavra, eu não me importo, mas estou confortável em saber que ele não usou palavras como “especial” ou “aleijado” como a maioria das pessoas falam, isso foi um grande problema para mim durante anos, até hoje ainda me sinto culpada pelo Nando ser assim, é minha culpa, de quem mais poderia ser?

—Ele precisa de alguma coisa?

—Não, não tem cura, é um problema na perna dele, já está bem melhor, passou por quatro cirurgias, os médicos falam que é de nascença e o que poderia ser feito já foi feito.

E eu já gastei até o que eu não tinha com vários especialistas, com laudos, com uma centena de coisas, não importo, faço tudo pelo meu filho, se eu pudesse, trocaria de lugar por ele, todo o processo durante anos foi muito doloroso para o Nando, não quero que ele sofra mais por causa disso, ele tem

acompanhamento com a fisioterapeuta e o Doutor Frances duas vezes por mês, mas não tem mais nada a ser feito.

—Ele vai a um especialista.

—Você está me consultando ou determinando?

—Determinando?

—Resposta errada?

—É o que tem que ser feito.

Teimoso!

Mas compensa discutir?

—Não me ignore! —ordena secamente.

—Enfim, cadê o robô?

—Ele não veio. —Tem um ar de divertimento na voz dele. —Eu vim só.

—Seu tio.

—Não, ninguém sabe, não quero que saibam, não duvido que os meus irmãos dariam um jeito de intervir nisso.

—Você pode ficar num hotel.

—A resposta é não, e não, não é uma opção.

—Do que tem medo?

Jack me aperta, não preciso que ele responda, vou ficando sufocada com o abraço, ele sempre tenta me punir com esse jeito—meio agressivo—dele quando falo ou faço algo que ele não gosta, sei do que ele tem medo, tem medo que eu o largue, ele já deixou isso bem claro, o que não entendo é o porquê de ele ter me escolhido.

—Não sentiu minha falta?

—Estava com você há dois dias.

—Não?

Ele toca minha face, o calor que ele emana é muito bom, e me encolho, claro que senti falta dele, mesmo com tudo, mesmo que ontem ele tenha sido um grande idiota comigo, não quero admitir em voz alta, mas desde o momento que parti, não paro de pensar em você, Jack Carsson, não deveria, no entanto, não é algo que consiga mais controlar.

—Todos tem defeitos —Jack fala sei que ele está atento a mim, mesmo que não o veja, não olhe nos seus olhos.

—Sim. —Eu sou lotada deles. —Mas talvez eu não seja o suficiente.

—Você é bem mais que isso.

Poxa.

—Não sentiu minha falta?

Por que ele precisa que eu admita? Acabo preferindo não entender, não quero quebrar a cabeça com isso também.

—Senti.

Ele me beija, enlaço o pescoço dele, é fácil me sentir leve quando estamos assim, não estamos brigando, não estamos discutindo, estamos nos beijando, é uma solução leve para o meu nervosismo, apenas um beijo dele e estou derretendo de novo.

—Vida!

É tão bom quando ele me chama assim.

—Obrigado por me deixar ficar.

—Eu não deixei você ficar.

—Estamos casados, tudo o que é seu, é meu.

Sinto vontade de rir, abraço ele.

—Odeio você.

—Entrou numa fila bem extensa, Senhora Carsson.

Magoei ele, droga.

—Jack, isso não vai dar certo.

—Quero tentar.

—Por que?

—Já falamos sobre isso.

—Eu não tenho muito a te oferecer além disso.

—Acho que é o suficiente.

—Eu também não tenho uma suíte nem suco de coco com hortelã.

—Água serve.

Ele não vai desistir, e eu não acredito que estou sorrindo com isso.

—Mais alguma observação, Senhora Carsson?

—Por enquanto não, Senhor Carsson.



Ficamos por alguns minutos abraçados em silêncio, não falamos nada, sei que não vai adiantar muito insistir para que ele vá embora, também não sei se é isso o que eu quero, não sei de mais nada.

Nunca me senti tão ambígua em toda a minha vida.

Estou dividida entre o meu bom senso—que já não está lá essas coisas—e o que sinto—meus desejos.

Jack não irá embora, eu sei que não posso expulsá-lo da minha vida assim, no começo achei que conseguiria, pensei que faria com que ele entendesse que esse casamento foi um erro, mas ele quer isso acima de tudo e de todos, até de mim mesma e isso me assusta.

A maioria das decisões que sempre tomo são em pró de mim e do Nando, não envolvem um marido, uma terceira pessoa, e já é bem difícil assumir a responsabilidade por tudo, agora por meus atos inconsequentes de uma noite de farra.

Ele acaricia o lóbulo da minha orelha lentamente, estou recostada nele, estou bem e segura de novo, Jack toca meus lábios com a ponta do indicador e gosto disso, ouço as batidas lentas do coração dele, e isso tudo é muito novo para mim, eu nunca tive um namorado, deve ser por isso que eu gosto, que me apego.

Não sou uma pessoa muito carinhosa, não me considero carente, eu nunca fiz parte de alguma espécie de relacionamento a dois, como posso saber a forma de me sentir? Como devo agir?

Não tenho nada para oferecer para Jack, somos tão diferentes, como podemos fazer isso dar certo? Por que devemos?

Essa semana deveria me servir para pensar, para decidir, hoje seria o meu primeiro dia de reflexão, e não será mais, duvido que eu consiga pensar direito com ele por perto.

—Duda!

Dou um pulo, é a voz da minha mãe, ela bate umas três vezes seguidas na porta, parece que vai derrubar.

—Duda, precisamos conversar.

—Eu já vou —respondo, já estou tensa de novo, saio de cima dele. —Você

vai para o meu quarto, está bem?

—Por que?

Indico a máscara de dormir de forma irritada, tenho a impressão—bem forte—que ele sorri.

—Não é difícil encontrar—digo. —Entre no corredor, vire à esquerda e siga reto, tem um banheiro lá, pode ficar à vontade.

—Está bem, levo minha mochila, então.

—Vai logo.

Ele se afasta, anda pela minha sala, só tiro a máscara quando não escuto mais seus passos, respiro fundo, já até imagino o que me espera, enfio minha máscara no bolso de trás e abro a porta.

Mamãe me encara e já sei que ela está furiosa, Van me olha em silêncio, como se eu devesse alguma satisfação da minha vida para ele, ignoro os dois e ficamos nos encarando assim por alguns segundos de tensão.

Enfim—com toda brutalidade do mundo—, mamãe entra e passa por mim quase me levando com o ombro dela, me afasto respirando fundo, Van passa a mão nos cabelos, ele está de tênis e camiseta cavada, mamãe provavelmente o obrigou a vir, não dá para adivinhar o que ele pensa, sei que o meu padrasto me odeia, mas ele está apenas muito sério, ele também não é nada meu, por que se preocuparia?

—Ele já foi embora?

Olho para minha mãe, ela nunca foi do tipo de pessoa violenta, mas ela tem um gênio do cão, quando quer uma coisa, só Deus para fazê-la desistir, não espero por nenhuma aprovação dela quando tomo decisões, ela sempre me critica e me desestimula na maioria das vezes, depois ela se desculpa por não ter me dado razão, ela não entende que eu não sou mais uma criança que não dependo dela totalmente, acho que o fato de eu morar com ela alimenta algum tipo de senso de responsabilidade por parte dela.

—Não. —É o que eu respondo, preciso saber lidar com tudo isso, não posso fingir que nada está acontecendo.

O olhar dela se torna ainda mais duro, Van olha em volta procurando Jack, sei que ele tem um senso protetor incrível com a Júlia—mesmo que isso não impeça ela de fazer centenas de coisas erradas—, ele a proíbe de muitas coisas, estipula os horários nos quais ela tem que namorar e controla bem o namoro dela dentro do possível, comigo... nada, até hoje.

—Você perdeu o bom senso? —Começou. —O que está pensando? Acha que pode se casar com um estranho?

—Mãe, não precisa gritar —falo e ela arfa com força.

A última vez que brigamos assim, foi quando eu falei que estava grávida, e ainda levei uma surra, para aprender a não ser uma vagabunda que sai por aí se prostituindo, Jack acha o tio dele conservador, ele que não conhece a minha mãe ainda.

—Essa casa tem regras.

—Sim, minhas regras, até onde eu me lembro, trabalhei duro para construir aqui para mim.

—A casa é minha e, eu não quero esse sujeito aqui.

Isso é tão injusto!

Olho para Van, ele olha para mamãe com uma espécie de surpresa, acho que nem ele esperava por isso.

—Você é uma vagabunda, é isso o que você é.

Não mereço isso, cruzo os braços, minha mente se volta para o dia em que falei sobre a gravidez, ela me xingou tanto, me bateu tanto, é algo que eu nunca vou esquecer, apanhei calada, chorei em silêncio, foi o momento mais triste da minha vida.

—Fran, não fale assim com ela.

—É uma vadia, sempre soube, pensei que havia se encaminhado na vida e olhe para ela, sabia que ela tinha aprontado nessa viagem.

—Você não sabe o que está falando —respondo, e começo a chorar, mais com a dor das palavras, odeio quando ela faz isso, as palavras da minha mãe doem dentro da minha alma. —Melhor a Senhora ir.

—Vai mandar esse sujeito ir embora.

—Não vou —digo e cruzo os braços. —Ele é o meu namorado.

—É? —Ela berra furiosa. —Mas a casa é minha.

—Fran —Van chama de novo, ele me olha com pena, odeio isso. —Não grite com a Duda, vai assustar o rapaz.

—Aposto como já está dormindo com ele, essa puta!

Abaixo a cabeça, não mereço isso, mas não respondo, ela nunca me perdoou por eu ter engravidado, nunca me perdoaria se tivesse abortado como Jorge me mandou fazer.

—Você vai.

—Fran, já chega—Van diz com firmeza, agora ele está bravo, mamãe se cala, absorta com a ordem. —Pare com isso, ela tem 28 anos, está na hora dela ter um namorado, você mesma tinha dito isso.

—Não dessa forma.

—Que forma? Não disse que o rapaz pediu ela em namoro?

—Ele pediu ela em casamento, Van.

Van me olha mais que surpreso, acho que as pessoas realmente se surpreendem com isso, acho que eles pensam que eu nunca desencalharei, eles acham que eu nunca posso ter a chance de conhecer alguém legal e tal, eu achava isso até alguns dias atrás, se bem que Jack não é a figura perfeita de cara normal, pelo contrário.

—Melhor!

Estou chocada com a resposta dele.

—Melhor? —Mamãe repete incrédula, odeio quando ela fica berrando assim.

—Claro, mostra que tem boas intenções. —Van olha para mamãe com impaciência.

—Ele determinou que se casaria com ela, ele não pediu —argumenta mamãe, entredentes.

Imagino, mas acho bem feito.

—E espera que eu permita que ele fique aqui? Dormindo com ela?

—Francesca pelo amor de Deus, você acha que eu não sei que você deixa a Júlia dormir com aquele moleque quando eu estou viajando?

Mamãe fica vermelha, e eu abaixo a cabeça tentando não rir, Júlia dorme com o namorado há um ano mais ou menos, mamãe sabe e encobre, claro, quando Van tem algum curso ou tem que dar aulas fora. Ela finge que isso é normal, quem não sabe disso? Sah ensinou a minha irmã a usar camisinha, e eu a levei no médico para que lhe receitassem anticoncepcional, mamãe finge que não sabe de nada, Van também, pelo visto, não apoio, mas não quero que Júlia tenha um bebê com apenas quinze anos.

—Ele não é homem para Duda.

—Ele é católico —respondo, tento ser firme. —E ele gosta de mim.

—Gosta? E desde quando vocês estão juntos?

—Há sete dias.

—E já vão casar?

—Não sei.

—Gosta dele?

—Sim.

Mamãe fica baqueada, Van respira fundo, ambos sabemos muito bem que ela só está fazendo uma ceninha, ela cai sentada no sofá—faz isso quando diz sentir muito desgosto de algo—, com a mão no peito.

—Ele não te quer de verdade, filha, você viu aquele homem? Ele... ele é bonito demais para você.

Muito obrigada mamãe, por me lembrar disso, e não, eu não o vi... quer dizer vi e não lembro.

—Francesca, a Maria é uma moça muito bonita.

—Ele parece importante.

—Ele é —digo estou com vontade de chorar, ok mãe, sou feia, mas poxa, toda mãe acha o filho bonito. —Ele é importante para mim.

—Viu? Você magoou ela. —Van está irritado. —Você não é feia, Duda.

—desculpe, não quero mais ter essa conversa—digo começo a chorar de novo. —Estou tão cansada, se não quiser aceitar, tudo bem mãe, eu saio, qualquer coisa, eu vou para a casa da Sah.

—Por mim...

—Francesca! —Van arregala os olhos para mamãe mais que incrédulo. —O que está fazendo?

—O certo, se ela quer casar com esse homem que case, mas não tem a minha aprovação. —Mamãe levanta do sofá, me encara totalmente séria. —Você é o maior arrependimento da minha vida, Eduarda, você é um grande desgosto.

—Francesca!

Eu sei disso.

Ela me encara com aquele mesmo olhar magoado de sempre, depois sai rápido.

—Você não precisa sair, você pagou por esse lugar, é tão seu quanto nosso...

—Não gaste, Van—digo, não quero a pena dele. —Eu acho melhor ir para

Sah mesmo.

—Não está levando a sério isso, certo? —Ele está perplexo.

—Desculpe, poderia sair?

Van olha para mim, olha para porta, depois sai totalmente apressado, vou atrás dele e passo a chave, engulo o choro, respiro fundo, Sah vem correndo ao meu encontro, e tudo o que eu tenho é um reconfortável abraço, lágrimas nos olhos, e essa dor estranha que me consome mais e mais, sei que a partir de agora estou sozinha nisso.



Pequeno Desejo

—Ela vai entender.

—Não preciso que ela entenda, nem que ela aceite, você ouviu? Eu mereço isso?

—Se tivesse contado para ela.

—Ela não acreditaria em mim, ela nunca acredita em mim, Sah, estou farta.

Me sinto ultrajada.

Bebo mais um gole do chá, mais lágrimas, Sah me olha tentando entender,

ela nunca compreende, nunca saberá como é isso, sinto como se eu fosse a vilã da história, a pior pessoa do mundo, eu sou a maior decepção da minha mãe, não gosto de me sentir assim, há anos ela não faz com que eu me sinta tão mal.

Já deveria saber como as coisas acabariam, não estava pronta para toda essa chuva de acusações por parte dela, não merecia nenhuma dessas palavras, e eu gostaria muito de poder mudar tudo isso, mas quero tentar, quero que Jack fique, mesmo que isso inclua as grandes complicações. Se ele estivesse longe, pensaria nele do mesmo jeito, que diferença faria? Talvez eu fosse ficando ainda pior por não saber notícias dele sempre, se bem que duvido que ele não iria permitir isso, ele passaria o dia todo me enviando mensagens, só que ter mensagens não é como tê-lo aqui comigo.

Ainda estou confusa, Ainda quero um tempo para pensar com calma, mas nada me proporciona mais segurança do que tê-lo aqui.

Isso é tão convicto dentro de mim, agora há pouco estava em completa paz e sintonia comigo mesma, minha mente vazia e apenas nós dois em nosso mundo silencioso e tranquilo, daí a minha mãe chega e acaba com tudo em menos de dois minutos.

Mereço isso.

—Precisa descansar um pouco, fique com Jack, eu cuido do Nando.

—Gostaria muito que ela não me chamasse daqueles nomes. —Seco as faces. —Eu não me ofereci para ele, Sah, eu não fiz nada, ele abusou de mim, eu era uma menina.

—Eu sei.

Os olhos de Sah se enchem de lágrimas, isso se tornou extremamente doloroso para mim, e ela compartilha esse segredo comigo há anos, no começo eu mal conseguia falar de tudo o que houve, era insuportável demais lembrar, tinha nojo do meu corpo, tinha nojo de mim mesma, chorava, e Sah apenas estava ao meu lado tentando ser a amiga mais compreensiva do mundo, hoje sei lidar bem com isso, ainda sinto nojo, mas não de mim e sim dele, daquele homem mal caráter que fez aquilo comigo.

Nunca vou esquecer, Talvez nunca supere, o estupro causou tantas marcas em mim, que duvido que eu consiga apagá-las. Marcas que ficaram para sempre no meu corpo e na minha alma.

Depois de tudo, ainda eu ciente de que não foi minha culpa, ouvir isso da

minha mãe é coisa ainda pior, sinto asco dela também.

—Maria!

Jack!

Fecho os olhos, seco as minhas faces, Sah está fungando e provavelmente secando as dela também, os passos dele se aproximam rápido.

—Estava com o seu filho, tomei banho, espero que não se importe.

E ele não deve ter ouvido a discussão, graças ao meu chuveiro, que para esquentar demora e faz um barulho chato e, às vezes insuportável, ainda bem.

—Tudo bem por aqui?

—Sim, você quer comer alguma coisa? —Coloco a minha máscara. — Acho que eu e Sah podemos preparar alguma coisa.

—Seria ótimo. —Ele se aproxima. —O que foi? Você está chorando.

—Ah, minha mãe —digo e me forço para sorrir. —Discutimos.

—Por minha causa?

—Porque ela é cabeça dura.

Sah se move na cozinha, Jack vem para o meu lado e coloca o braço em volta de mim, abraço ele meio de lado, lembro das palavras de mamãe, e a curiosidade vai crescendo dentro de mim de novo, quero saber como ele é, quero vê-lo.

—Duda —Sah chama. —Acho que vou sair para fazer algumas compras.

Esqueci, não deixei nada, o Nando não ficou aqui, e sim com a minha—grossa e insensível—mãe.

—Eu vou pegar.

—Não ouse. —Sah ameaça, me ignorando totalmente. —Aproveito e compro o nosso sorvete, Jack, a sua mulher adora sorvete de chocolate.

Cala a boca, Sah.

—Você vem comigo.

Ele me pega no colo, sorrio surpresa e me agarro ao pescoço dele, sinto a umidade dos cabelos compridos, para onde ele pensa que está me levando?

—Vida?

—Sim?

—Gostei do seu chuveiro.

—A água esquentou?

—Sim.

Ele me beija e estou flutuando, escuto Sah bronqueando o Nando e sei que estamos no corredor que dá para o meu quarto, espero que ele não me veja assim, mas pelo som abafado das vozes, concluo que a porta do quarto dele está fechada ou encostada.

Jack me coloca na minha cama, e vai fechar a porta, fico esperando ele voltar, ele demora um pouco para voltar a andar, sei que ele me observa, ele está diante de mim, se aproxima, ergo as mãos querendo abraçá-lo, apalpo o ar, Jack ri e pega as minhas mãos, percebo que pela altura ele está de joelhos diante de mim, ele se enfia no meio das minhas pernas abrindo-as e toca os lados das minhas coxas, coro.

—Vamos tirar essa calça apertada?

—Não.

—A blusa?

—Ainda não.

Ele sorri, coloco as mãos nos seus ombros, me esforço para sorrir, mas isso me incomoda, me incomoda o fato de que talvez eu não seja lá essas coisas comparada a ele, talvez eu não seja nada, mamãe não é a primeira pessoa a falar isso, Sah já me falou também, claro que ela admitiu estar com inveja, mas... e se for mesmo verdade?

—O que foi?

—Mamãe disse que você é bonito demais para mim.

—Sou?

—Pelo o que falam, acho que sim, Jack, o que você viu em mim?

—Muitas coisas.

—Você já estava bêbado quando nos conhecemos?

—Nenhum de nós dois estávamos bêbados quando nos conhecemos, ficamos bêbados depois.

—Então.

—Maria, você é linda. —Ele toca a minha face. —Tudo em você me atrai, seu sorriso, seu corpo, sua personalidade, não desejo mais ninguém além de você.

Engulo a declaração, preciso admitir que não esperava por uma resposta dessas, e ele está sendo bastante sincero comigo, ele não mentiria sobre isso,

certo?

—Eu a desejo. —Me beija de leve. —Ardentemente.

Sorrio, Jack começa a rir.

—Não tente imitar o meu Darcy.

—Seu Darcy! —Ele soa meio zombeteiro.

—É, o meu homem!

—E eu sou o que?

—Você é o meu boy magia!

Jack ri alto, sinto vontade de apertar ele, mas fico parada.

—O que seria isso? Algum personagem de Harry Potter?

—Gosta de HP?

—Júlia gosta, ela é apaixonada, por quê? Você gosta?

—Eu tenho todos os livros digitais no meu computador, vou dar de presente para o Nando de aniversário.

O box custa os olhos da cara, estou pesquisando em alguns sebos da cidade, Nando é apaixonado, já viu todos os filmes, mas infelizmente estava fora das minhas condições dar algo assim caro para ele há alguns meses quando me pediu, ainda mais agora que saí de férias, então, lembro que não gastei o dinheiro na minha conta e me ocorre agora que poderei usá-lo para outros fins.

—Quando é o aniversário dele?

—Agosto. —Junto com o meu, sempre comemoramos no mesmo dia, apesar de eu ser do dia 23 e ele do dia 28.

—Hum. —Ele toca as minhas coxas com carinho. —Acho que essa calça te aperta.

—Ah e você está muito preocupado. —Insinuo, fingindo um pouco de cinismo.

—Ah muito. —Jack concorda, a voz languida. —Prefiro que fique do jeito que estava quando eu cheguei.

Vou ficando vermelha, ele ri, me beija, toco sua face, Jack me puxa para ele e o agarro com força, ele se ergue me segurando pelas pernas, depois me solta na cama e vem engatinhando para cima de mim, me puxando para cima, devorando a minha boca, minha língua busca a dele de um jeito faminto agora, ah, eu o quero.

—Não é o momento certo. —Ele diz entre o beijo.

—Não mesmo. —E sugo a língua dele, Jack geme, sinto arrepios. —O que sente quando está comigo?

—Nunca fui bom com sentimentos. —Ele solta o peso em cima de mim, está me observando. —Você é diferente, apenas isso.

—Diferente em que sentido?

—Todos.

—Por que?

—Você me aceita, tenta me entender, faz com que eu queira ser alguém melhor para mim mesmo, minha irmã e irmão, meu tio.

Júlia e Alejandro, e logicamente o Senhor Carsson, me sinto lisonjeada, mas não acho que seja tantas coisas para alguém, Jack pode estar confundindo atração com algo mais profundo.

—Como se sente em relação a mim, Maria?

—Gosto quando me obedece.

Jack ri, cola a boca na minha, mordo a boca dele, me sinto melosa como uma adolescente em seu primeiro namoro, ele lambe meu lábio inferior e seguro a língua dele com os meus lábios.

Ele se afasta, será que eu fiz algo errado?

As mãos suaves seguram a minha face e abaixo a cabeça, não gostaria de me sentir tão sensível agora, mas o toque dele me dá tanto consolo, me sinto como um bicho que precisa mendigar atenção de seu dono, esfrego minha face na mão dele, e a beijo com afinco, gostaria de ter te conhecido em circunstâncias diferentes, Jack Carsson, que fossemos diferentes, com vidas diferentes, problemas diferentes, sem fobias, sem bebedeiras, sem amnésia, sem mães brigonas, sem medo, sem escuridão!

—O que foi?

—Nada, desculpe pelo mal jeito, minha casa é pequena...

—Deixe de besteira. —Corta ele mais sério que nunca. —Eu gostei da sua casa.

—Nada com o que esteja acostumado, aposto.

—Maria, não!

Ele está me imitando! Fecho a cara, Jack ri de novo.

—Você sempre faz isso com as pessoas que te cercam?

—Só com os homens teimosos, é claro.

—Ah, entendi. —Ele me beija com carinho. —Vida!

—Você é muito meloso—reclamo derretida.

—Eu não sou meloso, vida. —Ele está diante de mim, estamos sentados um de frente para o outro. —Vou conversar com a sua mãe, ela vai acabar entendendo.

Queria que você entendesse que não sei se quero que ela entenda.

Aí, eu estou tão complicada!

—Ela não aceitou bem, não foi?

—Ela nunca me apoia em nada.

—Brigaram!

—Discutimos, ela trouxe o meu padrasto para me passar lição de moral, cínica.

—E o que ele disse?

—Me apoiou. —Dobro as pernas intrigada. —Não entendo o porquê ele me apoiou, ele nunca fala nada.

—Ele não deve lhe querer mal.

O Van? Aquele cobra que vive brigando comigo por tudo?

Ouçõ batidas na porta.

—Sim?

—Estou indo ao mercado com o Nando, você quer alguma coisa?

—Sah, passa na farmácia e traz uns remédios tarja preta.

Ela ri, Jack me empurra e deita em cima de mim de novo, cheirando meu pescoço, fico ouriçada, me estico na cama.

—Volto em uma hora.

—Ok.

Ele beija o meu pescoço e o meu ombro, me contraio toda.

—Posso te fazer uma massagem.

—Preciso da sua ex cunhada, ela não tiraria proveito de mim.

—Eu aproveitaria cada segundo.

Meu corpo todo se enche da quentura insuportável de novo, Jack me beija com paixão, minhas mãos estão nas costas dele vasculhando cada canto por cima da camiseta de tecido fino, quero tirá-la dele, quero Jack sem camisa

para mim, quero tocar o corpo dele, nunca desejei tanto tocar alguém em toda a minha vida.

Puxo a barra da camisa para cima e as minhas mãos se enfiam por dentro, a sensação de tocá-lo é incomparável a qualquer outra, sinto uma empolgação fora do comum com isso, as pontas dos meus dedos sentem essa firmeza e quero mais, esfrego os dedos com força nas costas dele, dá vontade de arrancar pedaço, as costas dele são perfeitas.

Ele se ergue e sei que tira a camisa, fica sentado sob os joelhos em minhas pernas, as mãos dele seguram as minhas e as ergue, ele as coloca em seu abdome, é reto e duro, um... dois.. três... quatro calinhos aqui, ele sobe as minhas mãos até que eu alcance seu peito, é liso e não tem pelo algum aqui, umedeço os lábios, minha boca está seca, fico imaginando o corpo dele apenas com o toque, parece perfeito.

Ele vem para cima de mim e se inclinando, nos beijamos de novo, tenho um pouco mais de noção do corpo dele agora, minhas pernas se fecham envolta dele com facilidade, um pequeno desejo.

Ele toca meu quadril, a mão aperta com força contra ele, Jack se ergue, me sinto mole, ele segura a minha camiseta e a puxa para cima, me ergo levantando os braços e permito que ele a tire, me coração está disparando novamente e estou nervosa, minhas bochechas ardem; estou sem sutiã, quero me cobrir.

Sei que estou sendo observada e apenas isso já me deixa bastante apavorada, exposta; em minha mente vem as cenas da nossa noite juntos, aquele momento foi..., nem sei descrever.

—Você é linda.

Sorrio, sei que não é verdade, mas não me importo.

Sinto novamente sua aproximação e quando ele me beija, deixo a insegurança de lado, quando ele me beija eu esqueço de tudo.

—Duda!

Solto Jack, afasto ele de mim, é a minha mãe.

Fico calada, estou procurando minha camiseta pela cama, ele segura as minhas mãos com firmeza, o que você está fazendo, Jack?

—Duda, preciso falar com você!

Como ela entrou aqui? Sah trancou tudo, certo?

—Converso com ela. —Jack enfia a camiseta na minha cabeça. —Posso

me desculpar.

Pelo o quê?

—Não é sua culpa, Jack. —Enfio os braços na minha camiseta com a ajuda dele. —Vou resolver isso, já estou cansada dela.

—Duda —Van berra e bate três vezes seguidas na porta. —Abra a porta.

—Eu já vou —grito, estou furiosa. —Jack, fique aqui.

—Não. —Ele saí da cama. —Já coloquei a camisa, vamos.

—Não vai dar certo —reclamo e desço da cama. —Por favor, fiquei aqui.

Ele respira fundo, não está disposto a concordar.

—Maria, eu sou homem, não me ofenda, eu falo com os seus pais.

—Não posso ficar vendada perto deles.

—Não pode me impedir de falar com eles.

—Jack, não.

—Eu vou.

Um nó se forma na minha garganta mais de raiva que tudo.

—Fique longe. —Mando, nervosa. —E não fale nada.

—Não vai olhar?

—Não.

Não espero por resposta, sei que ele está atrás de mim, tiro a máscara, destranco a porta e aqui está a minha mãe ao lado do marido dela, com cara de que basicamente está sendo obrigada a fazer isso.

—Sua mãe quer conversar.

—Minhas chaves —peço engolindo a vontade de chorar. —Por favor.

Mamãe me dá a chave a força, passo por ela em silêncio, não olho para trás porque sei que não posso, preciso arrumar um ponto de referência para que não acabe fazendo algo que não devo.

Odeio quando ela faz isso.

Algumas vezes ela demora dias, em outras ela demora apenas o tempo suficiente para que a raiva passe, pensando bem, acho que estou cercada de bipolares.

—Fala o que você quer—peço, minha voz está até controlada.

—Me desculpar —mamãe fala com a voz abafada. —Duda...

—Está bem, mãe, tem algo mais que queira falar?

—Me desculpe.

—Tudo bem.

—O que a sua mãe quer dizer, é que ela se arrepende muito por tudo o que ela falou. —Van parece meio disperso, sei que ele está aqui. —Seu namorado?

—É. — Mantenho o meu olhar fixo na fruteira da minha cozinha, bem mais à frente e um bom ponto de apoio. —Jack, esse é o Vandersson, o meu padrasto, minha mãe, Francesca.

Acho que estão trocando apertos de mãos, não faço ideia, pois, estou de costas para eles.

—Seja bem-vindo —Van fala com o mesmo sorriso na voz, na qual ele usa quando está recebendo algum novo cliente na academia. —Muito prazer.

—O prazer é meu —Jack está sendo extremamente educado e suspeito que esteja sorrindo.

—Ele é americano?

Por que você está sendo gentil? Tenho quase certeza que Van está até feliz por mim e ele não é assim.

—Não, sou brasileiro, mas me naturalizei americano, minha mãe era americana —Jack responde a voz firme e bem longe de nervosa. —Morei aqui no Rio até os seis anos.

—Ah. —Van, está se sentando no sofá. —Eduarda, pode nos servir um café?

Não!

—Eu sirvo. —Mamãe está arrependida, conheço, ela vem na minha direção. —Maria, podemos conversar um pouco lá em casa?

—Não. —Estou muito magoada. —Depois, está bem?

—Não quis falar aquelas coisas para você, me descontrolei.

Você queria.

—Está bem, mãe, tudo bem. —Me afasto para a cozinha, estou limpando as minhas lágrimas com força. —Ainda quer que eu saia?

—Não.

Somos boas em ser assim, somos orgulhosas e somos muito fechadas, admito que puxei esse lado meu a ela, mas eu nunca magoaria alguém dessa forma.

Eu nunca chamaria uma filha minha de coisas tão baixas ou horríveis, o mais surpreendente, é que com a Júlia, ela na maioria das vezes é bem diferente disso, Júlia já perdeu a virgindade bem antes de mim, ela não obedece a minha mãe em nada e não passa de uma grande mimada que tem tudo, comigo não foi e nunca é assim.

Não tenho inveja também, eu não gostaria de ser tratada como uma criança de cinco anos, assim como ela é tratada pela minha mãe ou o Van.

—Não quero que você se case. —Mamãe confessa baixinho.

Eu a encaro, nunca vi minha mãe com medo na vida, pelo contrário, ela sempre foi uma mulher bem-disposta e firme em todos os momentos da vida dela, mas assim, olhando para mim, vejo que o que ela tem mesmo é isso, ela está com medo de que eu vá embora.

Já sabia disso, ela já me falou, e acho que ela realmente não contava com o fato de que um dia eu fosse querer me casar ou ter um lar longe dela, estamos acostumadas uma com a outra desde sempre, acho que ela se sente ameaçada com a presença do Jack, ainda assim, não justifica, ela não tinha o direito de entrar na minha casa e falar tantas coisas terríveis para mim.

—Está bem, mãe.

—Você vai embora, não vai?

Ela começa a chorar, odeio quando ela chora, e não sei o porquê isso me machuca tanto, ela não merece que eu sinta nem pena dela, sei que mamãe é uma rocha, o pilar que sustenta a casa, mas quando ela se abala, isso afeta a todos.

—Não, mãe, nossa, para!

—Promete?

—Prometo, chega!

Ela me abraça e no fundo digo para mim mesma que não adianta ficar brava com ela, há anos eu ignoro uma centena de coisas que a minha mãe me faz pelo bem da nossa relação, do Nando, e acho que não consigo mais mudar isso, uma hora eu perdoo ela e finjo que está tudo bem, para que ela não fique pegando no meu pé.

Às vezes temos que relevar.

—Você me ajuda com o café?

—Ok, mãe.

E respiro fundo, vou pegar as coisas para preparar o café no armário, não ousou olhar para nada além dos meus pequenos e gastos móveis da cozinha, quando giro meu corpo, meus olhos estão no chão da cozinha, faço qualquer coisa, mas não olho para Jack, meu primeiro dia longe dele não funcionou, ele está na sala conversando com o meu padrasto sobre o Rio, acho que a minha semana da reflexão não começou nada bem.



Não fico surpresa por eles acabarem falando sobre futebol, aqui é assim, Van é um flamenguista sofredor-nato, a família inteira é, escuto a conversa de longe, mamãe já voltou com pão fresco, ela está me tratando como se eu tivesse dez anos de idade, tentando me cativar ou fingir tanto quanto eu, que não brigamos, tento agir normalmente, evito com todas as minhas forças olhar para a sala, gostaria de me sentir diferente de uma grande idiota por fazer isso de novo, no entanto, ao que se refere a Jack sei que não posso agir como se isso não fosse algo irrelevante, preciso respeitar isso, sei que é sério mesmo com todas as minhas dúvidas e incertezas, a escopofobia dele é profunda e o deixa totalmente diferente do que ele é de verdade.

Escuto um berro de Van, algo sobre o “Barcelona”, abaixo a cabeça e nego, esfrego as minhas faces, até eles irem embora eu vou morrer de vergonha.

Van já falou da academia dele—o que faz sempre que conhece alguém—, da dieta dele, das trilhas, das vezes que pulou de paraquedas e do quanto adora pedalar, ele faz natação também, as vezes acho ele tão convencido, mas, no fundo, no fundo até sinto um pouco de admiração, ele é disposto e não tem preguiça para nada, e sem falar que ele ajuda a minha mãe numa centena de coisas em casa, que eu morria de preguiça de fazer quando morava com eles lá embaixo.

Ele lava a louça e sabe estender roupas, já vi ele limpando os móveis algumas vezes, a única coisa na qual ele não se atreve, é a chegar perto dos fogões da minha mãe, ele é um péssimo cozinheiro, melhor, não é cozinheiro.

—Ele come pão com manteiga?

Eu não sei.

Não faço a mínima ideia.

Durante os dias que ficamos juntos, nós dois basicamente sobrevivemos com saladas, frutas, suco e café, eu comi um misto com Jack, mas não sei do que ele realmente gosta.

—Jack, você come pão francês? —pergunto olhando pela janela estreita, observo o movimento na rua, final de tarde, está bem movimentado.

—Sim, por favor.

—Quer café?

—Sim.

Admiro a educação dele, confesso, gosto disso, é difícil encontrar homens assim em qualquer lugar hoje em dia.

—Ele não parece um mal sujeito.

—Porque ele não é, mãe.

Mamãe coloca o bolo diante de mim, é um pedaço de bolo de chocolate, sei o que ela pretende, não nego, não faz mal comer um pedaço do bolo da minha mãe, isso não significa nada, arranco o pratinho dela e pego uma colher, tem recheio e brigadeiro e pedaços de chocolate, senti falta da comida dela, ou de comida.

Pego uma colher e subo na pedra, viro para o sentido da janela, de forma que fico de costas para sala, fico olhando para rua enquanto devoro o bolo, mamãe anda rápido preparando o “lanche” da tarde para o visitante, não posso reclamar isso dela, ela é muito receptiva e generosa quando recebemos visitas, mamãe sempre faz de tudo para que a pessoa se sinta em casa.

Ignoro meus medos, minha timidez, e a doença de Jack, tento esvaziar a minha mente, a situação é tão estranha, nunca trouxe um homem aqui em casa, e agora ele está muito bem sentado no meu sofá—que não é lá dos mais confortáveis—, conversando com o meu padrasto—que eu odeio, mas está sendo muito legal comigo—, falando sobre times de futebol.

Meu Marido!

Evito olhar para os meus anéis, não quero que mamãe dê mais um showzinho particular, não duvido que ela tente me empurrar pela escada quando souber, ela é tão... histérica.

—Quando se casaram?

Empalideço, fico dura segurando minha colher perto da boca, engulo o que eu mastigava a força, ela se encosta na pedra e cruza os braços, já está com um avental—mamãe fica o dia todo de avental—, é assim desde que me

entendo por gente, ela me encara esperando que eu responda, meu estômago gela, mas então estou sem saída, como ela descobriu?

—Ele tem uma aliança —mamãe diz e fica olhando para o meu dedo esquerdo. —A não ser que ele seja casado com alguma outra mulher, é claro.

—Não é. —E loto a minha boca com mais bolo. Meu Deus.

Estou tremendo.

—Sabia que havia algo diferente com você assim que a vi. —Mamãe ainda não tira os olhos da minha mão. —Vocês dois ao menos se casaram no religioso?

—Não, as coisas não foram bem assim.

—E como foram?

—Jack me pediu em noivado, e eu aceitei. —Minto, não vou falar que me casei bêbada em Las Vegas, isso não.

—Assim, do nada?

—Nós nos gostamos.

—Se gostam?

Eu a encaro, sei que ela não acredita.

—Sim, eu gosto dele.

—Por que?

Boa pergunta.

—Por que gosta do Van, mãe?

—Duda, não use isso contra mim.

—Não pode me pedir que explique por que gosto de alguém, são sentimentos.

—E como vai ser?

Outra boa pergunta.

—Ele vai passar a semana aqui comigo.

—Ele não parece ser qualquer um.

—Ele não é, ele é o meu namorado.

Mamãe me encara com uma espécie de orgulho idiota, reviro os olhos, por que eu falei algo tão clichê? Agora ela vai achar que eu estou completamente apaixonada por Jack.

—Ele não é de se jogar fora.

—Claro que não, é mais bonito que eu, não é verdade?

Ela dá um tapa leve na minha perna, ignoro, mamãe começa a montar uma bandeja, acho que ela comprou tanta coisa na padaria, que dá para alimentar umas sete pessoas.

Claus entra correndo pela porta, desço da pedra, com toda essa loucura, eu até esqueci do meu bebê.

Sah entra lotada de sacolas nas mãos, enquanto Nando vem atrás carregando outras sacolas mais leves, Claus pula em cima de mim e eu o abraço, ele está na nossa família há dois anos, é um Beagle que eu ganhei do meu professor de penal. Como a cadela dele pariu mais de seis filhotes e ele não tinha para quem dar, eu fiquei com o último que sobrou, Claus é pequeno e tem essas orelhas grandes que eu amo, tem mais manchas marrons escuras e duas claras nas patas traseiras, eu o pego no colo e tiro a corrente. Nando coloca as sacolas na mesa e corre para sala, aposto que para o colo do Van.

—Vô, eu ganhei um quebra cabeças do namorado da mamãe, não é legal?

Sempre é estranho ouvir o Nando chamando um homem com quase minha idade de avô, Van tem idade para ser um irmão mais velho meu, mas acho que todos já se acostumaram, ele parece gostar do meu filho, ao menos isso.

—Comprei açaí. —Sah solta as sacolas em cima da pedra da minha pia me olhando bastante surpresa. —Você... está... bem?

—Sim. —Ergo as sobrancelhas e olho para mamãe, ela está levando a bandeja montada para o rumo da sala também, me volto para Sah.

—Amiga, eu preciso te contar uma coisa. —Sah entende o recado. —Vem comigo no seu quarto, algo sobre o cachorro do Gabriel.

Claus late, eu o solto, Sah sabe ser tão dissimulada quanto uma atriz bem paga de Hollywood, gostaria de ser como ela as vezes, abaixo o olhar, Sah me pega pelo braço e vai me puxando—finjo que resisto é claro—para o rumo da sala, precisamos passar por lá para ir para o quarto.

Como se essa situação já não fosse a mais normal do mundo, mamãe segura meu braço e vai me puxando de volta para sala, para o rumo do sofá, aperto os olhos no momento que sei que ela me empurra para o sofá onde Jack está, me obriga a sentar aqui, respiro fundo, me estresso.

—Vó, a mamãe está fazendo um trabalho legal para a chefe dela.

—É mesmo, tia.

Sah sabe muito bem como segurar as pontas, não tiro meus olhos do

centro, Jack está ao meu lado, isso deve estar sendo uma verdadeira tortura para ele, me lembro da noite do baile, daquele Jack autoconfiante, será que ele está assim agora?

Escuto as tagarelices—mentirosas—da minha melhor amiga e cúmplice sobre a tarefa de férias que a minha chefe me passou esse ano, mamãe ouve em silêncio, ela se movimenta pela sala, está servindo a Van, servindo Jack, permaneço dura feito um pau, inanimada, meus olhos fixos no meu centro com a bandeja cheia de cestinhas lotadas de pão francês, broa, pão de queijo, e três tipos de biscoitinhos coloridos, minha garrafa de café e o meu conjunto de xícaras que eu só uso em caso de visitas de fora, ou seja, nunca.

—Então, é um projeto para que você se sinta como os deficientes visuais da Meta?

Que ideia mais furada, Sah!

—É, mãe. —Não tenho paciência, mas tento soar bem entediada. —Eu tenho que usar em horas alternadas do dia.

—E não pode ver nada?

—Nada.

—Que sentido vê nisso?

—É um método avançado de humanização —Jack responde, para minha total surpresa. —É usado em países como Rússia e Japão com o intuito de fazer os funcionários interagirem mais com os que são deficientes visuais.

Estou chocada, Jack, mentiroso!

—E você faz o que exatamente, Jack? Sua família é daqui mesmo?

Mãe, Cala essa Boca!

—Eu me graduei em física há algum tempo, meu pai era brasileiro, mas não tenho parentes aqui. —Ele está mordendo algo agora. —Isso é bom.

—E o que você faz mesmo?

Meu Deus, Mãe, ele é um físico, F-Í-S-I-C-O!

—Eu trabalho montando sistemas para algumas empresas.

—Ah, como os amigos da Duda —Van conclui todo entrosado. —Nossa menina já foi promovida várias vezes no trabalho dela.

Nossa menina?

Sah se senta a minha esquerda, não ergo o olhar, daria tudo para ver a cara desse cínico agora, ai Van, você merece um Oscar pela atuação.

—Ela não me falou muito a respeito.

Eu também não sabia que você nasceu exatamente aqui no Rio.

—A Duda é muito esperta —mamãe fala, sei que ela sorri. —Se forma ano que vem.

—E a formatura?

—Não vou fazer festa —respondo, estou nervosa.

—Mas é um momento importante.

—Nada será mais importante que pegar o meu diploma.

—Por que não vai participar da sua formatura?

Jack, pelo amor de Deus, cale a boca!

—Prefiro guardar para alguma viagem importante, queria levar o Nando para... Disney. —Sonho impossível, é claro. —Um dia, e também, a formatura ficou muito cara.

—Você pode descer depois, para a gente tomar uma gelada.

Sah provavelmente vai rir muito de mim assim que puder.

—Claro.

Mas não consigo imaginar Jack tomando uma cerveja com o Van, ele não é desse tipo de pessoa, sei que não, sinto vergonha pelo convite. Somos todos muito humildes, não tem ninguém rico aqui, moramos numa casa simples e essa família é tão louca ou normal quanto qualquer outra família no mundo, a única que eu tenho.

—Mãe, vou ver TV.

—Preciso preparar o jantar. —Mamãe se aproxima de mim e se ajoelha ficando bem na minha frente. —Duda, sei que está brava, mas não precisa agir como um robô.

Isso funciona bem melhor que ignorá-la, pelo visto, mamãe está realmente arrependida, mas não estou pronta para perdoar.

—Sei que é esquisito para você trazer seu namoradinho.

Ai meu Deus, Mãe, Pare com isso.

—Você não precisa ter vergonha dessa situação.

—Mãe!

—Ok, entendi, hora de ir. Sarah, por que não ensina a sua amiga a ficar bonita, ser mais vaidosa? Agora ela está namorando, deveria no mínimo ficar

mais bonita para o noivo.

Afundo meu rosto nas minhas mãos, estou vermelha, eu não acredito que ela está falando isso na frente do Jack, vindo da minha mãe não estranho, mas com tanta gente no mundo para ela me passar vergonha, tinha logo que ser na frente dele?

—Então, depois nos falamos. —Van se levanta. —Muito prazer cara, e desculpe qualquer coisa.

Ao menos você não está chamando Jack de meu namoradinho. Mamãe se refere assim ao namorado de Júlia, espero nunca mais ter que passar por isso em toda a minha vida.

Acho que Van aperta a mão de Jack, sei que ele levantou, e tenho a forte sensação que mamãe o observa, quero vê-lo, mas permaneço morta de vergonha, Sah levanta e se afasta, acho que ela vai acompanhar eles até a saída, espero que ela tranque bem a porta.

Estou ficando boa nisso.

Nando liga a TV, e sei que estamos só nós quatro novamente aqui em casa, coloco minha máscara, fico em silêncio com minha vergonha e constrangimento pela situação.

—Ele é flamenguista —Jack diz e ri. —Tenho pena dele.

E depois estou rindo, de volta ao meu pequeno mundo escuro, mas concreta de que isso não é tão estranho ou assustador como no começo.



Deixo Sah por conta do jantar, sei que ela provavelmente não vai cozinhar, ela odeia qualquer coisa que a ligue a culinária, ela está na cozinha guardando as compras, provavelmente pensando em algo para pedir, quando ela vem para cá, nós duas nos entupimos de comida japonesa ou lanches rápidos, eu e Jack estamos na sala já há um tempo, Nando está assistindo seu desenho predileto, A Hora Da Aventura, acho que já se passaram dois episódios desde que ele falou, é infinitamente entediante ficar assim, não posso ver TV com o meu filho, porque o meu marido tem medo que eu o veja, medo mórbido, não posso esquecer, mas estou certa de que é bem melhor assim.

Me acostumo aos poucos.

—Ele gosta mesmo desse desenho, está vidrado.

Eu sei, o Nando se prende muito fácil a qualquer coisa que faça, ele tem um nível de concentração muito forte, as vezes quando ele fica vendo desenho, parece que está em outro mundo, isso é bom, mas também é ruim, porque nem sempre ele me escuta. Se conheço o meu filho, ele está a uma distância minúscula da TV, os olhos arregalados, totalmente vidrado em seu desenho, ele é assim quando lê ou quando está fazendo a tarefa de casa, esse é o lado bom.

—Ele faz outras coisas durante a semana?

—Sim, ele tem natação aos sábados e pela tarde ele tem aulas de inglês.

—Ele fala inglês?

—Acho que um pouco, ele faz desde os oito anos.

—E você não?

—Ele precisa de alguém que pague.

—Ele é um menino muito vivido.

—Sah me ajuda com ele, ela faz questão de pagar a natação dele e as sessões de fisioterapia. —Eu não conseguiria no sistema público nunca, e cada sessão custa bem mais do que está no meu orçamento.

—Sua casa é bem decorada.

Bem decorada?

Sorriso.

Bom, tudo o que tem aqui é muito simples, não gosto de nada que enfeite a minha casa demais, ela não é muito grande, a sala se resume aos dois sofás e uma poltrona, o centro e a instante com a minha TV—que eu ainda estou pagando em suaves parcelas mensais—, um aparelho de home theater e meu tapete felpudo que comprei ano passado. Na cozinha, meus armários, minha mesa onde faço as refeições com o Nando, a geladeira, o fogão e o forno, na minha geladeira deve ter uns duzentos imãs coloridos, Nando adora colar um todo mês desde que ele tinha três anos. Nos quartos apenas nossas camas e guarda roupas, no meu quarto tem um banheiro que atende às necessidades de apenas uma pessoa, bem básico, e tem o banheiro que fica no corredor entre nossos quartos, que é de visitas, mas que o Nando usa para tomar banho, esse é maior porque sei das dificuldades que o meu filho enfrenta sempre, temos alguns quadros que ele fez durante os anos na creche, bem colocados nas paredes da parte da sala, porta-retratos na instante, alguns livros meus, acho que é isso, nada demais.

—É um lar.

—É, a nossa família vem crescendo bastante, adotamos a Sah há algum tempo, ela obedece, às vezes.

—Eu já decidi —Sah berra da cozinha, não está ouvindo nossa conversa, é claro. —Vou comprar Subway, que tal?

Aqui perto tem um centro comercial onde tem várias lojas de fast food, quero revirar os olhos, Nando comemora, ele adora esse tipo de coisa, eu também, mas não estou com ânimo, cheguei ontem de viagem, queria comer algo como a maionese de mamãe, mas estamos brigadas agora e quero ela bem longe daqui.

—Acho boa ideia. —Jack concorda. —Quero um vegetariano.

Ele não come carne!

—Claro —acabo por concordar. —Eu quero o meu de frango.

—Ótimo. —Sah comemora satisfeita. —Eu compro depois das 19:00, Nando, vamos para o quebra cabeças?

Ela é tão animada quando se trata dele, que sinto inveja. Nando nem espera, só escuto o som da TV desligando e em seguida os passos arrastados correndo para dentro de casa.

—E vocês dois, nada de ficar se pegando no sofá.

Ainda não entendo como ela age assim, tão normalmente a isso. Vou perguntar para Sah, mas acho que ela quer tanto me ver bem, que ignora o fato de que eu estar sempre vendada na frente do meu “namoradinho”, seja algo bem esquisito, namoradinho não, Bad Romance.

—Sarah iria passar o resto das férias com você?

—Essa semana, ela não quis viajar para praia.

Meus planos incluíam voltar para casa, aproveitar as minhas semanas finais dando alguns retoques no meu TCC, já está quase pronto, mas pelo visto, ao menos por essa semana, nada de TCC. Isso bem antes de conhecer Jack, até dois dias atrás, achei que teria uma semana para colocar meus pensamentos em ordem, mas também isso não vai acontecer tão cedo, achava que o veria semana que vem, para a tal viagem que ele falou.

—Disse que me levaria a um lugar aqui no Brasil, onde fica?

—No litoral, você... ainda quer ir?

Coço o pescoço, não viajo para o litoral há anos, acho que minha última

viajem com mamãe para o nordeste foi há uns cinco anos antes de eu começar a faculdade, e apesar de a viagem ter se resumido em termos ficado na casa de uns parentes enjoados de Van, eu até que gostei.

—Não sei ainda, você vai ficar a semana inteira?

—Já disse que ficarei o tempo necessário.

—Quanto a sua empresa?

—Não se preocupe.

—Mas, Jack, você precisa trabalhar...

—Maria, eu ganho o suficiente para não precisar trabalhar tão cedo, por favor, não se preocupe com isso.

Imagino que sim, todavia, não quero parecer algum tipo de estorvo na sua vida, Jack.

—Quero descansar também, conhecer mais sua família, parecem pessoas boas.

—Sério?

—Sim, seu padrasto é bem jovem.

—É, eu superei isso há um tempo.

—Ele parece um bom homem.

—Você viu todos aqueles músculos?

Jack ri, acabo rindo também, Van não é exagerado, mas ele é bem forte e eu adoro tirar uma com a cara dele por causa disso.

—Pelo menos ele não estava sem camisa. —Jack coloca a mão em cima da minha está soada, mas não treme tanto. —Você ainda está brava?

—Não.

Ficamos de mãos dadas por alguns minutos em silêncio, estou sem assunto, até que Jack levanta e me puxa para cima, ele coloca o braço em volta de mim e me conduz, já sei para onde estamos indo, não me oponho.

—Estou um pouco cansado, não dormi na viagem até aqui, posso dormir um pouco?

—Sim, claro.

Ainda me assusto com sua gentileza, sua educação, diferente do homem que conheci há uma semana, mas até onde ele poderá suportar tudo isso sem que a bipolaridade dele atrapalhe? Ontem mesmo nós trocamos uma briga silenciosa, é difícil adivinhar quando Jack mudará de humor, mas já tiro

minhas próprias conclusões.

Ele não gosta de falar da escopofobia, nem dele, e também ele não me quer longe, principalmente quando eu tento me afastar dele, é algo que o irrita profundamente.

Ele me quer por perto, ora, por que viria do outro lado do mundo atrás de mim? Isso tudo é tão irreal, tão improvável e absurdo demais para que eu acredite.

Jack me beija assim que fecha a porta do meu quarto, vou andando para trás, enlaçando-o pelo pescoço, devoro a boca dele e adoro isso, ele devora a minha da mesma forma, precisamos disso, precisamos um do outro.

—Quero você —ele fala entre o beijo. —Eu não me importo com mais nada.

Meu coração dispara e puxo a camisa dele para cima, Jack me ajuda a tirá-la, toco os ombros dele, a pele quente que me deixa desejosa e, não resisto em beijar o peito dele, ele está respirando fundo, ele puxa minha camiseta e ergo novamente os braços, permitindo que ele a tire.

—Se alguém bater na porta, não sei se conseguirei parar —ele avisa baixinho.

—Eu não quero que você pare!

Não sinto como se estivesse sendo fácil, e não me sinto mal por estar cedendo ao que o meu corpo deseja, não consigo abafar isso, estou terrivelmente atraída por Jack Carsson, e estamos casados, mesmo que nosso futuro seja incerto e nosso passado seja um mistério esquecido em minha memória, tudo o que quero é ele.

Tenho certeza disso, não quero pensar, se eu parar para pensar, vou desistir e não é isso o que eu quero.

Deveria ter resistência, força de vontade, mas tudo o que desejo é tê-lo, saber como é que isso funciona, sentir o corpo de Jack no meu.

Ele abre o botão do meu jeans, estou beijando a garganta dele, minhas mãos deslizam pelos braços dele, tudo o que quero é tocá-lo, senti-lo, meu coração acelera mais e mais e respiro um pouco com mais dificuldade, ele abre o zíper da minha calça, minha boca está entreaberta, minha cabeça erguida esperando por mais um beijo dele.

As mãos dele acariciam meus quadris e aperto os ombros largos dele, Jack enfia a língua na minha boca e se abaixa em seguida, puxando a minha calça

para baixo, fico mole, parada, não sei bem como agir, devo ajudá-lo com a dele também?

Tiro os pés de dentro da calça e sei que estou apenas de calcinha, minha respiração se acelera logo que as mãos dele deslizam lentamente pela minha bunda, ele enfia as mãos por dentro da parte de trás da calcinha, e eu prendo a respiração conforme ele vai puxando para baixo, mais e mais.

De todas as vezes que o meu coração pareceu acelerado, essa é a pior, respiro pela boca, é insuportável tentar pelo nariz, ele abaixa a calcinha tão devagar, que a ansiedade vai crescendo dentro de mim e me deixando ainda mais sem ar.

Esvazio minha mente, me concentro em seu toque, é macio e quente, ele deixa a calcinha entre meus joelhos, junto as pernas e ela cai no chão.

Jack toca minha barriga e me encolho, um pouco surpresa com o toque, estou tão nervosa, estou mesmo fazendo isso? Quero isso?

Ele me empurra para trás, abafo o grito porque sei que cai na minha cama, mas até então, não fazia ideia de onde estávamos, me ergo e minhas pernas são violentamente separadas, ele abre as minhas pernas com força e em seguida a boca dele está me mordendo com força na minha ai!

Fico ofegante pelo susto, me apoio nos cotovelos, tonta com o beijo íntimo, tudo gira e sorrio com essa sensação gostosa, Jack está me chupando bem devagar, ah, e isso é... é... gemo, não saberia descrever em palavras o quanto isso é maravilhoso.

—Hum. —ele me lambe do começo ao fim, me contraio. —Você é muito gostosa.

Sou?

A língua dele volta a me lamber bem devagar, e as mãos dele vem subindo para os meus seios, me encolho, e ele desce as mãos de novo para minha barriga, estou esquentando de novo, ele está me deixando louca assim.

Deixa a região dos grandes lábios e sobe para o meu clítoris, arfo porque essa é a minha área bem mais sensível e se quer me dava conta disso até hoje, minhas costas ardem, e a minha virilha começa a latejar. Jack segura o meu corpo contra a cama nesse momento e isso se torna forte, me tremo toda, e é como se levasse um choque no meu clítoris, ele treme e eu gemo, um pouco assustada e maravilhada com isso, Jack dá um tapa forte aqui e engulo o grito, estou gozando.

Me contorço toda, acho que ele está rindo, estou agonizando com tudo isso, quero gritar, mas não posso, ele volta a me lambar, me sinto vulgar por puxar os cabelos dele e desesperadamente esfregá-lo em mim, mas quero mais.

Ele abre mais minhas pernas e começa de novo a lambar meu clítoris agora bem mais rápido que da primeira vez, e estremeço de novo erguendo meus quadris para ele, sou toda dele.

—Goze para mim.

Não preciso que peça, meu corpo treme com violência dessa vez e ele me suga incessantemente, me provocando mais e mais orgasmos, ele me puxa para beira da cama e me vira de costas.

—Tente ficar de pé.

Escorrego para fora da cama me agarro a colcha tentando firmar as pernas, elas tremem, estou de costas para Jack, ele empurra o meu corpo para frente, fazendo com que eu fique deitada com minha bunda para cima, separa minhas pernas, acho que ele está de joelhos de novo.

—Jack, o que está fazendo?

—Amor.

Ele toca e enfia a cabeça na frente do meu corpo, de forma que fica sentado de frente para mim, volta a me chupar, fico sem ar e vou um pouco para trás, ele espera que eu aguente isso em pé?

—Não quer fazer amor comigo de verdade?

—Já estamos fazendo amor, vida.

Meu coração vai disparando, ele não para de me beijar um segundo me proporciona tanto prazer e está sendo carinhoso comigo como nunca ninguém foi.

—Não consigo ficar em pé.

—Você é muito sensível.

—É, acho que sim.

—Tente aguentar um pouco mais, querida, isso pode ser fantástico.

Faço que sim com a cabeça, me seguro na cama, e a boca dele está embaixo de mim, novamente me sugando bem devagar, mordo meu lábio inferior com força, ah, estrelas de novo, Jack me provoca lentamente, a língua dele é tão quente, úmida, é ótimo.

As mãos dele seguram meus quadris, e estou derretendo, ele sabe que não consigo se quer ficar em pé, as ondas de prazer se multiplicam dentro de mim, e perco o ar diversas vezes com todo o prazer que ele me proporciona. Por fim, não aguento e acabo gritando, Jack me afasta e me puxa, a língua descendo para minha entrada, ele me lubrifica bem com sua língua, depois puxa meus quadris para baixo, me seguro nele, duvido que precise de qualquer coisa para me deixar mais molhada.

Sinto a pontinha dele e me seguro em seus ombros escorregando, desço, e desço, ele é enorme, ele me puxa e me beija com força, todo o reflexo do que ele sente por mim através desse beijo, isso é mais forte do que ele, é mais forte do que nós dois.

Enquanto nos beijamos, ele me move pelos quadris, ele usa camisinha, apoio meus pés no chão, e sou toda dele nesse momento, nunca me senti tão bem em toda a minha vida, não o vejo, eu apenas o sinto, eu o quero, eu o desejo.

Como nunca quis outra pessoa em minha vida, eu o quero mais que tudo.

Ele me move com lentidão e sinto sua quentura, é duro, perfeito para mim, toco sua face e o abraço, sinto vontade de chorar.

—O que foi?

—Nada.

—Vamos para cama.

—Sim.

Me ergo e o meu marido me beija com toda a intimidade do mundo, subo na cama e me deito, ele deita em cima de mim segurando minha perna, me penetra de novo e gemo, isso é tão gostoso.

—Você quer parar?

—Não.

—Está triste.

—Não.

Quero que entenda que eu nunca fiz isso na vida com um homem de verdade, sem parecer uma espécie de trauma, sem parecer doloroso ou triste e que para mim, esse momento é perfeito, que esperei dez anos por um momento como esses, mas já fizemos isso uma vez ou várias, então não posso, talvez, quem sabe um dia eu lembre?

Não quero me apegar a isso.

Beijo ele, Jack está com as mãos dos meus lados sustentando seu corpo e vindo para mim, entrando mais e mais, me aquecendo, me dando novas sensações, meu corpo é só dele, estou ficando mais sensível ainda.

Ele acelera, e começa a estancar com força dentro de mim, gemo, estou tendo outro orgasmo, ele sai e me lambe toda, soltando um gemido baixo.

—Gosto quando goza para mim, vida.

—É?

—Adoro seu gosto.

Provo do meu gosto na boca dele sem me importar, isso o excita, Jack me penetra com força de novo e me seguro no ombro dele, me contraindo com as ondas de prazer que ele me proporciona agora, forte, quente, rápido, único.

—Mais. —Solto. —Forte.

—Onde?

Onde? Preciso falar?

—Aqui.

—Aqui onde, vida?

—Onde está.

Ele ri, aperto as pernas nos quadris dele, me sinto tão ousada, e essa não sou eu, quando isso acabar, vou estar arrependida, morta de vergonha e eu vou surtar, mas nesse momento não consigo pensar em nada além dos nossos corpos.

—Fale, sim? —Ele volta a se mover mais devagar, o sexo se acalma, cola a testa na minha. —Fale onde, sim?

—Na minha vagina.

Minhas bochechas estão mais vermelhas, com certeza.

—Não pondere comigo, amor, gosto de sexo bem sujo.

—Fala com palavrões?

—Não apenas isso, mas por enquanto está ótimo, fale, na sua buceta.

Meu estômago gela, nossa!

—Fale.

—Na minha... minha... buceta!

Saiu tão baixo que eu duvido que ele tenha ouvido, mas ouviu, porque

volta a me penetrar com mais força, sorrio de novo, extasiada com o prazer que cresce dentro de mim, ah, essa é a melhor sensação de todas.

Jack sabe fazer de um jeito que eu gosto, tem um jeito de eu gostar? Tem, esse jeito.

Rápido ele me possui, como se conhecesse muito bem o meu corpo. Minha virilha queima, meu clítoris esquenta, começa a escorrer algo úmido de mim e meu corpo é invadido por um êxtase maravilhoso e tão forte, que soluço, me tremo toda, ele lambe meu pescoço e se contorce, a camisinha se enche dentro de mim.

—Merda!

Aperto a bunda dele com força, deixando que desfrute desse momento comigo, dessa agonia, e em meio a escuridão vejo vários focos de estrelas, Jack Carsson, o que você fez comigo?



Noite 1 da Obsessão

Tudo está em absoluto silêncio.

Me sinto exausta, não quero me mover, Jack está ao meu lado, nossos corpos estão grudados de suor e eu nunca senti tanto calor em toda a minha

vida, mas não quero que ele saia de perto.

Aperto ele, coloco um beijo no peito dele, é tudo o que eu quero nesse momento, ele aqui comigo.

Ele beija a minha cabeça e meus olhos por cima da máscara, quero olhá-lo agora, lhe dizer o quanto isso significou para mim, o quanto foi especial, o quanto eu gostei, foi tudo!

—Você é ótima.

Isso é bom?

Não gostaria de ter ouvido algo assim, engulo todas as palavras que queria falar, eu as guardo, talvez eu esteja sendo precipitada, eu não posso falar tudo assim de cara, posso?

—O que foi?

—Nada.

—Você não gostou?

—Gostei.

Devo ter algum problema, se ele falou que fui ótima, devo ter sido e isso não é algo ruim, pelo contrário.

—Maria?

—É o meu jeito, estou bem.

—Machuquei você?

—Não.

—Então, o que é?

Respiro fundo, estou estragando tudo, me desvencilho, me ergo, acho que a Sah tem razão quando falou que eu deveria ter contado sobre “isso”, não tem nada a ver conosco, mas é algo que sinto que devo falar para ele, esse você é ótima soou mais como: adorei te usar e, não quero me sentir assim.

—Você se arrependeu?

—Ainda não.

Abraço minhas pernas, o que eu estou fazendo?

—Eu gosto muito de você, Jack, bem mais do que deveria.

Ele não fala nada, gostaria de ao menos olhá-lo, falar isso olhando nos olhos de Jack e ver sua reação, mas não posso, abaixo a minha cabeça, não é o momento para falar sobre sentimentos, é muito cedo, não quero me ferir em

nenhum sentido, não posso confundir o que acabamos de fazer com qualquer coisa que lembre algo diferente de atração, é isso, deve ser, mas gosto mesmo dele.

—Também gosto de você. —A voz dele está baixa. —Muito.

—Prefiro que fale isso a me achar ótima —digo sincera. —Eu nunca tive um namorado, quanto mais um marido, espero um pouco de paciência.

—Eu também. —Ele toca as minhas costas. —Eu já tive uma noiva.

Soraya.

—Você a amava?

—Sim.

Não me sinto mal em ouvir isso, essa conversa é muito inadequada para esse momento, depois de fazer amor as pessoas não conversam sobre outros relacionamentos e sim sobre elas mesmas, mas preciso saber o que aconteceu, o que aconteceu de verdade.

—Como se conheceram?

—Na faculdade, não te falaram dela?

—Quemalaria?

—Júlia, a irmã dela é a melhor amiga de Júlia.

Ah, então é isso.

—Fomos noivos um tempo, mas não deu certo, hoje é casada com outro homem, somos amigos.

—Entendo.

—Não quero que fique irritada, nem eu mesmo entendo porque falei sobre isso.

—Por que eu sou especial?

Ele ri.

—Não?

—Claro que é.

Jack beija meu ombro e me puxa para ele, eu vou e subo em cima dele, me deito mais à vontade com seu corpo, sua nudez, não me importo, acho que o fato de estar vendada ajuda um pouco a ir perdendo a timidez, mesmo tenho minhas incertezas sobre isso.

Não imagino como as coisas serão agora, mas bem, não me importo.

Jack coloca os braços em volta de mim e estou absolutamente convicta de

que não quero estar em nenhum outro lugar se não aqui, com o meu bad romance.

Estou grudenta de suor, Jack também, sinto calor.

—Preciso ligar o ar.

—Senhora Carsson, você tem um ar?

Quero rir, mas me mantenho neutra.

—O Van que instalou, por causa do Fernando.

—Onde fica?

—Na tomada perto da porta.

Saio de cima dele, quero algo para me cobrir.

Jack anda pelo quarto, minha cama está intocável, mas está meio úmida, coro, me emborco. Ele volta para a cama e deita em cima de mim.

—Não precisa ter vergonha.

—Hum.

—Obrigado.

Jack está me agradecendo por eu ter feito sexo com ele?

—Vida.

—Você gostou?

—Se eu gostei?

Beija meu ombro.

—Quero que se sinta bem comigo.

—Por que?

—Você não pode me ver.

Isso é bem melhor que ver Jack.

—Estou bem.

Ele vai para o lado, me leva junto e fico deitada de costas em cima dele, as mãos dele estão tocando minha barriga, tento relaxar, não passou pela minha cabeça que um dia conheceria alguém assim, não imaginei que a minha “primeira vez” fosse ser tão incrível e não tenho palavras para descrever tudo o que ele me fez sentir há pouco.

Perdi o pudor, a sanidade, estou louca.

Gosto disso quando deveria banir, gosto de ser tocada por ele, do jeito como ele me beija, de tudo o que estamos tendo agora, compartilho com Jack tantas

coisas novas, que nem mesma eu sei definir o que devo pensar.

—Você está muito calada.

—Eu sou assim.

—Eu já percebi.

Ele morde o meu ombro, sorrio, tudo está um pouco mais calmo dentro de mim agora.

Três batidas na porta, mas não consigo me mover.

—Eu já voltei, trouxe comida.

—Ok, Sah, nós já vamos.

Estou bem, e sei que ela já sabe o que nos dois estávamos fazendo enquanto ela saiu, acho que ela saiu com o Nando justamente por isso, será que demoramos muito? Perdi a total noção do tempo.

—Que horas são?

Jack se estica, acho que ele pega algo no meu criado.

—São 19:30.

Nossa.

—Pode me ajudar a colocar minhas roupas?

—Claro.

Acho que ele sorri, saio de cima dele e me sento, fico esperando por ele, Jack está se vestindo, seco minhas mãos na colcha sem deixar de sentir que estou sendo totalmente observada por ele.

Ele vai ao banheiro e quando volta me puxa pelo braço, fazendo com que eu fique em pé, ele me dá as ordens enquanto coloca a calcinha em mim, fico vermelha, bastava que me entregasse, mas não replico também, a acabarei discutindo com ele.

Ergo meus braços e me enfio na camiseta, ele me beija e tudo isso faz algum sentido para mim nesse instante.

Gosto de Jack, ele me enlouquece e me irrita, mas eu adoro quando ele está por perto, mesmo que isso signifique não o ver, não saber exatamente quem ele é.

—Desculpe por parecer invasivo sempre.

—Tudo bem.

—Não quero ficar longe de você, quero que você seja só minha.

Quero falar que nunca fui de mais ninguém, mas não consigo.

—Vida?

—Também quero que você fique comigo.

—De verdade?

—Sim.

Abraço ele, e me encho de uma sensação de paz que nunca senti na vida.

—Você não quer vestir algo mais confortável?

—Tudo bem, essa calça.

Nos beijamos mais uma vez e Jack me ajuda a vestir a calça, me seguro nos braços dele para não cair, depois quando já estou vestida, ele me pega pela cintura e me conduz até a sala, tento ir arrumando os meus cabelos novamente no coque, se bem que duvido muito que a Sah não saiba que acabamos de fazer amor.

Amor não, vadia, trepar.

Ah, você voltou!

—Compramos Subway! —Nando berra e sinto seu abraço forte, abaixo e ergo ele no colo—Você está bem né?

—Claro que estou. —Lembro do que acabei de fazer, se quer tomei banho, coloco o meu filho no chão no mesmo momento. —Então..., hoje temos Subway!

—É—Nando se afasta em passos rápidos. —A tia Sah pediu um de trinta para o seu namorado, acha que ele consegue?

—Com certeza. —Jack aperta o meu quadril com força e beija a minha cabeça.

—Então, quero contar as novidades...

E Sah começa, reviro os olhos embaixo da máscara, não entendo que parte de mim se rompeu e concordou com tudo isso, mas ignoro a outra que se nega em aceitar, esse é o meu novo mundo por enquanto, concordei—não sei por que, ainda—, mas é, e tenho que estar disposta a ignorar até mesmo o meu bom senso.

Jack me guia até a cozinha, nos sentamos a mesa, tem quatro lugares, ouço o barulho dos papéis se rasgando, Nando está puxando a cadeira para perto de mim, sei que ele sentiu minha falta nesses dias, estou tão envolvida em meu próprio mundo, que esqueci que sou mãe, posso beijar a cabeça dele, certo?

Acho a cabeleira cacheada e beijo, sinto o cheiro de bebê do meu filho, é bom estar em casa, é bom tê-lo aqui, Sah está contando sobre a aventura no Subway, do atendimento sem graça das moças que montam o sanduíche, nenhuma novidade até então.

Jack está a minha direita, Sah se senta de frente para mim, Nando abre meu pacote e as mãos de Jack seguram as minhas, ele me entrega o sanduíche, comemos Subway todo começo de mês, Nando ama, Sah também, eu acho até bom, mas um pouco enjoativo, se ela me conhece, deve ter pedido um molho meio agridoce que eu costumo pedir, mordo, nossa, está ótimo.

—Eu pedi duplo cheddar para você, Duda. —Sah está mastigando. — Aquela azeda caprichou, acho que reclamei tanto, que ela acabou colocando a mais.

—A tia Sah é muito barraqueira —Nando fala a boca está cheia.

Rio, isso é verdade. Sei que ela está fazendo aquela cara de “me poupe” de sempre, ouço uma risadinha vinda de Jack, não estamos acostumados com uma quarta pessoa, mas não me sinto incomodada com sua presença, pelo contrário.

—Eu não sou barraqueira, querido. —E estala esses dedos insuportáveis dela. —Me poupe!

Ela está estreitando os olhos, ah Zeus!

—Nós vamos tomar açaí de sobremesa. —Nando está muito feliz. — Mamãe, você está muito calada hoje.

—É.—Como se eu fosse muito falante. —Mas eu estou bem.

—Já arrumei o meu colchão no quarto do Nando. —Sah insinua.

—Mãe, podemos ver um filme juntos? Todos nós?

—Claro, amor.

—Vocês veem filmes juntos? —Jack está bem surpreso.

—Toda sexta, desde que tínhamos uns cinco anos, quer dizer, eu tinha cinco anos, a Duda tinha oito —Sah explica e ouço o estalo de uma latinha de refrigerante abrindo. —Ela cuida de mim tão bem.

—Nós. —Corrige Nando, meio sério. —Você quase morreu afogada daquela vez, em Angra, lembra? Se não fosse por mim, teria morrido.

Nando tinha seis anos, Sah uma ideia idiota de se matar..., foi um dia terrível, pensando bem, já passamos por tantas coisas juntas, é incrível como

o tempo passa rápido também.

—Só você para me salvar mesmo, meuxuxuzinho!

Sah está sorrindo feito uma boba, acho que ela dá um beijo grudento de molho nele, ela o ama, e eu a amo mais por isso, é um círculo vicioso o nosso, essa é a minha família desde... desde que eu descobri que estava grávida.

—Que tipo de filme vocês veem?

—Clássicos da Disney—respondo. —Sah acha que é a Branca de Neve.

—Pelo menos eu não sou a Mulan.

Amo a Mulan, ela é tão forte, a melhor princesa sem dúvida, a mais decidida, mas se não me engano, hoje não é sexta, é segunda, e quem escolheria na sexta dessa semana seria eu.

—O que vai ser, mãe? —Nando morde algo crocante. —Compramos doritos, como está sendo a cegueira?

—Está sendo diferente —confesso, me refiro realmente a experiência, não gosto de mentir para o meu filho. —E hoje nós vamos assistir, A Pequena Sereia.

—Ah não, mãe.

—Procurando Nemo?

—Ainda não?

—Monstros S.A?

—Bem frio.

Mordo meu sanduíche e penso por alguns instantes.

—Ah. —Me endireito. —Os Vingadores?

—Acertou! —Nando dança na cadeira, estou sorrindo. —Bate aqui, mamãe.

Estendo a mão e acerto o ar, ouço risadas dele e de Sah, acho que Jack também ri, mas tão baixo e discreto que acho que é meio impossível ouvi-lo, Nando segura meu pulso e bate na minha mão de leve, fecho punho e ele bate com o punho dele no meu, nosso aperto de mão secreto.

—Mãe, eu coloquei o seu celular para carregar, não me disse que comprou um novo.

—Não comprei, Jack me deu.

—Hum, ele é legal.

Nando tem um celular, que ele joga e usa para se comunicar comigo, Sah quem teve a ideia, mesmo que eu não aprove e não tenha nenhuma dessas redes sociais estranhas, eu sempre estou com o pé atrás, ele ainda é muito novo para essas coisas, mas ajuda muito nos momentos em que acontece algo na escola ou mamãe não pode pegar ele nos lugares.

—Você colocou senha.

—É, coloquei,

—Eu acho que bloqueei ele tentando desbloquear a tela, desculpe.

Não faço a menor ideia do que ele está falando, mas não estou brava.

—Posso dar uma olhada depois. —Jack parece estar mastigando algo. —Sarah, poderia, por favor, me dar um pouco de água?

—Não quer um suco?

—Eu não bebo suco em lata, faz mal para saúde, apenas a água, por favor.

Não fico surpresa, mas também isso é um pouco diferente do que estou habituada a ouvir dos meus amigos da faculdade, a maioria deles mantém péssimos hábitos, eu mantenho péssimos hábitos, Jack não é assim, isso é tão... natureza, tão... Van!

Sah levanta, sei que ela não se incomoda, ela mesma evita muito refrigerante ou essas coisas mais gordurosas, mordo meu sanduíche, talvez ele seja desses caras que são obcecados por academia, por dietas saudáveis, não me importo, mas fico curiosa.

—Você faz dieta? —pergunto, tentando manter a voz sem muito interesse.

—Não, mas eu sou vegetariano, vida.

Ele está me chamando de vida na frente do meu filho, da minha melhor amiga!

Coro, pela milésima vez, incrédula diante dos atos desse homem, da forma como ele me trata.

—Uhu, a mamãe tem um namorado!

Me viro para o rumo dele, estou mais envergonhada do que brava com o Nando, tenho certeza que ele falou isso sob influência de Sah, ela nem disfarça, fica rindo feito uma otária.

—Mãe, relaxa, eu já conversei com o Jack, eu deixo.

Não creio nisso!

Jack ri, ainda controlado, preciso entender por que ele parece se controlar.

—Então—Nando pigarreia, percebendo minha irritação. —Desculpa?

—É bom mesmo. —Me viro para frente, mordo meu sanduíche, francamente!

—Mãe, não fica com vergonha. —Ele pede meio sem jeito, conheço o meu filho. —Só quero que a Senhora fique bem.

Agora ele está falando como uma criança bem mais velha, eu sei disso, meu amor, suspiro, ele está tentando fazer com que eu me sinta confortável com a situação, Sah deve tê-lo estimulado, conversado com ele durante essa tarde, mas o Nando é um menino muito compreensivo, ele se parece comigo nesse sentido.

—A Senhora nunca teve namorados, não quero que a Senhora fique sozinha para sempre.

—Não vou ficar —garanto, quero dar um apertão nele. —Fofinho.

—Eu sou um cavalheiro.

—Das trevas.

Ele gargalha e não tenho mais motivos para ter medo. Estou vendada, comendo sanduíche com o meu novo namorado e a minha família e, isso não é a coisa mais aterrorizante do mundo por enquanto.



Que tal ver um filme sem ver?

É assim que eu me sinto, tão pouco nos sentamos no sofá, percebo que vou ter que ver o filme a minha nova forma, ouvindo, veremos dublado, Sah já colocou o colchão no chão—eu acho—para ela e o Nando deitarem, Jack e eu nos sentamos no sofá de frente para tv, ele não me solta por nada e prefiro assim.

Coloca o braço em volta do meu ombro e esperamos ela voltar para começar o filme, me recosto nele e quero sorrir, a calça que ele usa é de tecido bem macio, moletom, eu acho.

—Nunca vi um filme em família.

Poxa Vida, Jack, não fala essas coisas assim do nada para mim.

O que eu digo?

—Bem, sempre tem primeira vez para tudo.

Coitado, isso é tão triste, claro, Jack cresceu num internato ou melhor, em vários, longe de tudo e de todos, isolado, isso é triste, bem mais do que eu possa ser capaz de pensar, imaginar, nunca passei por isso, apesar de todo o meu isolamento durante a gravidez—mamãe me obrigou a ficar os nove meses trancafiada dentro de casa—, minhas colegas de escola sempre vieram me ver nesse período, Sah esteve comigo em todas as etapas, minha família—mesmo que mamãe basicamente nem falasse comigo—, todos estavam aqui, haviam pessoas me cercando, conversando comigo, me criticando, mas haviam pessoas.

—Seu açai.

Sah coloca a tigela congelada em minha mão, no segundo seguinte escuto o som da abertura clássica da Disney, Nando fala algo sobre Thor, ele é louco com esses super-heróis, ano passado era o homem aranha, no anterior o Ben 10, agora esses Vingadores, ele está crescendo, numa fase de transição.

—Posso tirar o tênis?

Claro que pode, Jack, pare de ficar me pedindo permissão para fazer as coisas, o que há com você? Onde está o homem mandão e grosso que vive me dando ordens?

—Claro que sim —me restrinjo. —Você quer provar?

—Aham. —Ele está tirando o tênis. —Esse filme é bom?

—Sim, o Fernando já viu umas cem vezes, gosta de filmes de ação?

—Não vejo muitos filmes, andava sem tempo.

—O que gosta de ver?

—Gosto dos clássicos, apenas desenhos mais antigos.

—Carmen San Diego!

Jack pega a minha mão livre, depois a beija, a mão dele está fria e treme um pouco, já entendi, nada de falar agora, talvez isso atraía a atenção dos outros dois, e sei que você não quer que ninguém o veja.

Tem medo disso!

Pego a colher, sei que o meu pote está cheio, eu amo açai, mas prefiro dar a primeira colherada para ele, ergo e miro no rumo dele, Jack come, como não fala nada, prefiro entender que gostou, provo minha primeira colher, aí, saudade, Sah colocou bastante leite em pó e granola, deve ser por isso que ele não estranhou o gosto.

—Isso é bom —ele sussurra no meu ouvido. —Quero mais.

Me arrepio toda, recarrego a colher e estendo no rumo dele, Jack aceita, fico ouvindo as primeiras falas do filme, Sah está batendo com os pés no colchão, isso sempre me irrita profundamente, mas agora não me sinto mais irritada nem com isso, estou tão relaxada.

Me atento enquanto vou dando o açaí para ele, na quarta vez já sei o caminho para boca de Jack, ele está silencioso, ele está assistindo o filme mesmo, durante a primeira explosão ele dá um pulo, sinto vontade de rir. Meu Deus, Jack Carsson, o que está acontecendo com você?

—Esse filme é muito interessante.

—É.

Ele basicamente arranca a minha tigela das minhas mãos, escondo a colher também.

—Vida, me dê a colher.

—Você é um atrevido, sabia?

Jack me beija e aproveita a minha fraqueza para me tomar a colher, esse aproveitador, fecho a cara, ele ri, sei que sim, sinto a pontinha da colher com açaí na minha boca, como com raiva.

—Você é muito bonitinha quando fica brava.

Viro a cara também, ele ri e deixa um beijo gelado no meu pescoço, ui.

—Gosto de te alimentar.

—Sei.

—Você cheira a sexo —sussurra no meu ouvido.

Fico vermelha, como é cheirar a sexo?

—Gosta disso? —estou sussurrando também.

—Sim, e logo que voltarmos para o quarto, quero te deixar insuportavelmente cheirando a sexo.

Jack me beija de leve, fico embaraçada com o que ele acaba de falar, ignoro os sinais do meu corpo, meus seios estão mais firmes, os mamilos duros, e estou toda arrepiada dos pés à cabeça, é isso o que a voz desse homem faz comigo, meu coração vai disparando de vez enquanto as pequenas ondas de calor se situam no meio das minhas pernas.

Estou tão... Tão... como estou?

—Você quer?

Eu não penso duas vezes antes de responder.

—Quero.

—Então vai ter.

Gosto dessa ameaça, isso soa como uma espécie de ameaça, Jack continua a me “alimentar” por assim dizer, quando ele para, sei que o açaí acabou, ele passa o braço em volta de mim de novo e me puxa para o colo dele, me encosto, não estou vendo o filme mesmo.

Ele se move tentando se acomodar, e depois de novo, a posição está desconfortável, escorrego me deitando no sofá.

—Vem—chamo.

—Com licença.

Para deitar comigo? O que está havendo?

Fico perplexa, e quando ele deita e me acomodo, Jack agradece baixinho, acho que fiquei bem na frente dele, não quero atrapalhar, então, passo por cima dele e me enfio atrás dele, acomodo minha cabeça no braço do sofá, passo o braço em volta dele, Jack entrelaça os dedos nos meus, beijo a cabeça dele, ele usou o meu shampoo, os cabelos já estão secos, quero tocá-los, mas não vou me mover, está ótimo assim.

Estou quieta, meus pensamentos nesse instante, as vezes beijo a cabeça dele, sinto vontade de ficar cheirando Jack, isso é estranho, tenho a impressão que o filme acabou, escuto os créditos, nossa, Já?

—Eles dormiram —Sah sussurra.

—Sério?

Jack dormiu?

Escorrego para fora do sofá devagar, acho que Sah está levando o Nando para cama dele, ela volta e me conduz para longe daqui, assim que entramos no meu quarto, essa invasora tira a minha máscara, já está de noite, olho pela minha janela a escuridão e as luzes nos postes da rua, nada é diferente para mim nesses oito dias de férias, estou sempre no escuro.

—E aí?

Sah está cheia de empolgação, sei que não dá mais para esconder, ela olha para a minha cama de um jeito sugestivo.

—Vai negar?

—Não, não vou.

Ela comemora, quero me esconder, nunca em toda a minha existência, achei que teria que falar sobre essas coisas com ela, Sah é a menina das confidências—absurdas—, eu não.

Minha melhor amiga me puxa, para o rumo da cama, ela se senta aqui segurando as minhas mãos, nós duas sorrimos, e aos poucos meu sorriso se transforma em pequenas lágrimas, porque tudo isso é muito novo para mim, não é como eu sempre sonhei, pelo contrário, o oposto, mas... foi perfeito, a sua forma.

Nos abraçamos, Sah está feliz por mim, eu estou feliz.

—Não chora, sabe que quando chora, eu choro.

Eu sei, é sempre assim, no fundo no fundo, somos duas bobas sentimentais.

—Ele foi... carinhoso?

—Sim, foi... foi ótimo.

—Bem, agora você tem uma boa primeira lembrança dele.

Mais ou menos, Sorrio, Sah seca as minhas faces, abraço ela de novo.

—Ele não é uma má pessoa, Duda, eu entendo, precisa ver a forma como ele olha para você.

O problema é que eu não posso.

—Como ele me olha?

—Ele te olha com admiração, não sei, do jeito que você merece ser observada.

Estranha, acho que está convivendo demais com esse escopofóbico.

—Gostaria de me lembrar mais da primeira vez.

—Não importa se não lembra, o que importa é o agora.

—É, talvez.

—Ele te tratou bem?

—Sim.

Gostaria que a minha mãe fosse assim, gostaria que ela se abrisse comigo dessa forma, mesmo que fosse estranho, queria que minha mãe soubesse disso, não desfazendo da Sah, ela é como minha irmã do meio, antes da Júlia nascer, Sah já estava aqui comigo, porém, acho que toda mãe deveria ser mais amiga de sua própria filha.

—Vocês usaram camisinha?

—Sim, ele usou.

—Duda, você tem 28 anos, não precisa ter vergonha de ter uma vida sexual ativa.

—Eu sei, mas é estranho.

—Vocês treparem?

Fico séria, Sah tampa a boca, estava bom demais para ser verdade.

—Desculpa, Duda.

—É estranho eu ficar vendada, queria... sonhei..., queria tantas coisas diferentes.

—Isso mudou o que você sentiu?

Acho que o fato de eu não ver, me deixou ainda mais atizada.

—Não, mas queria olhar nos olhos dele e falar o quanto foi importante para mim, você sabe, também queria não ter feito isso bêbada.

—Se não tivesse feito, não teriam se casado e talvez, ele nem estivesse aqui hoje.

—Não me sinto honrada com isso, Sah, eu tenho medo dessa doença dele.

—Eu sei, Duda, mas... e a sua felicidade?

—Minha felicidade não depende dele.

—Então, por que está com ele?

—Gosto dele.

—O quanto gosta?

—Não sei medir.

Sah fica me olhando boquiaberta, não sei por que fui falar isso, mas é como me sinto e pronto.

—Você se apaixonou por ele?

—Nunca me apaixonei por ninguém, Sah, como posso saber?

—Você sente.

—Sinto muitas coisas quando ele está por perto, principalmente raiva.

—Ele te chama de Vida.

Ela me sacode pelos ombros, acabo rindo, é, droga, Jack Carsson é tão diferente de tudo, todos.

—Sabe o quanto isso é fofo no meu fofometro?

Faço uma ideia.

—Você sabe que ele está completamente apaixonado por você, certo?

—Não, não sei, ele não falou.

—Precisa ser cego para não ver.

Faço cara de tédio, completo tédio, ela ri.

—Para com essa paranoia, apenas deixe as coisas acontecerem.

—Como beber e casar com um estranho?

—E trepar com ele a noite toda.

Sah, como você é Vadia, e eu estou rindo disso.

—Quer chamar o seu amor para vir... fazer sexo apaixonado com você?

—Melhor não —decido, eu não sei se sou capaz de mendigar qualquer coisa relacionada a isso a ele. —Leve um lençol.

—Por que você não vai para lá dormir com ele?

No sofá?

—Aí, Duda, você está na sua casa, o homem veio de Paris por você, alguma coisa você tem que o homem quer, ele gosta de você, não precisa amá-lo profundamente, apenas viva o momento.

Respiro fundo, viver o momento!

—Ok, vou tomar um banho primeiro.

—Duda!

Ela sabe que se eu ficar, não terei coragem de sair desse quarto, e me estende a máscara, tenho a opção de ficar e dormir aqui, mas eu aceito a máscara, quero viver o momento, e essa é a minha escolha.

—Vamos logo, quero tomar banho no seu banheiro.

—Não acredito que me enxotou daqui para dormir no meu quarto e usar o meu banheiro.

—Eu só estou zelando pela sua vida amorosa.

Algo me surge.

—Sah..., você deu em cima do Alejandro?

—O que?

E ela faz uma cara de espanto que eu só vejo quando ela realmente se assusta muito com algo.

—Eu não. —E ela faz uma outra careta azeda. —Aquele idiota falou isso?

—Jack falou.

Sah franzi a testa bem mais que surpresa.

—Ele é um merda. —Sah está furiosa. —Acho que ele se enganou, porque essa mulher não sairia com um cara tão arrogante.

—O que houve?

—Nada, durante o jantar naquela noite em que você não desceu e ele ficou me encarando, ignorei é claro, acho ele muito estranho.

—Ele é calado.

—Ele deve ter entendido os meus olhares como flerte, eu realmente não entendo o que esses moleques veem em mim.

Eu entendo, quero rir, Sah permanece furiosa.

—Ele disse isso para o Jack?

—Não entendia a apatia dele por você, Jack me falou que ele disse que você deu em cima dele, fiquei morta de vergonha.

—Eu não, já passei dessa época, ele deve ter entendido errado, acho que vou vomitar.

Recoloco minha máscara, Sah ainda reclama enquanto me leva de volta para a sala, depois ela me explica onde está me deixando, no pé do sofá e diz que daqui a pouco trará o meu ventilador de pé e um lençol, realmente, hoje está bem quente.

Fico parada decidindo se tiro ou não o meu jeans, pelo silêncio, Jack dorme profundamente, não quero incomodar ele, sei que nunca conseguiria dormir com esse jeans, então o tiro, devagar apalpo o braço do sofá, minhas mãos alcançam os pés dele, me enfio de novo atrás dele e vou devagar, fico de lado, ele mal se move, abraço Jack, fico quieta.

Tento relaxar, acho que dormir aqui não é tão boa ideia, penso em levantar, mas aí ele se mexe, se vira para mim, me abraça, a perna dele se enfia nas minhas, como em Malibu, sorrio, procuro o sono, estou bem mais que protegida com o meu Bad Romance agora.





Dia 2 Da Obsessão

—Bom dia!

Me ergo meio atordoada com o chamado do Nando, toco minha cabeça ele pula em cima de mim, meu coração está aos pulos, é péssimo acordar assustada e de repente não ver nada, parece que você acordou e ainda está no dormindo.

—Pelo amor de Deus, não faça mais isso.

Respiro fundo, já posso morrer, aperto ele e faço cocegas no Nando ele pula e esperneia, toco as perninhas dele, ele está de novo sem a bota.

—Nando.

—Tudo bem, já vou por.

Ele precisa entender que é para o bem dele, acho que as vezes tudo o que ele quer é se sentir como as outras crianças, mas isso não é o melhor para ele e, eu não quero que ele seja como as outras crianças, ele é assim e eu o amo assim.

Nando pula para longe, me deito novamente, o ventilador está ligado, só nos quartos que tem ar condicionado, sei que não estou no sofá, como vim parar no colchão?

—Vou levá-lo a um especialista.

—Desculpe, ele te acordou.

—Eu já estava acordado, fiz o seu café, salada de frutas e torradas de pão integral com geleia.

—Não precisava.

Estou sem graça, me sinto de novo mimada, isso vem acontecendo com frequência, eu acho que no nosso caso deveria ser o contrário, eu deveria

preparar o café dele, afinal de contas, ele é a visita.

—Não deveria ter se dado ao trabalho, eu poderia...

—Não preciso que se preocupe, já disse.

Ou Seja, sem discussão.

Jack se senta ao meu lado, ele encosta a ponta da colher na minha boca, aceito, a salada está divina, tem até um gostinho de mel, eu não sei de onde ele arrumou tantas frutas, sei que aqui em casa não tem melão, nem mamão, nem nada, fiquei uma semana fora, não deixei nada que fosse estragar, não acho que Sah tenha comprado tantas frutas assim.

—Desculpe por ter dormido ontem no sofá.

—Não precisa se desculpar, você estava cansado da viagem.

—Sim, eu não tinha conseguido dormir durante o voo.

Poxa Vida, Jack, como você é ansioso.

—Você quer descansar mais um pouco depois do café? O que fazem quando vocês estão de férias?

—Fico mais em casa mesmo, acho que já percebeu que eu não saio muito, depois, costumamos sair para comer, eu sou muito caseira.

—Eu também.

Não dessa forma, nada pode se comparar a doença de Jack.

—Então, nós vamos ficar o dia em casa?

—Sim.

—E o que você costuma fazer?

—Eu tento sobreviver a Sah e não matar ela com todas as minhas forças.

Jack ri.

—Vocês duas são inseparáveis.

—Sim..., você tem amigos?

—Meu irmão.

Alejandro, por que não estou nenhum pouco surpresa?

Aceito outra colherada de salada, Jack é uma pessoa só desde sempre, como poderia ter muitos amigos?

—Não sou bom com amizades, afasto as pessoas de mim, sou impaciente.

—Eu não tenho muitos amigos, mas tenho bastante colegas e conhecidos.

—Homens...

—Eu não gosto de ter amizade com os caras da faculdade, no meu trabalho quase não tem homem, então, acho que não tenho muita atenção masculina disponível.

—E o pai do seu filho?

Ele me beija de leve, toca a minha face, acho que Jack já percebeu que eu odeio falar sobre o Jorge, ele se desculpa através do beijo pela pergunta e eu tenho plena certeza de que ele não vai desistir da resposta.

—Eu não vejo o pai do Fernando há uns cinco anos, nós não temos contato um com o outro.

—Por que?

—Porque eu não quero, não nos suportamos, ele e eu nos detestamos.

—E então, por que namoraram?

—Não namoramos.

—Vida, eu não entendo por que teve um filho com ele.

Você é tão doce agora, ergo a mão e toco sua face, enfio a mão na nuca dele, puxo ele para perto, beijo ele com lentidão, Jack gosta disso.

—Só ficamos juntos uma vez vida —respondo escolhendo cada palavra. — Não precisa ter ciúmes, porque dele eu quero distância, ele não é nada além de um depósito de espermatozoide para mim.

—De verdade?

Ele está tão inseguro.

Por que, Jack?

—Sim, de verdade.

—Você foi ótima ontem, eu gostei muito do jantar, vocês são muito calorosos.

—Espere para ver até a hora em que eles começarem a brincar de pique na casa.

—Gostaria de ter uma família assim.

Penso muito bem antes de falar, devo me arriscar mais? Devo.

—Agora você tem.

—Acha que ele gostou de mim?

—Se não gostasse, ele deixaria bem claro, o Nando não é um garoto muito fingido.

—Quero que ele me aceite.

—Não precisa ser aceito, Jack, você é o meu marido e as pessoas têm que entender isso, pronto.

Sei que ele sorri, metade de mim está feliz com isso e a outra metade está assustada e triste. Jack não teve uma família na infância, ele não tem amigos, ele é sempre só, isso deve ser tão doloroso e, tudo o que ele me pede agora, é que eu o aceite, meu filho o aceite, bem diferente da forma como ele falou quando nos conhecemos, agora ele não está me obrigando a nada.

Acho que a salada acabou, ouço o som da minha garrafa sendo aberta, o café sendo despejado numa caneca, depois em outra, o cheiro está bom, ele me entrega uma caneca, coloca essa coisa cheirosa de morango diante de mim, e mordo, ciente que uma torrada, está crocante e doce, Jack morde a torrada também.

—Aqui está sendo um local muito bom para mim.

—Você me desculpe também se tudo é mais simples.

—É tudo como deve ser.

—Você gosta de estar entre a pobreza?

—Já estive entre pessoas bem mais pobres, Maria, acredite, não existe coisa pior do que conviver com pessoas pobres de espírito.

—Como por exemplo.

—Os meus irmãos.

—Sem parecer a viúva-negra da família, por favor.

Ele ri, gostaria de ser diferente disso, mas não consigo, essa sou eu.

—Alguns concorrentes, conhecidos do ramo, a lista é um pouco grande.

—Como é a sua empresa?

—Normal.

—Servem café para os funcionários?

—É algo fundamental, temos máquinas de café ligadas o dia todo.

—Pode me dar uma máquina de café?

Acho que ele me observa agora, fico sem graça, preciso me controlar.

—Posso te dar outras coisas bem mais interessantes.

—Ah é, sexo.

Ele gargalha, ouço o som dos passos do Nando, faço gesto de silêncio,

estou vermelha, sugerindo que o meu marido faça sexo comigo, que legal, logo numa manhã de terça.

—Pronto, já troquei de roupa e coloquei a bota, vocês já tão comendo?

—É, você quer?

—Sim, mãe, e a vida de cega?

—É difícil ter as pessoas cuidando de mim assim.

Pego a mão de Jack e puxo no rumo da minha boca, mas cadê a torrada? Nando cai na risada, ele também, abaixo a cabeça e estou completamente constrangida, Nando vem e se senta no meu colo, acomodo ele, acho que Jack está servindo alguma coisa para ele comer, quero muito ver isso.

Não posso.

—O que é isso no meio da salada?

—É granola —Jack responde. —Vocês dois precisam comer coisas saudáveis.

—Está falando igual ao vovô. —Nando devora uma colherada. —Mas é bom, tem gosto de sucrilhos.

Bebo um pouco do meu café, eu e o Nando nunca tivemos a presença de um homem durante o café ou em qualquer momento, é novo para a gente, não sei como me comportar, estou meio dura e nervosa, para o meu filho isso tudo é até normal.

—Ei Jack, você gosta de ler?

—Sim, e você?

—Eu gosto muito, quer ver a minha coleção do Percy Jackson?

—Com certeza, sua mãe disse que gosta de Harry Potter.

—É muito legal.

—Tomei a liberdade de comprar algo para você, espero muito que goste.

—Mais presentes?

Também estou surpresa, Jack se levanta, posso sentir toda a empolgação do meu filho, ele fica agitado no meu colo, ouço seus passos voltando para nós.

—Espero que goste.

—Obrigado.

Nando não cabe em si de felicidade, conheço ele, posso imaginar seu

sorriso, seus olhos cheios de felicidade, e uma outra centena de coisas.

Acho que ele abre uma caixa agora, fico esperando, presa a minha própria ansiedade, curiosidade, e de repente ele fica parado, mexe no que tem dentro, e vai tirando tudo de dentro da caixa.

—O que é?

—É... é uma coleção completa de HP!

Fico paralisada.

—Eu pedi que o Olaf comprasse, eu mesmo escolhi, Você gostou?

—É perfeito —Nando diz ainda incrédulo. —Mãe, eu posso aceitar?

—Eu não aceito devoluções —Jack fala com mais firmeza. —Quer que eu ajude a levar para o seu quarto?

—Sim.

Beijo a cabeça do meu filho, ainda não acredito, sei que eles saem em seguida, me pergunto por que ele faz essas coisas, claro, Jack disse que gosta de mim, mas ele não precisa dar presentes caros para mim ou para o Nando para que seja correspondido de nenhuma forma.

Ouçõ os berros de Nando para que Sah acorde, Jack volta, minhas mãos derretem, bebo mais um pouco do meu café—que está ótimo—, nem tenho palavras para agradecer.

—Acho que já está na hora da Senhora tomar um banho, não acha?

Hora de Tregar, Vadia!

—Claro.

Deixo a caneca no chão e Jack me ergue do chão com facilidade, me recuso a acreditar que concordo com isso, mas quero tanto.

Ele me beija, me rendo ao seu beijo, e da forma mais profunda e fútil, estou presa a ele, o cheiro de eucalipto denuncia o meu banheiro do corredor, Jack me deposita no chão, passa a tranca na porta e já estou de novo com os nervos à flor da pele.

—Tire a sua roupa, quero que se dispa para mim.

Obedeço, tomando cuidado com a máscara, primeiro a camiseta, depois a minha calcinha, não uso nada além disso, fico parada—morrendo de vergonha—, esperando o próximo passo.

Ele enfia a mão no meu pescoço e todos os arrepios voltam e fica insuportável novamente respirar pelo nariz, abro a boca, ele me beija e me

empurra contra a porta com força.

Sinto sua ereção na minha barriga, o corpo quente no meu, eu o abraço, minhas mãos estão nas costas dele, e desço até a bunda de Jack, ele se contrai, erguendo uma das minhas pernas, Já está com a camisinha, ele abaixa e sobe, me penetrando bem devagar.

Ah, como é bom ser penetrada por você, Jack.

Começo a ouvir uma música antiga de amor, sorrio, e ele entra com força me preenchendo, aí mesmo, estou tremendo de novo, minhas mãos o seguram pelos ombros e ele me levanta para cima, segura a minha bunda enquanto as minhas pernas se fecham envolta dele.

Ele gira comigo, e anda, quero que se mova e me leve ao paraíso, escuto o som da porta do box se fechando e ele abre o chuveiro, nos enfia na água fria, me arrepio toda, não é um hábito muito diferente para mim, todos os dias tomo banho de manhã para ir para o trabalho.

Nunca fiz sexo nesse banheiro, estou profanando a minha casa aos poucos com esse homem.

Jack aperta a minha bunda e começa a me mover devagar, ele está tão duro, adoro isso, estou sensível também, ele lambe a extensão do meu pescoço e alcança minha orelha, e isso é o que eu quero, meus quadris seguem esse instinto natural de todos, e o prazer vai tomando forma dentro de mim.

Abaixo e subo e o pênis dele me preenche mais e mais, ele morde o meu pescoço com impaciência, e segura os meus quadris com firmeza.

—Se controle—ordena. —Fique paradinha.

—Assim.

—Eu digo o quanto está bom, e enquanto eu te como, você fica calada.

E mete com força, gemo, é involuntário, fico calada, e mesmo desconhecendo esse lado dele, estou bem assim, Jack é intenso, ele é ótimo nisso, sou nova, talvez não saiba controlar mesmo a mim mesma.

Fico mais sensível, tento ao máximo ficar parada enquanto ele se move me, penetrando com força, rápido, ele me observa, sei que sim, é homem, como não olharia? Mas não é apenas como se sentir observada, me contraio mais e mais, ele não me beija mais depois disso, apenas me come.

Fica insuportável ter que aguentar isso, fazemos barulhos fortes com as estancadas, estou tão lubrificada, e esquento muito, ele não para com o

primeiro orgasmo, nem com o segundo, e me sinto torturada com isso, já chego num ponto em que quero gritar de tanto prazer, sei que não posso, do meu lado direito está o meu quarto, e do meu esquerdo o quarto do Nando.

Jack estanca mais três vezes com força e explodo dolorosamente, me seguro nele, e estremeço, trepido sem forças, estou chorando, todo o prazer fazendo com que eu me retese toda, ele esfrega meu clítoris com o polegar e arfo soluçando forte com o orgasmo.

—Boa menina.

Boa Trepada!

Ele também está gozando, posso sentir o jato quente e forte sufocado pela camisinha, Jack lambe o meu nariz, e tira minha máscara, ele lambe os meus olhos, e depois me beija com força, estou tão fraca, que duvide que queria tentar entendê-lo agora, é difícil e cansativo ficar pensando no porquê dele ser tão bipolar as vezes, como agora.

Me acalmo lentamente, ele também, mas me mantém erguida, ele se afasta e desço dele tentando manter um pouco do equilíbrio nas pernas.

—Droga!

O que foi dessa vez?

—Eu, eu machuquei você.

Machucou?

Fico um pouco confusa, não me sinto machucada, pelo contrário, nunca estive tão bem em toda a minha vida.

—Me desculpe, eu não quis te machucar.

—Por que está falando isso?

—Você sangrou.

Coro, nossa!

—Vou te levar a um médico ainda hoje.

—Jack, tudo bem, não senti dor.

—Machuquei você!

Não entendo por que isso parece magoá-lo tanto.

—Vai no médico.

Ele não está pedindo, não quero discutir também.

—Ok, eu vou então.

—Me desculpe por isso.

—Minha máscara, por favor.

Acho que ele se arrependeu, me sinto idiota, eu não me importo com isso, deve ser normal, as vezes pode ser que aconteça, eu nunca fiz sexo “de verdade” com um homem.

—Maria, me perdoe.

—Você sabe que eu não estou sentindo dor, certo?

—Não queria isso.

—Jack, pelo amor de Deus, eu estou bem.

—Por favor, me desculpe.

—Eu desculpo.

Ficamos calados por alguns momentos, quero chorar, não precisava disso.

—Maria?

—O que?

—Abra os olhos.

—Eu não quero.

Sei que estou escondendo a verdade dentro de mim, de mim mesma, da realidade, de tudo, estou vivendo tudo isso intensamente e da forma que tudo começou.

Começou errado vai acabar errado.

Mas aperto o foda-se, estou cansada de ficar pensando como as coisas serão, como posso adivinhar? Sinto que preciso saber tanto a respeito dele, se não o vejo, ao menos ter um pouco de informação sobre ele.

Dou um passo, solto os meus cabelos do coque e enfio minha cabeça no chuveiro, tudo muito além da minha realidade, me sinto como se estivesse em cima de uma montanha muito alta, prestes a pular de cabeça.

Odeio altura.

—Quero que me fale de você, Jack.

—Não é uma opção.

—Então, lhe dou uma escolha.

Ele fica calado, deve estar me analisando, respiro fundo e decido.

—Ou você fala, ou tudo acaba aqui!



Segundo dia

—E se eu decidir ir?

Tenho medo da resposta, não medi bem a minha proposta, eu não sei, o que eu digo?

—É a sua escolha, não a minha.

—Maria.

—Eu não posso te ver, está bem, eu estou começando a entender isso, mas não pode me negar o direito de saber mais sobre você.

—O que quer saber?

Ele está bravo de novo.

Ignoro ele, é melhor, o que poderia esperar além de pura bipolaridade e irritação? Esse é o jeito de Jack!

Apalpo a parede e acho a saboneteira embutida, começo a me lavar, as coisas não podem ser sempre do jeito que Jack quer, não posso permitir que ele entre na minha vida e dite tudo, não gostaria de forçá-lo a falar nada, acho que ele deveria falar por livre e espontânea vontade.

—Você não vai falar comigo, é isso?

Começo a cantar uma música que gosto muito, num grito gasguita, e finjo que ele não está aqui, estou tão brava com esse comportamento dele.

Canto Give me Love, Ed Sheeran, amo essa música, e nunca pensei que fosse cantar algo assim num momento de pura raiva e nervosismo.

Tropeço numas três palavras, mas continuo, no refrão estou gritando,

realmente, admito, sei ser uma grande chata quando eu quero, eu mesma não me aguento as vezes, e essa é a coisa mais infantil do mundo, eu sei.

Jack dá uma risadinha debochada, me irrita ainda mais com isso, dou as costas para ele, pego o shampoo, nunca tomei banho com um homem na vida, estou coberta de vergonha, raiva, nervosismo e uma centena de coisas ao mesmo tempo, enquanto tento sobreviver ao meu segundo dia com ele sem que nós dois não acabemos nos matando de tanto brigar.

Escuto o estalo e ele queima, Jack bateu na minha bunda, é impossível engolir o grito de dor, me viro para ele, estou furiosa.

—Seu.

—Para aprender a se controlar.

—Minha bunda está ardendo.

—Não queira que eu deixe ela bem pior, querida, no dia em que eu comer a sua bunda ela estará bem mais ardida.

—Seu merda!

—O que mais?

—Idiota, grosso, animal!

—Algo mais?

O Jack arrogante e grosso retorna, aí como eu odeio quando ele faz isso, abro mais a torneira do chuveiro, preciso me enxaguar e sair daqui, não preciso me sujeitar a isso, eu não preciso e não vou, de novo não, estava demorando demais.

—Eu sou um merda de um louco, é isso o que eu sou, Maria, se você não for capaz de lidar com isso. —Ele deixa a frase morrer. —Eu não gosto de falar sobre isso, eu odeio na verdade, prefiro ser a pessoa que está aqui ao seu lado, fingir que sou bom, porque isso me deixa mais feliz do que eu era antes de te conhecer.

—Eu não quero que finja.

—Quando eu não finjo, eu sufoco você, e você fica assim.

—Então, fingiu desde o começo?

—Não, não em relação ao nosso envolvimento, nem ao seu filho, mas eu não deveria estar aqui, estou fazendo tantas loucuras em vir atrás de você, meu tio está doente, ele provavelmente está louco por eu ter sumido, eu larguei tudo.

—Me desculpe.

—Você me enlouquece.

—É recíproco.

—Eu não vou sem você, eu a quero, eu a desejo, e eu não suporto a ideia de tê-la longe de mim, eu não quero que fique longe, se isso significar ficar aqui, largo tudo, basta apenas que diga, agora, se você não estiver disposta a lidar comigo, fale agora, que eu sumo e nunca mais te perturbo.

Segunda opção, segunda opção, por que eu me meti nisso, Meu Deus?

—E como você ficaria?

—Não ficaria.

Nossa.

Jack, por que você é tão sincero? Minta para mim!

—Está insinuando que você.

—Sim, não seria a primeira vez, não faz diferença alguma.

Jack já tentou se matar.

SUICÍDIO.

—Por favor, eu, eu não queria assustar você, está vendo? Eu não sirvo para me abrir, acabo te assustando.

—Prefiro assim.

Estou sendo sincera, não sei se devo abraçá-lo, talvez pareça que eu sinto pena, eu sinto, mas não é apenas isso, não quero que Jack sofra, é isso, quanto mais descubro ao seu respeito, mais concluo que ele tem mais marcas que eu própria, me assusto com isso mas ao mesmo tempo quero saber mais, estamos casados, seria estranho se eu não soubesse, por mais obscuro que isso seja, por mais que isso seja uma grande dor para ele.

—Sou louco por você, por favor, pense com cuidado na sua decisão.

—Você precisa me dar a sua também.

—Não sei se estou pronto para me abrir com você.

—E eu não sei se estou pronta para conviver com você sem conhecê-lo por completo.

Jack me observa, fico tentando lembrar de alguma vez na vida que tive que tomar uma decisão tão radical, claro, a mais difícil foi ter o Nando, até hoje encaro as consequências dessa escolha, ele mudou a minha vida para sempre, não gostaria de ter que tomar outra decisão radical tão cedo, mas é preciso, eu

já sei o que quero, agora Jack só precisa me falar o que ele realmente quer.

—Tenho que responder agora?

Em nenhum momento a voz dele mudou essa dureza, a firmeza, ele está totalmente sério.

—Eu já tomei a minha decisão.

—Me fale então.

—Preciso saber a sua primeiro, Jack.

—Que droga, Maria, você é tão impossível.

—Bem-vindo.

Ele está impaciente, pego o sabonete e volto a me lavar, não quero que perceba o quanto tudo isso me afeta, são muitas declarações em pouco tempo.

—Isso significaria ficar comigo para sempre?

Poxa, para Sempre?

Para Sempre, sempre acaba, já dizia aquela música, mas tem um soneto que eu amo que diz o contrário.

—E que seja infinito enquanto dure.

Acho que ele sorri, não quero soar romântica, Jack espera que eu fique para sempre com ele, isso é romântico, muito na verdade, eu nunca perguntaria isso para alguém, acho que apesar de tudo, para ele também é tudo novo, estamos casados a exatos um... dois... ao que tudo indica, quase onze dias tentando lidar com isso, talvez para ele seja tanta pressão quanto para mim.

—A minha resposta é sim.

Deveria ficar abalada com isso, eu realmente não sei o que pensar sobre isso, ele disse sim, sim para ficar, sim para se abrir comigo.

—E qual é a sua resposta?

—Sim também.

Estou quase sem fala, Jack solta o ar aliviado, estamos tensos, poxa, é a primeira vez em toda a minha vida em que eu tomo uma decisão tão importante em tão pouco tempo.

Isso pode mudar a minha vida para sempre, para bom ou para ruim, mas é o que eu quero, eu quero o Jack Carsson.

Ouçõ sua respiração, é ofegante, ele esteve nervoso durante essa conversa, sinto como se o torturasse intensamente, eu também estou nervosa, eu nunca

fiz isso em toda a minha vida, nada disso, é novo para mim e eu não quero estar tomando decisões erradas, é como dar um tiro no escuro.

Ele avança e me beija com violência, isso machuca, me sinto alvo de despejo dessa coisa que ele sente, dessa frustração, mas sei que eu provoqueei isso nele, Jack morde a minha boca com tanta força que solto um gemido de dor, depois ele lambe o local como se estivesse se redimindo por isso.

—Tem certeza, vida?

BIPOLAR!

—Sim, eu tenho, e você?

—Sim, eu tenho certeza.

Talvez casamento seja isso, é!

Tomar decisões importantes a cada momento, se sacrificar pelo outro e essas coisas que mamãe não cansa de repetir para mim, não é como namorar, um vínculo no qual os dois ficam separados as vezes, não tem que tomar decisões juntos, não envolve outras pessoas, como as duas famílias, os filhos de um dos dois, algo que pode se acabar a qualquer momento, casamento é algo mais sério, é uma união que para se manter inabalável, tem que ter um certo equilíbrio das duas partes, coisa que eu e Jack estamos começando a ter, mas para isso, precisamos de um contato bem mais que íntimo.

—Não quero te forçar a nada, não vou ficar fazendo perguntas a respeito de você, Jack, mas gostaria que se alguma vez nós entrarmos no assunto, você não recue, que seja sincero e que não tenha medo de me falar.

—Vou tentar, tenho medo de que saiba e se afaste de mim.

—Não posso me afastar de você.

—Não pode, ou não quer?

—Eu não quero.

Ele me beija de novo e de novo, me sinto tonta, em nenhum momento quero abrir os olhos, está bem assim, posso ir tentando me acostumar mais, depois quem sabe eu consiga fazer ele confiar em mim o suficiente para que eu o veja? Mas para isso, preciso descobrir como tudo isso começou na vida dele.

—Hei, vocês dois. —Sah está batendo na porta do banheiro. —Parem de berrar aí, eu estou tentando dormir aqui, cara.

Acabo rindo, Jack também, aperto ele, hora de sair do banho.

—Duda, sua irmã está aqui —anuncia Sah. —E a tia Fran também, e o... traste.

Van.

Eu deveria estar surpresa? Mamãe trabalha em horário de almoço, Van nem sempre fica o dia todo na academia, e Júlia está de férias, já deveria saber, respiro fundo, preciso ter paciência com eles também, afinal de contas, eu nunca trouxe um homem para cá e direta e indiretamente, tecnicamente a casa é da minha mãe.

—Eu estou deixando as roupas aqui perto da porta, os celulares, e acho que uma máscara seca.

Sah, você combinou alguma coisa com Jack pelas minhas costas, só pode ser.

—Obrigada—respondo.

Sei que Sah se afasta, seguro a mão de Jack e coloco o sabonete nela, conheço bem esse banheiro, posso me virar nele mesmo de olhos fechados, é bem mais fácil do que na casa dele em Malibu, que eu não faço ideia de onde ficam as coisas.

—Tem como eu fazer a minha barba aqui?

—Aham, vou pegar o...

—Esse é seu? Eu uso ele!

Nem sei por que eu coro, não uso isso para me depilar, uso cera, esse é apenas para emergência, pernas e axilas, eu sempre deixo guardado num cantinho na altura da janela, do lado do meu esfoliante.

—Eu não uso para me depilar.

—Eu não me importo com isso.

Me beija de leve, me afasto, quero fazer xixi, claro que não vou fazer aqui, saio e fecho o box, acho o vaso e me sento, não sinto nenhum incomodo agora, não dói.

—Você gostou?

—Do que?

—De fazer amor comigo.

—Sim, achei que tivesse percebido.

Tento parecer espontânea, sei que ele está aqui ao lado me olhando, tenho certeza disso, me sinto exposta, mas bem, já começamos isso.

—Você é muito boa.

—Sou?

—É.

Um pensamento zombeteiro me vem à mente.

—Você me daria quanto?

—Nove.

Sorriso vermelha, terminei, levanto, vou para o bidê, é isso o que os casais fazem certo?

—Nove é muito além das expectativas.

—E dez?

—Dez é, um dia eu te conto.

—Está bem.

Não indago, não posso, prometi que não ficaria fazendo perguntas, não quero forçar nenhuma situação, acho meu sabonete íntimo no canto do lavatório, acho que Sah deixou aqui ontem, me lavo um pouco retraída, aqui está bem... viscoso, estou totalmente melada, lavo bem, minha bunda também, levanto, sei que estou molhando tudo, toco o lavatório e alcanço a porta, abro os olhos, pois, estou de costas para ele, as nossas roupas limpas estão dobradas aqui num canto, um conjunto composto por um sutiã e calcinha meus, uma cueca box cinza com o emblema “Calvin Klein”, e a máscara, olho para o corredor, ninguém aqui, pego tudo e fecho a porta me erguendo, Jack me abraça por trás.

—Não faça isso.

Isso o que?

—O que?

—Não fique de quatro.

Eu fiquei!

—Me desculpe, então, não foi intencional.

—Eu sei.

Sinto sua ereção nas minhas costas, coro ainda mais, nossa, já se recuperou?

—Te ajudo com a roupa.

Ele gosta de me vestir, será que é sempre assim com as outras amantes

dele? Que foi assim com a ex noiva dele? Elas não podiam vê-lo e ele sempre fazia tudo para elas?

—Você sempre as veste? —A pergunta simplesmente sai.

—Não.

—Então.

—Maria, eu não costumo ser assim nos meus relacionamentos, eu não costumo ser tão paciente, nunca dormi com nenhuma das minhas amantes.

—E com a sua noiva?

—*Ex* noiva? Sim, mas não posso chamar nosso envolvimento de noivado, não hoje em dia.

—Ela te abandonou?

Jack suspira, ele não quer falar disso, me arrependo de ter perguntado, mas estou muito curiosa, as perguntas saem sem que eu perceba.

—Sim, mas não da forma como Júlia te contou.

Ele sabe que Júlia me contou!

—Não foi no altar nem nada, tudo isso não passa de uma grande mentira que Mirna inventou para fazer Soraya parecer uma vilã.

—Sua tia?

—Ela não é minha tia.

Enquanto falamos, ele me seca com todo cuidado do mundo, me lembro da Gil, ela cuidou tão bem de mim, ainda estou cheia de vergonha dele.

Perdendo a Vergonha, né Vadia?

—Nós ficamos juntos cinco anos, estava na faculdade, ela também, quando a pedi em noivado ela recusou, e antes que pergunte por que, foi porque nosso relacionamento era muito... diferente.

Diferente?

—Se tornou algo abusivo com o tempo, e nós dois não estávamos mais felizes com aquilo, em parte porque éramos muito jovens quando começamos, tínhamos dezoito anos. —Jack abaixa e vai secando as minhas pernas. —E também, ela não queria bebês.

—E você quer?

—Claro, um dia.

E beija a minha barriga, fico tremendo por dentro com o beijo, isso é tão...

droga, fofo!

—Quero pelo menos três, sempre quis filhos, claro que não será um processo muito fácil, eu preciso primeiro domar a mãe.

Você precisa é de ser domado!

—Você é claro.

Eu sei, Jack, já estou ficando louca só de pensar em ter um filho, quanto mais um filho seu.

—Soraya não gosta de crianças?

—Nós dois não tínhamos condições psicológicas de ficarmos juntos.

—Por que?

—Porque praticávamos sexo com um outro casal.

Fico calada diante da revelação, meu estômago embrulha, tem algo pior do que isso? Jack suspira e completa: —Éramos submissos.



Pequenas Revelações

Fale algo, Duda, fale algo, senão ele vai parar de falar!

Fala Vadia!

—Entendo.

Jack se ergue, ele está me observando em silêncio, o que mais poderia falar? Submissos? Submissos daqueles dos filmes? Sadomasoquismo? Acho que isso é um sonho louco... não, um pesadelo!

Meu estômago se revira novamente, Jack é um sadomasoquista!

—Entende mesmo?

Não, nenhum pouco, quero vomitar.

—Acho que sim.

Não posso afastá-lo, mesmo que isso seja bem difícil de engolir, tolerar e entender, Jack está se abrindo comigo, fazendo essas pequenas—gigantescas—revelações e não posso permitir que ele pare, posso engolir tudo e depois processar com calma, em um outro momento, agora preciso descobrir quem realmente é Jack Carsson, o homem com quem me casei. Meu Marido!

—Fale alguma coisa.

A voz dele está baixa, arrastada, nem sei o que falar, mas não posso ficar calada, não quero que ele perceba o quanto estou realmente assustada com isso, ele me avisou, ele me disse, contudo, como poderia conviver com ele sem saber algo sobre ele mesmo? Sua vida? Seu passado?

—Vocês dois eram aqueles casais que praticam surras e essas coisas?

—Não, nós éramos os submissos, os que... eram açoitados.

—E você gostava disso?

—Foi a melhor maneira que encontrei de mantê-la comigo.

Nossa.

—Soraya? —falo o nome dela a força.

—Sim, ela gostava.

Ele volta a se mover, acho que está se secando, fico parada, meus braços moles, meu estômago girando, eu achava que só existiam pessoas assim nos livros, eu nunca pensei que isso aconteceria comigo.

—Não pratico mais, pode ficar tranquila.

—Era bom?

—Era suportável.

Suportável vindo de Jack, soa como: normal.

Não é normal deixar que alguém te espanque, não é normal viver sendo

ação, o que essas pessoas tem na cabeça?

—Você parece inteligente demais para isso.

—Ficaria surpresa com o que pessoas mais inteligentes que eu, fazem por um pouco de distração.

—Distração?

—Maria, as coisas não são assim, não como você pensa.

—Eu abomino essas coisas.

—Desculpe, mas esse sou eu, pediu que eu falasse.

Eu sei, mas como poderia imaginar que essa droga seria tão difícil?

—Eu não sabia bem qual era a minha posição na vida, Maria, isso foi há alguns anos já, hoje eu não penso mais assim.

—E tentou se matar por causa disso?

—Não, eu tentei o suicídio por que Soraya me trocou pelo Dominador dela, ele largou a esposa e os filhos e se casou com ela. A mulher bebeu veneno e morreu, eu tentei me enforcar, mas infelizmente Alejandro me encontrou com vida.

Estou soando, o pânico me toma, respiro fundo, Jack beija minha testa, isso quer dizer: desculpe, ok, entendi, preciso ouvir isso, eu pedi, eu tenho que aguentar, preciso entender outra coisa.

—Isso tem a ver com a sua doença?

—Também.

—Em que sentido?

—Achava que ninguém mais fosse me aceitar por quem eu era, que mulher suportaria alguém escopofóbico?

—Não tinha que se submeter a isso, Jack, ninguém precisa ser suportado, você só precisa que as pessoas te amem.

—É? Bem, acho que ninguém nunca me amou.

Toco a face dele e abraço Jack, colando um beijo em seu peito, ele já está vestido, realmente tudo se torna irrelevante depois disso o que ele acaba de me falar, acho que ele tinha tanto medo de continuar sozinho, que a primeira que apareceu foi como uma espécie de salvação para a vida dele.

— Não tenha medo disso.

—Não sinto tanto medo assim, Jack, é que tudo isso me deixa um pouco com pé atrás, tem que admitir que é tudo bem diferente.

—Sim, me desculpe por isso.

Como posso culpá-lo? Essas são só as primeiras revelações, não quero nem imaginar como será o resto, acho que por hoje já deu.

—Melhor irmos—digo, dando a conversa por encerrada.

—Sim.

Sei que para ele é um alívio, Jack abaixa e ergo meus pés, deixando que ele coloque minha calcinha, me seguro nele, ele puxa meus braços e enfia o sutiã nos meus braços, me questiono se conseguirei viver com isso por muito tempo, mais que uma semana, sempre com toda essa coisa, nenhuma resposta me vem, nenhuma opção.

Já fiz minha escolha.

Eu sou assim, quando decido algo, não volto atrás, apenas Jack faz com que eu realmente faça coisas das quais não quero, eu já havia decidido mantê-lo afastado há alguns dias, não consegui, e quase enlouqueci com isso, quer dizer, estou louca com isso, no entanto, se ele não tivesse insistido tanto, talvez agora eu estivesse aqui, com uma história vazia de uma noite estranha e esquecida em Las Vegas.

Não conheceria Malibu, não teria estado num lugar tão lindo, não teria jantado num restaurante chique, não teria ganho tantas flores na minha vida, não teria ido a um baile e dançado uma valsa com um homem, eu também nunca viajei sozinha num avião só com as minhas amigas, ou tive a chance de ganhar uma massagista particular, um motorista particular, e eu não teria me dado a chance de sentir tanto prazer com alguém em toda a minha vida, alguém que cuide de mim com tanto empenho, ou se preocupe comigo.

Me sinto meio sem noção de ver tudo por esse ponto de vista, claro que eu não quis nada disso, não sei se ainda quero, tudo o que eu quero é que uma parte do homem que eu conheci—e conheço—retorne, que ele seja carinhoso e atencioso comigo, engraçado, é isso, tudo o que eu quero é Jack.

Só me convenço disso mais e mais, é algo que eu sei que não vai mudar tão cedo.

Estou caída por Jack Carsson.

—Você usa vestidos assim?

Que vestido?

Quase abri os olhos, droga, preciso da minha máscara.

—Minha máscara, por favor.

Preciso me atentar mais, estou sem a máscara, Jack cola um beijo carinhoso na minha boca, coloco meus braços em volta dele, e as minhas mãos se enfiam dentro da camisa que ele usa, a malha é fria e comprida, toco as costas que eu adoro, as mãos dele me apertam dos lados do meu corpo, ele fecha os braços em volta de mim com facilidade.

—É um vestido cheio de rosinhas, você ficará muito bem nele, vida.

Odeio vestidos, mas enfim, conheço a Sah, ela deve ter feito isso de propósito, eu nem tinha visto ele no meio das roupas grandes de Jack, achava que era alguma das minhas blusas estampadas, tenho pouquíssimas.

Ergo os braços e ele enfia o vestido pela minha cabeça, ele me vira de costas para ele e puxo meu cabelo para frente, está ensopado, Jack me entrega uma toalha e começo a secar bem rápido, ele fecha o zíper desse vestido—que eu nunca vi na vida ou lembro de ter—e pronto, estou vestida.

—Ficou perfeito.

—É, eu sei, eu sou maravilhosa.

Faço um gesto idiota com a mão, Jack ri, não quero que fique algum clima pesado entre a gente, quero que esse momento seja ao menos dentro do possível, normal.

—Não ligue para o que eles falam, está bem?

—Ok.

—E não precisa ficar nervoso, você é bonito.

—Precisa de um secador.

Não respondo, e saímos do banheiro, não preciso ter vergonha disso, preciso? Tenho 28 anos, sou casada, por que deveria me envergonhar? Mamãe já deve imaginar que eu e Jack dormimos juntos, se não, deve fazer alguma ideia depois dos gritos de ontem, não me sinto mal, um pouco envergonhada é claro, mas enfim, estamos juntos.

—Uau!

Júlia!

E silêncio, a mão de Jack está soando, fica fria, aperto os dedos nos dele.

—Bom dia, Duda.

—Oi, mãe.

O tom de voz dela está tão agradável.

—Nós viemos convidar vocês para almoçar lá em casa —Van diz acho que

ele aperta a mão de Jack. —Bom dia, cara.

—Bom dia —Jack fala, e sei que ele sorri, Júlia solta um suspiro meloso, reviro os olhos embaixo da máscara.

—Você está mesmo levando a sério esse negócio da empresa —mamãe comenta e sei que ela está diante de mim, ela me abraça. —Você está linda com o vestido que eu te dei ano passado.

Ah não! Aquele troço que me deixava com cara de uma criança de doze anos?

—Obrigada, mãe. —Não vou destruir os sonhos dela me tornar sua menininha, eu não sou assim. —Tudo bem?

—Tudo. —Mamãe beija o meu rosto. —Eu quero conversar com vocês sobre algumas coisas.

Mamãe querendo conversar comigo e Jack, morrendo em Três... Dois...

—Tudo bem por mim. —Jack responde e sei que ele sorri para minha mãe. —A Senhora quer conversar aqui? Eduarda me falou muito bem da sua comida.

Mamãe dá uma risadinha que diz claramente que ela está fazendo aquela cara de “eu sei”, realmente, ela é uma excelente cozinheira, poderia ganhar muito melhor montando seu próprio negócio, um restaurante no bairro. Mamãe vende doces, roscas e bolos para fora nas folgas dela, eu não sei por que ela não sai daquele restaurante pavoroso onde o dono é um grande explorador, ela trabalha lá desde que eu era criança, foi o primeiro emprego que ela arrumou depois que engravidou de mim e lá ela está até hoje.

—Então, nós podemos descer —Van fala. —Eu comprei a cerveja.

—Bom.

O Van não se toca, mas percebo que ele simpatizou mesmo com Jack.

—Vó, eu ganhei uma coleção do HP do Jack. —Nando aparece, ele está pulando, não cabe em si. —Nossa, mãe, não é natal, você usando vestido?

Sei que Jack sorri, mais um suspiro meloso de Júlia, não sei, não posso culpar a minha irmã de quinze anos de achar o meu marido ou namorado, bonito, eu não lembro dele, ainda não o vi, só vou saber se me lembrar, se ver Jack, até lá, ele é apenas o que eu vejo, a impressão que ele deixou em mim, um homem normal e cheio de problemas como qualquer outro.

—Vó, vem ver!

Sei que mamãe vai mais pela curiosidade que tudo, e sei que depois ela vai me questionar sobre isso, dois segundos depois Sah entra na sala, ela dá um beijo na minha bochecha toda alegrinha, desconfio, ela não deveria estar triste?

—Preciso te contar uma coisa —Sah cochicha—Jack, posso roubar essa ceguinha por uns minutos?

—Claro. —Jack solta a minha mão. —Senhor Vandersson, podemos descer então.

Senhor Vandersson...

—Não precisa chamar de Senhor, rapaz!

Com coisa que ele é tão velho assim, ai que hipocrisia, Sah me puxa e já vou me acostumando com o fato de que como não vejo nada, as pessoas que me cercam me levam para onde elas querem quando querem falar comigo, acho que estamos saindo de casa.

—Olha os degraus.

Já cai dessa escada duas vezes, numa delas eu quase quebrei meu braço, seguro no corrimão e vou descendo ao lado dela, ouço os passos de Van e Jack vindo logo atrás, Júlia também, respiro fundo, é ótimo sentir o cheiro desse lugar aqui, o cheiro de casa.

—Eu descobri duas coisas a respeito do Alejandro Pinóquio.

Não acredito, Sah.

—Escuta primeiro, depois você pode me encher de críticas, também quero falar do Gabriel, algumas coisas que eu soube.

—Alejandro primeiro. —Não posso ser imune a saber de qualquer coisa que seja ligada a Jack, quando Sah souber o que eu sei, acho que ela vai cair dura para trás ou não, quem sabe ela não me dá um chicote de presente?

Afasto isso da mente, que idiotice.

—Preciso falar que fiquei impressionada, Alejandro foi namorado de uma atriz, e ele já teve várias namoradas, ele é uma espécie de celebridade local em Nova York.

—Por que?

—Por que ele é irmão do Jack?

Jack é famoso?

—Bem, não assim, você sabe que nos Estados Unidos o que importa é se o

cara é rico, então, enfim, resumindo, Alejandro cara de bunda é um rapaz muito famoso entre as celebridades e famílias mais ricas da cidade.

—O que mais?

—Ele também é muito rico.

—Rico como Jack?

—Não né, ninguém é rico como Jack.

Engulo a força, Sah acha isso normal?

—Duda, você sabe que um homem que tem uma frota de aviões é bem mais do que rico, certo?

—Mais do que o seu pai?

Sah ri, obviamente que eu sei, não sou burra, mas não parei para pensar nisso nos últimos dias, ando ocupada tentando lidar com a pessoa e não com a riqueza dela, suspiro, me sinto mais tensa com a notícia, mas preciso saber mais.

—Sabe algo sobre Jack?

—Sei, bem, o que eu descobri é que ele tem uma empresa enorme em Nova York, mas que é muito na dele, não achei muitas fotos dele na mídia, bom, achei, mas enfim, resumindo, ele é rico, Alejandro é rico e, os dois são herdeiros de uma das fortunas mais poderosas do mundo.

—Fortuna?

—É, a mãe deles e o padrasto deixaram bilhões para os dois, para os cinco, o tutor de Jack, o Senhor Gerald Carsson quem o criou, os outros dois irmãos dele são homens da sociedade americana e tal, mas nenhum deles tem tanto dinheiro como Jack.

—Como ele conseguiu?

—Jack investiu o dinheiro que ganhou do tio em uma empresa que estava falindo, ele mudou o ramo da empresa para o ramo dele e acabou se dando bem, foi comprando ações na bolsa, em empresas grandes, ele é muito inteligente.

E eu casei com ele.

Sah abre a porta da cozinha da minha mãe, me puxa e Claus vem latindo no nosso rumo, por isso eu não o vi hoje cedo, abaixo e pego o meu bebê, abraço Claus, depois o coloco no chão, Sah e eu andamos pela casa da minha mãe, conheço bem, então não me sinto perdida, estamos na sala e eu me sento

sem que ela precise falar mais nada.

—Boa menina.

—E o Gabriel?

—Ele me ligou hoje.

—Ligou?

—Sim, de madrugada.

Quero saber tudo.

—E aí?

—Perguntou se eu estou bem, como foi a viagem.

—E você?

—Eu disse que estava ótima, que a viagem foi muito boa, e contei sobre como me sentia.

Sempre começa assim, daqui a uma semana ele começa a pedir perdão e pede para ela “voltar”.

—Depois eu disse que não quero mais ter vínculo nenhum com ele, que já deu o que tinha de dar e que eu vou seguir o meu rumo.

—Ele reagiu mal?

—Disse que já me prendeu demais, que percebeu que o amor que sente por mim virou comodismo e que por isso ele nunca quis algo além do que tínhamos.

Sah não está brava, nem magoada, estou surpresa com a reação dela.

—Acho que realmente acabou, tudo o que eu preciso agora, realmente é de Alejandro?

Alejandro?

Fico confusa, Sah fica dura, ouço passos apressados na sala, acho que Júlia acabou de se jogar no sofá ao meu lado, Sah tira a minha máscara, e eis que bem diante de mim estão os dois irmãos de Jack, Alejandro e Júlia, mas eles não estão sós, Gil veio com eles.

Ah meu Deus.

—Preciso andar mais com vocês —cochicha Júlia para nós duas, os olhos não saem do irmão de Jack.

—Duda! —A outra Júlia fala sorridente. —Sah!

Ela está alegre, sorrindo, eu nem sei o que falar. Meu Deus o que é isso?

Me levanto imediatamente, constrangida, arrumando a saia desse vestido pavoroso que ganhei da minha mãe, acho que gente gorda não combina muito com isso, é um pouco justo.

—Me desculpe por isso, Maria.

Dou as costas para eles assim que escuto a voz de Jack, Sah fica me encarando atônita, fico paralisada, eu também não sei o que eles fazem aqui.

—Então! —Sah fala e dá um sorriso nervoso. —Sejam bem-vindos ao Rio?

—Obrigada. —Júlia se aproxima, depois ela me abraça por trás. —Estou muito feliz em te ver.

Ela lê um papel, eu também me sinto feliz em ver você Júlia, olho no canto de olho para minha irmã, ela fecha a cara, ela nunca foi assim comigo.

—Alejandro.

E pelo tom de voz de Jack eu tenho plena e absoluta certeza de que eles dois vão brigar, eu não quero isso.

—Jack, tudo bem, vamos todos nos sentar —eu falo, sufocada pelo abraço de Júlia.

Minha irmã olha para a minha nova cunhada com raiva, conheço ela, e é incrível a diferença entre elas, Júlia, a irmã de Jack, é tão mais infantil e doce, enquanto a minha irmã é uma menina com um jeito mais duro, mais adulto.

—Trouxe a Gil, Mirna não queria me deixar vir só. —Júlia lê o papel se sentando ao lado de Sah. —Você está muito peituda!

Fico extremamente vermelha, acho que é inevitável que as pessoas não riam disso, quase todo mundo riu, menos a minha irmã, Sah me devolve a máscara e eu me sento ao lado da minha Júlia, melhor começar a chamar ela de Juh mesmo.

—Então. —É a voz da minha mãe achando tudo isso muito estranho. —Mais gente que fala torto.

—Me desculpe, Senhora.

Jack não precisa ficar agindo como se eles fossem normais, você ainda não conhece essas pessoas.

—Sem problemas, são seus.

—Irmãos —Jack completa e sei que ele vem na minha direção. —Júlia e Alejandro, minha ex cunhada, Gil Carter, e esse é o meu funcionário.

Olaf!

—Muito prazer. —Júlia tem sorriso na voz, mesmo que o sotaque não colabore, reconheço, ela é tão fofa.

Jack fala algo em inglês para os irmãos, acho que ele está fazendo as apresentações, porque entendo os nomes da minha mãe, do Van, e do Nando, e finalmente da minha própria irmã, sinto que ele está apavorado com isso, mais gente, mesmo que conhecida, Jack nunca precisou passar por isso na vida, levanto.

—Então, mãe, o que você queria falar para a gente?

—É bom que a família toda esteja aqui, pelo menos quero saber quais são as intenções dele.

Ai mãe!

—São as melhores, é claro. —Sah responde imediatamente. —Tia, isso não é meio ultrapassado?

—Maria Eduarda é uma moça de família, Sarah.

E Sah murcha, quem não tem medo da minha mãe? Ela é tão brava as vezes.

—Pretendemos nos casar o mais rápido possível.

—E mudar para cá?

Meu Deus, mãe, não ferra!

—Mãe, isso, pelo amor de Deus, eu tenho 28 anos, não é uma conversa para ter no meio de visitas.

—Eu venho, se ela quiser, eu não me importo. —Jack interrompe e ele se senta no meu lado, acho que a Juh até levantou para ele sentar, me sinto derretendo no sofá, ele segura a minha mão. —Eu gosto muito dela.

—Mas mal se conhecem.

—Isso não é verdade. —Sah mentirosa. —Eles já estão juntos há um tempo.

—Estão?

Minha mãe está tão incrédula com isso, eu mesma estou, por que Sah está mentindo?

—Sim, há um tempo. —Eu estou mentindo, só quero que ela me deixe em paz. —Mãe, podemos falar disso depois, ok? Sónós quatro.

Sei que se eu excluísse o Van, ela arrumaria isso como pretexto para me

encher a paciência.

—Tudo bem, então. —Mamãe concorda, mas sei que a conversa não acaba aqui.

O meu marido segura a minha mão, ela está mais gelada que nunca, me encosto nele, me pergunto se ele sempre reagirá assim diante dessas situações, depois digo para eu mesma que não posso julgá-lo, não estou em sua pele, mas desejo profundamente saber por que ele se tornou assim, sinto que estou começando a descobrir.



Noite 2 Da Obsessão

—E então, vocês chegaram hoje?

Graças a Deus você falou, Sah, esse silêncio já está me deixando louca.

Escuto minha mãe na cozinha mexendo nas panelas, Claus mordendo qualquer coisa num canto da sala, mas o resto é profundo e completamente calmo, quieto, todos chegaram, se sentaram, mamãe serviu um café e pronto, total silêncio, me sinto exposta e observada, mais que tudo, claro, porque estou vendada, isso não é normal, não é comum, e eu tenho plena e total

certeza que as pessoas nunca acreditariam nessa conversa de proposta de trabalho, acho que a minha família precisa ter mais malícia nas coisas.

Mas quem pode saber?

Existem tantas pessoas no mundo hoje que cometem loucuras diferentes, com doenças diferentes, tem uma colega de trabalho que ela desenvolveu aquela doença, toque, ela arranca todos os pelos da sobrancelha, já está afastada há um tempo... Lea, esse é o nome dela, da última vez que eu a vi, ela estava horrível.

—Sim—É a voz de Alejandro. —hoje, Senhorita Mello.

Posso jurar que Sah grunhe, me dá vontade de rir só de imaginar a cena, Jack continua incomodado do meu lado, mas estamos presos nessa situação, sei que mamãe não vai permitir que eu saia assim, ainda mais com a família de Jack aqui, para ela seria o fim.

—Que legal. —E Sah se vira para mim. —Então, como eu tinha te dito, conversei com ele.

Ela está realmente brava com ele, conheço minha amiga.

—E o que decidiram?

—Ele me convidou para o casamento dele.

—Cachorro. —Solto, Juh arfa chocada, por que nos surpreendemos com as ações de Gabriel? Eu o conheço há anos, ele sempre age assim com a Sah.

—Fiquei feliz com o convite, aprecio muito a educação em um homem. —Sah está mexendo nos cabelos. —Teve sorte de encontrar alguém tão gentil e educado com você como Jack.

—Mãe. —Nando vem para o meu colo. —Posso te pedir uma coisa?

—Claro, meu amor.

—Eu posso começar a ler o meu livro?

—Pode, mas sabe as regras, e o quebra cabeças?

—Vou revezar. —Nando garante alegre.

—Está bem, Juh, pega os óculos do Nando lá em casa.

—Aff. —Juh levanta, já sei que ela está irritada. —Que livro?

—Minha nova saga de Hp, a Pedra Filosofal, por favor, tia.

Acho que o sorriso do Nando cativa as pessoas, Juh pega ele do meu colo e sai carregando ele, fazendo-lhe cócegas. Nando nasceu com esse probleminha na perna, ele também não tem um desenvolvimento de um garoto muito

saudável, apesar de não ter nenhum problema além desse, os médicos disseram que ele não vai crescer muito, eu só quero que ele cresça saudável e fique bem.

—Quem vai casar? —berra a minha mãe da cozinha assim como se fosse a coisa mais normal do mundo.

—O “G” —respondemos eu Sah ao mesmo tempo.

—E não é com a Sarah?

—Não! —Sah responde apenas neutra.

—Esse mundo virou de cabeça para baixo.

Até alguns anos atrás, era impossível pensar num mundo onde Sah e Gabriel não estivessem juntos, eles não se desgrudavam na adolescência, as vezes ela até deixava de ficar comigo para ir para casa dele, mas aconteceram tantas coisas entre eles, que acho que hoje não consigo pensar naquele cara junto com a minha melhor amiga.

—E a moça é de família?

Mãe, não é hora de falar do ex da Sah.

—É, conheço ela, é boa gente, tia. Por falar em boa família, Duda, eu andei dando uma olhada numa nova casa com o meu pai em Angra, mamãe vendeu aquela antiga e eles dividiram, agora papai quer comprar uma nova, me levou para dar uma olhada.

Por que a Sah acha tudo isso tão normal?

—Achei uma ótima, aquela onde fomos no natal, lembra? Na casa da Janaína Farias.

Janaína é a sobrinha de um conhecido dos pais da Sah, ano passado passamos o natal na casa daquela garota insuportável, odiei cada segundo, mas o lugar... é indescritível.

—Eles estão vendendo?

—Aham, Janaína vai se casar ano que vem e como a casa é dela, ela quer pegar o dinheiro para viajar para Alemanha.

—Aquele ilha é perfeita.

—Você amou, não é?

—É perfeita para mergulho.

—Só tem duas casas naquela ilha, acho que o meu pai vai desembolsar um bom dinheiro, mas eu vou obrigar ele a comprar para mim, aí a gente

combina um fim de semana só nosso.

—Aham.

Mal posso esperar por isso.

Sah iria para Angra se não fossem os últimos acontecimentos, eu não iria, é claro, tenho muita coisa para colocar em ordem, mas acho que essa semana não vai dar para fazer nada.

—O que o seu pai faz, Sarah? —Jack pergunta muito sucinto.

—Ele é dono da empresa dele, ou melhor, onde eu trabalho, uma agência de viagens, a minha mãe é dona de uma grife de roupas no centro.

—Você gosta da sua área?

—Aham, eu adoro viajar, eu já fui comissária de bordo um tempo.

—Emprego perigoso. —Insinua Van, entrando na sala. —Poderia estar ganhando muito mais dinheiro trabalhando comigo.

—Ah é claro, pelejando com aquelas suas alunas preguiçosas.

—Sarah, não fale mal das minhas alunas, elas são muito motivadas, e não compare elas com você.

Começou.

—Eu não estou comparando.

—Claro que está.

—Sah, hoje não —peço baixo.

—Está bem. —Sah está de novo irritada. —Mas você viu que foi ele quem começou.

—Eu sei —afirmo e fecho a cara. —Van?

—Ok, me desculpe. —Van pede meio sem graça.

—Sah?

—Me desculpe, Van.

—Viu? Não doeu.

Às vezes eu acho que estou cercada de loucos, agora ainda arrumei mais um.

—Você tem que ficar com esse negócio o tempo todo? —Van pergunta, acho que faz uma careta.

—É parte do acordo, depois eu vou escrever como foi o meu dia. —Queria que fosse isso de verdade. —É uma ótima terapia.

Sempre fui boa em manter a calma em situações assim, Sah sempre foi boa em mentir, ela é a melhor mentirosa do mundo, exceto quando eu estou por perto, ela não sabe mentir para mim.

—Vocês não vão trabalhar?

—Ficamos por conta, sua mãe está com medo de você fugir de casa com o seu namorado.

Isso é tão ela, a minha mãe desconhece a palavra limites.

—Não é isso. —Mamãe se defende da cozinha—De qualquer forma, nós temos que conversar com eles.

Como se eu fosse uma adolescente inconsequente.

Acho que Gil fala algo em inglês e Alejandro responde.

—Gil está surpresa em te ver tão bem —Jack fala baixo, apenas para que eu ouça.

Por que será?

Coro, as nossas mãos se derretem uma na outra, estamos tentando sobreviver a isso tudo juntos, ele ao seu pavor de ser observado e, eu ao seu pavor e tudo o que o cerca.

—Acho que podem esperar na casa de Maria—Jack fala, mas apenas bastante calmo.

Júlia fala algo em inglês para Jack, depois ouço os passos de salto alto se afastando, não entendo nada, mas acho que eles estão indo embora.

—O que disse para ela?

—Que não era para eles terem vindo, ela ficou magoada.

—Claro Jack, não pode falar assim com os seus irmãos, são sua família.

Levanto.

—Por favor, voltem —chamo meio alto, não sei onde estão, ou a distância.

—Duda, nos desculpe pela invasão.

—Júlia, vocês não estão invadindo nada, por favor, fiquem, a minha mãe está preparando bastante comida, ela se sentirá mal se forem.

—Tem certeza que não incomodamos?

A voz dela é de choro, fico irritada só de pensar que ele a magoou.

—Não, podem ficar.

—Está bem, eu sinto muito por isso.

Percebo o que realmente está acontecendo, Júlia se sente mal pela situação, ele acha que eu estou fazendo isso obrigada, que talvez eu não me sinta bem com tudo, bem, em parte sim, mas estou tentando lidar com isso.

—Sinto muito —Jack fala baixo, a voz dura feito uma rocha.

—Eu estou bem.

—Chegamos —berra Juh, enquanto entra na casa da minha mãe novamente, ouço a risada do Nando de longe. —Duda, preciso falar com você.

—Pode falar, Juh.

—Acho melhor deixar para uma outra hora, ou se quiser, pode vir no meu quarto.

—Vamos.

—Eu também vou —Sah fala e já vai levantando, me puxando pelo braço.

Sah me guia, me sinto mal em deixar o Jack sozinho na sala assim, sei que deve ser torturante para ele, ouço o Nando falando sobre o livro para ele, espero que ele sobreviva até que eu volte. Logo que entramos no quarto da Juh, ela tira a minha máscara, depois meio tímida me estende uma carta com um adesivo em forma de coração, é uma folha de caderno.

—O que é isso?

—Uma carta do padeiro, eu disse que ele é afim de você.

Lembro de Charles, ele é um homem legal, gente fina, mas eu não consigo me imaginar tendo qualquer coisa que seja com ele, nunca trocamos mais de duas palavras quando eu vou comprar o pão nos fins de semana, ele deve ter seus trinta e poucos anos e é solteiro.

—Eu estou namorando, Júlia.

—Quero ler.

E Sah toma da minha mão, já vai abrindo a carta, começa a ler.

—Cara Maria, quero que jante comigo no sábado as sete, estou pedida... pedidamente apaxo...apaxonado po você, obrigado, Charles.

Olho para Júlia, começamos a rir, claro que ela está inventando isso, ela mesma ri, Sah amassa a falsa carta e faz uma bolinha de papel, arremessa em Juh, ela é tão moleca as vezes.

—E então, vamos a parte mais legal, a Duda gemendo no andar de cima.

Sei que o meu quarto fica em cima do dela, estou vermelha.

—Desculpe, estava com dor.

—Sei, dor!

—O que você quer?

—O de sempre, dinheiro, para ir no cinema com o Xandy, meu pai não quer me dar nem o dinheiro para o sorvete.

—Por que ele não paga para você, gata? —Sah se joga na cama cor-de-rosa da minha irmã.

—Por que ele é duro, desculpe se eu não tenho um namorado branco e rico como vocês.

—Aí, não exagera, Júlia —reclamo revirando os olhos. —Sah, dá o dinheiro para ela.

—Tem que fazer por merecer, vai, imita um cachorro.

Juh mostra o dedo do meio para Sah, que finge ficar horrorizada, tudo o que eu quero é voltar para sala, estou ficando ansiosa, não quero ficar longe de Jack, será que isso é uma dependência emocional?

Deve ser.

Odeio isso.

Me acostumei com ele.

—Vamos para a sala.

—Aí, que agonia, ele não vai fugir pela porta da frente, Duda.

Olho para minha irmã, se ela soubesse.

—Vamos, Sah.

Não sei bem do que Jack é capaz, não tenho medo que ele fuja, mas sim do que ele pode ser capaz por estar lá, talvez fale coisas que não deve para os irmãos, que os magoe, recoloco a minha máscara, mas quando voltamos escuto o Nando falando algo para ele, não quero interromper essa conversa, seguro Sah pelo braço, paramos, acho que estamos paradas atrás do sofá onde eles dois estão com Júlia.

—Eu gosto desse desenho, a minha mãe assiste ele sempre. —Nando conta. —Jack, você gosta da minha mãe?

—Sim. —A voz dele está tão séria. —Ela é muito importante para mim.

—E eu?

—Você também é muito importante para mim.

—Você é legal.

—É, talvez eu seja legal.

Estou sorrindo, Sah me cutuca, voltamos para o sofá, me sento ao lado de Jack, ele segura a minha mão e está bem mais quente que antes, meu coração também se aquece, e eu gosto disso.



Mamãe anuncia ao almoço algum tempo depois.

A mesa dela é grande e acho que cabe todo mundo, pelo cheiro da comida ela deve ter feito um banquete, ela não receberia alguém de fora com algo que faz todos os dias para a gente comer, me sinto grata por isso.

Jack se senta a minha direita e Sah a minha esquerda, acho que o Nando vai para o colo da Sah, os convidados se sentam em outros lugares da mesa, tento ouvir tudo, mesmo que não entenda o que eles falam na maioria das vezes, Jack mal dirigiu a palavra para eles, mas acredito que eles entendem isso.

—Quanta comida. —Ouço Júlia falar, ela está de frente para mim. —Duda, você está muito calada.

—É, eu deixo essa parte para o falante da família.

Nando ri, ele não tem vergonha de conversar, pelo contrário, ele é vivido e alegre, ele quem está sustentando essa situação.

—Eu faço a oração —Nando berra entusiasmado. —Deus, muito obrigado pela comida, pelos livros e pelo quebra cabeças.

—E pela tia Sah —Sah completa, ela sempre faz isso. —Amém, vamos comer!

Sei que o Van está fazendo cara feia para ela e sei que a Juh está rindo, é sempre assim quando descemos para comer na casa da minha mãe, o Van age como se quisesse ser o meu pai muito raramente, como se a Sah fosse péssima influência para mim.

—Temos omelete, bife bem passado, maionese que eu vou querer, arroz.

Sah vai falando, a mão de Jack pousa na minha coxa, não de um jeito íntimo demais.

—Prove da maionese. —sugiro. —Acho que ela cozinhou brócolis.

—Sim.

Estou cercada por pessoas ricas, vendada, Jack está se servindo, acho que Sah está me servindo. Coloco minha mão em cima da dele e aperto de leve, sinto um beijo leve na cabeça, abaixo a cabeça, também estou com medo dessa situação estranha, Jack.

—Uhu—soa Juh e o silêncio estranho acaba, Van ri, assim como os demais.

—Então, como eu estava falando, Jack, com o que você trabalha mesmo? Você tem uma casa aqui no Rio?

Ai mãe, de novo?

—Eu trabalho com algumas outras pessoas, sim, Senhora, eu tenho uma casa aqui no Rio. —Jack e sua educação. —Na verdade, um apartamento.

—Onde?

—Copacabana.

Acho que o Van se engasgou, escuto o som dos talheres, todos já estão comendo, acho que quero tentar comer sozinha dessa vez, mas antes que eu tire a mão da dele, Jack a segura, sinto o cheiro de azeite próximo demais, ah Jack.

—Coma.

Salada, aceito em silêncio, estou sem saída.

—Um apartamento lá é um pouco caro —mamãe comenta com cuidado.

—Foi presente do meu tio —Jack fala. —Vida, você quer tentar comer sozinha?

—Sim.

Ai meu Deus, ele está me chamando de Vida na frente de todo mundo!

Jack coloca o garfo na minha mão, que treme, tento pegar o que parece ser a maionese e levo a boca, consigo, fico até meio orgulhosa.

—Você pretende levar a minha filha para esse apartamento?

—Mãe, agora não, por favor.

—Ok, desculpa, só queria saber.

—Vai saber no momento em que nós decidirmos.

Pego outra garfada e dessa vez vem arroz, amo o arroz da minha mãe.

Não teve mais conversas ou diálogos durante todo o resto do almoço,

apenas silêncio novamente, mamãe tirou a mesa com a ajuda da Sah e da Juh, eu também ajudaria, mas hoje não.

Hoje eu não posso absolutamente Nada!

—E a sua família, Jack?

Cala a sua boca, Van!

—Meu irmão é advogado e a minha irmã está na faculdade.

—Que bom, você é centrado então.

—Sim, eu tento, quero oferecer algo bom para a Maria, e o Senhor?

—Eu tenho a minha academia, sou formado em educação física.

E ele se gaba muito por isso.

—Temos bolo de chocolate de sobremesa.

Já me alegro.

—Acho que uma formiguinha está bem alegrinha pelo bolo.

Minha mãe falava muito isso quando eu tinha uns cinco anos, eu realmente sou apaixonada por esse bolo dela.

—Pudim também.

Aí, pudim!

—E manjar!

Queria comer com os olhos, deve estar tudo bem apresentável e em bandejas, fico esperando a minha vez bem mais que ansiosa.

A-N-S-I-O-S-A

Meu prato vem rápido, Jack coloca o garfo de sobremesa na minha mão, provo do bolo, a massa é de cacau com pedaços de chocolate, está deliciosa, o recheio é o meu predileto, brigadeiro, está delicioso.

—Pensei em te levar na Tijuca na sexta. —Sah se inclina para falar, está mastigando algo. —Para você pegar um sol, sei lá, dar uma desligada.

—Aham —concordo, adoro praia não tem jeito, é automático. —Hum, você guardou a minha parafina?

Da última vez que fomos, acho que há uns dois meses, Sah levou as minhas coisas para o apartamento dela, na maioria das vezes vamos apenas nós duas, ou eu levo a Juh e o Nando, mas ele anda meio enjoado de praia, o negócio do meu filho é ler, o meu também, mas não resisto quando a Sah me chama num fim de semana qualquer, para irmos à praia, ou tomar uma água

de coco, fora isso, ou ir a algum restaurante, eu nunca saio.

—Claro, a Tê quase jogou fora esses dias.

A Tê cuida muito bem da Sah, foi babá dela durante anos, hoje é a pessoa que cuida de seu apartamento e de suas coisas, essa maluquinha as vezes apronta muitas com ela, ou nós três.

—E o que vocês duas estão tramando aí, hein —Juh pergunta. —Ei Duda, levei o Nando para o shopping e ele amou.

—Piscina de bolinhas. —Nando suspira. —Mãe, lembra da última vez que nos quatro fomos?

Ah não, Nando, não faça isso!

Sah ri enquanto Juh gargalha e eu odeio isso, quando eles se unem para ficar rindo de mim, como eu poderia adivinhar que adultos não podiam correr? Era uma piscina de bolinhas gigantescas!

—Eu vou te processar mano, você me paga —Repete Juh e os outros dois gargalham. —Eu não admito que me tratem assim.

—Ah é. —Me irrita. —Pelo menos eu não fiquei presa no tobogã.

—Uou! —Nando fala meio arrastado, começo a ouvir as risadas das pessoas a minha volta. —Tia?

—Tem razão, Duda, fiquei presa no tobogã, mas você saiu presa pelos seguranças.

—Não vamos nos esquecer do momento épico em que a minha mãe ficou correndo dentro da piscina —Nando funga —e os seguranças ficaram correndo atrás dela.

—Eu não sabia.

Hipócritas, ninguém sabia.

Ouçõ as risadas de todos, fico vermelha de constrangimento e de raiva, melhor ignorar.

—A Duda sempre foi muito engraçada, mas ela é muito na dela —Van fala.

Quero estreitar os olhos para esse cínico.

—Ela sempre foi muito engraçada. —Mamãe tem admiração na voz. —O Nando saiu a ela nesse sentido.

—Essa história da piscina. —Jack insinua meio baixo. —O que aconteceu? Não!

—Eu conto.

E o meu filho começa a narrar esse dia lamentável, escuto as risadas em silêncio, morro de vergonha só de lembrar, e eu mesma não acredito que fiz aquilo, mas no momento eu estava tão empolgada com tudo, que esqueci de que eu havia crescido e de repente não era criança, Sah também aprontou muitas e a Juh, tudo isso porque não vimos a placa onde dizia que os adultos só seriam acompanhantes das crianças, nosso papel era agir como pessoas adultas, acabamos tendo ataques de histeria e correndo pela piscina, sendo perseguidos pelos seguranças, a baderna foi tanta, que até os homens riram, e claro, depois fomos convidados a nos retirarmos da piscina.

Volto a mim logo que escuto mamãe falando para Juh pegar os álbuns de fotografia de família.

—Mãe, melhor não.

—Eu pego o álbum, vó.

Eu odeio quando a minha mãe faz isso, ela começa a falar da época que eu tive câncer em seguida, Sah levanta acho que vai para cozinha falando no celular, é ruim não poder ver o que realmente está acontecendo, ver as reações das pessoas, tento ouvir ao máximo o que eles falam, a família de Jack é muito silenciosa, só espero sobreviver até a hora do jantar.



—Você está bem?

Dentro do possível sim.

Me sinto cansada depois dessa tarde com a minha família, não foi das piores, estive tensa várias vezes por causa das insistências do Nando para que eu tirasse a máscara, mas consegui convencê-lo de que não podia.

Não posso.

Achei que fosse ser bem pior, se passei por isso, posso muito bem passar por qualquer coisa, tive sorte de mamãe estar tão distraída com os recém-chegados, que não quis “conversar” comigo e Jack, acho que ela acabou esquecendo, não quero nem imaginar como teria sido desastroso ela fazendo centenas de perguntas para nós dois.

—Aham.

Eles já foram embora, acabamos de subir, me despedi de Júlia me sentindo

um pouco mal por não ter visto ela, estava com ela, mas não a via, até hoje não me ocorreu que isso é muito estranho.

Jack os acompanhou até a saída, não sei o que ele falou para eles, ou se conversaram, Sah já levou o Nando para a cama dele, leu tanto que acabou dormido, não sei que horas são, mas já parece fim de tarde.

—Desculpe por hoje.

Não preciso que se desculpe, Jack eu não me sinto diferente de envergonhada e eu sempre fui assim.

—Tudo bem, você está bem?

—Preciso de você.

Quero falar o mesmo, mas Jack já está me beijando, me apertando, sinto como se ele quisesse me recompensar por isso.

Ele me pega no colo, tira a máscara, e enquanto me beija, aperto os olhos, senti falta desse Beijo, durante todo o tempo ele se manteve basicamente calado, ao meu lado, é claro, mas muito quieto, porém, sinto que ele já não está tão nervoso como no começo.

Estamos na cama, Jack está em cima de mim, me beija com mais calma, explora minha boca com carinho, me sinto bem com isso.

—Quero você.

E eu o quero mais do que qualquer coisa no mundo.

Jack está me observando, tento relaxar, acho que uma parte de mim sempre vai ficar assim quando ele estiver por perto.

—Você vai ao médico amanhã bem cedo.

—Eu não preciso ir ao médico.

—Precisa começar a tomar um contraceptivo.

Jack fala de um jeito tão formal e certinho, fico sem graça, nunca tomei anticoncepcional na vida.

—Os resultados dos nossos exames de sangue já chegaram no meu e-mail.

—Ele cheira o meu nariz. —Está tudo ok.

Fico meio aliviada.

—Que dia sua menstruação desce?

—Em duas semanas.

—Não precisa ficar envergonhada.

—Nunca falei sobre isso nem com a minha mãe.

—Terá que se acostumar a me falar sobre essas coisas.

—Hum.

Isso é totalmente constrangedor.

—Você quase não falou nada.

—Eu sou muito calada, você também.

—Me sinto enjoado ao falar em público.

—Enjoado?

—É, eu fico nauseado.

Nossa!

—É uma sensação muito ruim.

—Você não precisa ter medo, hoje eu fui o centro de todas as atenções.

—É, realmente.

E começa a rir, fico irritada, Jack, me aperta e me beija, mordo a boca dele, odeio quando a minha mãe faz isso, ela basicamente contou toda a minha infância para família de Jack, sempre ressaltando o meu jeito desastrado de ser.

—Não me morda, vida. —Ele pede baixinho. —Quero te comer.

—Então, por que não faz?

—Pergunte da forma correta, por favor.

Respiro fundo.

—Por que não me come?

—Porque quero me certificar que você está bem.

Suspiro, realmente chateada, quero fazer amor com Jack, eu não posso me sentir assim, mas é a verdade, de que adianta mentir para eu mesma?

—Quero que você fique bem.

—Eu sei.

Também quero que ele fique bem.

—Gostei muito do dia de hoje.

Achei que para ele tudo tivesse sido uma tortura, claro que para mim foi chato e um completo tédio, teve horas que eu queria enforcar a Sah, ela basicamente detalhou todos os momentos mais constrangedores da minha vida.

Ele me beija mais uma vez e se ergue, suspiro, não tenho assunto, bem eu tenho, mas não quero começar mais uma discussão com ele, ou acabar descobrindo coisas das quais sei que vou me arrepender. Tenho um pouco de medo disso tudo ainda, esses dias tentava compreender a doença de Jack, agora ele tem uma ex noiva louca, uma tentativa de suicídio, uma vida solitária e cheia de segredos.

Não é difícil entender, não preciso entender, agora eu tenho que aceitar.

Em parte, porque concordei em ficar, aceitar o lado dele—para sempre— e me submeter a tudo isso, não tenho o direito se julgá-lo, mas tenho minhas incertezas sobre essa história, minhas dúvidas.

Como funcionava o relacionamento entre ele e Soraya? Como era com o outro casal? Ele sentia prazer com isso? Eles faziam tudo juntos?

Me sinto enjoada só de pensar.

—Quer ver TV?

A voz dele está diferente, acho que nunca ouvi ele assim.

—Aham.

—Você quer pedir algo para o jantar?

—Já?

Perdi toda noção de tempo, o dia já acabou?

—Gostaria de pedir aquela sobremesa de ontem.

—Ah.

—Você pode ver um filme comigo, o que acha?

—Está bem.

Programas a dois, a que ponto eu cheguei?

Me levanto, Jack já vem logo me pegando no colo, e a boca dele me devora com uma vontade fora do comum, lembro do que ele disse sobre fingir ser alguém que não é quando está comigo, será que ele está fingindo?

—Jack, você está mesmo bem?

—Foi um dia diferente.

—Nunca almoçou com outras pessoas?

—Nunca jantei com a família da minha namorada.

—Nem dela?

Tenho medo de falar o nome de Soraya, ele me beija na cabeça.

—Nem dela.

—E as outras?

—Não teve outras.

—Está falando que nunca teve nenhuma namorada?

—Eu já lhe contei sobre a agência.

—Você as via, mas elas não viam você, como eu.

—Você não é como elas.

Tento não sorrir.

—E como eu sou?

—Você é diferente.

—Diferente como?

—Você fica feliz por isso?

Penso por alguns momentos.

—Fico.

—Não é estranho para você?

—Muito.

Ele me deposita no sofá, está andando pela sala agora, acho que a Sah deve ter ido dormir.

—Você é a minha esposa.

Deveria soar como algo fútil, mas me sinto ridiculamente bem com isso.

—Gosto de você e confio em você.

—Também confio em você.

—Que bom.

Acho que ele está me observando de novo, meu coração vai disparando lentamente, o som da TV invade a sala, depois os passos dele se aproximam mais, estou feliz em saber que ele confia em mim, acredito que se não confiasse, não teria falado nada sobre ele.

Jack se senta ao meu lado, fico parada meio que sem saber como devo agir, ele me puxa e fico sentada em seu colo, me abraça, está relaxado, me recosto abraçando ele de volta.

—Você pode abrir os olhos quando desejar, Maria.

—Eu sei.

—Então.

—Você não está pronto.

—Não?

—Não.

—E se eu nunca estiver pronto?

Posso sentir os saltos do coração de Jack agora, ele me aperta com força.

—Um dia você estará pronto.

—Você vai me esperar?

—Já estou esperando.

Acho que ele sorri, beija minha cabeça e ficamos quietos. Pela trilha sonora, já sei qual é o filme, A Dama e O Vagabundo.

—Amanhã você vai ter a aula que eu te falei e fará os exercícios logo cedo.

Não estou surpresa com esse tom mandão, mas não quero fazer nada disso.

—Não quero.

—Nem sempre eu faço tudo o que eu quero, Maria.

Ele está sério de novo.

Como se eu fizesse sempre coisas que eu adoro fazer, como se eu sempre pudesse escolher! A minha vida não é assim.

—Você precisa e vai, também irá ao médico.

Fico irritada.

—Algo mais que eu deva saber?

—Eu embarco amanhã para Nova York.



Dia 3 da Obsessão

Levanto e tudo está absolutamente claro, estou sem a máscara, olho para o lado e desvio para Sah, que abre as janelas do meu quarto, em que momento ele se foi? Respiro fundo, estou engolindo essa pequena mágoa desde ontem à noite, nenhuma palavra foi dita, estivemos juntos por todo o tempo, mas tão longe um do outro, que era visível o clima ruim para quem quer que fosse.

Jack não me consultou, ele não me perguntou, ele apenas me comunicou que estava indo embora, ele se quer teve a coragem de me falar o porquê da volta para lá, e isso nem é o pior, eu não sei quando ele volta, se ele volta.

Cheguei logo a conclusão que tudo isso me deixou extremamente triste, irritada e uma centena de coisas que ele me provoca, coisas que tento arrancar de mim agora, coisas que quero banir da minha vida.

Deveria bani-lo.

Foi tão, tão, estúpido da parte dele fazer isso. Ontem me controlei bastante para ter que suportar o silêncio dele, a frieza e a distância, e eu não entendo porque Jack agiu assim, isso é o pior, eu acho.

Me forço a sorrir para Sah agora, ela sabe que eu não estou bem e fico grata por ela não me fazer nenhuma pergunta sobre ele, ou onde ele está.

Nós ficamos na sala até o fim do filme ontem, depois, em silêncio ele me trouxe para o quarto e, assim foi pelo resto da noite, teve um momento em que ele me perguntou—muito educadamente—se eu queria comer, não estava com estômago.

—Não, obrigada.

Ele não retrucou também, me sentia tão mal com isso, me perguntei por quase toda a noite se havia feito algo de errado, se falei algo que feriu seus sentimentos, minha cabeça deu várias voltas, mas continuo na mesma, eu não sei por que Jack partiu.

Odeio isso.

Odeio a forma como ele faz as coisas do nada, odeio seu silêncio, odeio saber que ele não está aqui.

No entanto, ele quer assim, então será assim.

Eu e Sah nos sentamos na mesa, que já está posta para nós duas e, ela já fez o café, diante de mim tem duas torradas e uma xícara de café, não tenho

um pingo de fome.

—Ele pediu.

—Eu não quero saber.

Sah me conhece, mas ainda sim deixa meu Iphone—que ele me emprestou — na mesa diante de mim, calada, não é culpa dela, mas enfim, o que posso fazer? Nunca tive um namorado, um marido, ou, seja lá o que ele se tornou para mim.

Um amante!

Deve ser isso, Jack só queria fazer sexo comigo, ele só queria me comer. Seco as minhas faces engolindo o choro, me sinto tão idiota, usada. Não me sinto enganada, mas a sensação de desolação se apossa de mim por completo e não consigo evitar o choro, Sah dá a volta na mesa e me abraça, choro tão alto que sei que dá para ouvir o choro pela minha casa.

Sah me oferece um ombro amigo, mas não consigo parar de chorar, vamos para o sofá, me lembro que dormi com ele aqui há dois dias e me sinto ainda pior, ela me oferece colo e eu aceito, já fiz isso tantas vezes por ela, tenho certeza que ela não se incomoda, mas nem por isso, e sim porque ela sabe o quanto estou abalada com a situação.

Eu não sou tão sensível assim nas quartas da semana, e eu não me abalo tanto com as coisas ruins que me cercam sempre, mas isso... isso realmente me deixa magoada.

Que fosse embora, mas que ao menos se despedisse, falasse algo, me desse alguma justificativa ao menos.

Que ironia.

Não queria esse homem aqui há dois dias, de Jack eu queria distância, e agora estou chorando por ele ter partido.

Paro de chorar alguns minutos depois, Sah fica alisando a minha cabeça, me passando tranquilidade e paz, e tudo o que eu preciso.

—Ele estava péssimo.

Não acredito.

Eu não vi.

—Não importa, Sah.

—Duda, você precisa entender que Jack tem a empresa dele, ele tem que cuidar de tudo.

—Você acha que é por causa disso?

—Pelo que seria?

Preciso de um analgésico, só de pensar no nome dessa mulher.

—Soraya.

Sah arregala os olhos, acho que não preciso contar todos os detalhes da conversa para ela, apenas o necessário.

—Jack disse que tiveram um caso por cinco anos, que eles romperam e ela se casou com outro homem, que hoje são amigos.

—Nossa.

E você nem sabe da metade, ainda não estou pronta para te contar, Sah, quando eu superar, se superar, eu te conto tudo.

—Acha que pode ser por ela?

—Eu não sei.

Não sinto como se fosse isso, está tudo tão complicado.

Sah levanta e vai à cozinha, toco o sofá me sentindo a mulher mais boba do mundo, ele estava comigo há dois dias aqui, dormimos aqui, isso deveria significar bem mais para Jack, para ele não me deixar sem explicação.

Ela volta e me entrega uma caneca com café, preciso mesmo despertar, acordar para realidade, achei mesmo que ele ficaria a semana toda?

—Ele gosta de você, ele não estava bem quando foi hoje cedo, ele me chamou e me deu dinheiro.

Fico um pouco surpresa, depois começo a me enfurecer, ele acha que eu quero o dinheiro dele? Que eu ou uma puta que ele pode me comer e pagar pelo serviço?

—Duda, calma, eu não queria aceitar, mas ele disse que o dinheiro é para você gastar no resto da semana. Para você vir para Angra comigo amanhã e, passar o resto da semana.

—Eu não quero.

Sah revira os olhos, claro, não é ela.

—Ele quer que você...

—Eu não me importo com o que ele quer.

—Está bem, então.

Sah não insiste, ela sabe como eu sou.

—Então, quais os planos para hoje? Ficar chorando o dia todo?

—Vamos para Tijuca, preciso respirar.

Sah nem questiona.

Preciso pensar com calma em tudo, em todos os acontecimentos desses dias, da viagem, colocar a cabeça no lugar. Sah acorda o Nando, vou para o meu quarto, mal consigo olhar para a minha cama, troco esse vestido ridículo pelo meu maiô, coloco uma calça de malha e pego minha toalha, só quero sair daqui, para todos os lugares que eu olho, me lembro dele. Sei que se ficar aqui, vou me sentir muito pior, Jack Carsson me deixa tão confusa.

Pego a minha bolsa, logo que chego na sala me assusto com a figura alta e séria de Olaf, fico paralisada vendo seu semblante muito fechado. Sei que Jack não está aqui, mas não faço a ideia do porquê ele deixou seu segurança robô para trás.

—Você deve ser a Senhora Carsson.

Olho para o rumo da minha cozinha e essa mulher loira vem sorrindo para mim com os dentes muito brancos, ela usa uma calça de malha preta e um top azul-marinho da Nike, tênis, a barriga dela tem tantos gomos, que parei de contar no terceiro, Ela parece uma das funcionárias da academia do Van, olhos azuis, nariz pequeno e afilado, boca pequena e delicada, ela é muito bonita.

—Sou a Sandy. —Ela estende a mão para mim e está sorrindo abertamente. —Sua nova instrutora física.

A instrutora!

Caramba.

Aperto a mão da moça meio sem jeito tento, sorrir, Sah aparece arrumando a parte de cima do biquíni. Observo a outra figura alta se aproximar em silêncio, Alejandro Carsson usa uma calça de moletom folgada de cor cinza e uma camisa grande branca, parece que ele caprichou na beleza hoje, Sah se endireita visivelmente irritada e tão surpresa quanto eu.

O que está acontecendo aqui?

—Você é a Sarah —Sandy fala. —Jack não avisou que eu viria?

—Eu não sabia—Sah se fica na defensiva.

Acabei esquecendo.

—Sem problemas, nosso programa de exercícios do primeiro dia pode ser feito na praia mesmo, é algo bem Light, quero montar seu programa, Senhora Carsson.

EU NÃO!

—Mãe, cadê o Jack?

Nando já vem de calção e chinelo, olho para o meu filho com carinho e preocupação sempre, eu o amo, mas estou brava com ele agora, ele mal acordou e já quer saber daquele cachorro?

—Ele teve que viajar —respondo e Nando fica desanimado. —Vida, você...

E paro de falar, me recuso a acreditar que chamei ele de vida, quero tapar a minha boca.

—Bem, então vamos para a praia —Sah fala e enfia a entrada de banho folgada pela cabeça. —Sandy, você é daqui?

—Sim.

—E conhece o Júnior?

Sandy e eu rimos, Sah você não precisava fazer essa piada idiota, só para constar.

—Adoro fazer essa brincadeira com toda a Sandy que eu conheço. —Sah vai para o rumo da cozinha. —Ela não quer comer.

—Mas precisa.

É natural da Sah, ela se enturma fácil, eu ainda estou meio travada com tantos estranhos aqui, Olaf sem terno, de jeans, sapato e camisa social, a mesma cara de mafioso, o irmão mais novo gato de Jack, por que eles ficaram?

—Você pode comer uma fruta com granola.

Olho para essa estranha, Jack a enviou para me obrigar a fazer exercícios, sei que não é culpa dela, mas eu não tenho a mínima intenção de sair para me exercitar, Sah já está montando a nossa bolsa com frutas e bolachas, ela coloca também a garrafa de café, estou com meu livro de bolso na minha bolsa, Romeo e Julieta, provavelmente passaremos na casa da Sah para pegar minha prancha e minhas coisas, eu não quero fazer exercícios, odeio na verdade.

—Suas taxas de colesterol estão um pouco alteradas, Maria —Alejandro fala muito baixo, discreto. —Você tem que se cuidar, fiquei para providenciar que esteja bem.

—Eu estou bem. —Garanto, Alejandro sorri para mim de uma forma

encantadora e linda, me pergunto se Jack tem traços parecidos com os dele pela milésima vez, ele é tão bonito, jovem, acho que sou uns sete anos mais velha que ele.

—Por favor, Sandy é uma excelente profissional, ela ficaria decepcionada, e também, não é nada demais.

Não quero parecer mal-educada, e desejo fazer perguntas para Alejandro, mas como não o conheço muito bem, sei que seria bem grosso da minha parte perguntar, e só para não fazer desfeita, acabo concordando, ele sorri novamente, coisa que raramente faz, ele fica muito melhor sorrindo, que cunhado!

—Então, Vamos, Senhora Carsson?

Concordo, não vou falar para ela que não quero ser chamada assim, porque afinal de contas, ninguém tem nada a ver com os meus problemas, melhor ir, antes que eu desista.

—Vamos!



Sandy me obriga a fazer uma série horrível de agachamento logo que chegamos na Tijuca, claro, depois de me obrigar a alongar até a minha alma, odeio fazer exercícios.

O percurso foi tranquilo no carro de Sah, Olaf veio guiando um carro zero logo atrás, com meu cunhado e Sandy, no nosso carro teve música e solos incríveis do Nando de “olhar 43”, as vezes eu achava que ele explodiria de tanto gritar no banco de trás, confesso, é ótimo ter saído, ou era, até eu começar esses “exercícios”.

Sah é a mais motivada, sempre para cima, ela adora esse tipo de coisa, vai na academia basicamente todos os dias, ela é uma apaixonada por esportes, joga tênis, nada, adora jogar vôlei com as amigas dela da Agência, eu não, eu detesto esse tipo de coisa, mas me esforço para parecer que gosto.

Acho que Sandy sabe, por isso ela me anima tanto, fala palavras de incentivo, agora ela berra para fazer cinquenta pés de chinelo, até o décimo eu morro, eu acho.

Tento me concentrar e acima de tudo, tento não pensar em Jack, quero esquecer todos os problemas que me cercam, mas eu não consigo.

O Nando não para de falar nele desde que saímos de casa, sente uma verdadeira paixão pelo homem e eu não entendo o porquê, já que ele não gosta de nenhum dos meus colegas de faculdade, ou do trabalho. Nas confraternizações da Meta, o Nando fica fazendo pirraça quando algum homem se aproxima de mim, ou ele fica enjoado, com Jack não foi assim, e eu tenho plena certeza que não foi por causa dos presentes. O Nando realmente gosta dele.

Mamãe também gostou, assim que descemos, foi a pessoa pela qual ela perguntou primeiro, pareceu bem desanimada quando falei que ele teve que “ir trabalhar”, também não fez mais perguntas, mamãe sabe muito bem quando mexer comigo e, hoje ela sabe que não deve mexer.

Estou com péssimo humor.

Tento me distrair com a série de exercícios, preciso me esforçar para esquecê-lo, mesmo que eu saiba que não vai funcionar muito bem.

Transei com Jack, deixei ele conviver com meu filho, com minha família, lhe dei minha palavra que teria paciência com ele, com sua doença, com ele mesmo, seu passado e, tudo o que eu ganho é um “vou embora amanhã” e foda-se.

Eu mereço isso? Acho que não!

Sandy me elogia enquanto me orienta com os chutes, queria chutar Jack, lhe causar dor, para que ele soubesse o quanto me machuca com suas ações, não apenas por ter partido, mas pelo jeito como ele lida com tudo, ou seja, não lida.

Ele foge das pessoas, ele não se permite conviver com elas, entendo que seja muito doloroso para ele ter que “ser visto pelos outros”, mas ele precisa aprender a conviver com isso, todos tem problemas, certo? Todos temos limitações, todos temos nossos próprios demônios.

Há anos me livre de qualquer coisa que lembre a palavra “namoro” ou “casamento”, nem fui namorada e já fui mãe, agora nem fiquei noiva e já estou casada, mesmo que eu não queira, fiz isso e tenho que pagar pelas consequências dos meus atos.

Me questiono se não foi errado me envolver com Jack, mas isso é algo inevitável, ou foi, não sei, meu futuro é tão incerto, isso me dá nos nervos.

—E acabou!

Já?

Sandy vem para perto de mim toda empolgada, acho que fui bem, estava tão concentrada, que nem sei se fiz tudo certo, mas pela cara dela, não fui das piores.

—Hora da meditação, vamos fazer uma sessão de ioga.

Ioga? Sério?

Tão sério que ela traz os tapetinhos coloridos, nunca fiz ioga, Sah já praticou por várias vezes, no intuito de controlar a ansiedade, mas bem, já estou aqui mesmo.

Estico meu tapete e realmente me interessa quando Sandy começa a posição inicial, a praia não está tão cheia, é meio de semana, e esse horário o pessoal aproveita mais para correr, olho em volta, meu pequeno tesouro está fazendo um castelinho de areia, fico surpresa ao ver Alejandro sentado ao lado dele, sem o tênis, mexendo com os baldes do Nando, não sei se eles conseguem se comunicar, Olaf sumiu de vista.

Me concentro, fecho os olhos e o que vem a minha mente é a sensação do toque de Jack, o beijo, o cheiro dele, eu não tenho memórias de sua face, mas de tudo o que vivi com ele nesses dias de loucura, brigamos tanto, discutimos tanto nos primeiros dias, agora que as coisas estavam começando a se encaminhar, ele vai embora sem ao menos me falar o porquê.

Me recuso a me sentir mal, o meu orgulho eu acho, mas me sinto mal, não consigo entender esse homem.

A aula acaba, Sandy me cobre de elogios, meu corpo agora está mais relaxado, me sinto cansada, mas bem relaxada, é claro, soei para caramba.

—Nos vemos amanhã no mesmo horário, combinado?

Não!

—Está bem. —O que eu estou fazendo? —Obrigada Sandy.

É apenas o meu bom senso retornando, dizendo para eu mesma que ninguém precisa saber dos meus problemas, que preciso ficar bem, que estou de férias e que preciso me distrair amanhã, e depois de amanhã, e todos os dias seguintes, sem aquele louco por perto.

Nos despedimos de Sandy, ela parece ser uma excelente pessoa, é alto-astral e sorridente, muito gentil.

Para minha total surpresa, o robô Olaf pau mandado, aparece com duas águas de coco, ele não tira os olhos de Sah, ela não percebe, está mexendo no celular de novo, aceito, estou morrendo de sede.

—Senhora!

Quando me viro de novo, ele está com o meu celular—emprestado pelo Jack—na mão, ele estende o celular com cara feia, eu não quero, dessa vez não.

—Senhora, por favor.

Sou uma completa idiota por me importar tanto com as pessoas, não sei dizer não, pego o celular, ele sorri muito pouco e se afasta olhando para a bunda de uma loira, duvido que até amanhã ele não leve um chega para lá de alguma mulher por causa disso.

Analiso o meu celular, está do mesmo jeito, os fones enrolados no aparelho, ele vibra, e sei que é Jack, não desbloqueio, mesmo que a minha curiosidade queime dentro de mim, hoje não, bem, pelo menos não agora.

Não estou disposta a te obedecer sempre, Jack, eu sou sua mulher—ou era o que parecia—, não uma empregada disposta a te obedecer.

Vou até o nosso guarda sol, guardo o celular na minha bolsa, Sah tira a entrada e arruma o biquíni, que por incrível que pareça, é bem-comportado e um pouco maior do que ela já está acostumada, me estende o bronzeador.

—Alejandro Pinóquio está sorrindo..., ele tem dente?

Rimos, começo a espalhar o bronzeador nas costas da Sah, ela prende os cabelos num coque, olho em volta, lembro de Malibu, sinto falta de lá, mas principalmente de tudo o que vivi lá.

—Gosta mesmo dele, não é, Duda?

—Sim, mas ele é muito complicado.

—Por que você não conversa com ele?

—Ainda estou com a cabeça quente, preciso esquecer isso.

—Então, o que está esperando?

Minha prancha já estava na caminhonete de Sah quando descemos, ela realmente já havia planejado esse passeio bem antes de sugerir.

Sorrio, tiro a calça de malha, pego a prancha, depois estou correndo para água, hoje nem me dei ao trabalho de vestir minha roupa de mergulho.

O mar está calmo, mas dá para pegar algumas, eu acho.

Consigo a primeira depois de ficar esperando quase cinco minutos, tem algo do qual preciso sempre agradecer ao Van. Quando eu tinha quatorze anos, viemos a praia e ele tinha um amigo que é surfista, depois desse dia,

nunca mais quis saber de outra coisa quando nós estamos perto do mar, ou mergulhar, se bem que não tenho condições financeiras para viver mergulhando. Quando viajamos para Fernando de Noronha uma vez—com os pais da Sah—, mergulhamos em alguns arquipélagos, foi uma das melhores viagens da minha adolescência.

Já me sinto melhor depois da décima, levei dois tombos, mas compensou cada segundo, saio satisfeita, estou satisfeita, mais tranquila quando chego no guarda sol, Sah está torrando aqui do lado, de costas, bebo um pouco da minha água de coco, desprendo a prancha do meu pé, Alejandro se aproxima com o Nando pendurado em seu ombro, meu coração se contrai um pouco, quero que um dia Jack faça isso com ele.

Jack não quer que você o veja, Jack é problemático, e Jack foi embora!

Alejandro olha para Sah com o canto de olho depois se senta na cadeira perto dela, colocando o Nando no chão, não sei por que tenho a impressão que ele já não ignora tanto ela, mesmo que não pareça que ele não se importe com ela, Alejandro não tira os olhos de Sah, vi ele fazendo isso lá em casa, e agora fez de novo.

—Jack quer que fale com ele pelo celular. —Alejandro fala baixo e bastante educado, mas com dificuldade, agora olha para bunda de uma loira que passa bem mais adiante da gente. —Agora.

Homens são todos iguais, será que Jack é assim? Não quero falar com ele, e odeio esse tom arrogante do irmão dele, enfio a prancha com força na areia, Nando já está fuçando a bolsa térmica, me sento na esteirinha, me sinto obrigada a pegar o celular, afasto o nervosismo, já sabia que mais cedo ou mais tarde isso aconteceria.

Desbloqueio e tem 27 chamadas não atendidas, abro o WhatsApp, mais de trinta mensagens não lidas, coço minha nuca.

—Ele está furioso!

Que fique!

Mas nem respondo a Alejandro, começo a ler as minhas trinta mensagens, me preparo para a bipolaridade de Jack respirando fundo.

“Bom dia, tudo bem por aí? Espero que sim, bjs”

“Espero que esteja animada com seu primeiro dia de treino, Sandy é ótima, bjs, Seu Jack”

Meu? Ok!

“Vida, não quero brigar, estou com saudades”

As mensagens tem diferença de dois minutos de envio e vão diminuindo, Jack é um completo ansioso.

“Espero que o Nando esteja bem, já estou com saudades dele, você já acordou?”

“Vida?”

“Gostaria que estivesse comigo agora”

“Espero que nos vejamos em breve”

“Acho que ainda está dormindo”

“Estou lendo Orgulho e Preconceito, peguei na sua mala”

“Ah, desfiz a sua mala, coloquei seus novos livros na sua estante”

“Você tem calcinhas bem bonitas”

Quero rir, mas fico séria, não posso rir, não vou rir, esse cachorro!

“Maria, seu silêncio é uma tortura, você não precisa se preocupar, deixei uma quantia modesta para que possa aproveitar suas férias com o Nando, acho que posso chamá-lo assim, me sinto próximo do seu filho, gosto dele, posso fazer um papel de pai para ele”

Sinto vontade de chorar, ah Jack, por que você fala essas coisas?

“Esses dois dias foram os mais divertidos da minha vida, nunca consegui vencer tantas barreiras, me sinto grato, tenho esperanças de novo”

“Talvez não saiba a importância disso tudo para mim, me senti parte de uma família de verdade, foi muito bom”

“Piscina de bolinhas”

“Ok, parei”

Olho para os lados para ver se alguém está me vendo rir sozinha como uma grande louca, ah, que se danem também, a próxima mensagem é de horas depois das primeiras.

“Vida, por que você não atende?”

“Maria, atenda agora”

“Atenda”

Mais uma sequência de enormes “ATENDA”, Seis mensagens consecutivas de “AGORA”, e fim das mensagens, Jack está digitando agora.

“Você não vai me responder?”

“Estava me exercitando, Senhor Carsson”

Me defendo, também não vou adular, ele acha que pode fazer as coisas assim e ficar agindo como um louco bipolar e eu vou perdoar ele? Cansei.

“Vida!”

Abafo o meu suspiro, sei que já estou completamente despejada nessa esteirinha, Jack está gravando um áudio, é curto, coloco meus fones, ignoro minha própria ansiedade com a expectativa em ouvir sua voz de novo, ele não merece que eu me sinta assim em relação a ele.

—Atende, ok?

E o celular começa a vibrar, deslizo o meu dedo pela tela, preciso atender, sei que ele vai me infernizar se eu não atender.

—Oi!

—Oi, Jack.

—E aí? Como foi com a Sandy?

Ótimo, ele está fingindo que nada está acontecendo, sou boa nisso também.

—Foi bom, fizemos ioga.

—Você está bem?

—Sim e você?

—Estou bem, em São Francisco.

São Francisco? Isso não é em Nova York, é na Califórnia!

—Ah, entendo.

—Resolvendo algumas coisas aqui, você não está com saudade?

—Sim, estou—confesso, bem, não posso mentir sobre os meus sentimentos para ele, seria injusto com Jack, pelo visto ele não está bem. —O que houve?

—Nada, apenas sinto muita falta de vocês.

Odeio quando ele fala essas coisas, faz com que eu me sinta culpada, ele se tornou dependente de mim muito rápido, e eu acho que me tornei um pouco dependente de sua presença.

—Obrigado por você ter aceito que Alejandro fique, ele não está bem esses dias, precisa relaxar.

—É? Ele parece bem.

—Alejandro tem depressão.

Que merda de Família é essa?

Vadia incompreensiva!

—Ele não parece ter essas coisas.

—Mas ele tem, me preocupo com ele, a namorada o largou, ele é muito difícil, como eu.

—É, ele não fala muito.

Alejandro já não está aqui, está perto do mar, mas ele não tira os olhos de Sah, que pelo ronco, está no ultimo sono, ele disfarça quando percebe que eu estou olhando.

—Por que ele terminou com ela?

—Por causa da Sarah.

Ah não! Essa conversa não deveria ser sobre a gente?

—Ele nutre sentimentos por ela.

—Ela não deu esperanças para ele.

—Maria, você não precisa falar que eu e o meu irmão somos dois doidos, eu sei disso.

Engulo a seco a declaração, me arrependo, não foi isso o que eu quis dizer, apenas fui pega pela surpresa.

—Não é isso.

—Então...

—Por que ele nutre sentimentos por ela?

—Porque ela deu em cima dele.

—Ela não deu, ela me disse que apenas foi educada.

—Não quero que ele sofra, ele me pediu para ficar porque quer se aproximar dela, não pude impedi-lo, Alejandro é um bom rapaz.

—Eu não disse que ele não é.

—Vida, está brava por que o meu irmão gosta da sua amiga?

—Estou brava com você!

Jack dá uma risadinha irritante.

—Entendi.

—Que bom.

—Não fique sem atender.

—Você não manda em mim.

—Claro que não, só sou seu marido doido.

Ele está amargo hoje, tento recuperar a paciência que perdi depois que conheci esse homem.

—Jack, eu gosto muito de você e estou muito feliz que você faça parte da minha vida, mas você não pode ir embora sem ao menos me falar para onde vai, ou sei lá, me dar ao menos um pouco de tranquilidade—reclamo—, você acha que eu não me importa quando tudo no que eu mais penso é em você, em nós, em como será tudo isso.

Ele fica calado, não me arrependo de ter dito, mesmo que isso provoque outra briga entre nós dois.

—Sinto muito, foi de caráter urgente, estou tentando resolver tudo o mais rápido possível para voltar. Você não desistiu, certo?

—Claro que não —respondo, aliviada com o fato de que ele vai voltar. — Você não parece bem.

—Logo que eu voltar, eu te explico.

—Está bem.

—Preciso ir, fique atenta ao celular.

—Ok.

—Gosto muito de você, Maria, por favor, tenha um pouco de paciência.

—Aham.

Ficamos calados por alguns momentos.

—Nos falamos depois, beijo.

—Beijo.

Ele desliga.

—Pelo menos não estava tão irritado dessa vez.





Terceiro Dia

Sah sai da caminhonete e os olhos de Alejandro estão nela. Quero rir, acho que essa é a primeira vez na vida que algum homem gosta dela e ela não tem a mínima ideia disso.

Olaf sai do carro que estaciona na garagem da minha mãe, Van construiu muito bem essa casa, depois da reforma tudo nela é um pouco grande.

Por muita insistência do Nando, o irmão de Jack veio conosco no carro da Sah, foi um percurso alegre e cheio de canções agourentas dos anos 90 e 2000, Sah adora tirar um sarro com a minha cara, algo sobre eu amar dançar na minha adolescência, isso foi há tanto tempo, que nem gosto de lembrar.

Ok, nem sempre eu fui uma total esquisita, acho que me tornei assim depois de tudo o que me aconteceu.

Mamãe já saiu, Juh não está aqui, nem Van, sempre tem barulho quando alguém está no andar de baixo, me sinto exausta e relaxada, me deu até fome, ainda não comi nada hoje.

—Vamos pedir marmita?

—A menina da marmita.

Olho para ela, Sah faz cara de vítima, eu gosto de marmita, da licença?

—Vem, Alejandro.

Nando já está puxando Alejandro para dentro de casa, Olaf caminha tranquilamente para o meu sofá, suspiro, acho que preciso me acostumar com isso.

—Ele vai ficar?

—Jack disse que ele terminou com a namorada.

Sah franzi a testa, está bem surpresa.

—Mas ele tem que ficar?

Acabo rindo, claro que ele tem que ficar, não posso expulsar o meu cunhado assim do nada daqui de casa, ainda mais agora que sei que ele é tão, ou mais problemático que o meu marido.

Meu marido cachorro.

—Aham.

—Ok, você está brincando, não é?

—Quem mandou você dar em cima dele?

Sah grunhe, me afasto rindo, isso é realmente engraçado.

Vou para o meu quarto, preciso de um banho, olho para a cama de relance, suspiro, será que vou me sentir assim sempre que ele estiver longe de mim? É muito ruim ter a sensação de que algo falta na minha cama.

Nunca senti isso.

Pego o meu celular e não vejo nenhuma nova mensagem, não tem ligações perdidas, ele deve estar muito ocupado.

Será que posso mandar uma mensagem para ele?

Vou para o banheiro enquanto decido, seleciono uma música do set list do meu bad romance, uma do Queen, Somebody To Love.

Aumento no último volume, tiro as minhas roupas e o maiô, meu corpo está um pouco dolorido, o primeiro dia de exercícios não foi tão ruim assim.

Entro no chuveiro, e tudo em que penso é nele, fecho os olhos e vejo as coisas como ela são hoje. Viajei, me casei bêbada, tive uma semana estressante de aceitação em relação a tudo, descobri que tenho uma libido—ainda não sei bem o que isso significa—, que o meu marido é um obcecado, que ele tem um passado difícil e doloroso e é cheio de segredos, não posso vê-lo e, tudo o que tenho em minha mente é sua voz, em meu corpo seu toque, lembranças das sensações e da presença de Jack.

Eu o quero muito.

Nunca quis ninguém, nenhum homem me despertou tantas coisas maravilhosas, novas, desejo ele e, anseio tê-lo aqui comigo.

Já estou decidida, estou terrivelmente atraída por ele.

Jack pode não ser o melhor modelo de homem do mundo, ele não é perfeito, mas ele se importa comigo—até demais—, ele gosta do meu filho e quer realmente que as coisas entre nós dê certo.

Em parte, acredito que saber sobre o passado dele seja a pior coisa do

nosso envolvimento, não posso ignorar e fingir que é normal, porque isso tudo não é nada normal.

Não posso vê-lo, isso me afeta, mas para mim, agora que descobri sobre ele e o porquê dele ser assim, está começando a fazer bastante sentido, mas não posso me dar ao luxo de ignorar isso e aceitar logo de cara, porque não seria eu mesma e, eu nunca mudaria minha personalidade por ninguém.

Sou assim e gosto de ser assim.

Termino meu banho e escolho uma calça de malha e uma blusa nadador, está quente como sempre, mas com homens em casa é impossível ficar andando de short.

Coloco uma toalha na cabeça, vou para a sala sentindo o cheiro de comida, Sah deve ter pedido marmita do restaurante onde mamãe trabalha.

Ela está colocando a mesa para quatro, Nando está mostrando seus gibis para Alejandro no sofá, e Olaf assiste TV no canal CNN internacional, Nando já tomou banho e Sah também, ela usa um vestido tomara que caia comprido e mais soltinho, acho que ela fica bem em qualquer coisa que seja.

Mamãe mandou tudo em marmitas separadas, bastante comida, hoje tem galinhada, feijoada, milho refogado e banana frita, muita salada, gosto do que vejo, amo a comida da minha mãe.

Meu celular vibra em cima da mesa, sei que é ele, Sah chama Nando para o almoço, já vou me sentando e desbloqueando o celular.

“Você não comeu nada hoje”

E um emoji irritado.

“Estava sem fome, agora vamos almoçar”

“Coma muita salada”

“Tá!”

Carinha mostrando os dentes, tento não rir.

Alejandro se senta ao lado de Olaf, de frente para nós duas, Nando pega seu prato já com bastante comida e se afasta no rumo da sala.

—Posso comer isso? —Alejandro pergunta bem tímido, aponta para banana frita na cestinha.

—Pode comer o que quiser, Alejandro —respondo e sinto um pouco de pena dele, coitado, será que ele tem uma fobia tão louca quanto a de Jack?

—Obrigado.

Ele se serve de salada e banana frita, Olaf se serve de um pouco de tudo, estou cercada de homens muito calados. Me sirvo de salada primeiro, Sah também, gostaria que essa situação não parecesse tão estranha, tenho a segurança do meu marido aqui, o irmão dele, mas ele não está aqui.

—Gabriel me ligou hoje de novo —Sah fala servindo suco de laranja para todos. —Adivinha.

—Ele pediu para voltar?

—Ela quer que eu seja madrinha de casamento deles.

Meu queixo cai, Sah faz cara de tédio, começo a rir, é involuntário.

—Ela perguntou quem era a melhor amiga dele e ele falou o meu nome, então, ele disse que ela me convidou para ser a madrinha deles.

—E aí?

—claro que eu vou, eu e que não dou o gosto dele me ver mal.

Ela revira os olhos, mas sei que não está bem com isso.

—E você vai comigo para que eu sobreviva.

—Com certeza.

Meu celular vibra, desbloqueio.

“Ele gosta dela”

Olho para Alejandro, ele está concentrado em Sah, sério, depois ele parece levar uma cotovelada de Olaf e desvia o olhar para o prato.

“Já percebi”

“Não quero que ele se magoe”

“Jack, ele mal conhece ela”

“Alejandro não se importa com isso, conheço ele.”

“Ela odeia ele”

“Por que?”

“Eu não sei”

“Vida, você está com um humor péssimo”

“Não pague para ver, Jack”

E bloqueio o celular, me concentro na minha comida, não volta a vibrar. Sah tagarela sobre a agência, algo sobre sua substituta.

—Acho que o meu pai está interessadinho nessa mulher.

—Sah, você é muito ciumenta.

—Olha quem fala.

Eu não sou ciumenta.

—Come isso aqui, Pinóquio. —Sah joga uma fatia de manga no prato de Alejandro.

—Obrigado. —Alejandro mal olha para ela.

—O que eu estou falando, é que essa mulher é muito da oferecida. —Sah enfia uma garfada de comida na boca. —Odeio ela.

—Você odeia todo mundo.

—Aí, que mal humor!

Olho para Sah, respiro fundo e abraço ela com força, nunca senti como se ela tivesse que me suportar, beijo sua bochecha.

—Eu adorei a Sandy.

Também gostei dela.

—Será que ela cobra muito caro?

—Não precisa pagar, Sarah. —Alejandro responde olhando para o prato vazio. —Ela está à disposição total de vocês.

Poxa.

Sah também fica impressionada.

—Gosto de pagar as minhas contas.

—Eu não perguntei se gostava, ela está à disposição e pronto.

Já entendi, Jack júnior.

—Então tá, né.

Ela faz uma cara de “grosso”, o resto do almoço é completamente silencioso, acho que a Sah já percebeu que o Alejandro não é do tipo que leva desaforo para casa. Os homens repetem, e Olaf só parece satisfeito na terceira pratada. Começo a tirar a mesa, Sah me ajuda, Nando pega o sorvete no congelador, Sah começa a lavar a louça, seguimos essa rotina sempre.

—Que horas que ele vai parar de me encarar?

Sah para ao meu lado na pia, está guardando o que sobrou nas vasilhas.

—Ele está afim.

Sah me encara chocada.

—De mim?

—De mim e que não é.

Sah fica paralisada, depois ela continua fazendo uma cara muito estranha, não acho que ela está feliz com isso, mas ela também não está irritada.

—Hey, novinho —Sah chama e Alejandro fica nos olhando meio confuso.
—Você quer sorvete?

—Sim.

Sei que ela é assim, Sah é muito espontânea, acho que ela não se importa com isso.

Ela serve sorvete para os dois homens, depois vem me ajudar, conversamos um pouco sobre Gabriel e o casamento, achei que ela fosse ficar pior, mas dessa vez acho que ela colocará um ponto final nessa história.

Quando terminamos, alguém toca a campainha da casa da minha mãe, Olaf levanta, não faço ideia de como ele conseguiu as chaves daqui de casa.

Está tudo tranquilo, pego a minha taça e vou para sala, alguns instantes depois vejo Joseph entrar na minha casa com uma pasta e vários livros, suspiro, o celular vibra no meu bolso e desbloqueio. “Hora do inglês, vida, boa aula”.



Noite 3 Da Obsessão

Olho para todos esses livros, me sinto entusiasmada depois dessa primeira aula, Joseph é um excelente professor, muito gentil e educado, até mesmo que os meus professores da faculdade. Ele se mostrou bastante paciente nesse primeiro dia, aprendi bastante coisa, muitas eu já sabia, outras eu acho que deu para engolir.

Respondo os livros achando algumas questões muito fáceis, outras um pouco complicadas, principalmente questões sobre números e cores, mas estou bem empolgada.

Sah joga vídeo game com Alejandro, eles dois parecem mais familiarizados, Nando está esparramado no sofá, lendo seu primeiro exemplar de Harry Potter, Olaf quase cochilou na minha poltrona reclinável, acho que ele não está acostumado com a mesmice, ou a ficar parado.

Aproveito que terminei as atividades de inglês e pego o meu TCC, dou uma analisada nos assuntos, à tarde passou muito rápido, já são quase seis da noite, suspiro, já olhei no celular pelo menos umas dez vezes e nada.

Jack não mandou mensagem, eu também não mandei, acho que mais cedo estava muito irritada com tudo, agora estou menos estressada, meu primeiro dia longe dele voou.

Decido lhe mandar uma mensagem de boa noite.

“Oi, Jack, sou eu enfim, boa noite, sua Duda, bjs”

Envio, não sou muito carinhosa, ouço um berro de Sah, Alejandro está levando uma surra dela no futebol, Nando berra para que ela faça menos barulho.

Preciso fazer o jantar.

Mas o meu Iphone toca e sei que é ele, coloco os meus fones e saio para fora, sento na escada e atendo, estou sorrindo.

—Minha?

—Convencido.

—Como foi a aula?

—Foi boa.

—E como estão as coisas aí?

Suportáveis.

—Estão bem, e aí?

—Muito trabalho.

Esse é o mundo dele, Jack deve ser daqueles homens cheios de compromissos, reuniões, viagens, a realidade dele é muito diferente da minha, fico um pouco triste, não sei se serei o suficiente para ele—sei que não sou—, ou como as coisas serão daqui para frente.

—O que foi, vida?

—Estou com saudade.

—Eu também.

Ficamos calados, percebo nesse instante que sinto bem mais falta dele do que de qualquer outra pessoa ao meu lado, me apeguei a ele.

—O que está fazendo?

—Vou preparar o jantar.

—Está bem.

Mais silêncio, me levanto, fico esperando, ele não fala nada.

—Até mais, Jack.

—Até mais.

E desliga.

Quero chorar, as luzes da casa da minha mãe já estão acesas, mas não estou nenhum pouco afim de ir lá, volto. Sah está mostrando para Alejandro umas fotos dela em uma viagem que fez para a Índia, começo a preparar o jantar.

Decido por aproveitar a comida do almoço, fico vendo a forma como o meu novo cunhado observa Sah, ele parece tão admirado, acho que Jack tem razão, ele realmente gosta dela.

E ele mal a conhece.

Como pode ser isso? Será que conosco foi da mesma forma? Será que já tivemos uma química automática? Quero lembrar.

Minhas memórias com Jack se resumem apenas em sensações, no toque dele, fico arrepiada só de lembrar.

Não me sinto mal com isso e quero mais.

—Mãe.

Nando está parado ao meu lado, eu mal o vi se aproximando.

—Você está brava com o Jack?

—Não.

De manhã estava magoada, agora eu não sei se devo me sentir assim, porque sei que Jack está trabalhando, ele não foi por nada além disso.

—Ele volta quando?

—Acho que daqui a um tempo.

—Tomara que logo, né, mamãe.

—Sim.

Coloco ele para lavar as folhas da salada, minha geladeira está lotada de folhas, verduras e frutas, bem diferente do que eu já estou acostumada, tenho absoluta certeza de que isso não é coisa da Sah.

Quando vejo, Nando está mexendo no meu celular, eu não faço a mínima ideia de como ele conseguiu descobrir a senha.

—Mãe.

—Oi.

—Sorri para mim.

Sorrio colocando a mão de lado, acho que ele está tirando fotos, não ligo, ele ri com as poses que eu faço, mesmo que eu não ouça o som do flash, deve ter deixado no silencioso.

—O que vocêalaria para o Jack se ele estivesse aqui?

—Não sei.

—Ah, vai mãe, fala que gosta dele, você gosta.

Nando me conhece.

—Claro que eu gosto, ele é o meu boy magia.

Nando ri.

—Ele é legal, mãe.

—Você gosta dele?

É um momento perfeito para conversar com o Nando, também quero falar com ele sobre outro assunto.

—Ele gosta de gibis.

Me sento a mesa, tenho que tomar cuidado com esse assunto.

—Filho, por que você brigou na escola?

—Por causa de uma menina.

Olho para o Nando, ele parece tão sem graça, envergonhado até.

—Você gosta dela?

—Sim, eu beijei ela.

Poxa.

—Mãe, eu gosto dela, mas acho que ela não gosta tanto assim de mim.

—Por que?

Ele olha para baixo, e de um jeito muito triste me olha, meu coração se aperta e fico dolorosamente magoada por imaginar que seja por sua limitação,

sempre sofro muito quando Nando sente alguma espécie de dor tanto emocional, quanto física, não gosto nem de pensar do quanto ele deve ter apanhado nessa briga, mal lembrava disso, me sinto irresponsável.

—Mãe, você está brava?

—Não filho, ele machucou você? Assim que passar o recesso, eu vou na secretaria da escola.

—Não mãe, eu estou bem, só levei um empurrão e arranhei a perna, já até sarou.

—Mesmo assim, eu vou falar com a diretora.

—Tudo bem.

Dou a volta na mesa e abraço ele com todo o amor do mundo, o meu filho é tudo o que eu tenho de mais precioso, não imagino um mundo sem ele comigo.

—Te amo, mãe.

—Também te amo, meu bebê.

Ele ri, lhe faço cócegas, depois eu o pego no colo e o levo para a sala, Nando pula no sofá todo feliz, ainda envergonhado, chamo Sah.

—Me ajuda a terminar o jantar?

—Aham.

Sah me ajuda com o restante da comida, optamos por uma omelete e fazemos um mexido com as sobras, não sei se os dois se importam, mas é o que costumamos comer aqui em casa.

O jantar é um pouco mais descontraído, Alejandro não fala muito, mas parece entender algumas piadinhas que a Sah faz, ela troca as duas línguas muito rápido, Olaf basicamente comeu umas duas vezes depois da primeira, acho que ele gostou da comida da minha mãe.

—Acho que já vamos —Alejandro fala assim que terminamos de organizar a cozinha. —Amanhã nos vemos no mesmo horário.

—Está bem.

Acompanho os dois até a porta, Olaf me olha com um pequeno sorriso, acho que eles tem as chaves do meu portão, aceno e fecho a porta um pouco sem graça, acho que eles estão hospedados em algum hotel da cidade.

—Ele não é tão chato como eu pensei.

Olho para Sah, vou até lá, ela já está fazendo bico, estava demorando.

—Vamos nos entupir de chocolate e falar mal deles?

Sorrio, acho que posso falar um pouco mal de Jack, afinal, ele deu motivos, certo?

—Vamos.

Sei que tenho que ocupar a minha mente, como fiz durante todo o dia, ou irei acabar ficando depressiva, acho que se eu parar para pensar em tudo, vou acabar chorando muito, para mim é tudo muito novo.

Faço uma panela de brigadeiro enorme para nós duas, Sah já está vendo “Grey’s Anatomy” e chorando horrores quando chego na sala, o Nando deve ter ido dormir, ou deve estar montando seu novo quebra cabeças.

—Acho incrível que todos esses anos, eu tenha mesmo ignorado o meu bom senso e me enganado tanto em relação ao Gabriel, a mim mesma.

Acho que só dessa vez ela enxergou toda a realidade, como as coisas funcionam, as vezes eu tinha muita pena de Sah, pois, ela amava Gabriel profundamente, ele foi o primeiro dela em todos os sentidos, e ela era muito apaixonada por ele, seu primeiro amor. Eu não entendia por que ela se humilhava tanto atrás dele, ela sempre foi uma moça linda e simpática, do qual todos gostavam—diferente de mim, que me isolei sempre—, hoje prefiro entender que tudo tem uma hora para acontecer, mesmo que acreditasse que já tinha passado da hora dela parar de correr atrás dele, agora percebo que este é o momento, ela precisava passar por tudo aquilo para saber sua real posição nesse relacionamento.

—Em que momento eu parei de me importar comigo, Duda? Tentei esquecer o Gabriel tantas vezes, eu não consigo.

—Consegue.

—Queria ser a noiva.

—Você vai ser, do cara certo, que te merece, alguém bom para você, não alguém que permite que você sofra ou te machuca.

—E você?

Respiro fundo, meu futuro é tão incerto quanto o seu, Sah.

—Não sei.

—Jack gosta de você.

—Isso não é o suficiente para ficarmos casados.

—Mas pode chegar a amar ele com o tempo.

—Jack é difícil.

—Como ele é com você na cama?

Por incrível que pareça, dessa vez eu não estou brava, enfio uma colherada do meu brigadeiro na boca, Jack é maravilhoso comigo na cama, ele faz com que eu sinta essas coisas absurdas, que eu permita que ele faça sexo oral comigo... fico sem fôlego só de lembrar.

—Ele é carinhoso?

—Ele tem a boca suja.

—Tipo, só fala sacanagem?

—É, mas ao mesmo tempo ele também me trata muito bem.

—E você?

—Você sabe que eu nunca fiz amor com ninguém, Sah.

—Mas você agradou ele?

Ai, agora você está falando igual aquelas mulheres inadequadas do século dezoito, eu não sei se o agradei tanto assim, não tenho jeito com essas coisas.

—Não sei.

—Sem graça.

Enfia uma colherada na boca e muda de canal fungando, não gosto muito de falar de sexo com a Sah, ela banaliza demais isso, eu meio que valorizo, eu não gosto de banalizar tanto algo assim, se bem que pelas minhas primeiras vezes com ele, não posso falar que fui um exemplo de romantismo.

—Você ao menos gozou?

—Sah!

Ela ri, estou corada, droga, Sah!

—Isso é muito normal.

—Para você, que não pode ver um pau.

—Hei, olha o respeito, sua boca suja, para sua informação, eu não faço sexo há mais de um mês.

—E o espanhol...

—Eu menti.

Chocada!

—Sabia que você e Gina não acreditariam na minha história, então, menti.

—O que aconteceu?

—Aí, aquela cara era um nojento, ficava toda hora enfiando a mão no meu vestido, eu nem tinha dado mole para ele, e também, eu cansei dessa vida, de homem quero distância.

—Sei.

Ela me abraça, imagino que Sah não esteja mentindo, e desejo mesmo de coração que ela esteja falando a verdade, ela precisa de um tempo só, ter tantos relacionamentos assim não é legal, acho que se ela não fosse minha melhor amiga, sua vida seria ainda mais vazia e sem graça.

—O novinho, não parava de me olhar, acho estranho, acha que ele tem interesse por mim?

—Jack disse que Alejandro tem depressão, que ele gosta de você.

—Coitado.

—Esses homens são tão problemáticos.

—Falta de uma mãe.

Não resisto.

—Por que não vira a mamãe dele hein, Sah?

Sah fecha a cara, gargalho abraçando ela, realmente, essa foi pesada.

—Alejandro não é o meu tipo, é muito jovem, e ele é bonito demais para mim.

—Pode levar ele ao shopping amanhã.

—Ha, muito engraçado.

—Dar de mamar!

Sah fecha a cara e me ignora, ainda estou rindo muito disso, adoro enfezar ela de vez em quando.

—E colocar na cama.

—Duda, já chega.

—Ok, parei.

Me viro para a TV, Discovery, suspiro, foi um bom dia.





Dia 4 da Obsessão

Sandy está determinada em me destruir.

Por que eu concordei com isso mesmo?

Acho que não faço flexões há mais de dez anos, desde a quinta série talvez, melhor, acho que nunca fiz, eu mal acordei hoje e ela já apareceu tocando a minha campainha, falando para eu afastar os móveis da sala, que faríamos nossos exercícios aqui mesmo.

Atrás dela um Alejandro sorridente—de jeans e camiseta xadrez—e Olaf, com a mesma cara robótica de sempre. Olaf—que também usa roupas bem informais—foi direto para o meu fogão, acho—tenho minhas suspeitas—que ele não come bem quando não está aqui, ele pareceu tão feliz em ver a sacola de pão, quanto uma criança quando ganha um doce, se serviu de café e agora está sentado perto da TV ao lado do Nando, vendo “A Hora da Aventura”. Sah está ao meu lado, muito empolgada com minha nova treinadora, tento sobreviver, respirar, todo o meu corpo dói com esses exercícios.

Nunca precisei disso, por que faço isso agora? Eu já sou gorda mesmo, não preciso emagrecer.

Saúde.

Jack.

E a minha mania idiota de sempre falar sim para as pessoas, é difícil falar não, ainda mais para alguém tão simpática e alegre como Sandy, acho que se eu dispensar, ela vai ter um ataque de choro.

Isso não vai mudar a minha vida em nada, não serei mais magra no fim do dia, não serei mais bonita, e eu não estou sendo paga para isso.

Ignorante!

Sou mesmo.

Hora dos Chutes, essa é a parte mais fácil, uma sequência de cinquenta chutes com cada perna, Sah é tão rápida, que me sinto uma lesma perto dela, deveria estar na minha cama agora, deveria estar descansando, estou de férias tendo aulas de aeróbica com uma treinadora que não para de berrar palavras como “vamos, querida, você consegue” “isso mesmo, chuta” “você é a melhor”, mas o incentivo é tanto, que me sinto até mal de pensar em desistir.

Abdominais, já prevejo trevas, dor na barriga, e sofrimento.

Ah Deus.

Eu não vou conseguir.

Me deito, Sandy vem e segura as minhas pernas dobradas, ela sorri para mim e me mostra como devo manter a coluna, no terceiro estou completamente morta, mas ela não permite que eu pare.

—Eu vou morrer!

E olho para Sah, fico boquiaberta, ela está fazendo abdominais bem mais rápido com pesos nos pés, enquanto se ergue e deita de novo, me irrita, se a minha melhor amiga consegue, eu também consigo.

Movida pela inveja—sim, eu tenho muita inveja de pessoas assim—retorno aos meus abdominais, quero mostrar que consigo—mesmo que não precise—, quando chego no número cinquenta, estou destruída, coberta de suor, mas orgulhosa de mim mesma.

Sandy me cobre de elogios, abre os tapetes de ioga e desliga a tv, Olaf e Nando resmungam. Alejandro está agora na cozinha preparando o que parece ser o nosso café, estou surpresa pelo meu cunhado—novinho—saber cozinhar, ou ao menos se entender com a cozinha.

A minha nova treinadora—me sinto chique por pensar assim—coloca um pen drive no home e a música de relaxamento começa, sigo suas instruções, Sah está tão concentrada que eu mal me dou ao trabalho de prestar atenção nela, quero tentar essas posições.

Tento me equilibrar nas que preciso ficar de pé, e sobreviver as que eu preciso ficar parada, sentindo ao menos dez músculos do meu corpo queimando.

Quando eu menos espero, já acabou, estou surpresa comigo mesma, Sandy me cobre de elogios novamente, a Sah também, ela sabe realmente fazer seu

trabalho muito bem, ela é cativante.

—Fique para o café.

Convido e ela aceita, feliz demais com o convite, gosto de pessoas assim, apesar de eu não ser completamente sociável e simpática. Nando liga a TV novamente, ele começa a falar para o Olaf sobre o desenho em inglês, fico impressionada com o meu filho, as aulas realmente estão dando resultado, nunca parei para pensar que ele fosse ter que usar o outro idioma tão cedo.

Estou bem mais disposta, sei que tenho o meu inglês mais tarde, como fiz todas as tarefas ontem, me sinto tranquila.

O café com Sandy é maravilhoso, ela conta um pouco de sua vida, história, é formada em fisioterapia e tem uma academia de pilates no centro, ela também dá aulas de ioga e relaxamento, ela é falante e muito empática, Sah e ela tagarelam a todo o tempo.

Acho que o Nando já comeu algo mais cedo, ele acordou primeiro que eu, já estava lendo, acho que ele já está no fim da Pedra Filosofal.

—Amanhã eu venho de novo, Senhora Carsson, você está gostando?

—Sim.

Acho que gosto mais da sua presença do que dá aula em si, tem tantas pessoas que sempre fazem coisas pelas outras, apenas por um bom atendimento do que pelo próprio serviço em si, mas confesso que mesmo não entendendo desse mundo fitness, Sandy parece ser muito boa no que ela faz.

Nos despedimos de Sandy, ela parte com um sorriso largo e gentil, é bom saber que ela não se sente incomodada em me dar aulas aqui, não tenho muito espaço, Olaf já está colocando os sofás no lugar, a forma como ele me olha denuncia fome.

Me levanto, me sinto na obrigação de alimentá-lo, afinal de contas, ele está cuidando de mim, para que eu fique bem.

Preparo dois sanduíches com bastante queijo e peito de peru—que eu nem sabia que tinha na minha geladeira—, encho uma caneca de café com leite e levo para o homem, sei que um homem desse tamanho não pode ficar com fome por muito tempo.

—Obrigado.

—De nada, Robô.

Ele entende e sorri, algo que raramente faz, me afasto um pouco sem graça, Alejandro e Sah estão falando em inglês.

—Alejandro vai te levar no médico em meia hora.

Coro, Jack falou sobre esse médico, mas estou com o pé atrás.

—Eu acompanho você, o Nando pode ficar com a tia enquanto vamos, Joseph chega depois do almoço também, podemos ir ao shopping de noite, que tal?

Não estava nos meus planos, odeio shopping, nas vezes que vou tento ter muita paciência, porque o Nando adora esse tipo de coisa, Sah transformou meu filho um rato de livrarias com o passar dos anos, mas sei que não quero ficar em casa. Se eu ficar, vou ficar pensando em Jack, ontem à noite eu não consegui dormir muito bem. Foi uma noite difícil, cheia de pesadelos, sonhos estranhos, me arrepio só de lembrar.

Tomo um banho rápido, ao voltar para o quarto, vejo o meu Iphone grudado no carregador, olhei para tela tantas vezes, que perdi a conta, li nossas conversas, ouvi todos os nossos áudios, e fiquei esperando ao menos que ele falasse algo. Não sei que horas são em São Francisco, mas creio que a diferença não seja tão absurda em relação ao Rio, não sei que devo mandar uma mensagem, ainda nem olhei para o celular hoje, mas acho que ele não mandou nenhuma mensagem.

Melhor não olhar mesmo.

Me visto rápido, um conjunto de algodão, um jeans mais conservado e uma blusa de alcinhas de algodão, pego minha bolsa e prendo meus cabelos num coque, calço meu tênis e coloco o Iphone na minha bolsa—não podemos esquecer do Iphone—, não esqueci nada, acho que estou apresentável para ir ao médico.

Mamãe não se importou de ficar com o Nando, ela está quieta hoje de manhã, e fica me encarando de um jeito muito estranho agora, não entendo, mas desconfio que ela queira perguntar por que o meu cunhado está aqui e o meu namorado não, nem eu mesma sei, como posso responder, mãe?

Dou um beijo em sua bochecha—coisa que eu nunca faço—e saio, Sah já está tirando o carro dela, Alejandro fala algo para Olaf, que faz que sim e entra na casa da minha mãe, ele não virá conosco pelo visto.

Estou indo na frente com Sah, Alejandro no banco de trás, Sah coloca seu óculos de sol—superteen—e liga o som. Sam Smith, adoro, todos de cinto, então, ela coloca sua 4x4 na estrada, acho que Alejandro já falou onde é. Estou relaxada depois da aula de hoje, confesso, pelo menos dez ossos do meu corpo doem, mas... me exercitar me deixou realmente mais revigorada.

Sah usa um macacão preto com uma blusa de cotton branca por dentro, sapatinhos pretos daqueles meio chiques, os cabelos úmidos jogados de lado, como sempre extremamente linda, não chego nem aos pés dela, nunca quis me vestir igual a Sah na vida, mas só hoje gostaria de estar um pouco mais bem vestida que ela, ela sempre está bem.

—Sah.

—Hum.

—Onde você compra essas roupas?

Sah me olha sob os óculos Ray-ban espelhados, o queixo dela cai, reviro os olhos.

—Amiga, temos que ir às compras hoje à noite.

—Eu não tenho muito dinheiro, quero gastar o que sobrou da viagem, já me planejei para o mês que vem e...

—Jack deixou dinheiro para isso.

Me irrita.

—Eu não quero o dinheiro do Jack.

—Ele é o seu marido, qual o problema?

—Não, obrigada.

Acho que ela me ignora nesse momento, também não quero mais me vestir como você, Sarah, sua puxa saco do Jack.

Demoramos quase uma hora—silenciosa—para chegar a tal clínica, fica no centro mesmo, o trânsito não está dos piores, eu nunca vi essa clínica na vida, ela é enorme e tem um estacionamento quase vazio, parece chique.

Tem um nome em inglês, mas entendo as palavras “ginecologia” e “obstetrícia”, fico envergonhada. Alejandro conversa com Sah e ela sai, também saio do carro, ele fica por conta de estacionar, nos duas subimos os degraus que dão para a entrada espelhada dessa clínica.

Entramos, na recepção algumas mulheres muito bem sentadas com revistas de moda nas mãos, outras grávidas, a maioria delas está acompanhada por homens, outras por Senhoras que concluo que sejam suas mães, elas me olham de cima a baixo, me examinando, enquanto uma loira peituda se aproxima com um sorriso enorme. Antes que ela fale, Alejandro já está na nossa frente estendendo a mão para ela, dá para ver pela reação dela, que fica bem encantada com ele, não apenas ela, mas todas essas mulheres aqui, quem

não ficaria? Ele é lindo!

Eles trocam algumas palavras em inglês, Sah que não é boba nem nada, vai buscar um café para a gente na máquina de expresso. Fico parada, me perguntando sobre a última vez que fui ao ginecologista, morro de vergonha do doutor Franco, ele fez o meu parto e desde então, estamos “juntos”, é um velho mal-humorado, mas ele é muito bom, por sorte, ele atende pelo convênio da Meta, sempre faço papa Nicolau e exames de sangue, tudo ok até hoje.

—Toma.

Aceito o café, Alejandro se vira para a gente e indica a recepcionista, eu e Sah seguimos ela, enquanto vejo meu cunhado ser comido com os olhos dessas mulheres quando se afasta para uma cadeira, será que as mulheres olham assim para o Jack?

Jack!

Por que eu ainda me dou ao luxo de pensar em você?

Porque estamos casados!

Porque fizemos sexo!

E porque eu gosto de você.

Ainda não perdi minha curiosidade totalmente, acho que como ele não está aqui, mesmo que não deva, posso fazer perguntas para a Sah sobre ele, ainda não perguntei nada.

—Sah.

—Oi.

—O que você acha do Jack?

—Ele é muito fechado.

—Fisicamente—pigarreio, estamos entrando pela porta que dá para os consultórios. —Por favor.

—Bem, ele é muito bonito, se parece com Alejandro, mas, eles são diferentes em alguns sentidos.

—Que sentidos?

Ela me olha, me olha, ah, Droga, e quando ela sorri, tenho certeza que ela quer algo em troca para me falar, essa é a Sah, conheço ela, não seria ela se não fizesse isso.

—Eu te falo, se você prometer que me deixa te levar ao shopping para te

comprar algumas roupas e acessórios.

—Com o meu dinheiro.

—O seu dinheiro não dá para nada.

Estreito os olhos para ela da pior forma, não funciona.

—Você está desmerecendo o meu dinheiro?

—Quanto você tem?

—Eu tenho R\$ 2.500,00.

—Jack deixou R\$ 40.

Eu rio, acho que venci.

—Querida, R\$ 40.000,00.

Fico boquiaberta, bem estarecida na verdade, R\$ 40.000,00? Ele deixou R\$ 40.000,00? Não conseguiria juntar esse dinheiro nem em mil anos de metas batidas no meu emprego, eu não ganho isso em um ano de trabalho.

QUARENTA MIL REAIS!

—Decide logo.

Sah, como eu te odeio, não posso aceitar, posso? É muito dinheiro.

—Não.

—Não quer saber qual é a cor dos olhos dele?

Quero, droga, e dos cabelos, e como é o nariz dele, o corpo dele, tudo!

—Sim.

—Então...

—Ok, mas eu quero deixar bem claro que não vou gastar tudo.

—Feito.

Apertamos as mãos e selamos o acordo, sempre fazemos isso, fico esperando.

—Os olhos dele são...

—Olá, você deve ser a Senhora Carsson, por favor, entre.

Paro e esse médico sorridente indica a entrada de seu consultório, tento sorrir, é um homem já de idade, tem cara de ter uns sessenta anos, mas é bem bonito, meio calvo e branco demais, ele indica as cadeiras e a recepcionista fecha a porta atrás de nós duas. Leio seu crachá, Doutor Wesley Carvalho, ginecologista e obstetra, me arrepio toda com a segunda palavra.

—Bom, meu nome é Wesley...

E ele começa a falar sobre sua profissão, tão sorridente e gentil, que me assusto. Me pergunto se o doutor Franco é mal-humorado por ser mal pago, ou se esse é bem-humorado porque ganha bem, acho que se eu fosse rica—de verdade—, as pessoas me tratariam assim, tem coisas que só o dinheiro paga, as vezes não, mas na maioria das vezes sim.

—Preciso que preencha esses formulário e vá para o vestuário, troque a roupa pela camisola e se deite na maca, sua irmã fica aqui.

Com certeza você não é a primeira pessoa que acha que, mesmo sendo completamente diferentes, somos irmãs.

Preencho o formulário bem mais rápido do que deveria, estou nervosa e envergonhada, eu nunca me consultei com outro médico, o meu médico é bem discreto e calado, do tipo que só fala o necessário e quando fala, parece que está brigando comigo.

As perguntas são sobre vícios, doenças hereditárias, doenças respiratórias, e a maioria das minhas respostas são “não”, “sim” para “você já tem filhos” e marco a quantidade, “você já fez algum aborto”, ai credo, “nunca”, deveria ter essa opção.

Deixo a prancheta de lado e entro no banheiro, me dispo, visto a camisola cor de rosa rápido, depois quando volto para o lugar, o doutor já está sentado na cadeira com tudo pronto para um exame—constrangedor—ginecológico.

—Podemos bater um papo antes de começarmos?

Entrego a prancheta para ele e faço que sim com a cabeça, ele passa para folha seguinte, acho que são perguntas sobre meu organismo ou sobre eu fazer exercícios, odeio as sobre o peso.

—Maria Eduarda —ele repete meu nome com um pequeno sorriso. — Sente incomodo quando tem relações?

—Não tinha relações há uns dez anos, não senti nenhum incomodo — respondo, mal consigo olhar na cara do médico.

—Você tem algum tipo de sangramento ou hemorragia fora do período?

—Não, bem, sabe doutor...

—Eu já estou mais ou menos por dentro do seu caso —Wesley fala. — Jack é sobrinho de um dos sócios do hospital, pode ficar tranquila.

Coro ainda mais, Jack já falou com ele sobre tudo!

—Vocês dois tiveram uma relação normal?

—Sim.

—Você se sentiu bem durante o ato? Não sentiu dor?

—Não senti nenhuma dor.

Senti apenas prazer, acho que essa vai entrar para lista das mais constrangedoras da minha vida.

—Bom, o sangramento ainda persiste?

—Não, foi apenas no dia.

—Você já sofreu algum tipo de abuso sexual?

Junto minhas mãos, meu médico sabe disso, apesar de tudo, o doutor Franco sempre soube de que a minha gestação não foi planejada, quando eu o procurei bem no começo, ele conversou comigo sobre isso e acabei falando, não sei se devo falar, mas bem, esse homem é médico, ele fez um juramento, ele não vai falar para o Jack, vai?

—Gostaria que não falasse para o meu marido, mas sim, eu já fui estuprada, tinha dezesseis anos, e o meu filho é fruto do estupro.

—Você fez acompanhamento com alguma psicóloga?

—Sim, por alguns anos, acho que hoje já superei.

—Que bom.

Ele está sendo bem técnico, o que quer dizer que só fez a pergunta por que já está pré-definida na ficha, faz mais algumas anotações, depois indica a maca.

Me deito, coloco as pernas no suporte, o doutor Wesley narra tudo o que está fazendo quando começa o exame, não me sinto tão mal ou incomodada, pelo contrário, ele faz com que eu me sinta até confortável mesmo que constrangida com tudo, é tão dinâmico que o exame acaba bem mais rápido do que eu pensei.

Quando vejo, já estou vestida de novo, sentada e esperando que ele volte, Sah segura a minha mão me passando um pouco de confiança, o doutor Wesley volta e se senta a sua mesa.

—Aparentemente está tudo bem, seus exames de papa Nicolau ficarão prontos em duas semanas, enviarei os resultados para o Jack. —Wesley sorri

—Vou passar um anticoncepcional para você, pode começar a tomar no primeiro dia da sua próxima menstruação.

—Obrigada.

—Qualquer coisa não, hesite em pedir, estou no celular dia e noite.

Algo que o meu ginecologista nem tem.

—Sim, obrigada.

Ele imprime a receita, me entrega e nos despedimos dele, achei que seria bem pior. Fui muito bem tratada. Doutor Franco, me desculpe, mas você precisa muito de uma aula de como ser um médico mais simpático. Voltamos a recepção, Alejandro levanta enfiando o celular no bolso, Sah estende a mão para ele sorridente, acho que eles acabaram se tornando amigos nesses dois dias.

Saímos da clínica ouvindo alguns suspiros de várias recepcionistas, olho para Sah, ela ainda me deve uma resposta, quero saber a cor dos olhos do meu marido e eu vou descobrir, custando ou não R\$ 40.000,00.



Quarto dia

Encontro um Olaf concentrado na TV assim que entro na casa da minha mãe, ele e o Nando jogam vídeo game, ela basicamente nos obriga a almoçar com ela, não sei por que, mas ela está estranha.

Conheço a minha mãe, algo está acontecendo, eu também não vi o Van ontem, ele sempre vai ver o Nando à noite, principalmente na época de férias.

—Mãe, está tudo bem?

Ela sai do transe, sorri para mim.

—Claro que está, formiguinha.

Ela não me chama assim há muito tempo, acho que ela brigou com o Van, ou talvez esteja muito arrependida pelo o que me disse há dias atrás.

—Mãe, eu não estou brava com você.

—Tudo bem, Duda, você gosta mesmo do seu namorado?

—Claro que gosto, ele é muito importante para mim.

Nunca achei que fosse falar algo assim para mamãe, ela me olha, e me olha, depois sorri—estranhamente—, beija minha cabeça e nos deixa só com a mesa cheia de comida, acho que o Olaf e o Nando já almoçaram, nada me tira da cabeça que mamãe não está bem, apesar de tudo, não gosto de ver ela assim.

—Cheguei.

E pela cara dele, também não está bem e eu já imagino que tenham brigado. Van se quer me olha na cara, passa direto, ele olha para Sah de um jeito meio sério demais, depois para Alejandro, mas não fala nada, acho que dessa vez eu não fiz nada, fiz?

No começo eu não entendia por que o Van não gostava de mim, depois com o passar dos anos, eu fui tentando compreendê-lo, eu sempre tentei cativar ele, fazia tudo o que ele mandava. No primeiro ano, apesar de tudo, eu tentava ser uma boa filha para ele, mas não funcionou. Ele não gostava de mim, então, eu decidi pagar na mesma moeda, já faz quinze anos que ele está com a minha mãe, não, dezesseis quase, e nós dois nos detestamos.

Acho que no final das contas, não era para ser.

Acabo perdendo meu apetite, apesar deles dois disfarçarem muito bem, sinto que estão assim por minha culpa, deve ser, por quem mais seria? Por causa da briga que tive com mamãe, ela com certeza brigou com Van por causa disso.

Melhor subir.

—Duda...

—Preciso ficar um pouco sozinha, quando Joseph chegar, peça para que ele suba.

—Está bem.

Saio da casa da minha mãe sem nem olhar para trás, prefiro assim, sou

ótima em me isolar, gosto de ficar só, é melhor do que ficar mendigando a atenção dos outros, coisa que eu nunca fiz e nunca vou ter.

Bem, tive, de Jack, mas Jack não está aqui agora para tentar me ajudar com esse problema, ele não está ao meu lado, acho que foi ótimo a Sah ter ido comigo, mas se o meu marido viesse, talvez me sentisse melhor.

Me sinto meio idiota.

Eu sou uma grande imbecil.

Estou tratando por marido alguém que para se casar comigo, estava chapado, e eu para casar, também estava muito bêbada. Eu mal me lembro da cara dele, e quando estamos juntos, ele tem medo que eu o veja, é esse tipo de casamento que eu quero mesmo ter?

Me jogo na cama, sinto pena de mim mesma e odeio isso, pego o celular, desbloqueio, para minha surpresa, tem mensagens de Jack.

“Oi, bom dia, ando meio ocupado, espero que seu dia esteja sendo proveitoso, Jack”

Isso soou um pouco frio, próxima.

“Ainda atarefado, a aula com a Sandy foi proveitosa? Espero que sim”

“O Fernando está bem? Hoje estarei em reunião o dia todo, não poderei falar muito, depois te chamo”

O intervalo entre essa e a última mensagem é de duas horas atrás.

“Oi, você foi ao médico?! Espero que esteja tudo bem, fique bem”

E fim, sem mais mensagens, deixo o celular de lado e coço minhas faces, intrigada e irritada, um grito furioso preso na minha garganta, decido mandar uma mensagem tão fria quanto as dele.

“Oi, bom dia, Jack. Espero que as suas reuniões sejam proveitosas, faça muitos novos negócios e que ganhe muito mais dinheiro do que tem. Sim, fui ao médico, e o Fernando está muito bem, eu também, tenha um ótimo dia de NEGÓCIOS”

Envio, deu vontade de completar com “no inferno”, mas não farei isso, quero mostrar que posso ser tão ou mais fria que ele, se bem que, eu acho que já sou assim, sou bem seca.

Fico esperando, e esperando e nada de resposta, ele se quer visualizou a mensagem, deixo o celular na cama e decido que também não vou ficar esperando, pego os meus livros de Inglês e vou para a sala, melhor ocupar a

cabeça.



Joseph é uma excelente distração, as três horas com ele passam bem mais rápido do que eu realmente desejo. Insisto tanto, que ele me dá mais uma hora de aula de conversação, acabo rindo de algumas frases que ele me faz repetir, ele fala inglês perfeitamente, e é um profissional bem sério, exceto nas partes em que eu basicamente estupro o verbo to be na relação coloquial, inglês não é tão difícil, eu sempre amei, apenas não tinha dinheiro e nem tempo para fazer. É uma boa ideia fazer agora, na época de férias, e mesmo que eu não possa usar isso para alguma outra finalidade se não me comunicar com os meus atuais cunhados, eu vou levar tudo isso para o resto da minha vida.

Mendigo mais meia hora e ele cede, no final, como recompensa faço um café para ele, todo mundo entendeu o meu recado, nem o Nando subiu, hoje, não estou com o humor péssimo, eu estou péssima.

—Você e o Jack se firmaram?

—Jack é muito difícil.

Já deu para entender que qualquer outra pessoa no mundo o conhece “pessoalmente” menos eu, Joseph foi professor de português de Jack, ele é um homem que parecer ser dotado de um conhecimento incrível e é experiente, Jack está cercado dos melhores profissionais, pelo visto.

—Ele é um bom rapaz.

—Sabe da doença dele? —Me atrevo a perguntar.

—Sim, desde que ele era apenas um adolescente, ele é um garoto fora do comum, é muito inteligente.

Talvez Joseph seja apenas uns dez anos mais velho que eu, mas pelo visto, acompanhou Jack por muito tempo, deve saber bastante a respeito dele, até mais do que eu, porque o Senhor Mister “M” fica mais numa sala de reunião do outro lado do mundo, do que comigo. Talvez seja isso, me preendi a promessa de que ele ficaria e ele partiu, ele meio que mentiu para mim.

—sabe, Senhora Carsson —todo mundo me chama assim agora—, conheço Jack, sei que as circunstâncias em que o casamento de vocês ocorreu foram bem... diferentes, mas Jack é um bom rapaz, ele apenas é muito tímido

e introvertido.

—Você é amigo dele?

—Sim e mentor, acompanhei ele na faculdade, Jack teve problemas sérios em relação a doença dele, ele teve uma depressão profunda quando tinha 23 anos.

Engulo a seco, acho que ele se refere a tentativa de suicídio de Jack.

—Fala sobre, a tentativa.

—Não só isso. —Joseph está na defensiva. —Por favor, não magoe Jack, ele é um menino com um coração de ouro, merece uma boa esposa.

Poxa.

—Eu não farei isso, apenas, apenas é difícil tentar entendê-lo.

—Se permita as coisas, e perceberá que teve muita sorte com esse casamento, Senhora Carsson.

Joseph toma o resto de seu café e sai com um aceno breve, eu o acompanho até a porta, analiso cada palavra que ele acabou de me falar. Se ele fala isso, é porque conhece Jack muito bem, sabe de seu passado e de seus problemas, de repente me arrependo pela mensagem que mandei, talvez eu tenha sido muito rude com ele, afinal de contas, ele está trabalhando.

Corro para quarto, pego o celular, ele já enviou outras mensagens, leio.

“Infelizmente não posso me dar ao luxo de ignorar a minha vida por sua causa”

Meu coração se encolhe.

“Você disse que não vai me largar e me prendo a isso, precisa saber suportar algumas situações e, essa é uma delas, enquanto não decidir vir e ficar perto de mim”

“E terceiro, trabalho duro todos os dias, não se refira a minha profissão assim, você está me desmerecendo, está sendo uma completa infantil e grossa”

“Por último resalto a insignificância do seu comentário, pois, não acrescentou em nada a minha vida ou o meu dia, tenho mais o que fazer, até”

Poxa.

Faço um bico do tamanho do mundo, não precisava ser um completo animal comigo, precisava? Também vou responder, não sou obrigada a suportar isso.

“Jack, você sempre tem crises de raiva comigo, claro, mudou bastante esses dias...”

Ele começa a digitar, ai meu Deus, meu coração está na garganta, recebo a mensagem.

“Ah, você decidiu falar com o homem de negócios?”

“Sua grossa”.

“Jack, você sempre tem crises de raiva comigo, claro, mudou bastante esses dias, eu sinto muito a sua falta e fiquei magoada que tenha ido sem dar explicações, você é o meu marido e tem que ficar do meu lado, é a sua obrigação”.

E envio, meus dedos tremem, fico observando a palavrinha “digitando” no canto da tela, da vontade de gritar de tanta agonia, para que inventaram essa coisa, agora estamos brigando via “WhatsApp”, que maravilha.

“Não pude ficar e sinto muito por isso”

“Sinto sua falta”

Não deveria, mas, droga é a verdade.

“Você precisa ter paciência”

“Ah é? E você? Você me atormentou tanto para que eu o quisesse, veio aqui, me comeu e foi embora”

“Maria, não seja dramática”

“Eu quero VOCÊ”

Ah Meu Deus, o que eu estou fazendo? Implorando atenção do meu marido estranho?

“:)”

“Odeio você, Jack”

“Maria, precisa saber esperar, para mim também está sendo um grande desafio, sinto sua falta, mais do que qualquer outra coisa, é TORTURANTE ficar longe de você e me sinto MACHUCADO com isso”

Nossa.

“Está bem, mas eu queria muito que estivesse aqui comigo”

“Eu sei vida, eu também quero”

“Não se faça de santo”

Ele me manda um emoji de capetinha, rio, ai que ódio, por que ele faz com

que eu me sinta assim? Deveria estar brava com ele, BRAVA!

“PRECISO MESMO TRABALHAR, fique bem, bebê”

“Está bem”

Suspiro, algo me ocorre, bem, já fiz a merda mesmo, agora o jeito é reparar tudo da minha forma. Meus dedos deslizam rapidamente pelas teclas do Iphone, acho que talvez ele nem goste, mas, bem, vamos tentar.

“Jack, me desculpe se eu fui grosseira de alguma forma com você, não foi minha intenção ferir seus sentimentos, sei que você trabalha muito e entendo isso, mas só queria que soubesse que me sinto mal por você estar longe da gente, sinto sua falta e ficar longe de você é um grande DESAFIO, nos apegamos a você. Nando está com saudades, eu não consigo parar de pensar em você um segundo desde que você foi embora, gosto muito de você. Com minhas sinceras desculpas, Maria!”

Jack visualiza, e fico esperando, ele não responde, suspiro, bem, a minha parte eu fiz, tenho plena ciência de que eu nunca enviaria uma declaração ou coisa do tipo para qualquer um, na verdade, não enviaria para ninguém.

Mas ele não responde, estou ansiosa de novo, quero perguntar se ele gostou, mas me prendo ao fato de que ele mesmo acaba de falar que não está lotado de trabalho, melhor não, em seguida Sah entra no meu quarto com sua bolsa Prada de lado, cheia de malícia.

—Não quer saber a cor dos olhos do seu amor Senhor a Carsson?

Mais que tudo.



Noite 4 da Obsessão

Estou presa numa armadilha.

Sah basicamente me atçou durante todo o caminho até o shopping, mas não disse nada, o passeio se restringe apenas para nos duas, os rapazes ficaram na casa da minha mãe, segundo ela, esse é um “momento só nosso”.

Fico irritada com esse joguinho de adivinhação dela, cansei de tentar adivinhar a cor dos olhos do meu próprio marido, isso é ridículo, infantil e não tem o menor sentido, já sugeri, verdes, castanhos em três tons, pretos e azuis, é claro, e Sah só responde “errou”, um atrás do outro.

Cansei de ser capacho.

Que se dane também.

O fato de Jack não responder ao meu pedido de desculpas me causa ainda mais revolta, tudo bem, não precisava perdoar, mas o que custava ao menos responder?

Me sinto como a Júlia quando briga com o namorado dela via mensagem, ele se quer a responde ou atende seus telefonemas.

Não sei o que eu odeio mais em lugares como esses.

Bem, eu sei, venho ao shopping por vir, ou pelo Nando—que queria muito vir, mas a Sah não deixou—, para eu ir num shopping eu preciso estar sem opções, como quando em Las Vegas, que eu quis sumir das vistas de Jack, mas não teve jeito, ele me achou.

Tem três motivos básicos para eu odiar Shoppings, o primeiro é que acho algo bem fútil, o segundo é que sempre está lotado, e o terceiro são esses casais lentos, essas famílias que andam de mãos dadas feito tartarugas na minha frente, da vontade de passar no meio das mãos deles e quebrar as correntes que eles fazem.

Se um dia eu trazer algum namorado a um shopping, não vou agir feito uma grande retardada de mãos dadas com ele. Meu Deus, me dá paciência para não atropelar essas pessoas.

Estou novamente de mal humor.

—Aí relaxa, os olhos dele são claros.

Grande coisa, pode ser castanho claro, azul claro—o que seria perfeito—, verde claro, âmbar, pode ser qualquer cor clara.

Sah sabe que estou furiosa, ela sabe, por que ela insiste nisso?

Eu também odeio ter que usar o dinheiro dele.

—Você precisa de lingerie novas para agradar o seu marido.

—Você não falou isso.

—Maria, você tem que se cuidar com mais zelo.

Ela sempre fala isso, eu me cuido, apenas não sou tão vaidosa quanto ela.

—Talvez eu não queira agradar o meu marido, ele se quer tem tempo para mim.

—Sabe o que é dois dias para um cara como Jack?

—Não, eu não o conheço.

—Então, vamos dar um jeito nesse seu guarda roupas, você precisa estar linda para quando ele voltar.

—Se ele voltar.

—Uma hora ele aparecerá.

—Se aparecer.

Sah me ignora, coisa que agora me irrita, e sai me arrastando para uma loja que eu nunca na minha vida penso em colocar os pés, de tão cara que é. Ela começa com a mesma coisa de sempre, tentar achar calças que tenham o meu número em lojas que só vendem calças com números do tamanho dela e menores.

Odeio quando ela faz isso.

Uma vendedora muito educada nos atende, ela me olha de cima abaixo — com cara de bosta, é claro—e depois vai para os fundos da loja, Sah escolhe pelo menos umas dez blusas para eu experimentar, não são coloridas, o que inicialmente me agrada, vou para o trocador fazendo cara feia, ela continua a me ignorar.

A toda hora que estou experimentando as blusas, ela mexe no celular, ela é uma viciada é claro, fica o dia todo no Facebook, WhatsApp, Instagram, entre outros, até o Tinder—por favor, né? Tinder? —, conversando com as conhecidas dela, amigos de viagens e o pessoal da agência.

—Sah! —chamo, ela continua digitando no celular. —Sah!

Esse último foi mais um berro de puro estresse, ela se vira para mim e guarda o celular na bolsa, de repente assustada, estou profundamente irritada.

—Essa ficou perfeita.

É uma blusa azul marinho comprida de alcinhas, Sah faz um gesto com a mão para que eu gire e obedeço, a vendedora vem com alguns jeans—que eu

sei que vou querer, porque estou precisando—e shorts, coisas que eu não uso muito, outra com alguns vestidos, e de repente tem três vendedoras sorrindo para mim e estendendo roupas.

—Temos muito trabalho a fazer, meninas.

Que clichê.

Reviro os olhos, e volto para o provador, experimento várias blusas e separo as que gosto, contei pelo ou menos sete blusas que descartei seguidamente, as que me agradaram fui colocando numa pilha a esquerda.

No momento “tenso” dos jeans fico com medo de algum não me servir, mas acabo me dando até bem, será que eu emagreci mesmo? Mamãe falou isso, seria ótimo perder ao menos uns dois quilos antes de voltar para o trabalho—sei que irei recuperar tudo de novo—e recomeçar a volta das férias.

Contei nove jeans que gostei seguidos, dois escuros, quatro cigarretes, dois pretos, e um desbotado com rasgões nas coxas—isso me deixou bem sexy—, com vontade de mostrar as pernas, rio, claro que eu não faria isso com essa intenção, mas ele ficou perfeito em mim, todos bem confortáveis e na medida.

Fiquei com quatro shorts jeans e mais duas saias jeans, as peças são lindas e de excelente material, passamos para os vestidos—que eu detesto—. Sah consegue me convencer a provar um preto de noite, algo que está bem fora das minhas noites nada exuberantes no Rio, eu nem quero experimentar, mas sei que ela vai encher o meu saco.

Coloco o vestido preto curto, ele fica na altura das minhas coxas e basicamente expõe meus braços, ombros, pernas, tudo, quero tirar imediatamente, mas a minha amiga—histérica—já entra berrando, fechando o zíper desse vestido, muito feliz que tenha me servido.

Levo ele na pressão, sei que vou deixá-lo bem guardadinho no fundo do meu guarda roupas, como todos os vestidos que mamãe vem me dando nos últimos sete anos.

Não vi ela pagando nada e sei que ela não vai me deixar pegar a nota para ver, mas vou dar um jeito de descobrir. Saímos da loja com muitas sacolas, andamos mais alguns metros e paramos numa loja de roupas íntimas.

Morro de vergonha dessas coisas, bem, morro de vergonha de muitas coisas, mas do meu corpo, é ainda pior.

—Você precisa disso, Jack vai ficar louco quando te ver com uma lingerie dessas.

Duvido que atraia algo além de moscas.

Nem retruco, sei que não adianta, vai ser uma longa noite no shopping fazendo compras com a minha melhor amiga, eu só espero conseguir sobreviver a isso também.



Já passam das onze da noite.

Acabamos de chegar, mamãe coloca a cabeça para fora da porta e nos notifica de que os rapazes já foram e que o Nando dormirá com ela, isso não me serve de consolo, estou destruída.

Sah ainda me obrigou a comprar—além das lingerie, que segundo ela, me deixaram muito sexys—óculos de sol, dois biquínis—que eu não pretendo usar nunca e não faço a mínima ideia do porquê ela conseguiu me convencer disso—e, me fez prometer que iria no salão amanhã à tarde com ela.

—Estou morta.

Eu estou morta, Sah, você é uma vaca!

Depois de hoje, Deus, eu prometo ser uma boa menina!

—Nunca mais me leve naquele lugar escuro.

—Boa noite, Duda.

E vai indo para o quarto do Nando, qual o problema dela? Eu quem deveria estar brava com tudo, eu deveria estar furiosa por ela ter me obrigado a fazer compras, meus pés estão destruídos.

Vou para o meu quarto, nem me importo em levar essas sacolas pavorosas, jogo minha bolsa na cama e corro para o banheiro, estou muito, muito apertada.

—Senhora Carsson.

Dou um pulo, e sinto os dois braços me agarrando no escuro do meu banheiro, meu coração dispara com tanta violência, que eu acho que vou enfartar.

Jack!

Fecho os olhos com força e me viro, pulo em cima dele e o abraço com

tanta força, que acho que o sufoco, ele me espreme com carinho, e sinto seu calor junto do meu corpo, sorrio, sentindo o cheiro gostoso dele, o cheiro que eu adoro, o cheiro do qual eu senti falta nesses dois dias.

Ele cola a testa na minha e cheira o meu nariz, até dessa coisa estranha senti falta.

—Você está aqui.

—Claro que estou.

Começo a chorar, ah, como eu odeio me sentir tão sensível, não acredito que ele esteja aqui, só posso estar sonhando, eu acho que estou louca.

Louca por esse homem.

—Não chore.

—Me desculpe por hoje, me desculpe por...

—Esqueça isso.

Beijo ele e isso é um alívio, eu o quero tanto, eu senti muita falta dele. Jack, você é tudo o que eu mais desejei nesses dois dias.

Ainda choro, acho que pelo susto, meu coração está aos pulos, não acredito que ele está aqui, não acredito!

—Fugi um pouco. —Jack me aperta. —Não chore.

—Me desculpe, não, não precisava vir.

—Eu não estava mais aguentando um segundo.

Nem eu, estou insuportável, Jack, já tentei te esquecer, mas não consigo, você não sai de mim.

—Como chegou aqui tão rápido?

—Já estava a caminho.

Sorrio, colo meus lábios nos dele, nos beijamos. Me casei com um homem impossível, ele me puxa e vamos andando para o meu quarto, não abro os olhos, agora tenho muito medo disso tudo parecer um sonho e eu acordar, e tudo acabar num estalar de dedos.

Ele deixa os meus lábios e beija meu pescoço com carinho, mas quero sua boca, a procuro com necessidade, eu o puxo para mim pelos quadris.

—Eu estou sem camisinha.

—Ah, eu não quero fazer sexo com você, Jack, só queria mesmo te sentir junto de mim.

—Entendi.

Rimos, e ficamos abraçados, não quero largá-lo.

—Vida.

—Hum.

—Você está me deixando sem ar.

—Ah, desculpe.

Solto ele, Jack me puxa de volta, estou sorrindo, toco a gola da camisa dele, está usando uma gravata, terno, poxa.

—Estou faminto —ele sussurra no pé do meu ouvido. —Muito faminto.

—Acho que posso te dar, alguma coisa.

Ele ri e me empurra, sei que estou caindo na cama e não me preocupo.

—Você precisa de uma lição.

—Eu?

—É.

—Por que?

—Por ter tirado a minha paz ontem.

—Tirei?

—Tirou.

Rio, ele sobe na cama, ouço o som dos sapatos caindo no chão, ele tira os meus tênis e depois ele vem para cima de mim, beijando meu queixo, agarro sua gravata, é lisa e fria, quero muito esse homem.

—Mas eu pensei que nada tirava a sua paz.

—Você tira.

Me beija, a língua dele está faminta, mas de repente escuto uns passos meio tropeçados que conheço, Jack rola para o lado, me sento completamente constrangida, Nando entra no quarto correndo.

—Jack, você voltou cara!

Não preciso ver para saber que o Nando pulou em cima dele, engulo o meu choro idiota O meu filho realmente gosta desse homem, se apegou a ele numa velocidade ilógica e irracional, eu também.

—Não corra assim. —Jack parece estar abraçando Nando, queria muito ver isso. —Você está bem?

—Sim. —Nando se move e pula em cima de mim, acho que ele está

envergonhado. —Desculpe, cara.

“cara”

—Tudo bem. —Jack está com sorriso na voz. —Você fez um excelente trabalho garoto, cuidou dela direitinho.

—Eu sei.

Sorrio e beijo a cabeleira dele.

—Mãe, você não vai abrir os olhos?

—Não—digo. —Você sabe que tenho que levar essas coisas a sério.

—Eu vi ele passando no corredor, achei que era mentira, estava bebendo meu leite, achei que fosse um sonho, esperei ouvir a voz dele —Nando fala com muita felicidade na voz. —Eu fiquei com medo dele não voltar.

—Não precisa ter medo. —Jack é bastante seguro enquanto fala. —Por que você acha que eu não voltaria?

—Por causa da minha perna, né cara, tem gente que não gosta.

Nando!

—Ah, mas eu não sou assim, cara!

Sinto vontade de rir, estou chorando de novo.

—Sua mãe está muito sensível.

—É mesmo.

—Acho que ela precisa de um abraço.

Nando me aperta com força e acabo caindo para trás com seu peso, meu filho, você não precisa ter medo que as pessoas não te aceitem por sua doença, simplesmente porque você já tem a mim e o meu coração, todo o meu amor.

—Não quero que fale mais essas coisas, está bem? —peço, minha voz falha bastante, me sinto terrível.

—Tudo bem, mãe, desculpa. —Sei que ele está arrependido, a voz dele está triste. —Mãe, não chora.

—Por que não vai buscar uma água para ela? —Jack sugere e facilmente o tira de cima de mim.

—Tudo bem, mas mãe, eu estou bem, não chora.

Não respondo, não consigo, Nando sai, Jack me puxa e coloco a cabeça em seu colo. Acho que para uma mãe é muito ruim ouvir essas coisas, me sinto

culpada e impotente, prefiro que seja comigo do que com ele, o meu filho não merece isso.

—Ele vai a um especialista e não se fala mais nisso.

—Está bem.

—Agora, onde nós paramos mesmo?

Sorrio, me ergo pulo em cima dele, tudo o que eu quero está bem aqui na minha frente, e eu não quero que ele se afaste nunca mais de mim.

—Quando você vai para a América?

—No sábado.

Mais dois dias, parece tão pouco, mas já é o suficiente.

—Sou um homem muito requisitado.

—Ah é?

Jack ri, toco seus lábios, dentro de mim não cabe mais felicidade, ele está aqui comigo e o agora é o que realmente importa.

Nando, mas não saio de cima de Jack.

—Vocês dois vão me deixar dormir aqui com vocês, né? A tia Sah ronca.

Jack responde antes que eu fale qualquer coisa.

—Claro que sim.

—Obrigado, cara.

—De nada, cara.

Acho que essa é a forma que ele encontrou para se referir a Jack porque assim vai parecer que é um pouco mais velho, ainda não conversei com o Nando sobre o meu novo “namorado”.

—E como foram esses dias por aqui? Sua mãe deu muito trabalho?

—Não, ela se comportou direitinho. Eu e o Olaf jogamos vídeo game e eu já estou lendo o HP. Montei bastante meu quebra cabeças e a mamãe começou a malhar.

—Ah, ela está malhando.

Conheço esse tom de voz debochado, belisco o braço dele, Jack ri como se isso lhe fizesse cócegas, me ergo, apalpo a cama e me sento, Nando segura minha mão e coloca o copo, fechando meus dedos com firmeza.

—Acho que eu estou com fome.

—Você quer uma salada?

—Seria ótimo.

—Preparo então, pode aproveitar e tomar um banho, Nando você me ajuda?

—Aham.

Meu filho está feliz de novo, eu estou feliz de novo, Jack está novamente conosco. Mal acredito, afasto todo e qualquer pessimismo, bebo um pouco da água, minhas mãos tremem, Jack pega meu copo e beija minha bochecha. Nando me guia para fora do quarto, logo que saímos abro os olhos e pego ele no colo.

—Amo você, Nando, não precisa ter medo que as pessoas não gostem de você por causa da sua perninha, você tem um coração maior que a perna.

—Acha que ele não se importa?

—Por que se importaria?

—Não quero parecer um peso na sua vida.

—Quem te disse isso, Nando?

—Ninguém, eu apenas acho que ter um filho como eu, seja um peso.

—Nando, nunca mais fale isso Entendeu? Nunca mais!

Ele fica com medo da minha bronca, me pergunto de onde ele tirou essa ideia absurda, sinto um abraço forte por trás e estou sorrindo de novo, Jack!

—Desculpe, preciso me certificar que os dois estão mesmo bem.

—Cara, você é muito legal.

Acho que o Nando não sabe se expressar bem em relação ao Jack, tem vergonha, bem, eu não o culpo, também tenho. Fecho os olhos e ele está beijando o meu pescoço, me sinto presa a um sonho maravilhoso.

—Vai para o banho.

—Eu mal cheguei e você já está me tratando assim?

—Vai logo!

Ele sorri e nos solta, coloco o Nando no chão, dá para ouvir o ronco da Sah no corredor, fecho a porta do quarto do Nando e vamos para a cozinha, estou sorrindo de ponta a ponta.

Não esperava por sua chegada, mas já imagino o que posso fazer para ele comer.

Pego os ingredientes na geladeira, me sinto tão empolgada que as minhas mãos tremem, ele está aqui!

Nando lava a alface, enquanto faço a omelete. Acho que ele talvez goste dela com brócolis e queijo, coloco mais alguns ingredientes, monto a salada o mais rápido que posso. Nando coloca a mesa com uma das melhores taças que eu possuo, Jack não bebe refrigerante—sim, eu estou casada com um homem que não bebe refrigerante—, preciso fazer um suco para ele.

—Mãe.

—Oi.

—Você está tão feliz agora.

—É.

—Eu também.

Aperto ele, pego o espremedor no armário, estou pegando as laranjas na gaveta da geladeira quando sinto um abraço forte.

—Você não precisa fazer tudo isso.

—Claro que precisa, você trouxe a minha máscara?

—Sim.

—Muito obrigada.

Jack coloca a máscara em mim, me vira para ele e me beija de leve, minhas bochechas queimam com a risada do meu filho, fico um pouco envergonhada com tudo.

—Eu posso preparar o suco.

—Só preciso de uma mãozinha, não deve ser difícil.

—Então eu corto e o Fernando espreme, e a Senhora fica sentada e quieta bem aqui.

Ele me puxa e faz com que eu me sente numa das minhas cadeiras da cozinha, Nando coloca o espremedor na mesa, sei que é ele pelo som dos passos, Jack coloca um beijo na minha cabeça, acho que ele já está pegando tudo. Fico sem graça, essa situação ainda me deixa com o pé atrás, mas nada se compara ao fato do quanto me sinto bem em tê-lo por perto, isso para mim por enquanto é o suficiente.



O jantar é silencioso.

Não tenho muito o que falar, estou um pouco nervosa, fico me

questionando se fui precipitada ou meio assoberbada demais com minha reação ao “vê-lo”, acho que exagerei um pouco.

Nando boceja e em seguida vai se arrastando para o quarto, agora estamos só, apenas eu e ele.

Jack está sentado diante de mim, ouço apenas o som dos talheres, acho que ele bebe do suco, volta a comer, minhas mãos soam juntas no meu colo, estou tão surpresa com sua presença aqui, não esperava que ele viesse tão rápido.

—E como foi no médico?

—Foi bom.

—E as aulas?

—São ótimas, Sandy é maravilhosa e Joseph muito inteligente.

—Sandy é sobrinha do meu pai.

Nossa.

Fico calada absorvendo a notícia, Jack e Sandy são primos por parte de pai?

—A mãe dela era minha tia —ele está falando baixo de novo. —Morreu há dois anos de câncer, não a conheci.

—Que pena.

—Você e a Sarah saíram?

—Ela me levou para as compras. —Faço cara de tédio, Jack ri. —Não tem graça.

—E compraram muitas coisas?

—Ela me obrigou a comprar umas, roupas íntimas e tal, quer que eu fique bonita para você.

—Você comprou lingerie para usar para mim?

—Acho que sim.

—Para mim?

Reviro os olhos, tento não mostrar meu nervosismo com o assunto, ele ri novamente, sei que só está sendo engraçado comigo.

—E você vai usar?

Minha garganta se fecha, fico parada, um pouco sem jeito de responder.

—Acho que não tem outra finalidade, Senhor Carsson.

Ele sorri, sei que sim, fico vermelha.

—Vai usar hoje?

Ai meu Deus!

—Você disse...

—Acha mesmo que eu viria para casa da minha mulher sem camisinha?

Sorrio, Jack levanta, ele coloca o prato na pia, depois eu sinto sua mão em meu ombro, me arrepio toda.

—Vem.

—O Nando.

—Querida, não se preocupe com isso, apenas confie em mim.

Faço que sim com a cabeça, me levanto, Jack coloca o braço em volta da minha cintura, meu coração vai acelerando com apenas seu toque, andamos, estamos atravessando a sala eu acho, preciso treinar para saber como chegar aos lugares dentro da minha casa, para quando ele vier.

É um pouco deprimente pensar assim, que ainda não posso vê-lo, que talvez não possa ver ele tão cedo, que tem medo de que eu o veja.

Me recosto em Jack, tudo o que quero agora é apenas esquecer as implicações do nosso envolvimento, as barreiras que eu sei que nos afasta um do outro, o medo que sinto por saber que ele não quer ser observado por mim.

Toco sua face, alcanço sua nuca e o puxo para baixo, para minha boca, gostaria que tudo isso fosse normal, mas não é, porém, é tudo o que eu tenho e tentarei conviver com isso. Coloco um beijo lento na boca dele, porque isso faz com que me sinta bem e segura, faz com que eu me sinta como nunca me senti em toda a minha vida.

Sou dele.

Jack me pega no colo, sei que me leva para algum lugar da minha casa minúscula, estamos nos beijando devagar, sem pressa, prezo por cada sensação que a boca dele causa em mim, sinto os arrepios maravilhosos pelo meu corpo.

Não precisamos de palavras agora, nem de conversas, tão pouco de segredos do passado, precisamos apenas um do outro.

Ouçoo o som da porta do meu quarto se fechando, lambo o lábio inferior dele e mordo o superior, me sinto ousada com isso, mas já não sei distinguir entre o que é certo ou errado com ele.

Ele me coloca no chão, me observa, toco sua face e acaricio o maxilar

coberto por uma barba que começa a nascer, mas pouca e fina.

Eu o solto e tiro a minha blusa, em seguida minha calça, depois o meu sutiã e por último a minha calcinha, ouço o som de zíper enquanto me ergo e sei que ele também já está completamente nu.

Quero vê-lo.

Eu o abraço e isso é tudo o que eu tenho, mais uma lembrança física dele, seu calor, e as mãos dele tocam as minhas costas agora, a ereção está firme na minha barriga.

Nos beijamos, e não sei se consigo descrever em palavras as sensações que o beijo desse homem causa em mim.

Jack deixa os meus lábios e beija o meu pescoço, e desce mais, ele lambe meu seio com a ponta da língua, fico toda ouriçada, me encolho toda, ele repete mais uma vez a lambida e em seguida chupa o bico do meu seio com uma força que faz com que eu vá para frente.

Ah Jack, continue aí, isso é tão delicioso.

Toco seus braços, são firmes, salivo, meus dedos deslizam pelos braços dele, e a boca de Jack devora o meu outro seio fazendo um estalo bom, ele sobe, lambe minha garganta, segura a minha mão e vagarosamente desliza por seu peito.

Jack está abrindo o envelope laminado, toco seu peito, seus ombros, e os lados do corpo dele, minhas mãos param nos quadris dele.

Jack tira a minha máscara e ergue meu rosto, ele me beija de uma forma gentil e calma, depois abaixa, acho que estamos perto da cama. Ele se senta, me puxa para um abraço, volta a beijar meu seio com carinho, fico impressionada. Logo que me ergue com as mãos na minha cintura, abro as pernas, Jack me ergue mais alto e me cheira ... lá.

Não me movo, ainda incrédula com a força desse homem, sua capacidade, meu corpo todo se retesa de prazer com isso.

—Você já está pronta para mim.

Não consigo controlar isso, ele me desce, me sinto tonta quando ele me joga na cama, me esparramo, Jack abre bem minhas pernas e vem devagar, beija minha barriga, e se ergue, puxa as minhas pernas e as pressiona contra a cama me deixando totalmente aberta para ele.

Agora, lentamente me penetra, as mãos dele nos meus quadris, fazendo uma massagem relaxante, me contorço toda com a sensação de ser penetrada, Jack

sai e entra de novo, ele vem para mim e me beija com força, estremeço com o prazer.

—Você é tão gostosa.

—Você também.

—Eu também?

Ele quer que eu fale.

—Você é muito gostoso.

Jack beija meu queixo e se ergue, fazendo a dança que eu adoro, estou mais sensível que das outras vezes, enquanto me penetra, vou me desprendendo toda, meu coração está acelerado, e minhas pernas tremem, gostaria de manter algum controle, mas não tenho, ele está no controle absoluto de tudo.

Ele acelera e me preenche, rebolando dentro de mim em gestos circulares, estou esquentando rápido demais, prendo as ondas que me atingem e tento segurar, mas quando me contraio, meu clitóris começa a tremer.

—Ah, isso.

—Jack, não.

—Na minha boca.

Estremeço.

Ele sai de dentro de mim e desce, me chupa com força, liberto o orgasmo rápido deixando que se espalhe por todo o meu corpo, gemo o mais baixo que posso, não é apenas isso, preciso ir ao banheiro.

—Jack.

—Hum.

—Preciso fazer xixi.

Eu não fiz quando cheguei.

—Ah.

Ele me puxa pelo braço, tento me equilibrar e como não consigo, ele me pega no colo, isso é constrangedor.

—Quero fazer uma coisa.

—O que?

—Quero que você faça amor comigo.

—Não estávamos fazendo isso até eu estragar tudo?

—Quero que prenda o xixi.

Analiso o pedido, Jack beija minha cabeça de um jeito muito delicado, e ouço o som da porta do meu banheiro se fechando, ele parece se entender bem na minha casa, será que fazer isso é algo normal? Por que não seria? Sah já me contou tantas coisas absurdas que fez numa cama com seus namorados —contra a minha vontade, é claro—, isso deve ser normal.

—Ok.

—tem que prender o máximo que conseguir.

Jack se senta, no vaso eu acho, onde mais seria? Ele puxa a minha perna e faz com que eu fique de frente para ele, me seguro quando ele me ergue e ele está de novo dentro de mim, sinto sua respiração calma.

—Se mova.

Obedeço, me seguro em seus ombros, não alcanço o chão, Jack parece se divertir com isso e ouço o som do seu sorriso, uma pequena arfada. Mordo o pescoço dele, deixando minha timidez de lado, ergo meus quadris, colocando força nas cochas, subo firmando as mãos nos ombros dele e desço devagar, ele segura minha bunda e me ergue da segunda vez, ajudando.

—Gosta de morder, Senhora Carsson!

Mordo de novo o pescoço dele, gosto, o gosto do perfume de Jack está na minha boca.

—Queria muito te fode hoje.

—Boca suja.

Ele ri, continua a me mover sobre seu membro duro, acho tão incrível a força desse homem, em todos os sentidos, ele se quer parece fazer força para me mover.

—Em inglês parece menos ofensivo, vida.

—É?

Ele faz que sim com a cabeça, rio, meus quadris se afundam mais nele e isso me deixa ainda mais molhada, derreto nesse homem.

—Estou muito sensível.

—Eu também. —Ele morde meu queixo. —Você me enlouquece.

Me sinto uma descontrolada perto de Jack, ele está tão calmo, não parece um principiante sem saber o que fazer, como eu em todas as vezes que fazemos amor.

—Sente desconforto?

—Não, nem dor.

—O que Wesley disse?

Penso em algo e não resisto.

—Pode liberar geral.

Jack gargalha, senti falta disso, aperto ele.

—Para você liberar?

—Aham.

—Posso saber para quem?

—Para o meu marido.

—É?

—Sem medo de ser feliz.

Jack ri de novo, Beijo ele e isso se torna mais agressivo, ele estanca dentro de mim com força e gemo alto. Me acomodo e recebo outra estancada forte, queimo de tanto prazer e me contraio toda, me arrepio. Ah, Jack, isso, mais forte.

Prendo com força e ele geme com isso, já estamos sem ar de novo, já estou quente e totalmente úmida para o meu marido, adoro isso.

Ele me empurra, segurando meus pulsos, abre minhas mãos e me seguro em seus joelhos, Jack me puxa pelos quadris e sufoco com o espasmo forte em meu íntimo. Respiro com dificuldade, meus seios pulam e estão latejando mais que tudo, sinto a pequena pressão da bexiga se formar no meu ventre e prendo, e para minha surpresa, começo a gozar com isso. Jack não para, ele continua estancado com força dentro de mim, prendo a respiração e os orgasmos se tornam mais intensos na minha vagina, quero gritar, mas sei que não posso, a pressão da minha bexiga me deixa mais sensível do que já sou, a penetração se torna insuportável, tento prender o máximo que posso, e isso piora quando ele dá um tapa forte no meu clitóris, pulo tomada por uma vontade insana de castigar esse homem, isso é uma judiação, será que ele não sente tudo isso?

Gozo com força, gravando as unhas nos joelhos dele, não consigo segurar, tento descer de cima dele, mas sei que não vou conseguir dar um passo.

—Faça em mim.

E da outro tapa, isso se multiplica em todo o meu corpo e não consigo segurar, Jack aperta os meus quadris investindo uma última vez, estamos gozando juntos.

Faço xixi.

E os meus soluços são autos no banheiro, Jack me puxa para os seus braços, e seus lábios são o refúgio perfeito, ele é meu e eu sou dele, nada mais importa.



A Condessa

—Vida.

Desperto, acho que estou sonhando.

Não abro os olhos.

Solto ele, e nesse instante me dou conta do que fiz momentos atrás, me sinto bem mais que envergonhada agora, saio de cima de Jack e tento achar algo em que me apoiar, preciso lavar isso, não acredito que fiz isso, não acredito.

Eu fiz xixi enquanto nós dois fazíamos Sexo!

Melhor, no momento crucial de tudo, gozei em Jack e também urinei nele, eu não consegui prender, estava insuportável demais.

Foi involuntário, impensável e totalmente incontrollável.

Nem se eu quisesse, conseguiria segurar.

—Hei, volta aqui, para onde você pensa que vai?

E me puxa de volta, devo achar tudo isso normal? Parece que para ele isso é bem normal, para mim não.

Jack me abraça agora, será que eu fiz xixi no chão? Pela umidade no corpo dele, acho que fiz xixi nele todo.

Onde eu enfio a minha cara?

—O que foi?

—eu... eu... eu...

—Precisamos de um banho.

Preciso lavar o meu banheiro.

Preciso lavar a minha consciência.

Preciso parar de fazer xixi nas pessoas!

—Desculpe.

—Por?

—Fiz, xixi em você!

Jack ri, me envergonho ainda mais, não acredito que ele está rindo, se alguém fizesse algo assim comigo, eu ficaria furiosa com a pessoa.

—Não há necessidade de preocupação.

Sim, Aurélio, já entendi, você está falando que não preciso me preocupar quando acabei de fazer xixi em você, XIXI, isso é normal?

—Jack.

—Vida, não!

Suspiro, acho que não tem outra solução senão ficar calada. Assim que eu tiver chance, vou desinfetar o meu banheiro. Jack me puxa para dentro do meu minúsculo box, liga o chuveiro, e a água gelada cai sob nossas cabeças de repente, arfo, ele ri, se afasta um pouco, acho que está tirando a camisinha.

—Pensei que havia rasgado, você está bem?

—Sim.

Acho meu sabonete líquido, solto os meus cabelos do coque.

—Comprei algo para você.

—O que é?

—Um secador.

Sorrio, Jack segura meu rosto e me beija de leve, dou espaço para que ele venha, mas ele me puxa de forma que ficamos os dois embaixo do meu chuveiro medíocre.

—Pode me lavar, por favor? Acho que fiquei exausto.

—Ah, entendi.

—Que bom.

Despejo o sabonete no peito dele, e espalho rápido, não quero ter limitação alguma com ele, mesmo que tenha vergonha de tentar algumas coisas, estamos juntos, somos casados, não tem problema algum em tocá-lo, certo?

Minhas mãos escorregam para o abdômen, ele está lavando os cabelos, faço espuma e desço um pouco mais, meus dedos alcançam os pequenos pelos pubianos.

—Você não precisa ter vergonha de mim, Maria, nem de nada do que fazemos entre quatro paredes, somos casados.

—Eu sei.

Toco ele, não sei bem como fazer isso, não tenho jeito, será que eu pergunto se machuco ele? Melhor não, melhor continuar assim.

Seguro ele e começo a lavar sua extensão devagar, Jack não está completamente mole, é a primeira vez que eu realmente o toco, sinto seu tamanho entre os dedos, mesmo não estando totalmente duro ele é bem grande, meio grosso, acho que foi por isso que eu sangrei, ele é bem, grande, não tenho muita noção, é claro, eu nunca estive com outros homens, como posso saber?

—Seu toque é maravilhoso.

—É?

Lavo toda a região da virilha com cuidado, ele não tem muitos pelos e os que tem, são finos, ele me beija enquanto o lavo, e isso me estimula um pouco, me passa segurança.

Tudo é bastante novo para mim, muito real, não passava pela minha cabeça até duas semanas atrás, que tomaria banho com um homem sem morrer de vergonha dele antes.

—Agora é a minha vez.

Ele toca os meus seios, e as mãos dele descem para a minha bunda, me

aperta com força me esfregando nele, fico atizada, Jack pega o sabonete líquido e depois desce a mão direita até o meio das minhas pernas, abro um pouco as pernas e coro, ele está me lavando.

—Você é tão molhada. —A voz dele está baixa e mascarada. —Quente.

—Você me deixa assim —digo sincera, porque até então, mal me tocava de que tinha uma vagina no meio das pernas, ela nunca me serviu para nada além de fazer as necessidades de toda mulher.

—Ah, deixo?

—Deixa, isso é sua culpa.

Jack sorri, respira fundo, depois me solta, acho que ele está tentando se controlar para não fazermos sexo novamente, estou satisfeita, mas também exausta, foi um dia cansativo, e mesmo que eu o queira novamente, acho que o cansaço do passeio do shopping realmente me destruiu.

—Você quer dormir, vida?

—Quero deitar, foi um dia longo, nas trevas.

Ele ri, chego à conclusão que brinco muito porque adoro quando ele sorri.

—Foi ao Shopping, tudo isso por mim?

—E com o seu dinheiro.

—É o mínimo que posso fazer por você, não estou aqui para te levar aos lugares e lhe comprar coisas, como os outros maridos.

—Aham.

—Maria, sem orgulho, eu quero que você esteja sempre bem, para isso precisa aceitar o que tenho a lhe oferecer.

—Que seria R\$ 40.000,00?

Jack dá uma risadinha malvada, sinto arrepios, não entendo onde ele quer chegar com esse assunto, mas de repente também não quero acabar estragando nossa noite juntos com mais uma discussão, puxo ele para mim, beijo ele.

—Senti sua falta.

—Também senti sua falta, vida.

Não quero soltar Jack, estou tão segura aqui com ele, o meu marido Mister “M”, algo me ocorre e isso me preocupa.

—O seu tio Geraldo já está bem?

—Gerald, sim, está.

Fico sem graça, comecei o inglês ontem, me afasto, ainda morrendo de vergonha.

—Desculpe, não era intenção corrigi-la, é um grande defeito.

—Tudo bem, preciso lavar o meu banheiro do meu pipi.

Suspiro, não dá para limpar o banheiro com os olhos fechados.

—Faço isso para você, vá para cama.

Jack, lavando um banheiro? Alguém poderia me acordar desse sonho?

—Só preciso que você saia.

—Maria, você ainda está aqui?

Nossa, e você está bravo por quê?

Jack basicamente me pega pelo braço e me puxa para fora do banheiro, não assim de forma tão grosseira, me deixa de fora, e fecha a porta.

Abro os olhos, bato o pé com força no chão, cruzo os braços, não acredito que ele está fazendo isso comigo!

ABUSADO.

—Acho bom você estar com os cabelos secos quando eu for para cama— ele responde de dentro do banheiro. —O secador está no criado.

Avisto o secador cor de rosa, nunca vi algo tão repulsivo na minha vida, algo que Sah e Júlia dariam a vida para ter, tenho outra saída? Esse homem é um teimoso!

GROSSO!

Como se não bastasse a vergonha de eu ter feito xixi enquanto fazíamos sexo no meu banheiro, agora ele vai lavar toda a porcaria que eu fiz.

Morro de vergonha dessas coisas.

Droga!

Vadia, adora dar no banheiro!

Por que você só aparece quando ele está por perto?

Vadia, porque ele me atíça toda!

Sempre senti como se o meu subconsciente agisse de uma forma muito rígida comigo, mas ultimamente ele está me esculachando, não me serve de mais nada.

Pego uma toalha no guardas roupas, me seco com raiva, depois sento na cama e ligo essa coisa pavorosa na tomada atrás do meu criado, estiro a

toalha na cama, me sento em cima da toalha e começo a secar os meus cabelos, se ele soubesse o quanto detesto fazer isso, nunca me daria um secador na vida.

Ainda mais porque o meu cabelo arma muito quando seco ele assim, mas que saída eu tenho?

Escuto o som da porta do banheiro e aperto os olhos, vou ignorar você também, quem sabe assim não percebe a vergonha que sinto por toda essa situação?

—Quer ajuda?

—Não, obrigada.

—Vida, não comece.

—Não aja como se isso fosse normal, porque não é.

—Ficaria surpresa com as coisas que eu já fiz, isso é completamente normal para mim.

Nossa.

Fico calada, não consigo me mover depois dessa declaração, acho que ele está bem atrás de mim, olho para baixo, estou completamente nua, deveria ter me vestido.

—Fale algo.

Jack tem medo de me falar sobre si porque ele sabe que isso me assusta, e sabe que talvez eu não consiga suportar a verdade, mas não entende que eu prefiro que me conte as coisas como elas são, a me omitir qualquer coisa. Ele está se abrindo comigo aos poucos, eu nem parei para pensar no que ele me disse há dois dias. Aquela história sobre Submissão e seu noivado conturbado, preferi guardar dentro de mim e ignorar, estava ocupada demais pensando no porquê dele ter ido sem ao menos me dar satisfação, coisa que tenho certeza de que ele odeia dar para pessoas. Só que ele precisa entender que estamos juntos e que não tem como conviver com alguém sem ao menos falar sobre seu dia, suas viagens, coisas que todos os casais normais fazem.

Mas, não somos tão normais e, esse é o problema.

—Se sentia bem em fazê-las?

—Às vezes sim.

Engulo, preciso aprender a saber lidar com isso, vou deixar o meu lado completamente de lado, para conversar com ele sobre isso, depois eu

surto.

—Coisas como.

—Quer mesmo que eu fale?

Quero.

—Você quer falar?

Ele fica calado, seus braços me cobrem num abraço e ele me puxa, desligo o secador e o jogo para longe, meu cabelo já está quase seco mesmo, Jack também está nu, seco, mas o corpo dele está um pouco quente demais.

—Ligue o ar.

As noites nesses meses do ano são insuportáveis as vezes, ele sai da cama, tento achar minha máscara na cama, não sei onde enfiei ela, ele volta, e coloca a máscara em mim, para minha surpresa, prova de que ele confia em mim para ficar sem ela, mas morre de medo de que eu realmente o veja.

Jack deita e me puxa, me aconchego ao seu corpo e coloco a cabeça em seu peito com metade do meu corpo em cima dele, ele começa a tocar minha nuca, ah, senti falta desse toque também, beijo o peito dele, senti falta de tudo.

—Às vezes nós acabamos fazendo coisas absurdas pelas outras pessoas, achamos que é o que queremos e que isso é o melhor para nós, quando na verdade, você só quer agradar os outros.

—Foi assim com vocês dois?

—Da minha parte, sim, fazia tudo por ela.

Meu coração se contrai, afasto a péssima sensação do meu peito, “fazia”, no passado, não no presente, no presente ele está comigo, aperto ele.

—Hoje não faria isso por ninguém. —Jack está me olhando, sinto seu hálito próximo da minha boca.

—Como começou tudo isso?

—Soraya teve uma infância coberta de abusos por parte dos pais dela, o pai batia muito nela. —A voz dele está muito neutra. —Pelo o que ela fala.

Isso significa que você ainda a vê, claro que a vê, você queria me apresentar a ela, mas eu preciso entender o porquê você é um completo bipolar, então, por isso eu não vou questionar isso a você, agora não.

—Ele batia nela, e ela gostava? —Tento focar no assunto, deixo o ciúme de lado.

—Na infância não, mas conforme a adolescência, ela foi criando algum tipo de, gosto por isso.

—Tipo uma síndrome de Estocolmo.

Jack fica calado, acho que ele está surpreso, bem, eu não sou leiga a esses tipos de coisas, acho que ele esqueceu que eu estudo, e na minha área se fala bastante sobre doenças psicológicas e essas síndromes, não sei se ele está surpreso com isso.

—Ela criou alguma dependência dessas surras porque ela apanhava do pai dela, ela o amava como pai, e aprendeu a amá-lo como agressor—digo, porque é o que eu acho.

—Pode repetir? Eu acho que o seu laudo é muito melhor que o da Lane.

Belisco ele, Jack me aperta, ele está rindo, sinto que relaxa um pouco, ele não está sendo pressionado e nem forçado a essa conversa, me sinto bem com isso, quero que ele se abra comigo espontaneamente.

—Ela cresceu, o pai ficou velho e parou de bater nela, quando descobriu o que alimentou em Soraya, acabou por se matar com um tiro na boca.

—Não entendi.

—Ela se apaixonou por ele, Maria.

Sufoco, Oprimo e engasgo.

Fico parada.

Meu estômago gela, e demora um pouco para que eu consiga me recuperar do baque.

—Maria?

—Hum—pigarreio, ainda incrédula. —Ela se apaixonou pelo pai, você dizia.

Não entendo por que me choco, vejo isso nos noticiários todos os dias, no conselho jurídico da faculdade coisas bem piores, como pais que estupram suas filhas, a vara de família é um caos só, entre tantas desgraças, até irmãos que se envolvem, tem filhos, é assim desde o começo do mundo, mas é tão absurdo quando descobrimos que isso acontece com alguém próximo a nós. Acho que nunca espero que coisas assim aconteçam na minha vida, porque sempre tudo—exceto o estupro—foi um grande tédio para mim, tive meus momentos de revolta, mas nada assim me ocorreria, a ex do meu atual se apaixonou pelo próprio pai.

—Acredito que parte dela se apaixonou pelo refúgio que as surras representavam na vida dela, Soraya sempre teve distúrbios psicológicos seríssimos. —Jack fica de lado e puxa minha perna, coloco a cabeça em seu braço, ele mantém nossos corpos colados, adoro isso. —Ela desde sempre foi paranoica e sofria de depressão, a mãe dela nunca se importou, era uma mulher muito vazia e superficial.

—Ela sempre foi rica?

—Sim, a família dela é muito importante, mas eles nunca fizeram o mínimo esforço para colocarem algum limite em Soraya, o pai achava que batendo nela, conseguiria fazê-la obedecê-lo, acabou fazendo muito mal para ela.

—Ele batia nela com um cinto?

—Não queira saber a forma como ele batia nela.

Mais frios na barriga, nossa, coitada.

—Mas eu quero saber.

—Maria, talvez não esteja pronta para ouvir isso, é tudo muito fora da sua realidade.

Como se eu nunca tivesse levado uma surra da minha mãe na vida.

—Quero saber.

—Tem certeza disso?

—Sim.

—Promete que não vai sair correndo por aquela porta?

—Eu não vejo a porta, Jack.

Ele sorri, me beija, e sinto que ele confia em mim verdadeiramente agora, tenho que saber disso, preciso saber mais sobre Jack, tentar entendê-lo, sei que eu também terei que me abrir com ele, mas acho que o meu passado nem chega aos pés do dele, mesmo que o meu seja um pouco doloroso demais.

—No início ele batia nela com cinto, depois ele passou a bater nela com uma vara, ela me disse que várias vezes ele batia nela com o que via pela frente, mas por fim, ele a amarrava nua na cama e batia nela com um chicote, até que ela sangrasse, ou desmaiasse de tanta dor.

Acho que estou empalidecendo, na minha mente, enquanto Jack fala, as imagens vão se formando. Uma menina apanhando de seu pai com um cinto preto, em seguida com um chicote, estremeço. Meu Deus, que crueldade!

—Por fim, ele a espancava com chutes e socos, ela relata que já tinha treze anos quando isso acontecia, batia nela até ela perder os sentidos. —Jack ainda permanece com a voz totalmente neutra, alheio ao que fala. —Quando ela fez dezessete anos, ele parou de bater nela, então ela começou a sentir falta disso, fazia coisas absurdas para o pai bater nela, mas ele já estava velho e se dizia arrependido de tudo o que fez.

—Coitada—solto, porque é o que eu sinto de verdade.

—Ele a chamava de Condessa!

Condessa.

—Soraya desenvolveu essa paixão por levar surras logo depois que viu que o pai não bateria mais nela, ele estava arrependido.

—Mas já era tarde demais, ela se tornou masoquista.

MASOQUISTA!

—Sim. —Jack toca a minha face com a ponta do indicador. —Nessa época eu a conheci.

—Ela foi para faculdade e te conheceu? Mas você não é escopofóbico?

—Sou, mas ela deu um jeito de fazer com que eu me aproximasse dela.

Jack me beija, me preparo, aí vem!

—Perdi a minha virgindade com ela.

Nossa!

—Ela já era bem experiente.

—Perdeu a virgindade com dezoito anos?

—Dezenove.

Poxa Vida, Jack!

—Demorou um ano para que eu realmente perdesse o medo de estar com ela.

—Como se conheceram?

Estou mais curiosa a cada declaração, mais que tudo, ansiosa para saber sobre toda essa história.

—Eu ia as aulas, mas sempre me sentava muito afastado, ela uma vez me parou na hora da saída e me convidou para um café, fugi dela. —Ele suspira lentamente. —Foi muito constrangedor.

—Imagino. —Pobre Jack, mal sabia lidar com seus próprios medos, deve

ter sido uma grande tortura para ele do início ao fim de toda a faculdade.

E eu aqui, morrendo para conseguir meu diploma insignificante de Direito.

—E depois? —Não posso ter ciúmes, não posso ter ciúmes.

—Nós começamos a sair sempre, ela respeitava as minhas limitações, sempre íamos a lugares mais vazios, longe de pessoas, o que ajudou muito foi o fato de que ela e eu gostávamos das mesmas coisas. —Jack me empurra e deita com a cabeça entre os meus seios, começa a acariciar o meu mamilo esquerdo com carinho. —Não sei, apenas cansei de ficar sempre sozinho.

—Imagino que tenha sido muito ruim para você.

—Ainda bem que imagina, não queira ser assim, Maria, nunca.

Toco sua nuca, percebo seu alívio, o corpo dele está mais relaxado, não sinto tanta pena de Jack, mas é sempre ruim ouvi-lo falar de sua doença, desse medo excessivo dele. É doloroso e triste pensar que alguém se isola de tudo e de todos por algo que para mim é tão banal, ser visto!

—Depois do primeiro ano estávamos completamente apaixonados, mas eu me expus a ela de uma forma que nunca expus para ninguém. —Jack ergue a cabeça e apoia o queixo no meio dos meus seios. —Falei sobre a minha doença desde o começo, ela entendeu bem, mas eu nunca senti como se ela fosse verdadeira comigo quanto a ela própria, ela era muito dissimulada as vezes.

—Ela se escondia de você —concluo, porque se eu tivesse um passado assim, com certeza não sairia contando para ninguém... Eu mesma escondo meu passado dele, fico com medo do que ele falaria... mamãe... Van... acho que não reagiriam bem se soubessem.

—Sim, depois ela começou a entrar na minha mente com toda essa história de submissão, no começo éramos apenas eu e ela. —Sinto sua tensão. —Desculpe, quer que eu continue?

—Sim. —Ele está tenso, duro em cima de mim. —Vem cá, vida.

Acho que ele sorri, nos beijamos, Jack fica em cima de mim e volta a colocar o queixo entre meus seios, gosto disso.

—Praticávamos masoquismo, nos primeiros meses eu era o que batia, não me envergonho disso, e também não me arrependo, quero deixar bem claro que ela não me forçou a nada. —Jack toca meus lábios com o polegar. —Adorava bater nela.

—Adorava? —repito, bem mais que incrédula, ah Deus.

—Sim, foi algo que realmente me cativou, achava que isso de alguma forma, satisfazia o meu ego, era novo, algo que me permitia manter controle sobre a minha vida, alguém, eu mandava nela. —Ele rola para o lado. —Já está enojada?

—Não, claro que não —replico, apenas pega pela surpresa. —Você sentia prazer em bater nela?

—Sentia prazer em humilhá-la por ela me submeter a isso, porque eu queria seu amor e sua aceitação e tudo o que ela me oferecia era um chicote e horas de tortura.

Quero abraçá-lo, entendi, Jack descontava nela o que ela deixava a desejar, ele apenas batia nela porque odiava o fato de que sempre tentou encontrar o amor em alguém e essa pessoa o enganou, lhe oferecendo algo que lhe causava algum outro tipo de sofrimento.

—Amava ela, escolhi ela para ser minha única companheira, e tudo o que ela me oferecia era o que ela queria, quando ela queria. No terceiro ano em que estávamos juntos, ela já não estava satisfeita com as surras que lhe dava.

—Faziam sexo durante a tortura?

—Claro que sim, Maria.

—Ah, desculpe.

Pergunta idiota, claro que faziam.

—Soraya queria alguém mais firme, eu não era assim, eu a amava, e as vezes me submeter a isso me deixava deprimido, estava cansado das exigências dela, e isso estava me esgotando imensamente.

—Quantas vezes.

—Às vezes duas, três vezes no dia no começo, ela adorava apanhar, ainda adora.

Nossa!

Meu Deus Do Céu. Onde eu me Meti?

—Está falando que ela ainda pratica essas coisas?

—Com o marido dela, para algumas pessoas é muito difícil sair disso, Maria.

—Mas eles dois acham isso normal?

—Ele gosta de bater e ela adora apanhar, acho que sim.

—E quando eles tiverem bebês?

—É, eu realmente acho que eles vão ter que parar em algum momento, mas não acho que seja algo tão abusivo, os filhos dele moram com eles.

—E você, você é amigo deles?

—Sim.

Não acho isso normal, minha cabeça gira, como posso aceitar isso sem parecer uma completa doida?

—Não é tão simples, posso continuar?

Acho que ele quer falar tudo, e acho que eu não sei se já estou tão confiante de que quero escutar, mas sei que se ele parar, não vai mais contar, e eu PRECISO SABER DE TUDO.

—Sim, por favor.

—No terceiro ano eu já não queria mais, eu já não a satisfazia nesse sentido, então, ela começou a procurar por um outro Dominador, acho que eu nessa história, desde o começo era mais submisso que ela própria.

—Claro, amava ela, estava se sujeitando a isso por amor. —Não é complicado de entender essa parte.

—Então ela os conheceu. —A voz de Jack passa de neutra para muito, muito séria. —Tentei me afastar dela, mas ela não permitia, em parte porque sei que um lado dela me amava muito, ela sempre falou isso.

—Mas o outro lado era mais forte que o amor, não é?

—Sim, e foi esse lado que me convenceu a começar tudo novamente, no começo íamos pouco a casa deles, os encontros aconteciam apenas uma vez no mês, esse casal era jovem, e os dois adoravam jogos sexuais.

—E você participava de tudo por livre e espontânea vontade? Não tinha vergonha deles?

—Tinha, mas.

—Você faria tudo para que ela ficasse com você.

Me sinto machucada em repetir essa frase, Jack me beija, acho que ele quer pedir desculpas através disso, e eu não sei ainda se preciso que ele peça perdão por algo assim, porque afinal de contas, é algo que aconteceu em seu passado e não posso mudar isso, assim como tem coisas no meu passado que são irreversíveis.

—Passei a apanhar, eu apanhava da mulher e ela do homem, tudo entre nós quatro, fazíamos sexo sem problemas diante deles e eles diante de nós, mas

não praticávamos em troca de casais —explica ele com bastante calma agora. —E não havia prática homoxessual entre nós quatro.

—Tipo. —Tento absorver isso e entender. —Vocês se envolviam na pratica do sadomasoquismo apenas, mas nas relações não.

—Era o que eu e Lia achávamos. —Jack está amargo agora. —Descobrimos que Soraya e Raymond estavam tendo relações fora do que chamávamos de “pequeno acordo” no ano seguinte.

—Eles dois estavam tendo um caso! —Nem sei por que fico chocada também.

—No quarto ano, nós quatro já éramos acostumados, éramos casais fixos, adorávamos isso.

—Você adorava?

—Me acostumei e também, as coisas não são da forma que os outros veem.

—Está falando que você gostava de apanhar?

—sim, e de bater também, e adorava que as pessoas me visse transando com Soraya, isso me excitava.

—Mas não tinha medo de ser visto? —Agora fico confusa.

—Não era eu, era o que eu queria ser, e era o que ela queria, e eu seria o que ela quisesse, porque eu a amava.

Já entendi Jack, ela era o seu mundo!

—Não fique brava.

—Não estou, apenas me surpreendo em saber que tem homens que fazem tudo por esse tipo de mulher.

Não sei porque, mas me sinto muito superior a essa Soraya agora, ao menos no quesito caráter, porque afinal de contas, nunca submeteria um namorado a isso para satisfazer qualquer área da minha vida em nenhum sentido.

—Mas eu percebia que mesmo com os meus esforços, isso não era o suficiente para nós. Nesse ano Lia descobriu que estava grávida do terceiro filho deles, então, nós tivemos que parar com as práticas, eles sempre respeitavam muito isso.

—Respeitavam a gravidez dela?

—Maria, eles eram católicos praticantes, pessoas com famílias, pais, eles tinham dois filhos pequenos, eram pessoas como quaisquer outras.

Jack está impaciente, e eu não entendo por que, como alguém que faz essas coisas pode agir normalmente e fingir que tudo é perfeito ou comum? Isso não é!

—Nos afastamos, eu me afastei, mas acho que para Soraya não era o suficiente, ela passou a se encontrar com Raymond secretamente, Lia descobriu e eu já desconfiava, mas tinha tanto medo de perdê-la, que eu simplesmente não falava.

—Sofria em silêncio.

—É, um dia, Lia me ligou desesperada, eles haviam tido o bebê há alguns meses, dissera que tomou veneno, eu a encontrei já sem vida, mas não foi apenas isso o que encontrei. Ela segurava algumas fotos, liguei para Raymond e para a polícia, ela tomou vários antidepressivos com remédios para o coração. —Jack rola para o lado, ele não está bem. —Foi a pior coisa de se ver.

—Imagino. —Não tenho palavras para descrever o que sinto agora também.

—No velório dela eles dois mal disfarçaram e isso foi o que mais me enfureceu, eu os segui. Soraya me dissera que voltaria logo para o alojamento, mas ela foi para a casa deles, tinha as chaves e acesso livre a tudo. No mesmo dia do enterro, duas horas depois encontrei Raymond batendo em Soraya na sala, ela amarrada com um fio e completamente nua, com plugs até no rabo, sinto nojo disso.

Eu também.

Que coisa mais horrível, meu estômago embrulha de novo.

—As fotos que Lia estava vendo antes de morrer eram fotos de Soraya e Raymond saindo de um motel no carro dele, afritei ela no mesmo dia à noite. Ela chegou calada, mas havia um brilho nos olhos dela, que só uma bela surra poderia dar, ou uma bela trepada, tinha medo de que ela me largasse, contudo, não iria me sujeitar aquilo.

—Ela negou?

—Não, ela não negou e propôs que eu continuasse como seu namorado, ela tentou me explicar muito calmamente sua proposta, em que Ray seria seu dominador e eu o homem que suportaria ela nos dias em que ele não quisesse lhe espancar. Recusei, pedi ela em casamento, prometi que faria de tudo para manter nossa união, mas ela disse que eu não era suficiente para ela e que se

eu quisesse ficar com ela, teria que me submeter a isso.

—A ser o submisso dela.

—Sim, e eu não queria.

Ele faz um pequeno silêncio.

—Terminamos, para ela acho que foi um alívio, mas para mim não foi tão fácil, vivia atrás dela, e logo as ameaças por parte de Raymond começaram. Certa vez ele me chamou para conversar como um verdadeiro amigo, ele não é uma pessoa ruim, ele tem quarenta anos hoje.

—Poxa.

—É, e ele era o nosso melhor professor de Cálculo.

Fico tão surpresa, que arfo com essa revelação. Jack se aconchega a mim, está bem mais calmo, ele me abraça, e me dá um beijo apaixonado, me distrai por alguns minutos, ele é tão bipolar, mas confesso que adoro quando ele me beija assim.

—Raymond me aconselhou a desistir de Soraya, que ele mesmo tentaria ajudá-la a sua forma, joguei na cara dele que ele era o culpado pela morte de Lia, ele ficou meio calado, me olhava com um certo medo nos olhos, mas eu prometi que não me aproximaria mais dela.

—Precisava deixá-la partir.

—Mas não entendia dessa forma, porque para mim, eu era a única pessoas que poderia compreender ela, e eu não me imaginava num mundo em que não existisse Condessa.

Condessa!

—Então um dia eu cansei de sofrer e coloquei um fim ao sofrimento. — Jack toca a minha face, nossas bocas estão tão perto uma da outra, me encolho, beijo-o de leve. —Não sinta por isso, o suicídio foi a menor das coisas.

A menor?

—Alejandro me encontrou no meu quarto, chamou a ambulância e eu sobrevivi, quando acordei, Soraya e Ray estavam no meu quarto, meu tio, eles haviam contado tudo para ele, na época fiquei furioso.

—Seu tio era alheio a tudo? —Bocejo, e tento afastar o sono.

—Querida, nunca contaria para o meu tio que espancava uma mulher, ou duas, ele me mataria se soubesse.

Sorrio, não é para rir, mas ele está sendo engraçado.

—Mas ficou sabendo, então, ele me afastou de Soraya, basicamente me obrigou a abrir minha empresa. Nesse ano eu me formei, e foi um ótimo exercício, enfiei a cara no trabalho.

—E ficou rico, foi para um castelo e viveu feliz para sempre.

—Amor, não!

Rio, sei que ele ri, ah Jack, não tente me imitar, é engraçado quando faz isso.

—Está bem, parei. —Ele estica o braço e começa a acariciar as minhas costas, não há sensação melhor na terra, relaxo. —Quer saber sobre a agência hoje?

—Acho que é melhor deixar para amanhã. —Bocejo, porque mesmo curiosa e abismada, estou realmente com sono. —Aí mesmo, amor.

Jack me beija e me encolho, adorando sentir essas mãos finas nas minhas costas, fecho os olhos e decido que por hoje já chega, saber de Condessa me esgotou, então exausta, física e emocionalmente, caio num sono profundo.



Dia 5 da Obsessão

—Você precisa acordar!

A cada palavra um beijo nas minhas costas, acho que essa já é a segunda tentativa dele, vou fingir que ainda durmo, não quero sair dessa cama tão cedo, Jack dá uma risadinha e eu sei que ele sabe que acabei de acordar, mas estou com a minha máscara, então, não dá para saber, certo?

—Vida!

Ele beija o meio das minhas costas, sorrio, estamos embaixo de alguns cobertores, e o corpo dele está grudado no meu, eu não quero sair daqui tão cedo.

—Acorda!

—Não, me deixa em paz.

—Sandy já está chegando.

—Ah não.

Me sinto mal em me referir assim a ela, gosto da Sandy, mas aqui está tão bom.

Jack me vira, e deita em cima de mim, abraço ele com carinho, e tudo o que eu quero é que ele fique exatamente onde está, nunca pensei que fosse tão bom acordar com ele assim ao meu lado, meu corpo está dolorido, mal consigo mover minhas pernas, cora, parece que eu levei uma pequena surra.

—Você está dolorida, não é?

—Minhas coxas, doem.

—É normal, Sandy pega pesado as vezes.

—Não é culpa dela, é culpa sua.

Ele ri, e rolamos na cama, Jack me deixa por cima e me esparramo em seu peito, fico quieta, ainda tenho hoje, ainda tenho amanhã, quero aproveitar cada segundo com o meu Bad Romance.

—Vida?

—Hum.

—Você está brava?

—Não, por quê?

—Por eu ter falado sobre Condessa.

Condessa... Ah, o nome de guerra da Soraya, ainda não sei por que ele a chama assim, mas bem, é algo do qual não posso falar nada, ainda não formei minhas opiniões sobre essa história, sobre Soraya, Raymond e todo o resto, é muita informação para pouco tempo, mas não sinto raiva de Jack por isso.

Não sei como isso funcionou na vida dele, mas por um tempo, ao que me parece, foi uma experiência da qual ele teve por acreditar que encontrara a pessoa certa, e essa pessoa lhe causou um grande mal, mesmo que ele não admita.

—Não, claro que não.

—Você está silenciosa.

—Quero dormir!

Faço bico, acho que nunca fiz bico para ele, Jack ainda não conhece para saber o quanto as vezes eu sou uma grande pedante e chata com essas coisas que eu faço.

—Quer?

Tem tanto carinho na voz dele agora, ele soa até meio doce, me ergo e beijo seu peito, seu pescoço, mordo sua orelha, e a minha língua atrevida lambe a boca dele, Jack tenta prender minha língua com a boca dele, mas não consegue, ele me segura pelo pescoço e puxa a minha cabeça, lambe minha boca, devolvendo minha lambida, ele não tem nenhum pinga de nojo de mim, nem eu dele, acho que isso é gostoso, bom, entre a gente, ele me passa confiança, não sei se com outros homens teria tanta liberdade de fazer essas coisas.

—Obrigado por aceitar.

—Obrigada por confiar em mim, Mister “M”.

Tapo a boca, a última parte não deveria ter saído, Jack ri, depois começa a me fazer cócegas na barriga, pulo, e vou para o lado, odeio quando me fazem cócegas justamente por isso, sou totalmente sensível quanto a esse tipo de coisa.

Mas como toda alegria de pobre dura pouco, ouço as batidas leves na porta, já até faço ideia de quem seja.

—Mamãe, sou eu.

Achei que era a Sah, Jack levanta imediatamente, escuto o som do que parece ser uma mala sendo aberta, Jack está se vestindo.

—Mamãe, eu fiz o café de vocês, a bandeja pesa.

Ah Nando!

Meu coração se enche, Jack anda pelo quarto apressado, depois escuto o som da porta.

—Bom dia, Senhora!

Mãe. Não!

Quem mais ele chamaria de Senhora?

—Bom dia —mamãe responde, mas a voz dela está quase falhando, pigarreia. —Duda, fiz seu café, Sarah está te chamando para malhar, não sabia que estava malhando.

—É. —Estou afundando lentamente nas minhas cobertas. —Desculpe.

—Tudo bem, formiguinha. —Mamãe faz um pequeno silêncio. —Hoje eu e o Van passaremos o dia fora, nos vemos a noite.

—Mas mãe.

E os passos dela já estão sumindo no corredor, não entendo, me sinto mal com isso, constrangida até. Nando pula na minha cama e sobe em cima de mim, ele ainda está com seu pijama, aposto que aquele listrado que eu comprei dois meses atrás.

—Ok, a vovó me ajudou, Alejandro e Olaf já chegaram, e a Sandy. —Nando toca as minhas faces. —Mãe, seu cabelo tá igual a uma arapuca.

—Muito obrigada pelo apoio.

Ele ri, puxo meus cabelos para trás morrendo de vergonha, me estico, na cabeceira encontro uma das minhas linguinhas, começo a prender esse fuá.

—Estava brincando.

—Eu sei, eu sou linda de qualquer jeito.

Ele escorrega para cama, pelo peso na perna já colocou a bota, acho bom assim.

—Você vai malhar agora?

—Aham, só vou tomar café, se bem que não acho muito boa ideia, depois eu como.

—Se você tivesse acordado na primeira vez que eu chamei, daria tempo de fazer a digestão.

Jack está me dando uma bronca na frente do meu filho, apalpo o rosto do Nando e tapo os olhos dele, mostro a língua para o meu marido grosso, toma essa! Ele ri, Nando ri, ele sabe que eu estou fazendo isso.

—Seu café. —Jack segura a minha mão e deposita a caneca na minha mão. —Ao menos tente comer uma torrada.

—Ok. —Eu não sinto fome. —Você vai, dar na minha boca?

—Claro!

Percebo o calor em sua voz, coro, safado, eu não falei nesse sentido.

—Hei cara, você quer vir comigo montar meu quebra cabeças?

Boa ideia, não sei como poderia malhar de olhos vendados.

—Claro —Jack responde. —Fernando, pode me chamar de Jack.

— Legal. —Nando sai da cama. —Vou te esperar no meu quarto, vou trocar de roupa, e não demore.

—Chego daqui a pouco.

—Vou te esperar com a porta aberta, cara, quer dizer, Jack.

—Tudo bem.

—Ok.

Acho que ele tem medo do Jack sumir ou coisa assim, meu coração fica pequeno, também tenho medo disso.

—O que foi Vida?

—Nada.

Me acostumei com você, esse é o problema, e não quero que você vá embora.

—Logo resolveremos essa questão.

Não sei por que não fico surpresa em Jack saber sobre o que eu penso, acho que deixo muito minhas emoções transparecerem, não é possível.

—Está bem.

—Vou ficar com o Fernando no quarto dele, e você, mocinha, vai malhar.

—Ok.

Suspiro, e ganho um beijo apaixonado dele, me derreto toda, e sinto nossa pequena conexão surgindo aos poucos.

—Você é a melhor.

E Levanta, não entendo muito bem o comentário, mas enfim, estou sorrindo e suspirando por esse homem, ele se afasta e depois volta, rio, Jack me beija de novo e de novo, então se afasta, vai de vez.

Só tiro a máscara quando escuto a comemoração no quarto do Nando, olho para bandeja, uma cestinha de frutas, pão de queijo e torradas com geleia, nas torradas carinhas desenhadas, mordo uma e decido sair da cama, Sandy já chegou, não quero decepcioná-la.

Me esforço para sair da cama, quando me estico, meu corpo todo dói. Bebo o resto do meu café, coloco uma calcinha comum e um top que eu só uso quando vou a algum passeio ao ar livre com a Sah e o Nando—ou seja nunca—, porque sei que esse tipo de malha é melhor para fazer exercícios, visto uma calça de malha e uma camiseta comprida, calço meu tênis—que reservei para essa ocasião—, prendo meus cabelos e pronto, já estou pronta para “malhar”.

Chego na sala e sou recebida com um grande abraço de Sandy, Olaf Robô já está sentado na minha cozinha comendo alguns quitutes na mesa, acho que mamãe entendeu que um homem desse tamanho precisa comer bem para se manter forte, Alejandro não está aqui, mas Sah já está bem animadinha com seu conjunto novinho da Puma e tênis.

Sandy inicia a sequência composta por uma dança que se resume em passos rápidos para os lados e para frente, tudo usando pesinhos pequenos, me divirto—coisa que realmente me deixa bem surpresa—e, percebo que desde que conheci Jack, várias coisas surpreendentes acontecem na minha vida constantemente, nunca vou poder agradecer a tudo isso o que ele está me oferecendo, de nenhuma forma.

Não apenas as aulas de aeróbica, também as aulas de inglês, as roupas, mas principalmente ao fato dele vir aqui para ficar comigo, não me sinto honrada com isso, mas sim feliz, porque ele estando aqui comigo, significa que realmente sente algo por mim, gosta de mim, e isso não tem preço.

Estou feliz e disposta como nunca.

A aula acaba rápido demais hoje, e realmente culpo meu bom humor por suportar tudo isso tão bem, eu nunca achei que fosse gostar de fazer exercícios físicos, mas o melhor é a sessão de ioga, ah, isso é maravilhoso.

Sandy é ótima.

E ela é prima do Jack, analiso ela com mais cuidado, ela é tão diferente de Alejandro, é loira, sorridente, eles dois não tem nada incomum, ao certo, puxou a parte do pai, não importa, se ela é parente do Jack, também é da minha família.

—Parabéns Duda, você foi ótima hoje.

—Obrigada, Sandy.

Sorrio e eu abraço ela, Sah revira os olhos morrendo de ciúmes, é claro, depois que solto Sandy, pulo em cima dela também e dou um beijo forte em

sua bochecha, ela sorri e me devolve a aperto, obrigada Sah, por estar passando esse momento comigo.

—Viu passarinho verde foi, Senhora Carsson?

—Aham.

E ela faz cara de nojo, a mesma cara que eu faço quando ela me fala que teve uma noite maravilhosa de sexo, nem me importo.

—Sandy, senta aqui, vamos tomar um café com a gente.

—Não seria incomodo?

—Claro que não, você é da família.

Sandy sorri para mim de um jeito diferente, gosto dela porque ela definitivamente é contagiante, e hoje, realmente, acordei muito bem.

Quero ter um dia maravilhoso com o meu Bad Romance em casa.

—Jack está aí? —Sandy pergunta meio sem graça.

—Aham, você quer falar com ele?

—Ah não, não somos muito próximos, nós nos conhecemos há alguns meses, o pai dele era o meu tio. Ele me procurou, pois, queria saber mais sobre nossa família, infelizmente se resume em mim, ele e Alejandro.

Poxa, que triste!

—Você não tem pai, Sandy? —Sah se senta e começa a servir fatias de bolo para a gente, expulsa Olaf só com uma olhada.

—Meu pai morreu quando eu ainda era muito pequena, mamãe há algum tempo de câncer, se Jack não tivesse me achado, eu provavelmente morreria sem saber que tinha mais parentes vivos.

—Você conheceu o pai de Jack? —pergunto porque estou muito curiosa.

—Sim, ainda era pequena quando ele, ele se matou, eu não lembro dele, mas tenho muitas fotos, Jack pegou uma de recordação.

Pobre Jack, cresceu sem ter convivido direito com o pai, a mãe morreu, ele cresceu sozinho em internatos, não é difícil entender o porquê dele ser assim, olhando para sua história.

—Você faz um grande bem para ele. —Sandy me olha com muita gratidão. —Não o conheço, mas Jack me ligou avisando que se casou, ele está muito feliz, diferente do que era quando eu o conheci.

Me sinto bem em saber que ele está melhor mesmo que por minha causa.

—Ok, acho que já vou. —Sandy bebe o resto de seu café. — Amanhã as

oito, Duda?

—Firme, as oito.

Nos despedimos, Sah acompanha Sandy até a porta, devoro um pedaço do bolo vendo Olaf voltar, ele é um saco sem fundo, mas sorrio e lhe sirvo mais um pedaço do meu bolo.

—Então, eu já deixei todas as suas roupas novas com a Tê. —Sah está muito feliz com isso. —Agora nós duas vamos no mercado comprar algumas coisas para o almoço.

—Aham —concordo sorrindo.

—Pare de sorrir assim, você está me assustando.

Fico vesga, e ela ri, me sinto tão boba.

—Vamos ao mercado? —Alejandro entra na sala usando all-star e uma calça saruel mega estilosa, camisa comprida, os cabelos bagunçados.

Olho para Sah, ela está olhando para ele de cima a baixo, acho que ela ainda não tinha visto seu bebê hoje.

—Leite ninho —digo baixinho e ela parece sair do transe, me encara totalmente vermelha, nossa, Sah envergonhada, essa merecia até uma foto.

—Pode parar —Sah reclama, sem graça. —Não tem graça, Duda.

—Não? —Abafo o riso.

—Não.

Tenho a impressão que ela quer se cobrir, afinal, usa apenas um top, nunca vi a Sah com vergonha de ninguém até hoje, ela tem vergonha do Alejandro.

—Então, eu e a Duda vamos, Alejandro, você fica. —Sah fala e pega sua bolsa pendurada ao lado da geladeira.

—Eu vou. —Alejandro cruza os braços. —Eu quero ir.

—Mas, mas.

—Vamos logo, Sarah.

Ele vai na frente, danço para os lados em movimentos de vai e vem, vendo Sah grunhir de raiva, ah, isso é por todos os anos que você tirou sarro da minha cara, e por todas as vezes que você me expôs ao ridículo.

—Duda, você fica —Alejandro determina. —Jack quer que você fique com ele e o Fernando.

—Mas, mas.

—Ele quer que eu fique. —Já estou parada, fingindo que nada está acontecendo.

—Vem, Sarah.

E Alejandro pega a mão de Sah, acho que ela fica apavorada com isso, na verdade, muito assustada.

—Eu vou também.

Nando vem basicamente correndo na sala, fecho a cara, não gosto que ele corra.

—Nando, não corra.

—Eu vou escolher a sobremesa de hoje, vamos passar na casa do açáí, porque o Jack quer comer açáí.

E vai falando enquanto sai segurando na mão esquerda de Sah, ela olha para trás com os olhos queimando ódio para mim, aceno com um sorriso, Olaf também vai, levando o meu prato e o garfo, pisco dissimuladamente para minha melhor amiga.

“Vaca”

Entendi ela gesticulando com os lábios, e mando-lhe um beijo, ela acaba sorrindo, e a porta se fecha, algo me diz que essa “ida” ao mercado não foi planejada pela minha melhor amiga.

—Senhora Carsson, você está banhada de suor.

Estrangulo meu sorriso, não sei de qual sentido da minha sala a voz dele vem, mas ele está aqui.

—Acho que devemos tirar essas roupas suadas, não acha?

—Preciso de um banho.

—Posso te dar um banho?

—Isso depende muito, Senhor Carsson.

—Do que?

—Do seu desempenho no momento do banho.

—Ah.

Gosto desse joguinho, entro nele, Jack está vindo para mim, acho que não conseguiremos alcançar nem o banheiro. Ele me pega pelo braço e me puxa, fecho os olhos, Jack abaixa e me ergue em seu ombro como se eu fosse um saco de batatas facilmente manejável, gargalho e toco a bunda dele por cima do jeans que ele usa, não resisto, mordo, ouvindo um gemido baixo e contido.

Como ele consegue ser tão controlado?

Achei que iríamos para o banheiro, mas sou subitamente jogada na minha cama, ele vem para cima de mim e me beija com ardência, não sinto como se Jack quisesse fazer sexo agora, acho que uma tensão forte o toma nesse exato momento, apesar dele também estar excitado com tudo isso.

—Quer terminar a conversa de ontem?

Bem, mesmo que agora não saiba se é realmente isso o que quero, sei que já comecei, então preciso terminar, entender algumas coisas, mas principalmente, qual é a relação que Jack mantém com Soraya.

—Está bem.

—Não gosto de mentiras, Maria.

—Nem eu.

—Por isso, acho importante nós dois estabelecermos isso desde o começo, estamos juntos e, o que importa é o nosso presente, mas como já prometi, se me perguntar algo sobre meu passado, serei completamente sincero com você.

—Ok.

—Você não tem medo?

Muito.

—Sim, mas bem, é parte de você, não posso mudar o que você fez e nem o que você é, em parte gostaria muito que não tivesse passado por essas coisas todas e.

—Eu queria. —Jack está ao meu lado. —Não era nenhum menino inocente não.

—Ok, mas sabe, sinto como se ela se aproveitasse disso.

—Condessa?

—É, ela é muito egoísta.

—Somos amigos, na verdade, hoje temos uma amizade muito forte, gostaria que compreendesse.

O que você quer dizer com isso, Jack?

—Eu e Soraya nos vemos sempre, ela se tornou como uma irmã para mim.
—Ele faz uma breve pausa. —Não fique brava.

—Não estou. —Sufoco todo e qualquer ciúme de dentro de mim.

—Ela mudou, é uma boa pessoa hoje, se arrepende de tudo, Ray também.

—Entendi.

—Maria, não, você precisa entender isso.

Entender que você vê a sua ex namorada que estragou a sua vida quase sempre?

Isso está fora de toda a minha compreensão ou de toda compressão humana no mínimo plausível e são.

Como se pode ser amigo de alguém no qual provocou tanto mal a você? Quase sua morte?

—Você está brava?

—Não, apenas um pouco confusa.

—Você se acostuma.

Não quero me acostumar e esse é o problema, você é um louco, ok, teve um passado doloroso, ok, fez coisas absurdas, ok, mas não me peça para aceitar outra mulher na sua vida, isso não confere!

—Pode continuar a falar, Jack.

—Não quero!

A voz dele muda, e agora ele está se afastando de mim, me irrita com isso, porque tudo o que mais quero é poder entendê-lo, não me irrita com seu passado, nem com metade das coisas absurdas que ele fez ou disse ter feito—acho que isso não é nem a metade da metade do que ele fez—, mas não posso aceitar dividir sua atenção com outra mulher, ainda mais essa mulher, que pelo o que eu vi, causou tanto mal a ele.

Está bem, então!

Me ergo, como sei que ele está atrás de mim, dou uma espiada focando sempre na frente. Avisto a porta do banheiro, fixo nela e me levanto, prometi para eu mesma que não tentaria forçá-lo a nenhum tipo de situação e assim vai ser, eu não quero brigar, porque tenho certeza que mesmo em total silêncio, já estamos brigando.

Levanto e vou para o banheiro, é melhor assim, persistir nessa assunto vai acabar fazendo com que nós dois discutamos, preciso pensar com calma para poder saber como me sinto sobre isso.

Sinto ciúmes, isso é fato, porque Jack é o meu marido e não quero ter a mínima ideia de que outras mulheres se aproximam dele de outra forma, senão por motivo de trabalho ou parentesco familiar. Sinto raiva por ele tê-la

perdoado, claro, a política de perdão é praticada por mim constantemente, mas se alguém tivesse feito alguma coisa do tipo comigo, eu sei que nunca perdoaria, essa mulher merece desprezo, assim como o marido dela, são dois egoístas, e terceiro, até alguns dias atrás, eu se quer havia imaginado que o meu marido é uma espécie de Submisso, coisa que só achava que existia em livros—eróticos—, como ele pode me pedir para aceitar tudo isso normalmente? Para que eu não fique brava? Outras mulheres ficariam, certo?

Entro no banheiro, fecho a porta com o pé, estou sem máscara e não quero correr riscos. Tiro minha camiseta e a calça, acho que em parte estou assustada com toda essa história, porque não era algo que eu esperava saber sobre o passado dele, claro que não encaro como uma barreira para que fiquemos juntos, eu o quero e vou ficar com ele—ainda não sei como faremos—e, Jack já deu bastante provas que isso talvez não seja apenas parte de seus desejos, ele realmente gosta de mim, ele se preocupa comigo—num nível muito obcecado de ser—e quer o meu bem, o bem do meu filho, coisa que eu sei que é muito difícil de acontecer assim, do nada.

Nunca achei que algo assim poderia acontecer comigo também, eu não sou um poço de intolerância, em parte isso me ajudou muito a tomar decisões importantes na minha vida, mas tem coisa que eu não tolero, talvez pelo meu lado certinho demais.

Me enfio dentro do chuveiro, um pouco aliviada pela água estar fria, acho que nem mesmo esse pequeno desentendimento serviu para afastar meu bom humor, quando vejo, já estou cantando uma música que ouvia há um tempo no meu mp3 todos os dias a caminho do trabalho.

Algo sobre o cara ser obcecado pela garota de tão apaixonado.

Sei que sou péssima cantando, ok, não preciso de ninguém me falando, mas adoro cantar no chuveiro, isso muitas vezes irrita o Van e mamãe, claro que ignoro eles, porque quando querem fazer alguma “resenha”, ninguém me consulta a respeito do volume do som.

E confesso, não tem preço ver o meu padrasto irritado.

Acho que estou assassinando a música no refrão, acabo rindo, nunca me senti tão feliz numa manhã de quinta.

Hoje vou arrancar o máximo de informações de Joseph, para não acabar sendo corrigida pelo meu marido louco Aurélio e, ficar morrendo de vergonha por isso.

De repente sinto um puxão no braço, grito—Jack, pelo amor de Deus, não faça isso—, ele me aperta com força, meu coração está dando saltos

absurdos.

—Você me irrita.

Eu sei Jack, não preciso que fale que te irrita.

—Você precisa aceitar que eu tenho um passado.

—Quero saber da agência.

Não quero falar sobre Soraya. Acho que não estou pronta para falar sobre essa Condessa.

—Você promete que vai parar de cantar?

—Eu sou uma excelente cantora.

Ele ri, me vira, estou fazendo cara de brava, Jack coloca um beijo leve na minha boca, algo em mim se rompe aos poucos, o resto que sobrou da minha sanidade eu acho, eu jamais seria tão manhosa assim com alguém, nunca fui assim.

—Tem coisas bem piores que Soraya.

E eu quero saber de todas elas, mesmo com medo e mesmo que isso me assuste, quero saber tudo sobre Jack Carsson.

—Tem certeza que quer saber sobre isso?

—Absoluta.



A Agência

—Podemos tomar o café enquanto conversamos, então.

Faço que sim com a cabeça, Jack se afasta um pouco e percebo sua tensão, ele está com medo que eu saiba sobre essa “agência”, acho que eu mesma estou com mais medo que ele de saber mais sobre isso.

Nunca pensei que existissem lugares nos quais as pessoas usassem para ter encontros às escuras, muito menos que pagassem por isso.

Que ideia absurda.

Como alguém pode pagar para ter encontros às escuras com outras pessoas?

Alguém doente!

Alguém totalmente dependente dessa doença.

Jack!

Tento entender a escopofobia dele, é complicado, e sei que nem mesmo que eu pesquise em todos os dicionários no mundo, vou poder entender isso. É algo que nunca me ocorreu até hoje, ainda tão difícil de lidar, tento me acostumar com isso.

Claro que quero vê-lo mais que tudo, mas depois de ouvir a sua história, já não me sinto presa a isso, e eu ainda nem ouvi tudo.

—Vida, você vem?

— Estou indo.

Me enxaguio, desligo o chuveiro, e ele está me conduzindo pelo braço, tem um tapete seco no meu banheiro, Jack começa a me secar em silêncio—coisa que descubro que ele gosta—, fico com um pouco de vergonha, mas não me oponho.

—Quero que fique bem.

—Eu sei.

—O seu cachorro está nos observando.

Claus!

Tadinho, não estou tendo tempo nem para ele, ele está na minha mãe basicamente o tempo todo.

Jack seca os meus braços, depois os meus seios, não acho ruim, mas a dúvida permanece, por que ele gosta de fazer isso, afinal?

—Você gosta de me secar.

—Gosto de cuidar de você.

—Por que?

—Não quero que morra.

Nossa.

—É algo que desenvolvi depois da morte da minha mãe, coisa de louco.

—Jack, você não é louco.

Não quero que ele ache que penso isso dele, pessoas reais tem problemas reais, e as vezes elas fazem coisas extremas para saber lidar com isso. Acho que generalizo e justifico a condição mental dele dessa forma, mas eu realmente não acho que ele seja louco, e apenas a minha forma de saber dar um nome a essa doença dele.

Loucura é algo bem pior do que não querer ser visto pelas pessoas, já conheci muitos loucos nas visitas da faculdade ao presídio municipal, tive oportunidades únicas de conhecer psicopatas, assassinos, ver alguns sentenciados a penas de anos, nunca vi ninguém ser chamado de louco por ser tímido demais.

—Quero que fique bem.

—Eu sei, também quero que você fique bem.

—Eu gosto muito de você.

—Também gosto muito de você.

—Acha que pode aprender a, me amar?

Poxa vida, Jack, não fala sobre isso, por favor, por favor, não fala isso.

—Em algum momento você vai ter que se apaixonar por mim.

—Você também.

—Não é o caso.

Ele beija a minha cabeça, engulo a seco a declaração, o que isso quer dizer? Meu coração está explodindo.

—Já sou louco por você, vida.

—Eu acho que já me deixa louca, Jack.

—Em que sentido?

Graças a Deus, você mudou de assunto.

—Eu nunca ficaria pelada na frente de um homem.

—Nem do pai do seu filho?

Não foi algo espontâneo, aquele animal, sinto arrepios só de lembrar, me encolho, da vontade de chorar de lembrar, antes eu sempre chorava quando

lembrava, hoje eu aprendi a lidar com isso.

—Você não gosta de falar dele.

—Porque ele é insignificante para mim.

—Ele magoou muito você.

—Ele me machucou profundamente.

—Ele batia em você?

Essa conversa não deveria ser sobre mim, odeio de falar sobre isso, a voz do meu marido está tão séria, acho que ele está irritado.

—Não, nós dois só ficamos juntos uma vez.

—E já engravidou?

—Sim.

Não consigo evitar, quero chorar, mas respiro fundo, o meu passado não foi tão ruim quanto o de Jack, mas é doloroso demais para mim ter que muitas vezes lidar com ele.

Jack fica em silêncio me observando, é claro, não me movo, não consigo, é algo que prefiro esconder durante um tempo, eu não acho que isso venha a atrapalhar o nosso envolvimento, em vista do que ele já passou, deve ser algo muito pequeno.

—Foi uma gravidez acidental, então.

—Sim, já te falei que a minha mãe nunca aceitou.

—Hum, vamos.

—Só vou me vestir, pode ir na frente.

—Nada de roupas.

Como assim, nada de roupas? Você ficou louco?

—Jack, não é boa ideia.

—Vem.

Ele me ignora, me ergue em seus braços facilmente, me seguro fechando a cara, depois ele me joga para cima, fico pendurada em seu ombro com a bunda para cima, Jack também está nu, estou vermelha, ele me dá um tapa forte na bunda, pulo, isso arde, também não deixo barato, cravo os dentes na bunda dele com força, ele para e parece respirar fundo, acho que machuquei ele.

—Desculpe.

—Tudo bem.

Ele beija o lado da minha coxa, sorrio, devolvo o beijo onde o mordi, resisto a vontade de apalpar ele.

—Você é notável, Senhora Carsson.

—Sou?

—Sim.

Nunca me senti notável, pelo contrário.

—Jack, por que estamos pelados mesmo?

—Por que eu quero.

—Já posso te chamar de cinquenta tons?

—Não ouse.

—Mister “M”, então.

—Ainda não.

Rio, ele me coloca no chão, acho que estamos na cozinha, Jack coloca a minha máscara em mim, e me sinto mais segura para tentar procurar algo, estico os braços, acho o abdômen dele, afasto ele para o lado, ele está rindo, me abraça por trás.

—Vida.

—Hum.

—Faz omelete para mim?

Fico surpresa.

—Você gostou?

—Claro que gostei, você mentiu para mim sobre não ser boa cozinheira.

—Faço então.

Estou empolgada, na verdade, bem feliz, cozinho quando estou em casa as vezes, Sah e nem o Nando nunca reclamaram, é claro.

—Eu te ajudo com os ingredientes.

—Está bem.

—Você quer que eu te fale sobre a agência enquanto isso?

—Aham.

Acho que ele já está mais relaxado para essa conversa.

—Podemos usar cebola e pimentão. —Ele me solta, abre a geladeira. — Alho?

—Tem brócolis e espinafre cozido —sobrou do almoço de ontem—, coloque na pia.

—Ok.

Dou as instruções, Jack fica atrás de mim me abraçando, o tempo todo me falando para tomar cuidado com os ingredientes, ele tem esse lado carinhoso que vou descobrindo aos poucos. No momento em que pego a cebola, as mãos dele seguram as minhas, estou nua, preparando comida com o meu marido—também nu—na cozinha da minha casa, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

Estou louca.

—Depois que eu abri a empresa, me sentia muito vazio. —Ele começa. — Não conhecia outras mulheres, queria reparar o mal que tudo aquilo me fez.

—Você queria se sentir normal?

—Sim, ou apenas ter a chance de ter alguém que não me sujeitasse a tudo isso.

—A ser submisso.

—Eu era doente, não havia a menor chance de me aproximar normalmente de alguma mulher, nem fisicamente e nem emocionalmente.

—Então procurou a agência — concluo. —Como achou essa agência?

—Quando se tem um pouco de dinheiro e se conhece a pessoa certa, isso é o de menos. —Ele me ajuda a fatiar a cebola vagarosamente. —Eu basicamente comecei a ter encontros duas vezes na semana, no começo eu tinha uma ou duas parceiras por noite, as vezes três.

Nossa.

—Era cômodo para mim e muito fácil, queria achar alguém que estivesse disposta a conviver comigo pela minha limitação.

— E isso não aconteceu.

—Não, percebi logo que nenhuma das mulheres com quem me envolvi eram compatíveis comigo.

—E como funcionava?

—Alguém da agência ligava e marcava o encontro.

—Na agência?

—Não, em um hotel ou alguma casa que eles alugam, depende muito do lugar.

—Em qualquer lugar do mundo?

—Sim, a qualquer hora, com o tipo de pessoa que você desejar.

—Até homens?

—Nunca sai com homens.

Beija meu pescoço, acho que acabamos a cebola, Jack coloca as minhas mais sobre algum talo... brócolis.

—Tive vários casos nesse ano, mas isso estava atrapalhando muito o meu foco, a empresa estava em fase de crescimento, precisava me concentrar.

—Você gostava delas?

—De algumas, sim, outras eram apenas pessoas com quem eu gostava de estar, e nem todas foram minhas amantes.

—Quantas?

—Acho que trinta, nunca parei para contar.

Meu Senhor do Céu, Jack!

—Tinha uma libido incontrolável, era um pouco vaidoso no começo e, convencido, só tinha 23 anos.

—Isso foi há três anos, Jack.

—Para mim parece que faz muito tempo, desde aquele ano, mudei muito.

—Você não teve nenhuma namorada?

—Não posso chamar aqueles envolvimento de namoros, algumas eu... eu usava para me divertir um pouco.

—Divertir.

Tenho a impressão que essa palavra não significa para mim exatamente o que é para Jack.

—Fazia coisas com elas.

Jack tira a faca da minha mão, me gira e fixa parado, me olhando em silêncio.

—Praticávamos sadomasoquismo.

Ah merda.

Sufoco, oprimo e fico paralisada com a confirmação disso, minha cabeça da voltas e voltas, meu estômago gira com violência, Jack encosta a testa na minha, e eu fico calada, minha garganta se fechando, esqueço de respirar.

—Fale algo.

Isso é muito mais que a simples escopofobia. Ele me beija e no fundo, me acalmo um pouco com isso, desejo profundamente entendê-lo e aceitá-lo, preciso saber conviver com seu passado e seu presente, pelo o que foi e pelo o que ele é.

—Você vai me abandonar agora?

—Já disse que não vou te abandonar.

Acho que ele tem tanto medo de perder essa chance, por qualquer coisa ele pensa que vou abandonar ele.

—Eu mudei muito desde então, eu não pratico mais, foi num processo de transição da minha vida.

—Que época?

—Meus negócios começaram a se expandir, e a empresa precisava do dono. Foi quando eu comecei a fazer terapia com a Lane, e comecei a minha ressocialização.

—Para você pode andar em público.

—Eu odeio massas.

—Por isso você agiu daquela forma comigo no baile?

—Uso toda a minha autoconfiança para isso.

—E fica frio com as pessoas.

—Acho que você não percebeu o quanto estava apavorado em saber que pelo menos trezentas pessoas estavam me olhando.

—Apavorado?

—Sim, e enjoado.

Abraço ele.

Não lembro de ter percebido nada disso, deve ter sido uma tortura cada segundo para ele.

—Já fiz coisas terríveis.

—Eu não me importo com isso.

—Talvez, algumas coisas você não tolere.

—Você não quer que as coisas deem certo?

—Claro que quero.

—Então, se permita isso.

—Você é tudo o que eu mais quero.

—Você é muito fofo quando quer, Jack.

Ele sorri e deixa um beijo na minha cabeça.

—Minha omelete.

—Ah, claro, você pode despejar quatro ovos.

Vou falando, ele anda pela cozinha, Jack é muito prestativo, confesso, mas odeio pensar que ele é assim porque quer me manter por perto, que finge ser assim para que não me afaste.

—Jack.

—Sim?

—Você está agindo assim para me agradar?

—Nunca faria isso com você, Maria, eu sou assim as vezes, sou complicado, já disse.

Acho que ele está mexendo as gemas na tigela de alumínio que acabei de falar, mas não está muito afastado de mim.

—Você gosta, gosta de estar comigo?

—Por que não gostaria?

—Não sou interessante.

Acho a mesa, puxo a cadeira e apalpo o acento para ter certeza de que não vou cair, me sento, quero me cobrir.

—Por que não se acha interessante?

—Bem, eu não sou das mais bonitas e nem nada, eu não gosto muito de sair e nem essas coisas, e eu estou acima do peso.

—Alguém disse isso para você?

Não preciso que digam, sei que sim, me esforço para sorrir.

—Não precisa ter medo de que outras mulheres não queiram você, algum dia você pode encontrar alguém jovem e compreensiva para ficar com você, lhe dar filhos.

—Não tenho medo de que não me queiram, Maria, EU QUE NÃO QUIS NINGUÉM.

—Só quero dizer que.

—Não diga!

Acho que ele se irritou, fico se graça.

—Você quer me afastar de novo.

—Não, não é isso, apenas estou dizendo que você é rico, muito jovem e é bonito, talvez consiga coisa melhor.

—Você é o meu melhor!

Droga Jack, eu vou ter um enfarto se você ficar falando essas coisas.

—Não se importa se as outras pessoas me acharem feia?

—Não preciso da opinião de ninguém, eu sei muito bem o que eu vejo e quero, e chega com esse assunto.

—Ok!

—Vou te servir a minha omelete, mas você vai fazer para mim depois.

—Tudo bem.

Melhor não falar sobre isso mesmo, não quero acabar discutindo com Jack por causa das minhas complexidades, de problemas já estamos cheios.



A omelete está divina, sei que ele me observa enquanto me alimenta, me sinto de novo nervosa e exposta, algumas vezes tenho a leve impressão de que Jack sorri, depois a impressão passa e me sinto novamente uma grande idiota, não quero imaginar como seria isso se eu não estivesse vendada, provavelmente o maior desastre da minha vida.

Nunca tive jeito para essas coisas.

Tudo além de ser novo para mim, é um pouco assustador demais.

Estar com Jack exige muita paciência e compreensão, não apenas por sua doença, mas também pela personalidade dele, no começo apenas isso, agora por sua história, que se mostra muito surreal e triste demais.

Uma ex noiva, uma doença, a morte de uma de suas “dominadoras”, e o abandono que ele sofreu por parte de Condessa, Vadia Soraya Condessa.

Não consigo enfiar na minha cabeça o que motiva as pessoas a gostarem desse tipo de coisa.

Para mim, uma surra sempre foi algo bastante doloroso e ruim, eu odiava apanhar da minha mãe quando criança, bem, não levei muitas surras antes dos onze anos de idade, depois que ela casou com Van, levei duas grandes surras, uma no dia do casamento dela—eu não queria ir, ela me obrigou e fiz pirraça a festa inteira, quando chegamos em casa ela me bateu até cansar—e a

outra com dezesseis, anos quando falei que estava grávida do Nando. Essa surra, sem sombra de dúvidas, foi a pior surra da minha vida, Van teve que interferir para que ela não me machucasse de verdade, Como alguém pode gostar de sentir dor? De machucar alguém? De lhe causar sofrimento?

Aceito mais uma garfada da omelete, pego minha caneca e bebo um pouco do café, sei que não posso ter todas as explicações do mundo agora, mas queria apenas uma resposta plausível para justificar os atos de pessoas assim.

Parece uma distribuição de ódio desnecessária.

Uma sessão de revolta sem motivo.

Uma baixaria sem pretexto algum para que se prolongue.

Fico pensando em quantas pessoas praticam essas coisas no mundo, quantas pessoas tentam se refugiar através da dor e me arrepio toda. Eu não preciso ser uma grande conhecedora da mente humana para saber que as pessoas fazem isso procurando algum tipo de refúgio, ou talvez, elas busquem ultrapassar suas limitações, realmente, não faz sentido, mas acho que é o que eu tenho para esse momento.

No caso de Jack, tudo o que ele queria era cativar muito o amor de alguém através disso, ser aceito e ter uma chance de ser feliz.

Não é difícil tentar entender ele, mas o que motivava Soraya?

—No que está pensando?

Na sua ex desequilibrada, Condessa Vadia Soraya.

—Nada.

—Já falei sobre seu silêncio.

—E eu já falei que sou um tédio.

—Hora de voltar para o quarto, Alejandro já deve estar voltando.

Claro, não quero destruir os sonhos futuros do meu filho, com essa visão maravilhosa de dois adultos pelados andando dentro do que ele chama de lar, nem denegrir a minha imagem de boa mãe.

Isso não.

Já vou levantando, Jack está colocando o prato na pia, ele lava as mãos e depois me enlaça pela cintura, vai me guiando pelo caminho, conto os passos, preciso me acostumar.

—Você está contando?

—Claro, eu preciso me acostumar para quando você vier.

Ele para, acho que estamos no corredor que dá para os quartos.

—Você quer que eu venha mais vezes, e concorda em continuar com a máscara?

—Você não?

Silêncio.

E fico parada esperando que ele fale algo, suspiro, eu não sei por que Jack me deixa no vácuo as vezes, é difícil entendê-lo, me sinto nervosa com a situação e ele fazer isso não ajuda nenhum pouco, saio tateando para o rumo da direita.

—Maria, o que está fazendo?

—Reconhecendo a área.

Ouçõ uma risada, e ele me ergue no colo do nada, grito. Jack, pare de me assustar, droga!

Ele corre comigo em seu colo e me seguro com medo de cair, mesmo que saiba que ele não faria isso, depois sou arremessada na cama, outro grito, mas de pura adrenalina. Meu Deus, qual é o problema desse homem?

—Você me paga.

—Pelo o que? —Estou transtornada, mal consigo respirar direito.

A porta é trancada, me encolho, e essa é a minha grande dificuldade em aceitar toda essa história de não ver nada, estar vendada me deixa sem a total noção de onde ele está.

—Não precisa ter medo.

—Não faça mais isso, ok?

Ele sobe na cama, vê que realmente me assustou, me encolho, e Jack está subindo em cima de novo de mim.

—Você é a melhor.

Não consigo entender por que ele fala isso também. Me acomodo e Jack entrelaça a mão esquerda na minha, beija meu pescoço, meu ombro e sobe pra minha boca, toco sua face, e os meus dedos se enfiam em sua nuca, adoro o cabelo dele, é tão lisinho e macio, tão diferente do meu.

—Quer ouvir música enquanto fazemos amor?

Jack Carsson, pelo amor de Deus, o que fizeram com você?

—Sim.

—Boa escolha.

Ele sai da cama, está andando pelo quarto, liga o ar, e em seguida uma música muito romântica começa a soar do celular, acho que é o dele. Acho que ele fecha as cortinas da minha janela—que não é das maiores—e me sinto mais confortável com isso.

—Eu sou um pouco sentimental as vezes.

Não acho, acho que pela primeira vez desde que te conheci, você está sendo romântico e gentil comigo como eu sempre sonhei, Jack. Não que eu não goste do outro jeito, mas assim, assim parece algo especial, bem, sempre vai ser especial.

Todas às vezes, concluo.

Ele volta para mim, já colocou a camisinha, abandona o corpo em cima de mim, toco sua face, é tudo o que mais desejo nesse momento. Jack abaixa e quando sobe, está me penetrando bem devagar, arqueio me acomodando nele, seu tamanho, ele me observa, sinto sua respiração quente de encontro ao meu rosto.

—Você é muito especial para mim, Maria.

—Também gosto de você, Jack.

Acho que todas as vezes vou estar pronta para ele, estou tão atraída por esse homem, que duvido que me recuse a ser dele em qualquer hora do dia, ou da noite, sou completamente dele. Ele toca os meus cabelos e me beija enquanto se move, isso é tão gostoso, quando ele me penetra é, é indescritível, não sei se quer pensar em palavras para explicar o que sinto quando fazemos amor.

Segura os meus quadris e me leva para o lado, estou em cima dele, Jack dentro de mim me movendo de cima para baixo bem devagar, apoio as mãos na cama e arfo, que sensação gostosa! Beijo ele, apoiando os joelhos na cama, quase não consigo alcançar seus lábios.

Jack se ergue e puxa as minhas pernas, estou mole, derretendo nele, fica sentado me movendo sobre seu membro duro, estremeço devagar, não deixo os lábios dele um segundo.

Jack me oferece sua língua e eu chupo sem o menor pudor, repetindo seus movimentos, o jeito como ele me sobe e desce segurando meus quadris, estou escorregando nele, e ele está quente e perfeitamente rijo.

Fico arrepiada, e a expectativa me deixa quase louca de prazer, quero tanto esse homem, que chega a ser uma completa tortura chegar tão rápido no final,

mas ele me dá mais e mais, e não recuso.

Gozo uma vez, duas, três...

Ah, eu adoro isso.

Ele espera que o meu latejar passe e volta a me mover novamente, até os cabelos da minha cabeça se arrepiam com o prazer, contorço meus pés apertando meu corpo contra o dele, o atrito do peito dele com os meus seios me excita bastante, meu íntimo queima todo no quarto orgasmo, e estou gemendo alto, ah, esse é o melhor.

Ele me tira e caio mole na cama, me tremendo toda, então a boca dele me toma com força, movo os quadris para ele puxando os cabelos dele, tentando suportar todo o prazer que ele me dá agora, meu clítoris vibra na língua dele e não existe sensação melhor na terra que essa.

A boca dele me provoca mais prazer e me contorço com força, me segurando nas mãos, meio sentada, minhas pernas completamente abertas para esse homem enquanto ele me dá tanto prazer, que sinto vontade de chorar.

You And Me.

Minhas mãos tremem, eu tremo, engulo os reflexos do prazer no meu corpo, gostaria de vê-lo agora, observá-lo fazer amor comigo dessa forma, estou rendida, estou... estou completamente louca por esse homem, e não me canso disso.

Gozo mais uma vez, e o gemido sai mesmo que eu não queira, estou implorando por mais. Estico a mão e toco seu ombro, ele se ergue deixando beijos maravilhosos na minha barriga e seios, me beija para que eu sinta o meu gosto, não me importo, eu o abraço e o recebo, Jack está tenso, acho que ele já se segurou muito, tento me controlar ao máximo, preciso esperar ele dessa vez.

Seu calor me reveste mais rápido agora, a boca devora a minha com presteza, violência—gosto disso—, dobro as pernas apertando os olhos, gemo queimando por dentro, meu clitóris dói pelo esforço de prender, Jack mete com força agora e me contraio me contendo, me apoio nos cotovelos sentindo ondas extremas em todo o meu corpo.

—Vou gozar.

Não respondo, ele lambe meu pescoço e esfrega as faces nas minhas, misturando nosso suor, lambo seu pescoço, provo do gosto do nosso suor,

desejosa, ansiando por isso tanto quanto ele.

—Ah Maria!

Solto, e abandono meu corpo na cama, meu corpo em chamas maravilhosas, estou vendo mais estrelas agora, Jack cai em cima de mim se contorcendo todo, mal consigo me mover, estou sem ar, meus quadris se movendo para o dele, ele entrando mais uma última vez em mim.

—Viu? —Ele me beija de leve. —Sei ser legal as vezes.

Não vi Jack, mas isso por enquanto é o suficiente para mim, apenas por enquanto.



Quinto dia

Jack volta para cama, ele me abraça e não quero que saia mais, acho que cochilei, quando acordei ele já não estava mais aqui, fiquei quieta, e agora ele está de volta. Meu coração vai ficando pequeno, coisa que acontece frequentemente depois que eu o conheci, não tenho dúvidas que quero estar ao seu lado, mas não sei se posso afirmar com certeza se os problemas não irão atrapalhar nosso casamento.

Me sinto ridícula.

Isso nem é um casamento de verdade, aqui não somos casados, então, me sinto mais como uma amante dele, e vejo que não me importo tanto com isso, é normal ter relações com seu namorado, tenho 28 anos, por que devo me sentir mal com isso?

Eu o quero, eu o desejo e sei que é recíproco, mas até quando?

Tenho algumas perguntas para fazer, mas me falta coragem, se perguntar, vamos acabar brigando e não quero desperdiçar o tempo com ele discutindo.

Me sinto grata por esses momentos, nunca em minha vida alguém me mimou tanto, me deu carinho, não conversamos, mas... tem toda essa conexão que sinto com ele, estabelecemos isso nesses dias, coisa que duvido que possa sentir por outro homem em minha vida.

Jack acaricia minhas costas, estou tão bem com ele aqui comigo, relaxada, em minha paz, uma paz que eu descubro que só consigo ter com ele por perto.

Nos beijamos e isso me basta.

Não preciso estar casada com ele, não preciso que ele seja meu namorado, eu só quero ele, desde que ele esteja aqui—nem que de vez em quando—, tudo ficará bem. Ele faz com que eu me sinta bem, feliz, diferente do que eu sempre fui.

O celular ainda toca músicas baixinho, beijo seu peito, e vou para cima dele procurando sua boca, ele toca minha cintura, me apoio nas mãos e fico com o rosto de frente para o dele, me erguendo um pouco, tomo coragem.

—Eu não me importo se não quiser oficializar, Jack, podemos combinar, você pode vir me ver uma vez no mês? Seria pedir muito? Posso juntar dinheiro e ir te ver nos seus aniversários e tal—quero parecer que olho para ele—, eu tenho poupança, não quero te dar gastos.

Ele fica calado, continuo.

—Adoro ficar com você, claro, brigamos as vezes, mas estou muito feliz que tenha aceito o Nando e a minha família, eu não tenho muito, como vê, mas seria ótimo se você viesse outras vezes, como essa.

E continua calado, preciso tentar convencê-lo? Claro que preciso.

—Eu posso ficar mais bonita, me cuidar mais, Sah sempre fala isso, deve ser importante para um homem ter sua mulher bem, só peço que tenha paciência comigo e com o meu filho, que o aceite, ele é tudo o que eu tenho, bem, agora tenho você, não quero que você vá embora.

—Não?

—Não. —Não sei por que ele está falando tão baixo. —Posso evitar bebês, tomar o remédio, podemos ter uma vida como qualquer outro casal, quer que eu vá na América te ver?

Mais silêncio, devo continuar com o que penso, ele vai concordar, tem que concordar.

—Posso me acostumar com a sua doença, posso tentar entender, eu não me importo com o seu passado, podemos esquecer isso e recomeçar. Claro, aí depois se você quiser, podemos falar com a minha mãe sobre algum tipo de coisa mais séria, ela vai entender, se você quiser, pode morar aqui comigo, sei que não é muito.

E ele não me responde, fico parada, e me dou conta de que esse homem não precisa disso para nada. O que eu estou falando? Vou para o lado, acho que falei demais, claro que falei, que proposta mais descabida, deveria ter pensado direito no que deveria falar, fui falando tudo o que vinha na minha cabeça, mas bem, não dá para pedir para alguém ficar com você sem lhe explicar o quão complicado isso pode ser.

Não sou como as mulheres com quem ele sai, não sou como Condessa, eu não quero força-lo a nada, não quero que o nosso relacionamento—sim, isso mesmo—seja forçado para ele, quero que Jack fique comigo por quem eu sou, que aceite o que tenho para lhe oferecer.

Mas me sinto medíocre de ter feito esse apelo desesperado para que ele fique, sei que ele não precisa de mim, ninguém nunca precisa de mim.

Sei que ele está me olhando de novo, estou coberta de vergonha de novo, começo a me questionar do porquê falei essas coisas.

Fui tão impulsiva em falar essas coisas.

Claro, porque quero ele para sempre comigo.

Foi isso o que ele falou, então, por que estou com medo de que ele vá embora?

—Eu não vou te abandonar.

—Não quero que você vá embora.

—Mas eu preciso ir.

—E quando volta?

—Logo que resolver as coisas por lá.

—E vai demorar muito?

—Não seja ansiosa, acho que dá muito bem para ficar sem sexo por alguns dias.

Me ofendo com o comentário, grosso!

—Sabe, você não entendeu o que eu quis dizer, acha que eu te quero aqui por que você é bom na cama?

—Por que seria?

—Porque eu sou uma estúpida que me importo com você, que gosta de você e não para de pensar em você um segundo.

Ele não responde, e eu nem sei por que fico esperando que Jack fale, ele já voltou ao normal, me ergo, estava durando muito.

—Maria.

—Olha, eu não sou a Soraya.

—Eu nunca compararia você a ela.

—Então o que é?

—Não quero te machucar apenas isso.

—Me machucar?

—É, tudo isso o que você falou é irrelevante para mim, não se ofenda.

Sinto vontade de chorar, falo como me sinto e tudo isso é nada para ele?

—Expus os meus sentimentos. —Minha voz está abafada.

—Eu sei e agradeço.

Parece tão frio.

Ele está sendo um completo idiota de novo.

—Maria, o que eu quis dizer.

—É que os meus sentimentos são insignificantes, que isso não faz diferença para você, porque você só quer alguém que o suporte para se satisfazer.

—Maria!

—Você é mesmo um grande grosso.

—Me desculpe, é apenas o meu jeito.

—Melhor eu ir ver se a Sah já chegou.

—Ninguém nunca me falou algo assim, você não sabe o que está fazendo comigo agora, preciso absorver tudo.

—Para que? Para ficar rindo da minha cara?

—Não merda! Para recusar a proposta, cacete! Para ter forças para ir embora, gostaria de ter uma opção na minha vida de “foda-se”, mas eu não tenho —ele está gritando comigo, estou paralisada. —Eu tenho uma droga de vida que não me permite se quer ter pessoas além da minha família perto de mim, que porra!

Fico paralisada, minha garganta está ardendo e a máscara prende as minhas lágrimas, magoei ele de novo, droga!

—Você acha que as coisas são simples assim?

—Não acho isso, só falei o que eu quero, porque é assim que me sinto.

—Acha que se sente pronta para lidar com os meus problemas? Nem eu consigo, precisamos de tempo para lidar com isso juntos e, só morando juntos podemos resolver nossas diferenças, acha que irei deixá-la aqui? Não mesmo!

Estremeço, essa conversa é tudo o que eu mais quero evitar na vida.

—Eu pensei em algo. —Ele parece tão descrente. —Já conversei com a sua mãe, é claro.

—Não deveria ter falado, eu prometi para ela que não iria embora. — Abraço as pernas, estou começando a entrar em pânico.

—Calma —ele pede com certo receio. —Nós vamos conversar sobre isso depois.

Não quero!

—Jack, não posso largar a minha família para trás, por favor, não me peça isso.

—E quer que eu largue a minha?

Não, não quero isso também.

—Não, acho que seus irmãos precisam de você.

—Então tenha calma, vamos resolver isso, apenas pare de ficar falando essas coisas para mim, senão eu vou pirar.

Mais ainda?

Ele respira fundo, e sei, que ele está bravo comigo, saio da cama, não queria isso, não queria outra briga, preciso achar o banheiro, preciso ficar longe para ele não perceber que isso me causa sofrimento, queria ser indiferente como antes, mas eu não consigo mais, estou perdendo o controle.

—Maria, por favor, me desculpe, eu não queria gritar com você, apenas me

assustei.

—Comigo? —solução. —Me desculpe, mas essa sou eu, eu também nunca tive um relacionamento sério, você está insinuando que eu só quero sexo, como se eu fosse uma vadia.

—Não foi a minha intenção.

Estico os braços, quero achar a saída para o banheiro, não quero chorar perto dele, já sei que estraguei tudo de novo, ele se aproxima e me puxa pelo braço de volta para cama, nos sentamos e sei que estou de frente para ele, Jack arranca a minha máscara, abaixo a cabeça.

—Maria, você já namorou com o pai do seu filho, já deve saber como é mais ou menos toda essa coisa.

—Não namorei.

—Não consigo entender como tiveram um filho, e antes dele?

—Eu já disse que não.

Seco as minhas faces, ele está inquieto, agoniado.

—Não chore, me desculpe.

—Me sinto um nada.

—Não se sinta assim, eu sou um merda mesmo as vezes, mas, é que isso é como uma autodefesa, eu tenho receio de ter as pessoas muito próximas de mim.

—E as afasta? Até a mim?

—Eu estou tentando não fazer isso.

Jack toca a minha face, quero que ele entenda que agora desejo ficar próxima dele, antes não queria, mas agora é tudo o que eu mais desejo, porém, não posso abandonar a minha vida e fingir que isso é o mais importante, porque não é.

—Você.

—Calada—ordena. —Sem discussão.

E me beija, muito agressivo agora, correspondo, porque um lado de mim adora esse beijo, e faíscas despertam dentro de mim com isso.

Ele me empurra com força na cama e morde o meu seio direito com força e gemo, porque isso dói e machuca, mas ao mesmo tempo, faz com que eu sinta uma ponta de prazer. E volta a repetir a mesma coisa com o outro seio, me contorço com a dor, Jack solta um grunhido forte, como um animal muito

enraivecido, depois me vira de costas para ele muito rápido.

—Para você não esquecer de mim.

O som do papel laminado, ele junta bem as minhas pernas, estou mole, deitada de bruços na cama, e tudo o que eu quero é ele dentro de mim, com ou sem raiva, com ou sem briga, esse homem cria uma confusão mental e emocional enorme dentro de mim, eu nunca me senti assim em toda a minha vida. Ele sobe em cima da minha bunda de forma que fica de joelhos, abaixa e toca minhas costas, ele cheira toda a extensão da minha coluna do começo até o fim, causando arrepios em meu corpo, morde meu ombro com a mesma força que me penetra, ele geme baixo, e abafa o grito de dor e prazer que me provoca. Coloca as mãos na minha bunda e começa a me penetrar com força e rapidez, essa vai ser bem rápida. Me empino para trás, querendo mais, eu o quero todo dentro de mim, mas a posição o está deixando ainda mais excitado, me contraio a cada estancada, mais úmida, mais quente, minha libido só cresce, aperto os olhos recebendo o primeiro orgasmo glorioso, ele me morde e gemo, mordo a colcha de cama com força, é um gemido de pura dor misturado com todo o prazer que ele me provoca, e é isso o que ele vai fazendo enquanto vamos fazendo toda essa loucura juntos. Quando atinjo o quarto orgasmo, ele morde meu braço e isso dói para caramba, ele quase não larga o meu braço, se segura nos meus ombros e acelera mais, mais, entrando e saindo de dentro de mim, me deixando louca com isso, minha quinta gozada, estou esperneando embaixo dele, fora de controle.

—Vou gozar, me deixe morder sua buceta, está bem?

—Sim.

Ele sai e me vira, abro as pernas e ele me devora numa mordida gostosa, ele está se masturbando, isso é um pouco injusto, quero que ele sinta tudo isso comigo. Empurro ele com o pé e me ergo, estou fora de mim, e sei que talvez me arrependa muito disso, mas nesse instante quero ser novamente inconsequente, apalpo seus ombros e abaixo segurando sua cintura, tiro essa coisa dele, e coloco a boca onde quero. Jack enfia as mãos nos meus cabelos, ele está gemendo baixinho, enfio o máximo da ereção que consigo e tiro, e repito novamente, não tenho nojo dele. Aperto a bunda dele com força, puxando-o para minha boca.

Jack deita de costas e puxa minhas pernas para cima dele, me apoio nos joelhos e seguro ele enquanto o chupo, ele enfia dois dedos em mim, começa a me chupar também, eu o masturbo da forma como sei, enquanto engulo ele

geme com a boca em mim e estou estremecendo com isso, ele aperta a minha bunda e os dedos se movem devagar de dentro para fora, não sei onde sinto mais prazer, e isso é tão proibido, tão profano, pura luxúria.

—Vou gozar, saia!

Não quero.

Não o solto e sugo com força sua ponta, e ele libera o jato quente na minha boca, eu o engulo nesse momento e Jack se contorce todo, seu prazer é o meu prazer, porque também estou gozando, minha carne toda treme, e estou presa a esse homem dessa forma fútil e forte, como nunca estive presa a mais ninguém. Eu sou toda de Jack Carsson.



Quero me esconder até de mim mesma.

Estou deitada em cima de Jack, minha cabeça apoiada em sua coxa, meus dedos acariciam o canto de sua virilha com esses pelinhos finos, a mão dele está na minha panturrilha, tento imaginar a cena e coro, não acredito que acabei de fazer isso, mas não sinto um pingô de arrependimento.

A cada momento que passo com ele, descubro algo novo e mim, esse lado que eu nunca tive em toda a minha vida, sinto coisas que eu jamais pensei que fossem se aflorar no meu corpo.

Ele faz com que eu faça coisas impensáveis, loucuras, e já não sei mais distinguir a diferença entre pudor e permitido, porque estamos casados, e eu sei que pessoas casadas se permitem tudo.

—Você é fantástica.

Ele me observa, tenho vergonha disso, principalmente pela posição, mas estou tão mole que mal consigo pensar em me mover, estou exausta na verdade, e pela voz relaxada dele, diria que está do mesmo jeito.

Duas vezes num dia, e o intervalo não foi muito comprido, foi bem curto na verdade.

Vadia!

Sorrio, se sempre que fizermos isso, eu me sentir assim, então sou vadia, não nego, adoro fazer sexo com Jack, é algo fascinante e gostoso, ele desperta em mim algo que eu sei que não tem limites.

—Você gosta de ir ao cinema?

—Não muito, eu gosto mais de séries.

—Hum, não gosta de sair.

—Não.

É a primeira vez na minha vida que alguém não fala isso como se fosse uma crítica a minha pessoa, sou um grande alvo de comentários de mal gosto dos meus colegas de trabalho e faculdade, antes, ficava meio magoada por eles não entenderem o meu jeito, hoje eu entendo claramente que as pessoas não respeitam as diferenças, e que não posso ser algo que as outras pessoas querem que eu seja, já é bem complicado ser eu mesma.

—Já tinha me falado isso, além de ler, ouvir música e ficar tentando compreender a minha mente doentia, o que você faz nas horas vagas?

—Eu ando sem camisa dentro de casa.

Ele ri, beijo esse canto da sua virilha, me sinto como uma amante naqueles filmes clichês dos anos 80, ignoro meu bom senso, assim está muito bom, obrigada.

—E o que mais?

—Eu não gosto de sair, vou na praia com a Sah pelo menos uma vez no mês, fora isso, de casa para o trabalho, do trabalho para a faculdade e da faculdade para casa, as vezes eu durmo no apê da Sah, principalmente quando ela fica depressiva.

—Ela tem depressão?

—Ela tem um ex.

Jack toca minha coxa e sobe para minha bunda, ele beija minha bunda como se não se importasse, fico sem graça.

—Você é muito gostosa, Maria.

—Sou?

—É.

—Fala, sobre na hora do sexo?

—Em todos os sentidos.

Coro.

—Quero você toda para mim, todas as partes do seu corpo, quero sua boca em mim sempre, isso foi ótimo.

—Confio em você.

—Eu sei vida, também confio muito em você.

Me sinto confortável com isso.

—Sua bunda, quero ela.

—Você fala sobre sexo.

—Sim, mas isso não vai ser agora, mesmo que as vezes você me enlouqueça com a sua bunda, você precisa se acostumar primeiro com a ideia.

—Me acostumar?

—Ah Maria, você não precisa ter medo, não vou te machucar.

—Precisa disso?

—Eu quero, você também vai gostar, até agora fiz algo que não gostou?
Em absoluto.

—Não.

—Então, não fique com medo.

Mas é inevitável, preciso ter uma conversa séria com a Sah sobre homens, ela é mais experiente que eu, deve saber alguma coisa, ou sei lá, ao menos me ajudar.

—Não gostou do que eu disse?

—Apenas nunca me ocorreu que precisasse fazer isso.

—É o que eu mais quero.

—A minha bunda?

—Sim, desde que coloquei os olhos em você, foi a primeira fantasia que eu tive com a sua bunda.

Jack tem fantasias comigo?

—Não tenha medo, se não quiser, nós não faremos, não vou obrigar você a nada.

—Mas se eu não fizer, talvez, procure outra mulher.

Ele respira fundo, não quero ser sempre tão insegura, mas é algo de que tenho medo, se Jack partir e não voltar mais, se ele encontrar alguém de seu mundo, alguém melhor do que eu, alguém que também conviveria com sua doença, eu não sei o que eu faria.

—Não preciso de outra mulher, Maria, eu já disse que eu.

—E se eu nunca concordar?

—Vai concordar, acredite.

—Retire o que eu disse sobre você não ser egocêntrico.

Toco sua extensão, e mais embaixo, acho incrível tudo isso, quero vê-lo agora, estou curiosa, seu corpo é tão diferente do meu, toco a outra coxa, os pelos finos e escassos, o joelho de Jack, um dia quero vê-lo por completo.

—Gosta do meu corpo?

—Sim, você é quente.

—Sou?

—Aham.

Acho que ele sorri.

—Quente como um sol?

—Quente como um vulcão.

—Nenhuma chance de ser um sol?

Sorrio, Jack, não entendo onde você quer chegar com essa conversa.

—Vida.

—Hum.

—Por que não vem até aqui e me beija?

—Aqui está ótimo.

—Aqui também, a visão é perfeita.

Sorrio morrendo de vergonha, rolo para o lado e Jack vem para mim, nossos corpos grudando, ele cheira o meu pescoço, toco suas costas e nos beijamos, minha mão se enfia na nuca dele, devoro sua boca, acho que nunca vou me arrepender de nada que fiz ou faço com Jack, eu gosto.

—Você é linda.

—Você também é lindo.

—Sou?

—É, e é tudo o que eu mais quero para mim.

—De verdade?

—Sim.

—Para sempre?

Ah Jack, não comece a agir como um adolescente apaixonado!

—Fale, por favor, é importante.

—Por que?

—Para ter certeza de que não vai me largar.

Ele tem tanto medo disso.

—Para sempre.

Ele me beija devagar, minhas pernas estão envolta dele e eu o abraço, e isso é tudo o que eu preciso agora.

—Hei, vocês dois —Sah berra do lado de fora do meu quarto. —Chega de sexo, hora do almoço.

—Ok—berro, ela me mata de vergonha. —Já estamos indo.

Já chegou a hora do almoço? Passou tão rápido!

—Pensei que daria tempo de comer você mais uma vez. —Ele sorri com a boca na minha. —Você é muito envergonhada, vida.

—Eu sei, eu já nasci assim.

—Estou muito feliz aqui, com você.

—Eu também estou muito feliz que esteja aqui, bebezão.

Ele ri, rola para o lado, depois toca meu seio com carinho.

—Acho que deixei marcas no seu corpo, me desculpe.

—Tudo bem, ninguém vai ver.

—Você vai ver.

—É? Isso não é da sua conta.

Não quero que você finja nada comigo, Jack, quero que seja você mesmo, seu bipolar.

—São marcas feias, Maria. —Ele está arrependido. —Não pensei direito, me desculpe.

—Eu não penso dessa forma.

—E o que pensa?

—São as marcas do amor, me deixa!

Ele fica calado, depois ouço uma risada estridente no meu quarto, me sento, essa era a intenção, não quero brigar. Jack já saiu da cama, não tenho um pinga de vontade de sair daqui.

—Vem, você precisa tirar esse cheiro de sexo de você.

—Eu estou morta.

—Vai se acostumar.

Espero que sim.

Não preciso ficar em pé, o meu Bad Romance me pega no colo, nem sei por que me surpreendo com a força desse homem, ele é grande, não acho que tenha músculos desproporcionais, mas ele tem alguns músculos, cochas grossas, um abdômen definido. Jack já me disse que gosta de praticar esportes, exercícios ao ar livre, eu detesto, mas será que ele malha? Em que momento de seu dia faz exercícios? Ele tem tempo para essas coisas sempre?

—Jack.

—Hum.

—Você vai a academia sempre?

—Basicamente todos os dias, exceto quando eu viajo.

—Você pega peso?

—Sim, por quê?

—Curiosidades.

—Está bem?

Rio, beijo seu rosto, acho que ele está de novo tentando me compreender, ou adivinhar o que eu penso, isso não vai acontecer, Senhor Carsson, não mesmo.

—Você.

—Eu vou fazer as minhas perguntas, e você vai respondê-las.

—E se eu me recusar?

—Eu vou queimar todas as suas roupas.

—Isso é uma ameaça?

—É um aviso.

—Posso mandar prendê-la, Senhora Carsson.

Adoro quando ele me chama assim.

—Tente!

Ele ri, entramos no banheiro, estou aprendendo a separar os lugares pelo cheiro, o meu banheiro cheira ao meu shampoo, que não é lá essas coisas, mas tem cheiro de macadâmia, Jack me coloca no não, depois me puxa para dentro do box e liga o chuveiro.

—E então, o que quer saber?

—Nada sobre aparência, isso é insignificante para mim.

—É mesmo? —Ele está sendo irônico.

—Você gosta de malhar?

—Acho que já sabe a resposta!

—Entendi, Van, não precisa ser grosso comigo!

Acho que ele sorri, pego meu sabonete líquido, despejo um pouco na minha mão, estendo para ele. Jack pega o frasco, então, começo a me lavar, deveria ter prendido o meu cabelo, não queria molhar de novo, mas vai ser o jeito.

—Pratico Ioga também.

Nossa, um homem que faz ioga.

—É muito bom para relaxar e se distrair.

—Eu adoro as aulas de ioga com a Sandy, eu nunca tinha feito, claro, quando eu não estou tentando não cair, se torna um excelente exercício.

—É? Não me diga.

Azedo!

Ignoro.

—Eu não pensei que fosse gostar e tal, odeio fazer exercícios.

—Por que?

—Bem, eu às vezes me machuco muito tentando fazer as coisas, sou um pouco desastrada.

—Não parece.

—Espere até me ver esbarrando em alguma coisa, ou quebrando algo, minha mãe antigamente me chamava de Trovão.

Mais um sorriso, Jack mexe na minha prateleira embutida, acho que pegou o meu shampoo.

—Tem facilidade em se concentrar?

—Aham, o Nando também é assim, eu meio que me desligo de tudo quando estou focada, fico presa no meu mundo.

—O mundo de Duda.

—É, por isso eu adoro ler, porque me sinto transportada para dentro do mundo dos livros.

—Você já foi a grandes bibliotecas?

—Já, já fui na do centro, tem o acervo da universidade federal, mas eu não

tenho muito tempo de devolver os livros, acabo pagando multa, então eu comecei a montar o meu próprio acervo.

—Onde fica?

—No meu baú, ele fica no quarto do Nando, ele também guarda os livros dele lá.

—Nada de prateleiras?

—Não tenho muito espaço, como vê.

—Você pode me mostrar?

—Claro, eu tenho muitas obras estrangeiras, claro que não são muitos livros.

—Só romances?

—Também tenho alguns de astronomia e os meus da faculdade.

—Ah é, advogada.

—É.

—Já escolheu a área?

—Direito internacional, eu gosto, quero prestar concurso para trabalhar em alguma embaixada.

—E depois?

—Quero fazer faculdade de letras.

—Nada de literatura?

—Aqui não tem.

—E fora?

—sonho impossível Jack, acho que já percebeu que eu não sou rica e também, eu quero comprar a minha casa, não quero morar para sempre com a minha mãe.

—Você está se planejando?

—Tenho poupança, junto há um tempo.

—E onde seria essa casa?

—Aqui mesmo, no bairro. Hoje está muito caro, mas posso tentar um financiamento, depois quero tirar a minha habilitação e tal, até lá já estarei exercendo.

—Você é bem focada.

—É, eu preciso ser.

—E onde eu entro nisso?

Nossa!

—Bem, você pode ficar vindo me ver, você disse, não disse?

—É, mas e depois?

—Depois?

—É Maria, você acha que eu vou permitir que pague tudo sozinha? Que não tenha conforto?

—Não quero que me dê nada, se você estiver comigo, dentro do que puder, é claro, já estará bom.

—E quando tivermos bebês?

Me arrepio toda.

—Bem, você quer planejar bebês?

—Claro que quero, já disse que quero ser pai.

—Podemos pensar nisso assim que eu estiver numa casa minha, não quero ter filhos aqui na casa da minha mãe, ela não aceitaria.

—A casa seria nossa, não sua.

Acho que ele ficou irritado, contudo, falei os meus planos antes de conhecê-lo, preciso arrumar uma forma de inclui-lo nos meus futuros planos, eu também não iria adivinhar que voltaria de férias com algum tipo de compromisso, casada!

—Jack, você vai participar de tudo comigo, estaremos juntos.

—É? Então vai me deixar te dar tudo.

Fico parada, não estou feliz com isso, pelo contrário, estou tensa, ganhar tudo assim, do nada?

—Vai se acostumar com isso.

—Eu não sou uma prostituta.

—Maria, não comece, pelo amor de Deus, o que você está falando?

Fico calada, irritada comigo mesma por ter deixado meus pensamentos saírem, eles são tão antiquados as vezes, mas é assim como eu me sinto, até agora estamos fazendo sempre sexo, e uma mulher que aceita algo em troca de sexo, não é a esposa de um homem, está bem longe disso.

—Você é muito antiquada!

—Eu já sei disso.

—Estamos casados.

—Eu não quero nada seu.

—Vida.

—Eu tenho dois braços e duas pernas, eu posso trabalhar.

—Mas não espera que eu more com você e pague tudo sozinha, certo?

—Você, você vai vir morar comigo?

—Bem, acho que sim?

Tenho a sensação que ele está encostando em algo, essa conversa não era para ser sobre mim, Jack, era para saber sobre seus hábitos, conhecer você, não ficarmos discutindo sobre o futuro, eu não faço a menor ideia de como será o nosso futuro juntos, não crio expectativas, eu estou vivendo o presente, porque é isso o que eu tenho.

—Você não quer morar comigo?

—Quero.

—Então?

—Não parei para pensar, você vai vir muitas vezes me ver?

—Várias!

—Bom.

Fico feliz, meu coração se aquece todo, as visitas serão frequentes, isso significa que ficaremos sempre juntos, dentro do possível.

—Eu não ando tendo tempo nesse mês, mas pretendo vir sempre, para isso precisamos de ter nossa privacidade, um lugar onde nós dois e o Fernando ficaremos seguros e bem.

—Não quero que faça promessas, Jack, não precisa disso.

—Promessas? Você acha que eu estou levando tudo isso na brincadeira?

—Seu tom de voz está frio, não irritado. —Maria, eu sou uma pessoa completamente responsável e adulta, não zombe de mim.

—Desculpe.

Não passou pela minha cabeça que fosse algo imediato, não assim tão rápido, achei que ele ficaria vindo me ver logo que pudesse. Agora, Jack está afirmando isso e não apenas isso, ele está determinando que nosso casamento é algo sério e que ele quer ter uma vida comigo, com o meu filho, isso é maravilhoso, mas não posso me agarrar a isso sem ter algumas certezas, não quero que ele se sinta forçado, mesmo que afirme isso falando, as vezes as

pessoas são ótimas em falar as coisas, mas cumprir.

—E, quais são os seus planos?

Ele volta a se mover, acho que fica aliviado de eu não ter reagido tão mal a proposta, também estou curiosa, quero saber tudo o que Jack tem em mente.

—Você vem para Copacabana, para o meu apartamento, também vai ter um carro para andar com o Fernando, eu já conversei com a sua mãe, para que não fique tão longe dela, eles irão se mudar para um apartamento no mesmo prédio.

Meu Deus!

—Antes que você comece a tentar arruinar os meus planos com o seu pessimismo, devo avisar que isso não é nenhum pedido, eles dois já estão providenciando a mudança.

Sufoco com isso, Jack está se ensaboando.

—Vai tirar sua habilitação e vai terminar a sua faculdade até o fim do ano.

—Vou?

—E vai sair da empresa onde trabalha.

—E o que mais?

—Vai morar esses seis meses lá e em janeiro você vai vir comigo para Nova York, ou São Francisco, tenho residência fixa nos dois lugares. Onde eu estiver, vocês dois estarão.

—Que bom saber disso.

—Eu sei, não precisa agradecer.

—Você, você...

Mas eu nem sei o que falar, estou nervosa demais com o que ele acabou de falar. Respiro fundo, conto até dez, dá vontade de sair correndo, sou boa nisso, mesmo que não muito rápida, mas sei que não é hora de surtar. Jack ficou mais louco do que ele já é, ele acha que pode chegar aqui e mandar assim em mim? Na minha vida?

—Até lá, nos casaremos no civil, acho que esses meses vão ser ótimos para nós dois.

—Não me diga.

—Não adianta ficar brava comigo, já está feito.

—É mesmo?

—É mesmo!

Não respondo, que coisa mais absurda!

—Você é a minha mulher e o seu lugar é ao meu lado, você entende as minhas limitações e me aceita, eu já percebi que você tem a sua vida e respeito isso, mas não estou nenhum pouco disposto a permitir que você fique mais longe do que estará nesses meses, Maria—Jack toca a minha face—, você é o que eu quero, tudo isso também me assusta e é novo para mim, mas estou disposto a superar o meu medo, quero uma família, você e o Fernando comigo, isso é pedir demais?

—Não, mas isso não é justo —respondo, quero chorar, droga Jack, não fale essas coisas para mim.

—Eu sei, você não quer morar comigo, então?

—Quero, mas, não quero tudo dado!

—Querida, é isso o que os maridos fazem.

—Gosto do meu emprego.

—Não terá tempo para concluir a faculdade se trabalhar, Maria.

Então, é por isso, ele quer que eu mate as matérias que faltam nesse semestre para que eu termine mais rápido, para que eu possa me mudar para os Estados Unidos no começo do ano que vem!

—Você também não vai ter dias fáceis, vai ter aulas com a Sandy e com o Joseph, poderá aproveitar para ficar mais com seu filho, a rotina da sua família não mudará em nada, exceto pelo fato de que estarão sempre perto de você, não quero afastá-la deles, esse não é o meu objetivo.

—Mas depois nós iremos embora.

—Deixe que as coisas aconteçam, não sofra por antecipação, até lá, muitas coisas podem acontecer.

Sinto que ele tem paciência para me explicar isso, não está bravo com minha resistência, pelo contrário, Jack quer me convencer de que tudo dará certo, não acredito que ele convenceu a minha mãe de sair daqui por minha causa. Ela e o Van deram o sangue por essa casa, e Copacabana é do outro lado da cidade, vai mudar toda a rotina deles.

Tudo para que eu fique bem, tudo para que eu e o Nando possamos ter uma vida um pouco melhor do que temos, para que depois possamos ficar com ele em tempo integral, e eu não acredito que estou feliz com isso.

Minha autodefesa está exterminada, não tenho argumentos—nunca fico sem argumentos—, não sou obrigada a concordar e nem a aceitar isso, mas

não quero que Jack fique longe de mim, eu o quero comigo, mesmo com toda as coisas ruins.

Ele se afasta um pouco, sei que me observa, ele espera que eu fale o que penso, como sempre, não estou vendo para saber suas reações, seus anseios, não posso adivinhar como ele se sente, mas tenho certeza que ele tem medo, porque uma negativa significaria ficar longe de mim—mais ainda—fisicamente, sei que isso lhe faria mal, por tudo o que ele passou, e sei que isso me faria mal, por tudo o que ele me oferece.

—A resposta é não?

Pensei que não houvessem opções, contudo, agora percebo que ele não vai me obrigar se eu falar não.

—Não tente adivinhar Jack, você não é bom nisso.

—Isso significa.

—Significa que você é um excelente físico, e que não serve para ser psicólogo.

—Não me enrole. —A voz dele se torna impaciente.

—Sim!

Ele solta o ar, e fico surpresa com isso, ele estava em pânico esse tempo todo? Acho que Jack reage assim sob pressão.

Poxa vida, Jack!

—Não faça isso comigo, está bem? — Ele pede nervoso.

—Isso o que?

—Não me enrole.

—Está bem.

Ele não está acostumado com isso, e eu não estou acostumada a ter alguém que me exige decisões tão rápidas.

—Ótimo!

—É?

—Não comece, Maria, eu estava tão nervoso que quase me mijeí todo.

Quero rir com a declaração, ele me puxa, me beija, desse jeito agressivo dele, enlaço ele pelo pescoço, esse é o seu jeito, preciso respeitar, preciso entender, não posso julgar, mesmo que isso doa e machuque um pouco.

—Você é o meu tudo.

Fico consternada, abraço ele.

—Você também é o meu tudo.

Ele sorri, está feliz, eu também estou, sinto que pela primeira vez na minha vida as coisas estão dando certo, mesmo que tenham começado erradas, mesmo que o meu pé direito esteja atrás agora, não quero pensar nisso, chuto o balde.

—Você é a minha vida!



Noite 5 da Obsessão

Sáímos do box, todo o tempo tenho a impressão que Jack sorri, ele não me larga, também não quero largar ele, estou tão feliz, me controlo para que ele não perceba o quanto estou empolgada em saber que ele virá mais vezes, com os planos, com o NOSSO futuro juntos.

Não quero me machucar, mas sinto como se não pudesse me privar disso, não posso me privar de viver uma grande aventura ao lado dele, simplesmente porque Jack se tornou algo inevitável na minha vida, mesmo que me recuse a admitir, no meu íntimo eu sei que nunca conseguirei afastá-lo. No começo tive tanto medo, tanta resistência, mais pela sua doença, pelo medo do novo, de tudo o que ele me fazia sentir quando estava por perto, até mesmo por sua presença, agora não me sinto mais assim, eu não quero me preocupar com isso, não quero ter medo disso, eu só quero que ele esteja

sempre comigo, sempre!

Para Sempre!

Ele me beija as vezes enquanto me seca, fico parada, tento distinguir o receio que tenho da minha aparência, do que realmente sou, meu medo sobre isso está acabando também, se ele está comigo é porque gosta do meu corpo, mesmo que eu não seja um grande exemplo de beleza ou esteja bem fora dos padrões.

Se não estivesse atraído por mim, também não se excitaria tão facilmente, ele não diria isso, ele me elogia constantemente, e falou que o meu ponto forte é a minha bunda enorme, nunca achei que um homem fosse me querer por causa da minha bunda.

—Você está bem?

—Estou.

Ele me beija, toco sua face.

—Jack, tem certeza que.

—Não comece.

—Está bem.

Aperto ele, quero que saiba que eu apenas não estou acostumada com isso.

—Vou pegar uma roupa para você.

—Está bem.

Fico esperando, estico as mãos e alcanço meu lavatório, quero abrir os olhos, mas sei que não posso, se ele chegar de repente, talvez acabe vendo ele por acidente. Encontro a minha escova de dentes e o creme dental, não é tão difícil quanto parece, ligo a torneira, tento ouvir os passos dele o máximo que posso.

—Já falamos sobre ficar de quatro, certo?

Meu lavatório é baixo, tenho que me curvar um pouco, é natural, Jack se aproxima e se esfrega em mim, ele já está excitado de novo, aperto os olhos —quero arregalar—, estou com a boca cheia de espuma, cuspo, ele enfia o pênis no meio da minha bunda, e fico parada me arrepiando toda com isso, ele abaixa e sobe bem devagar se esfregando em mim.

—Posso?

—Não!

—Por favor.

—Jack, temos que comer.

—Ah é?

—É!

—E vai me deixar assim?

Não quero, mas eu não posso, mesmo que agora deseje.

—Vida... eu quero, por favor, me deixe comer você agora.

Sinto arrepios com o pedido.

—Aqui, sim? Por favor.

—Jack, não.

—Vida, por favor, me deixe comer você.

—Jack!

—Diga que deixa sim?

—Estou exausta.

—Eu não.

—Você é insaciável.

—Eu quero, por favor, diga que deixa.

—Está bem.

—Obrigado.

Quero rir com esse tom cortês dele, Jack sai do banheiro e volta, acho que já está protegido, me seguro na pia quando sinto sua aproximação, nunca pensei que fosse fazer tanto sexo em toda a minha vida, mas é inevitável. Jack ergue a minha perna, o vaso serve como apoio para o meu pé, e eu fico mole quando ele me penetra, as mãos dele estão nos meus quadris, ele geme baixinho, por dentro ainda estou quente e molhada.

—Ah, querida, você é muito deliciosa.

—Você também é.

Ele segura a minha perna, sei que o meu espelho desse lavatório é maior que o do banheiro do corredor, fica até a altura da minha cintura, acho que ele está nos observando fazer isso, fico toda arrepiada com a expectativa. Ele começa a se mover, abre bastante a minha perna erguida, beija meu pescoço, e é lento, quente, gostoso.

—Abra mais para mim.

—Vou cair.

—Se segura na minha nuca, não vou te deixar cair.

Obedeço, ele morde minha orelha e basicamente me ergue quando me penetra, a sensação é divina e maravilhosa, quero todo ele dentro de mim assim sempre. Me contorço e estou contraindo com o prazer que me oferece, estou novamente sensível, ele respira com dificuldade e vai acelerando mais e mais... quero mais rápido, mais rápido.

—Goze comigo, vida.

Com prazer!

Prendo até não aguentar mais, então Jack goza e eu me solto estremecendo com ele, é rápido e gosto demais, eu queimo por dentro, meus pés queimam, e fico latejando, me encolhendo com meu próprio corpo todo retesado. Jack me segura com o braço em volta da minha barriga, puxo os cabelos dele, e ele procura minha boca com vontade, ah, estrelas.

—Você é perfeita.

Não acho isso. Jack beija meu ombro e fica me abraçando por mais alguns minutos, acho que também não conseguiria ficar de pé do nada, ele sabe disso, sabe que causa sensações no meu corpo que eu desconheço, que me fazem ter reações maravilhosas e intensas demais.

—Pronto?

—Aham.

Ele me solta devagar, estive erguida por esse homem enquanto fazíamos sexo, acho que com um pé em cima do dele, e ele mal teve dificuldades de me segurar, coisa que eu duvido que alguns homens consigam.

—Você é muito forte.

—Não sou, você que é pequena demais.

Eu? Pequena? Nunca!

—Visto 42, Jack!

—É? Não me diga.

—Às vezes 44, dependendo do modelo.

—Eu te acho pequena.

Acho que ele está tentando ser gentil comigo, isso é cativante.

—Por isso eu faço ioga, para ter controle sobre o meu corpo.

—Isso é muito fitness.

—Vou te mostrar o que é fitness depois, Senhora Carsson.

Sorrio, Jack está pegando algo, ele me vira e afasta as minhas pernas, coro, está me limpando com papel higiênico, me seguro nele.

—Gosto do seu corpo, Maria, você é uma mulher que tem tudo o que eu gosto.

—É? E o que seria?

—Bunda, peito, quadril e coxa, o resto, é resto.

Belisco ele, Jack está rindo.

—Você não presta, Senhor Carsson.

—Eu disse que não era bom.

—Hum, vou mudar isso.

—Vai?

—Foi o que eu acabei de falar.

—E o que vai fazer? Me colocar de joelhos no milho?

—Não seria tão severa, acho que depois de uns beliscões você aprende, e puxões de orelha.

—Você é uma mãe muito rígida.

—Sou mesmo.

Nos beijamos, ele se afasta e acho que está se limpando agora, me dou conta que nem terminei de escovar os meus dentes, acho que perco muito a noção das coisas quando esse homem começa a me seduzir.

—Posso usar a sua escova de dentes?

—Você não trouxe uma?

—Trouxe, mas eu não vou buscar, quer tentar se vestir sozinha?

—Quero.

Dou de ombros, Jack me entrega a primeira peça, uma calcinha, procuro a frente e me enfio nela.

—Nada de jeans hoje, escolhi algo que comprei para você.

—Você comprou algo para mim?

—Sim, em São Francisco, e você vai usar.

Suspiro, não dá para brigar com esse homem, ele sempre vence.

—Está bem.

—E não vai reclamar!

—Não mesmo.

Também não quero discutir, não quero brigar.

Jack me entrega um sutiã, acho que aquele de bojo sem alcinhas, me entendo bem com as minhas roupas, quase não uso esse sutiã porque meus seios são um pouco maiores do que os de qualquer mulher mais magra, mas consigo, quase comemoro. Ele também está se vestindo, depois ele puxa os meus braços para cima e me enfia na peça de cima, escorrega pelo meu corpo até a altura das minhas cochas, então percebo a armadilha.

—Você disse que não iria reclamar.

Odeio vestidos, Jack, pensei que estivesse entendido o recado.

Ele me coloca de costas para ele e abotoa o vestido rapidamente, ele é bom nisso, parece um daqueles vestidos folgados que a Sah adora—e eu abomino—, não é decotado e a saia é bem solta, também guardo minha pequena indignação para mim mesma, eu prometi, e está feito, mais um para ficar esquecido no meu guarda roupas.

—Você fica muito bem de vestido, vida.

—É?

Mamãe fala isso, Sah fala isso, mas eu não acredito que fique diferente de um bujão de gás com aqueles forros bordados da minha mãe, parei de usa-los com dezesseis anos, e só eu sei o porquê, afasto o pensamento, não quero lembrar disso.

—Você está tão brava assim comigo para ficar pálida?

—Não estou brava, muito obrigada.

Beijo Jack, ele percebeu que de alguma forma isso me traz uma péssima lembrança, mas não quero que ele saiba o porquê.

—A minha máscara, Senhor Carsson.

—Só vou escovar os meus dentes, por que não pega na cama?

Um pouco de autonomia não mata ninguém!

Giro os calcanhares, dou de ombros, posso dar uma espiada, estou de costas para ele. Saio e vou para minha cama, tento não sorrir com essa baderna incomum que nem sempre encontro, acho que a Júlia levou as minhas pelúcias para o quarto dela—sempre faz isso quando briga com o namorado—, recolho algumas peças de roupas que estão jogadas no chão, uma cueca box de Jack e uma calça de moletom cinza que ele deixou aqui. Cheiro, tem o cheiro dele, levo tudo para o meu cesto de roupas sujas ao lado do meu guardas roupas, sorrio, ele bagunçou a minha gaveta de roupas

íntimas.

—Arrumo a cama —ele avisa voltando para o quarto. —Não quer passar o seu perfume?

—Qual?

—O que te deixa com cheiro daquele sorvete roxo.

Meu perfume de açai? Jack reconhece o cheiro do meu perfume?

Abro a porta do meu guarda roupas, pego o meu perfume, escuto ele andando pelo quarto, ele está arrumando a cama, resisto a vontade de virar e correr para cima dele. Será que ele mexeu aqui? Parece tudo intocável! Borriço o perfume nos dois lados do pescoço e nos pulsos. Passo rápido no vestido que tenho a oportunidade de ver, é azul escuro de malha fria, com bolsos embutidos dos lados, algo simples e despojado, arrumo as alças e o decote que não mostra muito, é tão solto que acho que se eu rodar, ele voa, sorrio, melhor passar um hidratante também.

—Gostou?

—É, ele é... confortável.

Ele sabe que eu adoro azul, o que mais esse homem sabe sobre mim?

Espalho o hidratante nas minhas pernas—de fora— e depois nos braços, me toco de que o celular dele ainda está tocando uma música bem baixa, Bitter Sweet Symphony do The Verve, da vontade de dançar.

—Aumente o som, Jack!

—Ah, essa música brega!

—Cala a boca!

Sei que ele sorri, e a música está mais alta no meu quarto, ele se aproxima, acho que já colocou um tênis.

—Precisa secar os cabelos.

—Está muito calor, Jack, deixe os meus cabelos em paz, vem cá.

Me viro, já estou com os olhos fechados, estico os braços e toco o peito dele, puxo ele pela camisa, estou sendo mais ousada que nunca, mas droga, quero me sentir ridiculamente eu mesma.

—Dance comigo.

—Agora?

—Eu deixei que me desse o vestido!

—Chantagista.

—Vamos, é bom treinar, quem vai saber se aparecer outros bailes!

Jack me enlaça pela cintura, depois pega minha mão esquerda, sorrio e sigo ele nos passos largos, acho que nunca faria isso na minha vida com ninguém, e para deixar claro, estou sendo bem impulsiva, mas, se é para fazer isso, bem, farei. Giramos e estou rindo, acho que o meu vestido sobe, e as mãos dele pousam na minha bunda, enlaço ele pelo pescoço, nos beijamos. Ele me afasta e faz com que eu gire segurando a minha mão no alto, me puxa e estamos abraçados de novo.

—Hei—berra Sah interrompendo nossa dança. —Estamos com fome.

—Eu já estou indo!

Acho bem feito, por todas as vezes que combinamos de ir a algum lugar para comer e você demora séculos para se maquiar ou se vestir.

—Vamos!

Concordo, preciso comer!

Jack se afasta e sei que ele está andando pelo quarto, ele volta e coloca a minha máscara.

—Nossos celulares, você precisava atualizar os seus contatos para esse, do seu antigo, já fiz isso para você.

Não estou impressionada.

—Aham.

—Espero que não se incomode, pode usar à vontade, apenas não deixe que Fernando pegue.

—Por que?

—Nossas conversas, vida, não é algo para um menino de dez anos ver.

É verdade.

—Tem razão, ele entende mais dessas coisas que eu. —Qualquer pessoas entende dessas coisas mais que eu.

—Vai aprender com o tempo, adoro tecnologia, é o meu mundo, e o seu filho também, pensei em dar um Ipad para ele de presente de aniversário, para ele não ficar pegando o seu celular.

—Assim, do nada?

—Eu não vejo problema algum em dar essas coisas para vocês, não preciso comprar.

—Por que?

—Eu ganho, ou esqueceu que eu presto serviço para empresas como a Apple, Microsoft, Samsung...

Eu não parei para pensar nisso. Entramos na sala, estou no escuro é claro, sinto o cheiro de comida de longe, estou faminta. Não sei se é boa ideia dar algo tão caro para o Nando, e também ele só tem dez anos. Escuto o som de estádio, sei que está passando algum jogo na TV e pelo silêncio, deve ser algum jogo internacional ou coisa assim. Jack me conduz até a cozinha, e essa situação—que no começo era muito bizarra—para mim já é até comum. Não tenho mais tanta vergonha de Sah ou Alejandro, são da família, minha melhor amiga, quase irmã e meu cunhado, para o meu filho tudo não passa de uma brincadeira, sei que já é bem aterrorizante para Jack, pois, mal saímos do quarto e a mão dele já está banhada de suor.

—Eu fiz lasanha e cupim recheado!

Nossa, Sah, você cozinhando, acho que vai chover!

—Ok, mentira, pedi tudo do restaurante da tia Fran e só coloquei para esquentar.

Rio, Jack também parece se divertir.

—Temos muita salada e a lasanha é vegetariana, não é o máximo? Eu pedi pronta, porém, pré-cozida.

—Estou impressionada com os seus talentos na cozinha. —Insinuo. —Já podemos almoçar?

—Aham, os meninos já estão comendo, só falta nós quatro.

Olaf, um menino.

Jack me serve, já sei que é salada, Sah coloca suco para mim, acho que Alejandro está de frente para Jack, daria tudo para ver a cara dela agora, quero saber como foi o passeio no mercado e como foi tudo nessa manhã—na qual eu me ausentei de tudo e todos—com o irmão de Jack.

—Quer comer sozinha?

—Sim, por favor.

Ele coloca o garfo na minha mão, então espeto a salada, acho que capturei algo, levo a boca e percebo que é tomate cereja temperado com orégano e azeite, está ótimo. Acho que nunca comi tantas coisas saudáveis em toda a minha vida. Jack coloca a mão na minha coxa e acaricia devagar, ele também já está comendo, todos estão, Nando dá um berro, uma defesa é claro.

—Quer carne?

—Sim, eu adoro o cupim do restaurante.

—Não pode comer muita gordura.

—Eu sei, estou acima do peso.

—Falo pela sua saúde, Vida.

Coro, acho que nunca vou me acostumar a ser chamada de vida na frente dos outros.

—Jack, depois você deixa que eu roube ela por alguns minutinhos?

—Claro.

Como se eu fosse uma criança que precisasse da permissão do meu pai para fazer alguma coisa. Jack coloca a carne no meu prato e sinto o vapor gostoso invadir minhas narinas, pego a facinha e começo a fatiar a carne que está desmanchando, nem preciso ver, sopro antes de comer, aí, está do jeito que eu adoro.

—Está bom?

—Sim, eu adoro cupim. Sah vamos acertar depois, aí você soma com o dinheiro que emprestou para a Juh.

—Não precisa se preocupar com isso, coma.

Acho que ele pagou, isso não me agrada, me irrita, a mão dele pousa na minha coxa, e ele beija a minha têmpora.

—Coma, Joseph vem mais cedo hoje.

—É mesmo, eu tenho inglês!

Sorrio comigo mesma, estou entusiasmada com o inglês, confesso, também em parte porque amo estudar e aprender coisas novas. Acho que para as outras pessoas isso é bem pequeno, mas para mim é muito além do que eu poderia ter, é claro. Eu não conseguiria ter aulas de inglês nem em mil anos, já que pago as do Nando, e a mensalidade já é bem cara, se quer saber.

—Gosta das aulas?

—Sim, eu sei bastante coisa, me senti até mais inteligente ontem quando Joseph me elogiou pela minha conversação.

—Maria, você é inteligente.

—É, para alguém que já tem quase trinta, eu não estou tão mal.

—Duda, você tem que parar com isso. —Sah está séria. —Você é muito inteligente, dedicada, pare de se menosprezar.

Fico calada, ela realmente fica brava quando falo essas coisas.

O resto do almoço é silencioso e se não fosse o som da TV ligada, não haveria barulho algum, estava tudo ótimo, como sempre. Acho que para Sah é mil vezes mais prático pedir tudo pronto, do que tentar se arriscar na minha cozinha, ela já tentou gostar de culinária, mas não curte muito.

Alejandro e Jack se afastam conversando em inglês, quero saber sobre o que eles falam, mas entendo pouco, apenas verbos, suspiro, Sah cai como um gavião em cima de mim.

—Preciso te contar muitas coisas.

E eu quero saber cada uma delas a fio, também de contar, nunca precisei tanto de Sah para alguma coisa na vida. Eu dou conselhos, não os peço, mas hoje, excepcionalmente—ou desde que conheci esse homem—, preciso de uns bons conselhos.

—Vou só tirar a mesa.

—Ok.

Ela tira a mesa com uma velocidade incrível, o assunto deve ser muito importante, o meu também é. Quero contar para Sah sobre a proposta que Jack me fez de ir com ele, já sabendo que vou acabar sendo tratada mal por isso.

Sah me pega pelo braço e vamos juntas, acho que para o meu quarto, entramos e ela fecha a porta na chave, tiro a máscara, me enganei, estamos no quarto do Nando.

—Alejandro me beijou!

Ai Meu Deus!

Me apoio na parede, e eu aqui com os meus problemas. Sah está transtornada, ela anda de um lado para o outro sem parecer saber como agir perto de mim, poxa, eu não pensei que fosse algo assim.

Meu cunhado beijou a minha melhor amiga.

—Ele se declarou para mim. —Sah faz um gesto exagerado com as mãos e grunhe. —Odeio ele!

—Por que? Isso não.

—Não ouse falar que isso é algo bom, eu juro por Deus que te deserdo!

Ela está mesmo fora de controle, não entendo a Sah, bem, entendo, acho que ela não estava levando nada disso a sério, nem eu, achei que Alejandro a observava apenas por ser homem, todos os homens observam Sah,

simplesmente porque ela é linda.

—Ele teve a capacidade de falar que gosta de mim, que quer noivar, você acredita nisso? Noivar? Nem transei com ele!

—Sah. —Sufoco a risada com todas as forças, porque isso sim, é impagável.

—Duda!

Acho que ela quer chorar, mas o que eu posso fazer?

—O que eu faço?

—O que mais rolou, hein?

Nunca me interessei pelos namoros dela, claro, ela teve oito namorados e o fixo—Gabriel—, fora alguns ficantes e tal, na maioria das vezes os namoros não dão certo, justamente por causa do fixo. Ela não tem coragem de assumir nada além do namoro, esse é o problema da Sah, ela quer o fixo, mas o fixo não é dela, ele já tem outra dona há algum tempo.

—Preciso dar um jeito nisso! Preciso dar um basta nessa situação.

Ela está me ignorando completamente, sabe que eu estou aqui, mas está falando sozinha, ela faz isso quando está muito, muito nervosa.

—Sah... você está assim por que.... gostou?

Conheço a Sah, ela me olha com um pouco de medo, Bingo!

—Eu não.

—Sah, não precisa ter medo de gostar dele.

—Eu não tenho medo!

Tem, ela tem medo de esquecer o Gabriel, por isso ela nunca se apega a ninguém. Sah tem tantas marcas, que duvido que consiga realmente se entregar a alguém de verdade, ela se apega ao que viveu com o idiota para não querer mais ninguém além dele, porque eu acho que isso é mais seguro para ela, mas sempre acaba se magoando profundamente quando tenta, que não quer, acho que ela cansou.

—Ele é jovem, bonito e rico.

—Você também.

—Ele é mais novo cinco anos.

—E daí? Você nem aparenta ter 26.

—Duda, você perdeu o bom senso.

—Só estou cansada de te ver tentando esquecer o Gabriel e se ferir, dessa vez poderia ao menos se dar a chance de fazer as coisas darem certo de verdade.

—Duda, você realmente está bem?

—Sabe, só estou cansada de ver você correndo atrás do G, pode muito bem tentar ser feliz.

—Sozinha!

—Também, é uma escolha sua, pode explicar para o Alejandro que quer um tempo.

—Você acha?

—Sah, você sempre cai de cara em relacionamentos fiascos, por que com ele não tenta primeiro conhecê-lo? Podem ser amigos, quem sabe não pode rolar algo a mais depois?

—Não quero ferir os sentimentos dele, precisava ver o jeito como ele me pediu para noivar, ainda não acredito que ele fez aquilo.

—O que ele fez?

—Ele esperou Olaf e o Nando descerem do carro e me pediu em noivado.

Arregalo os olhos, Sah se senta na cama do Nando, enfia a mão no bolso e retira de lá um anel, ainda estou chocada demais para acreditar.

—Ele é tão precipitado. —Sah está com a mão tremendo. —E não faço a mínima ideia do porquê ele fez isso.

—Talvez ele possa nutrir algo por você, de verdade.

Me sento ao seu lado, pego o anel, é pequeno, com uma pedra branca delicada, algo delicado e chique, e eu sei que a Sah adorou, é uma joia perfeita.

—Acho que ele tem uma visão bem... antiga da vida.

—Ele nem fez rodeios?

—Disse que está apaixonado e que eu sou o que ele quer.

—Não questionou sobre mal se conhecerem?

—Ele falou que não se importa, que é o certo e que devemos ficar juntos, em parte achei muito fofo, ele parece tão, sonhador.

—E o que você disse?

—Eu aceitei o anel, mas falei que precisava pensar, pelo jeito como ele me olhava, se eu recusasse o anel, acho que ele iria chorar.

—Jack disse que ele tem depressão profunda, Sah.

Ela respira fundo e fecha os olhos, mas preciso explicar o porquê dele agir assim, talvez seja isso, esse problema que ele tem.

—Acha que devo ajudar ele?

—Acho.

Ela enfia o anel no dedo anelar direito, fico surpresa com essa atitude, Sah em outras épocas ria e ignoraria a pessoa completamente.

—hora de crescer, Duda.

Esse comentário não serve só para ela.



Olho para Sah, volto a escrever nos meus livros, Joseph continua a falar e falar sobre o assunto do dia, estou aprendendo a falar meu endereço, e-mail e a fazer amigos, ele fala como devo pronunciar. Sah está ao meu lado mexendo no celular, a crise de choro já passou. Alejandro e Jack saíram com Olaf logo após o almoço. Estou com Sah e o Nando, preciso me concentrar na minha aula, algo que se mostra algo quase impossível depois dos acontecimentos de hoje.

Não sei nem o que falar, porque de todas as coisas que aconteceram na minha vida, essa é a mais incrível e inesperada. Fantástica, eu diria.

Quanto a Sah, ainda não acredito que Alejandro fez isso.

Ainda mais porque vindo da minha amiga, duvido que ela fosse reagir assim a algo tão... rápido.

Estou falando da Sah que sempre foi impulsiva, a menina dos repentinos, ela é assim, ela nunca pensa nas consequências, é algo do qual eu jamais faço, bem, fiz, mas foi a minha primeira bebedeira, eu nunca faria isso em sã consciência, é claro.

Por isso estou tão surpresa.

Sah não pensaria duas vezes antes de falar um grande “não” para Alejandro, bom, ela pensou, agora ela está presa nesse problema.

Como fiquei presa a Jack no começo, parece que faz muito tempo, mas faz apenas alguns dias.

—Senhora Carsson?

Preciso me acostumar a ser chamada assim.

Repito o diálogo, Joseph pede que eu repita e de novo, então ele me pede para ler um texto, nada muito complicado, mas só de bater o olho já sei do que se trata.

Memórias Póstumas de Braz Cubas.

Sorrio, até em inglês reconheceria uma obra dessas, tropeço em algumas palavras mais longas, mas acho que estou indo até bem. Quando termino, Joseph recolhe meus livros e dá uma batida de olho básica, ele sorri e marca ok, acho que aprender inglês não será um grande desafio assim, afinal.

—Ótimo. —Joseph levanta.

—Aceita um café?

—Obrigado pela gentileza, mas hoje tenho um outro compromisso, nos vemos amanhã, Senhora Carsson, faça os exercícios das páginas 200 a 205.

—Sim, Senhor, muito obrigada.

—Em inglês.

Sorrio e repito em inglês, claro que eu estou morrendo de vergonha, acompanho ele até a porta.

Nando está deitado no sofá lendo seu HP muito distraído, olho em volta, sempre somos só nos três aqui há um tempo. Passamos por tantas coisas juntos, minha vida tem sido uma grande aventura com Sah e Nando há dez anos, olho para ela que começa a chorar de novo, abro os braços. É tudo o que posso lhe oferecer, amiga.

Sah vem e me abraça de novo, dessa vez às coisas são de uma gravidade enorme.

Bem, talvez não, porque Alejandro não é nenhuma criança, mas a situação é muito séria, e eu sei que mesmo Sah não sendo um poço de responsabilidade, ela nunca faria algo assim com alguém como ele, ela não quer magoá-lo por sua doença.

Acho que em todos os namoros dela, ela foi a que sempre se magoou mais, a que mais se feriu, porque quando ela está com alguém, tenta fazer de tudo para dar certo. Se torna comprometida e é muito fiel, mas os homens nunca correspondem às expectativas dela, então ela volta para estaca zero, destruída e magoada com tudo, vem para cá e choramos juntas. Ela também sempre encontra seu porto seguro —Gabriel—, só que dessa vez não será assim.

Gabriel está noivo e vai se casar, e ela pelo o que eu entendo, está noiva do meu cunhado. Sah funga, vamos para o sofá e expulso o Nando, que vai resmungando para o outro sofá, ele mal desgruda os olhos desse livro. Nos sentamos de frente uma para outra.

—Conversaram?

Depois que saímos do quarto, fui para sala e Sah chamou Alejandro para conversa, depois ele saiu com Jack e Olaf, não faço ideia do que eles conversaram.

—Não muito, ele me beijou de novo e não soube o que falar, mas disse que quero ser amiga dele e que devemos conversar sobre isso.

Ela volta a chorar, percebo que Sah tem muito medo disso. Eu também teria, eu tenho medo da doença de Jack, estamos cercadas de homens cheios de marcas.

—Acho que vou para Angra.

—Sozinha?

—Preciso pensar.

Tenho medo quando ela decide ficar só, Sah não tem condições emocionais de fazer nada do tipo, como se não bastassem os meus problemas, preciso me preocupar para que a minha melhor amiga não acabe fazendo nenhuma loucura.

—Sah, eu não acho boa ideia.

E antes que eu complete, escuto o som da porta da sala, já sei que eles voltaram só pela cara que a Sah faz, estou de costas para porta.

—Formiguinha!

Minha mãe beija a minha cabeça, mas tenho certeza de que Jack está aqui, sei que sim, fico nervosa, acho que chegou o momento de conversar com a minha mãe sobre tudo.

—Então. —Sah aperta as minhas bochechas. —Formiguinha da mamãe.

Sai Sah!

Mamãe se senta entre nós duas. Ela parece tão cansada, acho que teve um dia cheio no restaurante, ela me olha de um jeito muito estranho. Respiro fundo, essa conversa eu já sei que não vai ser das melhores, mas é necessária. Jack já conversou com ela, eles vem com a gente para Copacabana, mas se conheço a minha mãe, devo esperar um batalhão de perguntas. Me pergunto

agora se ela realmente foi trabalhar ou se estava organizando a mudança, bem que eu desconfiei que ela estava diferente comigo.

—Nando, vem com a tia Sah.

Sah está saindo da sala levando Nando com ela. Alejandro também está indo e eu não sei se Olaf veio com eles. Van se senta a minha esquerda, e eu não entendo onde eles querem chegar com isso.

—Maria, o seu namorado conversou conosco sobre você mudar para Copacabana, ele disse que decidiram que era melhor assim e nos propôs que ficássemos por perto. —Van começa, abaixo a cabeça porque sei que Jack está por perto. —Queremos saber se você realmente gosta desse rapaz.

Respiro fundo, estou nervosa e tremo um pouco.

—Gosto.

—Você tem certeza que é isso o que quer? —Sinto o olhar rígido da minha mãe.

—Sim, eu quero ficar com ele.

—Eu e a sua mãe aceitamos a proposta do seu namorado, entramos nisso de cabeça, vai mudar nossa rotina, mas sabemos que é importante para você que estejamos por perto, queremos ficar perto de você e do Nando.

Pisco, meu corpo vai ficando duro, minha garganta fica seca, eu não acredito no que acabei de ouvir, meu padrasto falando que quer ficar perto de mim, milagre!

—Não vamos deixar você ir assim —Van declara com um pouco de firmeza. —Ele comprou a nossa casa e a academia, demos o dinheiro como entrada para pagar o apartamento, vamos morar perto de vocês.

—Filha, você sabe que eu me preocupo muito com você, certo? Não quero que o Nando cresça longe da gente.

—Não será ruim para vocês?

—Não —mamãe afirma, convicta. —Você não quer a gente por perto?

—Claro que quero, mãe. —Apesar de tudo, não quero ela longe de mim, nem a Júlia, e o traste é a bagagem.

—Não fique brava conosco. —Mamãe coloca a mão no meu ombro. — Não sou a melhor mãe do mundo, mas não suportaria que você ficasse longe de mim, Júlia também.

Eu não tenho nem palavras. Até hoje, não pensei que mamãe se

importasse, nos afastamos muito depois que eu engravidei. No começo, quando mamãe casou eu já não conseguia mais me sentir parte da vida dela, depois eu engravidei e ela me odiou, e ela se quer queria saber do Nando, depois acho que foi amolecendo, hoje não somos próximas, mas sei que ela se preocupa comigo e quer me ver bem, assim como ao Nando.

—Estamos preparando tudo —mamãe fala.

—Está bem.

—Você está bem?

—Sim.

Ela sabe que eu estou me segurando, não, eu estou bem mais que a ponto de chorar. Mamãe levanta, sei que ela não está bem com isso, a vida dela está aqui, nossa família—mesmo que um pouco distantes—e alguns irmãos do Van moram pelo bairro. Essa casa foi herança dos avós dele, eles trabalharam duro para construir e reformar essa casa, sem falar na academia o Van adora aquele lugar.

—Já estamos organizando a mudança, já que vai ser até o começo do mês que vem. —Mamãe está indo para minha cozinha. —Jack disse que se casarão no civil até o fim do mês, vamos fazer um jantar com a família semana que vem.

—Maria, não precisa ficar com medo, eu e a sua mãe entendemos que você precisa se casar, foi uma decisão nossa.

Não acredito que o Van está falando isso.

Ele levanta, acho que ele está nervoso, mexe no meu cabelo soltando alguns fios do coque, fico ainda parada, engolindo essa notícia.

Jack se aproxima, me sinto ainda mais tensa, ele se senta ao meu lado, puxa a minha mão, sua mão está fria, soa muito, ele está apavorado.

—Você aceita? —ele pergunta baixinho.

—Sim.

E entrelaço os dedos nos dele, acho que ele respira com dificuldade, olho para a mão dele, tem uma aliança aqui, a mão dele é branca, grande, e as pontas dos dedos avermelhados, unhas bem cortadas. Respiro fundo, fecho os olhos, não posso olhar.

—Vai dar tudo certo.

—Eu sei, Jack.

Também estou muito nervosa, ele está me passando isso, é agonizante vê-lo nesse estado de nervos.

—Estou nervoso.

—Por que eles estão olhando para você?

—Porque estou te pedindo em casamento agora, é oficial!

Ah merda!

—Mas já somos casados.

—Seus pais não sabem disso.

—O que pretende?

—Me ajoelhar?

—Jack, pelo amor de Deus!

Estamos sussurrando.

—Maria, você aceita ser a minha esposa?

Estou em pânico, ele perguntou tão alto, que duvido que minha mãe não tenha escutado.

Estou morrendo de vergonha.

—Sim.

—Sua mão direita, por favor.

Acho que vou desmaiar, Jack segura a minha mão direita e enfia um anel no meu dedo anelar, meu coração está disparando mais e mais, acho que ouvi o som de um “click” vindo de algum lugar, ele beija a minha mão com carinho e depois minha cabeça.

Nossa.

—Obrigado por aceitar —ele fala tão baixo, que quase não consigo ouvir.

—Obrigada por pedir.

Acho que ele sorri, e ele parece aliviado com isso, não sei por que ele achou que eu diria não, ainda mais depois de ter induzido toda essa situação, minha cabeça gira. Jack vai levar a mim e minha família para outro bairro, um bairro chique e de gente rica, todos nós, mal acredito nisso.

—Você é fantástica.

—Não vou esquecer isso, Senhor Carsson.

Mamãe se aproxima, acho que ela está chorando, Van também, levanto e recebo seu abraço caloroso, fecho os olhos com força, acho que agora, ela já

não está tão brava comigo, ela está feliz por mim, me solta e acho que nesse momento está abraçando Jack.

—Hei, eu acho que posso te dar um abraço, mocinha.

Idiota.

Van me abraça, mas não da forma forçada como sempre faz, dou duas batidinhas nas costas dele, estou sem graça, ok, estou morrendo de vergonha, nunca pensei que fosse passar por um momento como esse na vida.

Os passos tropeços que eu conheço se aproximam, e em segundos ele está me agarrando pela cintura, me viro e ergo o meu filho no colo, eu abraço ele, Nando sorri, não preciso ver isso. Materializo os olhos castanhos redondos, o brilho de sempre, o sorriso cheio de dentes brancos e grandes, as bochechas rosadas, os cachos desgrenhados dele, e todo o amor que ele transborda.

—Parabéns, mamãe.

—Obrigada.

Colo a testa na dele, e o Nando coloca a máscara em mim, mordo o lábio inferior oprimindo o choro, me nego porque gostaria tanto de ver tudo isso, sua reação, mesmo que eu imagine, não é a mesma coisa, queria ver como minha mãe está, sei que Sah já está de volta e Alejandro também, ambos cumprimentam Jack.

—Até agora tem que usar essa coisa, filha?

Penso por alguns segundos, tento sorrir.

—Sim, mamãe, até agora.



Mamãe está de bom humor, coisa que eu nunca vejo, ou raramente presencio, ela se oferece para fazer o jantar—que chama de jantar de noivado—e vai para minha cozinha. Van foi buscar cervejas, acho que estamos nós quatro na sala. Nando já está vendo TV, mastigando alguma coisa.

—Então, a formiguinha está noiva!

Sei que Sah está adorando cada segundo—pelo menos em relação a mim—, acho que ela e Alejandro estão sentados lado a lado no outro sofá. Nem sei o que pensar, estou tão nervosa com essa situação, que não entra na minha nem por um segundo que isso esteja acontecendo. Alejandro e Sah, se me

contassem, não acreditaria, e pelo visto, para ele é algo bem mais que sério. Quero vê-los agora, será que estão de mãos dadas como eu e Jack? Será que ela está triste? A voz dela não parece triste, parece normal.

Mas sei que a Sah sabe muito bem fingir e ser uma completa dissimulada quando quer, eu não sou assim, pena, gostaria muito de saber esconder mais minhas emoções, se bem que, ultimamente não estava tendo tantas emoções diferentes de tédio e estresse na minha vida.

—Alejandro pediu Sarah em namoro —Jack fala, a mão dele está entrelaçada na minha. —Ele quer algo mais sério.

—Entendo.

—Vamos falar com os meus pais amanhã —Sah fala cada palavra com esforço.

Sei que essa situação é algo que ela não quer, nem provocou, mas não sei se consigo julgar Alejandro por isso, ou ela, por ter sido tão conivente. Acho que o problema é que Alejandro está caído pela Sah, e só de pensar e, eu não sei o que pensar ainda sobre isso, preciso conversar com Jack assim que possível, com Sah.

—Então, chamei o Alejandro para vir para Angra conosco no sábado —Sah declara—Vamos nós três e o Nando, que tal, Duda?

—Parece uma boa ideia. —Quem sabe assim ela não relaxa? —Já foi em Angra, Alejandro?

—Ainda não —Alejandro responde com dificuldade. —Vocês adoram praia.

—Sim —admito. —Eu amo praia.

—É bom que se divirtam enquanto eu estiver fora.

Suspiro, o meu Bad Romance irá depois de amanhã, já vou ficando desanimada.

—Uhu... Duda está noiva!

—Uhu... mamãe está noiva!

Mostro a língua para Sah e ela ri, se alguém falasse, eu não acreditaria. Ainda não acredito, e não sei por que estou tão feliz. Estou noiva do meu marido, acho que é porque eu nunca fiquei noiva antes, e porquê dessa vez, Jack pediu, ele não me forçou, quer dizer, induziu a situação, mas enfim, eu aceitei. Agora estou casada, apenas para Sah e Gina, e noiva para todo o resto do mundo.

—Criei um monstro —Sah reclama—Por falar em monstro, cadê o robô?

Acho que Jack e Alejandro sorriem, me encosto nele, parece ainda tenso, é algo que ele não está acostumado. Quero que ele fique bem, solto sua mão e passo o braço em volta dele, coloco a cabeça em seu peito, o coração dele está disparado.

Ah Jack!

—Fique calmo.

—Estou calmo, sua mãe não para de nos olhar.

—Acho que ela ainda não acredita.

—No noivado?

—Em me ver de vestido!

Ele ri e me puxa, fazendo com que eu fique sentada em seu colo, nem me importo—apesar de ter vergonha—, abraço ele, quero que Jack se acostume com a minha família também, vamos nos casar—de verdade—em breve, ele vai precisar lidar sempre com essas pessoas.

—Olaf foi para o hotel, ele precisa resolver algumas coisas para mim—
Jack responde.

—Você é muito ocupado, cara?

Já sei de onde o Nando tirou esse “cara”, Van fecha a porta da minha casa, escuto o barulho das garrafas de cerveja batendo dentro da sacola, confesso, eles dois estão se esforçando.

—Um pouco—Jack responde. —A empresa cresce.

—Bom, vocês aceitam?

—Claro!

Não sei o que o Van vai fazer sem a academia, não sei por que ele e mamãe concordaram com essa loucura, e não quero nem imaginar quanto custa um apartamento em Copacabana, com certeza a nossa casa e academia não pagaram nem 10% do preço do imóvel.

Van Sabe que eu não bebo, então, nem me oferece a cerveja, escuto o som da porta da minha sala se abrindo, pelo barulho arrastado das chinelas, já sei que é a Juh.

—Cheguei—Juh confirma, mas a voz parece cansada. —Não poderia perder esse momento.

Cala a boca, Júlia!

—Duda namorando.

—Não enche, Maria Djúlia.

Sei que ela odeia quando eu uso o “D”.

—Ok, parei, então, vamos para a parte legal, em que eu como e falo sobre o meu dia maravilhoso arrumando a mudança.

Por isso não a vi, fico curiosa sobre essa mudança.

—O que vão levar?

—Só o básico, mamãe disse que o apartamento é mobilhado, não sabia que o meu pai tem dinheiro para isso, agora descobri porque ele não me empresta dinheiro, muquirana.

—Dobra a língua. —Van está em algum lugar da sala. —Você já foi na escola ver o negócio do histórico?

—Aham, você ou a mamãe tem que ir lá pegar.

—Vai pedir transferência? —Fico confusa.

—Claro que vou, ou você acha que eu vou vir todos os dias do outro lado da cidade para estudar? Meu pai vai pagar uma escola sem graça lá perto.

Duvido que isso seja coisa do Van, acho que a minha família está deixando que Jack assuma o controle de tudo e não gosto disso.

—Não tem com o que se preocupar —Jack fala baixinho. —Ele vai pagar por tudo, não aceitou que eu desse.

—É? —Estou aliviada com isso. —Eu posso pagar também?

—Não!

Beija minha bochecha, fico vermelha.

—Vai ser muito bom dar aulas na academia da sua prima, Jack.

—Ah, eu acredito que você goste mesmo, Sandy é muito legal.

Sah e Júlia começam a tagarelar. Nando vem falando algo para o Van enquanto ele fala a respeito do novo emprego na academia de Sandy, eu nem parei para fazer algum tipo de ligação, mas não me irrita, minha família nunca está aqui comigo, apenas eu e o Nando, agora mamãe está cozinhando para mim, e eu estou mais de um dia sem discutir com o meu padrasto, as coisas realmente estão indo até bem, e eu não poderia ficar mais feliz com todos os acontecimentos.



Dia 6 da Obsessão

—Por que saiu da cama?

Não sei, acordei e fiquei sem sono, vim para sala, e eu acho que já faz uma hora que estou ouvindo Tom Odel no meu celular, olhando para o teto dessa casa onde eu passei tantos autos e baixos. Fecho os olhos, Jack se aproxima e respiro fundo. Sah e Nando já devem estar no décimo sono, Alejandro foi embora logo depois do jantar. assim como mamãe, Van e Júlia, acho que já passa das cinco da manhã. Acho que estava tão exausta, que só cai na cama e dormi, dormi com o vestido e tudo, acho que por isso acordei, porque fui dormir muito cedo, mas sei que não é isso, estou ansiosa demais, feliz, e ao mesmo tempo, um pouquinho assustada com as mudanças.

—Perdi o sono.

—Posso ficar aqui com você?

—Claro que pode, Vem.

Fico de lado no sofá, Jack deita ao meu lado e me aconchego, ele está só com uma calça, eu não vi, a porta do meu quarto estava entreaberta, então, segui a pequena frecha de luz do corredor, não ousei olhar para trás, não é certo, ele confia em mim, e preciso respeitá-lo. Confesso que quando acordei, resisti a vontade de olhar pra ele, ele estava agarrado a mim, me esquentando.

—O que foi?

—É que parece que eu estou sonhando, não sei, é tudo muito rápido.

—Sonhando?

—É.

—Eu não sou um príncipe encantado, Vida.

—Nem todas as garotas do mundo querem um príncipe.

Coloco a cabeça em seu peito, meu indicador enrosca o mamilo do meu marido com carinho, adoro o corpo dele, mesmo sem ver.

—Sempre tem o cavalo, não é mesmo?

Rio baixo.

—Você é o meu Lorde das trevas.

—Encantado!

E beija a minha mão, ergo meu rosto, sinto um beijo leve nos meus lábios, Jack é mesmo muito imprevisível, mas não sinto tanto como se tivesse aquelas mudanças de humor horríveis da semana passada, ele deveria ser sempre assim, mas eu sei que não vai ser.

—O que achou do manicômio?

—Dá para suportar, só fiquei um pouco incomodado com a forma como a sua irmã me olhava as vezes durante o jantar.

Eu imagino, Júlia não sabe nem disfarçar quando vê um cara bonito, acho que mamãe chamou a atenção dela várias vezes durante o jantar, mas foi dentro do possível normal, até ouvi Alejandro falar com mamãe algo sobre advogar, mamãe tirou duvidas com ele sobre direitos trabalhistas. Eu poderia muito bem ter esclarecido essa duvidas para ela, mas acho, que ela só queria que ele se sentisse bem, trazer ele para a conversa, já que ele ficara todo o jantar basicamente em silêncio. Mamãe fez uma macarronada divina com dois molhos, um vermelho com carne moída e o molho branco para os rapazes que são vegetarianos, acabei comendo dos dois. Ela desceu coberta de elogios das partes de Jack e seu irmão, e até mandou uma “marmita” modesta para o Olaf por Alejandro, Sah foi direto para o quarto, acho que ela precisava pensar mesmo sobre tudo com calma. Nando sumiu de vistas com seu HP, então, eu e Jack fomos para o meu quarto.

—Gosto da sua família, eles são engraçados.

—É, eles me matam de vergonha.

—Sua mãe cozinha muito bem.

—Por isso eu sou gorducha.

—Você é gostosa.

E me aperta, fico vermelha e subo em cima dele, beijo Jack, o nosso dia começou bem cedo, o nosso último dia juntos antes que ele viaje, quero aproveitar cada segundo.

—Vou para Paris na madrugada de hoje, quero que você me prometa que vai me responder sempre que eu chamar ou ligar, está bem?

—Ok.

Mordo sua boca com carinho, dou mais um beijo em Jack, ele me abraça, as mãos estão em minha cintura, meus seios, na minha bunda, adoro o toque dele.

—Quando você volta?

—Em duas semanas.

—Isso tudo?

—Preciso trabalhar, Maria.

Suspiro, preciso de você.

—Está bem.

—Não fique brava.

—Não estou brava.

—Então...

—Estou triste.

—Está?

—Claro que sim, vou sentir muito sua falta, Jack.

—Vai?

—Claro que vou.

—Farei o possível para voltar logo.

—E a mudança?

—Será em duas semanas, até o final do mês, mas os seus pais já vão começar a levar algumas coisas, seu padrasto vai ver se consegue levar algumas clientes particulares para a academia da Sandy.

—E a minha mãe?

—Ela vai cozinhar para outra pessoa, não se preocupe.

—Você pensa em tudo?

—Quase tudo.

Abraço ele, me sinto tão segura agora, coloco um fone na orelha dele, me recosto, ficamos quietos, Jealous Labrinth, ele suspira e me aperta com carinho, e relaxo, meu porto seguro está aqui, bem ao meu lado, não quero me preocupar se amanhã ele não estará aqui, o que importa é o agora.

Quando acordo, tem alguém deitando em cima de mim. Nando, o corpinho quentinho de sempre, Jack coloca um beijo na minha cabeça, o meu filho me aperta, acho que ele acabou de acordar.

—Nando, não.

—Deixe o garoto quieto.

Mandão.

Sorrio, Nando fica quieto, acho que ele veio meio que dormindo até aqui, Jack acaricia minha nuca muito lentamente e desejo que esse momento fique para sempre na minha memória, cobiço por mais momentos assim.

—Mamãe.

—Oi.

—Estou com fome.

—Vou fazer um misto para você, que tal?

—Queria cereal.

—Adoro cereal—Jack fala muito calmo. —Acho que Olaf comprou, você pode preparar para nós dois?

—Mas... pensei que só comesse coisas saudáveis.

—Você come coisas saudáveis, eu sou o homem dessa casa, eu como o que eu quero.

—Uou!

Sorrio, Jack também.

—Mãe, eu não deixaria.

—Você manda na casa, Jack, mas quem manda em você sou eu!

—Uouuu!

Jack gargalha, Nando escorrega para o lado e eu saio de cima dele, estou de costas para eles, levanto e olho fixamente para minha direita, sigo na frente, acho que Jack está brincando com o Nando.

Daria tudo para ver essa cena, mas nada se comprar ao sentir que ele não

está nervoso ou tenso, ou com vergonha do meu filho.

Tiro os fones do meu celular, aumento o volume no último, ainda bem que os meus armários ficam na lateral e o fogão, de forma que fico de costas para eles. Coloco o bule no fogo, preparo minha garrafa, abro a janela da cozinha, o dia lá fora já está bem ensolarado, e ainda são sete da manhã, escuto The Verver, nossa música, pela milésima vez.

Pego as tigelas nos armários, o cereal, o leite na geladeira, me mantenho olhando sempre para o chão ou para o que pego. Quando giro fecho, os olhos, sinto que vai ser complicado quando ele estiver por perto e eu sem máscara, e sei que já é bem complicado entender tudo isso, mas enfim, não importo.

Só quero poder estar ao lado dele, que ele fique comigo sempre, que ele entenda que não precisa ter medo que eu o veja, que independentemente da sua aparência ou passado, eu o quero, eu o aceito.

—Mãe, olha, eu estou voando!

Queria ver, Nando, mas não posso.

Ignoro o chamado, resisto em olhar, mais em parte porque sei que é um momento importante para a gente do que qualquer outra coisa no mundo.

Tenho um marido e não posso vê-lo, estou com ele e não faço ideia de como ele é, fazemos amor e tudo o que tenho é a lembrança do seu toque, seu beijo, seu corpo, fecho os olhos, sorrio, deveria estar preocupada—com essa loucura—quando estou feliz por ao menos tê-lo? Tê-lo aqui é muito mais importante do que qualquer outra coisa.

—Outra hora, filho, estou fazendo o café da tia Sah.

—É bom mesmo!

Nem ouvi ela se aproximando, Sah para ao meu lado, cara de trapo, ela usa uma calça e uma camiseta folgada, já está de tênis, faz bico, não dormiu bem pelo visto. Coloca a testa no meu ombro e me abraça de lado, dou alguns tapinhas em sua costa, não sei, mas acho, que pela primeira vez na vida, ela está realmente sentindo na pele o que é ser alguém adulto, tomar decisões de pessoas adultas.

—Ele me mandou uma mensagem, chega em meia hora com a Sandy.

—E o Júnior?

Sah estreita os olhos, riu, ela sabe que nada vai abalar o meu humor, estou tão feliz.

—Viu? Por isso que eu te falava para namorar.

—Não era o momento, Sah—reclamo baixo. —O que ele está fazendo com o Nando?

Antes que eu morra de curiosidade, é claro.

—Ele está suspendendo o Nando com os pés, Nando está rindo todo feliz, Jack também, o que você fez com ele?

—Com o Nando?

—Com o Jack, nunca o vi sorrindo assim.

Penso, depois sorrio e me inclino na direção dela.

—Sexo.

—Sua vaca!

Sah está pagando por todos esses anos que fez piadas ao meu respeito, rio.

—Pelo menos o meu namorado é mais jovem.

—Uhu, a Sah está namorando!

Ela me mostra o dedo do meio, mal-humorada! Mas acaba rindo.

—Pegue a frigideira, essa gente precisa comer.

—Acha que eu fiz certo em chamar ele para conhecer os meus pais?

—Claro, ele é um menino de família.

—Preciso de novas amigas.

—A porta está aberta.

Sah me ajuda com a omelete, torradas, e coloca a geleia e manteiga na mesa, colocamos quatro lugares, mas ao ouvir a campainha mais dois, quero que Sandy tome café com agente de novo.

Olho de soslaio Sah abrindo a porta, Alejandro sorri para ela, algo lindo e doce, não tinha percebido a forma como ele fica bem quando sorri, Sah estende a mão—que já está com o anel de “noivado”—e o abraça, ficando na pontinha dos pés, Sandy toda simpática vem logo para o meu lado, Olaf é o último a entrar.

—Bom dia!

—Bom dia, Sandy!

Abraço ela, estou sorrindo.

—Nossa que menina prendada, está preparando algo de bom aí para a gente?

—Aham, eu só vou comer uma maçã, aí a gente já começa.

—Senhora!

—Oi Robô!

Acho que ele sorri, deixa uma sacola com pães—que tenho certeza que mamãe que entregou para ele—na mesa e se afasta, acho que vai conversar com Jack.

—Eu fiquei muito feliz de saber que terei um personal na minha academia, claro, a expansão também é algo muito bom.

—Você vai expandir por causa do Van?

—Vamos alugar um lugar legal em Copa e levar os equipamentos dele para lá, vamos transformar o lugar em uma academia de pilates e musculação, ele tem muitos contatos interessados.

—Van conhece muita gente, ele dá aulas particulares.

Coisa que mamãe abomina, ela já chegou a proibir que ele desse aulas para mulheres, hoje, ele dá mais aulas para amigos e tal, acho isso meio apelativo, mamãe morre de medo de perder o Van, acho que ele também tem medo de perder ela, ou do contrário não concordaria tanto com o que ela quer, ela sempre dá a última palavra.

—Então, hoje nosso programa vai ser bem focado na área abdominal.

Traduzindo: ferrada!

Mas nem importo, Sah vem de mãos dadas com Alejandro, ele não para de sorrir, acho que ela está tentando lidar com tudo isso da forma que sabe, não surtando, tentando não levar a sério, mesmo que por dentro ela esteja gritando por socorro.

—Mamãe, eu e o Jack vamos para o meu quarto montar o quebra cabeças, o Olaf quer comida.

Já sei disso, Sah vem para perto e fala: —Ele está levando o Nando no colo.

Suspiro, sorrio, derreto, até quando esse homem vai me surpreender?

—Vou buscar uma roupa para você, hoje eu preciso gastar essa energia ao máximo.

Imagino que sim, Sah.

Sirvo Alejandro, e chamo Olaf, ele nem faz cerimônia, preparo um café com leite quentinho para ele e pão na chapa, acho que ele gosta, porque come e não reclama, sirvo um café para Sandy, e tomo um pouco, me sinto bem,

mesmo que ainda não esteja acostumada a ter tantas pessoas aqui.

—Seu marido quer cereal. —Sah volta com as minha calça de malha e uma camiseta grande, meu par de tênis e as meias. —Levo?

—Aham, eu arrumo para eles.

Sirvo o cereal nas tigelas, coloco numa bandeja, coloco o leite e jogo a canela que o Nando adora, não sei se o Jack gosta, tenho um pouco de receio de perguntar para o Alejandro, então não coloco, entrego para Sah, depois ela vai na frente. Escuto a conversa calorosa de Nando com ele assim que entro no corredor, a Sah entra no quarto, poderia ser eu, e sinto inveja dela, mas guardo isso para mim, giro e vou para o banheiro.

Um dia serei eu!



Estou morta, hoje Sandy pegou bastante no nosso pé e fizemos aqueles exercícios para o bumbum, cintura e abdômen, quase morri na primeira sessão, mas minha grande inspiração—Sah a menina fitness—estava lá o tempo todo me motivando com inveja. Gostaria de ter uma barriga tão chapada, minha barriga é meio negativa, meus quadris são largos demais e tenho gordura localizada no que deveria ser o meu abdômen, tenho ancas. Estou no meu banho, preciso disso depois desse treino, acabamos de tomar café, e eu acho que vou acabar pedindo comida na hora do almoço, não sei se mamãe já saiu de vez do restaurante, preciso conversar com ela a sós.

Algo que eu já faço bem ideia que será mais para uma sessão de perguntas, algumas acusações e uma pitada de críticas, minhas conversas com a minha mãe são na maioria das vezes muito conturbadas, mas eu não me imagino longe dela, porque bem ou mal—eu sendo ou não uma decepção e um arrependimento—, ela me sustentou a vida toda até eu arrumar o primeiro emprego no restaurante, me ajudou com o Nando no começo, ela acordava todos os dias às cinco da manhã para me ajudar a levar ele para creche, e ela sempre esteve do meu lado quando precisei, não preciso pensar no passado, no quanto ela foi corajosa e dedicada ao me ter, me criar sozinha, mamãe se sacrificou demais por mim.

Não posso reclamar.

Me enxáguo, e enxergo uma pequena marca roxa no meu seio direito, e

outra no meu outro seio, as mordidas de Jack, os círculos estão na minha barriga, toco meu ombro e mais uma aqui, ele me deixou realmente cheia de marcas.

—Disse que te machuquei.

Paraliso, até então, eu mal notei essas marcas, nem quando me troquei pra aula de aeróbica, eu não sou muito atenta ao meu corpo, ele não me interessa tanto assim desde nunca, acho que as vezes quando paro para olhar, sinto muito desgosto, por isso prefiro não ver.

—Vão sumir.

—Eu não me importo.

Estou de costas para a porta, olho para minha parede, ele está se despindo, não preciso ver para saber, meu sorriso obviamente que se alarga.

—Acredita que o Fernando já está quase na metade do quebra cabeças?

—Acredito, quando ele quer uma coisa, ele vai até o fim.

—Ele é muito esperto.

—Claro, saiu a mim.

Jack entra no box, ele me puxa, beija meu pescoço, será que ele estava me observando a muito tempo? Sinto sua ereção no meio das minhas costas, tenho certeza disso.

—Por que não colocou canela no meu cereal?

—Não sabia se gostava.

—Tive que pegar do seu filho.

—Coitadinho de você.

Ele me vira, e me beija com ardência, enlaço ele e subo, Jack me ergue no colo me deixando suspensa, minhas pernas se agarram a ele com força enquanto nos beijamos, as mãos dele me seguram pela bunda, me esfrego nele, e escuto um grunhido baixinho em sua garganta.

—Estou sem camisinha.

—Ah!

—Vou pegar no quarto.

Estico o braço e pego o envelopinho que deixei escondido atrás do shampoo, beijo ele, acho que Jack está surpreso, eu nem pensei duas vezes antes de pegar a camisinha na gaveta do criado, ele deixou uma dezena delas lá.

—Má.

—Você não quer?

—Claro que não, só vim tomar banho.

Rio, ergo as mãos, Jack ri alto, e desço, estendo a camisinha para ele, e Jack morde o envelope abrindo com o dente. Sah me explicou como faz isso agora mesmo, ela também me falou que eu não precisava morrer de vergonha que isso é muito normal, ela quase enfartou quando disse que fiz isso com Jack ontem, não entrei em pequenos detalhes, mas ganhei bastante conselhos, espero estar fazendo o certo.

—Maria...

—Shhh!

Abaixo, fico de joelhos, seguro seu membro, e afasto ele da água, minhas mãos tremem um pouco, coloco ele na minha boca, e Jack estremece, acho que ele se segura em algo, devagar estímulo ele, colocando o máximo que consigo na boca, é tão duro, e vibra as vezes. Toco o traseiro dele e Jack toma a camisinha da minha mão, ele faz gestos de vai e vem na minha boca, acho que gosta, porque não reclama.

—Isso é ótimo, querida, vou retribuir mais tarde.

Espero que sim!

Lambo toda a extensão do começo ao fim, mordisco a pontinha, aperto a bunda dele com força, Jack geme e me puxa para cima, impaciente, me beija com vontade, continuo masturbando ele devagar, é tão gostoso saber que ele se sente excitado com isso.

—De costas.

Obedeço e levo um tapa forte na bunda, e isso arde, mas engulo a dor, porque sei que não podemos fazer muito barulho, ele está colocando a camisinha, e quando me penetra, vou ao céu, junta bem as minhas pernas e se move, a boca dele está na minha orelha, ele morde ela lentamente, e eu sorrio, totalmente excitada com isso.

—Quando eu voltar, quero o meu presente!

Ah, o seu presente!

—Dou com prazer, Senhor Carsson.

Ele beija o meu pescoço e o meu ombro, solta o meu cabelo, acho que Jack não entende que não vivo com os cabelos soltos, ele me empurra e sinto

minhas panturrilhas queimarem, se move devagar puxando os meus cabelos.

—Agarre as minhas pernas por trás com força e não grite, está bem?

—Ok.

Uma estancada, e outra, e outra, e ele puxa os meus cabelos com força dolorosa, abraço as pernas dele por trás com toda a força que possuo, mas as investidas me deixam tremendo, minhas coxas tremem não só com o esforço, mas com o prazer, ele faz de uma forma que não consigo alcançar, tenho que ficar na ponta dos pés com a bunda para cima, ele está vendo tudo, é isso, ele adora ver, quero ver também.

—Quero a sua bunda.

Ele passa o dedo em mim pressionando o local, me contraio toda, meu corpo abandona a tensão com mais uma estancada, gozo, finco as unhas nas partes de trás das coxas dele agora, Jack geme, mas dentro de seu auto controle intocável.

—Cacete, Maria, não faz isso.

—Tem certeza que era submisso?

Ele mete agora impiedosamente, grito, mais pelo prazer que tudo, ele me puxa para cima, aí, meu cabelo Jack.

—Não, nem sempre, eu já disse que adoro bater também, Maria, não me tente.

—Isso é injusto.

—O que é injusto? —Ele mantém meu rosto para cima, puxando meu cabelo com força, está me machucando. —Você me deixa louco.

—Deixo? —Tiro a mão dele dos meus cabelos e coloco no meu ponto sensível. —Por favor.

—Ah, Maria!

Jack abaixa e sobe com rapidez, estou em pé nos pés dele, ainda assim, me segura pelo tronco. Enquanto se move, os dedos dele me masturbam com força, tento ficar parada, mas não consigo, estamos nos movendo agora rápido, estou mais sensível.

—Isso amor, goze para mim, só para mim.

Estremeço, a sensação forte no meu clítoris, e ao mesmo tempo na minha entrada. Meus pés estão flutuando e queimam, meus seios ardem, e o meu corpo está totalmente quente. Ele sai e me abaixo, Jack tira a camisinha, puxo

ele para minha boca e sugo ele com força, engulo ele completamente e sinto que a minha libido vai lá em cima, gemo, também estou sentindo isso, sinto a ânsia, e ele sai, engulo, tento respirar, ele puxa a minha perna e me penetra multiplicando o meu prazer, sem camisinha.

—Ah, Jack!

—Goze comigo, sim?

Nos beijamos, e ele lambe o meu rosto, me seguro em seu pescoço e abaixo a cabeça, será que posso ver? Ah, estou tão tentada.

—Quero ver. —Mordo o peito dele, subimos e descemos rapidamente. —Vida, deixa!

—Ah Maria, veja, sim? Quero que veja isso.

Abro os olhos, com um pouco de receio, e fico olhando ele entrar e sair de dentro de mim rapidamente, gemo, parece que estou chorando, mas é todo o prazer que isso me proporciona, Jack é bem mais branco que eu, mas estou focada apenas em assistir esse momento, isso é excitante demais.

—Gosta de ver? —ele sussurra no meu ouvido, a voz rouca. —Gosta de me ver metendo?

—Sim.

Na minha boca se forma um bico, é todo o prazer que sinto, e é tudo o que o meu corpo reflete, me seguro com mais força e mexo meus quadris em vai e vem, querendo mais, estou tão perto.

—Ah Maria!

Me enfio uma última vez, gemo, e fecho os olhos, Jack se afasta, abaixo, me tremendo toda, me seguro nos quadris dele e ele explode dentro da minha boca nesse momento, sinto o jato quente na minha garganta, também estou gozando, sinto um tapa forte na bunda e gemo alto, meu corpo todo retesa com o prazer.

Ele me puxa para cima e me beija, compartilhamos o seu gosto com essa intimidade fora de série, é algo carinhoso, lento, Jack inverte nossas posições e me encosta na parede pressionando o corpo dele contra o meu.

—Vamos para a cama, vida, quero aproveitar o nosso dia da melhor forma.

Não discordo, adoro essa forma de aproveitar o nosso dia.



Noite 6 da Obsessão

—Qual foi a maior loucura que você já cometeu na vida?

Já faz uns dez minutos que ele começou com essas perguntas “nada a ver”, sorrio, segura com a minha máscara, estamos na cama, estou de bruços, Jack está de lado, nossos pés juntos, metade do corpo dele está em cima de mim, ele acaricia minhas costas, abraço o meu melhor travesseiro, quero ficar quieta agora, estava me dando até sono quando ele começou, não sei qual é o intuito.

—Me casar bêbada em Las Vegas.

—Boa resposta. —A voz dele está calorosa e feliz. —E... se arrepende?

—Acho que no começo tinha um pouco de medo, mas agora não, não me arrependo.

—Muito bem. —Me dá um beijo de “presente”, ele avisou no começo do “Quiz” que a cada resposta certa, eu ganharia um beijo. —Qual é o seu maior medo?

—Tenho medo de altura!

—E subiu numa cobertura num prédio de trinta andares de olhos

vendados?

—É, as vezes tudo o que eu faço é confiar no meu marido de Las Vegas.

—Boa resposta. —Outro beijo. —Você prefere loiros ou morenos?

—Você é loiro ou moreno?

—Excelente resposta!

E me beija de novo, rio, Jack nunca diria, estico o meu braço, toco sua coxa, e alcanço a bunda dele, Jack deita de costas e me puxa com toda a facilidade do mundo para cima dele, abro as pernas e me acomodo em cima dele, está tão relaxado, quente, não quero que ele saia daqui por nada.

—Gosto quando me toca, você é muito carinhosa.

—Me acho meio seca e fria as vezes.

—Acho que eu sou frio, você só tem vergonha demais de que as pessoas se aproximem de você.

—Acho que pagaria uma sessão com você, Doutor Carsson.

—Pagaria? E tiraria muito proveito?

—Muito.

Nos beijamos, nosso beijo faz barulho, rimos.

—Você é engraçada.

—Você também.

—Te machuquei?

—Você me obrigou do começo ao fim, teve um momento em que eu achei que sei lá, você estava tirando proveito da minha inexperiência.

Ele ri, me acomodo, encontro minha pequena paz nesse momento com Jack.

—Disse que se acostumaria não, disse?

—Obrigada por insistir.

—É?

—Eu reagi muito mal a tudo, ainda tenho um pouco de medo da sua doença, quero entendê-la.

—Eu também.

—Eu sei que é verdade, Jack, você fica apavorado quando minha família está aqui.

—Precisava ver no primeiro dia de Olaf.

—Trabalham há muito tempo juntos?

—Três anos mais ou menos, já me acostumei com ele, Olaf é segurança e motorista, e nas horas vagas, um grande amigo.

—Mesmo?

—Ele me aconselha muito.

Olaf mal fala.

—É um bom homem.

—Você também é um bom homem..., meu bom homem.

—Uou!

Rio, ele está me observando de novo, enfio a mão em sua nuca, acaricio aqui, Jack me beija bem devagar, nossas línguas se encontram lentamente, não quero sair desse quarto hoje, não quero sair de perto dele um segundo.

—Acha que Alejandro foi precipitado?

—Ele gosta dela? —Desperto, ah, esse assunto.

—Alejandro colocou na cabeça que está apaixonado por Sarah, já tentei explicar para ele que as coisas não são assim, mas ele é muito, complicado.

—Tem medo dele fazer uma loucura?

—Ele já passou dessa época, hoje ele supera bem o termino de um namoro, mas o problema é que ele é muito ingênuo, se apegando com facilidade.

—Ele tem 21 anos.

—É.

—Ele vai a alguma psicóloga também?

—Às vezes ele vai para sessão comigo, mas ele tem o psicólogo dele.

—Por que ele tem depressão?

—Mal de família.

—Não entendi.

—Eu... ele... Júlia, somos os filhos problema.

Poxa, Júlia? Aquela menina sorridente e feliz que eu conheci?

—Não diria que Júlia é depressiva, mas ela é muito instável, tem alguns momentos que ela é mimada e infantil demais.

—Ela é muito jovem.

—Ela precisa entender que todos crescem um dia, até ela.

—Mas ela só tem dezoito anos.

—A questão é que Mirna a mima muito, Júlia é muito volátil as vezes, isso me irrita.

—Alejandro tem crises continuas?

—Não, hoje ele é mais controlado, ele apenas é muito só, isso o torna mais deprimido.

—Por que ele é só?

—Ele não gosta de sair, dedicou-se aos estudos em período integral, agora ele sente como se tivesse perdido a adolescência, tem crises intensas de existência, bebe, e tenta pular de alguma ponte.

—Acha isso normal?

—Não, ele já tentou isso três vezes e, se eu não tivesse ninguém para vigiar, ele teria morrido.

Nossa, Alejandro, você também não é flor que se cheire, Sah vai surtar quando souber.

—Ele tem algumas crises de insônia também, desde que terminou com a namorada.

—Por que eles terminaram?

—Ela o traiu.

—Coitado.

—Eu também trairia.

—Por que?

—Ele é virgem!

Sacanagem!

—Virgem?

—É, ele fala que está esperando a garota certa.

—Ele é bem.

—Tivemos uma educação muito rígida, Maria, acho que eu ainda meio que sai disso porque me envolvi com Condessa, mas Alejandro não, depois que saiu do internato, ele se enfiou nos estudos, queria provar para o meu tio que cresceu, sua autonomia.

—Acho que Sah não vai gostar disso.

—Eu também acho que não, ela é uma mulher bem para frente, não parece gostar de homens como ele, eu disse isso.

—E o que ele falou?

—Ela é minha e eu vou casar com ela.

Fico séria, depois começo a rir, Jack também.

—Nada possessivo, deve ser mal de família.

—Eu sou obcecado, não possessivo.

—Você é minha, Maria, e eu vou te possuir até me cansar!

Levo um tapa ardido na bunda, mas rio.

—Não me teste. —Ele acaricia o local com carinho. —Você gostou do que viu?

Coro, acho que foi justamente por ver que eu fiquei tão fora de mim.

—Sim.

—Perdi o controle.

Achava que ele estava no controle a todo momento.

—Vida.

—Hum.

—Às vezes eu sou um pouco agressivo, você se importa?

—Não, nenhum pouco.

Coloco o beijo lento na boca dele, rolamos na cama, ele fica por cima, de novo me olhando, fico um pouco sem graça.

—Estou muito feliz que tenha aceitado vir morar no meu apartamento.

—Eu também.

—Ele estará pronto em uma semana para te receber, você vai na frente com o Fernando, está bem?

—Ok.

Jack toca minha face, a máscara de dormir, ele a sobe e beija os meus olhos.

—Me desculpe por isso, você merece bem mais que alguém com essa coisa toda.

—Eu não quero outra pessoa, eu quero você.

Seguro sua mão, e a beijo.

—Estou bem aqui, Jack, tudo bem, eu não preciso te ver agora, já disse, quando estiver pronto, está bem?

—Está bem.

Ele fica tão aliviado quando lhe dou garantias, não posso ser diferente, adoro estar com ele, e se para ficar com ele preciso ficar vendada, tudo bem, talvez isso não seja o mais importante.

Ficamos calados, Jack coloca a cabeça entre os meus seios e acaricia o que ele gosta com a língua, isso é tão gostoso, ele chupa o mamilo devagar e de novo, passa a ponta da língua bem devagar nesse mamilo, aperta o outro seio com carinho, e vai para o outro repetindo o mesmo gesto.

—Você merece ser tratada com carinho.

—Sou como qualquer outra mulher, Jack.

—Não, não é, você é diferente de todas.

Puxo a minha máscara para baixo, ele beija a minha barriga, se demora no meu ventre, estou toda arrepiada, ele me cheira lá e depois sobe, meu coração está disparando um pouco mais rápido depois disso, essa pequena expectativa.

—Posso fazer uma pergunta?

—Claro.

—Você se importa de usarmos brinquedos durante o sexo?

—Brinquedos?

Não sei o que isso significa, Jack sobe, o peso dele está em cima de mim agora, ele se apoia num dos cotovelos, enfio a mão em sua nuca, ele me beija de leve, acho que ele está um pouco tenso.

—Vibradores, algemas, plugs.

Tento absorver o pedido, algemas? Eu não sei se conseguiria fazer algo assim, mal consigo fazer sexo com você dessa forma, Jack, quanto mais algemada.

—Não seria para você, seria para mim, é claro. —A voz dele está nesse tom sério que eu mal ouço nesses dias. —Algumas coisas para você, é claro, mas a maioria para mim.

Submissão!

Cacete!

—Não vou te machucar —garante, rola para o lado, acho que nem ele sabe como tentar falar isso para mim.

—Quer. —mal consigo imaginar. —Quer que eu seja a sua dominadora?

—Os dois!

Engulo a seco, sufocando um pouco, Jack mantém a distância que estabelece se afastando um pouco de mim, fico parada, com um pouco de medo, na verdade, me apavorando, ele havia dito que não fazia mais isso, ele havia dito que foi algo que ficou em seu passado.

—Fale algo.

Acho que a voz dele está perto de uma grande exigência, algo que me deixa mais tensa ainda.

—É algo do que precisa? —É a única coisa que vem a minha mente, e aos poucos vou concluindo, que é exatamente o que eu temia no início, não sou o suficiente para Jack.

—Preciso de você, mas não posso ignorar a mim mesmo, eu sou assim. — A voz dele está bastante fria agora. —Eu não machucarei você.

Não dessa forma.

—Maria, não se assuste, prometeu que não reagiria mal quando fosse começando a me conhecer.

—Você quer me bater?

—Sim.

—E quer que eu concorde com isso como se fosse normal?

—Quero.

—Por que?

—Porque eu me apaixonei por você.

Me ergo, dou as costas para ele, minhas mãos soam, meu coração está disparado, minha respiração está entrecortada, fico extremamente magoada com isso, porque não vejo necessidade que ele minta para conseguir algo de mim, bastava falar a verdade como sempre.

—Maria, eu... eu nunca falei algo assim para ninguém.

—Não preciso que minta para me manter na sua cama, Jack.

—Não estou mentindo —ele responde com firmeza. —Você é quem eu quero, mas também a minha esposa, a mulher que escolhi para ficar comigo até o fim dos meus dias, não me ofenda falando isso, estou falando sobre o que sinto.

—Me pedindo para me submeter a algo assim?

—Você me perguntou porque eu quero que faça isso comigo e eu estou respondendo, é porque eu gosto muito de você.

—E gostava das outras também.

—Não, elas eram apenas um meio para um fim.

—Qual era o fim?

—Me satisfazer, era o que eu usava para despejar a minha frustração, por isso eu as machucava física e emocionalmente, assim como elas me machucavam fisicamente.

Isso é loucura!

—Quero estar com você, quero que viva isso comigo porque é algo em mim que eu talvez nunca mude e não vou conseguir prosseguir sem que esteja do meu lado nesse sentido também. —Jack toca as minhas costas. — Não sofra com isso, Maria, em nenhum momento você ficara ferida, garanto.

—Eu não o satisfaço assim?

—Muito. —Tem segurança em sua voz agora. —Mais que qualquer outra, você é a única que me satisfaz por completo.

—Então, por que...

—Eu já disse que é parte da minha vida —corta com impaciência. —Pare de fazer perguntas, você aceita ou não?

—Não—respondo, magoada com sua grosseria e me levanto. —Eu não quero isso.

—Por que não?

Respiro fundo, se ele soubesse que não suporto qualquer tipo de violência durante o sexo, não pediria isso, claro, o que nós dois fazemos é em partes forte e intenso, mas não envolve alguém tapando sua boca e te asfixiando enquanto te força a algo, alguém que ameça você a todo momento. Aperto os olhos, a sensação de pavor me toma por completo, as cenas daquela noite vem em minha mente, o cheiro dele, o barulho da voz dele, meu coração dispara, tento me apoiar em algo, estou meio tonta, estar vendada não ajuda em nada, me sinto em um penhasco pronta para cair, abandono o meu peso e caio. Demoro um pouco para voltar do mal-estar, é o som da voz da Sah, me encolho, eu a olho, ela está calma como sempre, serena, um soluço está preso na minha garganta.

—Calma, querida, tudo vai ficar bem.

—Eu não queria Sah, eu não queria!

—Eu sei, querida, fique calma.

Me encolho, minha cabeça está no colo dela, as lágrimas vêm rápido e choro, mais pelo pavor da lembrança que tudo, com medo, todo o meu corpo treme.

—Trouxe um chá!

É a voz de Jack, eu não quero que ele me veja assim, aperto os olhos, por dentro eu sempre fico destruída, as memórias só pioram tudo, porque lembrar é como reviver tudo.

—Eu já chamei um médico. —A voz dele está puro nervosismo. —Vida, o que foi?

Não consigo falar, e me encolho mais, Sah toca a minha cabeça, penalizada, puxo o cobertor, já estava assim logo que voltei do desmaio.

—Quero vomitar! —reclamo, meu estômago revira imensamente.

Sah sai correndo da cama, me arrasto para beira da cama, estou apavorada com as sensações no meu corpo, os calafrios intensos, sinto tanto nojo, tanto asco.

—Fique calma.

—Saia daqui, não quero que me veja assim.

Escuto os passos apressados de Sah, ela segura a minha cabeça e vomito dentro do meu sexto de lixo do banheiro, me seguro na beirada da cama, mas fraquejo, Jack me segura pelo tronco e vomito ainda mais. Sinto vergonha, medo, pavor, nojo, tantas coisas, mal sei explicar em palavras sobre essa sensação, minha cabeça gira e gira para aquela noite, para os piores momentos da minha vida, para dor que eu senti, para o momento em que aquele homem nojento abusava de mim. Meu corpo dói ao lembrar do jeito como ele me forçou, tento puxar o ar, mas ele não vem, e me forço novamente, Jack me puxa para o seu colo, me abraça e estou protegida, acho que a Sah anda pelo quarto, depois ela sai, ela fica apavorada quando eu tenho essas crises, mas ela sempre vem quando eu chamo, faz quase um ano desde a última.

Choro bastante, preciso colocar para fora.

Não falo nada apenas choro, sinto o abraço sufocante de Jack e isso me basta, é o que eu preciso, só preciso que ele esteja aqui, ao meu lado.



Alguém falou para minha mãe que eu passei mal, quando acordo ela está no pé da minha cama, preocupada, não falo nada, funciona bem quando estou assim, me sinto mal com tudo, mas não quero que ela se preocupe comigo, nem que comece as perguntas, acho que sempre escondo bem isso da minha mãe, por isso ela nunca percebe quando eu estou realmente mal.

Um médico veio mais cedo, me examinou e me deu um sedativo, eu não queria dormir, mas o calmante me deixou basicamente dopada, acho que dormi tanto que Jack já foi, estou mais calma agora, olho pela janela, já anoiteceu, eu nunca surtei assim perto dela, e sei que pelo seu semblante preocupado, ela não está bem.

Ela se aproxima e se senta de frente para mim, Sah está cuidando de tudo, o Nando veio uma vez eu acho, também senti várias vezes beijos na minha cabeça, estava com aquela sensação de que a todo tempo alguém me observava, não queria largar ele, mas então Jack saiu, e depois disso, tive certeza de que ele havia ido embora.

Tudo isso por minha culpa.

—Filha...

—Não quero falar, mãe.

Ela entende, e me oferece o colo, coisa que não acontece há uns quatorze anos mais ou menos, aceito, e me sinto mais próxima dela, choro um pouco, mais por medo que tudo, mas o sedativo surte efeito, então, não estou tão agitada quanto antes.

Fecho os olhos e tudo o que mais desejo é esquecer, Sah se aproxima e me oferece um chá, mamãe está tão preocupada que me sinto até meio irresponsável pelo seu estado de nervos, ela começa a chorar, me ergo, e percebo que não é apenas por preocupação, olho para Sah ela abaixa o olhar, a não, Sah...

—Ela tinha que saber, Duda.

Ela não tinha que saber, não precisava saber, por isso eu faço questão de esconder tudo isso dela, mamãe não merece isso, ela não merece um desgosto tão grande.

—Mãe, eu estou bem.

—Deveria ter falado. —Mamãe não para de chorar um segundo. —Por que não falou? Filha eu, eu teria mandado prender ele.

A Senhora não sabe de todas as coisas ruins que ele me falou na época,

mamãe, não sabe das ameaças, de todo o horror que eu passei, e se depender de mim, não vai saber disso.

—Eu estou bem. —É o que eu consigo falar.

Mamãe me abraça, acho que no fundo ela está arrependida por tudo, desde o momento em que falei que estava grávida, passei a ser um estorvo na vida dela, não que me sentisse diferente disso algumas vezes, mas ela já deixou bem claro desde o começo que nunca mais seria a mesma coisa.

—Contou para ele?

Faço que não, não quero que Jack saiba disso, é vergonhoso demais, ele já tem muitos problemas, muitos traumas, toco o rosto de mamãe, contudo, é péssimo vê-la chorar.

—Mãe, me desculpa.

—Duda, não tem que se desculpar, eu tenho, eu fiz tanto mal para você, eu magoei você sempre.

—Não queria que sofresse, você é tudo o que eu tenho sempre, tinha medo que me obrigasse a tirar o Nando, eu o amei desde o primeiro momento em que soube.

—Eu sei disso, me sinto tão culpada.

Ela me aperta, e estou de novo me sentindo um pouco melhor, ainda estou um pouco grogue.

—Ele já foi?

—Teve que ir —Sah fala com muita paciência. —O que ele falou para te deixar assim?

Não posso falar, olho para mamãe, depois para minha melhor amiga.

—Nada, eu apenas comecei a me sentir mal, fiquei nervosa, eu acho.

Sah sabe que não, mas ainda não estou pronta para falar para ela sobre toda essa história do passado de Jack, eu mesma não estou pronta, achava que estava pronta para lidar com tudo, mas é um passo que está muito além do que a minha perna consegue dá, tenho medo, tenho pavor disso, o melhor que posso fazer agora é pensar com calma, tenho duas semanas, essas semanas me servirão para refletir sobre tudo, assim eu espero.





Nível 11 Da Obsessão

Olho em volta, respiro fundo, todo esse lugar me dá tanta paz, que mal sei descrever.

Sah está tomando sol ao lado de seu novo namorado, mal tivemos a chance de conversar, mas pelo jeito, ela e Alejandro tem bem mais incomum do que imaginam, eles dois não param de conversar um segundo. Me senti sufocada com esses dois no caminho até Angra, eles falavam em inglês e berravam a todo momento, não quero nem lembrar do momento em que ele e Sah começaram a cantar sucessos dos anos 80, Alejandro é jovem, lindo, e até divertido, ao menos com a Sah, ele não desgruda dela, e eu não sei como ela não se sente sufocada.

Estou morrendo de ciúmes.

Mas ao mesmo tempo me sinto grata, porque por agora não preciso dar explicações, tenho o meu silêncio, onde posso me esconder e meus pensamentos estão muito confusos para eu poder ter algum tipo de conversa com Sah.

A casa de praia que eu adoro está bem diante dos meus olhos, é uma casa enorme de dois andares, tem uma área cheia de redes e pufes, mas como esteve desocupada—antes do pai da Sah comprar—, está descaracterizada, tivemos que trazer colchões e bastante comida para o fim de semana. Nando está embaixo do guarda sol com seu HP A Câmara Secreta, ele basicamente devorou o Pedra Filosofal no caminho até aqui.

Suspiro, esse lugar me dá tanta tranquilidade, ele é o refúgio perfeito.

Se um dia eu tiver bastante dinheiro, vou querer comprar um lugar assim,

quem sabe? Sonhar não paga.

Mamãe não queria que eu viesse, ela estava preocupada demais comigo hoje de manhã, mas eu sei que não suportaria ficar lá em casa, olhando para cada canto e não “ver” ele, não o sentir perto de mim, saber que Jack não estava lá comigo quando precisei—e queria muito—, foi doloroso e triste.

Acho que assustei ele com a minha segunda crise de nervos que tive desde que o conheci.

Me levanto, preciso dar um mergulho, espairecer.

Entro na água, fecho os olhos, as ondas aqui são calmas e a água é lícida, a ilha é isolada, e essa parte é o paraíso na terra, nada de turistas, nada de barulho, apenas o céu, o mar, e as matas que nos cerca dos lados, rochas, e essa beleza estonteante atrás da casa.

Aqui não tem sinal de internet, mas tem telefone fixo, deixamos o número para o caso de mamãe ligar, mal chegamos e o telefone tocou, ela perguntando se eu estava bem, deixei ela realmente preocupada, mas quero que ela entenda que não sinto como se precisasse de sua pena, nem de compaixão, acho que no fundo, era o que eu menos queria dela, tinha mais medo que sentisse pena de mim do que raiva. Escolhi sua raiva, porque não suportaria que mamãe me olhasse daquela forma sempre, o jeito como me olhou hoje de madrugada.

Talvez esse isolamento sirva para alguma coisa.

Estou de férias, nunca tive a chance de estar num lugar assim sem ser a visita, sei que sendo do pai da Sah, estou basicamente em “casa”, contudo, não consigo relaxar, não completamente.

Respiro fundo, lembro da proposta de Jack e afundo, prendo a respiração ao máximo, tentando afastar o problema, esquecê-lo, sei que as coisas não são assim, e também sei que mesmo que eu tente fugir, quando eu voltar para a realidade, o problema ainda estará aqui, presente, me incomodando do mesmo jeito.

Como posso aceitar tudo isso sem surtar? Como alguém pode se “submeter” a algo assim naturalmente? Uma pessoa normal com certeza não aceitaria.

Eu sempre tive a mente bem aberta para muitas coisas, sou adaptável, mas não entra na minha cabeça que alguém se sinta bem levando uma surra ou batendo em alguém, é algo do qual acho—estou convicta disso—que nunca

será bom, nem para quem apanha, nem para quem bate.

Será que aquela vadia não sabe distinguir entre o que é bom ou ruim? Como ser alvo da raiva ou frustrações de alguém pode ser algo bom? Que tipo de mulher adora apanhar? Esses caras não ouviram falar em Maria da Penha? Isso realmente é algo que pode machucar o outro!

Minha mente gira, e gira, estou boiando, olhando para o sol quente, o céu limpo e claro, mas a minha mente está uma baderna.

Escopofobia, Sadomasoquismo, Submissão, Casamento, mudança, Condessa, Raymond, e toda a carga que isso me traz, mas não só isso, a proposta de Jack. Fecho os olhos ainda inquieta, imagino um vibrador, uma algema, um plugin—não sei memorizar bem essas coisas—e eu, e um homem, o meu homem—que não faço a mínima ideia de como é fisicamente—me batendo.

Abro os olhos, estou olhando fixamente para o horizonte, meus medos fazem com que eu estremeça um pouco, me abraço, não sei tanto sobre essa coisa toda quanto deveria, nunca me interessei por esse mundo, Jack, no entanto, é um homem que já viveu quase de tudo, e ele só tem 26 anos, ele já passou por coisas piores do que eu, mesmo que isso não justifique, porque pessoas em todo o mundo passam por coisas terríveis, mas preciso compreendê-lo.

Não há outra forma, senão tentar saber lidar com isso, estamos casados, agora vou mudar para um apartamento que é dele, é um grande passo na minha vida, e eu prometi para ele que não o deixaria.

Mas não quero ficar presa a promessa somente, quero poder cumpri-la sem que isso seja como alguma espécie de obrigação para mim, no começo ele basicamente me forçou a tudo, agora as coisas mudaram, e eu estou mais próxima dele que tudo.

Ele falou que está apaixonado por mim, ainda não acredito muito nisso, porque afinal, quem em sã consciência se apaixonaria por mim? Isso nunca aconteceu antes, ninguém nunca falou isso, e só de lembrar, me arrepio toda, mas são arrepios bons, mesmo que dentro do meu coração me negue a isso.

Foi tudo tão rápido, em duas semanas.

—Mãe, você entrou de roupa?

Não me dei conta, me olho, ainda estou com o meu jeans e camiseta, fico sem graça, e saio devagar, Nando vem com seu calção de banho vermelho

estampado, um sorriso enorme que me dá um pouco de felicidade.

Estou cheia de portos seguros.

—Mãe, por que você não coloca um biquíni?

Estou cheia de mordidas, marcas que aquele homem deixou em mim, não posso.

—Melhor não, você passou protetor?

—Aham, a tia Sah disse que está com fome.

Reviro os olhos, claro, para quem iria sobrar?

—Vou preparar o almoço, então, não saia de perto da tia Sah, ok?

—Tudo bem, mãe, o Jack disse que volta logo, já estou com saudades dele. Eu também!

Beijo sua cabeça e lhe dou meu maior sorriso, o meu filho não tem culpa de nada disso, ele não me pediu permissão para vir, mas ele está aqui e eu o amo mais que tudo, ficaria arrasada se o Nando sofresse de alguma forma por minha culpa.

—Ele vai voltar, também estou com saudades dele.

—Entreguei a cartinha para ele.

Nando segura a minha mão, andamos devagar, ele em seu passo mais curto e meio tropeço, os cabelos cacheados desgrehados, preciso mandar cortar um pouco dessa cabeleira.

—Vamos cortar o cabelo na segunda.

—De novo?

Ele odeia cortar o cabelo, desde que era pequeno sempre deixou isso claro, mexo na cabeleira castanha, e ele vai correndo para cima de Sah e Alejandro, o irmão de Jack é tão branco que dá um pouco de gastura, mas de longe pode impressionar quem quer que seja, ele usa um calção azul escuro grande, e óculos de sol, a forma como ele sorri denuncia o quanto está feliz de estar aqui.

Alejandro tem depressão, mas ele parece normal, apenas parece, acho que só conseguimos conhecer a pessoa a fundo, quando convivemos.

Como alguém tão rico e bonito pode ter depressão? Alguém jovem, com uma vida inteira pela frente, pode viver querendo a morte? Se eu tivesse metade dessa beleza e dinheiro, eu provavelmente seria muito mais feliz do que sou, teria um emprego melhor e eu seria bem mais feliz.

Garanto, para qualquer pessoa no mundo, a aparência é o que mais conta, mas para os homens dessa família—complicada—, pelo visto, isso é o de menos, não parei para me perguntar sobre isso, será que Jack se acha feio e por isso tem medo que as pessoas o vejam?

Sah beija o rosto de Alejandro e fala algo para ele, depois ela levanta usando um maiô enorme que eu nunca vi na vida, ela vem na minha direção com seu óculos Ray-ban grande e um belo sorriso, ao menos está contente.

—Te ajudo com a salada.

Salada, vou ficar verde de comer salada.

Mas nem digo nada, vamos em silêncio para casa, aqui basicamente não tem móveis, apenas o básico, a casa é enorme e ventilada, o piso é de porcelanato e não tem paredes no andar de baixo, é tudo no blindex, o que dá ao lugar um charme ainda maior, mas se eu fosse dona dessa casa, lotaria ela de quadros, fotos do Nando, aquelas pinturas de mão que ele fez no primeiro aninho na creche, sou muito apegada a isso, nessa sala teria uma TV enorme para ele ver, sofás grandes, e na sala de jantar uma mesa com uns dez lugares, para todos se sentirem bem à vontade na hora do jantar.

Entramos na cozinha, Sah já tinha colocado tudo perecível na geladeira, ela trouxe tudo o que tinha lá em casa e antes de irmos, passamos no mercado. Alejandro não deixou a gente pagar nada, passou tudo naquele cartão preto dele, acho que as compras do fim de semana deram quase quinhentos paus, achei um exagero, mas pensando bem, como ficaremos aqui até na segunda e é praia, tudo aqui pode ser bem aproveitado.

—Você está melhor?

—Estou.

Sah me abraça, beijo na bochecha dela, quero que ela fique bem com seus problemas também, ela e eu estamos nisso juntas, e pelo visto, bem mais próximas do que imaginei.

—Gosto dele, é prático, apesar de algumas vezes ele me sufocar.

Já sabia disso, ela odeia caras grudentos, eu, eu acho que estou começando a sentir falta do meu sufocador particular.

—Jack falou alguma coisa sobre ele?

—Não magoe o Alejandro.

—Ele falou isso?

—Não, eu estou falando, ele é diferente dos caras com quem você sai.

—Eu sei, eu já percebi que ele é diferente.

Ela sobe na pedra, está mastigando uma folha de alface, nego, você não sabe nem da metade, Sah.

—Duda, por que você está de roupas ensopada fazendo comida?

Olho para ela, jogo uma cenoura em sua direção, Sah ri.

—Gostamos de algumas coisas, mas o Alejandro é muito travado.

—Ele é tímido.

—É, mas ele também é muito gostoso.

Jogo outra cenoura nela, Sah me encara meio maliciosa.

—Não vou negar.

—Não vai negar o que?

—Acho ele um gato.

—É? E isso é o suficiente para ir para cama com ele? Sarah, não acha que já está na hora de você ter algo mais sólido na sua vida?

—Estou namorando um cara que não sabe nem beijar...

—Ele é virgem!

Sah para de sorrir, e empalidece, os ombros dela caem, e ela fica boquiaberta me encarando, é bom mesmo que ela tenha muito cuidado com o irmão do Jack, não quero mais problemas para minha vida.

—Ele é...

—É, Jack me falou, e tome cuidado para não magoar ele, Alejandro tem depressão e ele precisa de uma pessoa que tenha uma estrutura firme ao lado dele.

Sah faz uma careta, respiro fundo tentando me concentrar nas folhas que lavo, estou impaciente, nervosa, e eu não sou assim, só estou esperando a minha melhor amiga me dar um bom motivo para que eu exploda para sumir de vistas.

—Está assim por causa dele, não é? Ele te machucou na hora do sexo...

—Não Sah, ele não me machucou, ele se declarou para mim, ele disse que está apaixonado, mas isso é demais para mim, estou tão farta dessa situação.

—Pensei que estivesse feliz.

—Eu estou.

—Então o que é?

—Jack teve um passado bem conturbado ao lado de Condessa.

—Quem é Condessa?

—Soraya!

Ela fica boquiaberta, chocada na verdade, olho pelas portas entreabertas que dão para o quintal daqui, tem várias plantas e pés de bananeiras, o lugar já vai dando início para a mata, gostaria de fazer um pequeno passeio mais tarde, quem sabe assim não reflito mais sobre tudo?

—Porque ela rejeitou ele?

—Porque ela é uma louca!

—Como se o Jack fosse normal.

—Acredite, a doença dele não chega nem aos pés da doença dela.

—E ele se declarou, aí você surtou.

—Ele disse que está apaixonado, ora, por mim, aquele merda!

—Está brava com ele por isso?

—Claro que estou, é como se dissesse: eu te amo, e em troca me pedisse para lhe dar uma chicotada!

Não olho para Sah, abro a bolsa onde colocamos os talheres e pratos, pego a faca, indico as bolsas onde trouxemos tudo, ela começa a desmontar, mas fica me olhando com cara de taxo, sei que ela está morrendo de curiosidade, já comecei, mas não sei se sou capaz de terminar, eu nem deveria ter tocado no assunto.

—Você não vai falar?

—Ele era submisso dela.

—Ah Meu Deus!

Eu sabia que ela reagiria assim, sabia, ela fica achando tudo isso tão, legal, odeio quando a Sah age como se a vida dela fosse um filme erótico, eu bem queria um garoto virgem disposto a casar comigo, na vida real isso é quase impossível, não gostaria de um homem que adora apanhar, um homem que tem uma ex louca, e um homem que se diz apaixonado por mim, mas em troca quer algo que não posso lhe oferecer.

Também não sei se conseguiria oferecer amor, eu não sei o que é isso, eu nunca me apaixonei na minha vida.

—Fala Tudo!

—Odeio você!

—Ele era submisso dela e...

—E eles dois praticavam sadomasoquismo, ela o submetia a isso, e Jack a amava profundamente. —Sinto ódio de contar isso. —Por isso ele ficou com ela, porque achava que nenhuma mulher iria querer ele com sua doença.

—Isso é fantástico. —Sah se recosta na bancada toda maravilhada. —Meu Deus, Maria, você encontrou o cara perfeito.

—Perfeito? —Você é louca, Sah. —Você faz ideia do que está acontecendo na minha vida?

—Claro que sei, você encontrou alguém que vai te ajudar a se descobrir, explorar a sua sexualidade, alguém com quem nunca viverá na mesmice— Sah explica, seu ponto de vista esdrúxulo. —Sabe quantas mulheres no mundo gostariam disso? Um homem que faria tudo por elas?

—Ele não é assim, ele é difícil.

—Ok, mas, ele está disposto a ser o seu submisso.

Não sei o que isso significa, Sah, que droga, pare de sorrir, de agir como se isso fosse normal, porque não é.

—Eu estou cercada por loucos. Meu Deus, eu não mereço isso.

—Vou te dar uma ideia mais tarde, vou te explicar tudinho, preciso montar algo especial para minha aula.

Fico assim, absorta com essa cara dela toda feliz, mostro a faca e sou ignorada, eu não acredito que a Sah está reagindo assim, mas o que eu poderia esperar dela? Bem, ela nunca me falou sobre algum tipo de coisa parecida, sei que ela é muito experiente, ela vive a vida de uma forma banal —ao meu ponto de vista—e um pouco libertina demais, ela provavelmente já deve ter feito de tudo com um homem na cama, deve entender dessas coisas.

—Hei, o Jack está falando para você ligar a internet do seu celular.

Olho para ela, Sah está mexendo no celular toda sorridente, ouço o som dos passos apressados de Alejandro, pouco depois ele entra rindo com o Nando em seus ombros, observo todo o físico impressionante dele, não é musculoso, mas tem a barriga reta e o peito bem firme, nada de pelos, acho que isso é de família, ele sorri para Sah, que de animadinha fica mais séria, ela fala algo para ele em inglês e se aproxima, observo algo que quase nunca vejo, ela sendo carinhosa com alguém, ela o beija de leve, e sinto um pouco de inveja da forma como ele a observa, os olhos dele brilham.

—Então. —Sah respira fundo. —Vamos preparar o almoço com a

colaboração dos garotos.

—Não entendi?

—Alejandro, vai pegar uns cocos nos fundos, a Sandy estipulou uma dieta para nós, vamos seguir à risca.

Que legal!

Alejandro sai correndo e escuto os berros de Nando rindo, acho que ele nunca esteve tão feliz na presença de outros homens além do Van, Sah me cutuca e indica a minha bolsa, deixei ela em cima da geladeira.

—Agora!

Claro, Claro, as ordens!

Me irritado, pego o celular e ligo a internet, pensei que aqui não tinha internet, Sah volta a lavar as folhas e pega uma folha branca de dentro da bolsa dela, não sabia que a Sandy podia receitar dietas, mas acho que foi algo combinado entre elas, Sah quer voltar ao trabalho enxuta.

O Celular vibra e vibra, fico com medo de abrir as mensagens, meu último contato com o mister “M” não foi dos melhores, suspiro, prometi que não ficaria sem respondê-lo, e também já conheço Jack, eu não estou pronta para ele aparecer do nada no banheiro mais próximo, mesmo que isso me deixe imensamente feliz, sinto que precisamos desse tempo, o tempo que eu pedi no começo.

“Oi, bom dia”

—Bom dia! —falo para o celular, vou me sentar na mesa, Sah está preparando a nossa salada, acho que não quero me preocupar com isso agora, mal sinto fome.

“Espero que já tenham chegado”

“Tive que sair mais cedo, me desculpe”

Ele sempre me responde desse jeito formal quando estamos “brigados”, mas não sei se estamos exatamente brigados, eu apenas fiz uma recusa e em seguida surtei, isso é tão eu!

“Espero que esteja bem”

“Alejandro cuidará de vocês na minha ausência”

“Já chegaram”

Poxa Jack, você mandou várias mensagens com intervalos de dez minutos cada, como esperava que eu saísse da baixada fluminense de carro, depois

tivesse que pegar uma lancha num percurso de quase quatro horas e tivesse chegado tão rápido? Caralho!

“Desculpe, estou nervoso”

“Queria poder ter ido com vocês”

“Vida, me desculpe por ontem, acho que lhe fiz um grande mal com a proposta”

Me apoio no cotovelo, estou de novo sorrindo, acho que é isso o que eu gosto nele, Jack erra, erra, mas ele tem alguma humildade para se desculpar.

“Esqueça isso, por favor”

“Apenas quis lhe mostrar o meu mundo, mas esse mundo ficou para trás quando te conheci, você me mostrou isso, você e o Fernando, não preciso disso, tenho você”

“Vida, responde”

Dois minutos depois.

“Está bem, depois falamos”

Dois áudios, coloco os fones.

—Estou em Paris, queria que estivesse aqui comigo, vocês dois.

Também queria estar aí com você, Jack.

— Sinto falta de vocês, acho que te trago na próxima, mesmo que não queira.

Subo os áudios e uma foto carrega, demora, demora, estou muito curiosa já. Então, diante dos meus olhos, entre o vidro preto de um carro, vejo bem distante a torre Eiffel. Suspiro, meus olhos brilham, gostaria mesmo de ir a um lugar assim, Jack tem oportunidades incríveis que eu nunca tive em toda a minha vida.

“Na próxima será ao vivo”

O celular continua vibrando e desço a tela. Aparece a indicação de que ele está digitando e logo chega outra mensagem..

“Ainda está furiosa comigo? Por favor, diga que não”

Respondo tão rápido que mal vejo.

“Não, não estou”

“Você demorou muito”

“É longe de onde eu moro, em outra cidade”

“Eu sei, cadê o Nando?”

Levanto, vou até a janela e tiro uma foto do Nando tentando juntar os cocos que Alejandro derruba com uma vara, envio, Jack visualiza e responde.

“Inveja desse merda”

Sorrio.

“Não fale assim do seu irmão”

“Desculpe, você está melhor?”

“Sim, estou bem, sinto sua falta”

Acho que apesar de tudo isso, queria que ele estivesse comigo, bem, sem os problemas, apenas Jack, mas isso é impossível.

“Eu sinto sua falta também, conversei com Sarah, achei melhor que vocês ficassem por aí essa semana, Sandy irá com Joseph para que não perca as aulas”

Fico meio chocada, como assim?

“É bom que você desliga de tudo, pensa com calma”

“Uma semana é muito, Jack”

“Sem discussões”

“Jack, a Sandy e o Joseph tem as vidas deles para cuidar...”

“Não discuta, Sandy é minha prima, ela é muito bem paga para isso, o seu padrasto está por conta da academia, Joseph é um grande amigo, ele está no Brasil somente para isso, por favor, não discuta”

Respiro fundo, não quero discutir, acho isso absurdo demais, eles tem as vidas deles, seus compromissos e suas particularidades, ainda mais, eu, ficar uma semana em Angra, claro, tudo o que eu mais cobiço, eu só estive aqui uma vez, e amei, adoro essa ilha, mas não pensei numa estada a longo prazo.

“Vida?”

“Ok.”

Mando um emoji revirando os olhos, Jack manda um emoji mostrando os dentes, não faço a ideia do porquê estou sorrindo, bloqueio o celular. Uma semana em Angra, tem algo mais que eu poderia querer nas minhas férias?



Sah tagarelou durante todo o almoço, mas não foi dos piores, ela fez uma salada divina de rúcula, alface, cenoura ralada, fatias de tomate e pedaços de manga e maçã, eu preparei uma omelete de acompanhamento e ela fez aquele suco gostoso de água de coco com hortelã que eu estou aprendendo a amar. Alejandro foi silencioso, mas ele mal tirava os olhos dela, depois do almoço nós duas subimos para arrumar os quartos.

—Esse vai ser o quarto da Sandy.

—Você já sabia?

—Não, ele me avisou assim que chegamos, Sandy e Joseph vão trazer mais colchões e mais comida.

—Ah sim, né?

—Aí, para de ser orgulhosa.

Não é orgulho, é o certo.

Mas nem respondo, vamos abrindo as janelas dos quartos, tirando os lençóis dos poucos móveis que tem aqui, escolho um quarto no fim do corredor para mim e para o Nando, é grande, mas não muito, tem duas camas de solteiro e os guarda roupas são embutidos, banheiro, a vista daqui é maravilhosa e única, subo no batente do janelão, dá para ver apenas o Mar daqui, dos lados as rochas onde as ondas quebram intensamente.

Já é fim de tarde, não resisto, tiro uma foto da vista e envio para Jack, ele ainda não está “online”, mas quero que ele veja o quanto esse lugar é perfeito, ele não visualiza, mas não estou assim tão ansiosa, sei que ele está trabalhando muito.

Lembro do que Sah me disse sobre Jack poder tirar dois dias da vida dele para ficar comigo, ele tirou vários dias, ele não me largou um segundo, deve ter muitas coisas para fazer.

—Pronta para nossa aula?

Que aula, Sah?

Ela nem esconde o entusiasmo, vai me puxando pelo corredor, está empolgada e alegre, e eu não acredito que estou dando ouvidos a ela.

—Sah, o que você pretende?

—Te mostrar as vantagens de ter um submisso, eu já até achei um conteúdo legal na internet.

—Sah, onde você arruma essas coisas?

—Com a Silvana do Rh, ela é viciada nesse tipo de coisa.

Silvana, a velha fiel que trabalha com o seu pai há trinta anos? Fico incrédula.

Sah me empurra para dentro desse escritório, é grande e as janelas já estão abertas, tem uma mesa e uma poltrona empoeirada, na mesa um note, Sah já até colocou duas cadeiras diante do note para nós duas, eu não acredito nisso!

—Você vai assistir um vídeo agora de sado, você precisa ter a mente aberta!

—Mente aberta!

—Aí, Duda, não leva muito a sério, é pornô, mas tem sado, enfim, tente sobreviver.

Não gosto desses filmes, acho isso meio agressivo e muito... explícito.

Sah sabe disso, mas ela é tão desvairada que não liga, ela aperta o play, então o letreiro preto aparece, olho para ela, sei que estou ficando vermelha, Sah sorri de um jeito muito natural, os dentes branquinhos e grandes.

—Relaxa!

Não quero.

Mas me viro para o note—eu ainda não acredito que faço isso—, a primeira cena começa com uma atriz já pelada e deitada numa posição totalmente explícita, os pulsos da mulher estão amarrados nos tornozelos dela, tem cordas prendendo os seios dela com tanta força, que estão roxos, ela está totalmente exposta, dá para ver até a alma dela, é branca demais, é um filme americano, engulo a seco, a cena não é tão degradante, mas é péssimo ver uma mulher assim, sinto um pouco de medo disso, mas enfim, já comecei a ver mesmo e conheço Sah, ela está empolgada, com a ideia fixa que eu preciso “aceitar” isso também.

Duvido que consiga.

O ator entra em ação, ele usa roupas escuras e é um homem magro e alto, não é feio, mas também não é dos mais bonitos, acho que o que importa para as grandes produtoras é o que ele tem embaixo das calças e não sua beleza. Ele carrega um chicote daqueles cheio de tiras, a mulher finge—é claro que está fingindo, ela é contratada para fazer isso—que está com medo, acho que isso excita mais os consumidores da indústria, pisco com a primeira chicotada que o homem dá no meio das pernas dela, a mulher grita e dou um pulo na cadeira, Sah está tão vidrada que mal nota isso.

Fico observando a sessão de tortura em silêncio, mas vejo que ele não chicoteia com tanta força, a mulher treme e grita com a tortura, o meio das pernas dela está vermelho demais, o homem se ajoelha diante dela—coro—e começa o sexo oral insultando ela diversas vezes por palavrões como “vadia” “vagabunda” “prostituta”, e ela geme alto se contorcendo, acho que está no primeiro orgasmo, mas reage tão exageradamente que sei que finge um pouco.

Ele a vira de costas e abaixa a calça, arregalo os olhos, meu Deus, isso é de verdade?

—Adoro o jeito como ele olha para ela.

Tem um jeito dele olhar para ela? Presto atenção no semblante do ator, ele tem uma cara de safado, mas está sério, concentrado, a boca dele se contorce num sorriso pequeno e mal enquanto enfia essa coisa enorme na bunda da mulher, ela mal consegue se equilibrar de joelhos na cama.

—Vê como eles dois sentem prazer?

—São contratados para enganar.

—Alguns atores gostam disso.

Não justifica, me volto para o filme, como alguém consegue aguentar algo desse tamanho entrando por um buraco que foi feito apenas para colocar para fora? Fico estarecida com as investidas dele, depois ele tira e puxa a mulher pelo cabelo—lembro de algo e fico ainda mais vermelha, já fiz isso—, coloca a mulher para chupar ele, quero me abanar, mas apenas pela minha lembrança, não vi nada, mas sei que foi exatamente assim com Jack.

Quando acaba o oral, a próxima cena começa nele pisando na cabeça dela enquanto transam perto de uns cavaletes, ele cospe nela e fala de novos palavrões, ela agradece a cada segundo pela chuva de humilhações, isso excita o ator, os dois parecem ter alguma química—mesmo que pareça fingimento, é claro—, ele enfia o pé na boca da mulher e ela faz vomito enquanto lambe, isso é nojento.

A próxima cena começa com ela em cima dele de frente para câmera, ainda amarrada, gritando com tudo, a mulher não para de implorar para que seu “mestre continue” a meter em sua bunda, é menos pior do que vê-la quase vomitando com o pé de um marmanjo na boca.

Depois dessa cena começa a outra sessão de tortura, onde ela está pendurada pelas cordas, uma corda no tronco, as mãos para cima, e as pernas

também amarradas, o homem aparece já nu—sem graça—com um bastão na mão, é um vibrador, ele separa as pernas dela e coloca o vibrador lá, faz com que ela feche as pernas e pega um daqueles chicotes de bater em cavalos, então começa a bater nos seios dela com força, estala, e eu pulo de novo ouvindo o grito da atriz.

—Não é de dor, Duda, é de prazer.

—Não parece!

Sah está concentrada, e eu me pergunto seriamente se conheço mesmo ela, será que ela alguma vez já fez isso? Estou chocada só de pensar na hipótese.

Me viro para o filme, ele agora bate na mulher com uma palmatória, a mulher continua suspensa com o vibrador entre as pernas fechadas, ela implora para a que seu mestre a faça gozar, acho isso tão agressivo, mas ao mesmo tempo percebo um pouco de razão no que Sah disse, a mulher sente prazer, o filme termina com o homem ejaculando no rosto da atriz—para variar—, estou paralisada.

Sah abre o PowerPoint e uma foto de vibrador surge na tela, estreito os olhos para ela, até parece que eu não sei o que é um vibrador, cansei de ir no apartamento dela e encontrar algum dentro da gaveta das calcinhas, depois que o Nando fez cinco anos, ela parou de deixar essas coisas jogadas por aí.

Ela passa para o próximo, são bolinhas de metal, são medianas, isso eu nunca vi, parecem bolas de sinuca, porém, menores.

—Essas bolinhas são para você enfiar na xoxota...

—Sem palavras vulgares, por favor!

—Ok, você enfia as bolinhas na vagina, e fica com elas durante o sexo.

—Qual o intuito? —Porque estou curiosa, nunca vi essas coisas.

—Prazer, Duda, elas estimulam você, esquentam.

Entendi, ela passa para a próxima foto, parece uma correntinha com duas pontas em forma de prendedores, também não sei para o que serve, na próxima foto, uma mulher usa isso pendurado em seus mamilos, parece uma foto de venda do produto, poxa, eles vendem isso para que? Deve doer!

—Você sente os seios mais sensíveis e isso te deixa mais excitada.

—Isso machuca.

—Duda, esquece essa palavra, tudo aqui o que eu estou te mostrando é para você mudar as suas percepções.

—Não vou fazer isso.

—Vai, claro que vai, para de ser antiquada.

Ignoro, ela passa para próxima foto, parece um vibrador em forma de pênis, Sah explica que é um plug anal, é menor e transparente, achei curioso, na foto seguinte uma mulher usa um desses na bunda, respiro fundo, não entendo, mas já sei, vai ser uma longa tarde ao lado da minha melhor amiga louca, e pelo visto uma grande sadomasoquista.



—E então, o que achou?

—Eu ainda preciso entender tudo isso.

Principalmente depois da sessão com alguns vídeos de tortura intensa, as referências sobre Sado e Masoquismo, fotos de alguns equipamentos que eu considero de tortura—Sah alega que são de prazer—e eu consegui sobreviver a alguns vídeos em que homens enfiam mãos em lugares onde o sol não bate no corpo de alguém.

—Você precisa encarar tudo isso como algo que fará parte da sua vida.

—Não espere que eu aceite que um homem me degrade a esse ponto.

—Isso não é degradação, Duda, é apenas um estilo de vida.

—A mulher lambeu o sapato do cara.

—Aí, não exagera!

Odeio quando ela minimiza algo que é realmente de gravidade muito grande, ouvimos batidas na porta, sei que é o namorado da Sah, ela fecha todas as janelas no note e depois vai abrir.

Alejandro carrega duas canecas, pelo cheiro, é café, Sah agradece toda educada e aceita, ele fala algo em inglês para ela, e a beija na cabeça depois ele mesmo puxa a porta fechando.

Conheço esse suspiro de “fofo” que ela faz.

Pelo ou menos alguém está conseguindo resolver sua própria vida.

—Ele está lá embaixo jogando X box com o Nando.

—Aqui tem um X Box?

—Ele trouxe o dele.

—Você não dá sorte.

Gabriel é um viciado em jogos assim, desde a adolescência ele sempre curtiu esse tipo de coisa, bem, eu e Sah gostamos, mas crescemos e temos outros tipos de passa tempo, ele não, pensando bem, aquele cara nunca vai crescer.

—Alejandro sabe que eu não gosto muito, ele disse que só joga nas horas vagas.

E me entrega a caneca, bebo um pouco do café, está ótimo.

—Tenho um pouco de medo disso, ele não é um rapaz ruim, mas, eu também não quero ter que ficar com ele por algum tipo de pena ou obrigação.

—Explicou para ele sobre o tempo que precisa?

—Ele disse que não se importa, que gosta de mim e que entende que eu tive um namorado por ano.

—Um?

Ela mostra a língua para mim, porque sei que de santa a minha melhor amiga não tem nada.

—Como você conhece tanto sobre essas coisas?

—Você não sabe do que um homem gosta, Duda, nem sempre ficar na rotina é bom para um namoro.

—Gabriel é assim?

—Que Gabriel? Foi o louco do Lucas.

Lucas, o último namorado quase sério da Sah, ficaram juntos cinco meses e pelo visto, aconteceram bem mais coisas do que ela me contou, acho que na época, há uns sete meses, ela terminou com ele porque era ciumento.

—Ele gostava de joguinhos sexuais e tal, confesso que foi um namoro maravilhoso do começo até o fim.

—Você batia nele?

—Não tinha isso, na hora nós dois apenas fazíamos e pronto, usávamos alguns brinquedinhos, foi nessa época que eu me questionei sobre essas coisas.

—Que, que brinquedos, Sah?

—Algemas, cordas, plugs.

—Você já fez sexo com essas coisas?

—Sim, e não é tão ruim quanto parece, basta apenas que se acostume com

o seu parceiro.

Poxa, será que se isso não estivesse acontecendo, um dia ela teria coragem de me falar?

—Pensei que não guardássemos segredos?

—Duda, tem coisas que não dá para te contar.

—Por que?

—Você é muito antiquada e pessimista, as vezes você fala umas coisas que... me mataria de vergonha admitir que eu fiz.

—Por exemplo.

—Já transei com o Gabriel e mais uma outra garota.

—Ok, entendi!

Respiro fundo, Sah está vermelha, que caramba, como ela teve coragem? Será que ela não tem limites? O que a motiva a fazer essas coisas?

—Duda, fala alguma coisa?

—Não acredito que fez isso!

—Viu?

Não quero nem imaginar, mas, o que ela espera? Que eu ache muito normal transar com o meu namorado e mais uma mulher?

—Você tem que entender que as vezes as pessoas tem gostos diferentes e tal.

—Eu entendo que você é independente e adora a sua vida, mas isso não significa que deva fazer essas coisas.

—Foi a anos atrás, ele conheceu essa menina e ele queria muito isso, achava que se não fizesse, ele terminaria comigo.

—Os três juntos?

—Sem senso de pudor aqui, está bem? Não me julgue.

—E...

—Ela e eu ficamos juntas enquanto ele vinha por trás, ela era lésbica.

Sah!

Ela está vermelha até as orelhas, tenho medo do que essa estranha possa falar, levanto, essa conversa já foi bem longe.

—Maria, você precisa entender que cada um tem um jeito.

—Não é difícil entender isso.

—Então por que não se entrega a isso?

—Porque eu não tenho frieza para saber que isso causa dor em alguém, que a pessoa de alguma forma me machuca, isso não tem a ver só com senso de pudor, Sarah, isso tem a ver com o que pode se provocar na vida de alguém, eu não quero que Jack sinta por mim o que sentia por aquela mulher.

—Ele te ama.

—É? Bem, talvez o amor dele não valha tanto, talvez essa diversão não seja o suficiente para manter um casamento, uma vida juntos, você acha que quero ele me enforque igual o Jorge fez? Eu odeio esse tipo de coisa.

Ela não responde, sabe que eu tenho toda a razão.

—Você não sabe o que é ser obrigada a fazer algo assim, não sabe o terror que é ser submetida a algo doloroso e que te dá tanto medo, que você pensa que vai morrer.

Sah se aproxima, mas eu dou um passo, recuo, não preciso dessa pena que ela me oferece sempre—mesmo que me conforte e estou me sentindo ingrata por isso—, é algo que nesse momento, não ajudará.

—Desculpe Mah, só queria te mostrar que pode ser um pouco feliz com o seu marido, foi uma ideia idiota, me desculpe.

—Vou dar uma volta, cuida do Nando, por favor, e vê se não estraga nada!

Ela me olha com cara de choro, mas estou tão decepcionada com ela, por que eu me deceptiono? Sempre que Sah me fala que fez algo absurdo, eu fico brava com ela, não sou mãe dela, não preciso disso.

Saio do escritório e desço, passo pela sala e fico satisfeita em ver o Nando jogando muito distraído, Alejandro sorri, não devolvo o sorriso.

Preciso me acostumar com tudo isso? Eu preciso disso?

Eu não vou ceder ao que Jack quer, eu não vou seguir os conselhos de Sah, eu vou fazer as coisas ao meu jeito, eu sei que posso ser muito certinha e chata as vezes, mas vem dando muito certo para mim nos últimos dez anos, ou a minha vida toda.

Já tentei mudar várias vezes, ser alguém simpática e sociável, alguém do qual todos gostam—a garota legal—, já tentei me mudar muito pelos outros, mas não funciona, e dessa vez não.

Não quero que o meu futuro marido fique comigo por causa de algo pavoroso e abusivo, não quero que ele me ame e sinta como se eu devesse algo para ele por isso, não quero ser como Soraya, que pedia uma surra em

troca de sua atenção, como ele pode suportar viver mendigando o amor de alguém só para que a pessoa o aceitasse?

Eu o aceito, eu o quero mesmo sem ver ele, eu faria qualquer coisa no mundo para que ele percebesse isso, para que ele me quisesse apenas como sua esposa, quem sabe não desse certo?

Meu celular volta a vibrar, já estou bem afastada da casa, perto das rochas, estou chorando tanto, pego o aparelho no meu bolso, nem sei como não queimou uma vez que eu estava muito mais molhada mais cedo, acho que estou tão desorientada, que eu estou fazendo as coisas sem que perceba.

“É uma vista muito bonita”

“Trabalhando aqui”

“Tudo bem por aí?”

Fungo, minhas mãos tremem, gostaria tanto que ele não tivesse me proposto aquilo, gostaria de tê-lo conhecido primeiro, de ter sido sua primeira experiência de vida, para que ele não fosse assim, ele está digitando.

“Vida, estou com saudades”

Me sento na areia, e observo as ondas mais fortes ali na frente, já está quase anoitecendo, o fim de tarde aqui é magnífico e esplendoroso, no horizonte o sol já está sumindo, o céu adere a cor mais alaranjada, e o mar brinda mais um fim de tarde perfeito em Angra.

“O que houve?”

“Jack, você me ama?”

“Sim”

A resposta foi tão rápida que me assusto, olho para a tela e não sei por que perguntei isso, não estava preparada para esse sim, ele não falou “eu te amo” ele falou “estou apaixonado por você”, é a mesma coisa e não é.

“O que está acontecendo?”

“Eu gosto muito de você, mas não sei se quero isso”

“Isso o que?”

“Que façamos essas coisas”

“Já disse para esquecer”

“Se eu não fizer, você vai me largar”

“Maria, eu não vou te largar”

“Você não ficará satisfeito”

“Você não sabe o que está falando”

“Me desculpe, então”

“Você, me ama?”

“Claro que amo”

Não é impulso, não é algo de momento, eu sei que sim, por que me nego a esconder isso? Nunca senti isso por ninguém, eu nunca senti algo tão forte em toda a minha vida, mesmo que rápido e improvável demais. Meu celular toca imediatamente, é ele, estou morta de vergonha, mas atendo.

—Não demore.

—Desculpe.

—Por que está chorando?

—Porque eu não quero fazer essas coisas.

—Não faremos se não quiser.

Abraço as minhas pernas, acho que é a primeira vez em toda a minha vida que estou mais nervosa que nunca em falar eu te amo para alguém, para mim é espontâneo com o meu filho, com a Sah e a Júlia, com mamãe muito raramente, para o Van nunca!

—Estou esperando, Maria!

—Eu amo você!

Ele suspira com força, daquele jeito que faz quando fica muito estressado ou nervoso, meu coração também está dando pulos fortes, eu nunca falei isso para homem nenhum na minha vida, achei que se um dia dissesse, seria pessoalmente e em um momento muito romântico, bem, começamos de forma diferente, e os nossos momentos são muito diferentes também, em todos os sentidos.

—Estou numa reunião —ele está falando muito baixo. —Eu te chamo assim que sair.

—Está bem.

—Fala mais uma vez?

—Pedante!

—Maria?

—Eu te amo, Jack, até mais.

E desligo, não acredito que disse isso, mas estou aliviada, ainda fico alguns momentos aqui, me acalmo, depois decido voltar. Sah já está na varanda me

esperando, a cara de choro de sempre, acho que eu faço ela se sentir tão culpada, que ela não consegue segurar, ela vem correndo para me abraçar e não recuso seu abraço, acho que já está na hora de eu parar com isso, para o bem de qualquer relacionamento que eu tenho ou venha a ter.

—Vamos, temos dois homens para alimentar!

—Duda...

—Sah, não!

Ela sorri, acho que ela entende e aceita o meu jeito mais do que qualquer outra pessoa no mundo, entramos, meu primeiro dia em Angra está chegando ao fim, meu dia estressante e louco em Angra está acabando.



Primeira Semana

Não consegui dormir direito, quando acordei, o Nando já estava fora da cama, abracei o travesseiro e curti a preguiça, mas levantei logo, sei que a Sah provavelmente queimaria essa casa toda se eu a deixasse preparar o café.

Ontem não tive muito apetite, nem paciência, estava tão inquieta, ficou pior pelo fato de que Jack não me respondeu.

Olho para o celular agora enquanto preparo o café da manhã, nada, ele não ligou, ele não mandou mensagem, Jack Carsson, onde você se meteu?

Em Paris, trabalhando, Vaca!

Ah, mudaram os palavrões, que fofo!

Gostaria muito que ele estivesse aqui comigo, Coloco a mesa ouvindo música no meu reproduutor. Alejandro aparece, calça de moletom e uma camisa folgada de malha fria, os cabelos dele parecem um ninho de rato e ele usa um óculos de grau quadrado, a juventude, ele parece um adolescente assim, Sah vem atrás usando uma camisa dele, desvio o olhar, acho que alguém andou perdendo a virgindade ontem.

—Não faça essa cara, ainda não aconteceu! —repreende Sah, mal-humorada, ela está falando num tom baixo e muito discreto. —Acredite, não é fácil fazer isso.

—Sei.

Acredito nela, mesmo que não devesse, ela não esconderia isso de mim, depois ganho um aperto e ela está fuçando a geladeira, pegando o queijo e o pão de forma.

Gostaria que Jack estivesse aqui, se ele estivesse aqui, talvez eu não o visse, mas ao menos o teria por perto.

Alejandro joga o celular na mesa e vai para o lado da Sah, eu os observo, claro, ela é um pouco mais velha que ele, são bem diferentes. Sah é morena, cabelos lisinhos e finos na altura da cintura, a cor da pele dela tem o bronze das praias cariocas, olhos castanhos lindos, nariz—fruto de uma plástica—bem pequeno e delicado, lábios cor de rosa, e ela é muito magra. Alejandro é alto, acho que uns 1,80 mais ou menos, tem a pele branca demais, cabelos castanhos escuros, olhos azuis claros, o rosto desenhado por um deus, lábios pequenos e avermelhados, e ele quase não tem barba, o nariz dele é afilado e bem erguido, tem sobrancelhas escuras e grossas, mas não muito, e as bochechas dele são meio rosadas, acho que devido ao fato de que tomou muito sol ontem, mas... eles dois combinam!

Acho que se um dia tiverem bebês, serão extremamente lindos.

Sah fala com ele enquanto prepara os mistos, ele mastiga um pedaço de queijo com muita paciência, ela fala demais, não para de conversar um segundo, acho que ela está um pouco nervosa com tudo. Depois de ontem, nós não conversamos, acabei subindo mais cedo para o meu quarto, o que eu queria era poder esquecer tudo o que passei nos últimos dias. Acabei perdendo o sono várias vezes, fiz algumas orações, conversei com Deus—faço isso sempre, apesar de não ter religião alguma—e pedi alguma orientação, também tive pesadelos horríveis com Jorge, não gosto de lembrar. No sonho ele me perseguia, e eu estava apavorada demais para correr, antes,

eu tinha muito medo desses pesadelos, hoje eu tento apenas ignorá-los, não me atingem assim já há um tempo, mas culpo meu estado emocional—abalado—, por estar tão frágil.

Coloco a garrafa de café na mesa e o achocolatado do meu bebê num copo, Nando vem já com o calção de banho e sua bota, basicamente correndo, fecho a cara, ele para e anda mais devagar, ele abraça Alejandro e depois a Sah, então vem para mim com um sorriso coberto de amor, aperto ele e mostro seu lugar ao meu lado, Alejandro sorri para o meu filho, é obvio que gosta do Nando, quem não consegue gostar dele?

Sah espreme algumas laranjas enquanto seu novo namorado faz os mistos à moda antiga—com aquelas torradeiras de ferro que Sah achou num dos armários—, bebo meu café em silêncio, tudo isso se torna tão corriqueiro, já me acostumei com o meu cunhado por perto.

Minha melhor amiga me serve um copo de suco e ganho o primeiro misto pronto, está meio passado, mas como mesmo assim, lembro daquele dia no hotel, quando Jack me deu um misto, eu o odiava tanto, hoje, quase duas semanas depois, estou apaixonada por ele, não deveria, mas estou.

Eu o amo, e isso é tão novo para mim, ainda tenho medo, receio disso, na verdade, tenho medo de tudo o que vem dele, do que vem acontecendo na minha vida, são tantas coisas que nem sei por onde começar a eliminar os problemas.

—Vamos tomar um sol, está bem? Coloca um biquíni.

Acontece que eu não posso usar um biquíni, Sah.

—Melhor não, eu não estou afim.

—Vamos, então pelo menos use um short, não dá para ficar de jeans na praia.

É Verdade.

Concordo, posso mostrar as pernas.

Termino o meu misto e deixo eles conversando com o Nando, algo sobre o HP, subo, entro no quarto e tiro a minha camiseta, o jeans, me olho no espelho grande que tem na porta do guarda roupas, ainda as mordidas de Jack no meu corpo, toco uma delas e fecho os olhos, as sensações tornam em mim como um raio, e fico parada mordendo a boca enquanto lembro desse momento.

É sempre tão incrível quando estamos juntos, é algo que não consigo

explicar em palavras.

Abro a bolsa que Sah trouxe para mim e aqui estão as roupas que compramos no shopping na quarta passada, mas apenas os biquínis e os shorts, as saias jeans e as camisetas mais leves, tudo limpo e passado, Tê é uma funcionária maravilhosa.

Gostaria de ter alguém assim todos os dias para me ajudar, nos dias de cão eu mal tenho tempo de passar as minhas roupas, suspiro. Acho que se eu ficar de blusa, talvez eles não vejam as marcas das mordidas, e também, não fui eu que fiz as malas, Sah fez, ela não colocou nenhum maiô para mim aqui.

Puxo a peça azul, e analiso o vestido que Jack me deu, abraço a malha, depois me sinto idiota e a deixo de lado, troco meu conjunto de calcinha e sutiã por um dos biquínis, é um azul claro daqueles que amarra dos lados, ele me serviu como uma luva, claro, nada que me deixe muito gostosa—estou longe disso—, mas dentro do possível, eu fico bem nele.

Coloco um short jeans e uma blusa que tampa toda a região dos ombros, tanto na frente, quanto atrás. Me olho no espelho, olheiras, acho que esses dias mal prestei atenção em mim mesma, não que eu viva fazendo isso, mas a minha aparência está bem pior que nos dias normais.

Já sou feia por natureza, ficar assim é apelação.

Rio com o pensamento, prendo o meu cabelo num coque e abro minha nécessaire, coloco tudo na pedra do lavatório do banheiro, até um pequeno estojo de maquiagem que carrego para o caso de emergência—apresentação da faculdade—, me olho com mais cuidado, pareço um pouco mais cansada do que quando minhas férias começaram, mas também noto que minha silhueta está mais fina.

Acho que pelos exercícios e a falta de fome.

Tentei várias dietas com o passar dos anos, mas eu nunca consigo perder peso, é algo que realmente se tornou uma missão impossível para mim, não consigo sair dos 77, meu peso ideal é 55, pela a minha altura eu estou bem acima do peso.

—Senhora Carsson?

Dou um pulo, depois me viro e me deparo com a Sandy, ela abre os braços toda feliz, sorrio, e vou abraça-la, ela está com os cabelos loiros presos num rabo de cavalo e ela exhibe as pernas bem torneadas com um short curtinho, blusa nadador.

—Oi, bom dia, bem-vinda, Sandy!

Gosto da Sandy, não sei por que, acho que é porque ela me cativa com sua gentileza e alto astral.

—Pronta para o nosso primeiro dia de corrida?

Nem penso duas vezes.

—Pronta!

Vou me distrair, é tudo o que eu preciso para não ficar pensando nos meus problemas, mas sei que Jack não sairá dos meus pensamentos tão cedo.



O Domingo transcorreu sem mais novidades, exceto pela chegada do silencioso Joseph e da alegre Sandy, a corrida pela manhã foi revigorante e animadora, teve momentos que eu achei que não conseguiria, mas consegui, quando voltamos, Joseph estava à minha espera para a aula de inglês. Sah se entendeu na cozinha com a minha instrutora física, elas duas decidiram tornar os meus próximos dias muito infelizes com uma dieta de zero carboidrato. O Nando não desgrudou do Alejandro o dia todo, tive aulas de inglês também no fim da tarde e já as seis da noite, Sandy nos chamou para uma sessão de relaxamento na beira da praia.

Foi um bom domingo.

Na segunda-feira levantei as sete, algo que eu faço praticamente todos os dias, Sandy e Sah já estavam de pé preparando o chá matinal da Sandy, aceitei um pouco, mas não recusei o café, não vivo sem café, depois de uma salada de frutas reforçada com granola, fomos as três correr.

Sandy é maravilhosa e sempre para cima, Jack tem razão quando falou que seria ótimo que ela viesse, quando voltamos, Joseph já me esperava na varanda com tudo pronto para nossa aula, ele não conversa muito, mas é um excelente professor, me estimula e tem paciência comigo.

E assim se seguiu à minha primeira semana, na Quarta foi assim, o café—miserável com calorias contadas—, a corrida, a aula, o almoço e nos intervalos, conversas incríveis sobre as viagens de Sah e Sandy.

A todo o instante levava meu Iphone para todos os lugares, eu olhava e nada de mensagem de Jack, nenhuma se quer, mandei alguns emojis durante todos os dias, Na quinta me encorajei e mandei uma pequena mensagem de

bom dia, ele se quer visualizou, e seu silêncio se prosseguiu pela sexta, e pelo sábado, hoje já é domingo, nosso último dia em Angra.

Estou feliz que esteja acabando, quero voltar para casa, mas ao mesmo tempo, infeliz, porque sei que as minhas férias voaram e voltar para casa será desafiador.

Me casei nessas férias, tive duas semanas reveladoras e maravilhosas ao lado do meu marido, descobri tantas coisas sobre mim mesma, meu corpo, o que eu quero, meus desejos, uma libido, mas também coisas muito tristes e frustrantes sobre o homem com quem me casei.

Tentei lidar com os acontecimentos, com tudo sobre Jack nessa semana, disse várias vezes para eu mesma que precisamos desse tempo, apesar de sentir falta dele e todas as noites desde a segunda, chorar antes de dormir. A lembrança de Jorge já não me assusta mais, isolo isso de mim, meus únicos rivais agora são a distância e o passado do meu marido, seu presente, algo que não sei se estou pronta para enfrentar.

Prefiro entender também que Jack me dá o silêncio, porque ele quer que eu pense bastante sobre tudo, ele tem a vida dele nos Estados Unidos, sua empresa, sua realidade, é algo do qual eu não faço ideia de como funciona, mas ocupa ele 100%.

Alejandro não fala muito bem português, mas eu e ele nos damos até bem, ele contou um pouco de suas experiências como advogado na empresa de Jack, começou apenas há alguns meses, é recém-formado, sua especificação é Direito administrativo—carneiro—, mas enfim, ele é muito inteligente, não nego.

Sah e Sandy—eu as chamo de dupla sertaneja—decidem fazer uma fogueira, acabei de terminar o meu inglês e Joseph, como sempre, se recolhe, ele é tão recluso e fechado que me dá nos nervos, claro, eu não sou uma pessoa muito sociável, mas ele, é extremamente fechado.

—O Senhor ficar com a gente?

Joseph me analisa, ele é um pouco calvo, mais alto e magro, usa uma calça de tecido fino e uma camisa branca de botões coloridos, não parece ser do tipo de cara que adora programas assim—eu também não—, mas enfim, já estou aqui e a dupla sertaneja nunca me deixa em paz desde que a Sandy chegou.

—Não seria incomodo?

—Claro que não.

Ele faz que sim com a cabeça, arruma o óculos pesado no rosto, não tem aliança, deve ser solteiro, acho que Joseph tem uns quarenta anos mais ou menos, Jack não exagerou quando se referiu a ele como a um homem extremamente culto e inteligente, algumas vezes durante as aulas, ele fala bastante sobre seu outro emprego de professor em Cambridge, claro, fala pouco, apenas usando algumas frases como referência.

—Então, por mim tudo bem.

—Vamos ascender uma fogueira, não é nada demais, o Senhor pode vir no final da tarde.

—Tudo bem, Senhora Carsson, muito obrigado.

E pega os livros e vai para dentro, Sandy vem toda pulante do rumo da praia, ela usa um maiô preto e parece ter acabado de sair de um mergulho.

—Por que não coloca um biquíni e vem?

—Ok.

Acho que posso usar biquíni, as marcas já quase desapareceram.

Subo, com um pouco de pressa, coloco o biquíni e visto um short, depois estou descendo de dois em dois degraus. Nando está jogando vídeo game— coisa que eu já cansei de recriminar—, mas dessa vez eu nem falo nada, ele está com Joseph mostrando como mexer no joystique, o professor é mesmo um homem daqueles que não gosta dessas coisas, ele olha para o controle, olha para o Nando e faz uma careta, eu nem sei como o Nando conseguiu impedi-lo de subir e se trancar em seu quarto.

Sah e Alejandro estão se pegando embaixo do guarda sol, ela com um biquíni laranja bem-comportado e ele de sunga, já superei o primeiro dia, na segunda isso parecia uma pequena demonstração de Baywatch, agora, para mim, ele parece bem comum.

Acho que não sou daquelas que se apaixonam mesmo pela aparência de alguém.

Sandy assovia e eu fico de lado fazendo pose, não acho que emagreci, mas me sinto dentro do possível mais saudável nesses dias aqui em Angra.

Gostaria que Jack estivesse aqui comigo, as vezes é horrível e insuportável demais não o ter aqui.

Sinto uma pontinha de inveja de ver a Sah tão bem, mesmo que o Alejandro seja um grude, acho que aos poucos ela está começando a gostar

dele, acho que ela realmente dessa vez não vai fazer nenhuma merda, eles dois dormem até em quartos separados, e para “fugir” dele, ela muitas vezes vem para o meu quarto de noite.

—Quero uma foto, faz um pose ai, popozuda!

Rio, adoro o bom humor da Sandy, fico de lado com as mãos na cintura, depois mando um beijinho para ela, e faço um coração, depois em canso e vou para o mar, preciso relaxar um pouco.

Tiro o short e entro, mergulho o máximo que posso e olho a minha volta, adorando tudo isso, estou mais relaxada em meu último dia em Angra, só espero que amanhã quando estiver em casa, consiga manter essa pontinha de bom humor que adquiri nesses dias aqui.



—Como assim, não poderemos ir amanhã?

Sah revira os olhos, depois cruza os braços, ela acabou de receber uma ligação do cara que aluga a lancha para o pai dela, ele avisou que a lancha quebrou e que provavelmente tudo fica pronto na quarta.

—Aí, fica na paz.

Fica na paz?

Eu tenho uma vida fora daqui garotinha mimada, eu tenho faculdade daqui uma semana, e um emprego, e o meu TCC, e preciso fazer uma faxina na minha casa antes de voltar de férias, tenho que ir à escola do Nando e pelo andar da carruagem, eu também vou ter que organizar uma mudança.

—Não tem jeito—Alejandro mexe no celular—só na quarta mesmo.

Respiro fundo, por isso eles dois combinam, são dois inúteis, esse descaso da Sah às vezes me tira do sério.

Me afasto pisando forte, Sandy já entrou, ela quem vai preparar o almoço hoje, melhor nem voltar, melhor sair e espairecer.

Pego o meu Iphone e ligo o reproduutor no último volume, acho que me isolar não vai fazer com que o cara da lancha deixe tudo pronto até amanhã, nem resolver os meus problemas, mas se eu ficar olhando para a cara de pouco caso que a Sah faz, eu provavelmente vou falar coisas para ela que eu sei que irão magoá-la, acho que ainda não superamos nossa conversa sobre ela ter transado com duas pessoas na mesma cama.

Claro que estamos ignorando isso para o bem da nossa amizade desde o sábado, mas sei que não estamos bem, Sah sempre tenta algum tipo de aproximação, mas eu me afasto, Sandy estando aqui se torna mais fácil, mesmo que Sah não me deva satisfação alguma ou desculpas, ela se sente culpada, eu diria arrependida.

Um fato curioso sobre a nossa amizade, é esse, nós duas sempre ficamos abaladas quando algo acontece na vida da outra e não conseguimos resolver.

Me afasto para as rochas, tenho vindo aqui todos os dias de noite para pensar sobre tudo, também choro porque sinto muita falta de Jack nesse lugar, eu faço algumas orações, ouço música, sempre as mesmas coisas, acho que não me entediaria tanto se tivesse trago algum livro, mas estava tão desorientada no sábado—e querendo fugir do olhar da minha mãe—, que nem me toquei de trazer algum.

Nando foi esperto, trouxe sua coleção inteira, pensando bem, acho que vou pegar algum livro dele para ler.

Olho para o WhatsApp, nenhuma reposta, hoje ele não ficou online, última visualização foi da sexta à noite, e ainda assim não me respondeu o comentário de quinta, me sinto destruída, porque achei que fosse ser o contrário, minhas expectativas—que mesmo sem querer, criei—estão de volta à estaca zero.

Jack não me responde, ele não fala comigo, e ele provavelmente está me evitando.

Isso me machuca, me irrita, mas acima de tudo, faz com que eu sinta ainda mais desconfiança de toda a situação, falei que o amo, ele disse que me ama, no entanto, estamos de novo com todo esse silêncio inquietador e doloroso demais.

Eu não me sentia bem em mandar alguma mensagem na semana, não tinha o que falar—conclui que ele se sentia assim também—, então, não mandei mensagens e nem liguei, ainda não sei bem qual a minha posição na vida dele, nem sei tanto quanto queria sobre a escopofobia ou o sadomasoquismo, mas tudo o que mais desejo é que ele volte.

Acredito que Jack tenha atração por mim—ele já deu bastante provas disso—, também me sinto atraída por ele, acredito que ele realmente gosta de mim, ele fala isso constantemente, e também acredito que ele me considera de fato sua esposa, mas isso seria o suficiente para nos manter juntos?

O passado dele é assustador e doloroso, passei toda a semana me

remoendo, pensando nisso, bastava ficar sozinha e o pensamento estava lá me assombrando, o pedido de Jack, a proposta dele.

Acho que no final das contas, ele acabou vendo que não sirvo para essas coisas e é disso o que eu mais tenho medo, dele sumir e não voltar mais.

Alejandro ainda está aqui, mas isso não significa que ele também estará, por isso tento não me apegar, mesmo que tenha muita esperança de que ele venha ao menos me ver.

Jack me deu garantias, novos rumos para minha vida, me deu motivos que, pela primeira vez em toda a minha existência, me fizeram me sentir muito feliz, me deu momentos únicos, me deu de novo a chance de sonhar, e tudo o que me pediu em troca foi um pouco de compreensão e aceitação, mas não sei se estou pronta para essa parte.

Não quero me sujeitar a isso, não quero que ele pense que eu farei isso, não vou lhe dar esperanças, porque não quero fazer, mas sei que se eu me negar, mais cedo ou mais tarde ele vai me largar, e o meu medo em relação a isso só cresce mais e mais.

Não precisava que isso acontecesse na minha vida agora, estava tudo indo tão bem, meu trabalho—medíocre—, minha faculdade já quase no final, eu tentaria um concurso assim que pegasse a minha OAB fixa, por que eu me meti nisso?

Desbloqueio o celular, acho que está na hora de acabar com esse silêncio, digito.

“Oi Jack, sou eu, bem, estou com saudades e espero te ver em breve, aqui tem sido um lugar bom e de grande reflexão, mas ainda assim desejo muito que esteja conosco, mesmo que isso não me ajudasse a pensar no que me pediu, sinto que amo você e estou pronta para ficar ao seu lado. Se me aceitar assim, prometo que vou tentar entender tudo isso, mas é muito repentino, então, tenha um pouco de calma. Com amor, SUA ESPOSA, DUDA”

Envio, e espero, e nada, ele nem visualiza, de novo no vácuo.

Acho que ele se deu conta de que tudo foi um grande erro, acho que percebeu que eu não sou tudo isso o que ele imaginava, será que ele está com Condessa?

Isso é o que eu mais temo, tenho afastado essa pergunta de mim com todas as forças, eu odeio só o fato de eles estarem no mesmo país, quanto mais próximos um do outro, mesmo Jack me falando que são apenas amigos, não

confio nenhum pouco nessa louca, ela fez muito mal para ele.

Meu celular vibra, e meu coração imediatamente dispara, desbloqueio, minha mão cheia de areia, mas nem me importo, tem uma mensagem aqui, Meu Deus, ele me respondeu.

“Também estou com saudades, como está o tempo aí?”

Me irrita, envio uma declaração daquele tamanho e é isso o que eu ganho? Meus dentes rangem enquanto digito a próxima mensagem.

“Está nevando, Senhor Carsson, bom dia”

“Não está não”

“Está”

“Não está”

“Está sim, muita neve, Senhor Carsson”

—Não está, Senhora Carsson.

Sinto um arrepio forte em toda a extensão da minha coluna, fecho os olhos, e aperto com força, tremendo, só posso estar sonhando, é isso, eu fiquei louca, abro os olhos, e volto a digitar.

“Jack, eu digo que está nevando, agora pare de me assombrar”

—Não está nevando, querida!

Está bem, já chega, eu fiquei definitivamente desvairada. Levanto, preciso de um mergulho, isso é bem pior do que sonhar que ele está ao meu lado na cama à noite. Limpo a minha bunda que está suja de areia, seco as minhas faces com as costas das mãos, estive chorando de novo.

—Já chega com isso, eu não preciso disso para viver, fique aí com a sua Condessa, seu merda!

Soluço, e jogo o celular na areia, ai que ódio!

Fecho os olhos, e quero sumir da face da terra, talvez isso resolvesse os meus problemas.

—Você é muito ciumenta!

Sou mesmo.

Está na ponta da língua, vou responder a esse pensamento malcriado com voz zombeteira, quando sinto dois braços enormes me envolverem com força, ele me vira pelos ombros e depois me beija com força, agressividade, demoro um pouco para recobrar minha sanidade, enlaço ele pelo pescoço, Jack!

Ele me espreme com força, tento alcança-lo, meu coração se acelera, e o

meu corpo se derrete, se isso for algum tipo de alucinação da minha cabeça—doentia—, quero que fique assim por um bom tempo.

—Vida! —digo tocando sua face, seu pescoço, chorando um pouco, ele está aqui!

—Também senti sua falta. —Jack beija meu olho e o meu nariz, e esse momento é só nosso.

Ficamos abraçados por um bom tempo, não quero soltá-lo, mal consigo acreditar, sinto as batidas de seu coração no meu rosto, está disparando, a força do corpo dele apertando o meu, sua respiração, isso é maravilhoso, não saberia descrever em palavras o quanto estou feliz por ele estar aqui.

—Você está mais magra.

—Te amo.

Jack me aperta, me beija mais uma vez, me ergo sendo puxada por ele para cima, e as minhas pernas se fecham em volta dele, ele usa um terno, gravata, enfio os dedos na nuca dele, nosso beijo é tão gostoso, tão lento agora, senti tanta falta disso, tanta falta dele.

—Acabei de chegar. —Ele me beija mais uma vez. —Não aguentava mais.

—Nem eu —admito e colo a testa na dele, não preciso vê-lo, eu o amo tanto, tanto, meu coração está explodindo dentro de mim. —Você não disse que viria semana que vem?

—Fiz de tudo para vir antes. —Jack cola a boca na minha. —Não suporto ficar longe de você.

Nem eu de você!

—Você já viu o Nando?

—Ainda não, o iate acabou de zarpar.

Iate?

—Vamos para casa, fiz uma viagem muito longa.

—Você está com fome?

—Também.

Desço, acho que Jack recolhe meu celular, depois ele me puxa pela cintura, abraço ele, mantenho meus olhos fechados, me recosto nele enquanto caminhamos. O percurso é silencioso, não sei o que falar, queria tanto ele aqui, mas... não tenho tantas palavras quanto gostaria para descrever o quanto fico feliz por isso.

Acho que somos assim.

Nós dois lidamos bem com o silêncio do outro nos momentos certos, sei que assim que estivermos a sós e bem longe de todos, eu e Jack conversaremos, mas não quero me preocupar com isso agora, tudo o que quero é apenas um pouco de sua atenção e tempo.

—Aliás, você fica deliciosa nesse biquíni.

Coro, estava demorando.

—Como foram esses dias?

—Bons.

—Você está bem?

—Dentro do possível sim, Sah e Sandy estão me mantendo na linha, nem sorvete eu posso tomar.

—Bom, você precisa controlar as suas taxas.

Essa voz séria, por favor, Jack, não esteja bravo comigo!

—Temos muito o que falar.

—Eu sei.

—Gil veio, e a minha irmã, e os meus irmãos mais velhos.

Paro, Jack me solta, acho que ele está prestes a falar algum tipo de palavrão, já sei que ele está furioso.

—Meu tio vê isso como uma chance de aproximação, eu chamo isso de merda!

—Calma.

—Calma? —berra furioso. —Você não conhece essa gente.

—Jack, são a sua família, pelo amor de Deus.

—Grande família, tudo o que eu precisava era minha semana com a minha mulher, não um bando de merdas que adoram se exhibir.

—Você os trouxe?

—Eu não trouxe eles, só trouxe a Júlia e a Gil, quando chegamos no aeroporto eles dois estavam lá, Phelipe com um bebê e Jonas com a esposa babaca dele.

—Eles querem se aproximar de você.

—Para que?

—Jack, eles são seus irmãos.

—Não foram meus irmãos quando a minha mãe morreu, eles mal me queriam por perto.

Isso não tem a ver comigo, isso não é meu problema, tem a ver com ele, mas não existe mais apenas “eu” na minha vida, existe nós e os nossos problemas, era isso o que eu sempre tentava explicar para minha mãe e para Sah, por isso que eu evitava tanto me aproximar de alguém, sabia que se um dia casasse, a família da outra pessoa também viria no pacote, e essa família de Jack é um pacote indesejado para ele.

—Calma. —Agora eu estou falando alto. —Nada se resolve assim, não adianta ficar se estressando, são seus irmãos eu já disse que não precisa odiá-los.

—Você concorda com isso?

—Acho que o seu tio não merece ver a família tão separada, ele já é velho, pare com isso.

Ele respira fundo, acho que está prestes a ter algum tipo de colapso nervoso, sei que ele está diante de mim, quero muito que Jack fique bem, não sei muito sobre essa implicância com os irmãos dele, mas acho que foi algo que o marcou muito também.

—Sabe, se não fosse por você, eu não concordaria com tudo isso. —Pega o meu pulso e me puxa para ele. —Não quero brigar.

—Nem eu. —Abraço ele. —Tenha um pouco de paciência.

—Ah Maria. —Me beija com força. —Só você mesmo para me suportar.

Não é difícil quando você não está assim, acho que nem a minha mãe gritou tanto comigo quanto você, Jack!

—Vamos para o nosso quarto —chamo entre o beijo. —Quero você só para mim.

—Nosso quarto? —A voz dele está mais baixa, ele aperta a minha bunda com força, me arrepio. —Não sabe o quanto estou me segurando agora.

—Não segure então.

—Ah, Maria, preciso disso.

—Eu também.

Estou subindo em Jack de novo, ele anda comigo para algum lugar que eu não faço ideia, ele abre o zíper da calça, me seguro e ergo os meus quadris, abaixo devagar, e ele entra totalmente duro dentro de mim, gemo, me seguro

em seus ombros, ele está tão tenso, beijo ele.

Jack puxa os meus quadris entrando totalmente dentro de mim, me encolho e começo a subir e descer, mas quero rápido porque estou tão ansiosa com isso, que duvido que consiga ter paciência.

Ele afasta o biquíni para o lado e chupa o mamilo do meu seio com força, isso é maravilhoso, me movo mais depressa, Jack está totalmente firme e quente, o que facilita ainda mais para mim, estou molhada e quente para ele, só para ele.

Meu marido.

Meu amante.

Meu tudo.

Mordo a boca dele, e isso o excita, me excita, Jack ergue o meu rosto e abro a boca, ele lambe meus lábios e a língua brinca com a minha antes de invadir minha boca toda, gemo mais uma vez, porém, mais alto, aqui eu sei que ninguém vai nos ouvir.

—Porra Maria, vou gozar.

Desço de uma vez estremecendo e ele geme baixinho, a boca dele está curvada num bico, coloco a ponta da língua na boca dele e ele acelera estancando com mais força, grito, porque se torna tão intenso, que tenho um orgasmo forte nesse momento, Jack me sobe nesse momento e coloca o membro na frente do meu corpo, ejacula na minha barriga, e eu estou de novo vendo estrelas.

—Te amo! —É tudo o que consigo falar.

—Amo você!





A Família

—Melhor limpar isso, Senhora Carsson.

Estou um pouco constrangida, desço de cima dele, ouço o som do zíper da calça dele, me afasto arrumando a peça de cima do biquíni, a peça de baixo, ele passa algo na minha barriga e limpa o local, acho que um lenço. Jack me beija de leve e me puxa para o lado dele, coloco o braço em volta dele também, o percurso é bem silencioso, acho que é bem mais longe mesmo da casa grande.

—Jack!

Silêncio quebrado por um berro do Nando, não escuto seus passos, mas sei que ele está correndo, demora um pouco para eu saber que ele está mais perto, Jack me solta, e nesse momento sei que ele ergue o Nando no colo, sinto vontade de chorar—estou sensível—, mesmo não vendo, sei o quanto isso significa para o meu filho.

—Não corra. —Jack repreende num tom sério. —Está bem?

—Tudo bem. —Nando está arfante. —Que bom que veio, cara.

—Você cresceu um pouco garoto!

—Você achou?

—Claro que achei, e esse cabelo?

Jack está carregando o Nando, ele coloca um braço em volta de mim, abraço eles, estou tão feliz com isso.

—Mamãe quer que eu corte, hei, eu terminei a Câmara Secreta.

—Você está cuidando da sua mãe como pedi?

—Claro que sim, cara, eu não deixei nenhum homem chegar perto.

—Legal.

Sorrio, mantenho a cabeça abaixada, os olhos fechados, sei que seria estranho para o Nando me ver com os olhos fechados o tempo todo, eu não

trouxe nenhuma das minhas máscaras para cá, espero que o meu Bad Romance tenha trazido.

—Eu disse que compensaria esperar até a quarta, Duda.

Então... eles já sabiam? A história da Lancha é uma grande mentira! Sah inventou isso porque sabia que Jack viria.

—Preciso de um banho —Jack fala. —Pode preparar algo para eu comer?

—Aham, você quer um sanduíche ou comida? Sandy está fazendo o almoço hoje.

—O que fizer está bom, vou subir com o Fernando, você não demore.

—Está bem.

Ganho um beijo na testa e ele me solta, não quero soltá-lo, mas pelo tom de voz já sei que deve ter alguém por perto, Sah já vem e me pega pelo braço, ela fica esperando o Jack entrar para me avisar quando olhar, abro os olhos e vejo essas pessoas sentadas em sofás na varanda. Gil levanta com um enorme sorriso, ao lado de Júlia, eu nem espero, eu e Sah vamos até elas, fico feliz de revê-las.

Abraço Júlia com força, ela sorri para mim imensamente, depois abraço Gil, ambas usam roupas leves e coloridas, Júlia um vestido verde justinho e sandálias e Gil um macacão azul escuro de tecido frio, é tão bom revê-las.

—Você emagreceu ou é impressão minha?

—Impressão sua!

—Você já conhece os meus irmãos.

—Vim, claro que sim.

Vou até eles, os irmãos de Jack levantam, ainda me impressiono com a beleza desses homens. Phelipe está usando jeans e uma camiseta preta, ele segura um bebê muito pequeno no colo, e Jonas está com uma camisa branca e calça saruel—bem estiloso—, tênis, ao lado de uma mulher ruiva extremamente linda. Ela usa um vestido comprido e cheio de estampas coloridas, chapéu, a pele parece porcelana, e tem olhos verde esmeraldas muito profundos. Vou até ela e abraço, não tenho muita intimidade, mas acho que é a esposa de Jonas, não vou abraçar os meus cunhados gatos, mas posso abraçar outra mulher.

—Sejam bem-vindos, sou Maria, muito prazer.

—Patrícia!

Não sei se ela entende português, mas acho que deve ter entendido o recado, depois lembro que aprendi essa semana com Joseph, acho que posso tentar.

—Sejam bem-vindos, eu sou Maria, a esposa do Jack. Essa é a casa da minha amiga Sarah, vou arrumar os quartos para vocês. —Tento não soar como um robô. —Vocês já almoçaram?

—Ainda não. —Júlia pega o meu braço toda sorridente. —A gente comeu no iate, acho que o Jack que não quis comer nada.

—Ah. —Preciso mais de conversação. —Está bem, eu vou arrumar os quartos.

A casa está basicamente vazia, não estávamos prontos para receber tanta gente, mas enfim, estão aqui, são a família de Jack e quero passar boas impressões, ao menos melhores do que as que deixei quando estive em Malibu há duas semanas.

Olho para Phelipe, depois para Gil—que constrangedor—, eles mal se olham, acho que Jack tem razão quanto a isso, deve ser péssimo ter que olhar na cara do ex.

Vou na frente—ainda morrendo de vergonha do meu biquíni—, um pouco nervosa. Joseph já não está na sala com o Nando, claro, o Nando está com o Jack lá em cima, dá para ouvir daqui sua narrativa incrível de seu último HP, sorrio, estou completamente feliz.

—Por favor, se sentem—digo em inglês—Vocês aceitam um café?

—Sim. —Patrícia olha em volta, ela parece bem daquelas que não se misturam nem nada. —Bela casa.

—Obrigada—Sah responde.

—Poderia me ajudar com uma coisa, por favor? —Phelipe pede, em uma educação extrema. —Ela precisa mamar, posso fazer a mamadeira?

—Eu faço isso —digo e pego a bolsinha cor de rosa que ele tem no ombro. —Quer que eu mesma fique com ela?

—Não seria incomodo? Eu não sei bem dessas coisas.

—Claro que não, já cuidei de um bebê uma vez.

Ergo a pequenina, ela não parece ter mais de quatro meses, me sinto nervosa, não faço isso há mais de dez anos, mas sei que não posso pedir isso para Gil, e que Júlia é jovem demais para saber trocar uma fralda. Quando eu tinha a idade dela, já estava cuidando de um bebê de um ano e poucos meses.

Tiro esse cobertor quente dela, será que ele não sabe que aqui está muito quente para enrolar um bebê num cobertor desses? Analiso esse pequeno presente com cuidado, ela é branquinha, usa um vestido cor de rosa minúsculo e sapatinhos cor de rosa, quase não tem cabelos, as mãos se fecham no meu indicador, ela é perfeita, olho para o irmão de Jack, lembro do que ele falou sobre ele ter largado Gil para ter filhos com outra mulher, a mulher morreu e deixou a criança recém-nascida, ou algo assim, mas não sinto pena dele, apenas da menina.

—Como ela se chama?

—Blair.

—Vou dar um banho nela, Sandy vai servir o café. —Penso bem nas palavras. —Sah vai arrumar os quartos, trouxeram colchões?

—Não sabíamos que deveríamos trazer—Jonas explica, as mãos juntas, ele está sem graça.

—Vocês querem dormir no tal iate? —Eu olho pelo blindex e fico impressionada com o tamanho desse barco ancorado bem longe daqui, como eu não vi um barco desse porte se aproximando da ilha?

—Não queremos causar transtorno —Phelipe responde—Durmo em qualquer lugar, desde que Blair fique bem.

—Eu cedo o meu colchão, sem problema. —Sandy vem trazendo a bandeja com a garrafa e alguns copos descartáveis. —Olá, sou Sandy, prima do Jack.

Ela é tão natural que sinto inveja, estou nervosa, mas me afasto vendo a simpática Sandy servir meus cunhados, entro na cozinha e Alejandro está com Sah, os dois muito sérios.

—Alejandro está emburrado —Sah explica e fica olhando para Blair no meu colo. —Jack 2.

Acho que Alejandro também os detesta porque também foi rejeitado por eles, não culpo, mas não acho que essa seja a solução.

—Concordamos em dormir nas redes, aí fica mais um para o outro casal e o outro para Gil, acho que consigo convencer a Júlia de dormir com a gente na varanda. —Sah pega a bolsinha de Blair do meu braço. —Mamadeira?

—Por favor. —Ergo Blair, ela abre os olhos meio sonolenta, olhos azuis lindos, como as pessoas dessa família, boceja, coloco ela em meu peito, ela se acomoda se movendo lentamente.

—Vamos, amor, não adianta ficar assim. —Sah bate com o ombro no de

Alejandro, ele permanece sério. —Bebê?

Ela fala com ele como se ele fosse uma criança, com manhã e afina a voz quando quer algo, como ela faz comigo, essa chantagista.

—OK—Alejandro berra irritado e levanta. —Mas não espere que eu fique fazendo cerimônia, Sarah.

Quero rir, Sah abraça ele satisfeita e faz biquinho, ele a beija e depois sai da cozinha com cara feia.

—Acho que tem outras pessoas que precisam de mamadeira aqui.

—vai se ferrar, Duda.

—Coloca a água para esquentar, acho que tem uma bacia lá fora.

Acomodo Blair da melhor forma que posso em meu peito, Gil entra na cozinha ao lado de Júlia.

—Jack está vindo —Júlia avisa. —Ele está bravo.

Eu já sei por que, prometi que subiria rápido e estou demorando.

—Você não subiu —Jack reclama agora na cozinha. —O que está havendo?

—Ela precisa tomar banho —reclamo, estou com os olhos fechados, vermelha, coberta de vergonha.

—Ela não é nossa responsabilidade.

—Ela é a sua sobrinha. Gil, pode preparar um sanduiche para esse mal-amado?

—Claro. —Gil concorda, sei que ela sorri.

—Eu vou preparar um banho para a Blair, e você espera aqui, Jack. Júlia, você me ajuda?

—Aham.

Júlia pega meu braço e me conduz para o lado de fora da cozinha, aqui atrás tem uma bacia enorme de lavar roupas, lhe dou as instruções, dou as costas para casa e desabotoou o vestidinho de Blair, ela é frágil e molinha, acho que não perdi o jeito, claro, eu não penso em ter mais filhos agora, mas segurar os bebês dos outros nunca foi problema para mim.

—Não sou mal-amado!

E os braços dele me envolvem, Jack beija o meu pescoço, e já estou com os olhos bem fechados.

—Ela não tem nada a ver com essa rixa.

—Eu sei, só estou cansado, quero que suba logo.

—Pode deixar que eu assumo por aqui —Gil fala. —Cuido dela.

—Gil, sei que pode ser.

—Maria, eu sei separar as coisas, pode ficar tranquila, sou enfermeira também, sei cuidar de bebês.

Suspiro, Gil a pega dos meus braços, não queria essa situação, só gostaria de ajudar, Jack me puxa e vai me conduzindo pelo caminho, abaixo a cabeça, a situação é um pouco constrangedora, mas tenho plena certeza que seria bem pior se estivesse com a máscara.

Ele avisa sobre a escada e os degraus, depois, impaciente me ergue nos braços, me beija, toco seus cabelos, estão úmidos, ele usa uma camisa mais fina, correspondo a ele sem pensar duas vezes.

—Fernando já desceu, quero você só para mim agora.

—Estava morrendo de saudades.

—Eu também.

Entramos no quarto, sei por causa da brisa que vem da janela, Jack chuta a porta, acho que ele não está me levando para a cama.

—Te dou um banho vida.

—Sem tirar proveito?

—Eu não prometo não tentar.

E me beija, me sinto flutuando.

—Não quero você andando assim perto deles.

—Não sabia que eles viriam.

Ele me coloca no chão, percebo que isso o afeta mesmo, Jack está tendo oscilações de humor, hora ele me trata bem, no minuto seguinte está me dando uma bronca.

—Estou nervoso, entre no box.

Já entendi.

Entro no box, alcanço a torneira e abro, não quero discutir, melhor nem falar nada. Não suporto as mudanças de humor dele, mas não me sinto no direito de julga-lo, ele é assim.

Tiro a peça de cima, solto o meu cabelo do coque e me enfio no chuveiro, as mãos dele tocam os meus ombros e relaxo um pouco, essas mãos macias dele... eu adoro as mãos dele em mim.

—Não fique brava.

—Eu não estou brava. —bipolar. —Entendo que tem o direito de odiar os seus irmãos, mas isso não faz mal para eles, faz mal para você.

Ele não responde, puxa os laços da peça de baixo e tira, me abraça com força, e coloca a mão no meio das minhas pernas, apertando com força, arqueio suspirando, Jack abaixa e me penetra bem devagar, ele esfrega os dedos em mim entrando mais e mais, sua outra mão está no meu seio.

—Senti falta de você. —Ele lambe a extensão do meu pescoço devagar. —Você me deixa descontrolado, vida.

Ele não sabe o que está causando em mim, nem eu mesma sei explicar o que acontece quando fazemos sexo, é tudo muito forte e maravilhoso. Estico as mãos tentando alcançar seu traseiro, ele se move devagar, me apertando contra ele, me ergue enquanto penetra fundo em mim, sinto uma ardência forte em minha entrada, e esquento mais e mais, essa camisinha esquenta muito, mas isso é muito gostoso.

Me apoio na parede, Jack segura meus quadris e acelera, aperto os olhos, minha boca está aberta pedindo por mais, quero mais e mais dele, sua força, seu tamanho me preenchendo.

Ele puxa os meus cabelos e estou implorando por mais baixinho, soluçando com todo o prazer que ele me dá, e algo involuntário, ainda tento me controlar ao máximo para não gritar, mas não gemer e impossível de se evitar.

Ele sai de mim, vai me puxando pelos cabelos para fora do box—isso está me machucando bastante—, gemo com a dor, mas estou sendo arremessada na cama. Caio de bruços, ainda extasiada com o prazer que me toma.

—Preciso disso, Maria. —Ele dá um tapa forte na minha bunda, aperto a colcha de cama sufocando o gemido. —Vem cá.

Ele me vira com toda a facilidade do mundo, não dá tempo de falar, ele já está com a boca em mim. Ah, Jack, isso mesmo.

O beijo é rápido, mas delicioso, ele puxa os meus quadris e está de novo me penetrando intensamente, gostaria de vê-lo, sua reação, seu semblante, ele está gemendo baixinho enquanto se move.

Ele me puxa pela cintura, e me agarro nele, ah isso é tão gostoso, perco a conta de quantos orgasmos tive até agora, eles se multiplicam dentro de mim e estremeço quando acontece, agora mais um. Me movo em cima dele bem rápido, alcanço sua boca e levo uma mordida. Nesse momento, percebo que

ele não quer carinho, ele quer apenas fazer sexo comigo, também quero fazer sexo com ele, me sinto vulgar em apenas continuar, mas ignoro o meu bom senso e o meu pudor, toda esse droga é viciante e gostosa, não quero parar.

—Rebola para mim, isso, querida, assim.

Subo e desço devagar, ele vai para trás de forma que fica deitado, coloca as mãos nos meus quadris e me move rápido, me seguro em seus braços, aperto os olhos de novo o mesmo prazer insuportável me tomando toda. Gozo rápido e tão forte, que minhas coxas trepidam, Jack desconhece a palavra limites, ele continua me deixando ainda pior do que já estou.

—Jack, por Deus, pare... eu... aí....

Grito, meu corpo tomado por fagulhas fortes em toda a minha espinha, minha virilha dói com o esforço, e o orgasmo forte me invade me deixando louca, perco o ar prorrogando isso em mim, levo um tapa no meu ponto sensível, meu clitóris pula e sinto que ele explode dentro de mim com força. Caio, meus pés queimam, meus seios doem, ainda vejo estrelas, ele se alivia mais dentro de mim enquanto isso, latejo com ele e me contraio, ele geme, ouço as batidas aceleradas de seu coração, o meu também está assim.

Fico quieta, e encontro sono deitada em seu corpo, e durmo me sentindo feliz e satisfeita, totalmente exausta nos braços do meu mister “M”, não quero acordar desse sonho.



—Você já acordou?

Já estou com a minha máscara, me estico, ainda estou em cima de Jack, ele me beija na cabeça, vou para o lado, e todo o meu corpo dói, ele vem para cima de mim, se apoia no cotovelo e fica me observando, enfio o braço por baixo se sua axila e toco sua nuca.

—Te machuquei?

—Não.

Não me sinto machucada, me sinto envergonhada por tudo o que fizemos, e dolorida, tento ignorar meu senso de pudor pela milésima vez, porque sei que sexo com a gente sempre será assim.

—Puxei seu cabelo.

—Tudo bem, Jack, foi tudo ótimo.

—Tem certeza?

—Tenho.

—Senti muito sua falta.

—Eu sei, é inevitável, as pessoas me conhecem e sei lá, elas não desgrudam de mim.

Ele sorri, coloca um beijo leve nos meus lábios, sei mais sobre as reações desse homem do que pensei, quanto mais convivo com ele, mesmo sem vê-lo, sei quase tudo o que ele faz.

—Já entardeceu, tem que comer alguma coisa.

—Não quero.

—Você tem que se alimentar.

—Você já desceu?

—Não, pensei em te pedir para buscar alguma coisa para gente.

—Vamos ascender uma fogueira, você não quer vir junto?

—Isso é ideia do meu irmão?

—Sah e Sandy, vamos?

—Melhor não.

—Está bem.

Beijo ele de leve e levanto, também não posso privar as meninas disso, nem o Nando, elas já haviam combinado, Jack precisa entender isso, antes que consiga ficar de pé sou puxada de volta para cama, ele me agarra e me aperta.

—Você não vai sozinha.

Abafo o meu sorriso.

—Vamos logo, convidei Joseph também.

—Tem certeza que não será constrangedor?

—Não quer ir por causa disso?

—E também porque não suporto olhar para cara dos meus irmãos.

—Então fique.

—Não quero você perto deles.

Respiro fundo.

—Então vem comigo.

—Está bem.

—Sem ficar estressado.

—Vou tentar não matar ninguém, eu prometo.

Beijo ele, rolamos na cama estreita e fico em cima dele, toco sua face, ganho um beijo na mão.

—Senti sua falta. —Ele lambe a minha boca de leve e depois me beija intensamente.

—Você vai ficar até que dia?

—Até o domingo.

Mal me reconheço, grito toda feliz—eu nunca faria isso em toda a minha vida—, encho ele de beijos, mal acredito, uma semana com ele.

—Senhora Carsson, controle-se.

—Não—reclamo apertando ele.

Jack sorri, vem para cima de mim me beijando, estou transbordando de felicidade.

—Você precisa aprender a se controlar.

—Desculpe—pigarreio e paro. —Agora já podemos descer, Jack?

—Não.

Tento não sorrir, levo uma mordida no seio, mas bem leve e depois ele sai de cima de mim, me puxa.

—Banho, Senhora Carsson?

—Não mesmo.

Sei muito bem o que vai acontecer se formos para o banheiro, escuto uma risadinha malvada dele.

—Vou me trocar no banheiro, desça na frente e providencie para que tenha algo para o seu marido comer.

Coro, mandão!

Ele beija a minha cabeça, instantes depois escuto o som da porta do banheiro se fechando, dou um pulo, estou tão feliz.

Visto o primeiro conjunto de sutiã e calcinha que vejo pela frente, um short qualquer e uma bata branca daquelas que a Sah escolheu para mim, calço minhas chinelas e prendo os meus cabelos num coque, desço quase saltando de alegria, a família de Jack está toda na sala.

Júlia é a primeira a vir me cumprimentar, eles estão silenciosos apenas—família estranha—, Sah e Alejandro estão numa outra ponta de mãos dadas,

não vejo o Nando, nem a Sandy ou Joseph.

—Vem ficar com agente.

Olho para Gil, está isolada perto da lareira com Blair no colo, suspeito que ela tenha cuidado da menina o dia todo. Jonas está ao lado da esposa, Patrícia, enquanto Phelipe está na ponta deste sofá maior, olhando para o rumo de Gil, ele está muito distraído, tanto que nem disfarça, acho que as coisas entre eles não terminaram assim totalmente.

—Preciso preparar algo para o Jack comer.

—Guardamos o resto do almoço para vocês —Sah responde com um sorriso sugestivo. —Nando está tendo aula com o Joseph e a Sandy está fazendo um café para gente.

Não quero que a Sandy se sinta como uma empregada, olho para Sah recriminando ela, todos ajudam sempre, cada um arruma o seu quarto, mas a parte da comida e as tarefas na cozinha são bem divididas.

—Ok! —Sah levanta revirando os olhos. —Mas a louça é sua.

Me sento ao lado de Júlia no outro sofá, ficamos de frente para os outros, Phelipe se dá conta da minha presença e desvia o olhar para gente, tento não ficar tão nervosa. Dá para ouvir Nando na varanda, tentando pronunciar as palavras mais difíceis, quero tentar colocar em prática os dias que tive aulas, mas tenho bastante vergonha de errar.

—Quer segurar ela? —Gil se aproxima com Blair, ela olha para a menina meio derretida.

—Aham—concordo e estico os braços, pegando-a com cuidado. —Senta aqui, Gil.

Gosto da Gil, acho que desde o primeiro momento gostei dela, e isso é bem difícil de acontecer na minha vida, eu gostar de alguém logo de cara, foi assim com a Sandy também.

Pego Blair e a observo em silêncio, ela é linda, seus olhos azuis são arredondados e enormes, sorrio e coloco ela nas minhas pernas, ela se mexe toda, está com um vestidinho azul claro e cheira a talco.

—Oi, Blair. —Sorrio para ela e Blair abre um sorriso preguiçoso. —Você é uma princesinha.

—Ela é muito esperta. —Gil toca a cabecinha de Blair com carinho. —Você tem muito jeito com crianças.

—Não muito, tive o Nando com dezessete anos —respondo em inglês. —

Ela é uma bênção, você tem sorte, Phelipe.

—Obrigado. —Ele sorri meio de lado.

Não penso em ter filhos, minha gestação foi muito complicada, deve ser muito difícil começar tudo de novo.

Brinco com Blair, ela sorri, suas mãos pequenas e branquinhas demais, pés pequenos e avermelhados, Gil sorri, toda derretida.

—Você fez o que eu pedi?

Dou um pulo, fico parada, respiro fundo, isso não vai ser fácil.

—Sah disse que guardaram o nosso almoço, pode ir comer se quiser.

—Você vem comigo.

—Claro.

Entrego Blair para Gil e levanto, abaixo a cabeça e sigo no rumo da cozinha, quando sinto a mão na minha cintura fecho os olhos, posso sentir o quanto ele está tenso.

—Deveria ter colocado uma calça.

—Aham.

Ignoro porque não quero brigar, e pelo o que eu estou vendo, vai acabar sobrando para mim esse mal humor.

—Não precisa ficar com eles.

—Tem razão, mas preciso ser educada e gentil.

—Por que?

—Porque são sua família.

—Essa gente não é nada minha.

—Amo você, Jack, mas tem hora que você passa dos limites, não estrague a nossa semana com o seu orgulho idiota.

—Pode repetir de novo?

—A parte do orgulho idiota?

—Você entendeu.

—Você não falou.

—Você tocou no assunto.

Ele me puxa, acho que já chegamos na cozinha, as mãos dele derretem na minha blusa e tremem um pouco, ele está nervoso.

—Amo você—digo. —Não tenha medo.

—Você é irritante—reclama baixinho. —Também te amo.

Meu coração vai disparando, se enchendo desse sentimento bobo, ele me beija de leve.

—Já coloquei a salada de vocês —Sah fala não muito longe. —Já vamos ascender a fogueira, vamos levar chocolate quente.

—Ok, já estamos indo, Sah, obrigada.

—Adoro quando você faz sexo, fica tão boazinha.

Coro, francamente, Sah.

Jack me conduz até a mesa, se senta e me coloca em seu colo, fico um pouco se graça, escuto os passos apressados de Júlia e fico abismada ao concluir que é mesmo ela, o perfume doce dela é inconfundível.

—Duda, obrigada por nos convidar. — Júlia puxa a cadeira de frente para a gente. —Podemos conversar em inglês?

—Devagar. —Tento sorrir. —Eu estou tendo aulas há duas semanas.

—Gostei da prima do Jack —Júlia diz. —Você está linda.

—Obrigada.

Jack começa a comer, ele espeta a minha boca e aceito, salada de alface com soja, está ótima.

—Esse lugar é incrível.

—Eu também acho. —Estou um pouco nervosa. —Você vai adorar Angra.

—Você gostou do presente?

—Que presente?

—Ué, a ilha.

—Que ilha?

Júlia não responde, fico meio confusa com o que ela falou e demoro um pouco para absorver o que foi dito, paraliso.

—Ela gostou, Júlia, pode avisar para o tio Gerald.

—Vou ligar para ele, já volto.

Os passos de Júlia já estão longe, sinto uma espetada na boca, me obrigo a aceitar, mastigo a força, Jack beija o meu pescoço, mas isso não surte efeito, acho que eu ouvi errado, o tio de Jack comprou essa ilha?

—É presente de casamento. —Jack vira o meu rosto para ele. —Não comece.

Faço que sim.

—Mas ele colocou no seu nome, né?

—Não.

Ah meu deus!

—Você está fria.

—Você acabou de falar que eu ganhei uma ilha de presente de casamento.

—Minha voz está à beira do desespero.

—Você não gostou?

Eu lhe pergunto sobre algo impossível de acontecer comigo e você está preocupado se eu gostei, Jack? Sério?

—Eu não quero.

—Você não tem que querer. —Sei que ele sorri. —Sabia que reagiria assim, por isso eu me certifiquei de que a Sarah não falasse nada.

—Mentiram para mim? —Fico furiosa, claro, como eu não pensei nisso? Não teria dado tempo do pai dela comprar a casa, mas a ilha? Isso é demais para mim, uma ilha? Meu Deus do céu.

UMA ILHA!

—Se falasse que era sua, não teria vindo. —Jack continua a comer.

—Como...

—Não me culpe, foi o meu tio.

Cínico!

— E ele iria adivinhar que eu gosto daqui?

—Pode perguntar para ele quando formos visita-lo um dia desses.

—Jack!

—Já disse, não tenho culpa.

Sinto a ponta de irritação em sua voz, não respondo, sei que não adianta, e aceito a salada em silêncio, incrédula com tudo isso, é muito surreal para mim ganhar algo assim de presente de alguém. As pessoas mal se lembram do meu aniversário, ano passado ganhei um cartão da minha mãe, uma carta do Nando e como eu e o Van estávamos brigados—para variar—, ele não me deu nada, ele sempre manda dinheiro pela minha mãe, o suficiente para algum livro, nos anos anteriores sempre livros—prefiro os livros—de todos, Sah sempre me dá uma roupa, também gosto, mas ganhar uma ilha? Essa ilha? É muito surreal!

ESSA ILHA É MINHA! GANHEI ELA DE PRESENTE DE CASAMENTO!

—Você vai continuar brava?

Jack afasta o prato e em seguida começamos a comer o outro, ele dá primeiro para mim, depois come uma garfada.

—Não estou brava, apenas surpresa.

—Então o que gostaria de ganhar de presente de casamento?

Penso bem rápido.

—O meu liquidificador está velho, acho que isso bastaria.

Ele fica calado, acho que está de novo me olhando com aquela cara—uma cara que eu imagino, de seriedade ou raiva, ignoro também, não sou obrigada, abro a boca.

—Você está falando sério?

—Acho que isso é o mais próximo do que o pai do meu marido poderia me dar.

—Você é notável, Senhora Carsson.

Noto um tom categórico na voz dele, fico sem graça, não foi minha intenção ser notável, sei que ele entendeu o que eu falei, não vou tentar explicar também.

—Você quer suco?

—Você pegou o meu celular?

—Você tem muita sorte que eu seja um marido muito atencioso.

É verdade.

—Mamãe vai me ligar, ela fica me ligando, preocupada e tal.

—Entendo ela, isso não vai se repetir.

Beijo Jack, acho que ele pensa que foi por culpa dele, mas não foi, apesar da conversa ter ido para esse rumo, é um problema meu, não algo que envolva ele ou seus problemas, o pedido dele já é um outro assunto.

—Temos mesmo que ir?

—Temos.

Ele suspira, levanto, ele anda pela cozinha, abre a geladeira, mexe nos armários, depois coloca um copo na minha mão, me pega pela cintura, espero profundamente que dê tudo certo.



Jack está mais nervoso que nunca, estamos sentados na areia, gostaria de ver o anoitecer agora, Sandy não para de conversar com Júlia, acho que a Sah está com o Alejandro bem perto da gente, não sei onde os irmãos de Jack estão, mas sei que estão em volta da figueira, escuto Joseph conversando discretamente com Nando sobre seu HP.

Também estou nervosa, mal consigo erguer a minha cabeça, todas essas pessoas sabem das limitações de Jack, elas sabem da doença dele, mas não sei se elas a compreendem o suficiente para poderem lidar com isso.

Eu ainda não entendo bem isso, porque para mim não existe uma justificativa normal ou plausível para toda essa coisa, mas sei que preciso estar ao lado dele e dentro do possível ir mostrando para Jack que ele não precisa ter medo de que as pessoas o vejam.

Ele está com um braço em volta de mim, sinto seu calor com isso, o vento sopra, mas já sei que o sol se pôs, a mão dele soa e treme um pouco, acho que ele se quer consegue se mover por causa disso, ele parece uma rocha de tão tenso.

—Duda—Sah chama a minha esquerda—Você quer café ou chocolate quente?

—Choco...

—Café—Sandy já vai falando de imediato. —E com adoçante.

Suspiro, ela pega mesmo no meu pé.

—Uou—Sah fala baixinho espantando o meu mal humor.

Me inclino e abraço ela, acho que estou sendo muito dura com a Sah, mas ela sabe que esse é o meu jeito de ser, não posso ignorar essas loucuras que ela faz as vezes.

—Vem cá. —Sah me puxa e coloco a cabeça em suas pernas. —Minha bebezona.

Sorrio e fico deitada, acho que posso tentar fingir que não me importo por mais um tempo, sempre acabamos fazendo as pazes.

—Mãe—Nando chama. —Posso fazer uma pergunta?

—Claro.

—Você vai me dar uma irmãzinha como a Blair?

Fico parada, penso por alguns momentos. Já conversei com o Nando sobre tudo, mas não lembro de ter explicado para ele a minha decisão de não ter mais filhos. Um dos motivos sempre foi porque eu morro de medo de engravidar de novo, o segundo naturalmente era a falta de um pai para o bebê, e terceiro, porque nesse momento estou muito focada na faculdade e no meu trabalho, que mesmo não sendo grande coisa, é algo do qual dependo para sustentar nós dois.

—Você precisa entender que eu estou na parada, Nando —Sah responde e ouço uma risada gostosa do meu filho. —Nada de bebês, eu ainda não fiz trinta anos.

—A vovó mataria a mamãe —Nando alega. —Ela disse que se a tia Juh engravidar, vai entregar ela para o conselho tutelar.

—Ela não poderia fazer isso, ela tem obrigação legal com a Juh até ela fazer dezoito anos, sem falar que se ela engravidasse, a vovó seria responsável pelo bebê dela também, acho que o juiz mandaria prender a mamãe por isso —explicou e ouço uma risada do Nando. —Já pensou que judiação para as presas, dividirem uma cela em regime fechado com ela?

—Vamos pensar em nomes para os possíveis filhos da Duda—Sah sugere empolgada.

Quero revirar os olhos, estava demorando.

—Se for menina, o nome dela será Emanuela —Nando fala empolgado. —Eu posso trocar a fralda dela, mamãe?

Ele é tão ingênuo as vezes, tão doce.

—Eu prefiro Stefanny —Sah opina e sei que ela está afastando os cabelos para o lado. —É autêntico.

—Fernanda, hein, mamãe? Que tal?

—Também não.

—Se for menino, se chamará Epaminondas!

É o nome do avô da Sah, quase engasgo com o riso, acho que a Sandy também riu, me ergo, nunca colocaria um nome desses num filho meu.

—Prefiro José, José é legal, meu colega da escola.

—Eu prefiro que vocês dois parem agora.

—E o que sugere, Duda?

—Eu voto em Jose!

Respiro fundo, pronto, Sah e Nando começam a discutir, ela replica, ele rebate e os dois falam ao mesmo tempo, me deixando louca, as vezes eu me pergunto por que ela discute tanto com ele. Nando é apenas uma criança de dez anos, sagaz e bem decidida quando quer, mas é apenas um menino.

—Quando eles dois vão parar? —Jack pergunta baixinho no meu ouvido.

—Quando um dos dois se cansar —respondo. —Ou quando ele começar a fazer cara de choro.

—Ela parece o Alejandro quando começa a discutir, não para.

Pelo visto Alejandro e Sarah tem muito mais incomum do que eu pensei.

—Quer o café?

—Quero o chocolate.

—Café!

Acho que estão todos contra mim, Jack se afasta, mas volta rápido, ele se senta atrás de mim e me puxa para o meio de suas pernas, coloca a caneca em minhas mãos, seguro. Ele ainda está duro, mas sinto como se estivesse um pouco melhor, seguro sua mão e a puxo para frente, entrelaço os meus dedos nos dele.

—Não colocaremos esses nomes nos nossos filhos, Maria.

—Não mesmo!

Ele sorri eu acho, e estou de novo sorrindo.



Nível 12 da Obsessão

Acordo com um beijo leve na minha nuca, demoro um pouco para perceber que estou com a minha máscara, me estico, ele está me virando para ele e me abraçando, tento não sorrir, Jack basicamente não me deixou dormir ontem à noite, ele me acordou duas vezes... Acho que ainda não amanheceu, essa será a terceira, estou exausta e com sono, mas eu não me nego a ele, não consigo.

Nos beijamos e ele já está em cima de mim me penetrando bem devagar com toda a sua quentura, seu calor, toco suas costas, seus ombros e sua nuca, ele está onde eu quero, onde eu desejo que ele esteja, eu não quero que ele vá embora tão cedo.

Escorrego a minha mão até a bunda dele e aperto pedindo por mais, minha voz está baixa e arrastada, fruto de todo o prazer que ele me proporciona, nunca fiz tanto sexo em toda a minha vida.

Não, na verdade, eu nunca fiz sexo.

Ele rola para o lado e me leva junto, me ergo movendo os quadris com ele, Jack toca minha cintura, meus seios, meu pescoço, ele é tão carinhoso, tão, gostoso.

Não falamos, somos ótimos fazendo isso, não tenho medo do que sinto e nem receio, eu o amo, e tudo o que quero é que esteja sempre comigo.

Jack me puxa e eu o beijo, ele me move em cima dele, a ansiedade cresce lentamente dentro de mim, das outras vezes fizemos rápido, intenso, agora bastante devagar.

Beijo sua face, seu pescoço, seu peito, tudo em Jack é muito quente e fascinante, não vejo, mas adoro o corpo dele, estou confortável e bem com cada pedaço dele.

Rolamos de novo e ele fica por cima, afundo no colchão estreito, minhas

mãos se enfiam nos cabelos compridos e lisos, estou gozando e amando isso, tão sensível e molhada, estremecendo com ele, é lento e maravilhoso.

Jack rola para o lado, fico parada recuperando minha respiração, ainda queimando com o orgasmo, fico de bruços, estou esgotada.

Ele vem para cima de mim e ficamos quietos, tira a minha máscara e solta o meu cabelo, ele cheira o meu cabelo e o meu pescoço, sorrio, acho que é algo que estamos estabelecendo ao pouco, ele confia em mim, sabe que não vou quebrar as regras.

EU O AMO DEMAIS PARA QUEBRAR AS REGRAS.

—O que vamos fazer hoje?

—Já amanheceu?

—Já.

—Acho que a Sandy vai querer correr, você pode ficar com o Nando?

—Claro, Joseph está aí, também tenho que trabalhar.

Acho Jack bastante maleável as vezes.

—Podemos almoçar juntos? Nós três?

—Acho que seria melhor almoçar com a sua família.

—Por que?

—Porque seria muito grosseiro da nossa parte.

Ele suspira, acho que ele tenta encontrar motivos para se afastar deles, não quero que Jack aceite os irmãos, ainda não sei o que aconteceu e nem o quanto isso o afeta, mas ele precisa ao menos saber lidar com tudo isso.

Se todas as vezes que a minha mãe me magoasse, eu parasse de falar com ela —e isso já aconteceu várias vezes—, eu provavelmente já teria saído de casa há muito tempo, não teríamos o convívio—que mesmo sendo pouco, é bom — e talvez, hoje eu nem tivesse onde morar. Claro, não é a mesma coisa, porque ele não precisa dos irmãos para nada, é rico—muito rico—, mas creio que a partir do momento que isso causa um mal-estar em Jack, o único lado prejudicado é o dele.

Ontem foi uma noite silenciosa e tensa, ficamos na praia por um bom tempo em volta da fogueira, imersos pela quietude de Angra. Os únicos que ainda conversaram foram o Nando e a Sandy, até que a situação pareceu suportável durante a primeira hora, depois Jack levantou e me levou junto com ele para casa, fiquei com tanta raiva dessa atitude dele, mas bastou entrarmos no quarto para eu ter certeza de que preferia ter subido até mais cedo.

Fizemos amor no banheiro durante o banho, e fomos para cama, depois ele me acordou e fizemos de novo, agorinha de novo, acho que nunca vou me cansar disso.

—Você não sabe o quanto essa situação é constrangedora. —Ele está muito relaxado. —Não quero te expor ao ridículo.

Nossa.

—Eu não me importo. —Estou sendo sincera. —E acho que é uma chance muito boa de se aproximar deles.

—não quero.

—Jack, seus irmãos eram jovens quando tudo aconteceu, todos erram...

—Eles não nos queriam antes, por que devo confiar neles?

—Se eu falhar com você, vai me afastar para sempre? Vai me banir da sua vida?

Ele não responde, e eu sei que ele já está irritado, sinto uma mordida forte no ombro e suporto a dor em silêncio, acho que ele não sabe como expressar seus sentimentos direito—ok, eu também não—e acaba descontando em quem não tem culpa.

—Você tem sorte que gosto muito dessa sua bunda. —Ele beija o local com carinho.

—Só dá bunda? —pergunto baixinho, odeio quando ele faz isso.

Bipolar.

—Ah, Maria, não me sujeite a isso. —Ele beija minhas costas devagar e vai descendo. —Por favor.

—Não estou te sujeitando —respondo estou sentindo arrepios por todo o meu corpo. —Jack eu, estou esgotada.

—É? —Ele sobe de repente e me penetra com força. —Você não quer?

—Quero—admito surpresa. —O que você tem?

—Sua culpa.

Quero rir.

Me ergo a força e fico de joelhos, Jack segura meus quadris e começa a estancar com força dentro de mim, estou sorrindo, me segurando na cabeceira, sentindo de novo prazer, queimando de novo com ele.

—Você é muito gostosa.

Minhas pernas tremem, trepidam, meus seios pulam com força que ele

aplica em mim, fazemos barulho, a cama está se movendo com a nossa loucura, Jack toca meu ponto sensível, e depois enfia os dedos na minha boca, chupo os dedos sentindo a viscosidade que tenho, ah isso é tão bom.

—Vem cá.

E me puxa pelos cabelos, ele sai e deita enfiando a cabeça entre as minhas pernas, me viro e caio sobre ele, arranco a camisinha dele, estou tremendo, coloco ele na minha boca ouvindo um gemido alto, levo um tapa forte na bunda e ele me morde toda, Jack me lambe com vontade, ele gosta disso e eu adoro, também lambo ele, estou muito excitada, acho que mais em fazer com ele, do que ele comigo.

Chupo sem receio e tento fazer sem machucá-lo, tenho medo de fazer alguma coisa errada, toco suas coxas abrindo um pouco as pernas dele, quero vê-lo, Jack abraça os meus quadris com força e me provoca com a língua quente e rápida, gemo, e gozo rápido, ele continua a lambar o meu clitóris bom força e queimo toda por dentro, arfo gemendo minha boca em seu membro duro e firme, eu o quero dentro de mim.

—Jack, por favor...

Mas ele me ignora e continua, meus pés queimam, não aguento mais, soluço e começo a chorar, arranho as coxas dele e chupo com força, enquanto explodo, ele gira os nossos corpos na cama, finco as unhas na bunda dele trazendo mais e mais para mim, ele se mantém de joelhos.

Ele vira, está me observando de novo, me beija, não consigo me mover, estou sem ar, as sensações não abandonam o meu corpo, volta a me penetrar impiedosamente.

—Amo você—ele sussurra. —Amo você.

Ah Jack.

Beijo ele, passo meu braço em volta do pescoço dele, estou chorando, meu prazer envolvendo ele. Meu coração está cheio desse sentimento forte e terno, eu o amo, eu o amo bem mais do que deveria, do que poderia, sou desse homem em todos os sentidos.

Ele sai e cai gemendo em cima de mim, seu peso abandonado no meu corpo, estamos nos contorcendo, ele gozando com força em cima da minha barriga, sorrio e beijo ele.

—Você me deixa louco. —Jack coloca a cabeça entre os meus seios. —
Sujei você.

—É a sujeira do amor.

Ele ri, beijo sua cabeça.

—Não quero que engravide agora. —Ele ainda respira com dificuldade. — Quero aproveitar ao máximo com você.

Que bom, porque eu não quero engravidar tão cedo.

—Mas vamos ter filhos, quero que você esteja primeiro no nosso apartamento.

—Semana que vem, minha menstruação já desce.

Morro de vergonha de falar essas coisas.

—Você não quer filhos, não é?

Ele apoia o queixo entre meus seios, não quero mais bebês, foi uma decisão que eu tomei já há um tempo, mas nessa época eu não pensei que fosse me casar, estava magoada demais com a minha vida, meus problemas e com um recém-nascido—não desejado nem planejado—para criar sozinha, e eu só tinha dezessete anos, estava frágil e traumatizada. Agora estou casada com alguém que, dentro do possível, é bom para mim, quer bebês, mas ainda não estou segura disso, também acho muito cedo, porque faz pouco tempo que estamos casados, nós estamos começando a nos conhecer agora, um filho é uma decisão muito séria, e também, eu não quero ter um outro bebê que sofra por minha causa.

—Ainda é um pouco cedo para isso, Jack.

—Quero tudo com você, Maria, posso esperar, ainda somos jovens.

—Você é jovem, eu não —replico incerta—, mas ainda tenho uns dois anos para decidir se quero filhos.

—Não comece.

Três batidas na porta, dou um pulo, Jack ri cheio de veneno e rola para o lado, ele joga um cobertor em cima de mim, está andando pelo quarto.

—Duda, você tem dez minutos para descer —Sandy avisa. —Seu café está aqui na porta.

Ah não...

Eu mal consigo me mover, escuto o som da porta abrindo e fechando, depois Jack tira as cobertas de cima de mim e me pega no colo, estou destruída, eu não quero descer.

—Te dou banho.

—Eu mal consigo andar.

—Você está com preguiça.

—Ah é? Você vai ver a minha preguiça hoje à noite—reclamo e ele ri. —Será que se eu fingir que morri, ela me esquece?

Jack inclina a cabeça no rumo da minha orelha e sussurra baixinho: —Não.

Quero rir, mas fico seria, acho que já estamos no banheiro, Jack me coloca no chão e abre o chuveiro de uma vez, a água está gelada, arfo com o choque, toda a minha pele se arrepia com isso.

—Vou dar uma corrida também —ele fala e começa a passar o sabonete na minha barriga. —Depois eu vou para o escritório, pode tomar um sol e descansar.

—Está bem. —Queria ficar com você. —Você pode dar uma olhada no Nando para mim?

—Claro.

Estou tão cansada, que deixo que Jack me lave, não tenho forças para sentir vergonha do meu corpo agora, ele me ajuda a sair assim que termina e me enfia no meu roupão, depois fecha a porta atrás de mim, olho em volta, o quarto está uma bagunça, nossas roupas jogadas para todos os lados, as roupas de cama no chão.

Recolho tudo, tiro as roupas de cama e coloco tudo num canto para lavar, bebo o café—ainda morno—que Sandy trouxe, e me enfio num biquíni que eu sempre uso por baixo das roupas de malha, prendo os meus cabelos e calço o tênis, vou me arrastando lá para baixo. Sah já está toda se alongando na sala, ela me olha de cima abaixo e dá um sorriso maldoso para mim. Reviro os olhos.

—Hei novinha, o Alê arrumou uma prancha de surf para você.

Alê?

—Alejandro!

—Ah. —Jogo o peso do meu corpo nela e Sah fica revirando os olhos. —Sah...

—Vamos logo. —Sah está me puxando para fora da casa. —Quero gastar essa energia acumulada.

A energia que eu nem tenho mais.

Sandy já nos espera do lado de fora, disposta e sorridente, Júlia ao lado

dela se esticando, minhas pernas doem, e todo o meu corpo implora por cama, mas da Sandy sei que não dá para escapar.

Iniciamos a corrida depois de uma conversa animada entre as três sobre sucos naturais, eu fico para trás basicamente o tempo todo, mas consigo alcança-las e me animo depois dos vinte minutos.

Vamos até a ponta e voltamos, estou concentrada em minha música, acho que já passei as meninas, fico surpresa com a minha disposição, mas estou começando a me acostumar com os exercícios, tenho a impressão que Alejandro acabou de passar por mim indo no rumo das rochas, ele também corre as vezes, mas sempre só, depois mais um homem passa, então ne lembro que os irmãos de Jack estão aqui.

Chego primeiro diante da casa, olho em volta, tudo aqui respira tranquilidade e paz, adoro esse lugar. e ele é meu.

Mal acredito, na verdade, não acredito nisso.

Deito, Sah já está do meu lado, começamos a série de abdominais, quero terminar logo, agora que eu sei que tem uma prancha aqui, só quero desligar um pouco.

Jack está aqui e eu também acho tudo isso bem surreal, acho que tudo isso é bem inacreditável até para mim.

Sempre fui muito realista a muitas expectativas na minha vida, estabeleci planos, e sempre alcanço as minhas metas pessoais, acho que para as pessoas terem as coisas se torna algo muito fútil, mas para mim que sempre tive que trabalhar e algo que valorizo demais, claro que eu não tenho tudo o que quero, minha vida nunca foi assim, mas até hoje o que eu tenho é fruto do meu esforço, não me gabo por ser muito organizada nesse sentido.

—Você está com tudo hoje, Duda.

—Você falou que tem uma prancha.

—Vou buscar.

Sah está determinada em fazer as pazes de vez comigo.

Sandy me obriga a fazer uma sessão de agachamento desumana, mas estou com tudo hoje, ignoro a dor no meu corpo e foco no que eu quero.

Já percebi que quanto mais eu resisto as coisas, mais ficam piores, com exercícios é assim, se eu ficar reclamando, nada dá certo.

Sah volta com uma prancha e bem em tempo da aula de ioga, estou mais firme hoje, consigo umas posições mais difíceis e Sandy me cobre de elogios, meus olhos estão fixos no mar.

Tenho tantas coisas para pensar, fora que esses acontecimentos bagunçam também toda a minha vida, em uma semana eu estarei desempregada, fazendo faculdade em período integral e morando em Copacabana, coisas que nunca aconteceriam em minha vida medíocre e sem graça.

Sei que terei que me adequar a tudo isso, uma nova vida... casada.

Não tenho dúvidas quanto aos meus sentimentos, nunca me apaixonei na vida, me sinto totalmente caída por esse homem.

Foi tão rápido!

Mas o que eu esperava?

Acho que não esperava! E isso me assusta para caramba.

Terminamos a sessão, olho para varanda e os irmãos de Jack estão reunidos tomando café, Joseph também, acho que nem vi, mas todos eles saíram para correr—Joseph com roupas de malha, quem diria—, acho que eu estava muito distraída.

—Hoje está bom para pegar uma onda —Sah fala tirando a regata. —Vou mergulhar um pouco.

—Valeu.

Sah revira os olhos, ela odeia quando eu falo gírias—ela pode—, bem, as vezes eu sou humana.

Tiro a camisa e olho para prancha meio velha, Alejandro deve ter achado ela em algum lugar da casa, mas dá para o gasto.

—Você está ficando sarada. —Sah me olha de cima a baixo. —Inveja dessa bunda.

Mostro a língua para ela, estou vermelha, deveria ter trazido meu macacão, tiro o tênis e a calça, acho que Jack não está vendo agora, deve estar ocupado no escritório, e também, duvido que com essas duas mulheres espetaculares perto de mim, alguém me note.

Amarro a corda no tornozelo, se eu me afastar o suficiente, talvez pegue algumas até boas.

Aumento o volume do Iphone no último e me certifico de que está bem preso no meu braço, Sah me falou que com essa capinha, ele não vai molhar, pego a prancha e vou ouvindo Sandy é Sah falarem sobre o almoço de hoje, faço uma careta, algo com espinafre.

Subo na prancha e os meus braços vão me levando para longe do raso, espero pela primeira onda observando toda a quietude desse lugar, Audio Slave explode nos meus ouvidos, mas nunca me senti tão em paz comigo

mesma.

Acelero assim que vejo uma mais agressiva, o sangue nas minhas veias esquentam muito rápido e fico em pé entrando nessa onda, me sinto em sintonia comigo mesma quando surfo, não é algo que mulheres da minha idade gostem muito—Sah acha brega, mas não julga—, mas é uma excelente terapia.

Abaixo e subo me firmando na prancha, e permaneço intacta até o fim dessa, não paro, mesmo que o mar aqui não seja dos mais agitados, sigo o fluxo e aproveito bastante que a maré está enchendo.

Estou mais tranquila agora, Sah já está tomando sol ao lado de Sandy, saio e tiro a corda, depois vou de fininho e pulo em cima de Sah—adoro fazer isso quando vamos à praia—, ela dá um grito assustado—como sempre—, levanto e saio correndo, adoro fazer isso.

—Maria Eduarda, você me paga caro.

Sei que ela levantou, e também sei que ela é muito mais rápida que eu, então junto toda a força que tenho nas pernas, acelero no rumo da varanda, sei que quando ela me pegar, vai me encher de cutucões, vai me fazer cócegas, e me obrigar a pedir desculpas.

Entro na casa correndo o mais rápido que consigo, escuto um berro de raiva dela e corro no rumo da sala de jantar, então, estamos eu de um lado da mesa e Sah do outro, tentando me interceptar.

—Você sabe que eu vou te pegar, não sabe?

—Vem para a mamãe.

Atiço porque sei que ela fica mais furiosa ainda com isso, é assim desde que éramos crianças ainda, Sah é muito agressiva, e ela odeia ser desafiada ou essas coisas.

—Quando eu te pegar.

—Vem, que aqui é favela, meu irmão.

E danço para os lados imitando todas as vezes que vejo a Sah dançando funk lá em casa com a Juh, ela pula pela direita, mas eu estou indo pela esquerda, deslizo os ombros para os lados e vejo ela gargalhar, porque sei que ela nunca resiste quando eu começo com as minhas palhaçadas.

—Não vale me fazer rir.

—Vale tudo. —Estou dançando sozinha, não sei dançar e eu acho que é justamente isso o que faz tanto as pessoas rirem de mim.

Sah desiste e vamos abraçadas para a cozinha, Sandy já está aqui no pé do fogão, Nando sentado à mesa comendo seu cereal.

—Bom dia, mano—comprimento e beijo a cabeça dele que ainda parece estar dormindo.

—Bom dia, mãe. —Nando ri. —Estava dançando?

—Tem que ter muito estilo, meu irmão. —Faço uma pose e ele gargalha. —É só na tranquilidade, mano.

Sah dá uma gargalhada alta, Sandy também ri.

—Saca o estilo da novinha. —Sah aponta para minha bunda. —Vai novinha...

Rebolo exageradamente—de propósito é claro—e toco o meu corpo fazendo uma cara muito engraçada, Nando gargalha a berra, assim como Sandy é Sah, adoro ver o meu filho feliz.

—Aqui é periferia, mano—falo e abro a geladeira. —Saca o estilo fitness dessa novinha.

—Aí, mãe, você me mata de rir. —Nando está secando os cantos dos olhos de tanto rir. —Faz de novo.

Sah começa a cantar uma música latina, rebolo para os lados, Nando é o que mais ri, Sandy não se segura, não nasci mesmo para essas coisas, bato palmas acompanhando Sah enquanto basicamente destruo a música, não escuto muito desse tipo de música, Sah adora, e o Nando ama as minhas imitações de Jennifer Lopez, ele também adora quando eu imito a Britney Spears ou a Beyonce.

Claro que eu não me sujeito a esse tipo de coisa na frente de mais ninguém, mas estou tão feliz, tão contente, acho que posso extravasar um pouquinho esses dias, não seria eu mesma que não fosse assim, acho que nunca vou mudar esse meu lado.

Mamãe as vezes fala que eu sou um pouco menina demais, concordo com ela, porque em parte, deixei de ser menina muito cedo, enquanto as minhas amigas estavam se divertindo em festas ou namorando, eu estava cuidando de um bebê recém-nascido. Não que eu quisesse, mas naquela época eu era muito diferente do que sou hoje, a verdade é que todos aqueles acontecimentos na minha vida me fizeram mudar muito a minha personalidade e o meu jeito de ver a vida, acabo de perceber que o meu humor foi a única coisa que não mudou, porque apesar de eu ser muitas vezes

realista e bem sincera, eu sou engraçada, sempre dou um jeito de tentar fazer as pessoas perto de mim rirem, mais as que amo, principalmente o meu filho.

Não sei como seria a minha vida sem seu sorriso, sua presença, ele é algo do qual eu quero ter para sempre ao meu lado, e eu o amo incondicionalmente, mesmo que eu não seja a melhor mãe do mundo, o meu filho merece ter dentro do possível com todas as suas limitações, uma infância normal.

—Beyoncé, mãe, Vai!

Fico de lado, e estou andando pela cozinha toda empinada, Sah está cantando Crazy In Love, solto os meus cabelos do coque e jogo para os lados, danço feito uma louca. Nando bate na mesa de tanto rir, acho que Sandy está quase chorando de tanto rir, Sah vem para o meu lado e dançamos a música juntas, essas loucuras que fazemos quando estamos juntas, as vezes até o Nando entra no meio, somos ótimas em imitar as famosas, bem, acho que as vezes somos ótimas em ser duas retardadas juntas, por isso amo ela.

Faço o passinho e ela me acompanha rápido, cantamos enquanto dançamos, Single Ladies, gosto dessa música, principalmente nos dias de faxina, estamos de costas para Sandy e Nando, rebolando enquanto olhamos nossas unhas, não levo a sério, nem Sah, não tenho moral para dançar essas coisas, ainda mais de biquíni.

—Oi Jack, tio Alê!

Paro, Sah também, e congelo, ela está ficando pálida, Jack!

—Eu vou buscar umas coisas ali no quintal —Sah fala imediatamente.

—Eu vou com você, acho que talvez precise de ajuda!

Somos ótimas em sair de coisas assim. Aí Meu Deus, que vergonha!

Quero que o chão abra e eu seja engolida, um buraco negro.

Saímos pela porta dos fundos e eu estou totalmente tensa, Sah está vermelha feito uma pimenta, ela segura o meu braço e vamos nos afastando até a área das plantas em silêncio, não acredito que fizemos isso.

—Que ódio —Sah fala entre dentes. —Eu já posso morrer.

Tem uns pés de manga aqui, e umas bananeiras, além dos coqueiros, andamos em silêncio por alguns momentos, a vontade que eu tenho é de sumir e não voltar tão cedo para casa, não acredito que fiz isso.

—Olha, não pode ter sido tão ruim assim —Sah opina constrangida e me encara. —Foi?

—Foi! —Cubro as minhas faces com as mãos. —Isso foi pior do que no aniversário da sua mãe em 2007, quando pegaram a gente dançando forró juntas na cozinha.

—Mas foi legal —Sah esclarece e começamos a rir. —Por que a gente faz essas coisas?

—Por que somos retardadas —respondo revirando os olhos. —Pelo menos você é magra.

—Eu não entendo por que você acha que uma mulher que tem quadris largos é gorda.

—Por que eu sou.

—Não é.

—Sou sim!

—Duda, olha para você, tem bunda, seus seios são lindos, e sua barriga é mega bonita.

Olho para os meus seios, acho eles enormes, e a minha barriga é meio flácida, tenho algumas pequenas estrias no pé da garriga devido a gravidez, e a minha bunda é enorme, meus quadris são mesmo mais largos, sempre odiei o meu corpo.

—Mas eu tenho celulite.

—Para de inventar, qualquer cara daria tudo para sair com você.

—Eu sei. —Afasto o cabelo para o lado, minha falsa e convincente modéstia. —Sou gostosa.

Ela ri, e nos abraçamos, sou mais baixa que Sah só um pouquinho.

—Então, quem diria, Duda casada!

—É, quem diria.

Olho para os anéis nos meus dedos, mal tinha prestado atenção no que Jack me deu no dia do “noivado” com a minha família, a pedra é pequena e delicada, de cor azul também, outra safira, mais simples que a outra, mas dá para ver a autenticidade dessa joia, acho que ele sabe que se me desse outra coisa muito extravagante, eu reclamaria na hora.

—Felizes para sempre, então?

—Ninguém é feliz para sempre, Sah, e o Alê?

—Estamos na mesma.

—Que mesma?

—Alejandro é um doce, mas não sinto como se estivesse pronta para me envolver de cara, ele se tornou um grande confidente esses dias.

—Você falou para ele sobre o “G”?

—Sim, e também deixei bem claro que eu já tive vários namorados.

—E ele?

Sah suspira, cata uma manga e faço o mesmo, estão completamente amarelas, vou vir aqui mais tarde catar porque o pé está carregado, lá em casa todo mundo adora.

—Ele disse que não se importa.

Estou surpresa com esse tipo de comportamento, qualquer homem que sabe do passado de sua mulher—que já teve vários namorados—assim, tão abertamente, talvez não reaja muito bem a tudo, talvez não, em 100% dos casos.

—Disse que também já teve várias namoradas.

—Quantas?

Ela faz cara de tédio.

—Duas!

Rio, Sah revira os olhos, acho que ela está tentando esconder de mim que gosta dele, conheço ela, porque ela sabe que se começar a se envolver com Alejandro, isso parecerá muito precipitado e cedo da parte dela, e se não der certo, ambos acabarão bem magoados, principalmente ele.

—Ele é um pouco melancólico demais e as vezes bem infantil.

—Você também.

—É, mas ele me falou que já tentou pular da ponte três vezes.

Esqueci de contar, mas pelo visto, Alejandro é bem parecido com o irmão nesse sentido, completamente sincero.

—Não fiquei assustada, teve aquela vez que eu tentei me matar, lembra?

Isso não é novidade para mim, nem sei por que me assusto quando as pessoas me contam essas coisas, Sah já fez isso uma vez, mas prefiro acreditar que ela estava num estado profundo de inconsciência, já que havia tomado vários comprimidos para dormir e outros remédios.

—Mas assim, ele é muito atencioso, gosto dele.

—Sei que gosta.

—Tenho medo de magoar ele.

—Acho que está no rumo certo de tentarem mais a amizade.

—Acha?

—Claro que acho, vocês são sinceros, acho que é o primeiro passo para que possam assumir algo mais sólido.

—E você e o Jack?

Respiro fundo.

—Não falamos mais “daquilo”.

—Está caidinha, né?

—Nunca gostei de alguém.

—Ele te trata bem?

—Claro que sim.

—É que ontem ele estava com uma cara, e quando ele te pegou pelo braço, achei que iriam brigar.

—Eu também, mas não foi o caso.

—É, dá para ver na sua cara que deu a noite toda.

Belisco Sah, ela continua rindo feito uma idiota da minha vermelhidão.

—E também, eu já escolhi o meu acompanhante para o casamento do Gabriel, Lorde Alejandro Carsson Bezerra.

—O sobrenome deles é Bezerra?

—Claro, ah e eu tenho uma coisa para te contar sobre o Jack.

Já estou curiosa, mordo a manga sem me importar se está suja ou não, Sah também já está roendo a dela.

—Sabe qual é o nome do Jack?

—Nome?

—É, o Alejandro me falou, foi assim, nasceram aqui aí o pai dos outros veio buscar a mãe deles, só que eles já tinham sido registrados aqui, com nomes diferentes.

—Nossa. —Não sabia disso, estou mesmo surpresa.

—Então preparada para saber o nome verdadeiro do seu amor?

Desde que não seja Epaminondas!

—é João Lucas!

Dou um pulo, Sah abaixa os ombros já sem empolgação alguma, ela adora fofocar, e adora ser a primeira a dar qualquer tipo de notícia. Sinto a mão de

Jack agarrar minha cintura, fecho os olhos, João Lucas? O que esse nome tem a ver com Jack? Estou tensa, será que ele já estava há muito tempo por perto? Espero profundamente, que não.

—Meu tio achou melhor chamar a gente por nomes em inglês —Alejandro está falando. —Denzel era o nome do marido da minha mãe, e Jack é a tradução de João para o inglês.

Poxa Vida, João Lucas?

É UM BELO NOME!

—Nome de batismo, mas todos me tratam por Jack. —Ele está sem camisa. —O que achou do meu nome?

—É bonito —confesso, estou um pouco nervosa com o que aconteceu há pouco. —Você não ia trabalhar?

—Ia, não vou mais, o “Alê” me pediu para ficar com ele.

—Idiota! —Alejandro reclama constrangido.

—E os seus irmãos?

—Infelizmente não saem de perto, Jonas sugeriu que fossemos pescar — Jack responde muito calmamente. —Odeio pescar.

—Acho legal —Alejandro fala meio sem jeito. —Eles querem ser nossos amigos, Jack, ontem Phelipe me chamou para uma conversa, o tio está preocupado, você sabe que ele não pode ficar se preocupando.

—Coitado —Sah concorda e sei que ela realmente está penalizada. —É por causa do marcapasso, não é?

—É—Jack parece impaciente. —Tudo bem então, mas eu não vou pescar.

—Vou colocar um calção. —Alejandro se afasta. —Vem, Sah.

—Eu estou velha demais para correr...—e grita. —Alejandro, me coloque no chão... agora.

Depois escuto umas risadas altas dela, ele está correndo, aposto que com ela no ombro, mordo minha manga, e sei que estou mais ansiosa que de costume, acho que a empolgação de ontem sumiu, e agora deu espaço novamente para o nervosismo.

—Você dança muito bem, Senhora Carsson.

Não precisava lembrar disso, estou ficando ainda mais vermelha.

—Obrigada.

É tudo o que posso falar, porque infelizmente eu sei que não tem como

voltar atrás, não existe aquele botão dos sonhos chamado “desver”, nem mesmo a palavra, me sinto idiota.

—Você está muito gostosa nesse biquíni.

—Você acha?

Sei que ele está rindo, odeio me sentir alvo de algum tipo de chacota, nesse caso, porque até três semanas atrás não usaria algo assim, e segundo, eu nunca, jamais dançaria usando biquíni perto de alguém além de Sah e o Nando.

—Acho. —Tem calor na voz de Jack, ele beija minha cabeça e me puxa para ele. —Não precisa ter vergonha do Alejandro, ele não tira os olhos da Sarah.

Estou morta de vergonha de você, Jack!

—Aham—digo me sentindo ridícula por isso.

—Maria, você vai começar? —Jack está com a voz séria de novo. —Não precisa ter vergonha.

—Foi ridículo.

—Você não é assim quando eu estou por perto, e também não me falou que surfava.

Engulo a seco, então, ele viu? Me afasto, não é algo que eu considere uma grande coisa, acho que isso não faz diferença em nada.

—Maria, você não precisa ter vergonha de mim, eu sou o seu marido e adoro cada parte de você, sua personalidade é incrível, eu gosto muito do seu humor, mas quando eu estou por perto, você fica muito travada e fechada.

—Claro, eu morro de vergonha do meu jeito, eu sou muito esquisita.

—Esquisita?

—É, e infantil, eu sou exagerada e as vezes eu meio que não me controlo.

—Não quero que se controle, quero que seja você mesma.

—Talvez não goste depois, sou muito sem graça, Jack.

—Por que você se diverte com a sua família? Por que faz piadas? Ou por que você tem hobby diferentes das outras pessoas?

—Não combina com você.

—Acho que eu que tenho que falar se combina ou não.

Ele está indiferente e sério, me sinto como se conversasse com a minha mãe sobre mudar meu jeito, para ela eu sempre sou a garota esquisita e sem

amigos, ela não entende que a única amiga verdadeira que eu tenho me é o suficiente, tenho colegas no trabalho e na faculdade, então eu não sinto como se precisasse mudar, ela também vive reclamando da minha risada e do meu desastre sem fim, desde sempre fui assim, acho que pela primeira vez na vida encontrei alguém do qual tenho receio de ser eu mesma na presença.

—Maria?

—Apenas não falei do surf porque não achei algo demais, eu gosto para relaxar, e sobre ser eu mesma, eu sou eu mesma com você, apenas não quero estragar nossos momentos juntos com algumas manias minhas.

—Que manias.

Droga Jack, você quer saber de tudo?

—Você não tem defeitos?

—Muitos. —Ele está atrás de mim, toca meu ombro, o lado que mordeu hoje cedo. —Você sente na pele a minha personalidade, é algo que eu tento não expor, porque eu sei que o meu temperamento machuca as pessoas.

—Teve algum momento em que você perdeu a cabeça por minha causa?

—Muitos momentos —Jack fala baixo. —Quando você desapareceu em Las Vegas eu quase tive um ataque de nervos.

—Você parece muito controlado. —É o que eu penso.

—Só pareço —soa como um aviso. —Não me teste, Maria, eu já quebrei uma sala inteira numa crise de raiva uma vez, hoje eu sou mais controlado, mas me corroo por dentro quando algo me frustra.

—E o que te frustra?

—Você!

Ai, não precisava dessa!

Engulo a seco, fico parada, Jack e eu temos muitas coisas para conversar, nos conhecermos mais, tantas coisas, nem sei por onde começar.

—Você me deixa irritado, mas ao mesmo tempo é tudo o que eu mais desejo. —Jack está apenas a alguns centímetros de mim. —Você é a única pessoa no mundo da qual eu tenho certeza que não se interessa por mim pelo o que eu tenho, e sim pelo o que eu sou, mesmo eu sendo um louco, e mesmo que isso a machuque muito, você fica tão feliz quando estou por perto..., as pessoas não reagem assim com a minha presença.

—Elas não enxergam você como deveriam. —Me viro, e me sinto triste

por ouvir isso dele. —Elas só preferem ver o nosso pior e isso não é sua culpa.

—Sinto como se assustasse as pessoas as vezes.

—Tem que permitir que elas o vejam Jack, que elas o conheçam como você realmente é.

—Mas... talvez elas não gostem de mim muito além da minha aparência.

—Então, não será sua culpa e sim algo que elas decidiram e não você.

Ele está me analisando, sinto uma vontade imensa de abraçá-lo.

—Pode abrir os olhos quando desejar.

—Não é isso—corto. —Acho que você não entende o porquê eu aceitei a sua doença.

—Porque sabe que isso me afeta.

—É porque não importa como você é por fora, me importa como você é por dentro.

—Talvez eu seja podre.

—Jack, isso é uma conversa adulta ou uma disputa de egos?

—Ego?

—Você quer tentar me convencer de que não vale apenas ficar com você, mas não quer que eu te largue.

—Estou apenas avisando.

—Eu sei, acho que estamos lidando muito bem, dentro do possível, nessas semanas.

—Faço qualquer coisa para que fique ao meu lado.

—É?

—Sim.

Meu coração se contrai, e enxergo nele alguém que já sofreu muito por alguém que não merecia, alguém que lhe ensinou uma percepção muito errada de como as coisas funcionam, mas meu bom senso me impede de sentir pena, isso não, tenho que afastar a compaixão de mim porque senão, acabarei misturando as coisas e isso é a última coisa que ele precisa nesse momento, ou eu, amo Jack! Amo!

—Qualquer coisa?

—Sim, tudo.

—Então me ame.

Ele fica em silêncio, eu não, eu preciso falar.

—Pode me amar todos os dias que eu não vou achar ruim, pode ser você mesmo, que eu vou tentar lidar com isso, pode cometer erros e falhar comigo que ainda estarei aqui, mas não se submeta a fazer tudo o que eu quero, eu não quero nada além do que você tem para me dar nesse momento. —Nunca fui tão sincera com alguém. —Nós acontecemos muito rápido, isso ainda me assusta, mas eu não quero você longe de mim.

—É péssimo—fala muito baixo.

—Às vezes as pessoas nos pedem muitas coisas que não temos a capacidade de dar, tudo o que podemos dar para elas é o nosso amor e um pouco de paciência.

—Amor não é tudo.

—Se eu não o amasse, eu não estaria com você.

—Você... você está falando que já estava apaixonada por mim?

—Acho que eu sempre fui, desde quando fomos para Malibu, apenas tinha medo e incertezas, não é algo que eu procure, pelo contrário, eu não queria casar nem nada, eu adoro a minha liberdade.

—Para sair com outras pessoas? —insinua um tanto sarcástico.

—Acho que para ser eu mesma, para não ter que ficar agindo como um robô na frente dos outros, e porque as vezes eu adoro ficar só, eu adoro ter tempo para minha vida, criei uma certa independência.

—Foi uma pergunta idiota.

—Eu sei, você é idiota.

Estou um pouco irritada com a insinuação.

—Eu amo você!

Isso é bem real e franco para mim, meu coração se enche e eu sinto um frio forte no estômago agora.

—Amo muito mais do que deveria.

—Por que você me ama?

—Porque você me vê como realmente eu sou, me aceita por isso.

Engulo a seco, a voz dele está mergulhada em uma tristeza profunda, condessa.

—Ela não o aceitava.

—Ela era a minha única chance de tentar ser normal.

Poxa Vida, Vadia Condessa Soraya, o que você fez com esse homem?

—Você é normal, Jack—rebato porque acho que a voz dele está abafada demais, como quando a gente quer chorar ou algo assim.

—Você sabe ser doce quando quer. —Ele está amargo, a voz ainda falha. —Estou envergonhado por isso.

Jack está chorando, fico apavorada, nervosa, tudo ao mesmo tempo.

—Você é a minha única chance de ser feliz, Maria, por favor, não... não fuja de mim quando eu lhe pedir as coisas —ele pede muito baixo. —Me senti horrível quando a vi naquele estado de nervos.

—Não era sua culpa.

—Claro que era —interrompe e a voz dele se torna furiosa. —Eu sempre estrago tudo, é incrível.

—Jack, não foi sua culpa —respondo, cabisbaixa. —Apenas fiquei nervosa.

—Claro, porque isso não é uma proposta que se faça para sua mulher, alguém que merece respeito, me sinto um lixo, pensei que pediria o divórcio, tive tanto medo disso. —Jack está andando de um lado para o outro, pisando nas folhas velhas do lugar. —Eu prometo que não vou mais fazer nenhuma proposta do tipo, juro que...

Respiro fundo, quero colocar um ponto final nessa conversa agora.

—Jack, não foi sua culpa!

—Foi.

—Não foi, eu fui estuprada.





Um Segredo

Sei que mais cedo ou mais tarde teria que contar, não queria que fosse agora, contudo, estou tão nervosa em “vê-lo” nesse estado de nervos, que sinto que é o momento certo, ele tem que saber, ele merece saber, mesmo que eu me julgue incapaz de falar sobre isso com qualquer outra pessoa no mundo, Jack é o meu marido, alguém com quem pretendo dividir a minha vida, ele merece isso mais do que qualquer outra pessoa, não quero sentir como lhe devesse algo, ele me fala tudo a respeito de sua vida, é transparente comigo e bem sincero, está se desculpando por tudo, acho que ele merece um pouco de credibilidade.

Ele solta o ar, está tenso, eu sei, ele sempre faz isso quando está muito, muito nervoso, sinto um pouco de receio, meus ombros se encolhe, não estou vendo para ver como está seu semblante, como ele reage a notícia, mas eu não gostaria de olhar para ele e de repente ver pena, não quero que ele sinta pena de mim, é algo que abomino.

Na época era tão jovem, apenas um menina, tinha tanto medo de que as pessoas soubessem, tinha medo de ser a maior vergonha na vida da minha mãe, hoje entendo que para ela foi muito mais vergonhoso me ver grávida com apenas dezesseis anos, também, eu tinha muito medo, porque nos primeiros meses aquele crápula me ameaçava com ligações e vivia me perseguindo quando eu ia para escola, menti para ele, e a mãe dele só ficou sabendo que eu tive o Nando, porque me viu na rua com ele quando o meu filho tinha dois aninhos, Suely me deu apoio incondicional é claro, nunca vai saber que o filho é um marginal, um estuprador, sinto calafrios só de lembrar daquele nojento.

—Estuprada?

É tão difícil assim de acreditar?

—Sim.

—Vamos, vamos para casa, conversamos lá.

—Quero que vá se divertir com os seus irmãos.

—Não mesmo.

Droga, estraguei o dia deles!

—Explico para eles que não posso ir, agora vamos para dentro conversar.

Acontece que eu não quero conversar.

Jack pega minha mão, jogo a manga e qualquer lugar e o sigo em silêncio, estou tensa, muito diferente do que me sentia a pouco, o percurso é silencioso, passamos pela cozinha onde Sandy e Nando conversam, acho que estão distraídos o suficiente para nem notar que estou de olhos fechados, acho que na sala não tem ninguém, Jack nem espera para me falar nada e me ergue no colo, ele não parece bravo, mas está bem próximo disso, gostaria de não o irritar tão fácil sempre.

Depois ainda pede que eu seja eu mesma com ele.

Vadia!

—Vamos tomar um banho.

Já estamos no banheiro, é tão impossível discutir com Jack, até dias atrás fazia isso tranquilamente, tinha mais força de vontade, hoje, eu penso duas vezes antes de discutir, porque antes eu não me dava conta do quanto isso o afetava, porque não sabia sobre seu passado, e porque nós dois não admitíamos tão livremente o que sentíamos um pelo outro.

Ele tira o meu biquíni sem a menor paciência e liga o chuveiro, acho que também tira as próprias roupas, Jack já tomou banho hoje mais cedo, eu poderia muito bem tomar banho sozinha.

—Pode começar a falar, Maria.

Conheço esse “Maria” de “exijo que você faça algo”.

Respiro fundo, enfio a cabeça embaixo do chuveiro frio, agora faz muito bem para mim, nem sei por onde começar, tocar no assunto me deixa nervosa e as vezes apavorada demais, traz lembranças assustadoras e dolorosas para mim, mas eu já comecei isso e não posso negar a Jack a verdade por trás desse momento triste da minha vida.

—Eu ainda estou esperando.

—Foi numa festa lá em casa, tinha dezesseis anos, ele era amigo do

Vandersson na época. —Minhas mãos tremem um pouco, preciso ocupá-las, pego o shampoo. —Já havia frequentado nossa casa algumas vezes, mas nunca demonstrou nenhum sinal de mal caráter.

—Ele sabe disso?

—Ninguém sabe, bem, a Sah contou para minha mãe sem a minha autorização, é claro. —Começo a lavar os cabelos. —Eu estava no meu quarto lendo, ele entrou sem que eu visse, trancou a porta e começou a tortura.

—Ele espancou você? —A voz de Jack está inflexível e dura.

—Ele colocou um travesseiro na minha cabeça, a todo momento falava que se eu gritasse, me mataria, ele me estuprou na vagina, e no meu ânus—digo, e estrangulo a vontade de chorar. —Ele também me bateu bastante durante o ato, disse que se eu contasse para minha mãe, me mataria e mataria o Van... que faria o mesmo com a Júlia.

Jack respira fundo, e eu sei que ele não está bem, eu diria que ele está começando a ficar muito bravo.

—E a incompetente da sua mãe não viu?

—Usei roupas compridas durante um mês, ele também me cortou um uma gilete no ombro, mas foram cortes superficiais. —Esfrego os cabelos com força. —Contei para Sah, e fomos no médico escondido, descobri que estava grávida.

—Do Fernando?

—Claro que sim, Sah me convenceu a procurá-lo e força-lo a assumir a criança, ele me deu dinheiro para o aborto, disse que se eu não tirasse, iria me matar, eu não tirei e menti para ele. Sah manipulou um ultrassom dela, entreguei para ele e disse que se ele continuasse a me ameaçar, iria à polícia. —Dou as costas para ele, porque as primeiras lágrimas já estão caindo. —Depois eu contei para minha mãe, mas não disse que foi um estupro, só confessei que ele era o pai do Nando porque a vó do Nando por parte de pai nos viu na rua, e ela acha ele muito parecido com o Jorge.

—E depois disso?

—Depois disso a vó dele o vê sempre, ela não sabe que ele não foi planejado...

—Ele é fruto de um estupro.

—Ele é o meu filho—berro magoada. —Não fale assim dele, sabia que

falaria isso.

—Desculpe. —Jack também está uma pilha. —Eu não me importo com isso, apenas estou nervoso.

—Eu amo o meu filho, não importa a forma como ele foi concebido. —Engulo o soluço. —Ele é tudo o que eu tenho, meu motivo para prosseguir, meu motivo para tentar ser feliz, eu não quero que se refira a ele assim nunca mais.

—Maria...

—Eu não preciso da sua pena—falo sufocando. —Saia!

—Não. —Ele está duro de novo. —Não vou sair, eu não estou com pena de você, Maria, estou preocupado, isso é muito diferente.

—É? —Enfio a cabeça no chuveiro, estou soluçando, odeio isso.

—Mataria ele com as minhas mãos se algum dia o visse.

Não duvido disso.

—Não importa, já passou, antes eu tinha medo dele, hoje, só tenho nojo.

—Você ainda o vê?

—Não, e a Sueli só leva o Nando para a casa dela, quando ele está lá o Jorge não vai, ele maltratou muito o Fernando quando ele era pequeno.

—Maltratou? —A voz dele está de novo abalada. —Maria, por Deus, esse homem... ele é pior que eu.

—Ele desprezava o Nando, quando o Nando o abraçava ele o afastava, Sueli logo percebeu que ele não queria o Nando, ele sempre tratou o meu filho como se ele fosse um nada. —Fecho os punhos, fico tão brava com isso. —Da última vez foi a gota.

—O que ele fez?

—Ele chamou o Fernando de aleijado, disse que não gostava dele e que tinha nojo dele, aquele animal o meu filho só tinha seis anos, depois disso eu não deixo ele ir muito para a casa da vó, ela o visita lá em casa.

—Se um dia eu ver esse cara, eu tenho coragem de matar ele com as minhas próprias mãos.

Já desejei muito a morte dele, hoje, desejo esquecer de sua existência.

—Não acha que deveria ter me dito desde o começo?

—Eu disse.

—Mas... mas eu não acreditei.

—Estava muito nervosa, em parte porque você estava me pressionando, quando você deu a entender que não acreditara, preferi me manter em silêncio, morro de vergonha disso.

—Tem vergonha? —Jack parece furioso. —Ele deveria ter vergonha, ele deveria estar preso.

—Nem todos os homens do mundo iriam aceitar alguém como eu. —Fecho os punhos e crio coragem. —Você vai me largar por causa disso?

—Maria, por Deus, eu não vou te largar. —E respira fundo. —Eu já disse que não vou te deixar nunca.

Não com essas palavras.

—Você é a minha esposa.

—Eu sei.

—Então não fique agindo como se por qualquer, coisa a qualquer momento, eu fosse largá-la.

—É que mal nos conhecemos.

—Foi por isso que eu vim essa semana, para nós dois acertarmos nossas diferenças.

—Está bem.

Me sinto um pouco ridícula por isso, ele tem razão, mas é que estar com Jack é tão bom e maravilhoso, que tenho medo que tudo acabe de repente, que ele suma tão rápido da minha vida, quanto apareceu.

—Depois dele você teve mais alguém?

—Não, eu sempre evitei ter namorados, também acho que os homens me evitam bastante, você vem tomar banho?

—Você nunca teve relações depois disso?

—Não.

—Então eu fui o primeiro?

—Tecnicamente, sim.

Não sei por que estou tão envergonhada, grande coisa.

—Poderia ter sido um pouco mais especial, não é mesmo?

—Não precisava que fosse diferente comigo por causa disso, quero que seja sempre você mesmo.

—Um pouco mais romântico.

Vou para frente quando ele fica atrás de mim, Jack está embaixo do chuveiro agora.

—Foi romântico.

—Foi?

—Sim, as vezes você é meio romântico.

—Tem certeza que está bem?

—Estou cansada.

Fico aliviada que o assunto acabou, ele fecha a torneira depois segura a minha mão, tudo o que eu quero é descansar um pouco antes do almoço, sei que depois do almoço terei a minha aula de inglês também.

—Você corre muito.

—Estava concentrada hoje.

—Eu vi.

Viu? Onde? Quando? Como?

—Acho que você nem me viu.

—Jack, você estava na praia correndo?

—Avisei que iria correr.

—Mas... mas...

—Vi você mordendo a língua na aula de ioga e vi você sorrindo enquanto surfava, também vi você provocar a Sarah e entrar correndo dentro de casa.

—Esteve lá o tempo todo?

—Passei na sua frente e você nem viu.

Cacete Jack!

Me irrita, como assim nem vi? Eu teria visto certo? Ele me beija e passa uma toalha em volta dos nossos corpos, nos colando um no outro, me afasto querendo reclamar.

—Não. —E me beija mais uma vez. —Não quero nenhum deles perto de você, morro de ciúmes, tinha que vigiar.

—É? —Ainda estou brava. —Como eu não ti vi?

—Coisa do Mister “M”.

Coro, e ele ri, estou mais tranquila por ele não prorrogar o outro assunto, até porque, nada pode ser feito para mudar o meu passado.

—Quero que fique assim, está bem? Vou buscar o seu café.

—Nua?

—É vida, nua, gosto do seu corpo.

—Vou arrumar a cama então.

—Já fiz isso.

—Não precisava, eu mesma...

—Eu tenho o hábito de arrumar a minha própria cama e você não vai me convencer do contrário, coloquei os dois colchões no chão, assim teremos mais espaço.

Está bem, Senhor “arrumo minha cama”.

—Eu já volto.

—Ok.

—Seque o seu cabelo.

—Eu não trouxe o secador.

—Sarah trouxe, está no lavatório.

Esse homem pensa em tudo?

Ganho um beijo na cabeça, depois ele sai, só abro os olhos quando Jack fecha a porta do banheiro, olho para o secador da Sah com desânimo e começo a secar os meus cabelos, estou aliviada e ao mesmo tempo bem surpresa com tudo, não esperava por essa reação vinda dele.

Nunca sei exatamente como ele vai reagir, mas nunca espero algo bom vindo dele, me sinto mal por pensar assim, mas com todas as coisas que Jack meio que me falou ao seu respeito, dá para ver de longe que ele não sabe lidar com algum tipo de recusa ou algo parecido, com certeza ele está bem-acostumado a fazer o que quer e quando quer.

Ele mesmo me falou isso, sobre não estar acostumado a dar satisfações para ninguém de sua vida, é algo que eu também já estou bem-acostumada, ou estava.

Término de secar os cabelos e trato de prendê-los numa trança muito rápido, mal termino a trança, escuto batidas na porta.

—Vida!

Vida!

Sorrio, vou até lá e antes de girar a maçaneta, fecho os olhos, ele me puxa assim que abro a porta—meu bad romance—, beijo o peito dele, Jack também já está totalmente nu.

—Maria.

—Hum.

—Abra os olhos, sim?

—Eu não quero.

—Por que não?

—Por que você não está pronto.

—Estou e quero que abra, eu pensei sobre isso, é uma decisão minha.

Algo me ocorre.

—Vamos fazer assim, vamos marcar uma data, e vamos a um jantar, lá você pode aparecer para mim.

Ele fica em silêncio, depois me beija de leve.

—Está bem, quando eu vier no mês que vem, então.

Meu coração se contrai só de imaginar que depois dessa semana, só o verei daqui a um mês, mas, ao mesmo tempo, me sinto empolgada com isso, em um mês conhecerei o meu marido de novo!



Nível 13 da Obsessão

—Quando a minha mãe morreu, eu me tranquei no quarto por um dia inteiro, meu tio quase enfartou de preocupação.

Estamos deitados, relaxo entre os braços do meu amor—prefiro pensar

assim, mesmo que pareça melosa—, acabamos de tomar café, nossas pernas estão embaralhadas e Jack não me larga, achei que ficaríamos em silêncio até eu dormir, mas o sono não chega, ainda acho que é ansiedade devido à nossa conversa.

—Ele achou que eu havia fugido, me escondi dentro do guarda roupas. — Jack acaricia as minhas costas muito devagar. —Nesse dia, eu e Alejandro ficamos o dia todo agitados, ele era apenas um menino de três anos.

—Devem ter sofrido um bocado. —Minha mão também acaricia as costas dele, a outra está em sua nuca.

—Foi difícil. —Esfrega o nariz no meu. —Você é parecida com ela.

—Sou? —Estou sem jeito. —Fala a personalidade?

—É, você é uma mãe maravilhosa para o seu filho, minha mãe era assim comigo e com Denzel. —Jack respira muito devagar. —Quando morávamos com o nosso pai, não tínhamos muito, mas éramos felizes.

—Eles eram felizes —concluo.

—Sim, mas eu sempre notei que mamãe não era completamente feliz por causa dos meus outros dois irmãos mais velhos.

—Não tem como escolher entre um filho e outro.

—Ela se sentia culpada por não ter trazido eles, então, o marido dela nos achou, ele começou a perseguir ela quando o meu pai não estava por perto, fez com que ela ficasse com consciência pesada, depois ela deixou meu pai e levou nós dois, ela o amava, mas não poderia deixar mais os dois filhos para trás.

—O seu pai era um bom homem!

—Os dois eram, não tenho nada para falar sobre Denzel, o pai dos meus irmãos eram um homem correto e muito bom, seu único defeito era que ele tinha uma reputação a zelar e se importava mais com isso, do que com o que as pessoas a sua volta queriam.

—Imagino que tenha sido difícil.

—Amava meu pai.

Nunca conheci o meu pai, Jack ao menos teve essa sorte de ter o pai até os oito anos de idade, eu não, mas em contramão, seu pai se suicidou e ele nunca mais o terá por perto.

—Você me dá tanta paz.

Fico surpresa, realmente surpresa.

—Dou?

—Dá, você é ótima, vida.

Sorrio, beijo ele de leve.

—Amo você, Maria.

—Também amo você.

—Para sempre.

—Para sempre.

Ele sorri, e nos beijamos, Jack me puxa e colamos mais nossos corpos, ele vem para cima de mim, seu corpo quente e pesado, toco suas costas livremente, sua bunda, as cochas dele, ele deixa meus lábios, e está de novo me observando.

—Você é linda.

—Eu sei.

Jack ri, se apoia no cotovelo, fica me olhando, tocando os contornos do meu rosto, fico quieta suportando seu peso, aprendi a gostar disso.

—Quero que você tenha absolutamente tudo.

—Já tenho tudo o que quero bem aqui.

—Com a loucura?

—Com os problemas.

—Você sabe que eu preciso te levar ao menos uma vez no mês na casa do meu tio, certo?

—Mirna?

—Meu tio também quer conhecer o Fernando.

—Falou dele para o seu tio?

—Claro que falei, ele é como um filho para mim.

Me sinto derretendo, não que eu quisesse isso, Jack não precisa se sentir forçado a agir como um pai para o Nando, só quero que eles dois convivam bem, e que ele trate o meu filho com um pouco de carinho e respeito, no entanto, esse homem me fala que mesmo com menos de um mês de convivência, ele considera o meu filho como seu, não tenho palavras para descrever o quanto fico feliz com isso.

—Não sei, quando eu o vi foi automático, ele é uma criança cativante.

—O Nando é um menino muito bom.

—Ele é doce e adorável, não por sua limitação, mas pela vontade que ele tem de fazer as pessoas aceitá-lo.

—Ele não entende que isso não é um problema para mim.

—Ele te ama e quer ver você bem, ele precisa de uma psicóloga, vai ter uma para acompanhá-lo, você também.

—Ah, Jack, eu.

—Já sabe a resposta, não sabe?

Me beija de novo, mordo a boca dele, mas não tão forte, Jack sorri.

—Depois que a gente mudar para a América, eu quero trabalhar.

—Até lá, você poderá aproveitar para descansar todos os anos que trabalhou sem férias.

—Vou sentir falta da minha família.

—Sua família ficará muito bem, segura, e podermos vir sempre nas férias, ou eles irem nos ver, isso não é um problema.

Suspiro, mas estou tão feliz, me controlo, tudo o que eu quero é estar ao seu lado, mesmo que eu fique longe da minha mãe por um tempo, acho que ela vai entender que com o tempo precisarei seguir os meus passos, ter minha família, ou melhor, aumentá-la.

—Não imagina o quanto é ruim quando estou longe de você, Maria.

—Não precisa se sentir tão ansioso.

—Não paro de pensar um segundo em você.

—Você não me falou o que fez essa semana.

—Fiquei toda semana em Paris, na sexta fui à casa do meu tio vê-lo, trabalhei muito para poder tirar esses dias com você.

—Você trabalhou quantas horas por dia?

—Entre 20 e 22 horas.

Poxa.

—Não tenho dificuldade em ficar acordado, sou um pouco ansioso demais, quando eu tiro algum tempo para dormir é porque eu já estou muito cansado.

—Isso seria.

—Umas cinco horas por noite, se chegar a isso tudo.

—Eu durmo seis.

—Tem que dormir oito.

—Você também.

—Agora que estou aqui, acho que vou conseguir descansar.

—É? Deveria ter começado ontem.

—Não espere dormir muito bem a noite essa semana, Senhora Carsson.

Sei que estou vermelha, belisco Jack, ele ri, me dá um beijo molhado.

—Desde que te conheci, não consigo querer mais nada.

—Você não tinha namorada há muito tempo?

—Alguns meses.

—Da agência?

—Sim.

Poxa!

—Não é a falta de sexo, Maria, é você, você me deixa assim, nunca tive uma libido tão forte.

—Por que?

—Querida, me sinto atraído.

—Por que?

—Não tem como você explicar por que o seu pau sobe toda vez que vê uma mulher, Maria.

Ele começa a rir, me irrita, não precisava ser tão esculachado assim.

—Quanto tempo consegue ficar sem sexo?

—Três a quatro meses, isso varia muito, já fazia uns seis meses que eu não tinha nenhuma relação, estava muito focado nos negócios.

—Você é muito ocupado.

—Viajo bastante em algumas épocas do ano, mas tento ficar na empresa, ela precisa muito de mim.

—Você vai ficar com a gente?

—Claro que vou, não deixaria vocês com a diversão sozinhos por nada.

—Você sabe ser legal as vezes, Jack Carsson.

—Apenas finjo.

—É? Então finge muito bem.

—Só para parecer bonzinho as vezes, o Alê não pode ficar com todos os

créditos.

Rio, ele me beija de novo e correspondo, Jack puxa a minha perna e acaricia com carinho, ele rola para o lado, e subo em cima dele, eu o beijo da forma que sei, da forma que ele me ensinou, sinto suas mãos nos meus seios apertando meus mamilos com suavidade, aperto os olhos, e desço beijando seu peito, abdômen, ele me puxa para cima, me beija.

—Sua boca me deixa louco.

Você me deixa louca.

—Durma um pouco.

Escorrego para o lado, abraço ele, a última coisa que sinto é a máscara sendo colocada em mim, não me importo, ela já não me assusta tanto quanto no começo.



Quando acordo, estou em cima de Jack, ele ainda dorme, dá para sentir a respiração lenta dele, não quero acordá-lo, sei que ele precisa dormir. Escorrego para o lado, tato o chão tentando achar um apoio, não faço ideia de como chegar a porta.

Isso não vai ser fácil.

Subo a máscara, dou uma olhada no meu rumo, dou de cara com a parede, e pela escuridão no quarto, acho que já anoiteceu.

Estreito os olhos e levanto tentando me equilibrar, aqui sei que estou perto do guarda roupas, ando de lado, de costas para os colchões, já estou mais desperta enquanto ando.

Alcanço a porta do guarda roupas e abro sem fazer barulho, enfio a mão e pego a primeira coisa que vejo pela frente, me enfio na blusa, percebo que é o vestido que Jack me deu, abaixo e puxo a gaveta onde guardo as minhas calcinhas, pego uma, e não me dou ao trabalho de fechar, coloco a calcinha e vou andando de lado de volta no rumo da porta, assim que alcanço a maçaneta, giro devagar e saio fechando a porta atrás de mim sem olhar para trás.

Tiro a máscara, e desço observando a quietude da casa, entro na sala e a família de Jack está toda reunida conversando, Sandy e Sah num outro canto jogando cartas, Alejandro está perto de Gil e Júlia no sofá de frente para os

outros três, Gil segura a pequena Blair, mas eles parecem bem entrosados, Joseph está jogando vídeo game com o Nando perto da TV.

—Duda. —Júlia dá um pulo e vem toda sorridente no meu rumo. —Vem tomar um café com a gente.

Sah já vem correndo assim que me vê, ela não gosta de dividir a minha atenção com ninguém, me sento ao lado de Gil, Sah no colo de Alejandro, reviro os olhos, Júlia se senta no braço do sofá. Fico um pouco sem graça com o jeito como os irmãos de Jack me olham e Júlia me serve uma xícara de café quentinho.

—Acho que o professor descobriu um passatempo mais interessante — comento ao ver Joseph concentrado na tv.

—Acabamos de jantar —Sah explica.

—Hum. —Bebo mais um pouco do café. —Vem para cá, Sandy, fica aqui com a gente.

—Ok! —Sandy vem juntando as cartas.

—Tentei convencer a Gil a pôr biquíni, mas ela não quis, está parecendo você. —Sah faz uma careta. —Do contra.

—Eu não trouxe maiô—explico olhando para Blair. —Mas, te empresto um biquíni meu, Gil, também odeio, mas é o jeito.

—Não gosto muito —Gil fala em inglês. —Sou muito branca.

—Nada a ver —Sah réplica. —Você é muito bonita, Gil e o que é bonito é para se mostrar, é o que eu digo.

—Podemos levar a Blair para tomar um banho de sol —falo e entrego a xícara pra Sah. —Me dá ela.

Gil me entrega Blair e eu a encho de beijinhos, ela é um bebê muito bonito e cativante, coloco ela sentada de frente para mim e brinco com ela. Blair sorri toda alegre, cheiro a cabecinha dela, acho que Gil cuida tão bem dela, quanto de qualquer outra pessoa, se fosse alguma outra mulher, se quer teria coragem de se preocupar com o bebê de um ex marido.

—Você é uma excelente pessoa, Gil —digo sincera. —Merece muito toda a felicidade do mundo.

—Obrigada. —Gil está vermelha.

Converso com Blair e brinco com os pezinhos dela, ela sorri abertamente, seus olhinhos azuis brilham mais que tudo e ela se mexe muito.

—Você não teve medo de ter filhos? —pergunta Patrícia, ela parece ser daquelas mulheres um pouco metidas, tem uma beleza natural e é elegante até na forma de se sentar, está ereta e usa um vestido estampado comprido, sapatilhas caras, mas ela é linda.

—Morri de medo quando descobri que estava grávida, tinha dezesseis anos.

—Não teve medo de estragar o seu corpo?

—É um sacrifício necessário, e também, depois você percebe que é muito mais gratificante ter algo no qual será para sempre na sua vida.

—Para sempre?

—É, quando eu ficar velha, o meu corpo não será o mesmo, mas o meu filho estará ao meu lado. —Olho para o Nando, ele está berrando algo para o professor. —Não me apego as aparências.

—Claro, você é muito bonita.

Sorrio, acho gentil da parte dela, mas discordo.

—Quando você estiver velha, tudo o que terá serão lembranças e sua família —falo e acomodo Blair no meu colo. —Eu não imagino a minha vida sem o meu filho, ele é o meu maior presente.

—Você é muito jovem. —Patrícia mexe no cabelo vermelho. —Já tenho 35 anos, não acho que tenha mais idade para ter filhos.

—Não vai saber se não tentar, mas eu compreendo completamente pessoas que não querem filhos.

—Meu sogro não.

O tio de Jack!

—Ele quer que eu tenha filhos, mas eu não desejo, não gosto de crianças.

—Que pena que não goste, se tivesse um filho, você entenderia que tem coisas mais importantes na face da terra do que ser bonita.

Patrícia fica totalmente vermelha, tenho certeza de que fui grossa e não me importo, Jonas fica me olhando com espanto, enquanto Phelipe olha para o lado disfarçando um sorriso, Gil desvia o olhar para o chão, visivelmente incomodada, claro, ela não pode ter bebês.

—Não é por isso.

—Deduzi que fosse, uma vez que você questionou a respeito do meu corpo, desculpe, acho que fui grosseira.

—Não acho que seria uma boa mãe.

Acho que Patrícia está tentando me dar alguma justificativa por sua escolha.

—Não tem um jeito de você saber se não tiver um filho, se não quiser estragar o seu corpo, adote uma criança.

—Não havia me ocorrido isso.

—Pode adotar uma criança maior, que não seria muito dependente de você.

—Acho que Mirna não aceitaria.

—Ela não precisa aceitar que você tome as decisões para a sua vida, o filho será seu e do seu marido.

—Moramos na casa do tio dele.

—Compre uma casa para você.

—Talvez eu não consiga conciliar, tenho o meu emprego.

—Eu trabalhei a vida toda e sempre dei conta de cuidar do Nando.

—E se não der certo?

—Vai dar certo, Patrícia.

Ela sorri.

Acho que essa é a conversa mais estranha da minha vida, meu senso de persuasão falando mais alto sempre.

Fui longe demais dessa vez.

—Desculpe, é apenas a minha opinião.

—Eu sei, tudo bem.

E me dá um sorriso sem graça, fica ainda pior depois disso, acho melhor eu dar um jeito de sair de cena, eu sempre acabo falando demais o que não devo quando discordo de alguém, esse é o meu problema, tenho sempre que provar para a pessoa que estou certa, mesmo que as vezes eu passe dos limites, mesmo que eu não seja desaforada como Sah, quando eu tenho razão, eu tenho razão.

—Boa noite.

Vou ficando dura, basta ouvir a voz de Jack.

—Maria, você pode preparar o meu jantar, por favor?

—Aham —respondo e me levanto. —Gil, você vem?

—Claro.

Gil pega o meu braço e vai me puxando pelo caminho certo, me concentro em Blair, não achei que ele acordaria agora.

—Ela gosta de você.

—Também gosto dela.

Cheiro Blair, ela sorri, as mãos minúsculas tentando tocar o meu rosto.

—Você foi muito corajosa.

Corajosa?

—Patrícia é uma pessoa muito arrogante as vezes.

—Entendo.

—Acho que você é a primeira pessoa que fala algo assim para ela e Jonas, eles dois são pessoas muito, superficiais.

Gil já fez parte dessa família, deve saber de alguma coisa, preciso conversar com ela, quero saber mais sobre Jack, sobre Soraya.

—E, você?

—Eu?

Ela sorri para mim de um jeito constrangedor, já estamos na cozinha, ligo o fogão, abro a geladeira, tudo está em vasilhas.

—É, você já fez parte da família.

—Isso já faz um tempo.

—Você conhece o Jack.

—Não tive muito contato com ele quando estava casada com o Phelipe.

—Quanto tempo vocês ficaram casados?

—Seis anos.

Ela não parece abalada em falar isso.

Coloco as vasilhas na mesa, legumes, verduras, alface, acho que vou comer um pouco dessa vagem também, por um milagre, deixaram até um mísero pedaço de bife para mim.

—É um bom tempo.

—Não via ele há uns quatro anos, eu acho —Gil confessa, olhando para Blair.
—Ele mudou bastante.

—Você não se sente incomodada em ter que lidar com ele?

—Nunca terminei a minha amizade com Gerald, ele sempre foi como um pai para mim, mas evitei contato com Phelipe, porque me fazia muito mal no

começo. —Gil se senta na cadeira.

—Poderia falar só um pouquinho mais devagar?

—Ah, desculpe.

Monto o prato de Jack e sirvo um pouco de suco de laranja num dos copos de vidro que tem na pia, não faço ideia de onde tiraram tanta louça nova, acho, que Jack trouxe quando veio para cá, coloco as sobras numa das vasilhas para mim e me sento de frente para Gil, de forma que fico de costas para porta, sei que ele pode aparecer a qualquer momento.

—Nunca pensei que Jack encontraria o amor em seus pais natal.

—Nos conhecemos em Las Vegas.

—Ele tem sorte, você é uma moça bonita e muito gentil, Maria.

—Nada. —Sorrio, e devoro a salada de espinafre, até que não está tão ruim assim.

—O seu filho é um menino muito simpático, você mal parece ser mãe.

—É, fui mãe cedo. — Respiro fundo e a encaro. — Gil..., desculpe por ter falado tanto no assunto, Jack me contou mais ou menos a história.

—Não se sinta incomodada —Gil fala calmamente. —Apenas não era para ser.

—Ele foi um crápula com você.

—Apenas chegamos num ponto em que ambos tínhamos objetivos diferentes, ele queria uma dessas, e eu não podia dar.

—Você será uma ótima mãe.

—Não posso conceber.

—Para Deus nada é impossível, Gil.

Ela me olha com ternura, abraço ela com cuidado, não por pena, mas por imaginar o quanto deve ser difícil ter passado por tantas coisas ruins pelo fato de não poder dar algo a alguém, eu não sei ainda se quero mais filhos, mas com certeza, para alguém que tentou tanto tempo e não teve nenhum, deve ter sido algo doloroso e muito ruim.

—Você vai ficar bem —falo e olho para Blair. —Ela precisa de uma mãe, e você de uma filha, ele poderia te dar ela.

—Duvido. —Gil respira fundo. —Ele se esforçou muito para ter Blair, pelo menos foi isso o que eu soube, a falecida mulher dele não queria ter filhos.

—Acho que nessa família, as pessoas são do avesso.

Gil e eu rimos, e sinto que encontro nela uma confidente, e ao mesmo tempo alguém com quem posso conversar tranquilamente sobre os Carsson.

—Ela dormiu comigo ontem, acho que hoje será do mesmo jeito —Gil comenta e vai parando de sorrir.

Acho que são os passos de Jack, mas ele não vem sozinho.

—Você acha que o meu inglês está bom?

—Sim, você fala muito bem.

—Obrigada, Senhorita Gil.

Ela ri, volto a comer a salada, sei que é Jack que se senta atrás de mim, na cadeira diante do prato, ao meu lado esquerdo do outro lado da mesa, Phelipe, olho apenas com canto de olho, fico um pouco nervosa, mas não quero parecer que me importo, acho que Gil também não está tão à vontade quanto antes, com a chegada do ex.

Isso deve ser tão esquisito.

—Quando você irá me visitar na América?

—Em breve, eu espero, onde você mora?

—Eu moro em Nova York.

—Você é enfermeira do Senhor Carsson?

—Sim, eu sou enfermeira chefe.

—Que chique!

Gil sorri, vai ficando vermelha, ela acomoda Blair sentadinha em seu colo, a menina enfia as mãozinhas na boca e mordendo, escuto o som dos talheres, Jack—educado—Carsson comendo.

—Você é muito engraçada, Maria.

—Eu sei, eu sou demais. —Mexo no cabelo, não quero demonstrar o quanto estou nervosa, Jack pediu para que eu seja eu mesma, então, eu serei, junto os ombros e cruza as pernas. —Obrigada.

—Desde que te vi, tive a impressão que você é uma pessoa muito tímida. —Gil admite ainda rindo. —Você é, mas quando está perto da sua amiga, você é muito diferente.

—É que eu e a Sah somos quase irmãs —explico escolhendo as palavras mentalmente, por isso falo devagar. —Eu sou muito na minha, mas em casa eu sou mais tranquila, gosto que as pessoas se sintam felizes perto de mim.

—Gosto de pessoas assim.

—Eu sei. —faço um gesto com a mão. —Todo mundo me adora!

E sorrio, ela ri mais contida, coisa que eu realmente não espero, volto a comer. Não sei, mas tenho a impressão de que o meu novo cunhado não tira os olhos da Gil, não é a primeira vez que vejo isso.

—Você mora no Rio há muito tempo?

—Nasci no Rio, mas tenho parentes em vários outros lugares.

—Você conhece o Cristo?

—Aham, eu ia muito quando criança, a Sah vive levando o Nando, eles dois vivem muitas aventuras aos domingos.

—E você?

—Preciso estudar, e eu pego os casos do corpo jurídico da faculdade, então, já viu.

—Você trabalha na faculdade?

—De graça, na vara de família, não é um trabalho, eu pago horas na minha grade, vou aos sábados para o núcleo com alguns outros alunos e organizamos palestras.

—Você está concluindo?

—Graças e glórias em nome de Deus Coroado, Sim!

—Amém! —berra Sah da sala.

Gil ri, acho que Jack sorri, Phelipe também está rindo.

—Eu termino esse ano, um pouco tarde, mas tive um professor que me disse uma vez, que quando queremos o conhecimento, tempo é apenas um pequeno detalhe.

—Você foi mãe muito cedo.

—Tive que trabalhar, mas eu aprendi muitas coisas.

—É? Do que trabalhava?

—Eu trabalhei de caixa um tempo, depois eu fui para Meta e lá estou há uns quatro anos.

—Gosta do trabalho?

—Aham, mas eu quero logo me formar, mal vejo a hora de prestar um concurso, quero ganhar um dinheiro sabe, levar o Fernando para Disney, é o sonho dele.

—E o seu sonho?

—Eu realizei ele quando entrei para faculdade, ainda realizo em suaves parcelas mensais, mas para mim, começar a estudar foi um sonho concretizado.

—Seu sonho era estudar?

—Sim, para ter uma profissão, algo do qual a minha mãe se orgulhasse, sempre quis retribuir para ela tudo o que fez por mim, lhe dar conforto e tudo o que eu pudesse, ela me criou sozinha, hoje ela vive melhor graças ao Van, o meu padrasto, mas o meu sonho é me formar e colocar o meu diploma na parede da sala dela. —Estou me esforçando para falar as palavras corretamente. —Errei alguma palavra?

—Nenhuma. —Gil fica me olhando meio distraída. —Você é muito diferente do que eu pensei, Maria.

—É? —Me endireito. —O que você pensou?

—Achei que você era dessas metidas e tal. —E fica vermelha de novo.

—Acho que é porque eu não sou muito de ficar puxando assunto. —Pego a carne e mordo um pedaço, acho que não como carne há um bom tempo.

—Eu também sou assim.

Chamo Gil para perto, ela se inclina.

—Eu não tenho muitas amigas, apenas a Sah, ela é muito ciumenta e tal, deixo você andar comigo se você me trazer um copo de água —explico baixinho—, mas ela não pode saber de nada.

Gil gargalha, deixo a vasilha na mesa e estico os braços, pegando Blair, beijo ela, dá vontade de apertar muito, ela parece uma bonequinha.

—Minha amorzinha —chamo e ela sorri para mim, me derreto toda. —Você é a bebezinha da titia?

Blair sacode as mãozinhas toda alegre, mantenho ela sentadinha, ainda é meio molinha, mas não perdi o jeito. Nando era um bebe pequeno e frágil demais quando nasceu, principalmente porque no terceiro mês de vida, passou pela primeira cirurgia no joelho.

—É a fofinha? Você é a minha princesa? —Blair sorri ainda mais. —Que coisa mais gostosa da tia.

—Se você não tratar os meus filhos assim, eu juro que te mato. —Sah entra na cozinha e vem para a cadeira onde Gil estava sentada. —Posso pegar

ela?

—Cuidado. —entrego Blair com cuidado para Sah, ela nunca teve jeito nem com o Nando, mas me ajudava sempre quando saia da escola, acabava fugindo de sua rotina de filha de empresário para ir me ajudar com as fraudas. —Ela não é um anjo de Deus?

—Ela é perfeita. —Sah admite, acomodando Blair. —Você lembra como ele era pequenininho quando nasceu?

—Aham. —Seguro a mãozinha de Blair, ela aperta, mas está olhando para Sah. —Ela é muito dócil.

—Acho que quero uma dessas daqui um tempo. —Sah confessa toda derretida. —Acho que a única vantagem de ter um filho de alguém dessa família, é que os olhos são azuis.

Jack tem olhos azuis?!

—Amanhã a Gil vai correr com a gente —Sah fala toda empolgada, brinca com Blair. —A Júlia vai ficar com ela para a gente.

—Eu posso ficar —Phelipe responde meio sem graça.

—A Júlia disse que não se importa, e também, mulher tem mais jeito com bebês. A Gil precisa ficar sarada para o namorado dela.

Gil tem um namorado? Sah me olha com aquela cara de “estou mentindo” e fico meio sem saber como agir, Gil se aproxima toda vermelha para o meu rumo, me estende o copo d'água.

—Ele não é o meu namorado, Sarah...

—Ah, mas você disse que ele é um médico muito gato que trabalha com você e tal.

Olho com o canto de olho para o Phelipe, ele está de repente olhando para a mesa, as mãos dobradas, muito sério. Olho para a Gil, também não sabia que ela e Sah haviam virado alguma espécie de confidentes, mas vindo da Sah—que conversa com todo mundo por qualquer tipo de coisa—, não fico surpresa.

—Gente, ele é o meu amigo, o Doutor Simpson.

—Benny? —Phelipe questiona ainda sério. —Você está saindo com ele? Que bom!

—Somos amigos. —Gil está nervosa.

Olho para Sah, que esconde um sorriso diabólico, olho para o meu

cunhado, e depois olho para a Gil, precisa ser cego para não perceber que essa situação não é apenas algo muito constrangedor, eles dois ainda se gostam!

—Acho melhor eu ir para o meu quarto, hoje eu durmo com ela, pode ficar tranquilo. —Gil pega Blair para si e se afasta apressada. —Boa noite a todos.

Sah levanta, claro, já fez seu papel na história, agora vai sair de fininho, mas se bem que eu acho que dessa vez, ela não está fazendo algo por mal. Pelo visto, essa família é bem mais complicada e cheia de problemas do que eu imaginei.

—Sabia que ela estava saindo com ele —Phelipe fala baixo, muito sério, Sah volta e se senta de novo. —Ele é um cara legal.

—O que você tem a ver com isso? —Jack pergunta, a voz muito calma, mas uma leve pontada de ironia, quero olhar para ele e repreendê-lo por isso.

—Nada —responde o outro. —Apenas soube pelo tio, ele disse que Benny pediu permissão para sair com a Gil, você sabe que a mãe dela morreu há dois anos, ela é só desde então.

—Ela é só desde sempre —esclarece Jack, ainda sério. —Não se aproxime dela.

Jack, o que você está fazendo?

—Acho que não preciso que fale, ela já deixou bem claro que não me quer por perto.

—Que bom.

—Eu acho que você deveria conversar com ela —opino, dura na minha cadeira. —Já que não tem jeito com a Blair, para ela te ajudar.

—Tem razão—Phelipe concorda. —Vou agradecer por ela ajudar.

—Por que não sobe e não conversa com ela? —pergunto e escuto Jack largar os talheres no prato com força.

—É algo difícil, Gil nunca me perdoou. —Phelipe continua olhando para as mãos juntas, parece nervoso. —Jack, você não precisa ficar irritado, vou dar um jeito de ir embora amanhã mesmo.

—Isso é que não —respondo. —É a minha casa, pode ficar.

—É uma situação constrangedora.

—Jack entende que vocês querem uma aproximação, amanhã mesmo irão pescar.

—Eu não concordei com isso.

—Ele iria hoje, mas eu não me senti bem, então, adiou, amanhã mesmo podem ir pescar os quatro, levem o Joseph.

—Está bem. —Phelipe levanta. —Obrigado.

—De nada. —E vejo Sah levantando com uma cara de medo assustadora, já faço ideia do que me espera. —Põe o Nando na cama? Eu e o Jack já estamos subindo.

—Ok. —E sai basicamente correndo da cozinha, Phelipe atrás dela.

Fico parada esperando por alguma espécie de reação muito ruim de Jack, posso escutar ele bufando de raiva, não acho que tenha ido longe demais, é algo que ele precisa resolver, e quanto a vida de Gil e Phelipe, não temos nada a ver com isso, eles dois são adultos, podem se resolver, mesmo que eu saiba que a intenção do meu marido é de protegê-la de algum sofrimento.

—Por que fez isso? —A voz dele sai mais agressiva e alta. —Você não pode tirar a minha autoridade na frente dos meus irmãos, de ninguém.

—Apenas expliquei o que aconteceu.

—Não faça mais isso —interrompe furioso. —Idiota.

—Está bem.

E levanto, e fecho os olhos, saio andando no rumo da porta da cozinha, respirando fundo, minhas mãos soam, eu não precisava levar um grito desses, não precisava que Jack reagisse dessa forma, mas pelo o que vejo, ele é constantemente assim, ele é muito inconstante, prefiro não discutir.

—Maria.

—Não se aproxime de mim.

—Me desculpe.

—Não.

Não vou chorar, não vou chorar, EU NÃO VOU CHORAR!

—Eu não queria.

—Acho que um pouco de respeito seria bom, e também, que não ficasse gritando assim com as pessoas na nossa casa, e terceiro, eu não sou idiota— respondo ainda de costas para ele, sabia que ele faria isso, mas acho que já está na hora de Jack parar com esses surtos dele. —Vamos subir, o Nando precisa de um pouco de atenção.

—Não quis fazer isso.

—Eu sei, eu acho que você só precisa aprender a se controlar.

—Não fique magoada.

—Eu acho que já percebeu que eu não estou acostumada com pessoas gritando comigo a todo momento, eu não sou de louça, mas eu não gosto desse tipo de coisa, tenho um filho de dez anos e eu não quero que ele presencie esse tipo de situação.

—Sinto muito, eu vou fazer o possível para que não aconteça.

—Acho bom.

Abro os olhos e vou na frente, passo pela sala vendo a família de Jack toda em silêncio, sei que eles escutaram a nossa discussão, mas isso não é pior que a dor da humilhação que eu estou sentindo. Nesse momento eu preciso ser forte, preciso ser firme, Jack precisa entender que as coisas não funcionam assim no meu mundo, eu o aceito pelo o que ele é, mas não estou disposta a tolerar certos tipos de coisas por ele, principalmente seus surtos de humor, essa vai ser a primeira coisa que ele vai ter que se adequar para que isso dê certo, sei que isso provavelmente vai se repetir mais vezes, ninguém muda da água para o vinho do nada, não quero que ele mude por minha causa, mas que ele entenda que não sou obrigada a me sujeitar a isso por ser sua esposa, eu espero profundamente que ele tenha entendido o que eu quis dizer.



Nível 14 da Obsessão

Sandy dá as ordens e eu obedeço, é tudo o que posso fazer para tentar me concentrar, fecho os olhos e acelero nos abdominais, minha barriga queima, mas quero me distrair com a dor, ao menos a dor física é menos dolorosa que a emocional.

Sai do quarto e deixei um estranho dormindo ao lado do meu filho, um estranho no qual estou casada e estou estupidamente apaixonada, um homem que mesmo me tratando as vezes de forma grosseira, eu amo, e me sinto mal de estar brigada com ele.

Sah me olha com cara de espanto, quero ficar exausta, quero que esse peso no meu peito suma com o esforço, mesmo que eu saiba que não vai sair até que eu converse com ele ou tente resolver isso.

A briga de ontem me fez pensar bastante a respeito do meu relacionamento com Jack, nos nossos problemas, que não são poucos, no passado dele e no meu passado, eu sei sobre sua vida antes de me conhecer e agora ele sabe do meu maior segredo, não sinto como se esse fosse o pior dos problemas, mas sei que precisaremos superar isso, sei que não posso exigir dele alguma mudança repentina, pois, não desejo que mude por mim, mas por ele mesmo, para que melhore e seja alguém um pouco mais feliz.

Ele já passou por tanta coisa ruim, não o julgo, mas ele tem que entender que eu não tenho culpa disso.

Quero ajudá-lo, quero que ele supere isso, quero que ele saiba que eu estou ao seu lado, e que para isso ele tem que tentar ter paciência com algumas situações.

Ele precisa aprender a perdoar a família, esse é o primeiro passo, se os irmãos estão dispostos, sinal que eles se arrependeram, mesmo que tenham feito isso com Jack e Alejandro, até porque, acredito que na época eles eram bem jovens, eles também sofreram com o abandono da mãe por um tempo, chego à conclusão que todas essas complicações o magoam profundamente, o impedem de prosseguir ao lado da família.

Não sou um poço de compreensão, não sou uma filha carinhosa e nem daquelas que adoram ficar com a família, mas eu prefiro não ter nenhum tipo de atrito com mamãe, me sinto tão mal quando brigamos, ele deve sentir algo quando os irmãos estão por perto, rancor... raiva... essas coisas não fazem bem para ele.

Acho que isso o afetou também quanto a escopofobia, algo me diz que tem

a ver com esse problema com a família, esse é o primeiro passo para que ele se livre dessa doença.

—Duda, já acabou!

Olho para Sah, ela está me encarando com espanto, hora de voltar para casa. Corremos e paramos próximo aos pequenos lençóis mais rasos no lado sul da ilha para fazer a sequência de exercícios, estava tão distraída que, mal me dei conta que já acabou, levanto um pouco sem graça, Gil e Sah parecem preocupadas comigo.

—Eu estou bem.

—Ele é um grosso.

—Sah, não existem pessoas perfeitas.

—Não precisava dele ter gritado com você daquele jeito.

—É o jeito dele.

—Hei! —Patrícia berra, vem correndo na nossa direção, ela usa uma calça vermelha de malha e regata da mesma cor, mas está descalça. —Bom dia!

Não pensei que fosse ver essa mulher sorrindo assim para mim, em parte porque ela não parece mesmo do tipo que se mistura, e segundo, porque ontem fui muito enfática com ela.

—Bom dia—digo, me esforço para sorrir.

—Vocês não me chamaram. —Patrícia arruma o chapéu marrom na cabeça. —Então eu vim por conta própria.

—Já íamos voltar.

—Os rapazes foram pescar, estamos apenas eu e Júlia com o seu filho, Maria.

—Jack..., ele também foi?

—Sim. —Patrícia sorri de novo. —Eu fiz o café para eles, queimei duas torradas.

—Que bom —Sandy fala toda motivada. —Quer participar da aula de ioga?

—Claro.

Não entendo por que Patrícia está tão feliz, mas sei que ela não tem culpa dos meus problemas, sou boa em guardar o que é meu para mim, então sorrio, e no percurso de volta vou mais devagar ao lado dela, ela fica olhando em volta, bem maravilhada com a ilha, eu também estou, cada centímetro daqui é

perfeito, eu adoro, e ainda mal acredito que seja tudo meu.

Um pequeno paraíso onde posso me refugiar sempre que desejar, o que eu sempre quis, um lugar onde estarei longe de tudo e todos, quero vir aqui sempre que eu puder, acho que agora que não terei que trabalhar, posso vir ao menos uma vez no mês.

—Jonas disse não se importa se eu engordar no caso de engravidar.

—Você não tem filhos porque o seu marido não quer que você engorde?

Essa Gente é Louca!

—Sou modelo, Maria. —Ela vai ficando vermelha. —Jonas é um pouco exigente demais.

—Ele ama você!

E ela fica me olhando assim, como se isso fosse algo muito inacreditável, fico sem entender, e pela lentidão de Sah e Sandy eu já estou vendo que elas diminuíram o passo justamente para ouvirem a conversa, ou melhor, a Sah ouvir, essa fofoqueira, Gil vai mais na frente, mas como vê que ficamos para trás, vem voltando.

—Quem disse isso?

—Jack, ele disse que Jonas ama você e que ele vive correndo atrás de você.

—Jonas? —Ela franzi a testa. —Acho que você está enganada, Jonas é Gay.

Ah Meu Deus!

—Eu sabia que ele tinha algo estranho —Sah berra meio histérica.

Patrícia vai ficando muito vermelha, na verdade, ela fica tão vermelha quanto a cor do conjunto que usa, coço a minha cabeça, ainda não acredito.

—Gay? —pergunto, porque estamos todas chocadas.

—É, nosso casamento foi combinado. —Patrícia está envergonhada. —Achei que soubessem.

—Eu não sabia —Gil fala pouco à vontade. —Vocês fizeram uma festa linda, pareciam muito apaixonados.

—Acho que a única parte apaixonada aqui... é a minha, ele é gay.

—Nunca soube disso, Patrícia.

—Ele não dorme comigo.

A cada revelação eu vou ficando ainda mais estarecida, preciso me apoiar

em algo, Sah vem para o meu lado, assim boquiaberta, não posso ter uma reação diferente, posso?

—Foi um casamento combinado, nos conhecemos num desfile, Jonas nunca assumiu, mas acredito que ele seja gay.

—Por que não dormem juntos? —Agora eu estou curiosa.

—Ele não gosta.

—Mas vocês dois já...

—Já, poucas vezes. —Patrícia olha para a areia. —Jonas não gosta muito de fazer sexo comigo.

—Mas você já viu ele com outros homens?

—Já, uma vez eu o segui, vi ele numa boate com um homem, eles dois conversando e tal, depois eu perdi eles de vista.

Uau!

—Preciso de uma bebida. —Sah faz um gesto de pare com as duas mãos. —Querida, se aquele pedaço de homem é gay esse mundo está perdido.

Patrícia começa a rir, realmente, os irmãos de Jack são homens lindos, é difícil acreditar que alguém como Jonas seja gay, também não pensei que esse fosse o caso, achei que eles não queriam filhos porque Patrícia não queria, estou chocada.

—Vamos, podemos aproveitar o dia e relaxar um pouco, tomar um sol. —Sandy sugere. —Achei que o Severo fosse gay.

É assim que Sandy e Sah apelidaram Joseph, por causa do personagem Severo do livro de Harry Potter, não vejo graça nisso, o professor é um homem sério e merece um pouco de respeito.

—Joseph é o mentor de Jack desde que ele tinha uns dez anos —Gil fala com um pequeno sorriso.

—Ele não parece velho —Sandy argumenta dando de ombros.

—Ele é sobrinho do Gerald—explica Gil pensativa. —Ele é um bom homem, acho que só é muito fechado, é mal de família, todos os homens dessa família são assim.

Por isso que Joseph alimenta tanto carinho por Jack, eles são parentes!

—Jonas não te procura? —Sah pergunta, indiscreta como sempre.

—Às vezes, ele é muito reservado, acho que faz mais por obrigação, mas desde o começo já havíamos combinado.

—Você se casou por conveniência? —Mal acredito nisso, achei que esses casamentos só existissem nas novelas e nos livros.

—Sim, decidimos unir as fortunas, meus pais conhecem a família há anos. —Patrícia está olhando para o mar enquanto caminhamos. —Já estava com 32 anos, precisava casar e ter filhos, para o meu pai foi um alívio, sou a mais velha e a única que não havia casado.

Sah percebe que ela está falando rápido demais e vai traduzindo tudo para mim na mesma velocidade.

—E você conversou com Jonas ontem sobre terem um filho? —Estou curiosa, e eu achando que tinha casado com o pior deles, tem gente em situação bem pior que a minha, ou igual, não sei, mas enfim.

—Sim, ele falou que se eu quiser, podemos ter um filho, eu tenho os meus receios, mas depois do que me falou ontem, pensei bastante. —Ela sorri de ponta a ponta. —Nós tínhamos combinado que não teríamos bebês, mas você abriu os nossos olhos.

—E você não se importa se ele... é gay?

—Não, eu gosto dele, acho que não me importo com isso, desde que ele seja um bom pai para a criança.

—E como vão fazer o bebê, hein? —Sah pergunta maldosa.

—Já começamos ontem. —Patrícia mal cabe em si de felicidade, ela esconde o rosto com as mãos. —Nunca contei isso para ninguém.

Eu acredito, eu mesma não teria coragem de contar para ninguém que sou casada com um homem gay, que morre de medo que eu engorde no caso de eu conseguir engravidar dele, mas Patrícia parece tão feliz com isso, não a julgo, ela deve saber dos problemas que tem, acho que ela mais que tudo sofre por viver um casamento combinado, onde ela é a única com expectativas, ela é linda, não aparenta ter mais de vinte e poucos anos, ela poderia facilmente arrumar outro marido, mas pelo brilho nos olhos dela, agora dá para ver que ela gosta muito dele.

—Acho que vocês devem me achar louca.

—Acho que os homens dessa família são loucos—Sah replica pensativa.

Acabamos rindo, avisto Júlia na varanda segurando Blair com cuidado, brincando com a bebê, Nando num puff esparramado lendo seu livro, eu não o vi hoje cedo, ontem eu deixei tudo pronto antes que Jack subisse—ele demorou uma hora para subir—, minhas roupas já estavam dobradas no

quarto da Sah, então só levantei e sai do quarto sem olhar para trás, ontem, quando Jack chegou no quarto o Nando já estava dormindo, e eu soube muito bem como disfarçar meu décimo sono, mas isso não o impediu de nos abraçar, preferi entender isso como um pedido de desculpas.

—Vamos tomar um sol. —Sah sugere. —Sandy, deixa a ioga para o fim da tarde?

—Ok. —Sandy concorda. —Que tal umas cervejas?

—Seria ótimo. —Admito, quem sabe eu relaxe com um pouco de bebida?

Subimos, Gil e Patrícia conversam animadamente, mas tão rápido que eu não consigo entender a maioria das palavras, não posso parar com as minhas aulas de inglês, não quero ficar para trás, entramos no meu quarto, os colchões já estão nas camas e está tudo no lugar, hoje, sai com tanta pressa que acabei deixando meu celular na cabeceira de uma das camas.

—Dormem em camas separadas? —Gil parece bem surpresa.

—Não temos cama de casal—explico vermelha. —Patrícia, você trouxe biquíni?

—Sim, eu vou me trocar, já volto.

Empresto um biquíni verde celeste que ainda nem usei para a Gil, ela vai para o banheiro, coloco um preto com detalhes de conchinhas nas cordinhas, esse realmente é muito bonito. Gil sai do banheiro completamente envergonhada, mas nunca vi uma mulher tão bem num biquíni desses, ela cobre as faces com as mãos, ela é magra, mais alta, tem seios pequenos, do tipo de mulher de parar o trânsito, só acho que não mostra muito as curvas porque usa muita roupa larga, eu tenho a obrigação de usar roupas grandes, ela não.

—Ficou perfeita —falo e arrumo o decote do biquíni.

—Tem certeza? Eu não uso um desses há uns quinze anos.

—Acho que teremos que passar muito protetor em você.

Achava que Gil tinha ficado bem, até que descemos e me deparo com Patrícia usando um biquíni bege, ela com sua altura e magreza perfeita, não tem uma celulite se quer no corpo, nem estria, nem nada, tem coxas finas e a bunda dela é proporcional e durinha. Pensando bem, dá para entender por que ela não quer ter filhos, ela não tira esse chapéu da cabeça, acho que isso a deixa com aparência de velha, tiro o chapéu e vou na frente, acho que pelo menos essa semana, se eu e Jack continuarmos assim, poderei me distrair

com outras pessoas.

Sah e Sandy já estão com guarda sol abertos, com seus biquínis de peças coloridas, Júlia já está usando um biquíni cor de rosa com Blair em seu colo, muito bem sentada. Sandy trouxe um cooler que eu aposto que está cheio de cerveja, na dispensa tem um freezer cheio de bebida que eu acredito que a Sah trouxe escondido de mim, e as vezes elas duas bebem escondido, porque sabem que eu não curto muito, ainda mais depois de Las Vegas, coro só de lembrar.

Nando vem correndo com uma boia enorme e a sacola com protetor e bronzeadores solar da Sah, ele se quer me dá moral, larga a bolsa perto da gente e vai correndo para o mar, pego Blair de Júlia e indico o Nando, ela também sai correndo toda sorridente, acho que isso não faz parte da rotina delas, Patrícia olha em volta toda contente, assim como Gil.

—Cerveja e aperitivos. —Sah me entrega uma cerveja já aberta, e deposita um prato com queijo em cubos e azeitona.

Acomodo Blair no meu colo e bebo um pouco da cerveja, detesto, mas quero relaxar um pouco, esquecer da discussão de ontem, mesmo que mais tarde eu e Jack tenhamos que resolver isso, também tenho uma excelente oportunidade de saber mais a respeito da família dele, aqui estão a esposa de um e a ex esposa de outro irmão dele, quero arrancar o máximo de informações possíveis.

—Coloca ela na cadeirinha. —Sandy sugere voltando com uma cadeirinha. —Aqui.

—Obrigada, Sandy. —Adoro seu jeito prestativo, coloco Blair na cadeirinha com cuidado e abaixo o aparato para que ela não pegue sol, coloco o bico cor de rosa em sua boquinha, ela parece com sono.

—Dei mamadeira antes de irmos, daqui a uns minutos dou outra. —Gil está passando protetor solar em seus braços. —Vocês tem uma cor linda.

É, elas são bem brancas, mas não de uma forma tão assustadora como os turistas que eu vejo na Tijuca, Júlia ainda é um pouco mais clara que Gil ou Patrícia, mas Alejandro apesar de ser branco, não é tão claro quanto Júlia, será que o Jack é branco assim?

—Estamos acostumadas com o sol —Sandy explica e indica o cooler. —Vocês aceitam?

—Claro. —Patrícia sorri toda contente. —Eu não bebo sempre, já passei

dessa época.

Eu acho que já terminei essa e nem me dei conta, deixo a garrafa do lado e pego outra, mastigo o queijo e me endireito na cadeira, acho que vou ceder ela para Gil e vou pegar um sol com a Sah.

Alguém coloca o celular no viva voz, dou as costas para Sah e ela passa o bronzeador nas minhas costas, desde que cheguei aqui não tirei nenhum minuto para fazer isso, não é muito a minha praia, mas enfim, já estou aqui mesmo, acho que estou sob forte influência de Sah e Sandy por muito tempo, porque odeio esse tipo de coisa.

—Arruma esse biquíni, ai novinha!

Não quero que fique marca de biquíni na parte de cima, acho meio, ultrapassado, e admito, brega, dou as costas para as meninas, e me deito numa das toalhas que Sah trouxe, ela abre a peça de cima por que sabe que odeio esse tipo de coisa, acho que também fui perdendo um pouco da vergonha do meu corpo semana passada, Sandy me elogia tanto, que tem hora que eu acredito que não fique assim das piores de biquíni.

—Quem colocou isso? —pergunto e ouço uma risada alta vinda de Sandy, foi ela! —Sandy, pelo amor de Deus minha filha, isso é apelação!

—Ok! —Sandy começa a mexer em seu celular. —O que quer ouvir?

—Coloca um batidão aí, novinha. —Mando e Sah começa a massagear as minhas costas. —Gil, não se preocupe, tem espaço na minha vida para vocês duas.

Relaxo aos poucos, me apoio nos cotovelos, Sandy engata uma conversa animada com as garotas, Sah não gasta nem cinco minutos e já está deitada ao meu lado com um óculos de sol na cara, já terminei essa cerveja também.

—Outra!

—É por isso que você fica bêbada, acha que está bebendo água.

Ignoro o comentário de Sah e aceito outra cerveja que Sandy me oferece, tomo o óculos de Sah e me deito, cochilo, mas escuto claramente as conversas das meninas, tento me distrair com a música calma que vem do celular da Sandy, acho que é por isso que não gosto muito de ficar no meio de tantas mulheres ao mesmo tempo, diferentemente delas, eu consigo ficar na minha por mais de dez minutos.

Me apoio nos meus cotovelos tentando entender o que elas falam, conversam muito rápido, Gil parece tão relaxada—diferente da mulher tímida

que eu conheço—e Patrícia feliz—diferente da mulher meio esnobe que aparenta ser—, que não tenho motivos para recriminá-las por estarem à vontade, agora é ter paciência e aceitar que sou mesmo antissocial, não é culpa das pessoas se sou assim.

—Estamos falando sobre a carreira da Patrícia —explica Sah, com um sorriso arregalado. —Ela vai parar esse ano, nos convidou para seu último desfile em Milão.

Nossa, que chique!

—Claro. —Tento parecer normal, quando por dentro estou totalmente fora de mim, Patrícia é uma dessas modelos famosas?

—Faço questão —Patrícia fala com entusiasmo. —Podemos montar um guarda roupas só seu com a nova coleção de inverno em Nova York, a semana da moda ainda é recente.

—Legal —digo espantada. —Você deve viver cheia de roupas da moda.

—Ganho muitas roupas!

Ela vem e se deita do meu lado, fico surpresa com sua espontaneidade, Gil puxa a cadeirinha de Blair, que acabou dormindo, para perto e deita ao lado de Sah. Olho para Sandy, e ela vem meio sem graça, eu não sei por que ela se isola tanto, não quero que ela se sinta como uma empregada minha, ela é prima de Jack, mesmo que me dê aulas, eu nunca a veria como uma espécie de funcionária, gosto muito da Sandy.

—E você e o Jack? Estão bem? —Gil pergunta e fica me olhando assim, meio com receio.

—Jack é muito difícil, eu estou aprendendo a colocar a carroça ainda —explico e as meninas começam a rir, estou irritada. —Vocês viram? Ele me chamou de idiota!

—Ele é muito complicado. —Levo uma batida de ombros de Patrícia. —Tenha paciência, Jack nunca teve uma namorada séria, eu também achei que ele não havia se livrado da maldição.

Começo a rir, ah Patrícia, se você soubesse da metade.

—Gosto dele, mas ele precisa entender que eu não sou culpada pelos problemas dele.

—Quando a gente casa é assim, Duda—Gil explica muito pensativa. —Cansei do Phelipe chegar cansado do hospital depois de ter perdido um paciente e brigar comigo, ele vivia reclamando da comida, sendo que eu fazia

tudo o que ele gostava.

—Vocês trabalhavam no hospital do tio do Jack?

—Eu sempre trabalhei lá, ele também, depois do divórcio ele foi para Los Angeles com a mãe da Blair, não conseguíamos olhar um para a cara do outro.

—Entendeu —falo e ela ri. —Espero que não esteja sendo chato.

—Ah... não é—Gil revira os olhos. —Foi bem pior naquele dia em Malibu, eu só vim porque pensei que ele não viria, e porque a Mirna não deixa a Júlia viajar sozinha, como eu meio que ainda faço parte da família, então eu vim.

—O que sente quando olha para ele? —Quero entender isso.

—Não sei, é estranho saber que você dormiu com essa pessoa por anos e hoje ele não passa de um grande estranho, em parte porque nós dois vivemos todas as etapas—Gil fala bem devagar para que eu entenda. —Namoramos, noivamos e casamos na igreja.

—Viu. —Brinco e elas riem de novo. —E aí?

—Não pensávamos em filhos no começo, depois do terceiro ano de casamento ele queria muito um bebê, dinheiro nunca foi um problema para ele, então começamos a tentar, mas o bebê não vinha. —Gil faz uma pausa. —Tive um aborto, descobri que sofria de endometriose, fiz a cirurgia, mas já era tarde demais.

—Ele te traiu?

—Não, ele apenas me pediu o divórcio, e alguns meses após o divórcio, ele estava com a Fiona, ela tinha dezenove anos na época.

—Nossa!

—É, chocou todo mundo, eu principalmente, ele achava que quanto mais jovem fosse a mãe da criança, melhor, sofri muito, mas aprendi a lidar com isso, as vezes quando eu via ele no hospital, eu me escondia no começo, então depois não fazia mais diferença para mim.

—Ele nunca te pediu perdão?

—Pediu, mas para mim não havia o que perdoar, teria sido pior se eu tivesse ido atrás dele, eu acho, não sou assim, eu sou um pouquinho orgulhosa.

—Está certa, Gil, e você, esposa do embutido?

Acho que estou tonta, Patrícia cai para o lado gargalhando, depois sinto

algo frio e nas minhas costas, Nando, ele me beija na bochecha e faz o mesmo com Sah, e com as outras meninas, depois sai correndo na direção de Júlia, que está construindo um castelo de areia com o que parece ser uma das colheres da cozinha e vasilhas descartáveis.

—O que vocês fazem quando se sentem constrangidas com algo?

Olho para Sah e levantamos, vou dando um nó no meu biquíni, solto os cabelos e jogo para os lados ficando ao lado de Sah, fazemos poses, as três começam a gargalhar.

—Fingimos que somos famosas e esnobamos todo mundo—Sah fala e manda um beijinho para Sandy.

—Ficamos muito sexys escondidas de todos em algum lugar da casa — explico e aumento o volume do celular, pego outra cerveja. —E depois dançamos como garotas de dezessete anos.

Sah e eu dançamos com as mãos para cima, Sandy rola de tanto rir, rio, e fico de frente para ela deslizando para os lados enquanto ela vai para o outro.

—Ou então, nós duas ignoramos todo mundo. —Sah cai de joelhos e joga os cabelos exageradamente para os lados —Somos strippers loucas por sexo.

—Queremos sempre mais. —Empurro ela com o pé e Sah cai estatelada no chão, rio, ela grunhe. —Desculpa.

—Você me paga!

Sandy levanta cuspidando areia e me escondo atrás dela, Sah tenta me agarrar, empurro Sandy no rumo dela e as duas acabam caindo por cima das outras duas, todas riem, vou dançando para trás, me dei bem.

—Você gostou dessa? — Mando um beijo para Sah, mas ela está rindo, tentando sair de cima de Gil. —Beija a bunda dessa gringa aí, novinha!

Me sento, me certificando que Blair está bem, ela dorme como um anjinho, escuto o som de algo correndo, e de repente Alejandro passa correndo no rumo do mar só de calção, ele gosta de se exhibir para Sah, reviro os olhos sob as lentes escuras desse óculos, tiro o óculos e analiso, é um espelhado de lentes que lembram aqueles óculos do John Lennon.

Escuto mais o som de alguém correndo e do nada passa mais um de calção, e outro, e outro com calção preto, meu coração vai disparando aos poucos, contei quatro, e nenhum deles é parecido fisicamente com Joseph. Mas eles são tão parecidos de costas, que eu não sei dizer quem é quem, a cor dos cabelos também, tudo, ah Meu Deus, Jack é um desses homens.

—Uou! —Sah fala já estou olhando para baixo—Maria, você está viva depois disso?

Meu coração está disparando tanto, que duvido que sobreviva, bebo mais um pouco da cerveja, onde ele quer chegar com isso? Será que é um teste? As minhas mãos tremem.

—É muita “magia” junta. —Sah está olhando. —Que natureza injusta com o resto do mundo, meu Deus.

Acabo rindo, bebo mais um pouco da cerveja, coloco o óculos, e volto para onde eu estava, Sah tem razão, porque os homens dessa família são extremamente lindos.

—Cadê o severo? —Sandy pergunta confusa.

—Ele está na varanda. —Vejo o professor saindo com um calção e uma camisa mais leve, chinelas. —Uhu!

Abaixo o óculos, as meninas começam a rir novamente, estou muito nervosa.

—Ele não é feio. —Sah defende. —O problema é a falta de cabelo, e a magreza... e esse jeito brega dele se vestir.

—Queria que ele fosse baixo, usasse peruca e uma pochete? —pergunto e todas riem de novo.

Joseph é muito branco, ele passa pela gente com um olhar bem mais que envergonhado, ele se quer olha para gente, escuto o som do Nando chamando ele, tenho certeza que ele vai ficar com o meu filho.

—Não sou muito superficial —Sandy fala apoiada no cotovelo. —Já passei dos trinta, então, podem imaginar meu desespero.

Sandy? Essa loira bonita e malhada, desesperada?

—Eu basicamente tive três namoros desastrosos. —Sandy suspira. —Não nasci para o amor.

—Porque o amor é coberto de trevas e dor. —Brindo com Sah e elas riem sem parar, Amy Winehouse soa no celular de Sandy, You know i'm no good, começo a cantar.

Vou tropeçando nas palavras, Sah me acompanha, acho que Gil canta bem melhor que eu e ela juntas, claro, elas são de um país que se fala inglês. Patrícia canta se movendo para os lados, acompanhamos ela, acho que nunca me diverti tanto com outras garotas por perto, estou mais relaxada e feliz.

—Vamos virar. —Sah sugere virando.

Viramos e fecho os olhos, já estou coberta por areia, na minha mente se repete a cena de agora a pouco, três homens de calções pretos correndo para praia, um deles era Jack, tenho certeza, quem mais poderia ser? Homens altos de ombros largos, cabelos mais escuros, os cabelos de Jack são escuros, no mesmo tom dos cabelos dos irmãos mais velhos, ele não é loiro como Júlia, ele é moreno, ombros largos, e o traseiro dele—que eu já faço bem uma ideia —é mais cheio, ele também é bastante alto, disso já tinha uma noção, meu coração dispara só de lembrar.

—Não pescamos nada. —É a voz do Alejandro. —Tem cerveja, amor?

—Aham—Sah responde.

—Uou! —soo com a voz baixa, o sol está mesmo quente hoje. —Gil, não é melhor dar uma água para nossa bebê?

—Vou fazer isso, aproveito e trago a mamadeira dela. —Gil levanta.

Quero um pano para cobrir meu rosto.

—Sah!...

—Aff, Duda, aquieta! —Sah reclama—Meu Deus do céu, dá para ser normal pelo menos uma vez na vida?

—Não, não dá. —Rolo e acabo ficando em cima dela. —Me empresta sua entrada, por favor, amorzinha.

Sou infalível, Sah revira os olhos e me entrega a entrada dela, me deito novamente e coloco no meu rosto para que proteja do sol, mas não encontro posição, rolo para um lado, depois para o outro, odeio ficar parada vegetando.

—Meu Deus, Duda!

—Mas Sah...

—Chega, aquieta! —Sah reclama irritada. —Dá um jeito nessa sua mulher, Jack.

Fico parada, e sou tomada por uma vergonha enorme em saber que ele está aqui, permaneço deitada e apenas quieta.

—Vem Eduarda, vamos dar um mergulho.

Jack enfia os braços embaixo de mim e me ergue sem a menor dificuldade, me sinto mais tensa que nunca, não sei onde ele quer chegar com isso, mas nem vou falar nada porque não estou nenhum pouco afim de outra discussão. Acho que nos afastamos o suficiente, ele tira a entrada no meu rosto e os

óculos, aperto os olhos.

—Uma hora você vai ter que me ver.

—Não quero.

—Eduarda, eu já disse que pode abrir os olhos.

—Temos um acordo, mês que vem, no nosso encontro.

Ele suspira, mas não está irritado, sinto a água fria em contato com as minhas costas e me arrepio toda, me seguro nele.

—Quero que me veja.

—Não queria até esses dias atrás.

—Não tinha percebido que isso é necessário para nossa relação.

—Eu não me importo mais.

—Então, não vai se importar de abrir os olhos.

—Mês que vem no meu jantar.

—Está brava por ontem?

—Mais ou menos.

—Não fique brava.

—Já passou.

—Não queria gritar, me descontrolei, me desculpe por ter chamado você de idiota.

—Eu entendo que seja difícil ser assim, Jack, mas não somos apenas nós dois, tenho um filho.

—Eu sei, farei de tudo para que não se repita, nem que não tivesse ele, eu não deveria ter falado aquilo, vida, me desculpe.

—Tudo bem.

Ele me beija, acho que está mais arrependido porque sabe que isso me magoa, me pergunto se Jack não sabe resolver seus problemas de outra forma quando fica irritado com alguém.

Jack me solta e me seguro em seu pescoço, ele me abraça e encontro mais uma vez meu porto seguro, odeio quando brigamos, ele fica distante e essa distância é dolorosa, eu quero poder ter algum tipo estabilidade emocional ao lado dele, mas sei que nesse início, será um novo desafio na minha vida.

—Não tem peixe nesse lugar, mas achamos uma cachoeira.

—Mesmo? —Sorrio. —Quero ir lá.

—Amanhã eu te levo. —Jack coloca um beijo na minha cabeça. —Esse biquíni ficou muito bom em você.

—Obrigada. —Não sinto como se fosse algo sexual, não sei por que, mas fico aliviada, acho que não quero que seja apenas algum tipo de atração.

Mas não é atração, nós nos amamos!

—Você está bebendo?

—Estava, acho que não nasci para isso, também estou começando a ficar com fome, as meninas querem aproveitar o dia na praia.

—Quer que eu prepare o nosso almoço?

N-O-S-S-A!

—Acho que seria pedir demais, eu mesma faço, e também, hoje tem que ter comida, claro, está muito quente, mas é muita gente.

—Está bem, vou ficar com o Fernando.

Nos beijamos e me sinto mais próxima dele, não gostei da forma como ele me tratou ontem, mas ao menos Jack tem alguma humildade para pedir perdão, acho que ele nem precisaria fazer tanto esforço, perdoaria ele do mesmo jeito, contudo, não posso me permitir que isso sempre aconteça, porque senão, o nosso relacionamento seria abusivo e inconstante—como sua personalidade—, ele precisa aprender a tentar se manter neutro.

Ele me espreme, posso sentir a ereção explodindo no calção de banho, meu corpo todo já fica arrepiado, nos beijamos, algo intenso e tão forte, que me deixa sem ar, no meu peito, um coração bate desesperado, mas não sinto como se apenas desejo, não é isso, eu estou totalmente entregue a esse homem e as vezes tenho reações que nem eu mesma conheço por causa dele.

—Quero você.

Eu acabei de falar isso.

—Eu também quero você, mas o Fernando está vindo aí com a Júlia.

Me afasto um pouco afundando, escuto os berros da Júlia depois ela pula em cima de mim toda empolgada, aperto ela, sei que o Nando está com o Jack, acho que posso aproveitar um pouco a presença de Júlia aqui.

—Você quer vir comigo preparar o almoço?

—Aham!

Jack passa um braço em volta de nós duas, e ganho um beijo na cabeça, acho que Júlia outro, depois ele nós solta, Júlia está tão feliz que mal cabe em

si, me contenho, não posso sair gritando para todos os lados sempre que o meu marido me trata assim, mas por dentro eu estou explodindo de muita felicidade.

—Vamos, Juh dois!

—Gostei do apelido.

Deixo que ela me guie, um pouco ansiosa, daqui a alguns dias tudo isso será bem diferente, espero que sim, em breve verei o rosto do meu marido Mister “M”.



Grandes Segredos

Mal entro na cozinha e as meninas já chegam todas falando ao mesmo tempo, Sah já vai logo pegando as folhas na geladeira, enquanto Sandy pega as panelas, sorrio, acho que fiz algumas novas colegas.

Gil carrega Blair, que está meio sonolenta, agora só de fraude, o dia está mesmo muito quente para manter um bebê tão pequeno usando roupas.

—Eu não sei cozinhar, mas eu posso descascar as batatas. —Patrícia se senta à mesa. —Pode ser?

—Pensei em colocar a Juh para fazer isso, quero fazer um almoço de gente normal. —Faço uma careta feia para Sandy. —Gente que come!

—Aí, que exagero —Sandy ri, toda animada. —O que tem em mente?

—Achei uma carne muito bonita no freezer, quero fazer um estrogonofe,

com um arroz branco e batata frita de verdade—explico e Sandy concorda. — Para os vegetarianos, um estrogonofe de soja com salada, que tal?

—Parece delicioso!

—Espere até provar a comida de verdade dela. —Sah já está lavando as folhas. —Duda, podemos colocar manga na salada.

—Eu pego as mangas! —Juh já sai correndo pela porta dos fundos. —Não comecem sem mim!

Sah me entrega sua cerveja e bebo mais um pouco, todas estão se movendo pela cozinha, Sandy coloca música em seu celular de novo, acho que afinal de contas, não é tão ruim ter mais pessoas aqui, semana passada foi um grande tédio, e os dias passaram bem mais devagar devido a quietude.

Precisava dessas férias em todos os sentidos!

Desde que “conheci” Jack, minha vida virou de ponta a cabeça, fiz tantas coisas loucas, eu nunca pensei que essas férias seriam assim, tudo tem sido bastante surpreendentemente bom, apesar dos problemas, sei que nunca em minha vida teria a oportunidade de viajar para Angra por mais de três dias— como foi da última vez no natal—, porque isso exige um dinheiro que eu não tenho.

É bom ter mais gente ajudando, Júlia conversa a todo o momento, Gil está com Blair no canguru tentando descascar uns dentes de alho, enquanto Patrícia seca os olhos fatiando a cebola, Sah e Sandy, a dupla dinâmica, estão perto da pia, vou no freezer e pego o pacote de carne congelada.

—Água de coco, meninas? —Alejandro está entrando, ele mexe no celular.

—Para Blair—respondo, estou impressionada com o físico do meu cunhado. Ele beija a cabeça de Sah e sai pela porta dos fundos, acho que Alejandro mudou muito nesses dias de convivência com a Sah, ele está mais sociável e fala mais.

—Vocês dois estão noivos. —Patrícia funga e começa outra cebola. —Que bom, aquela garota insuportável, odiava ela.

Sah vira para Patrícia e já sei que ela vai querer saber tudo, me sinto como ela querendo saber mais a respeito de Jack, mas acho que não vou dar muita sorte, porque Jack não participa em nada dessas coisas com a família, devido a escopofobia dele.

—Acho um pouco complicado —e Gil pigarreia alto. —Sobre o seu desfile, Patrícia, como vai ser?

Acho que alguém entrou, estou escutando os passos de várias pessoas, abaixo o olhar, Sah pega o pacote e me estende uma tábua cheia de couve, ela odeia essa parte, pego a faca, mostro para ela com cara de ameaça e ela ri, enrolo as folhas e começo a fatiar o mais fino possível.

—Eu tinha comprado uma coisa para você no porto —Sah fala e começa a prender os meus cabelos com cuidado. —Uma daquelas tornozeleiras coloridas.

Adoro tornozeleiras artesanais, a minha última durou um tempo bom, acabei perdendo a caminho do trabalho.

—Esqueci de te dar.

—Te pago depois.

—Duda, não!

Odeio quando ela faz isso, eu não gosto quando a Sah fica me dando as coisas.

Ela estende mais folhas que a Sandy acaba de lavar, um modão começa a soar do celular de Sandy, Sah adora música sertaneja, eu não gosto muito, mas até escuto de vez em quando, pelo visto, Sandy também adora.

—Oh sofrência—Sah fala alto e eu e Sandy Rimos.

Sah entrega o repolho, e deixa uma vasilha com melancia aberta na pedra, nossa rotina se resume em comer frutas nas horas vagas durante o dia.

—O que vai fazer semana que vem?

—As aulas começam na segunda, vou ter que ir na escola do Nando e vou na empresa.

—Lorena vai surtar quando você pedir demissão.

Lorena é a minha supervisora há exatos quatro anos, acho que pelo tempo que conheço, ela vai reagir meio mal a minha demissão, sempre bato meta e estou invicta no primeiro lugar em vendas na nossa equipe há mais de dois anos, já me acostumei com a minha chefe, apesar de não termos muita intimidade e tal.

—Ela vai entender, ninguém é insubstituível—replico fatiando o repolho.

—Você sabe que é responsável pelo faturamento da equipe dela e que isso vai ferrar com ela.

—Ela também sabe que eu teria que sair ano que vem e que eu não trabalharia na meta para sempre.

—Vai pedir na segunda?

—Não, eu vou primeiro me organizar, peço na segunda quinzena, assim eu não perco a minha comissão e tal.

—Você vai tentar fazer um acordo?

—Acho que ela não vai querer fazer acordo.

—O que é uma pena.

Realmente, meu acerto daria um bom dinheiro, mas pelo o que vejo, isso não será um problema na minha vida, mesmo que eu não goste da ideia de ter alguém me sustentando, eu preciso conversar com Jack sobre isso também.

—Sempre achei que você merecia mais destaque na meta.

—Se eu saísse do atendimento, ganharia uma merreca.

—É, mas você poderia ter reconhecimento.

—Não preciso de reconhecimento, Sah, preciso de pagar a minha faculdade.

—Você tem muita capacidade de subir lá.

—Não preciso subir de cargo, o meu foco não é esse, o emprego só foi um atalho para um objetivo.

—É por isso que você não sobe na vida.

—É por isso que eu não sou formada e ganho mais que você.

—Uou—Nando berra.

Quero rir, Sah também, sempre conversamos sobre isso, sempre discutimos, e sempre Rimos muito de tudo.

—Só estou falando que você é inteligente demais para ficar trabalhando com telemarketing.

—Você deveria ser grata por ter pessoas como eu, que te servem na comodidade da sua casa.

—É uma profissão ingrata.

—É muito difícil sair da zona de conforto.

—Uou—Nando berra e escuto risadas de todos, a risada de Jack, fico tensa.

—Você tem que ter a mente aberta.

—Prefiro entender que, por mais que o meu emprego seja algo muito pequeno para algumas pessoas, eu ajudo outras pessoas a terem algo maior e

melhor que uma viagem.

—Você vende seguros.

—Todo mundo precisa ter um seguro, Sarah, você já imaginou quantas pessoas morrem e deixam nada para a família?

—Você é a pessoa mais chata que existe na terra.

—Obrigada.

—E certinha e mandona.

—Aham.

Sah me abraça e ganho um beijo na bochecha, sorrio, me sinto mais próxima dela esses dias, apesar de todos os pesares.

—Mãe. —Nando me abraça por trás. —Você pode preparar um lanche para mim?

Adoro quando ele faz esse charme, olho para Sah, ela sabe que eu não posso virar, ela pega o Nando no colo e vai se afastando.

—Acha que eu dou água de coco para Blair? —Gil encosta na pedra com Blair no canguru.

—Aham. —Olho para Blair e ela sorri. —O que foi? Para de sorrir para mim.

Blair esperneia alegre, Gil a tira do canguru, depois a cobre de Beijos. Sandy entrega as cenouras já descascadas, pega as vasilhas de couve e repolho.

—Você gosta de cozinhar, Duda?

—Eu tento. —Dou de ombros. —Minha mãe é uma cozinheira muito boa.

—Eu não tenho muito jeito com essas coisas. —Ela sorri, distraída com Blair. —Mas, eu tento.

—Ainda mais agora, com um namorado. —Sah insinua maliciosa. —Você pode cozinhar para ele, dizem que se conquista um homem pelo estômago.

—Deve ser. —Gil concorda com um pequeno sorriso.

Fatio a cenoura rapidamente, vou despejando em outra vasilha. Gosto de cozinhar, às vezes.

—Você é muito habilidosa, Duda.

Olho para Gil, não acho, mas apenas sorrio e continuo.

—Não tenho paciência para cozinhar, nem tempo, e você?

—Como no hospital, eu não ando tendo tempo para nada.

—Imagino que seja difícil, você é a chefe das enfermeiras.

—Depois que a minha mãe morreu, eu quase não vou em casa, aluguei um apartamento no centro.

—Deve ser difícil, sinto muito, Gil.

—obrigada.

Dou um beijo no rosto dela, não costumo fazer isso com ninguém além de Sah, mas me sinto mal quando me falam essas coisas.

—Água de coco. —Alejandro entrega um copo cheio para mim. —Você quer que coloque gelo?

—Não, está bom assim. —Bebo um pouco da água de coco, está doce e deliciosa. —Obrigada, Alê.

Alejandro fica vermelho e se afasta.

—Duda, a tia está perguntando se você está bem. —Sah fica a minha esquerda. —Ela disse que você não atende.

—Deixei o celular lá em cima. —Suspiro. —Fala para ela que eu estou bem.

—Disse que o David, da faculdade, foi atrás de você.

David é o meu parceiro de trabalhos na faculdade.

—Hum, fala para ela ligar para ele e pegar os trabalhos na minha mochila, pergunta se o Claus está bem.

—Ela disse que o David falou que você tem uma apresentação na quarta, com o Professor Iago.

—Iago? —Estou bem mais que surpresa. —É o reitor da faculdade.

—Está falando para você ligar para o David.

—Vou fazer isso.

Fico curiosa.

—Quer que eu pegue o seu celular? —Júlia pergunta.

—Por favor.

Me sinto mais mimada que nunca, nunca tive tantas pessoas se oferecendo para fazer algo para mim.

É bom ter gente que ajuda as vezes.

—Pode deixar que daqui agente assume —Sandy fala. —Por que você não

senta um pouco?

—Sandy, você é minha convidada, não comece.

—Ok. —Sandy revira os olhos, toda vermelha.

—Seu celular. —Júlia volta e me estende o celular.

Lavo as mãos, em seguida seco e desbloqueio, várias ligações da minha mãe, vou na agenda e disco o número de David, apoio o celular no ombro e continuo a fatiar os legumes, ele atende no terceiro toque.

—Oi, sou eu.

—E aí, gordinha.

Rio, odeio quando ele me chama por esse apelido idiota.

—Que número é esse?

—Meu número, e aí? O que o Iago quer comigo?

—Eu estou ótimo, obrigado por perguntar.

—Eu também estou muito bem.

Ele ri, nego com a cabeça, David as vezes é um chato, mas ele me suporta há quase cinco anos, então.

—Não enche, David, vai falando.

—Ele quer que você represente a faculdade na primeira semana jurídica do ano.

—Já falamos sobre mentiras.

—Sério, ele vai entrevistar você e a Fabi.

Fabi é uma das meninas da nossa turma, não gosto muito dela, acho ela uma completa estúpida e metida.

—Eu seria palestrante e tudo?

—Com direito a crachá e tudo.

—Sério?

—sério.

Coloco no viva voz, Sah conhece David pessoalmente, eles dois já até trocaram dicas de como enlouquecer um homem na cama, ou essas coisas que ela conversa com todo mundo, sem falar daquela vez que eles me levaram para sair, não gosto nem de lembrar, é por isso que eu não saio... deixo o celular na pedra.

—O que você está fazendo, gordinha?

—Almoço.

—Sua mãe falou que você está namorando, como assim, Duda? Achei que gostasse de outras coisas.

Mamãe e sua língua grande, reviro os olhos.

—Então, você acha que eu tenho chances?

—Você sabe que a Fabi vai tentar seduzir o Iago, ela não é burra, eu faria isso.

—Acho que você sabe que eu tenho um filho de dez anos.

—Opa.

—Oi, David—Sah berra perto do celular. —E aí, menina?

—Sarah! —David berra de volta todo empolgado. —Precisamos sair de novo, menina.

—Acho que vou vomitar—digo e me tremo toda, nunca mais vou em lugar algum com eles dois.

—Duda ganhou alguma coisa na faculdade?

—Ela vai ter a chance de competir por uma vaga para palestrante na primeira semana jurídica da faculdade.

—Isso é maravilhoso. —Sah está muito feliz. —Ela ganhou por...

—Competência —David está lendo algo —, dedicação e por ter tirado a maior nota na semana jurídica do semestre passado.

—Traduzindo...

—Ela é foda.

Reviro os olhos, Sah fica me olhando com uma admiração boba, ela sabe que eu odeio esse tipo de coisa.

Morro de vergonha.

—E aí?

—se Iago gostar da apresentação dela, ela pode concorrer a vaga de palestrante principal na faculdade, mas a Fabi vai disputar com ela, então, só que eu tenho quase certeza que a Duda ganha.

—Fabi é aquela galinha que vive te humilhando no conselho jurídico da faculdade? —Sah aponta para mim e faço que sim, não me importo, ela é uma galinha mesmo.

—Isso mesmo. —David confirma. —Acho que ela vai tentar usar outros métodos, se é que me entende, mas você sabe que o Iago é apaixonado pela

Duda.

Coro, o reitor da faculdade não é apaixonado por mim, de onde ele tirou essa ideia?

—Ele também é muito justo, ele não vai dar mérito para a Fabi, acho que ele só vai fazer isso para poder dar a chance para outros alunos, mas não é o caso.

—Você tem que estar linda. —Sah determina.

— E nada de all-star. —David suspira. —Mas e aí, os meus trabalhos?

—Pode ir buscar lá em casa, a minha mãe te entrega, eu deixei separado por pastas de cor. —David está pagando matéria, estou dando uma ajudinha para ele. —Obrigada, David, você me indicou, não foi?

—Não precisei, a sua queridinha de internacional intercedeu por você assim que o Iago surgiu com a lista.

Professora Camila, sorriu, nem sei descrever o tamanho da felicidade que sinto nesse momento, é algo que qualquer aluno de direito no último período poderia desejar, por que além de um belo certificado extracurricular, pode se ter a chance de ter muitas boas referências, e isso mal passou pela minha cabeça.

—Onde vocês estão?

—Angra—Sah responde. —A Duda está ficando fitness.

—Eu já estou fazendo o planejamento para esse ano, o tema é Redução.

—Nossa. —Franzo a testa.

—Redução de que, hein? —Sah fica tão perdida quando começo a falar com os meus colegas sobre algo relacionado a faculdade.

—Da maioria penal —digo e fico irritada. —Vai muito policial?

—E os direitos humanos.

Isso não vai acabar bem.

E se eu for eleita, vou pegar essa bomba.

—Você consegue, Duda.

—Acha que a Fabi vai para valer?

—O pai dela é juiz da segunda vara do conselho tutelar, o que você acha?

Olho para Sah, ela parece prestes a dar um ataque de nervos.

—Eu acho que ela vai ter que gastar muita saliva.

—Isso! —David está comemorando do outro lado da linha. — Menina, não faz mais isso comigo, Iago, ela disse sim.

Escuto uma gritaria do outro lado da linha e fico meio surpresa, na verdade, incrédula, acho que ele está na secretaria.

—Você tem o nosso apoio —a professora Camila está berrando do outro lado. —A votação de indicação foi unânime, você consegue, Duda.

Não que eu quisesse, nunca pensei que algo assim fosse acontecer comigo, eu sempre tento dar o meu melhor na faculdade desde que ingressei, sinto vontade de chorar.

Minha primeira pequena grande conquista.

—Te esperamos na quarta às 08:00 manhã e nada de all-star.

—Ok. —Sorrio e olho para Sah, David desliga.

—Vem cá, deixa eu te dar os parabéns, amiga.

Fungo, odeio quando ela fica agindo desse jeito meloso e tal, aperto os olhos, estou muito feliz, na verdade, transbordando, nunca achei que fosse ser indicada, eu sempre participo mais como membro do conselho.

—Minha vez.

E Jack me puxa, aperto ele, e não consigo descrever em palavras como me sinto, acho que pela primeira vez na minha vida as coisas estão dando mesmo certo em todos os sentidos.

Não poderia desejar ganhar esse abraço de mais ninguém além do meu marido.



Sou empurrada contra a porta do quarto, depois a boca de Jack está na minha, puxo ele pelos quadris e vou arrancando a camisa do corpo dele com impaciência, pensei que nunca conseguiríamos ficar a sós. Depois do almoço com a família, fomos para a varanda, e só quando todos estavam em redes, foi que conseguimos dar essa escapada.

Ele me puxa para cima e abro os laços do biquíni arrancando a peça de baixo do meu corpo, lambo o queixo dele e sou penetrada com força, engulo o gemido, ah, eu precisava disso, preciso de muito mais.

Abro a boca e ele coloca a língua na minha boca se movendo devagar, estou morrendo de ansiedade, me contraio mais e mais para o meu marido, já

estou úmida, já estou quente, e como nunca o desejo em mim.

Aperto as pernas envolta de Jack, incapaz de raciocinar direito, ele segura as minhas mãos grudando-as na porta e desce bem devagar, sei que estou sendo observada e uma ponta de prazer me consome totalmente, sobe entrando mais e me contraio mais, quero me mover, mas do jeito como ele segura meus pulsos para cima não me permite me mover.

Jack está me torturando.

Ele morde meu mamilo esquerdo por cima da peça do biquíni com força, e estanca, ah isso, aí mesmo Jack, mais!

Enfia a língua na minha boca e faz gestos circulares, algo sexual e eu agarro a língua dele chupando-a com força, Jack geme e se move rápido, minha bunda bate com força contra a porta e adoro isso, estou pulando em cima de seu membro com uma intensidade gostosa.

Estou tensa, e muito excitada, ele solta os meus pulsos e me ergue pela cintura, solto um grito empolgado, Jack me lambe puxando as minhas pernas para os seus ombro com força e facilidade incríveis, estou suspensa, isso é loucura, a loucura mais deliciosa da minha vida.

Puxo os cabelos de Jack com força, e estremeço num orgasmo incrível, ele segura minha cintura e me puxa de novo pra baixo, me penetra e me agarro nele.

—Você não vale nada, Jack Carsson.

—Você está salgada, deliciosa.

—Me deixe provar.

Beijo a boca dele e estou me movendo, Jack aperta minha bunda, e estamos numa sincronia muito deliciosa, sorrio, me sinto tão loucamente irresponsável, nunca faria isso na minha vida, estou de novo queimando, e gozo subindo e descendo nele, Jack sai, eu ergo os meus quadris e seguro ele conduzindo seu membro novamente para dentro de mim.

—Não vou segurar, eu não consigo.

—Consegue.

Ele anda comigo e volto a me mover, quero mais, Jack estica os braços e se apoia na parede, ele respira fundo, morde o meu ombro, fica parado, ele está desfrutando de cada segundo, me sinto bem em lhe dar prazer, ele me dá tanto prazer sempre, gosto de sentir que ele fica satisfeito comigo.

Quero ver sua reação nesse momento, sua face, mas sinto como se isso o

torturasse também.

Também sinto prazer, mas estamos tão ansiosos, acho que nós mesmos não sabemos o quanto tudo isso é poderoso, me sinto tão completa quando estou com ele.

Ele está olhando, cabisbaixo, acho que isso ainda é pior para ele, deve sentir muito prazer em nos ver assim, eu mesma adorei ver aquele dia, quase enlouqueci, isso é excitante..., ver.

—Vou gozar. —A voz dele está baixa e rouca. —Maria, por favor...

—Não.

Jack me beija com lentidão, acho que sua sensibilidade já chegou a um ponto em que não consegue mais controlar, estou totalmente molhada, me contraio, e o meu amor sorri, sua boca é apenas minha agora, seu corpo, tudo dele é meu, e eu sou dele.

Me movo devagar, nossos corpos soam, nos beijamos, e vou sentindo como se tudo ficasse ainda mais quente nesse quarto, meu corpo queima de prazer, me arrepio toda com minha sensibilidade e estou gozando devagar, algo tão gostoso quanto meus movimentos, demorado, Jack sai, ele ejacula na minha barriga, quente e forte, aperto mais ele, estou tremendo um pouco, oprimindo o meu gemido, calando os reflexos de toda essa coisa forte que sinto agora.

—Banho, Senhora Carsson?

—Aham.

Jack me carrega assim para o banheiro, deixo que ele tome de conta de mim, sei que ele gosta—por mais que isso seja muito esquisito—e também, eu estou de olhos fechados o tempo todo, ainda tenho um pouco de vergonha, mas tento ignorá-la ao máximo, porém, eu mesma lavo meu cabelo, ele lava todo o meu corpo com sabonete, depois ele mesmo toma banho, espero, quando ele termina, me leva para fora do box e me seca em silêncio, depois que ele se seca, me leva para os colchões.

—Quer alguma coisa?

—Não, quero que fique aqui comigo.

—Vou pegar uma roupa para você, talvez o Fernando venha.

Acho que ele está com algum tipo de receio pela briga de ontem, nós mal conversamos, depois que todos acharam seus destinos na varanda da casa, Jack me pegou pelo braço e me trouxe para o quarto, eu também estava muito

ansiosa.

O almoço foi um pouco mais animado, graças a Sah e a Júlia, mesmo que isso não fosse o suficiente para aliviar a tensão que se formou pelo fato de eu estar a todo momento cabisbaixa ou com os olhos fechados, acho que Jack se sentiu incomodado por causa da família dele, sua mão tremia um pouco, me sentia incomodada também, mas acho que todos compreendem bem nossa situação, quero que ele entenda que eu não me sinto tão envergonhada com isso, mas não apenas isso, que eu farei tudo dentro do possível para que dê certo comigo. Isso também me provou que ele não está pronto para que eu o veja, é um passo muito grande para ele.

Seus passos se aproximam, ele vem para perto, enfia uma camisa na minha cabeça depois procuro os braços, pelo tamanho, já sei que é dele, Jack me beija e vem se inclinando para cima de mim, me acomodo, toco suas costas, ele já usa uma camisa de malha fina, e está de cueca.

—Você é só minha.

Afasto algumas mexas que caem sob o rosto dele para trás de sua orelha, amo você Jack, amo muito.

—Fico muito feliz pela sua conquista na faculdade.

—Ainda não é nada certo. —Encolho os ombros. —Vamos ver se convenço Iago.

—Ele é apaixonado por você. —Jack está me observando, mas muito relaxado.

—David só estava exagerando.

—Disse que não tinha amigos homens.

—Ele é gay.

—E esse Iago?

—Ele é diretor da faculdade, não tenho muito contato com ele. —É a verdade. —Ele vai no conselho as vezes, mas muito raramente converso com ele.

—Tenho muito ciúme.

Eu sei seu, obcecado, já estava demorando.

—Tudo bem. —Porque eu também tenho muito ciúmes.

—Quando vai ser?

—Costuma ser na segunda semana de julho, mas se eu não ganhar, quem

tomará de conta é a Fabi.

—Todos ficaram felizes por você, você consegue.

Fui parabenizada por Patrícia e por Gil, Sandy me cobriu de elogios, mas quero esperar até semana que vem para ver como as coisas acabarão, quero ter primeiro certeza para depois comemorar.

—Você vai sentir falta da sua vida no Brasil, não é?

Penso, e penso, então chego a uma conclusão.

—Vou, não tenho tantos amigos e nem nada, mas eu acho que seria bem pior não ter você por perto.

Ele fica em silêncio, acho que é por isso que é péssimo as vezes, não posso ver suas reações, saber o que ele está pensando quando me abro com ele.

—Sábado faremos um mês juntos —ele fala, mas parece meio que com medo. —Quero que você venha comigo no iate, para um passeio só nosso.

Faço que sim, um mês... está passando muito rápido.

—Obrigado por aceitar.

—Não precisa agradecer.

— Você está feliz?

—Sim. —Ele me dá um beijo grudento. —Muito mesmo.

—Que bom!

—E você?

—Também.

—É?

—Sim.

Jack me beija de novo, me sinto mais próxima dele que tudo, em completa sintonia com ele, enfio a mão em sua nuca, ele morde a minha boca suavemente, toco sua face.

—Você é diferente de tudo o que eu conheço, mas eu não quero que você se afaste de mim Jack, eu amo você.

—Também amo você. —Ele está de novo com a voz baixa. —Muito obrigado por ter aceitado.

—Não precisa agradecer, Jack.

—É que eu sei que as vezes passo dos limites, passei dos limites com você, se ao menos eu fosse normal, talvez nós dois não tivéssemos brigado tanto.

—Você é diferente, eu já aceito isso, não me importo.

—Sinto que a exponho.

—Eu não me importo.

—Me desculpe.

—Não comece.

Acho que ele sorri, mas sinto que está mais tenso, ele rola para o lado, fico deitada de costas, acho que Jack quer muito que eu entenda ele, mas que se arrepende de ter que me submeter a algumas coisas, ele tem vergonha disso, coitado, ele tem vergonha do que possa causar em mim devido a sua doença.

—Phelipe me deu uns conselhos, ele serve para alguma coisa, acho que a morte da mulher o deixou um pouco maduro.

—Que bom que está mais próximo do seu irmão.

—Eles são uns merdas.

Rio, porque sei que ele está brincando com isso, ah Jack, sei que por baixo dessa raiva deve sentir alguma coisa por eles.

—Você é o máximo.

—Eu? —rio. —Acho que você se enganou.

—Você não sabe o quanto a minha vida mudou depois que te conheci.

—Por exemplo.

—Não permitiria que eles ficassem, não deixaria você no controle.

—Minha ilha, minhas regras.

Jack ri, ele está de lado, a mão dele toca minha barriga e ele começa a acaricia-la em gestos circulares.

—Meu tio gosta de agradar as noras dele.

—Entendi o recado.

—Deu a Jonas um haras, ele se formou em veterinária, gosta de cavalos.

—Eu também.

Jack está rindo, a mão dele desce, sinto arrepios, ele toca toda a minha pequena região com carinho, ah isso é ótimo.

—Posso perguntar uma coisa?

—Claro, Jack. —Pare de agir como o meu filho quando quer algo.

—Patrícia, ela falou alguma coisa para você?

—Sobre o que? —Já estou curiosa, me sinto como a Sah, uma completa

fofoqueira.

—Jonas, você sabe que o casamento deles é convencional, certo?

Ele tem medo de falar sobre isso comigo, pensando bem, é um assunto estranho e muito delicado.

—Sim, ela falou.

—Ela falou?

—É, disse que eles dois são amigos e decidiram se casar.

—Sabe que Jonas é louco por ela, certo?

—É? Acho que pelo o que ela me falou, eles estão passando por alguma crise, ela disse que ele tem medo de ter filhos.

—Vi ele conversando com Phelipe durante a “pescaria”, ele estava chorando.

Chorando?

—Por que?

—Disse que acha que Patrícia o trai.

—Não estou entendendo mais nada.

—Por que?

Porque o seu irmão queima a rosca, Jack!

—Bem, pelo o que ela falou, ela gosta muito dele, mas Jonas... não tem tanto interesse nela.

—Jonas saía com homens antes de conhecê-la, é isso o que você quer dizer?

—Uou!

Jack dá uma gargalhada, me sinto tensa, isso foi totalmente esquisito e espontâneo, não acredito que fiz isso, e eu não acredito que Jack sabe e reage tão bem a isso, meu Deus, o que mais eu não sei sobre essa família?

—A família toda sabe, Jonas se apaixonou por ela, parou de sair com homens quando se envolveram.

E eu com vergonha do povo lá de casa.

—Ele sempre foi, homoxessual?

—Não sei, sei o que a Júlia fala.

—Patrícia sabe, mas ela é totalmente apaixonada por ele.

—Ela não demonstra.

—Acho que se o meu casamento fosse uma união de bens e, o meu marido gay, eu também teria medo de demonstrar qualquer coisa.

—Ele está com medo dela pedir o divórcio, sua culpa.

—Minha culpa?

—Você com aquele papo de “tenham filhos”.

—Eu não tenho culpa se o seu irmão tem medo de ter filhos.

—Ele tem medo de não ser um bom pai.

—Patrícia quer um filho, dá

para ver de longe que ela só se recusa por causa de Jonas.

—Você quebrou o coração de gelo dela, nunca vi ela agindo assim na minha vida, ela nunca foi tão sorridente.

—Eu só acho que se o seu irmão fosse um pouquinho parecido com você, ela sorriria mais.

—É? —Jack me dá um tapa forte e pulo. —Você gosta, não gosta?

—Você me transformou numa perdida. —Coro.

—Acho que Jonas mudou quando decidiu casar com ela, ele levava uma vida muito vazia, em parte porque ele não se aceitava, saía com mulheres, com homens, ele nunca soube bem o que queria, ele é muito superficial. — Volta a acariciar devagar. —Se apaixonou pela aparência dela, porque Patrícia é muito parecida com a primeira namorada dele.

—Nossa.

—Ela morreu quando ele tinha dezesseis anos.

—Coitado.

—Ele idealizou a mulher perfeita, o meu tio ficou aliviado com o casamento, mas ele tem medo de Jonas voltar as práticas satânicas.

Rio, não seria Jack se não tivesse uma ponta de sarcasmo.

—Mirna cuidou de tudo, é claro, ela controla a vida deles em todos os sentidos, eles moram na casa do meu tio.

—Deveriam mudar.

—Eu também acho, mas Jonas é muito apegado à Mirna, ela os criou depois que mamãe morreu.

—Você acha que ele trai a Patrícia com homens?

—Não, ele não quebra os votos, acho que ele apenas não sabe como lidar

com tudo, e ela é muito fria.

Por isso que ele não dorme com ela, porque ela não demonstra que se interessa por ele.

—Jonas apenas não sabia o que queria da vida, acho que ele se quer teve relações com um homem na vida, ele.

—Jack, não precisa se explicar, não tem que ter vergonha, é o seu irmão, se ele é homossual ou não, é a vida dele, eu jamais recriminaria ele, pelo contrário.

—A família morre de vergonha, sou indiferente a isso, mas não gosto que fiquem tratando ele mal por isso, ele sempre é excluído de tudo.

Você se importa com eles Jack, você os ama, apenas não os perdoa.

—Vida, você, você teria vergonha se eu já tivesse saído com homens?

Fico parada, meu coração vai disparando, ah, droga... Jack e seu passado, por favor, não comece.

—Maria—a voz dele está perto de algo meio desesperado—por favor.

—Não sei. —Não quero saber disso, não quero saber disso, eu não preciso saber disso.

—Eu já sai com homens.

Droga, Jack!

—Você disse que não saia com homens.

—Não saio mais, isso foi no começo.

Respiro fundo, por que isso acontece comigo, meu Deus?

—Eu não gosto de homens —ele fala com bastante receio. —Me desculpe.

—Tudo bem.

Não dá para reagir bem a isso, é bem pior do que Condessa ou as práticas loucas dela, não que tenha nada contra, mas não é todos os dias que dá para ouvir seu marido falando que já saiu com homens, bem, Patrícia, eu não escapei da maldição que te cerca.

—Maria, fale alguma coisa.

—Tudo bem.

—Não, não está tudo bem, você vai me largar?

—Eu não. —Decido. —Tudo bem, Jack, entendo que tenha seu passado, foram suas escolhas.

—Apenas não sabia, eu me desculpe.

—Tudo bem. —É a única coisa que posso falar, isso é constrangedor.

—Vou lá embaixo.

—Ok.

Ele sai do colchão, acho que ele está muito inquieto, que ele se arrependeu de ter dito isso, Jack não sabe sua posição no meu mundo, ele não sabe o que ele faz comigo quando fala essas coisas assim do nada, me sinto magoada, mas ao mesmo tempo não me sinto no direito de julgá-lo, coisa que faço muito bem quando escolho as pessoas com quem devo ter algum tipo de convivência, ele sai do quarto, e eu fico parada, não sei lidar com nada que venha dele.

Tudo isso me deixa muito confusa, talvez eu não precisasse saber disso, quantos segredos ele esconde de mim? Coisas assim? Coisas talvez piores do que sua relação conturbada com Condessa, a Agência, sua relação conturbada com a família?

Escuto o som da porta sendo aberta de novo, sei que é ele, fico parada, o que posso falar?

—Você precisa entender. —A voz dele está dura. —Vai aceitar, ok?

—Ok!

—Fale alguma coisa. —Jack está andando de um lado para o outro. —Vamos, pode falar.

—Não tenho nada a falar.

—Não? —Ele parece bravo. —Nada mesmo?

—Você mentiu para mim. —Fico de lado, estou tremendo um pouco. —Disse que só saiu com mulheres.

—Se falasse, você não entenderia.

—Que você gosta de homens?

—Não gosto de homens.

—Então, por que saiu com homens?

—Só queria companhia.

—E transava com eles?

—Eles também são pessoas, Maria, como quaisquer outras no mundo.

—Não disse isso, apenas acho que você deveria ter dito no dia que me contou da Agência.

—Sabia que reagiria assim.

—Assim como?

—Com nojo de mim.

—Não estou com nojo de você, Jack, estou decepcionada, e estou magoada porque você mentiu para mim.

—Não queria que sentisse nojo de mim, não mais do que já sente.

—Não tenho nojo de você, só que não é fácil ter que lidar com tudo isso e todos os dias ir descobrindo coisas que eu não estou acostumada a ver.

—Me desculpe.

Não respondo, fico parada, o choro preso na garganta, sempre é assim, quando parece que estamos conseguindo ficar bem, algo acontece e destrói isso.

—Maria, eu amo você mais do que qualquer coisa na minha vida, se você desistir de mim, eu não quero mais nada, eu não tenho mais cura, não tenho mais salvação, para mim só tem um jeito, esse jeito é você —ele fala baixo, de novo, a voz rouca. —Eu me sinto mal com tudo, mas é o meu passado e não posso mudar isso, mesmo que isso a deixe magoada, quero que você conviva comigo e com o que eu fui.

—Você não precisava mentir.

—Apenas tive medo.

Tenho medo do que sinto por Jack, porque isso faz com que eu o perdoe quando ele faz coisas erradas comigo, não sou assim, agora sinto medo de ter que aceitar ele, porque isso significa quebrar uma série de regras e princípios meus, coisas em que eu acredito, coisas das quais eu sempre bani na minha vida, acho que essa é uma delas.

—Só tenho você. —Ele parece estar tentando me convencer disso. —Você tem que me aceitar.

Talvez eu não queira...

—Por favor, dou tudo para você, faço tudo, apenas não me abandone.

—Não quero que se sinta assim em relação a mim, Jack, isso é uma doença, você está confundindo amor com atração, com alguma obsessão que desenvolveu por mim.

—Você não sabe o que está falando.

—Eu não sei o que você viu em mim.

—Eu sei.

Ele se aproxima do colchão, depois sinto que ele me puxa pelos pés, Jack começa a beijar os meus pés.

ELE ESTÁ BEIJANDO OS MEUS PÉS!

—Por favor não me abandone, está bem?

—Jack, não precisa fazer isso.

—Eu faço tudo por você, Maria, qualquer coisa, basta pedir.

Não quero isso.

—Por favor..., não me abandone.

—Ok, mas pare de ficar beijando os meus pés.

Jack se inclina e me beija, não recuo, não precisava de mais um problema para minha vida, preciso saber lidar com isso, em parte porque eu o amo, mesmo que não aceite todo o seu passado, as coisas que ele fez, mas sinto que não posso abandoná-lo por isso, ele parece tão desesperado.

Ele me puxa para cima e tira a minha camisa, tiro a dele também, acho que precisamos mais um do outro do que imaginamos, me sinto presa a ele pela atração, isso não é normal, eu nunca faria sexo com alguém numa situação dessas.

Aperto os olhos com a sensação de ser penetrada por ele, posso esquecer seu passado nesse momento, Jack, ele me preenche com força, está bravo, sei que sim, mas isso só aumenta mais o meu prazer, me agarro a ele, e o arranho todo nas costas, gozo rápido e ele acelera, multiplicando as sensações em mim.

“Um... Dois... Três... “

Ele conta enquanto eu gozo e sussurra no meu ouvido cada palavra com lentidão, ele sabe o poder que exerce sobre mim, sobre o meu corpo, as mãos dele tocam meus seios com força enquanto trepido, aperto a colcha de cama em mais um orgasmo, mas tão violento que não consigo segurar o grito.

—Quatro?

Minha cabeça afunda no travesseiro, estou agonizando, meu corpo todo se estremece, meu clítoris pula enquanto gozo, estou sufocada pelo prazer, todo o meu corpo está sensível demais, ele está parado, duro dentro de mim, seguro a contração violenta vinda da minha pélvis e choro, Jack sai e despeja de novo o líquido quente na minha barriga, fico parada tentando me

recuperar, minha respiração está falhando, isso é maravilhoso. Ele cai em cima de mim, também está exausto e respira com força, beijo seu ombro, e as minhas mãos deslizam pelas costas dele, ficamos quietos, em toda a paz que sentimos quando estamos juntos.

Deveria estar preocupada? Com medo? Assustada? Triste? Furiosa com Jack?

—Você se importa?

Respiro fundo, ainda não sei, Jack, mas sei que devo ouvir isso, para o nosso bem.

—Você gostou de transar com “ele”?

—Eu não transei com “ele”, Maria.

O que?

—Eu disse “eu sai com homens”, eu não disse “transei com homens”.

Sou atingida por uma raiva momentânea, belisco o braço dele com força, filho de uma...

—Isso dói —Jack reclama, mas está muito exausto, mal se move. —Precisava ter certeza de que não me sentia atraído por homens.

—Por que?

—Talvez uma mulher não aceitasse a minha doença.

—Isso é extremo!

—Eu sei, eu tive três encontros com homens, e em nenhum eu conseguia me sentir confortável ou bem.

—Por que pessoas são pessoas, Jack, independente do sexo.

—Foi difícil entender isso, como eu poderia me apaixonar por alguém sem ter certeza de que não sentiria atração pela pessoa? Adoro nossa química na cama.

—Foi assim na noite do nosso casamento?

—Foi assim quando eu vi você, assim que a vi, eu a desejei profundamente.

—Por que?

—Eu não sei, Maria, mas não foi assim quando eu jantei com os três sujeitos.

—Por que você não falou no começo da conversa que não houve sexo?

—Porque queria saber se você aceitaria os meus segredos, por mais ruins que eles fossem.

—E fez esse drama?

—Não foi drama, ainda estou com medo que me largue, eu te avisei que o meu passado é muito ruim.

—Poderia ter evitado toda essa discussão.

—Se evitasse, não saberia como você reagiria, não saberia o quanto isso a afeta, e também, não faria sexo com você.

Dou um tapa no braço dele, dessa vez Jack ri, ah Jack, você não PRESTA!

—Talvez, alguém conseguisse me amar com o tempo, quem sabe, mas eu não consigo imaginar como seria uma relação entre eu e outro homem.

—Se a pessoa te aceitasse?

—O primeiro eu lembro que odiava crianças, eu quero ter filhos, o segundo não parava de falar um segundo, silêncio é algo que eu aprecio bastante e o terceiro gostava de sexo a três.

—Com outras mulheres?

—Com outros homens.

Rimos, Ah Jack, quais outras loucuras você cometeu nesses encontros? Estou curiosa!

—Eu tenho medo de Jonas se divorciar de Patrícia, se assumir, as pessoas não aceitam a escolha sexual dos outros.

—Porque você o ama e é seu irmão!

—Seria uma decepção muito grande para o meu pai.

Eles o chamam de pai, que bom!

—Por que não conversa com ele sobre isso?

—Não tenho intimidade, Phelipe me pediu, ele acha você meio bocuda.

Eu falo o que eu penso e as vezes, algumas pessoas sabem lidar com isso, assim como com o meu silêncio, nos dias em que eu estou em minha órbita natural, mas não fujo de uma boa discussão quando é algo que me interessa.

—Converso com ele então, mas você acha que ele não vai reagir mal?

—Talvez, Jonas é muito na dele.

—Os quatro são.

—É, funciona bem entre agente.

—Vocês conversaram muito durante a pescaria?

—Alejandro não parava de falar um segundo, não aguentava mais, tive que colocar ele no lugar dele, depois ele começou com aquela brincadeira na cachoeira, os idiotas tentaram me afogar, me jogaram na água.

Rio só de imaginar a cena, bem, não totalmente, mas dentro do que já vi, quatro homens jogando um outro na água, Jack me dá um beijo leve no pescoço, mal nos movemos, estou bem mais que aliviada com tudo, ele me assustou!

—Não teve graça!

—Sei.

—Hum, você tem sorte, porque eu estou exausto.

—Mamãe!

Dou um pulo, Jack já está puxando as cobertas, Nando está girando a maçaneta, meu coração vai a mil com isso. Meu Deus do Céu, filho, não me veja pelada com um homem na cama.

—Mãe. —Nando está no quarto, a voz triste. —Mãe, a tia Juh não quer me deixar ficar na rede com ela.

—Não? —Estou coberta até o pescoço, Jack também. —Filho... tudo bem?

—Não. —Nando está subindo no colchão. —Ela disse que tem medo de machucar a minha perna, fiquei mal.

Suspiro, Nando deita e passa o braço em volta de mim, Jack está atrás de mim, não sei o que o meu filho tem na cabeça, ele acha tudo isso tão normal, acho que ele não leva as coisas na malícia, como a maioria das crianças de sua idade.

—Ela só se preocupa com você, Fernando —Jack fala. —Não fique triste.

—Tudo bem. —Nando permanece deitado ao meu lado. —Mãe, o seu cabelo está parecendo um ninho.

Abro os olhos e colo a minha testa na dele, Nando sorri, não gosto de ver ele triste.

—Às vezes a tia Juh se preocupa demais com você, ela não se importa com a sua perninha, ninguém se importa, Nando, todos só querem que você fique bem.

—Mãe, posso fazer uma pergunta?

—Pode.

—Você e o Jack estavam fazendo bebês?

Coro, e fico calada, profundamente envergonhada, Nando fica me olhando com os olhos arregalados, bem, ele não é tão ingênuo assim, pelo visto.

—Estávamos —Jack confirma baixo. —Por que?

—Quero uma irmã logo. —Nando afirma e boceja. —Vou dormir aqui só um pouquinho, mãe, eu bloqueei seu Iphone de novo, desculpa.

Ele me dá as costas e abraça um travesseiro que está jogando num canto do chão, e fico em silêncio, vendo meu filho pegar no sono, constrangida e ao mesmo tempo fascinada com sua naturalidade, “fazendo bebês”, ok.

—Precisa explicar pra ele as coisas—Jack fala baixinho—ele é homem.

—Não sei como explicar, até hoje ele nunca falou comigo sobre isso, Sah é a sexóloga.

Jack me puxa para ele e fecho os olhos me virando, ele me deixa por cima e me recosto em seu peito. Nando e eu nunca falamos sobre essas coisas, claro, ele já me fez aquela pergunta “mãe, de onde os bebês vem?”, mas na época eu desconversei, não sei bem como falar com ele sobre essas coisas, fora isso, até onde eu sabia, ele não tinha segredos comigo, converso sobre drogas sempre e sobre aceitar que estranhos se aproximem, ele sabe das regras e sabe como as coisas funcionam, mas sexo? Ele é o meu bebê.

—Quer descer?

—Vamos ficar mais um pouco aqui, está bem?

Acho que Jack não quer ter que lidar com os irmãos, mas também tenho certeza que hoje foi um dia importante para eles, ele apenas não quer admitir, mas se preocupa e gosta dos irmãos, as mãos dele tocam as minhas costas e relaxo, meu amor... que susto!

—Mas eram caras interessantes!

—Aposto que sim!

E rimos, depois nos beijamos, Jack Carsson, quais segredos mais você esconde de mim além da sua aparência? Quero descobrir cada um deles.





Nível 15 da Obsessão

—Oi, Jonas!

Ele me olha assim, meio assustado, me sinto um pouco sem graça por puxar assunto, ele já está me encarando há uma meia hora depois que eu sai para varanda, acho que todos estão dormindo, deixei Jack dormindo ao lado do Nando na cama, antes de dormirmos, convenci ele a tomar um banho, nos vestimos, ele acabou pegando no sono, mas eu não, e também, eu tenho o meu inglês, acho que daqui alguns minutos o professor vai me chamar para aula.

—Ah, oi.

—Um café!

Tento sorrir, pego a garrafa na mesinha e sirvo em duas canecas que Sandy provavelmente deixou aqui para que o pessoal beba quando acordar, não sei bem como puxar assunto. Olho para as redes na extensão lateral da casa, o vento sopra forte, Phelipe está em uma rede com fones no ouvido, mas dorme profundamente, na rede vermelha está Júlia, que também tem fones, ela parece em coma, na verde está Gil, Blair acomodada em seu peito, na outra Sah dorme em cima de seu Hercules virgem—assim espero— e na última rede, a azul, dorme Patrícia, ela parece tão tranquila e doce quando dorme ela é realmente uma mulher linda, e é exatamente para ela que ele olha.

—Sua esposa é muito bonita.

—Obrigado.

Você também, e sem camisa Sah tem razão, que natureza injusta com o resto dos homens do mundo, os Carsson são lindos, muito parecidos, homens

altos, com corpos bem definidos, Jonas, diferentemente, de Alejandro, por ser mais velho tem um corpo um pouco mais cheio, mas uma barriga trincada e músculos braçais incríveis, desperdício.

—Ela te falou alguma coisa?

Olho para Jonas, acho que ele já me esperava, ele parece nervoso e tenso, será que as pessoas acham que eu sou algum tipo de psicóloga?

—Disse que está feliz, porque você quer filhos, essas coisas.

—Só isso?

—Ela também falou que está muito feliz.

—Está?

—Aham, por ontem, não entendi o que ela queria falar, mas acho que é por causa da decisão.

Não vou te contar que a sua mulher me falou sobre sua vida sexual e que vocês fizeram sexo ontem, isso não é da minha conta, já estou envolvida até demais se quer saber, e eu nem sabia no que me metia quando dei minha opinião sobre maternidade ontem.

Jonas fica meio vermelho, bebe um pouco de café, olho para o mar não muito distante, Sandy está sentada na areia meditando de costas para gente, pernas cruzadas em posição de ioga, longe da nossa conversa.

—Ela disse que gostou?

—Da conversa? Ah sim, ela disse que ficou muito feliz por você querer ter filhos.

—Jack mandou você vir falar comigo, não foi?

—Não, ele é egoísta e estúpido. —Nego, porque sei que Jack ficaria furioso se ele soubesse. —Vim mesmo por causa da Patrícia, ela parece ser boa gente.

—Ela é. —Jonas olha para a rede onde a esposa dorme, seus olhos azuis compenetrados. —Ela é uma boa pessoa, as vezes as pessoas confundem a personalidade dela com arrogância, eu não a vejo dessa forma.

—Você a ama muito, não é?

—Amo. —Jonas parece fazer esforço para falar. —Ela nunca foi tão espontânea perto de mim.

—Talvez ela não se sinta à vontade.

—Por que não se sentiria? Sou marido dela.

—Às vezes pode ser que ela sinta medo, Jonas.

—Medo de mim?

—Medo de que não a ame.

—Por que?

—Você demonstra?

Jonas respira fundo, acho que ele está começando a ficar muito nervoso com a conversa, eu estou, porque eu não tenho nada a ver com isso e não preciso me envolver em mais problemas, contudo, Jack me pediu, e sei que ele está preocupado com o irmão, com seu bem-estar, por que as pessoas dessa família são tão complicadas? Essa semana era para ser a minha semana de volta à realidade, meu isolamento, minha casa, minhas coisas, no entanto, está sendo uma semana cheia de acontecimentos estranhos, novas amizades e uma nova família, em parte, tenho que aceitar que estou nisso com Jack, mas por outro lado, acho muito complexo ter que lidar com nossos problemas e os problemas dos irmãos dele, eu nunca me preocupei tanto na vida com outras pessoas além do Nando ou da minha família, Sah, o restante, são apenas pessoas nas quais tenho que conviver e tolerar, algumas eu até gosto, outras mais por saber que preciso tolerá-las.

—Não sou bom com essas coisas, nem ela.

—Entendo.

—Ela acha que preciso ser mais romântico?

—Eu não sei.

—Fale para ela que eu a amo, não quero o divórcio.

Meu Deus do céu, não seria mais prático se você mesmo falasse?

—Ela está acordando, fale para ela, sim? —ordena de repente.

Nossa que agonia!

Levanto, preciso falar que não sou garota de recados e que definitivamente você é tão louco quanto seu irmão, e que isso é muito ultrapassado.

Me zango com o tom autoritário, mas vou, não quero problemas, chega de problemas.

Me aproximo de Patrícia, ela sorri para mim, os dentes brancos e retinhos, os olhos verdes muito reluzentes, me sento diante da rede dela, ela olha para mim meio confusa.

—O que foi?

—Nada. —Tento sorrir porque eu não sei ser amiga de ninguém além da Sah, sei que a minha forma direta de lidar machuca a minha melhor amiga às vezes, mas ela me conhece desde que eu era criança, Patrícia eu conheço há dois dias.

—Ah. —Ela sorri de novo de forma esplêndida, me sinto nada perto dela.
—Você se entendeu com o Jack?

—Sim. —Vou ficando vermelha, o assunto aqui não sou eu. —Então..., Jonas acha que você quer o divórcio, mandou falar que ama você e que não quer se separar, o que eu falo para ele?

Patrícia me encara primeiro chocada, depois ela se endireita, acho que ela não acredita no que acabei de falar, fico mentalmente me perguntando por que eu me achava esquisita sempre, ou ainda me acho, aqui está uma mulher que se casou por medo de não ter ninguém e para ficar mais rica, com um homem que além de ser gay—ou ter sido—, não dorme com ela e não tem coragem de lhe falar pessoalmente sobre seus sentimentos... e ela se sente tão feliz com isso.

Pensando bem, eu não sou tão esquisita por aceitar a escopofobia de Jack. Tem gente mais estranha e louca que eu no mundo, Deus, obrigada.

—Diga que eu não quero o divórcio.

—Só isso?

—Quero saber o que ele pensa.

—Vocês não tem WhatsApp?

Patrícia ri, me sinto idiota, levanto e me arrasto até Jonas, ele parece pilhado, as mãos juntas, bate os pés com impaciência gritante no chão.

—E aí?

—Ela disse que não quer o divórcio.

Jonas respira fundo, visivelmente aliviado, achei que fosse só Jack que ficasse assim, sob pressão, mal de família.

—Diga a ela que eu gostei muito de dormir com ela ontem na cama.

Sou uma conciliadora, vou encarar isso como uma experiência extracurricular para quando eu estiver em algum estágio no fórum, se bem, que já faço estágio no núcleo de práticas jurídicas aos sábados... Ah, para alguma coisa isso vai me servir.

—Ele disse que gostou muito de dormir com você ontem na cama.

—Também gostei. —Patrícia admite toda feliz. —Diga isso, por favor?

Reviro os olhos, giro e vou me afastando de novo para ele.

—Ela disse que gostou também.

—Pergunte se ela quer dormir de novo comigo na cama hoje.

Giro e vou de novo pra Patrícia.

—Absolutamente sim.

Eles estão ouvindo? Que sacanagem!

Volto para Jonas.

—Diga que eu estou muito feliz com a ideia de ter um bebê.

Vou me arrastando para Patrícia, nessas voltas o meu café já acabou, preciso de mais.

—Fale que eu estou muito feliz também.

—Por que você não vai até lá e fala? —pergunto estressada.

Patrícia me encara meio espantada, fica vermelha, depois levanta, fica parada com seu biquíni bege perfeito, acho que ela precisa de um estímulo, pego ela pela mão e vou puxando ela para onde Jonas está, eles ficam frente a frente se olhando em silêncio, isso é agonizante, não acredito que eles dois são tão tímidos a esse ponto e casados há mais de um ano.

—Jonas, você ama a Patrícia e a ela te ama, os dois não vão se divorciar e querem um bebê.

—Sim—Patrícia fala vermelha.

—Sim. — A voz de Jonas está firme.

—Obrigada—falo nervosa, isso é constrangedor. —Podem se beijar... ou sei lá...

Estranhos!

Patrícia sorri, depois pula em cima dele, acho que os Carsson são muito reservados, mas quando eles gostam, não se importam. Jonas a beija de um jeito tão apaixonado que eu até fico sem ar, me afasto levando a garrafa de café, vou para a rede onde ela estava.

—O amor sempre vence, Duda —Sah fala da outra rede, acho que todos acompanharam o meu drama com esses dois.

—Trevas, dor, caos, e destruição —digo e bebo um pouco do café, olho a tranquilidade desse lugar, não quero estar em nenhum outro canto nesse momento.

—Você não quer dar um mergulho comigo?

—Pode ser.

Assim que eu desci, passei nos fundos e peguei o outro biquíni, é meio ruim ficar de roupas na praia, vesti uma camisa de Jack e um short que tinha deixado jogado no quarto.

Não foi tão difícil sair do quarto, acho que estou começando a pegar o jeito. Tiro a camisa dele e o short e sigo Sah, observando o casal sentado no sofá, eles estão conversando num volume muito baixo, Patrícia e Jonas sorriem, acho que pelo menos ajudei eles.

Tomara que eles não precisem mais de mim, que situação.

—Alejandro quer casar.

Sabia que ela tinha algo a me falar, olho para Sah, ela não está muito séria, mas também não está um poço de tranquilidade.

—O que eu faço?

—Sempre faz o que você quer, Sah.

—Não envolve só o meu querer, Duda.

—Você tem medo de magoar ele.

—Ele é diferente dos caras com quem eu saio.

—Gosta dele?

—Gosto.

—Então case.

—Quem é você?

Sorrio.

—Acho que você tem que pensar nas chances de encontrar alguém que te queira, Sah, mas pelo o que você quer.

—Não gosto do fato dele ser muito dependente.

—Você é muito dependente, Sarah.

—Não posso me casar com ele e jogar tudo para o alto, fingir que estou feliz com tudo isso.

—Então, diga para ele como se sente.

—Ele vai sofrer.

—Você vai sofrer se aceitar apenas por ter pena dele.

—Não foi assim entre você e o Jack?

—Não me permiti sentir pena dele, Sah, quando acordei na cama dele, eu não sabia de nada e já estava casada com ele, preciso conviver com ele para saber como as coisas funcionam em seu mundo.

—Você é tão calma que dá vontade de te sacudir, como posso saber se amo ele?

—Uou... eu não falei em amor, novinha.

Sah sorri, meio decadente, abraço ela, acho que ela já está apaixonada e não admite, tem medo disso.

—Por que não leva ele para conhecer os seus pais? Não conhece a família dele? Vocês estão noivos para todos os efeitos.

—É—Sah olha para o anel de noivado em seu dedo. —Acho que posso tentar explicar para ele.

—Vamos.

Entramos e mergulhamos juntas, me sinto bem em estar aqui, encontro nesse lugar uma paz incomum.

Sandy vem toda animada, e depois ela nos convida para uma aula de dança do ventre, recuso de cara.

—Ah, qual é? —Sandy está quase me convencendo com essa cara de pidona dela.

—Não. —Nego porque sou um desastre. —Ainda mais com esses homens aí.

—Eu topo.

Sah sempre se anima com essas coisas, saímos e fico observando as duas dançando na areia, Sandy até colocou uma música para tocar, rio da Sah tentando rebolar.

—Até parece, está é com inveja.

—Eu? —rio e levanto. —Deixa eu te mostrar, mano.

Vou cheia de marra e começo a dança engraçada, Sah cai na risada ao lado de Sandy, depois começo a parte em que eu faço break—adoro essa parte—, giro e caio de joelhos com as mãos para cima, Sah gargalha alto ao lado de Sandy, mando um beijo para as minhas fãs.

—Não me queira ver num dia bom, querida, ninguém ganha dessa mulher.

—Com certeza não.

Rimos, me deito na areia, nunca tive a chance de ter tanta tranquilidade e

sossego na minha vida.

Sem me preocupar com o que as pessoas vão pensar sobre mim, poder ser eu mesma com outras pessoas por perto.

—Vamos beber?

Sah adora beber para esquecer os problemas, tentei fazer isso uma vez e acabei na cama de Jack..., mas não vou lhe negar o direito, acabo concordando, ainda deve ser umas três da tarde, Sandy corre para ir pegar o cooler.

Voltamos para baixo do guarda sol, não demora muito e Gil vem com Júlia, mas ela não traz Blair.

—Quando você vai lá em casa, Duda?

—Assim que eu resolver as coisas aqui. —Júlia se senta ao meu lado, os cabelos loiros jogados para o lado pelo vento. —Está gostando das férias?

—Amando. —Júlia sorri tranquilamente. —Posso beber uma cerveja?

—Só uma —falo e estendo uma para ela. —Júlia, posso te pedir uma coisa?

—Claro.

—O Fernando é um pouco sensível quanto ao problema na perna dele, então poderia tratar ele normalmente?

—Eu fiquei com medo de machucar ele.

—Não precisa ter medo, Júlia —digo.

—Tudo bem.

Gosto da Júlia ela tem uma personalidade muito dócil.

Mas não me engano, dessas pessoas posso esperar tudo.

Bebo um pouco da minha cerveja.

—O pessoal vem aí —Gil anuncia meio fechada. —Você não quer dar uma nadada, Duda?

—Claro. —Levantamos. —Júlia, nada de beber demais, entendeu?

—Ok... Oi Nando!

Não olho para trás, não sei se Jack vem com eles.

—Você já se sentiu dividida?

Olho para Gil, faço cara feia, de novo não!

—Tem um cara que eu gosto no hospital.

—Gil, eu tenho cara de aviãozinho?

Ela me olha meio confusa, depois começamos a rir, dou um apertão nela, acho que as pessoas dessa família não sabem usar uma pequena palavra chamada diálogo.

—Gosta do Phelipe, não é?

—Não sei, rever ele é como lembrar de uma pessoa que eu fui no passado.

—Eram muito jovens?

—Tínhamos muito sonhos, Blair era um deles.

—Blair é o sonho de qualquer pessoa.

—Ele foi me agradecer por cuidar de Blair, bati a porta na cara dele, depois eu abri a porta de novo e peguei a Blair, então, bati a porta de novo na cara dele.

—Ele não tem jeito com ela.

—Ele leu tantos livros para bebês, eu não entendo por que ele não sabe.

—Não é a mesma coisa, isso significa que ele não estava pronto para ser pai.

—Espero que você mude logo para nova York, para nós nos vermos sempre.

—Você pode me fazer uma massagem?

—Claro, deite se.

Me empolgo, já estava juntando coragem desde cedo, me deito imediatamente e apoio a testa nos braços, Gil sobe em cima de mim, ah meu Deus, nunca ganhei uma dessas massagens na vida.

Ela começa a andar nas minhas costas, e isso é divino.

—O fato é que você pensa que não sente nada pela pessoa, mas você se sente tão idiota quando a vê.

—Você não está namorando o tal médico?

—Saímos algumas vezes, mas não sei, fiquei confusa depois que voltei a rever o Phelipe.

—Você amava muito ele?

—Isso pode ser um problema quando você não se sente parte da vida ou dos planos da pessoa.

—Pisa, aí mesmo! Ah Deus, por que eu não sou rica?

Gil gargalha, e continua a massagem, acabo cochilando, acordo com a voz de Gil me trazendo para realidade, parece que o meu corpo está mole,

totalmente relaxada, levanto com a ajuda dela.

—Tem que se alongar agora.

Mal consigo me mover, me estico. Ela me entrega seu Iphone com fones, coloco e fico espantada com o rap que vem dele, faço uma cara de espanto para Gil, a tímida e calada Gil, ouvindo rap? Ela ri, Fetty Wap? Não é do tipo de música que eu goste, mas escuto as vezes a caminho da faculdade.

Ergo os braços para cima imitando ela, sei que estou me rebolando toda, ela faz que não com a cabeça.

—Deixa o som fluir—falo requebrando para os lados—, e um jeitinho aqui nos quadris, olha.

Gil tenta me imitar e depois fica vermelha, cobre as faces, arrisco na letra vendo ela rir, vou indo para trás e rebolando, sei que a dança não é meu forte e que isso é a coisa mais ridícula do mundo, mas não ligo, ela fica rindo, deve me achar uma boba, eu me acho uma boba.

—Ai, ai, mãe, você é muito engraçada!

Minhas mãos estão no alto enquanto faço a dancinha, pelo menos para alguma coisa eu sirvo, Nando.

—Sua mãe adora dançar, Fernando!

Paro, e vou endurecendo aos poucos, Gil olha para baixo e chuta a areia meio tímida, Ah não! De novo não!

—Desculpe?

—Acabou a amizade. —Gesticulo indicando o pescoço, Gil cai na risada, ela não sabe o quanto eu estou nervosa.

—Mãe, não precisa ter vergonha. —Nando me abraça por trás. —A gente te ama desse jeito.

—Claro. —suspiro, o mal já está feito mesmo, acho que até o fim da semana eu morro de algum tipo de vergonha alheia. —Vem cá, meu amorzinho.

Ele vem para frente e eu o ergo no meu colo, Nando toma o Iphone de Gil e liga a câmera, eu não sei como ele fez isso, mas acabou de tirar uma foto minha beijando a bochecha dele.

—Tira uma nossa. —Jack me abraça por trás. —E você esteja de olhos bem abertos, Senhora Carsson.

Olho para baixo, depois ergo o olhar, tento sorrir, mas nem dá tempo de

ver o reflexo na câmera, Jack está roubando um beijo, fecho os olhos, e faço um pedido silencioso e só meu, espero que se realize o quanto antes.



—O que você está fazendo aí?

Estava fazendo xixi, fico parada, acabei de acordar, estava tão apertada que sai correndo para o banheiro e bati com o pé na soleira da porta, machuquei meu mendinho—do azar—, ainda dói e ainda me sinto idiota por isso, mas enfim, sobrevivi a primeira ida às cegas para o banheiro. Sai tão desorientada, que nem tirei a minha máscara, por isso não me preocupo, Jack está no lavatório, escuto o som da escova de dentes em ação, estou pelada, um pouco envergonhada, o Nando dormiu ontem com a Sah na varanda, acho que Alejandro nem se importou, depois do jantar—menos silencioso—de ontem, subimos e nos confinamos no nosso quarto, eu e o meu marido não nos controlamos, acho que temos algum tipo de problema, mas eu tentei não fazer muito barulho das duas vezes que fizemos, acho que na segunda já estávamos tão exaustos, que não parei para pensar se havíamos feito ou não barulho.

Jack me enlouquece, as vezes ele é insaciável demais, e eu tenho certeza que ele só não me procurou mais uma vez porque eu não aguentava mais.

Sou nova nessas coisas, acho que depois eu me acostumo, ele é tão controlado, eu realmente não sei como ele consegue.

—Ouvi um gemido.

—É, eu bati com o dedo na porta.

Toco o meu mendinho do azar, tenho pena do coitado, sempre pagando o preço pelo meu desastre infinito.

—Vida, poderia ter tirado a máscara.

—Eu estou bem.

Adoro quando ele me chama de vida.

Ah, Jack Carsson, você é um homem apaixonante.

Ele se aproxima, depois sinto sua mão firme me puxando para cima, me dá um beijo na cabeça e escuto o som da tampa do vaso sendo levantada, giro e vou andando em sentido reto, minhas mãos tocam o lavatório, acho que posso tomar um banho, será que todo mundo já acordou?

—Você quer que eu te leve na cachoeira?

—Aham, quero tirar umas fotos.

—Então vamos eu, você e o Nando.

—Ah.

Pensei que ele chamaria toda a família para o passeio, me sinto meio desalinhada, claro, odeio passeios com a minha família, mas não quero parecer grosseira não convidando os irmãos de Jack para esse passeio.

—Você quer que eu chame a Sarah?

—Queria que chamasse sua família, a Júh iria amar.

Ele fica em silêncio, depois da descarga, e vem me abraçando por trás, coloco as minhas mãos em cima das dele, ontem foi tudo tão silencioso entre agente, apenas nossa privacidade, nossa intimidade, o nosso pequeno paraíso de toques e prazer, acho que eu e Jack damos um pouco certo por isso, eu também não sou uma tagarela o tempo todo, acho que ele já está aprendendo a identificar quando eu fico meio “assim” com algo, claro, pode ver as minhas reações, eu só conto com os meus novos sentidos.

—Pensei que poderíamos transar lá.

—Com o Nando?

Jack ri, te peguei.

—Ok, mas eu pensei em termos um tempo só nosso.

—Teremos, assim que estivermos no nosso apartamento.

—É?

—É!

Ele gosta quando eu aceito o que ele tem para me oferecer, mesmo que eu não goste muito da ideia, já não sei se seria legal ter que forçar ele ir sempre para minha casa, não tem espaço, e não tenho muito a oferecer, Jack está acostumado com um tipo de “conforto” que eu nunca tive.

—Está bem, mas, se eles começarem, você já sabe.

—Ok, vou explicar para eles que você está de péssimo humor.

—Boa garota.

Levo um tapa ardido na bunda, prefiro entender que ele nunca vai parar de fazer isso comigo, o bico dos meus seios ficam ouriçados e me arrepio toda, ai Jack, não precisa me deixar assim com isso, precisa?

—Vem para o nosso banho. —Ele me puxa e beija meu ombro com

carinho. —Você se sente bem?

—Claro. —Coro. —E você?

—Eu estou, reflexivo.

Ele está de bom humor!

—É? Qual é a escolha da vez, Senhor Carsson?

—Algo sobre carros.

—Ah.

Não entendi, mas tudo bem, ele me enlaça pela cintura, me puxa para o box, e permito que ele me lave, mas também pego o sabonete e lavo ele, cada parte do corpo dele me deixa curiosa, não vejo, mas imagino, e a minha imaginação flui. Às vezes, enquanto fazemos amor eu o toco em todas as partes e a minha mente vai fazendo coisas comigo, já vi esse homem de costas—não exatamente ele—, ele tem um corpo perfeito, pelo toque sinto a firmeza dos seus músculos braçais, seus ombros largos, seu peito firme, mamilos pequenos, mordo um—uh, sabonete—, mas nem me importo, toco o abdômen e sua ereção—incrível e dura—grande, acho que desperto coisas em Jack que não consigo entender.

—Você me chupa? Por favor, sim?

—Aham.

Eu gosto, acho que os homens adoram esse tipo de coisa, me sinto muito à vontade com ele, é algo muito natural para nós dois, mesmo que talvez isso pareça bem imoral para outras pessoas, eu adoro fazer ele sentir prazer comigo.

Estimulo o meu amor com a boca, toco ele e a mão dele está enfiada no meu cabelo, ele gosta de se sentir no controle de tudo, acho isso interessante, e excitante, sei que ele me olha, me sentiria coberta de vergonha se eu tivesse que olha-lo, não consigo colocar tudo na boca, mas quero excitá-lo ao máximo, porque isso me excita, porque isso faz com que eu me sinta no controle.

—Você é maravilhosa, querida.

Gemo devorando ele, me seguro em seus quadris, já estou tão molhada, me ergo e dou as costas para Jack, me inclino para frente e abraço suas coxas, ele me penetra estancando com força, gemo baixinho, ele toca a minha bunda com força enquanto se move dentro de mim, é disso o que eu gosto.

—Quero a sua bunda —ele fala e me toca no lugar, me encolho toda. —

Ah, Maria, isso pode ser maravilhoso.

—Amor, depois, está bem?

Isso o estimula, Jack mete com violência e estremeço num orgasmo maravilhoso, estou ficando viciada neles, adoro gozar, não tem sensação melhor no mundo, ele sai e sei que está ejaculando na minha bunda, ele se esfrega todo nela, sinto arrepios fortes pelo meu corpo com isso, o jato forte é lá, não me movo, desfruto da melhor sensação que tenho na vida, isso é melhor do que chocolate.

Jack me puxa para cima e me aperta com força, estamos arfantes, ele lambe a minha bochecha, e de novo, depois me vira e lambe minha face.

—Amor o que está fazendo?

—Obedecendo.

—Obedecendo a quem, amor?

—Você, Condessa.

Meu estômago gela, e eu me afasto, acho que ele já se deu conta do que acabou de falar, Jack acabou de me chamar de Condessa!

—Maria.

—Não!

Jack está apenas alguns centímetros, meu coração está acelerado e sufocando, abaixo a cabeça, me nego a aceitar que ele acabou de me chamar de Soraya, sim, porque esse apelido é dela, não meu.

—Me desculpe.

—Não.

—Desculpe, eu estava distraído.

—Estava pensando nela.

—Não, não estava.

—Me chamou de CONDESSA!

Estou gritando, minha voz está perto de um desespero furioso e magoado, por dentro eu estou mortificada e ao mesmo tempo tão ferida, que dói, minha garganta está sufocada, queima, queima muito.

—Desculpe, isso não vai acontecer.

—Não vai mesmo, por favor, me deixe sozinha.

—Maria, foi involuntário...

—Saia agora!

—Amo você.

—Isso não funciona depois de ter me chamado pelo apelido da sua Ex, Jack, saia!

Acho que ele está muito magoado e não entendo, ele não tem esse direito, eu tenho, eu tenho todo o direito de me sentir ferida e magoada, Jack só tem o direito de pedir perdão, mas ele não o merece.

ELE ME CHAMOU DE CONDESSA.

C-O-N-D-E-S-S-A

Ele sai, escuto seus passos, tiro a máscara, e vou deixando que as lágrimas caiam em silêncio, fico quieta, meus ombros se movem por causa dos soluços, me sinto tão mal, é como se alguém estivesse pegando o meu coração e apertando muito, espremendo ele até que sangrasse.

Me sento e fico embaixo do chuveiro com a cabeça entre as pernas, parece que eu estou caindo num buraco bem fundo, num abismo, meus pés não tocam o chão e fico meio tonta, meus olhos não veem nada além da escuridão, mas algo triste e doloroso.

Condessa!

A única mulher que ele amou, a mulher que lhe fez tanto mal, e ele me chamou por seu nome, ele estava pensando nela pensando nela sempre, em todas as vezes que estava comigo.

Me sinto idiota, na verdade, uma grande imbecil, burra por ter me prestado a esse papel, por ter acreditado que ele realmente me ama, que ele se importa com o que eu sinto, se se importasse, ele não teria feito isso.

Condessa!

A mulher que o obrigou a ser alguém que ele não queria, a mulher que o forçou a se tornar alguém que ele não deveria ter se tornado, a mulher que nunca o amou, eu o amo, eu estou disposta a tudo por ele!

Condessa!

Aquela VADIA!

Como ele pode me chamar de Condessa?

Fico parada, destruída, escuto os passos de Jack, mas não me movo, não quero ter que lidar com ele, não quero ter que entender, dessa vez não tem explicação para o que ele fez, mas acho que me enganei, sou sacudida, ergo o

olhar, Sah está diante de mim, o olhar preocupado.

—Duda, o que foi?

—Nada.

Fungo, ainda choro, acho que ele mandou a Sah vir, não suportaria ter que lidar com ele agora.

—Vocês brigaram?

—Por que?

—Jack acabou de pegar a lancha e partir.



Distância

Jogo minha mala num canto, respiro fundo, ganho um beijo da minha mãe e ela está toda sorridente mostrando a mesa colocada para o almoço desse domingo.

Que ótimo, agora ela vai ficar me tratando como se eu tivesse de novo treze anos.

Como se eu precisasse disso, tudo o que quero é sumir.

Sah vem guinchando as malas dela, esse resto de semana em Angra não poderia ter sido pior, bem, não tão pior, pelo menos eu tentei fazer com que todo mundo não percebesse o quanto estou mal, mas deixei uma família sorridente e dentro do possível “normal” no porto, chorei muito ao me despedir de Gil e Juh, também de Patrícia, fiquei muito próxima delas nesses

últimos três dias, elas bem que tentaram me devolver o ânimo, mas acabei me isolando bastante, foram os meus três dias de reflexão, sofrimento e choro, não queria que me vissem assim, Júh uma vez ou outra ia no meu quarto, me dava palavras de conforto, ela é uma menina tão otimista, diferente de eu mesma, muito para cima.

Ter que dar um beijo de despedida em Blair foi o mais difícil, mas Gil prometeu que iria me mandar várias fotos dela pelo WhatsApp, Alejandro chorou bastante em ter que se despedir de Sah—o que me deixou ainda mais sensível—, porque ela também chorou, eles dois se beijaram e quase não se desgrudaram no momento em que tivemos que partir, acho que me apeguei bastante a essa gente.

Não queria isso.

Jonas e Phelipe permaneceram mais distantes, mas me deram abraços de despedidas, algo rápido e singelo, Nando ficou fazendo bico ao se despedir de Juh e Alejandro, sei que ele chorou bastante quando entramos no carro de Sah, e acho, que ele também chorou porque não pode se despedir daquele demônio.

Ele não se despediu de ninguém, aquele louco, Sah me contou tudo, ele desceu em silêncio—poderia imaginar a cena—, só precisou fazer uma ligação, então, havia uma lancha, ele disse para o Alejandro que precisava partir, subiu na lancha e foi embora, o Iate só voltou a ancorar na manhã de sexta.

Para o inferno também, eu não me importo!

Estava tão magoada, como ele esperava que eu reagisse? Ainda estou magoada, claro que agora, com mais raiva que tudo.

Odeio me lembrar de cada pequeno detalhe daquela manhã, acho que pela primeira vez na vida, senti nojo, nojo de ouvi-lo falar o apelido daquela vaca.

Acho que não vou me dar ao direito de chorar hoje, já chorei demais de manhã quando deixei a família Carsson no porto, preciso me organizar, amanhã a minha rotina volta ao normal, tentei me concentrar nisso durante todo o percurso até aqui.

Tenho o WhatsApp de todos, posso conversar com eles na hora que eu desejar, mesmo que a pessoa que mais me interesse seja Gil, ou Patrícia, também a Juh, mas acho que não teremos muito assunto.

Olho em volta, tudo do mesmo jeito que eu deixei, até mais limpo, mas

vejo num canto perto da minha instante caixas de papelão dobradas, suspiro, mudança!

Nando corre direto para o quarto dele, acho que para o quebra cabeça que o Jack—demônio—Carsson lhe deu de presente, não quero ter que “ver” Jack nem tão cedo.

Claro, não posso simplesmente dar as costas para os nossos planos, ainda terei que mudar, minha família também, se eu desistir, eu acho que mamãe me mata e eu tenho plena certeza que Jack virá atrás de mim, acho que ele só fugiu porque teve medo do que eu pudesse falar para ele. Aquela peste tem medo que eu o largue.

Não entendo por que, se ama Condessa!

Isso me machuca, afasto o pensamento, já chega, Duda, hora de voltar para real! Para sua vida de merda!

Escuto mamãe falar dos planos para mudança, segundo ela, amanhã a minha irmã vira para me ajudar a ir guardando as minhas coisas até a mudança, que será na quarta, não precisarei levar os meus móveis—fico com pena só de pensar, tenho essa mobília há anos, ela é da família—e que já está quase tudo pronto.

—Jack ligou!

Ligou? Finjo que não me importo, Sah está no celular, aposto que conversando com Alejandro, O Virgem Prometido.

Nossa, hoje eu estou pior do que todos os outros dias da minha vida.

Mas como deveria estar? Sorrindo? Eu não tenho motivos para sorrir, o meu marido me chamou pelo nome da EX dele, se ela não fosse uma completa vadia, eu não odiaria tanto isso... bem, odiaria de qualquer jeito.

—Ele disse que você continuará com as aulas de inglês e com a Sandy, mas que você está livre para combinar os dias. —Mamãe lê um pequeno papel em sua mão. —Ele disse que deve mudar a sua grade e pagar as matérias faltantes.

—É, eu vou ter que sair da Meta também.

Mamãe não está surpresa, ela estreita os olhos para mim, acho que ela está mais intrigada do que tudo.

—Você brigou com ele?

Ela me conhece muito bem, mas mãe, eu tenho os meus motivos dessa vez.

—Não. —Minto, e lhe dou o meu melhor sorriso. —Estamos bem, mãe, eu fui convidada para ser palestrante.

E começo a contar para ela da faculdade, acho que é uma das coisas que mais vai me ocupar nesse mês, obrigada Deus, tomara que eu me atarefe muito, para não lembrar daquele cachorro.

Mamãe me olha de um jeito orgulhoso e contido, ela só me olha assim quando lhe conto sobre as notas no fim do semestre. Sim, eu ainda dou satisfação da minha vida para minha mãe, e não, eu não me importo com o que as pessoas pensam sobre isso, ela é a minha mãe.

—Que bom, vai ter algum dia que eu posso ir?

Nas vezes que mamãe foi aos núcleos jurídicos da faculdade, ela tirou muitas fotos, é aberto ao público, mas ela também dormiu à beça. Olho para ela, não parece tão cansada como de costume, as linhas de expressão em seu rosto estão aliviadas, e acho que ela pintou os cabelos esse mês, ela está diferente, acho que deve ser porque se demitiu do restaurante.

—Mãe, você está bem?

—Estou, eu já sai do restaurante, você sabe, vivia cansada, agora minha vida é um tédio.

Minha mãe nunca para, acho que mesmo com a mudança, ela deve estar fazendo encomendas para fora, eu também não parei para pensar no que ela vai fazer quando a gente mudar.

—Você está mais magra, Duda.

—É, a Sandy está me regulando e Sah não me deixa em paz.

Sei que não devo comer nem metade das coisas que mamãe colocou na mesa, exceto a salada de alface, mas eu não estou com a mínima fome mesmo.

—E como foi com o seu noivo?

Ela não tira os olhos das minhas mãos, eu não tiraria com tantos anéis magníficos, hoje olhei pelo menos dez vezes para esses anéis em busca de algum tipo de resposta, tudo o que eu tive foi raiva, silêncio e raiva.

—Foi bom mãe.

—Ele te tratou bem?

—Melhor impossível.

Toda vez que a minha mãe me faz perguntas íntimas demais—raramente—

eu desvio do assunto, eu tenho vergonha de falar com ela sobre sexo, ela me dá mais uma daquelas olhadas—checadas—total e levanta, deixa um beijo na minha testa e vai para o quarto do Nando.

Olho para mesa, que desgosto, em outras épocas atacaria tudo isso, mas estou realmente sem o menor apetite, preciso ocupar a minha mente, pego o meu Iphone—sim, é meu— e desbloqueio, tenho mensagens no WhatsApp.

Será que é ele? Claro que é, quem mais poderia ser?

Respiro fundo, não estou pronta para qualquer tipo de conversa, delete as notificações, melhor me preocupar com outras coisas, ainda estou magoada e sei que assim que eu estiver no silêncio do meu quarto, na hora de dormir vou chorar muito, mas eu não quero derramar essas lágrimas agora, ligo para David, temos muito o que conversar, Jack Carsson já me afetou demais, Chega.



É segunda, levanto mais cedo, Sandy me ligou avisando que viria as seis, então estou pronta para os meus exercícios, não dormi mesmo bem ontem—como nos dias anteriores—, ela chega as seis em ponto.

Fazemos os exercícios com mais silêncio, mas o sorriso não abandona os lábios dela, sei separar as coisas, Sandy e nem ninguém tem culpa dos meus problemas com o meu marido cachorro, Jack.

Acabo me esforçando bem mais que o necessário, me distraio com a motivação nas palavras baixas dela, acho que mamãe está dormindo lá embaixo e não quero acordar ninguém, estou ficado cada vez melhor nos abdominais.

Sandy parte as sete e meia, as nove tenho que estar na Meta para me apresentar de volta das minhas férias.

Tomo banho rápido, coloco meu jeans e minha blusa de sempre, tênis, pego minha bolsa com crachá e tudo do jeito que eu deixei no final do mês passado antes de sair de férias, mamãe deixou uma marmita na geladeira para mim, acho que não vou precisar levar, tenho dinheiro no cartão e também, não estou com fome.

Coo um café, vou ao quarto do Nando e ele está dormindo espremido por Sah, dou um beijo na cabeça dele e outro na dela, bebo o meu café e parto,

até a meta é quase uma hora de ônibus, já estou bem acostumada com o percurso.

Ligo o reproduzidor do Iphone, Sah me ensinou a desligar os dados móveis nesse celular ontem, e eu não pretendo liga-los, sei que se deixar, receberei notificações no WhatsApp o dia todo, e quanto mais esse Iphone vibra, mais eu vou ficando curiosa, só que dessa vez, eu não vou me permitir a isso, não mesmo.

Ontem fiquei o resto da tarde montando meu planejamento da semana, recebi os materiais para apresentação na quarta via e-mail do David, nós resolvemos tudo por telefone. Hoje vou me demitir—coisa que eu não quero—e quando voltar para casa, me enfiar de cara na montagem da minha apresentação para o Iago.

Funciona bem comigo, quando estou me sentindo péssima com o resto do mundo me isolo e gasto minhas energias na faculdade, claro que isso não acontecia com muita frequência antes de Jack—Cachorro—Carsson aparecer na minha vida.

Olho para tela do celular, estou sendo espremida por mais duas mulheres que estão com cara feia para mim, mal me dei conta de que o ônibus encheu.

Guardo o meu celular na bolsa, preciso ter cuidado, claro que eu tirei meus anéis e deixei só o de casamento no anelar esquerdo—mesmo que não devesse—, não andaria com coisas tão caras no centro do Rio, é pedir para chamar ladrão.

Meu inglês ficou para as três da tarde hoje, quero que Joseph me sugue até que eu não aguente mais, quero estar mentalmente cansada quando for dormir hoje.

Qualquer coisa a ter que ficar lembrando da manhã de quinta.

Dou sinal, desço alguns instantes depois, atravesso a rua, dois quarteirões depois estou diante da Meta. Trabalho aqui há quase quatro anos, eu gosto muito do meu emprego, sinto que hoje será um dia muito difícil, já posso até ver a Lorena tentando me persuadir a ficar, conheço a minha supervisora.

Não é uma empresa muito grande, somos apenas mil funcionários, bato o crachá na portaria e entro, vou direto para o balcão cumprimentar Toninho, o porteiro, sempre os mesmos rostos entrando, de outras operações é claro.

—Já voltou?

—Pois é.

Não tenho assunto com ele, é tarado, odeio homem assim, sem falar que sei da má reputação dele, dizem as más línguas do prédio, que ele sai com algumas atendentes, eu não sairia com ele nem que me pagasse.

Ele libera o meu crachá, e eu entro, respiro fundo, peço elevador. Tudo o que eu preciso é chegar, explicar para Lorena o porquê eu quero a demissão e esperar que ela me entregue os papeis, já até trouxe a minha carteira de trabalho, mas sei que vou sentir muita falta desse lugar, mesmo porque é daqui que tiro o meu sustento, não sou ingrata.

Pretendia fazer isso no ano que vem assim que me formasse, sei que conseguiria fácil um estágio na faculdade, bem pouco remunerado, mas o suficiente para ter tempo para estudar para um concurso.

Entro no elevador, e aperto o botão do quarto andar, minhas mãos soam, sempre fico nervosa com esse tipo de coisa, mas enfim, já comecei isso e vou terminar isso, eu prometi para o Jack, e mesmo ele tendo errado feio comigo, eu não costumo voltar atrás em decisões que eu tomo para minha vida.

Não sei como as coisas vão ser, não sei quando o verei novamente, mas nesse momento sinto que preciso resolver isso, mesmo que esteja muito brava com ele, mais cedo ou mais tarde teremos que conversar, resolver, estamos casados e isso é um fato muito maior do que os nossos passados, maior do que a Condessa.

Entro na operação com o pé direito, passo na catraca, e sigo pelo corredor extenso, somos duzentas pessoas trabalhando o dia inteiro nesse espaço pequeno, P.A suficientemente estreitas, tem muito barulho sempre, e muita gente. Olho para o rumo da mesa da supervisão, Lorena está como sempre, no computador, fala ao telefone e digita coisas no celular, ela faz mil coisas ao mesmo tempo, sabe como fazer tudo aqui funcionar muito bem.

Me sento na cadeira ao seu lado, ela me olhar meio surpresa e sorri, mas continua falando no telefone, a maioria das pessoas aqui não gostam de mim, na verdade, ninguém gosta de mim. Eu odeio me sentir o foco, sempre deixei claro que o meu único objetivo era ganhar dinheiro, e se ficar em primeiro lugar for o preço que eu tenha que pagar para ganhar dinheiro, eu sempre farei isso.

Aécio acena para mim, sorrio e aceno de volta, algumas garotas dão sorrisos forçados, tem uma vantagem de ser muito bem comissionada nessa área e tem uma desvantagem muito maior, você sempre está cercada de pessoas que são muito fofoqueiras e invejosas, perdi as vezes que estava no

banheiro fazendo xixi e alguém estava falando mal de mim, porque as minhas vendas sempre são as melhores.

Penso que todos não passam de um bando de hipócritas, porque no final do mês na hora da confraternização mensal, todos me dão parabéns e me abraçam, costumo me sentar na última P.A longe de tudo e de todos por causa disso, também pelo barulho para me concentrar.

—Duda, o cliente está aí, pode logar e depois eu converso com você, quer seus acessos?

—Eu não esqueci.

Estou com vontade de chorar Lorena, isso não vai ser fácil!

Ela me dá um abraço rápido e levanta, tudo aqui é uma correria, a outra supervisora também parece bem alvoroçada, quando o cliente está aí, já pode esquecer de alguém para te dar assistência.

Vou até Aécio, lhe dou um abraço rápido depois sento na minha P.A, acabei esquecendo de guardar a minha bolsa no armário, chuto ela para debaixo da P.A.

—E aí gata, você emagreceu.

—É!

Tomara que ele não comece a falar dos programas dele, estou cheia de problemas para ter que lidar com as imoralidades que ele fala que faz na cama com seus amantes.

Olho para Grace, que está uma P.A ao lado de Aécio, ela fica olhando para minha mão enquanto eu ligo a máquina, ignoro, para eles eu sempre vou ser uma embutida mesmo, então, não faz diferença.

Sou rápida, cinco minutos depois meu discador já está em ação, vendo para o primeiro fácil, e depois para o segundo, eu tenho muita paciência, acho que é por isso que sempre me dou bem, e o meu senso de persuasão é muito forte.

Olho para Aécio, ele está vidrado na P.A de Lorena, vejo duas cabeças, a dela é claro, cabelos loiros cheios de luzes platinadas e lisas, e um pouco de cabelos escuros, deve ser alguém de alguma outra operação, sempre achei a Lorena uma mulher muito bonita, mas hoje, ela caprichou, ela está mais maquiada, eu mal prestei atenção na chefe.

Suspiro, me acomodo na minha cadeira torta, as NRS são ótimas na hora do treinamento, mas na vida real, se eu me encostar nisso, vou desenvolver uma escoliose.

Atendo mais uma ligação, acho que a Lorena se aproxima, mas estou bem distraída e focada, não gosto de perder nenhuma.

—Eu já disse que não tenho interesse!

Essa é difícil.

—Senhora, mas essa pode ser a oportunidade da sua vida, pode adquirir por apenas R\$ 7,99 por mês. —Momento telemarketing. —Ouça, Senhora, aqui os benefícios, a Senhora terá direito a uma cobertura nacional, a Senhora sabe o que é isso?

—Sei, sei, você quer é o meu dinheiro.

—Senhora Dulce—tenho que ler na tela, me esqueço com frequência o nome deles—, a Senhora pode aproveitar esse seguro, a Senhora tem filhos?

—Tenho, cinco.

Coloco no mute.

—Cacete. —Tiro do multê. —Então, pense nos seus filhos, pense no quanto eles podem ser beneficiados.

—Seguro de que? Isso não vai encher minha barriga moça, eu sou dona de casa.

—Eu também sou dona de casa, eu tenho um filho, eu sei como é difícil, também dependo de um salário para viver, Senhora, entendo sua situação.

—Duda! —Lorena chama.

Faço um gesto com a mão, estou focada no meu atendimento, essa eu faço questão de ganhar.

—Pode adquirir, pense, se não pela Senhora, pelos seus filhos. —coloco no mute. —Vai logo, compra, a mamãe aqui só está esperando você, Dulce.

—Não tenho dinheiro.

—Mas uma mulher como a Senhora, alguém com um cartão de limite já bem alto—mentira—, a Senhora pode colocar no débito automático, saíra para Senhora menos de centavos por dia.

—É?

—Sim, Senhora, eu já estou incluindo para Senhora o seguro, a Senhora receberá uma apólice na sua residência com todos os dados...—E vou informando as sanções enquanto ela confirma os dados, Dulce não tem mais resistências. —Algo mais, Dulce?

—Não, você é muito gentil moça.

—Que isso, imagina. —Sorrio. —O que a Senhora precisar é só ligar no nosso 0800, a Senhora faz a gentileza de anotar?

—Espera aí que eu vou pegar o papel.

Coloco no multie, marco mais um “X” na minha tabela, sete acordo em sete ligações efetivas, acho que hoje, vou produzir bastante.

—Duda, o cliente vai pegar carona com você.

—Ok. —O cliente sempre pega carona comigo, estou terminando a inclusão no sistema.

—Está bom, você voltou com tudo menina.

—É, a vida!

Para variar, suspiro, sou rápida, passo o número para Dulce, ela agradece infinitamente a gentileza e desliga, indico a tela e começo a explicar para o representante do cliente, não olho para o homem, sei que é um magro alto e meio careca de sempre, ele sempre vem de social e gravata, as vezes quando ele vem a tarde, ele fede a suor, coitado, não sabe o que é passar um desodorante... mais uma ligação.

—Olá, Senhora Margarida, tudo bem? Meu nome é Maria Eduarda, eu falo em nome dos cartões...

E falo meu script padrão, adoro quando as pessoas me tratam com humildade como a Senhora Margarida, ela é uma cliente em dia e o cartão dela é platinum, mas ela é idosa, não vou pegar muito pesado, um seguro de viagem com suaves parcelas de duzentos reais ao mês está bom para ela, ela topa de cara, adoro idosos, mesmo que pareça que eu me aproveito, prefiro entender que eles precisam do serviço e eu do salário, eles que financiam a minha faculdade, e também, eles sempre aceitam de cara o primeiro que se oferta.

Um homem me xinga na ligação seguinte, depois eu ligo novamente para ele, ele torna a me xingar, xinga a minha mãe, a minha vó e manda eu ir para aquele lugar, coloco no mute, não posso xingar ele perto do cliente, seria demitida, e também não posso desconectar, sempre tem esses loucos estressados que arruinam o dia da gente, mas hoje não.

—Senhor, peço um pouco de respeito pelo meu trabalho, eu não sou uma vagabunda, eu estou trabalhando —falo num tom mais alto. —O Senhor poderia me ouvir ao menos?

—Eu estou cansado de vocês me ligarem toda hora, toda hora essa porra de

seguro? Quando vocês vão parar?

—Quando o Senhor comprar.

Coloco no mute, o homem ri do outro lado da linha.

—Por que eu deveria comprar?

—Por que não deveria comprar?

—Boa—Aécio fala.

Estico a mão e bato na dele por cima das divisórias, estou focada no atendimento desse sujeito. Victor Salles, pobre, sem limite, atrasa tudo, vou obrigar ele a comprar um de uns cinquenta paus só pela falta de educação.

—Moça, eu não tenho tempo.

—Ouça, pense em todas as pessoas do mundo que nesse momento estão precisando de algum tipo de serviço, esse serviço é para o Senhor Victor, já vi que o Senhor tem um excelente histórico aqui na nossa empresa, o Senhor gasta muito, precisa de um seguro que o respalde o Senhor nos momentos do aperto.

—E o que seria?

—Um seguro para sua casa. —Paga o aluguel com o cartão. —Já pensou nas chances de ter pintura, instalação de encanamentos na sua atual residência?

—É alugada.

—Justamente, Senhor, por apenas R\$ 57,73 o Senhor terá todos os benefícios, em algum momento terá a sua casa, mas pense, no dia que desocupar essa, terá que pagar um servente e pintor, sairá bem mais barato ter uma manutenção, pense nas vezes que vai se poupar de trocar uma lâmpada queimada para sua esposa.

—Ela é uma chata mesmo!

—Pois então, garanta sua proteção, Senhor, é uma ótima chance do Senhor se garantir.

—Ok, faz isso logo, você tem sorte garota, gostei de você.

Coloco no mute.

—Todos me amam!

Suspiro, faço a inclusão e informo as sanções da apólice, as condições, tudo bem rapidamente, ele ainda tem tempo de anotar o nosso número, mais um.

—Menina, você voltou com a bola toda.

—É!

Mas estou mesmo é desanimada, olho para aliança no meu dedo, grossa e fria, e odeio me sentir de novo triste, lembro de Jack e estou novamente infeliz, me recuso a me sentir assim, ele não merece nem que eu me lembre dele, quanto mais sofra.

Abaixo a cabeça, fecho os olhos, poderia viver muito bem sem problemas, sem discussões, sem Condessa, sem um marido que me chama pelo nome de sua ex assim que faço sexo com ele, me sinto ainda pior porque ele foi embora e nem me deu satisfação.

Olho para minha bolsa, não cai ligação, estou impaciente, quero me ocupar, mas de repente o cliente está bem aqui ao meu lado e eu não posso pegar meu celular, poderia ouvir alguma música e me distrair, todo mundo faz isso no site, ouve música, mexe na internet, mesmo que seja proibido, as supervisoras fazem vista grossa.

Fico cansada só de pensar na quantidade de mensagens que ele me mandou no WhatsApp, mas me preocupo também com ele, gostaria ao menos de saber que ele está bem—mesmo que ele não mereça—, porque apesar de toda a raiva, eu não quero que Jack tenha algum tipo de colapso nervoso por minha culpa.

Acho que ele tem que entender o meu lado, amo ele, e ele me feriu bastante com aquilo, eu não sei se posso confiar mais nele depois disso, não sei se suas palavras serão da boca para fora ou se foi tudo um grande engano da parte dele.

Por que ele me chamou de Condessa?

Está óbvio acho que só eu que não quero acreditar, abafo a dor, estou analisando minha aliança de casamento perfeita, o ouro fica reluzindo nela, dentro da aliança tem algo escrito, eu nunca notei, acho, que é porque eu nunca a tirei para nada desde o dia que ele enfiou ela no meu dedo.

—João Lucas.

Vou congelando, e as minhas mãos tremem, fico paralisada, meu coração dispara, ele pega a minha mão e toma a aliança, permaneço cabisbaixa, cega por uma incredulidade imensa.

—Não tire.

Não respondo, cai uma ligação, novamente Jack está enfiando a aliança no

meu dedo esquerdo, e eu acho que estou ficando bem louca.



Controle

—Você vai continuar me ignorando?

—O que você está fazendo aqui?

Estamos sussurrando, meus olhos estão grudados na tela, estou dura, meu pescoço endureceu assim que percebi que Jack está aqui ao meu lado. ELE ESTÁ AQUI, AO MEU LADO!

—Achei que tínhamos um acordo.

A voz dele está dura, fria, ele disfarça bem o nervosismo que eu conheço.

—Que acordo?

—A parte em que você não ficava sem me responder.

—Você fugiu.

—É? Que novidade!

Ai que ódio!

Tudo o que eu menos precisava no meu primeiro dia, ele não foi embora, Jack está aqui, o que ele faz dentro da empresa onde eu trabalho? Qual é o problema dele?

—Inferno, fiquei preocupado.

—Inferno? Já falei para parar de me chamar desses nomes.

—Droga, estou nervoso, não me aborreça.

Acho que todos estão nos olhando, olho de soslaio para o rumo de Aécio e basicamente todas as meninas do corredor estão olhando para a minha P.A, Grace até suspira, Aécio está mordendo o lábio inferior, parece uma puta cheia de vontade, respiro fundo, eu não vou ceder!

—Vá embora.

—Não, eu não vou.

—Você disse que voltaria mês que vem.

—Eu disse que ficaria até o domingo.

—Hoje é segunda.

—Assim como em Angra neva.

Meu Deus do Céu, que homem impossível.

—Precisamos conversar, as coisas não vão ficar assim.

—Claro que não vão, você vai embora!

—Eu sou o cliente, Maria, eu só vou embora quando eu quiser!

Empalideço e o sangue nas minhas veias vão ficando mais gelado do que já está.

—Você é um cachorro.

—Sou? Que novidade!

—Está fazendo pouco de mim?

—Não, eu não estou.

Uma ligação, foco na tela, começo o meu atendimento, tento não aparentar nervosismo, eu não vou perder o controle, eu não vou perder o CONTROLE!

Mas a ligação é muda, Droga, Droga, mil vezes Droga.

Poderia ficar pior?

“pausa”

Aparece estampado de vermelho na tela, minha primeira pausa, minha mão derrete no mouse, bloqueio a ura, e levanto, foco em pontos chaves, saio andando feito um robô. Aécio também vem, ele sai comigo as vezes, e enquanto me afasto, eu vou vendo metade das meninas do corredor colocarem pausa e levantarem, o que é isso? Um episódio de American Horror Story?

Ainda preciso conversar com a Lorena, quando eu voltar eu falo com ela,

ela sorri abertamente, mas percebo que não é para mim, me sinto muito nervosa, ela está sorrindo para Jack.

—Vou acompanhar a sua funcionária, Senhorita Xavier.

—Tudo bem.

Lorena, não precisa ficar suspirando assim pelo meu marido, ele é o meu marido, e você é noiva, tira o olho!

Reviro os olhos, me sinto simples e sem graça, olhos me acompanham, algumas meninas—e meninos—até erguem a cabeça para olhar, ele deve ser mesmo muito bonito para causar esse reboição no site, as pessoas não sabem nem disfarçar.

Droga, esqueci a minha bolsa, como eu vou comprar um lanche? Quero comer um lanche? Meu estômago está embrulhando mais que nunca, e eu sei que se eu girar, o que vai acontecer é algo do qual eu me arrependerei para caramba.

No primeiro andar tem uma lanchonete onde também fazemos as nossas refeições, saio do site e sigo o corredor até as escadas, Jack está bem atrás de mim, me pergunto como eu não percebi que era ele, acho que estava tão perdida em meus pensamentos, que mal me dei conta, ainda bem também, não quero ter que vê-lo sob esse tipo de circunstância.

—Vai continuar?

E pega a minha mão, e fico olhando para frente feito uma completa idiota, a mão de Jack está fria, na verdade gelada, treme bastante, ESCOPOFOBIA!

—Ok! —digo. —Você está com o Olaf?

—Estou com a empresa.

—Que empresa?

—A minha empresa.

—Ah.

Não parei para pensar direito, ele está aqui por negócios? Por que seria por mim? Estou confusa.

—Vem tomar um café comigo, então—digo, estou tão nervosa quanto ele.
—Fica calmo.

—Eu estou tentando—responde—, mas essa gente não deixa.

Respiro fundo, sei que enquanto descemos o pessoal vem atrás, acho que aqui, ter qualquer tipo de pessoa de fora é novidade, não para mim, é claro,

eu não costumo me importar.

Descemos em silêncio, e por um grande azar, a lanchonete está bem movimentada, as mesas cheias, localizo uma num canto, claro, cheia de sujeira, mas acho que dá para nós dois. Aécio vai na frente, pega um papel, e começa a limpar a mesa com um sorriso—Colgate—nos lábios, não posso sentar de frente para Jack, então, me sento ao seu lado, Aécio a minha esquerda, apenas nós três.

—Aécio, poderia buscar um café para o Senhor Carsson?

—Ah, claro, você quer alguma coisa, mulher?

—Um café também, eu esqueci a minha bolsa, poderia pegar um...

—O que você quer? —Jack pergunta, a voz baixa e firme. —Você tomou café hoje?

—Tomei—café puro—, mas costumo comer alguma coisa na primeira pausa.

—Então peça algo mais leve, pode ser uma fruta, por favor. —Jack está olhando para ele, acho que sorri, Aécio suspira infinitamente. —Por favor, algo leve para ela.

—Ok. —E vai.

Eu tenho certeza que ele está pulando, como quando ele transa a noite toda com alguém.

—Vida, você não está comendo direito.

—Estou bem.

—Você tem que se alimentar, Sarah disse que não anda comendo.

—Sah não sabe de nada.

—Fiquei preocupado, você está conseguindo dormir?

—Não muito.

—Nem eu.

Me sinto mal com isso, Jack já deveria ter ido embora, ele não pode ficar se dando ao luxo de ficar se ausentando da empresa dele por minha culpa, se bem que dessa vez, é culpa dele.

—Você está brava?

—Não é o momento, Jack.

—Sinto muito por tudo, me perdoe.

—Você vai lá em casa hoje à noite?

—Você quer que eu vá?

—Sinto sua falta, não deveria, mas, enfim, se quiser ir por mim tudo bem.

—Vou passar o dia aqui, vamos juntos para casa.

—Está bem.

Nem sei o que falar, ele aperta os dedos nos meus, não temos o que falar, toda essa situação é dolorosa e muito ruim para ambos, mesmo que eu sinta que sou a única que sai perdendo sempre, amo alguém que não me ama, chego a essa conclusão agora, amo alguém que é obcecado por mim, acho que pela minha presença ou pelo meu jeito de lidar com sua doença, mas não por me amar.

—Voltei, menina!

Entendi Aécio, você também quer o meu marido, tudo bem, pode tentar, ele não vai se sentir obcecado por mais ninguém além de mim, pego a vasilha cheia de melão picado e o garfo descartável, é o que dá para comer em dez minutos.

—E então, Duda, como foram as suas férias, querida?

—Foram boas, eu gostei muito de Las Vegas. —Mais do que deveria. —E como foi aqui?

—Você invicta, Lorena reclamando, como sempre, essas coisas.

Aécio é loiro de olhos castanhos, mas é meio desnutrido e meio “modinha” demais, ele adora se vestir como menino, mas quando abre a boca para falar, dá para ver de longe que de menino ele só tem a aparência.

Me viro para o rumo dele, e de repente todas as mulheres estão olhando para nossa mesa, ignoro, Aécio olha para o rumo do meu ombro, depois ele olha para minha mão, onde sustento o garfo, enfio mais um pedaço na boca, me sujeito a mastigar, eu não sinto um pinga de fome.

—Você está noiva, ou coisa assim?

—É, eu me casei. —Eu acho.

O queixo de Aécio cai, acho que ninguém acreditará mesmo, nem eu mesma acredito, há um mês sai de férias solteira, voltei casada, com tantos problemas quanto uma mulher que é casada há anos, eu não precisava disso.

—Casou? Com quem?

—Comigo!

Jack, pelo amor de Deus, não comece...

Aécio franzi a testa e sorri assim com uma cara de espanto exagerada, acho que as pessoas nunca acreditaram que esse homem se casou comigo, mas apesar de tudo, eu sei que elas começaram a fazer perguntas e não posso fingir que nada aconteceu.

—Fico feliz por você, amiga.

Eu sei, apesar de tudo você não é uma má pessoa.

—E então, como que o Nando está? Sua mãe? O Van Delícia?

Aécio ficou vidrado no Van desde aquela vez que ele veio me buscar na véspera de ano novo, ele usava uma regata, jeans colado, o meu padrasto se sente um ícone da moda.

—Estamos bem, o Nando está ótimo, o Van também.

—E a faculdade?

—Volto hoje.

—Não pilha, menina, você é muito preocupada.

—Aécio, eu vou me demitir hoje, iria fazer isso na segunda quinzena, mas apareceu uma coisa da faculdade para fazer e tal.

—Você vai pedir conta?

Eu também não queria isso, mas vejo que não tem jeito, preciso focar na faculdade, e preciso de tempo para mudança.

—Sim, você acha que a Lorena vai reagir mal?

—Ela vai ter um enfarte.

Deixo o melão de lado, pego o meu café, Jack não solta a minha mão por nada, acho que a situação é bem pior para ele, mas eu sei que ele não vai embora assim tão fácil.

—Duda, você vai perder os seus direitos, você se dedicou muito para ter que sair assim da empresa.

—Mas eu preciso, eu fui convidada para ser palestrante na semana jurídica da faculdade.

—Pelo magia do Iago!

Aécio já estudou na faculdade, ele conhece todo mundo, ele se formou em arquitetura há um ano, eu mesma me pergunto o que ele faz aqui com um diploma, acho que é mais por causa do horário, ou por que ele já trabalha na área há uns sete anos, quando eu entrei ele já estava aqui, foi o primeiro com

quem eu peguei carona, desde então, somos colegas de almoço, de pausa, e sempre estamos juntos, claro, ele é um fofoqueiro, mas como eu nem dou moral, ele acaba meio que ficando no vácuo, eu não converso muito além do que devo.

—Mais ou menos isso.

—Duda, tem certeza de que é isso o que você quer?

—Aham.

Não deveria, várias vezes depois que saímos de Angra, pensei em jogar tudo para cima, pensei em desistir do plano inicial de mudança, mas então meu senso responsável me impedia e tudo no qual eu desejava fazer era arruinado, porque eu sei muito bem que Jack não merece que eu permaneça ao seu lado, contudo, eu sei muito bem do que ele é capaz se eu largar ele, o homem que eu conheço não é de fazer ameaças, ele é imprevisível e instável, ele faz o que lhe dá na cabeça.

—Acabando a pausa, vou passar no banheiro, nos vemos lá em cima.

Aécio levanta e se afasta apressado, minha vida é assim há quatro anos basicamente.

—Você não está bem.

—Eu vou ficar bem.

Sou muito orgulhosa na maioria das vezes, ontem eu não dormi mesmo, não faz diferença, e Jack está aqui só faz com que eu me sinta mais e mais tensa, pior.

—Vamos, minha pausa já acabou.

Levanto e ele vem junto, saímos da lanchonete em silêncio, na minha cabeça vem algumas lembranças de todos os momentos que passamos juntos em Las Vegas, em Malibu, lá em casa, Angra foi um sonho, eu o amo tanto, eu mal consigo conviver com o fato de que Jack não me ama da mesma forma, devo afastar isso de mim.

—Me desculpe.

—Tudo bem, Jack, um dia passa!

Eu sou assim.

Um dia eu esqueço, faz parte de mim, claro, não sei se estou disposta a perdoar—de verdade—ele, o que ele disse foi doloroso e me machucou muito, por dentro estou esgotada, mas a minha mente não para um segundo,

preciso focar nas outras áreas da minha vida, acho que esse é o único jeito de não me sentir mal com essa história.

—Não estava pensando nela.

—Isso é irrelevante.

—Você sofre com isso.

—Claro, acho que se eu falasse o nome de algum ex enquanto transava com você, isso o machucaria profundamente.

—Maria, eu amo você.

Não acredito tanto quanto no começo, mesmo que o meu coração fique feito um idiota disparando com isso.

—Também amo você, Jack, mas isso não significa que posso ficar aceitando essas coisas.

—Você é muito madura.

—É, infelizmente não tem uma praia por perto para eu sair correndo.

—Amo você, não se esqueça.

—Está bem.

Entramos no site, de novo o centro das atenções, a gerente está na mesa dela do outro lado da operação toda sorridente, Jack solta a minha mão, acho que ele entende que não podemos ficar andando assim aqui dentro, melhor!

—Oi, Duda!

—Hei, Duda!

Agora todo mundo lembra do meu nome, que interessante, dou um sorrisinho para cada uma dessas “Falsianes” e sigo na frente, Jack vem atrás, e pelo andar da carruagem, eu sei que estou atrasada, acelero e corro para a minha P.A. Aécio já está atendendo.

Coloco o headphone e libero a linha, e bem antes que eu consiga ver, já cai uma ligação, preciso me manter concentrada, meus olhos não desgrudam da tela, sei que Jack já está a minha esquerda, muito bem sentado nessa cadeira feia, mas eu não vou olhar.

Ele não está pronto e eu não estou bem, acho que essa situação só piorou ainda mais tudo o que havíamos construído—ou tentamos construir—nos dias em Angra.

—O que você faz nesse caso?

Fico surpresa com a pergunta dele, bem, não esperava que ele fosse agir

mesmo como alguma espécie de cliente de verdade, então, me dou conta de que ele veio com sua empresa, e que ele é o cliente, de alguma coisa, mais é, temos a contratante, a prestadora de serviços, a Meta é cheia de empresas para as quais presta serviço, ele deve ser de alguma, ou não entraria aqui assim tão facilmente.

—Bem, ela tem um limite muito alto, eu procuro ver os últimos gastos, e o score.

—Essa é a frequência de compras dela.

—É, todas as vezes que ela usa os nossos cartões.

—Por que?

—Porque é necessário saber se ele é cliente assíduo, claro que essa é uma exceção, o score dela é muito baixo, mas eu consigo.

—Você tem uma autoconfiança incrível, Senhora Carsson.

Ignoro, preciso focar, preciso afastar o nervosismo e preciso me manter no controle, aqui não, Jack, agora não!

—Obrigada.

Pelo menos por telefone.

A mulher atende, entro na minha ligação com firmeza, a Senhora Riudeth não quer papo, ela me manda para o inferno pelo ou menos umas três vezes antes que eu continue a falar dos benefícios.

—A Senhora vai me deixar falar? —Sou mais enérgica.

—Não!

—Então, Senhora, como eu dizia.

E continuo, e ela continua a reclamar, fala que não usa o cartão—eu sei disso—, que o cartão não serve para nada—é verdade, só para fazer dívida—, mas enxergo nos dados dela sua média de compras com outros cartões, Bingo.

—Então, Senhora Deth, posso te chamar assim?

—Que seja.

Coloco no mute.

—Um pouco de educação ajudaria. —Tiro do mute. —Como eu dizia, Deth, já que a Senhora não se interessa pelo nosso seguro, que tal fazer um upgrade no seu cartão?

—E o que é isso?

Quero rir, tem tanta gente humilde nesse mundo, Meu Deus!

—É para Senhora receber um cartão melhor, com mais benefícios, um cartão com um status mais acima desse.

—Moça, o meu é platinum.

—É, mas ele tem limite, a Senhora já pensou em ter um cartão sem limite? Um Black? Tenho certeza que onde a Senhora chegar com esse cartão, a Senhora vai arrasar!

—Arrasar?

—É, chegar nos lugares, tem uma máquina específica para esse cartão, ele é exclusivo para clientes assim—pigarreio—, digamos, alguém que tenha bastante dinheiro.

—É o que não me falta.

Arrogante!

—Então, por mais R\$ 195,00 a Senhora leva o nosso melhor seguro residencial, incluindo seguro de carro por mais R\$ 240,00.

—Isso tudo?

—Senhora, pense nos benefícios, a Senhora já imaginou a segurança que pode ter? Qual o carro da Senhora?

—É um Porsche.

Uou!

—Então, ele tem seguro?

—Moça, eu não preciso de seguro.

Mas sinto que ela está balançada, e também mais calma.

—Claro que precisa, todos temos que pensar no amanhã, e se pelas ruas de Copacabana—leio o endereço dela—, bem aí onde a Senhora está, alguém bater na traseira do carro da Senhora e fugir? Pense nas possibilidades, sem falar que o cartão já vem com seguro de perda e roubo inclusos por apenas R\$ 5,99 ao mês, é uma oportunidade única.

—Ok, faz logo esse inferno.

—A Senhora é um amor, Senhora Deth!

Ela suspira, não está mais impaciente, Aécio está inclinado na minha P.A indicando os dados pessoais da cliente, uou, ela compra mais de vinte mil por mês de bebida, tenho que aproveitar essa.

—Senhora, posso passar só mais uma última informação?

—Claro.

—A Senhora tem uma casa de bebidas?

—Eu mexo com eventos.

—A Senhora já tem o nosso cartão business?

—Corporativo? Está louca? E as taxas?

—Que taxas, Senhora Deth? A Senhora não paga taxa alguma adquirindo o seguro próprio para sua empresa.

—E quanto custa, minha filha?

Odeio quando eles cospem as palavras!

—Fica por R\$ 399,00 apenas.

—Isso tudo?

—Senhora, Deth, sei que a Senhora pensa nos seus negócios, a crise está feia, pense na sua empresa respaldada contra roubo, prevenção de perdas e danos, a Senhora viu na TV aquele caso da dentista que morreu queimada?

—Vi, horror!

—Então, já pensou em poder ter um segurança na porta de sua empresa duas vezes por semana? O seguro cobre para Senhora.

—Mesmo?

—É, eu estou falando. —Aécio começa a rir fazendo que não, estico a mão e ele bate, mais uma. —Vou fechar para Senhora.

—Fecha logo que eu estou com pressa, você me tomou tempo, garota.

—Que isso, Senhora Deth, eu me preocupo com a Senhora, sei que a Senhora precisa estar segura de qualquer evento fortuito.

—Obrigada querida!

—Imagina.

Coloco no mute, meus dedos deslizam pelo teclado e eu fecho feito um foguete, confesso que adoro fazer isso, eu tenho um dom maravilhoso de conversar com as pessoas por telefone, é uma pena que pessoalmente eu não seja assim das mais persuasivas, volto na linha com a Senhora Deth e informo as sanções da compra e do upgrade, que eu ganho míseros centavos por conversão, mas mesmo assim, já está ótimo, vendi quatro seguros para ela, no final da ligação sou elogiada, essa vai para qualidade, as meninas querem morrer quando eu bato a meta de elogios prestados, ganho uma miséria de R\$ 20,00 de bônus, mas tudo o que entra, para mim é lucro, tenho

minhas dívidas no final do mês e R\$ 20,00 faz toda e total diferença para mim numa sexta-feira, dia 29 do mês, final de mês eu costumo estar dura.

—Olha, foi um prazer conversar com a Senhora, eu estou sendo monitorada, a Senhora será transferida para nossa qualidade, eu peço que a Senhora aguarde só mais um momento na linha, Senhora Deth o que a Senhora precisar, estou a sua total disposição...

—Quero mais dois adicionais, um para minha mulher e um para o meu filho.

—Claro, a Senhora quer que eu inclua o seguro?

—Claro que sim, e para os carros também, você me abriu os olhos, minha filha.

—Sua esposa tem muita sorte.

—Ela tem vinte anos, é jovem ainda.

—A Senhora também. —Tem 42. —A Senhora é uma mulher de firmeza, gosto de gente assim, decidida.

—É, eu tento, vai, me fala aí de você, gracinha.

Coloco no mute, nego com a cabeça, ela vai começar a dar em cima de mim, escuto uma risada contida a minha esquerda, tinha esquecido que o Jack está aqui, fico sem graça, volto na linha com ela, estou tentando fazer tudo o mais rápido possível.

—Então Senhora, a Senhora é casada há muito tempo?

—Dois anos, ela é estudante de Engenharia, é muito jovem.

—Ela tem sorte de ter alguém que se preocupa com ela, como a Senhora.

—Vou conhecer os pais dela esse fim de semana, eles vieram do Sul e tal, estou nervosa.

—Imagino, é um passo muito importante.

Tento parecer formal, não quero ser pontuada, se bem que tem gente aqui que fala coisa bem pior.

—Acha que eu dou um presente para ela?

—Se eu ganhasse um adicional Black sem limites, eu não precisaria de mais nada.

—O meu filho tem dezenove anos, fico em cima, nunca se sabe, mas a minha Gilda é louca por mim e não nega, sabe como é, né filha.

—Com certeza!

Arregalo os olhos, Jack parece se divertir, deve estar, ele que não queira pegar uma ligação minha num dia bom, tem vezes que os clientes começam a falar da vida deles e não param, dá vontade de desligar na cara, outros, sinto pena, mas esse é o meu trabalho.

—Pronto. —Começo a informar novamente as sanções.

—Como você faz isso? —Aécio pergunta. —Vaca!

Mostro o dedo do meio para ele, enquanto falo, ele ri, depois me dou conta que bem ao meu lado está o cliente, coro, mas tenho completa certeza de que Jack está rindo, e também, minha mente gira em torno do meu atendimento.

—Até logo, Senhora Deth, tudo de bom para Senhora e toda a sua família.

—Para você também, filha, fica com Deus!

E transfiro para qualidade, ouve musiquinha aí Senhora Deth.

—Quero saber o que a Lorena vai fazer sem você.

—Ela vai contratar outra pessoa mais jovem e competente.

—Duda, você não sabe o que está falando.

—É assim que as coisas funcionam.

Ele sabe que sim, finalizo, indico a tela, e começo a explicar para o “cliente” sobre o próximo cliente, já está chamando, acho que hoje vai ser um dia muito bom.

—O que você analisa para conseguir converter um “não” em venda, Senhora Carsson?

—Eu escuto o cliente, o tom de voz dele. —Tento ficar séria, eu tenho certeza que Jack acha muita graça, eu não, não posso ficar suspirando e fingindo que está tudo bem, aqui é o meu trabalho.

—Tom de voz? —A voz dele está categórica. —Como pode saber?

—Eu não sei, apenas eu o escuto, em parte porque enxergo no cliente algo que ele queira, nas informações da base.

—E se não tiver informações?

—Eu furto dele, faço perguntas a respeito da família, até do cachorro, as pessoas tem receio de falar pessoalmente, mas por telefone elas vão soltando seus problemas.

—Você é muito incisiva.

—Eu ignoro muita coisa, não adianta ficar batendo boca, você precisa ter foco e ser firme, ter o domínio na ligação.

—Qual a sua média de seguros por dia?

—Quarenta.

—Isso é muito?

—A média é quinze —Aécio responde com um pouco de petulância na voz. —E a média de fidelidade dela é de trinta.

—O que é fidelidade?

—Os que não ligam para cancelar ou não desistem do seguro em menos de dois anos.

—Silêncio. —Mando, outra ligação. —Oi, tudo bem? Nesse número eu falo com a Bia?

—Sim.

—Oi, Bia, tudo bem? Aqui é a Maria, dos cartões.

E assim se segue todo o primeiro turno, estou ligada no automático, tento me concentrar e fazer o meu melhor, não que nos outros dias não me esforce, tem vezes que eu nem faço esforço e faço muita venda, mas hoje, eu quero poder mostrar para o cliente como as coisas são, essa é a minha realidade, claro, algumas vezes rio, por causa dos absurdos que os alguns clientes me falam, Aécio e eu falamos do tempo, de muitos outros assuntos e, graças a Deus ele não fala dos seus programas, ele não é louco de falar sobre isso na frente do cliente, ele adora falar sobre famosos, eu não ligo muito, mas hoje o fluxo de ligação está bem intenso, bem no meu primeiro dia depois das férias, gosto disso.

“Descanso”

Suspiro, passou muito rápido, o meu descanso sempre é junto com o do Aécio, ele mexe os pauzinhos dele, puxo linha e coloco a pausa no ramal, preciso falar com a Lorena.

—Vou para o almoço com a sua gerente —Jack notifica. —Volto em uma hora.

Claro, quando o cliente está aí, ele sempre sai para almoçar com a gerente e os outros supervisores.

—Aham, estarei aqui quando voltar, Senhor Carsson.

—Eu sei que sim, obrigado.

—De nada.

Mantendo as formalidades, sua educação me espanta, mas enfim, fico

parada e escuto os passos dele se afastando, não parece estar usando sapatos, acho que ele usa tênis, fico cabisbaixa, e dura, para variar, começo a sentir dor de cabeça, esqueci de colocar o meu óculos, me estico e pego a minha bolsa, preciso mesmo respirar.

—Vamos na Tia?

—Vamos Aécio, espera só o cliente ir embora.

—Adorei aquela piada que ele fez sobre ser seu marido!

Não estou brava com você por isso, nem sei se preferia se fosse, estou cansada de pensar nesse assunto.

Não me dei conta que toda a minha conversa na primeira pausa com Jack foi em inglês, estou mesmo distraída hoje.

Aécio me cutuca, e dou um pulo, tento sorrir, escuto o som frenético da catraca e sei que Lorena já foi, não vejo a cabecinha loira dela ali.

Levantamos e saímos em silêncio, as pessoas continuam me olhando, ignoro, elas não vão pensar mais do que devem, que o cliente está pegando carona comigo, para eles somos estranhos.

—Menina, que gato!

Aécio está acendendo um cigarro assim que saímos da empresa, atravessamos o sinaleiro com pressa, já faço uma ideia, Aécio, esse “gato” e eu estamos “juntos” há um mês, um mês conturbado e cheio de confusões mentais sérias.

Entramos no restaurante da “Tia”, é do outro lado da rua, ninguém merece a comida da lanchonete, e a comida aqui é mais quentinha e do dia, está cheio como em todo horário de almoço, mas sempre pegamos a fila do marmitex.

Coloco o meu óculos, pego o meu celular novo, Aécio arregala os olhos, faço de conta que isso é muito normal, sei que a maioria das pessoas aqui ainda estão pagando seus celulares, não sou muito ligada nessas coisas.

Nenhuma ligação, guardo o celular, olho o cardápio do dia escrito em letras enormes num pequeno cartaz azul, opções: peixe frito, filé de frango e carne de panela, não tenho nenhum apetite, mas só de sair da Meta já estou aliviada, ou de Jack ter saído de perto.

—E então, o que vão querer? —pergunta a balconista extremamente sorridente.

Gosto do pessoal aqui, eles são muito legais e tal, vou sentir falta desse lugar.

—Eu quero uma completa de peixe frito, grande, por favor.

—Só salada e filé de frango, por favor.

Aécio olha para trás exagerado como sempre, na maioria das vezes peço uma grande completa, a gente come aqui quando eu não trago marmita, como ele nunca traz, viemos, compramos a dele e voltamos para almoçar na meta.

—Por isso você secou.

É, e porque a prima do meu marido pega no meu pé.

Tadinha da Sandy, eu mal dei atenção direito para ela hoje, vou me desculpar.

Pago pela marmita com alguns trocados que eu sempre carrego na bolsa, pego a sacola e agradeço, voltamos para Meta, Aécio tagarelando sobre o “namorado”, tenho pena do sujeito, leva mais chifre do que tudo.

Não consigo entender como alguém se relaciona com tantas pessoas e não fica louca, eu me relaciono com apenas uma e estou à beira do meu terceiro ataque de nervos por culpa dela, bem, o segundo foi mais por minha culpa, mas o primeiro foi responsabilidade de Jack.

Achamos uma mesa no canto e nos sentamos, Aécio paga a coca, mas recuso, duvido que consiga comer mais que duas garfadas da minha salada.

—Duda, o que está acontecendo?

—Nada, apenas estou sem fome.

—Você? Sem fome?

—É.

Não vou falar dos meus problemas com ele, não mesmo.

—Traz um suco de laranja, então, é a minha dieta, é rigorosa.

—Tadinha, deve ser por isso que está triste, menina, eu quase morri quando fiz aquela lipoaspiração, lembra?

Ele é muito vaidoso, admito, Aécio é um homem bem cuidado, bem afeiçoado e bonito, quem vê até acredita que ele não é gay, mas eu sei, eu e quem senta perto dele.

Ele vai e eu abro minha marmita cheia de alface, tomate em rodela, pepino, acelga, rúcula, eles mandaram também azeite num saquinho e sal, rodela de limão, o frango está no fundo, pego os talheres descartáveis, me esforço para enfiar a primeira garfada na boca, mastigo, a comida parece isopor.

—Então, o que pretende fazer?

—Vou me ocupar com a faculdade, preciso terminar as matérias que faltam e pegar o meu diploma.

—E não vai mais trabalhar?

—Não.

—E quem vai te sustentar?

—O João Lucas.

Não entendo por que quero rir, Aécio sim, ele dá uma gargalhada alta, ele sabe que eu nunca, jamais, em hipótese alguma permitiria que algum homem me sustentasse.

—O seu “marido”?

—Você não acredita que alguém possa me querer?

—Acredito, mas eu pensei que você era lésbica.

—Uou!

Rimos, realmente, é difícil ficar perto de alguém tão descontraído e não rir, sei que essa é a minha fama e adoro, assim as pessoas não ficam xeretando a minha vida.

—Isso é sério?

Espeto a salada, faço que sim e como a fatia de tomate, não está tão ruim.

—E ele tem grana?

—Eu não dou a mínima para isso.

—E ele... é bom de cama?

Entendi, Sah!

—É, ele é bom para mim e para o Nando, já vou fazer trinta ano que vem.

—E como se conheceram?

—Em Las Vegas.

Acho que ele não acredita, estreito os olhos e cutuco ele, Aécio, é tão impossível assim de acreditar que eu estou fazendo tantas loucuras?

—Com um gringo?

—Ele é brasileiro.

—E ele é bonito?

—É o que dizem.

—Não acredito que você se casou em Las Vegas.

—E bêbada!

Ele ri, fatio o frango, essa faquinha fajuta não ajuda, mas consigo, Aécio some por alguns minutos, depois volta, é claro, foi trocar a pausa para ficar atoa aqui comigo, nem me surpreendo mais, ele faz isso basicamente todos os dias, engulo a quarta fatia do meu frango, acho que é a primeira vez em três dias que como carne de verdade, está macia e succulenta, dá para comer, sinto meu apetite voltando, falar sobre isso com alguém não é uma grande vantagem, mas me sinto aliviada aos poucos, mesmo que o Aécio não acredite.

Nem eu acredito quando paro para pensar.

—Acho que você merece ter uma família, Duda, você tem que relaxar e tal, você está diferente, mais magra, mais morena, essas férias te fizeram bem, até a sua pele está melhor.

Mordo meu lábio inferior com força, acho que posso fazer essa pergunta para ele.

—Aécio, você já chamou o nome de algum ex durante o sexo com o seu atual?

Ele me encara com espanto.

—Acontece às vezes, por quê?

—Você ama o seu ex?

—Não.

—Então, por que chama ele durante o sexo?

—Não sei, Duda, por distração?

—Não tem como você amar alguém e na hora do sexo chamar o nome da ex.

—Pode ter duas hipóteses, a primeira é que talvez você esteja sentindo tanto prazer que isso te traga recordações de tudo o que sentia pelo ex— Aécio fala baixo, um sorriso malicioso nos lábios. —A segunda é que você confunda mesmo os nomes, uma vez eu estava transando com um cara e chamei o nome da minha mãe.

Rio, Meu Deus, que coisa mais estranha!

—Ou talvez, pode ser que ele ainda não esqueceu o ex, só que isso é muito relativo, Duda, homem é complicado.

—Na primeira hipótese, quer dizer que o mesmo prazer que o ex dava,

você dá, por isso que a pessoa fala o nome?

—É, mais ou menos isso, por quê?

—Sah. —Sou ótima em desculpas. —Ela arrumou um novo namorado e fez isso.

—Menina, essa Sarah é fogo.

Se você soubesse o quanto ela mudou nesse mês...

—Pois é.

Grace senta na nossa mesa e começa a me perguntar das férias, minto, é claro, e dou respostas vagas, o resto do almoço é tranquilo e me distraio com Grace e Aécio falando a respeito da operação, esse mês passado, quando olho para minha marmita e não vejo nada, me sinto um pouco melhor, esses dias não estão sendo os melhores da minha vida.

Passo no banheiro, escovo os dentes, faço xixi, me olho no espelho do lavatório e vejo uma pessoa diferente do que eu sempre fui, estou um pouco mais morena mesmo, peguei muito sol em Angra nessas duas semanas que passei lá, também estou bem mais magra, tenho olheiras, por causa da insônia desses últimos dias, mas estou magra, fico de lado, e arrumo minha camiseta, é uma preta com estampa branca, nomes cursivos de uma frase que eu adoro de Platão, gosto de camisetas para vir para o trabalho, apesar dessa época ser desumana, odeio blusas decotadas ou nadador, meu jeans está folgado no corpo e só percebo agora.

Lavo meu rosto, seco, só faltam mais cinco minutos, minha segunda pausa voou, só faltam cinco minutos para eu ter que “vê-lo” de novo, já estou tremendo só de pensar.

Saio do banheiro, guardo minha bolsa no armário, mas pego o celular—e os fones—, é claro, para o caso de emergência, volto para o site, está barulhento e tudo em seu lugar, já vi que a Lorena não está aqui, então, já sei que Jack também não está, vou me sentindo muito aliviada com isso.

Mal sento na minha P.A e o porteiro se aproxima me chamando, Aécio esconde o celular, típico dele usar depois do horário de almoço para se distrair.

Olho para o porteiro, ele sorri para mim e entra no corredor, meus olhos vão se arregalando com a visão do buquê branco na mão dele, é um buquê enorme de rosas brancas, ele estende para mim e indica o cartão, aceito, tremendo é claro, estou vermelha, está todo mundo olhando para mim.

—O que está acontecendo aqui, bicha? —Aécio está boquiaberto.

—João Lucas!

Me sinto estranha por chamá-lo assim, e sei que estou sorrindo, meu subconsciente está focado nessas lindas rosas, eu as entrego para Aécio e pego o cartão vermelho—isso é muito clichê—, abro mais que ansiosa.

“Vida, em algum momento você vai me entender, me perdoar, sou complicado, João Lucas, ou seu “Jack”, P.S, te amo!”

A letra dele é um garrancho, sorrio, ainda sem acreditar, pego o meu buquê tentando esconder a surpresa, acho que ouvi a voz da Lorena, estou tremendo, Aécio toma o meu cartão, mas eu nem ligo, estou cheirando as rosas, são doces e perfeitas, lindas, me lembro de Malibu e me encho de uma sensação boa.

—Uh lá, lá!

—Seu curioso.

Tomo o meu cartão, estou enfiando no meu bolso, coloco o buque meio espremido do lado do monitor, já estou dura de novo, libero a linha, amei as flores, amei, mas isso não pode mudar nada do que ele fez, não pode mudar o fato de que ainda estou magoada com tudo, mesmo assim, com toda a raiva, estou feliz, meu marido me mandou flores no meu emprego, acho que estou surpresa demais para continuar alimentando a raiva.

Escuto seus passos e olho para baixo, minha aliança de casamento, tudo isso é tão complexo, tão... complicado, não tenho outras explicações, ele se senta ao meu lado, já estou pronta para o próximo atendimento.

—Gostou das flores, Senhora Carsson?

—É, elas dão para o gasto.

E reviro os olhos, sei que ele está sorrindo, escuto os suspiros a minha volta, acho que vai ser um dia bem cheio com esse Bad Romance aqui do meu lado.



Fecho mais uma venda no sistema.

Já estou sem o meu tênis, minhas pernas estão dobradas em posição de ioga na cadeira, o fim do primeiro turno já começou, Aécio começa a pegar

as coisas dele.

—Você trocou de telefone mona?

—Aham, anota aí o meu novo número, agora eu tenho WhatsApp!

Aécio me encara chocado, sorrio, sei o número dele de cabeça, mas não sei o meu, mordo os lábios, Freeda já está estacionada do lado dele querendo logar, mulherzinha chata e mal-amada.

—Vai Duda, fala, quero continuar as nossas discussões sobre política fora daqui.

—É 555-347-345—Jack soa ao meu lado. —Use o DDD 055 na frente.

Aécio me olha chocado, acho que agora se dando conta que eu não mentia, e ele está bem mais chocado do que quando contei para ele sobre o casamento, ele faz que sim com a cabeça e se inclina, levanto e lhe dou um abraço forte, quero chorar, odeio mesmo despedidas, trabalhamos juntos por todo esse tempo, apesar dele ser um doido as vezes, sei que sentirei muita falta.

—Se cuida, está bem? —Mando porque sei que Sah, não é a única doida que eu conheço quando se trata de caras. —E toma jeito na vida.

—Ok! —Aécio se afasta, os olhos dele estão cobertos por lágrimas. —Sua estúpida, ridícula!

Rio, tento ser forte sempre, seguro as suas faces e limpo as lágrimas, um dia eu sairei mesmo, mas não achei que ele fosse se abalar tanto.

—Você vai lá em casa, está bem? —Prometo, nunca convidei ele para ir na minha casa, não achei que fosse tão importante.

—Tudo bem. —Aécio se afasta todo apressado. —Nos vemos depois, “gordinha”.

Mostro a língua para ele e me sento, as meninas ficam me olhando e tal, não acho que ele tenha falado nada, e também, não quero ter que me despedir de cada uma delas, a maioria já é velhos de casa e me odeiam, não sou tão cínica para fingir que alguém se importa comigo, sei que não.

—Gente, hoje é o último dia da Duda, vamos dar um tchau para ela. —Lorena de sua P.A.—Agradecer por todos os anos que ela nos ajudou com as metas.

Escuto uma série de “Meu Deus”, em seguida alguém começa a bater palmas. Ai Meu Deus, que vergonha, quero afundar na minha cadeira—quebrada—. Abaixo a cabeça e cubro meu rosto com a mão.

—Para de ser boba —Lorena fala da mesa dela. —Estranha.

Quero rir, me levanto, Grace vem com os braços abertos, ela faz cara de choro, aí como eu te odeio, Lorena, mas o que eu pensei? Aécio é um bocudo, eu mesma esperava poder pedir as contas, não que a minha supervisora ficasse sabendo por ele..., mas desconfio que esse não seja o caso.

Acabo começando a chorar com essas hipócritas me abraçando, odeio, odeio despedidas, quando alguém sai eu mal digo tchau, bem, apenas para os que eu comprimento e tenho algum convívio, uma fila se forma e a sessão de abraços vai ficando pior, culpo meu estado de nervos por isso, culpa do Jack!

E ele está bem aqui, atrás de mim, as meninas da qualidade vem com uma cestinha de chocolates, fico sem graça, mas aceito e abraço cada uma delas, sei que ficaram bem ocupadas e que não poderemos nos despedir mais tarde, meu ramal está bloqueado, acho que a Lorena me desligou já.

—Estou te esperando lá embaixo.

—Ok.

Aperto os olhos porque sei que ele se afasta, choro bastante, os que logaram agora estão me abraçando um a um, tem algumas novatas que eu nem conheço, mas também já estão aqui me abraçando.

Agradeço a todos e escuto vários “boa sorte” “espero que você seja muito feliz” “tenha muito sucesso na carreira de advogada”, eu também quero ser muito feliz com as minhas escolhas, eu sei que para todos estou saindo por conta da faculdade, mas enfim, eu tenho motivos bem maiores que a faculdade agora.

Pego o meu buquê enquanto calço o tênis, tiro o meu headphone, vou sentir falta dessa P.A, Lorena já está me esperando, é claro, desligo a máquina, e vou para mesa dela acenando para algumas outras meninas, não achei que alguém fosse se importar, mas as meninas do meu corredor, as da tarde estão realmente emocionadas.

—Sua demissão. —Lorena indica o papel em sua mesa.

—Tudo bem.

Ela é muito dura quando quer, acho que está brava comigo, ou coisa assim, me sento e assino, ainda choro um pouco, estou tão sensível e odeio isso.

—Você pode passar no RH para dar baixa na carteira.

—Você não quer ouvir o que eu tenho a falar? Me desculpe, Lorena...

—Duda, eu sei, o seu marido explicou!

Jack!

Fico paralisada, Lorena sorri para mim, então, ela conversou com Jack? Claro que sim, sua burra, você acha que ela prepararia uma demissão sem que você houvesse falado? Pior, uma demissão por livre e espontânea vontade, bato os olhos nos papéis que acabei de assinar, é uma demissão por parte da empresa.

—Mas, mas...

—Ordens do cliente!

—Mas eu, eu não...

—Duda, eu fiquei muito feliz que você tenha decidido mudar a sua vida, e a empresa está passando por algumas mudanças na administração, teremos mesmo que demitir alguns funcionários.

—É mesmo? —Estou bem surpresa. —Ele falou para me demitir?

—Falou.

Quero rir, Lorena me dá um abraço forte, foram muitas coisas nesses quatro anos, bem, toda a equipe é meio desunida e tal, mas quando temos problemas ela sempre tenta nos ajudar no que pode.

—Tenho o seu novo número, fiquei sabendo que você tem WhatsApp agora, podemos ir nos falando.

—Ok, obrigada, viu?

—É o justo, eu imagino que agora você consiga ter tempo para sua faculdade.

—É.

Hora de ir embora!

Dou tchau para ela e vou me afastando, ouvindo palmas, não me sinto merecedora, mas saio um pouco feliz, com essa sensação de trabalho cumprido, hoje, começo mais uma nova etapa da minha nova vida.





Nível 16 Da Obsessão

Demorei bem mais do que pensava no Rh, as meninas se atrapalharam na hora de fazer alguns cálculos, até tomei um cafezinho, no final das contas, fui vendo pelo menos mais sete pessoas paradas do lado de fora da sala do Rh com cara de felicidade, são os mais velhos de casa, os que acabei de me despedir. Tem épocas do ano que eles demitem pessoas, mas hoje, pelo o visto a empresa está bem disposta a fazer um pequeno limpa, pegaram as pessoas que já estão bem desmotivadas, Lorena está cansada de saber que eles não querem nada com nada, alguns trazem atestados de dias e prejudicam os resultados da nossa equipe, mas acabo dando um rápido tchau para eles, sei que apesar de tudo, eles trabalharam muitos anos para garantir a nossa meta, acho que chega uma hora que todo mundo cansa desse tipo de trabalho.

Desço depressa, passo no meu armário e pego as minhas coisas, não deixo muita coisa além da minha garrafinha e um bloco com as minhas anotações, entrego o crachá para o porteiro, sorrio para ele, acho que ele irá ver bastante gente rindo assim hoje, sou ignorada, mas nem ligo, eu realmente estou feliz, eu vou receber todo o meu acerto, é um bom dinheiro.

—Senhora Carsson!

Robô!

Sorrio, Olaf se aproxima para me ajudar com a cestinha e as minhas flores, um carro preto está estacionado no acostamento, é um daqueles carros de quatro portas que eu acho que vi na TV mês passado, um modelo de luxo, fico meio sem graça ao encontrar Grace esperando pelo marido dela, ele sempre busca ela de moto, ainda mais debaixo desse sol escaldante, aceno para ela, Olaf abre a porta para mim, ela acena de volta, ok, posso pedir para

o Aécio o número dela.

Fecho os olhos entrando no carro.

—Oi.

—Oi, João Lucas!

É ESTRANHO CHAMAR ELE ASSIM!

—Gostei do seu óculos.

—Obrigada.

Minhas mãos soam, não achei que meu dia fosse acabar assim, achei que chegaria hoje e conversaria com Lorena, meu objetivo era a segunda quinzena é óbvio, mas quando acordei só queria poder me organizar melhor para a faculdade.

Seco as mãos no meu jeans, Olaf já está tirando o carro da vaga, aqui dentro do carro, o ar está ligado, bom, diferente do calor que está lá fora, Acredito que já seja umas quatro da tarde.

—Vamos para casa?

—É.

Para minha casa, estou nervosa, espero que essa conversa não acabe mal.

—E o Fernando?

—A Sah deve ter ficado com ele, as aulas dele voltam amanhã.

—Ele está bem?

—Sim.

—Que bom.

Me viro para o lado da janela, o carro trafega devagar, já começou o horário de pico, sei que vamos gastar bastante tempo para chegar na minha casa, gostaria que o percurso fosse quieto e silencioso, não estou pronta para falar sobre o que houve, mas se conheço bem...

—Maria, você tem que me perdoar!

—As coisas não são assim, Jack.

—Foi apenas um erro.

—Eu sei, foi um grande erro.

—Sou idiota.

—Com certeza.

Ele suspira, sei que está tão tenso quanto eu com a situação, mas eu sei que

ele não está ferido nem magoado, eu nunca tive um ego na minha vida, pela primeira vez estava conseguindo me sentir especial e feliz, e a única pessoa na qual me fazia me sentir assim me chamou pelo nome da ex dele.

Não tem justificativa, não tem explicação, e não tem perdão.

Acho que Jack precisa se situar, ele precisa aprender a esquecer essa mulher, me sinto mal em constatar que ele ainda pensa nela, e pior em concluir que enquanto estamos juntos, ele imagina que eu sou ela, deve ser isso, eu sou apenas um meio para um fim, ele deve ter feito isso com todas as mulheres com quem saiu da agência, mas comigo ele não vai fazer.

—Precisa entender.

—O que eu preciso entender?

—Nunca me apaixonei por outra pessoa ou pensei que havia me apaixonado, na minha vida.

—Entendo, você transa com as pessoas imaginando que todas elas são a Soraya.

—Não, na verdade não.

—Não consigo te entender.

—Ninguém me entende.

—Aham.

—Apenas falei da boca para fora, Maria, eu... eu sou um grande merda.

Que bom que você sabe!

—Por favor, me desculpe, isso não vai voltar a se repetir.

—Não vai mesmo.

—O que quer dizer com isso?

Ele coloca a mão em cima da minha, aperta de leve, a mão dele treme, odeio quando ele fica assim.

—Pare com isso, Jack.

—Não é algo que eu controle, já disse, você quer o divórcio?

Não respondo, ele não me dá tempo para pensar, ele me sufoca e ele me persegue, faz as coisas erradas e quer que eu o perdoe sempre e permaneça ao seu lado, que tolere isso, que aceite seu lado, seus erros, mas eu não estou disposta a isso, se Jack quiser ficar comigo—e eu com ele—, ele vai ter que mudar.

—Por que você veio a empresa?

—Já disse, negócios!

—Não precisa berrar, está bem?

Ele respira fundo, acho que vamos acabar brigando de novo, não tenho tolerância com isso, está tudo engasgado na minha garganta.

—Desculpe.

—Olha, tudo bem, eu não me importo com o seu passado, eu tento aceitar a sua doença, mas não pode me pedir para que ame você sem que corresponda, sem que se entregue a mim por completo.

—Você não sabe o que está falando.

—Eu sei —afirmo e me viro para ele. —Tem momentos que você me enlouquece, Jack, você é sufocante e você sempre quer dar a última palavra.

—Só penso no que é melhor para você, eu não sou perfeito.

—Eu não entendo por que você faz isso comigo.

—Eu não sou bom em expressar os meus sentimentos.

—Eu não sou boa em nada, mas isso não significa que eu vou ficar agindo feito uma estúpida com as outras pessoas.

—Me desculpe.

—Não!

—Quer que eu vá embora?

—Eu não sei.

—Eu não vou.

Afundo as faces nas mãos, eu não mereço isso, Meu Deus.

—Por que? Pode me dar um tempo, não pode?

—Não, porque senão, você vai querer me largar.

—Se eu quisesse te largar, eu não teria me demitido nem continuado com o nosso plano de morar no seu apartamento.

Ele não responde.

—Se você soubesse o quanto tudo isso está sendo rápido para mim...

—Eu sei que está, eu não quero que se sinta sufocada, por isso você deve se manter focada apenas nos estudos e no Fernando.

—Está bem.

Chega, cansei de tentar conversar com você.

—Vida...

—Não me chame de vida!

—Desculpe.

Aí que ódio.

—Se eu for embora, você promete que vai me responder?

—Prometo.

Por mais que esteja queimando por dentro, por mais que o meu coração doa, é o melhor, acho que será melhor para nós dois, quero que Jack pense com cuidado em tudo isso, eu não quero que ele seja dependente de mim, eu não quero que ele seja como uma espécie de perseguidor na minha vida, quero que ele me ame, e ele tem que saber que isso não é amor, eu não vou ser também uma substituta de condessa.

—Quanto tempo, Maria?

—O meu mês.

—Quando nos reencontrarmos, você vai me ver e vai dar a sua resposta definitiva.

—Está bem.

—Se você não responder.

—Eu vou responder, Jack.

—Ok.

Sinto que o firo, mas em nenhum momento a voz dele falhou, não pareceu pesarosa, pareceu fria e dura comigo, inflexível, imagino que ele se sinta muito culpado, mas eu não sei se está realmente arrependido, mesmo que dentro do meu ser, queira acreditar fortemente nisso, eu o amo, claro que o amo, mesmo magoada, mesmo com meu quase ego ferido e mesmo com tudo, eu o amo profundamente.

—Eu te amo, João.

—Eu também te amo.

Ele segura a minha mão e me puxa para o seu colo, lembro da primeira vez que ele fez isso em Las Vegas, parece que faz tanto tempo, faz um mês apenas, naquela semana eu estava assustada e com medo, bem, agora me sinto assim, mas tenho absoluta certeza dos meus sentimentos.

Toco sua face e eu o beijo, senti muita falta da boca dele, do seu abraço, do corpo dele no meu, senti saudades de Jack na cama, acho que senti mais falta dele do que raiva, nos apegamos muito rápido.

Seu beijo é exigente e forte, sinto sua magoa e raiva, não recuo, ele precisa saber que eu não vou ceder dessa vez, quero que quando nos encontrarmos, tenhamos algo concreto, algo que não se baseie numa cama e momentos de briga, é ruim pensar assim, mas nosso mês foi basicamente isso, foi muita informação para um período de tempo muito curto também, precisamos disso.

—Trouxe algo para o Nando, não verei ele, por favor, aceite está bem?

—Tudo bem.

Me sinto mal em saber, sei que o Nando ficaria muito feliz em vê-lo, mas também sei que se ele entrar na minha casa, eu não o deixarei partir. Beijo ele novamente, guardo isso na minha memória, no meu coração, não por desejo, nem pela atração, mas por todo o amor que lhe dedico, duvido que algum dia me sinta assim ao beijar outro homem.

Não quero outro, quero Jack, e é isso o que mais me frustra, ele não merece que eu o queira, porque não é recíproco.

Olaf estaciona, chegamos! foi muito rápido.

—Atenda o celular.

—Está bem, João Lucas.

—Hum.

Ele não gosta que eu o chame assim, não me importo.

—Lembra que eu te falei sobre te dar um presente?

—Lembro.

—Quando nos vermos de verdade, eu vou te dar, está bem?

—Está bem.

—Amo você, para sempre, mas você precisa disso, eu também.

—Eu sei.

—Não fique triste, estarei com você para onde você vá.

—Você sempre está comigo, Maria.

—Te amo.

—Também te amo.

Beijo ele uma última vez, não quero largá-lo, Olaf já está saindo do carro, Jack me aperta, odeio despedidas, eu o largo basicamente por pressão, Olaf já abriu a porta do carro, é hora de partir.

—Nos vemos em um mês.

—Eu te amo, Maria Eduarda.

—Eu te amo, João Lucas.

E o beijo de leve, meus lábios estão úmidos e quentes por seu beijo, seu gosto, e o meu corpo está extasiado com seu abraço, mas abandono isso no carro e saio, não posso olhar para trás, e mesmo que pudesse, não olharia, seria dolorosamente destrutivo, nunca achei que me sentiria assim em relação a um homem na vida.

Tão forte para afastá-lo e tão frágil para mantê-lo longe.

Me sinto quebrada, inútil, péssima, e ainda sou dele, Olaf me entregas as minhas coisas, e bate à porta atrás de mim, subo na calçada, dou o primeiro passo no rumo do portão, e o segundo, e o terceiro, minhas pernas estão bambas, meus pés pesam, meu coração dói, quando entro pelo portão estou chorando.

Não nasci pra despedidas.

—Mas isso não é uma despedida definitiva!

É o meu consolo, então sigo pelo corredor que dá para minha escada, um pouco arrasada demais, Nando sai para fora, está no topo da escada, ele sorri, e é tudo o que eu preciso nesse momento, escuto o som baixo do carro partir.

—Até daqui a um mês, meu amor!



Minha terça é uma correria, Sandy veio cedo, em seguida tive que levar o Nando para escola, ontem foi uma noite estranha e dolorosa, eu mal vi a noite passar, não dormi direito, pensei em tudo o que conversei com Jack, e liguei o celular, li todas as mensagens dele no WhatsApp, 107 gritantes mensagens, basicamente se resumiam em “me atenda” ou “Maria, por favor fale comigo”, ele me ligou mais de 149, não, 151 vezes exatas, eu não sei por que me espantei, mas a noite ele não esteve online, como estava sem sono, coloquei em pratica o meu plano para apresentação de quarta, não estava bem, então nem fui pra faculdade. David ligou e me contou basicamente todas as fofocas sobre os preparativos de Fabi para apresentação dela, ignorei é claro, não estou interessada em mais problemas, só vou lá, mostrarei meu plano e farei minha defesa para Iago, e fim, se der bem, se não der, pelo ou menos eu tive

a oportunidade.

Não posso ficar me dando ao luxo de me preocupar com mais nada além do que já tenho.

Tenho uma mudança para organizar e foi isso o que eu fiz quando cheguei da escola do Nando com seu histórico, Juh já estava me esperando com as caixas abertas e uma cara de preguiça sem fim, minha irmã as vezes se supera no quesito “má vontade”.

Não tenho muitas coisas, coloquei a Juh para ir guardando as roupas do Nando e as coisas do quarto dele, e eu me encarreguei do meu quarto, fora todas as miudezas só tenho os meus móveis meio antigos.

As três o professor chegou, fiquei surpresa porque ontem ele não veio, mas também, eu trabalhei, então, não tive como ter a aula, acho que Jack já sabia de tudo, por isso ele pediu que Joseph não viesse. Acho minhas apostilas no meio da baderna das malas que ainda não consegui desfazer de Angra e coo um café.

A aula é mais produtiva que nunca, três horas seguidas de bastante conversação, Joseph pega bastante no meu pé, mas isso não é novidade, ele veio usando jeans e uma camisa polo até moderninha, chapéu e óculos, ele é meio branco demais, acho que até protetor passou, se ele não tomar cuidado, pode desenvolver alguma doença de pele, mal de Carsson.

—A Senhora se resolveu com o Jack?

—Sim, já falei com ele.

—Ele não está bem.

—Nem eu, Joseph.

Ele tem um senso protetor gigantesco em relação ao Jack, eu sei que eles são primos, então nem adianta me questionar por que, Joseph já está na casa dos quarenta e poucos, mas ainda é bem novo, apesar de ser um pouco magro demais.

—Maria, tenha paciência.

—Eu tenho, mas não vou permitir que Jack me chame de Soraya e me sentir bem por isso.

Joseph cora, começa a juntar as folhas, acho que ele não precisava dessa, mas eu não vou deixar que me veja como uma vilã, eu não sou de demonstrar os meus sentimentos, mas isso não significa que eu não tenha sentimentos.

—Sinto muito se sou indiscreto.

—Não é, você é da família, eu já conversei com Jack, apesar de tudo eu gosto dele, quero ele bem, mas ele precisa entender a nossa posição, um para o outro.

Ele me dá um pequeno sorriso e faz que sim com a cabeça, depois lhe sirvo mais um café e ele parte falando que amanhã virá no mesmo horário.

Mando Juh ir buscar o Nando, ela vai se arrastando, acho que mamãe e Van passaram o dia todo fora resolvendo a própria mudança deles, olho diversas vezes no celular, mas nada de Jack, pelo contrário, vejo uma notificação e abro a foto, Aécio.

“E aí gata, arrasando na cara das inimigas?”

Sorrio e respondo.

“Estou bem, te demitiram?”

“Não, né? Infelizmente”

“Sei”

Ele começa a gravar áudio, acho que o resto da minha tarde se resumirá em organizar a mudança e o meu plano para amanhã.

No meu quarto aproveito e tento ao máximo me concentra em tudo, arrumando a minha cama acho um pequeno embrulho no meio das cobertas, o presente que o Jack mandou para o Nando! Esqueci absolutamente, acho que Olaf tinha enfiado na minha cestinha de chocolates que está semivazia, coisa da Juh, pego o embrulho, ele é um pouco leve, quadrado e mediano. Meu Iphone vibra, desbloqueei, Aécio... Jack!

“Oi, boa noite”

Respondo imediatamente, estou de novo ansiosa.

“Oi, boa noite, Jack”

“Como está?”

“Bem, e você?”

“Em Dubai”

Em Dubai? Como? Quando? Por que?

“Você viajou?”

“É o meu trabalho, querida”

Ele está de mal humor, claro, claro, como eu achei que ele reagiria normalmente com a minha decisão?

“Estou arrumando a minha mudança, amor”

Jack só visualiza, depois ele digita, que demora.

“Que bom”

Ai que ódio!

“Bom mesmo, preciso entregar o seu presente para o Nando, o que é?”

“Surpresa”

Suspiro, acho que não vamos ter muitas conversas amistosas esse mês, vou ignorar ele também, não sou obrigada, estava ficando preocupada já, mas sei que Jack é um homem muito ocupado, só não imaginei que ele tivesse viajado de novo assim da noite para o dia, ele envia outra mensagem.

“Um dia passa, Maria”

“É, quem sabe um dia eu desculpo?”

“:.)”

“:.)”

“Amo você, vida”

“Amo você”

Sorrio, ele parou de digitar, acho que para o nosso primeiro dia do mês—definitivamente separados—foi bom, dentro do possível.

Sacudo o pacote quando escuto o berro gasguita do Nando, vou para sala, e mostro o presente, os olhos dele brilham.

—Do Jack!

—Me dá logo!

Entrego, e o Nando nem tira a mochila, se joga no sofá e vai rasgando o pacote com entusiasmo, fico surpresa ao ver que se trata de um Ipad novinho, então lembro que ele havia dito que daria um para o Nando de aniversário, meu celular vibra mais uma vez.

“Ele gostou”

Esse homem é fora de série, respondo.

“Coisa de Mister “M”? “

“Coisa de pai”

Me encho de um pequeno sentimento forte, suspiro, vou abraçar o meu filho, acho, que qualquer pessoa no mundo adoraria ser pai ou mãe dele, Jack quer ser o pai do Nando!



Levanto na quarta cedo, com tudo, meu plano já está pronto, separei meu melhor conjunto social e arrumei uns sapatos com a Sah, como ela voltou ao trabalho ontem, ela não veio para o jantar, mas ela vai passar aqui para me trazer os sapatos, acho eu que ela está lotada de trabalho na Agência, brinco muito com ela, mas sei que é bem comprometida com o trabalho, o pai dela é o dono, mas isso nunca significou nada além de um pequeno parentesco para ela, Sah sempre foi bem responsável em relação a essa área de sua vida.

Acho que não sou a única também que está se enfiando em algo para não ter que pensar em algum Carsson, quando conversei com ela por telefone ontem, parecia desanimada, totalmente diferente da minha melhor amiga alegre e sempre para cima, eu sou a desanimada, Sah é a garota feliz.

Alejandro mexe com ela.

Sandy chega as seis em ponto, ela me anima, me sinto motivada, ando sem sono, então preciso gastar toda a minha energia, ontem à noite mais pessoas descobriram que eu tenho WhatsApp, pelo menos dez pessoas da minha agenda me mandaram um “oi” ou um emoji sorrindo, me sinto até meio perdida em falar com tanta gente, mas quem eu quero que fale comigo nem deu sinal de vida.

Mamãe trouxe uma macarronada incrível para o nosso jantar, ela não parou de falar do novo apartamento, ela já foi no prédio e ela mesma já lavou o dela, Van parecia cansado demais, até com cara de trapo, ele deve estar se desdobrando para conseguir conciliar tudo, fiquei até com pena dele.

—Hei, está tudo bem?

—Está sim.

—Van, come aí.

—Obrigado.

Olhei para mamãe uma dezena de vezes, ela parecia muito feliz, Van não. Acho que pela primeira vez na vida, ele está experimentando estar na pele dela, estava acostumada a vê-la sempre cansada, agora, ela está feliz e com o semblante mais para cima, e ele parece exausto e cansado.

Talvez essa mudança seja mesmo tudo o que mamãe precisa, um apartamento bom e num bairro mais tranquilo, com acesso a tudo, Juh estará

numa escola melhor e o Nando também, mamãe me pediu até o histórico para poder levar na nova escola, segundo ela, a Juh e o Nando estudarão na mesma escola, uma escola particular no bairro mesmo, quando lhe questionei sobre quem pagaria, ela foi bem firme.

—Nós estamos pagando tudo.

—Não aceitaria nada de graça. —Van está devorando a macarronada. — Você sabe que da sua parte e do Fernando, ele quem está bancando, não sabe?

—Mas a escola não é cara?

—É, mas a Juh fez Enem ano passado e ela fez um exame de bolsa, não sou burra, pedi desconto, vamos pagar só 40% da bolsa.

Mamãe é um exemplo de muquirana, ela adora pechinchar tudo o que vê pela frente, acho que essa é a primeira vez na vida que eu não me sinto mal por ela implorar a alguém por um desconto, quando eu era pequena, ela vivia fazendo isso quando me levava para comprar roupa.

Fico admirada com o esforço deles a cada dia, mais ainda por parte do Van, nunca pensei que ele fosse fazer algo desse tipo por minha causa, mas chego logo a conclusão que ele faz isso pela minha mãe, porque sei que ele ama muito ela.

Ok, pelo menos nesse sentido.

Aproveitei o dia para continuar a guardar as minhas coisas, meu WhatsApp não me deixou em paz, mas fiquei muito feliz com um singelo “oi” de Patrícia e outro de Gil, Júlia também me falou “oi”, respondi para as três, sempre olhando para o perfil de Jack, sua foto cinza sem nada, esperando que ele falasse comigo, mas ele não falou, então, também achei que não deveria, ele deve ter muita coisa para colocar em dia, viajou para Angra por uma semana... ou também tem a hipótese mais provável, ele está me evitando.

Minha aula foi tranquila e alegre, hoje Joseph me ensinou sobre como posso fazer para pedir as coisas para as pessoas, Inglês é mil vezes mais prático e fácil que português, a colocação do verbo é incrivelmente de fácil domínio, acho que o meu único problema seja à conversação.

Mas até que não estou tão ruim assim.

Agora tomo meu banho para ir para a faculdade, o dia voou, Juh já chegou com o Nando da escola, David já me mandou umas dez mensagens falando para eu não me atrasar, ainda é cinco, as apresentações serão as sete, eu

deveria ter ido na faculdade na segunda para conversar com Iago e ver como poderia fazer tudo, mas não tive tempo.

Fiz minha defesa o que não é muito difícil, e me sinto pronta para a apresentação, vou abordar bastante o tema desse ano, eu já tinha uma tese de um trabalho do semestre anterior, não foi difícil, me entendo muito bem com o meu curso porque eu amo tudo o que envolve essa área, acho fascinante quando descubro novas leis, mas principalmente, o estudo do passado, a evolução da sociedade, também porque eu amo ler, assim que concluir esse curso, farei letras.

Vou aproveitar e mudar a minha grade, colocar as matérias do próximo semestre para esse, acho que para o período da tarde, aí tenho a manhã livre para poder fazer os meus exercícios com Sandy e assistir aula com Joseph.

Vai ser puxado, mas, eu não estarei trabalhando, então não devo me preocupar.

—Nós vamos também.

Olho para Sah, ela já está esparramada na minha cama com um vestido discreto e sapatos, maquiada, parece desanimada, nem vou começar a perguntar, senão eu vou começar a falar dos meus problemas e isso é a última coisa que eu preciso nesse momento.

Pego as roupas e vou para o banheiro, ela me chama discretamente de “boba”, sei que sou, a minha vergonha e pudor estão voltando, com Jack longe eu não gosto de pensar na ideia de ter alguém me vendo pelada por aí.

Visto meu conjunto, uma calça social, uma blusa branca de seda e o terninho preto por cima, prendo bem meus cabelos, e pronto, mais uma apresentação para faculdade, claro, sempre a exceção, odeio usar social no dia a dia, ainda mais com esse calor que faz aqui no Rio.

Vou para o quarto, Sah faz uma careta, e ergue uma sacola de grife—na qual ela está acostumada—ah não.

—Não, não e não!

—Você não vai com essa velharia, quero que você esteja bem.

—Me sinto bem.

—Duda, precisa se arrumar mais com zelo.

Respiro fundo, não posso me atrasar, claro que a Sah vai me levar de carro, mas preciso estar no anfiteatro antes das sete para me organizar, mesmo que ela não pudesse, eu pagaria um táxi para chegar mais rápido.

—Vai logo, veste essa belezinha.

A belezinha é um conjunto preto composto por uma calça boca de sino comprida e uma blusa que faz par com a calça, a blusa também tem o mesmo formato rodado da barra da calça na altura da minha cintura, ambos de malha, nem olho a marca, não tenho tempo para uma briguinha com Sah, volto para o banheiro e visto, quando estou pronta, me sinto chique com o conjuntinho, Sah chega com os sapatos me olhando de cima abaixo.

—Não disse?

Disse, e eu odeio quando você tem razão.

Calço os sapatos, ela sabe tanto que traz um de salto plataforma, isso não impede que eu tropece pelo menos três vezes antes de alcançar a minha cama, odeio, odeio sapatos, essas coisas não são de Deus!

Sah faz a minha maquiagem—eu deixo—com rapidez, algo bem básico mesmo, um make que segundo ela, é discreto e muito despojado, abraço ela quando termina, me sentirei eternamente grata por isso.

—Pago o vestido.

—Cala essa boca, Duda, vamos logo.

Acho que Iago não se importará se eu levar eles três, mamãe não está em casa e eu é que não deixo a Juh aqui sozinha, mesmo que ela jure de pé junto que terminou o namoro com aquele moleque.

Juh e Nando já estão bem vestidos na sala, Nando não larga seu HP, ele já está na Ordem da Fênix, está pronto com seu Ipad no colo, ele usa uma camisa social e calça jeans, um sapato no pé e a bota no outro, Juh um conjunto cor de rosa mais arrumadinho que ela tem, só faltou a minha mãe e é claro, o traste, ele vai as vezes, mas hoje a apresentação se restringe apenas para o reitor e o corpo jurídico, com sorte, Iago deixará eles entrarem.

—Pago uma rodada de sushi na volta! —digo e Nando se alegra, ele adora comida japonesa.

Pego a minha bolsa, me certifico que o meu pen drive está aqui, meu celular, indico as pastas em cima da mesa para Juh, ela vai pegar fazendo careta, a minha sorte foi que eu já tinha tudo pronto para imprimir, o resto foi só montar os slides da apresentação e o material complementar.

Saímos juntos, eu vou na frente com Sah e o Nando atrás com a Juh, fico um pouco ansiosa, mas me sinto pronta, Nando e Juh começam a discutir—é, eles vivem se matando as vezes—sobre os filmes de HP, Juh odeia ler, mas

ela adora cálculo e ela também adora ver filmes, ignoro eles, leio a minha cola, minha apresentação se resume em quatro tópicos, vou abordar uma matéria que vi na TV sobre a Redução da Maioridade Penal, e vou apelar para os artigos no código, já sei o que vou fazer.

—Ele ligou!

Estava demorando, Sah!

—E?

—Ele ficou chorando, Duda, ele está arrasado.

—Você também.

—É, eu não aguento quando o Alê me liga, ele não está bem.

—E o que você decidiu?

—Não decidi, ele quer que eu mude para lá, que loucura!

—Mesmo? Eu nem me dei conta que no final do ano eu vou.

Sah ri, mas com um desgosto imenso.

—Tenho medo de não dar certo.

—Vai dar certo, Sah, chama ele para conhecer a sua família, quem sabe ele não se sente mais seguro?

—Acho que vou fazer isso.

Acho que nunca dei conselhos tão bons para Sah, e também tenho certeza que Gabriel definitivamente ficou no passado, mesmo que esse pequeno problema com Alejandro esteja tirando a Sah de sua tranquilidade e vida de garota livre, acho que ele veio para mostrar para ela como funciona um relacionamento de verdade, Jack também veio para me mostrar isso, mas um lado mais sombrio.

Preciso me concentrar.

Dou um berro com os dois no banco de trás, eles se calam, tem hora que a Juh é muito infantil, Meu Deus do Céu.

—Está precisando do seu noivo!

Olho para ela mais que furiosa, ela se encolhe, que audácia!

—Não pilha, Duda —Sah aconselha. —Hoje é o seu dia!

Assim espero Sah, assim espero!



O anfiteatro da Gama Faculdade está um pouco vazio, alguns alunos da minha sala, outros membros do conselho e alguns do núcleo de práticas jurídicas, David vem correndo na minha direção assim que eu entro, ele está boquiaberto e maravilhado, tento sorrir, obviamente que não viria de all star, mas ele não esperava que eu viesse assim tão chique, aproveitei e coloquei um brinco assim que chegamos no estacionamento.

—Uau!

—Oi, David!

Trocamos dois beijinhos nas faces, depois ele vai todo alegrinho abraçar Sah, esses dois bebuns, nunca mais saio com eles, nunca mais.

—Menina, você está linda!

—Eu sei, eu sou linda!

—Vamos, Fabi já vai começar.

Fabi está no palco mexendo no computador, uma das amigas dela está entregando o cronograma para os professores que sentam à bancada, Iago está do lado dela arrumando o microfone, eu odeio apresentações em público, na verdade, não tenho jeito com nada dessas coisas, mas aprendi com o tempo e com o meu curso que é algo no qual usarei bastante no ramo.

Sentamos nas cadeiras da frente, Iago ergue o olhar e fica me olhando meio assim, ele é um homem de uns quarenta e poucos anos, moreno com uma postura impecável, é bonito, claro, beleza de berço, é um dos promotores de justiça mais bem renomados do Rio, atualmente é reitor da faculdade e professor nas horas vagas, ele leva uma vida de play boy, ao menos é o que dizem as más línguas, eu nunca o vi dessa forma, porque sempre me tratou com seriedade e de igual para igual.

Sorrio e aceno, Fabi fecha a cara assim que me vê, ela é uma garota loira de olhos verdes, magra e branca, de alguma forma ela me lembra Júlia por seus cabelos lisinhos, mas nada nela é muito bonito, a personalidade dela estraga, ela adora fazer pouco de todo mundo e se sentir a melhor da nossa sala ou em tudo, claro, é rica, filha de juiz, por que se sentiria diferente? Odeio gente metida.

Ela sai de trás do balcão testando o microfone, usa um vestido preto com

meias pretas e saltos agulha, ela fica perfeita em qualquer coisa que use, Iago desce pela lateral, depois ele vem no nosso rumo e estende a mão para mim, aperto rapidamente.

—Boa noite, professor.

—Boa noite, Eduarda!

E fica me olhando de um jeito estranho, apresento a Sah, o Nando—que não desgruda do Ipad— e a Juh, que parece bem mais interessada no Ordem da Fênix do Nando.

—Boa sorte!

—Obrigada, professor.

E ele se afasta em seu terno elegante, estou acostumada a vê-lo sempre assim, sapatos reluzentes, um Rolex no braço, ele tem uma elegância natural, acho o Iago muito charmoso, mas ele é do tipo de homem com quem eu nunca me envolveria, simplesmente porque um homem assim nunca olharia para ralé como eu.

Presto bastante atenção na apresentação de Fabi, a amiga dela—cara de bosta—está entregando panfletos, eu não pensei nisso, enfim, leio o cronograma, ela é a favor é claro, filha de burguês, burguês é!

—Hipócrita. —Davi está se inclinando na minha direção. —Você está vendo a defesa dela?

—Sim, podre!

Sah não desgruda do celular, nem se dá ao trabalho de ler o cronograma, Nando parece aquelas crianças viciadas que eu vejo no ônibus as vezes, mas vou deixar o sermão para outra hora.

“Para um bom entendedor não há nenhuma necessidade de proteger esses menores, todos sabemos a realidade do nosso país...

E Blá, Blá, Blá.

Que se segue por mais de quarenta minutos numa defesa sem fundamentos e muito superficial, claro, muito boa, mas quem entende a verdadeira essência do assunto, sabe que esse mundo onde ela vive é muito influenciável e mentiroso.

Meu celular vibra na bolsa, pego, várias notificações, eu nem havia visto, estava concentrada nessa mimada agredindo verbalmente a sociedade e a classe mais pobre, desbloqueio, nossa, muita gente falando comigo. Alejandro? Como você descobriu o meu número? Três mensagens da Gil,

muitas da Patrícia, Juh também, mas meu coração só dispara quando vejo as mensagens dele, já estou lendo.

“Muito trabalho, espero que dê tudo certo aí”

“Você está muito ocupada?”

“Maria, fala comigo”

Tudo isso em menos de um minuto, tem mais três.

“Maria, eu sei que eu sou difícil e um completo asno, mas, por favor, responda”

“Vida”

“Amor, desculpe por ontem, estava chateado”

E ele está digitando de novo.

“Fala comigo”

“Oi”

Estou sorrindo emoji bravo.

“Estava ocupada, Jack, desculpe, algum problema com a sua família?”

“Sim, todos acham que você me largou, isso é verdade?”

“Não, claro que não”

“Aliviado”

“Estou ouvindo a rival, ela é bem incisiva”

“Você consegue”

Sorrio, ah Jack, gostaria que você estivesse aqui, gostaria que me visse dando esse passo, mas também quero que você entenda que para fazer parte disso, você e eu temos que estar prontos para isso, para o nosso casamento, um para o outro, mais você que eu.

“Você não está esquecendo de me falar nada, Senhora Carsson?”

“Te amo, muitas saudades”

“Nossa, já estava demorando”

—Duda, é a sua vez isso é um Iphone?

“Preciso ir, nos falamos depois, beijo”

“Ok”

Ele está irritado, bloqueio o celular, coloco na minha bolsa e entrego para Sah, pego as minhas pastas e me dirijo aos professores na bancada, vou entregando o meu plano de ação para cada um, tento sorrir—o que eu nunca

faço, e tento não cair também—, no ultimo dou uma pequena tropeçada, ainda bem que aqui tem uma mesa, me seguro, me recomponho. David já está arrumando o computador para mim, ele tem o meu pen drive, Sah deve ter dado para ele, me sinto nervosa, subo os degraus do palco e vou até lá, fico do lado da parede branca, David me entrega o microfone e o controle para que eu passe os slides, sorrio, é o meu grande dia, espero que tudo dê certo.

—Boa noite, Doutores e Doutoradas da Gama, meu nome é Maria Eduarda, eu estou no oitavo período e esse é o meu trabalho, espero que gostem da minha defesa e que desfrutemos de uma noite muito agradável de grande conhecimento e aprendizagem, bem, vamos lá.

Minha abertura se baseia primeiro nos artigos da constituição que defendem cidadania, a dignidade da pessoa humana e principalmente o menor, depois nos artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente, minha apelação é fundamentada em virtude da falta de investimento na educação e segurança, e o ponto chave do meu discurso é baseado na formação de uma sociedade educadora e mais justa, finalizo com um vídeo que eu escolhi, uma matéria que eu vi do sistema prisional nos Estados Unidos e as leis para menores lá, quando o vídeo acaba, abro para as perguntas, Fabi é a primeira a erguer a mão.

—Qual o fundamento em suas perspectivas para que haja uma execução penal perfeita para esses menores?

—Não haverá execução penal, eles são menores, não podem responder mediante a lei assim, Fabi, eles cometem infrações!

Ela vai ficando vermelha, acho que no calor do momento ela acaba esquecendo as coisas, ninguém fala mais nada, caminho até a lateral, aos poucos começo a escutar as palmas, ufa, acabou!

Comprimento a bancada com apertos de mão, a professora Camila está com a turma do sétimo período na plateia, mas vem logo me dar os parabéns, ela me convence a tirar uma selfie com ela—odeio esse tipo de coisa—e tiro mais por educação mesmo, me obrigo a sorrir, minhas bochechas queimam, ganho parabéns de todo o corpo jurídico da faculdade, Iago se aproxima com um sorriso largo.

—Mandaremos a resposta por e-mail ainda hoje, fique atenta.

—tudo bem professor, muito obrigado pela oportunidade, de verdade, me sinto honrada com o convite.

Aperto a mão dele, sorrio, depois me afasto para onde a minha família me

espera, Sah está pulando de felicidade, estou confiante, acho que se eu não conseguir, não vai ter sido por falta de esforço, me vem de novo uma certa pessoa ao pensamento, ele vai ser o primeiro a saber sobre o meu desempenho, com certeza.



—Vocês viram a cara dela, gente? Como ela pode ter feito uma pergunta tão idiota?

—David, não!

Ele sabe que eu odeio esse tipo de coisa, estamos comendo sushi no restaurante predileto da Sah, não me sinto como se comemorasse nada, mas realmente, hoje é um dia para que eu ao menos esteja bem em algum sentido da minha vida, estou orgulhosa de mim mesma e empolgada, mas contida, pode ser que eu tenha ido muito bem, mas também pode ser que a bancada decida por Fabi, porque afinal, tenho professores que são contra e professores que são a favor nesse quesito.

Mas mesmo assim, valeu apena.

—Aí, nossa, você está muito na defensiva hoje, gata, relaxa!

—Você sabe que eu odeio esse tipo de coisa, e também, esquece ela.

—Ela odeia você, Duda.

—Tanto faz.

Acho que é isso, eu não me importo, como mais um sushi, Nando está devorando alguns rolinhos de arroz, Juh não solta o Ordem da Fênix, acho que HP ganhou mais uma fã.

Meu celular vibra na bolsa, Sah e David começam a falar sobre moda, eu já estou de novo no meu WhatsApp desbloqueando o celular, tem mensagem de algumas pessoas, mas eu só vejo o nome de Jack.

“Hei como foi?”

“Estou ansioso, fale como foi?”

“Você foi bem!”

“Vida eu sei que já acabou, Sarah me falou, responde”

“Ah, vocês estão num restaurante Japonês”

“Ninguém me convida”

Sorrio, e uma foto carrega, são duas barras de cereal.

“Dieta”

“Ok, estou com inveja de você”

“Amor?”

Amor!

Respondo imediatamente, ele está online.

“Oi, estamos sim, por que dieta?”

“Estou sem tempo mesmo”

“Você tem que comer”

Mando uma foto da nossa barca, depois outra do Nando comendo.

“Ele gosta de comida japonesa?”

“Adora”

“Sinto falta de vocês”

E hoje só é o meu segundo dia do mês sem Jack, suspiro.

“Também sentimos sua falta”

“Esse mês tem que acabar logo”

Concordo, mas ao mesmo tempo que desejo que passe rápido, também desejo que ele tire alguma coisa de tudo isso, não sei ainda que posição eu ocupo no pódio da vida dele, mas me sinto bem embaixo, Soraya no topo, afasto o pensamento, melhor nem pensar.

“Tem mesmo”

“Me manda uma foto sua para minha coleção”

Penso por alguns segundos, chamo o Nano, ele engatinha e senta no meio das minhas pernas, Abraço ele, e tiro uma foto com o meu melhor sorriso, Nando também sorri, envio, acho que essa ficou apresentável, Jack visualiza.

“Sinto sua falta, não vejo a hora de te ver, Duda”

“Eu também, não vejo a hora de te ver, João Lucas”

Depois estou rindo, Jack me envia um emoji com cara irritada, definitivamente não vou mais chamar ele de João Lucas, mesmo que adore esse nome.





Um Mês sem a Obsessão

Consegui!

Eu não acredito!

Fico olhando minha caixa de e-mail no celular, estou maravilhada, é um e-mail formal do corpo jurídico me convidando para ser a palestrante desse ano e me parabenizando pela minha excelente atuação de quarta, dou um pulo na minha cama.

Como eu faço para mandar isso para Sah pelo WhatsApp?

Vou para sala, acho que a Sandy já chegou, dei as chaves daqui de casa para ela ontem, hoje já é sexta, demorou, mas chegou, meu Deus não acredito.

Ontem eu fui para aula normal, depois do dia corrido e todos os acontecimentos da mudança—um caminhão veio buscar as minhas coisas—eu mal tive tempo de me preocupar com isso, mas agora estou totalmente feliz.

Chego na sala e Sandy já está aqui, muito focada em um livro de autoajuda, ela sorri assim que me vê, vou até ela e dou a notícia, começamos a pular juntas feito bobas na sala, ela me parabeniza infinitamente, sei que está verdadeiramente feliz por mim, Meu Deus, eu mal acredito.

—Agora, vai pôr a roupa para gente começar.

Olho em volta, minha casa está vazia já sem nada, apenas os sofás e os poucos eletrodomésticos que eu tenho, me mudo oficialmente para o novo apartamento amanhã, mamãe disse ontem que vai doar meus móveis, não estou feliz com isso, mas sei que se um dia fosse me desfazer das minhas coisas eu nunca teria coragem de vender, não sou rica, nosso bairro fica um pouco perto do centro, mas sei que tem pessoas no bairro mesmo que são muito humildes, eu nunca vendo nada quando quero me desfazer de algo,

acabo dando porque sei que tem muitas pessoas que não tem as mesmas oportunidades, e também porque não vejo sentido em vender, se for muito usado, jogo fora, ainda assim, as vezes têm alguém que vê e me pede, como a minha antiga tv.

Eu não tenho que trabalhar hoje, como resolvi a questão da minha grade ontem, terei esse último dia aqui em casa para acabar de resolver algumas coisas. A Juh já deve ter levado o Nando para escola, eu e Sah combinamos de almoçar juntas, tenho o meu inglês as 14:00 também, Sandy hoje está sendo ótima, mas acho que é o meu humor que está bem melhor depois da notícia de ontem.

Vou no banco também, tenho que resolver algumas questões do meu FGTS, e saber algumas coisas sobre a minha conta, o meu dinheirinho é bem-vindo esse mês, quero levar o Nando para passear, comprar umas roupas novas para ele, agora, com a mudança eu não sei o que me espera no novo apartamento, também quero comprar alguns utensílios domésticos para mim, o meu acerto vai dar para fazer muita coisa.

Ontem meu dia se resumiu em bastante caixas, algumas mensagens da família de Jack—que eu ainda não tive tempo de ler com cuidado—e um singelo “boa noite” dele no WhatsApp também, respondi, mas com um “boa noite, amor”, me senti meio idiota, mas não me arrependo, não quero que ele pense que a distância diminui o que eu sinto, só preciso desse tempo para pensar, para decidir se estou pronta para perdoar ele.

Sinto falta dele, sinto falta de sua presença, de seu toque, do seu beijo, da forma como ele me trata por “vida”, também sinto falta de fazer amor com ele, confesso, isso é algo que eu nunca pensei que fosse sentir, falta de SEXO.

Mas não é do sexo em si, sinto falta de Jack.

Mesmo ainda brava e magoada, sei que ele é uma espécie de remédio louco para mim.

Me apeguei rápido demais, me apaixonei inesperadamente, agora é difícil ter que me habituar com sua ausência, chorei um pouco ontem quando cheguei, mas me entreguei a exaustão, desde a quinta passada já não dormia direito, ontem eu dormi feito uma pedra.

O dia hoje vai ser fogo.

Assim que Sandy sai, entro no meu banho, sou rápida, em alguns momentos lembro sobre as vezes que estive nesse banheiro com Jack, e

quando volto para o meu quarto lembro que a nossa primeira vez foi nessa cama, cercados por uma centena de dúvidas e um desejo insuportável.

Minha mente está cheia de memórias dele, e de dúvidas, e mesmo distante, ele nunca foi tão presente em minha vida.

Melhor mandar uma mensagem de bom dia, quem sabe assim ele não para com isso? Afinal, eu quem estou brava, ele não tem esse direito.

“Bom dia, amor, tudo bem? Espero que o seu dia seja muito bom, estou com saudades, Maria”

Envio, suspiro, vou ler as mensagens de Patrícia, as de Gil, as da Juh 2, e do Alejandro, que mandou cinco, essa gente sabe se comunicar bem por rede social, mas pessoalmente é um desastre, primeiro as de Patrícia.

“Oi, Maria, tudo bem? Você e o Jack estão bem?”

“Já sinto sua falta, você é uma pessoa maravilhosa”

“Adorei as férias, espero que fique bem”

“Ansiosa para que venha para cá, beijos, Patrícia”

Que gentil, agora da Gil, são sete.

“Oi Duda, espero que você e o Jack estejam bem”

“Blair está comigo, Phelipe a deixou comigo essa semana”

“Sentindo sua falta, você precisa vir logo”

“Olha a Blair”

E uma foto de Blair carrega, suspiro, ah, minha fofinha, ela está sorrindo, sinto um aperto no coração.

“Ela sente sua falta, tomara que você venha logo, Gerald quer conhecer o Nando, saudades, e me responde”

“Beijo, da Blair e da Gil”

Ainda olho para a foto de Blair, depois começo as mensagens da Juh 2.

“Oi Duda, tudo bem entre você e o Jack?”

“Acho que você está triste por ele ter que viajar, né?”

“Estou com muita saudades, você é maravilhosa”

“Adorei as férias improvisadas”

“Te amo, e vem logo, já estamos ansiosas”

Respondo Juh, a última visualização dela foi há dois dias, já deve ter voltado para faculdade.

“Oi Juh, estamos bem sim, sinto sua falta, fica tranquila, boas aulas”

Também respondo Gil.

“Oi Gil, sou eu, saudades, a Blair tem o meu coração e eu amo ela, dá muito beijo nessa fofa por mim, quero te ver em breve, as coisas com Phelipe estão bem pelo visto, espero que dê tudo certo, beijo, Duda”

Agora a Patrícia.

“Oi Patrícia, estou bem sim, desculpe a demora, correria na minha mudança, sinto sua falta, espero que a minha conciliação tenha dado certo, você e Jonas estão bem? Estou com saudades, espero te ver em breve, Duda”

Agora Alejandro.

“Oi Maria, sou eu, me ajuda, por favor, convence a Sarah a vir me ver”

“Você sabe que eu amo ela”

“Ela te falou alguma coisa?”

“Espero que você e o João estejam bem, saudades do Nando, de você também, vocês dois tem que ficar juntos, abraços, Alê”

“E não fala para ninguém desse Alê”

Rio, respondo.

“Oi Alê, estamos bem sim, já estou conversando com a Sah, ela também gosta de você, mas você tem que ter paciência...”

Mal estou digitando e o meu celular vibra intensamente. Meu Deus, que gente mais ansiosa, Alejandro já está digitando, suspiro, deveria ter deixado para responder à noite, mas não quero parecer que não me importo com eles, são pessoas que eu aprendi a gostar realmente.

“Sim, eu já conversei com ela, vou aí na sexta conhecer os pais dela, mal acredito, obrigado cunhada”

Sorrio.

“De nada, fica bem Alejandro, se quer uma dica, tenha paciência com a Sah, ela é meio assim, mas ela gosta muito de você”

“Mesmo?”

Ele está feliz com isso tenho certeza, que gente carente!

“Sim, fica bem, o Nando também sente sua falta”

“Vou levar o meu x Box para a sua casa, posso ficar hospedado no seu apartamento?”

“Claro, mas duvido que a Sah deixe”

“Tomara ;)”

Rio, volto, e vou direto na mensagem de Jack, meu coração está disparando.

“Bom dia vida, desculpe, correria aqui, espero que você tenha conseguido sua semana de palestras, fica bem, dá um beijo no garoto, Jack”

Mas ele já não está mais online, sorrio, pelo menos respondeu, mais notificações das minha cunhada e das duas cunhadas do meu marido, ou da cunhada e da ex quase novamente cunhada de novo, tem que ter um jeito de falar com elas ao mesmo tempo, não posso ficar parando a todo momento, Aécio também está me chamando e David, acho que é por isso que eu sempre evitei ter uma vida social, eu não tenho paciência com tanta gente falando comigo ao mesmo tempo.

Caio deitada na cama, preciso responder a todos, Sah aparece e começa a digitar, como que faz para desinstalar isso sem que o seu bad romance te odeie por isso? Ele me mataria! A solução é responder.

Faço isso durante o dia, minha conversa com Aécio é mais sobre as mudanças na Meta, ele manda diversos áudios falando que a empresa foi comprada por um grupo que quer investir em tecnologia e que quem ficou terá que fazer cursos de gestão em TI, fiquei meio assim, mas segundo ele, a empresa será um pequeno polo no Rio para prestar serviços para terceiros nessa área, também vai abrir muitas vagas para atendimento, fiquei feliz de saber que ele não foi demitido.

No banco conversei com David sobre a aula de hoje, ele avisou que não vai, vai viajar com o namorado, claro que me pediu para copiar tudo, ele sempre faz isso, ontem nós dois ficamos a aula inteira mexendo em nossos celulares—eu nunca fiz isso na minha vida—, mas era impossível ter um celular com internet ilimitada e 5G e não usar, aproveitei e baixei centenas de livros no meu novo celular, e quando David me indagou sobre quem me deu, fui sincera.

—O meu marido!

Ele riu, mas ignorei, depois ele me largou em casa, como sempre, e foi embora, hoje, vou ter que pedir para Sah me buscar, se bem que acho que nem vou precisar pedir, ela está louca para conversar comigo, acho que vai acabar indo dormir lá em casa.

Segundo essa mensagem que leio agora, ela tem várias coisas importantes para me falar, aposto que é sobre Alejandro.

Tiro minhas dúvidas com uma atendente mal-humorada, depois ela me avisa que só posso dar a entrada nos papeis na data indicada, em quinze dias, eu não sabia, se soubesse, evitaria o desprazer de olhar na sua cara, sua azeda.

Saio do banco irritada, passo no mercado e vou lendo as mensagens de Gil e das meninas.

“Ele não sai do meu pé, eu estou essa semana aqui na casa do Gerald, até ele arrumar uma babá”

“Phelipe me beijou”

Que bafo! me sinto uma grande fofoqueira, arrasto o meu carrinho pelos corredores do Wal-Mart sem um pinga de ânimo, mas como eu pretendo passar essa noite lá em casa com a Sah, já sei que o fogão me espera.

“Não conversamos ainda, foi coisa de momento, estou confusa, não sei nem como olhar na cara dele, o que eu faço?”

Como seu eu soubesse, mas respondo.

“Fica tranquila, Gil, você é uma mulher forte e independente, não precisa ter medo do Phelipe, foi algo do passado de vocês”

E ela me responde imediatamente.

“Tenho medo que ele confunda as coisas, que espere algo de mim, eu não sei se posso fazer parte da vida dele”

“Converse com ele”

“Sobre o beijo?”

“Sobre tudo, acho que ficaram mal resolvidos, se você não sentir que resolveu nada, não poderá começar nada com ninguém, nem com o seu ex marido”

“Tem razão, você quer que eu te mande uma foto de Blair?”

“Com certeza”

Volto e vou para Patrícia.

“Estamos ótimos, essa viagem, seus conselhos foram decisivos, estamos conversando mais, fazendo planos, ele está aberto comigo, Duda, eu me sinto muito feliz”

Que bom que tem alguém feliz nessa família.

“Decidimos que vamos comprar uma casa aqui por perto, em Manhattan mesmo, posso falar algo?”

“É muito pessoal”

“Claro, Patrícia, fale”

E saio, vou para Juh agora.

“Oi, que bom que você está bem, Duda, quero muito que vocês fiquem bem, me manda foto do Nando? Saudades dele, de você também, estou na aula de economia agora, beijo”

Mando uma foto do Nando comendo sushi, uma das muitas que tirei na noite de quarta, volto e mais um estranho surge Jonas?

Isso já virou o programa da Oprah.

“Oi, sou eu, Patrícia e eu estamos bem, você e o Jack já fizeram as pazes?”

“Sim”

“Que bom, quando você vem?”

“Acho que em um mês, Jonas”

“Queremos sua opinião sobre algumas coisas, você está ocupada?”

“Um pouco, o que foi?”

“Patrícia e eu queremos comprar uma casa e adotar uma criança, mas Mirna não está feliz com isso”

“Imagino que não, mas é mais importante a Mirna ou a sua esposa?”

“Patrícia”

“Então?”

“Você é uma grande cunhada, bem-vinda a família”

“Obrigada Jonas, pode contar comigo para o que precisar”

Também estou surpresa com a intimidade que desenvolvi com essas pessoas, foram apenas dias de convivência, mas sinto como se nossos laços talvez durem para sempre, o meu bad romance que é bom, nada de interação, acabo comprando alface, tomate e rúcula, filé de peixe, e pronto, já sei o que vou fazer para o jantar.

Volto para conversa com Patrícia, já estou no caixa, curiosa, os Carsson são pessoas estranhas.

“Eu pretendo tentar seduzir ele, você acha que eu uso lingerie mais insinuativas?”

Dou o conselho que Sah e os meus colegas gays dariam.

“Deve”

“Jonas está dormindo no meu quarto comigo, mas ainda tenho receio, sinto que estamos dando passos importantes”

“Não precisa ter medo, Patrícia, você é linda”

“Ser linda não é o suficiente”

“Ele te ama”

“Você é um doce”

“Você que é”

“Ninguém gosta de mim e tal, Gil está conosco essa semana, estamos mais amigas e tal, só falta você”

“Vou fazer o possível para ir visitá-las em breve”

“Espero que sim”

Eu também Patrícia, mas até lá, muitas águas vão rolar.



A aula está meio parada, e tudo o que eu fiz foi ficar conversando com a família de Jack pelo WhatsApp, descobri algo prático, criei um grupo—com as orientações da Bruna, uma menina que senta perto de mim—e fui colocando todos os Carsson que eu conheço dentro do grupo, até o Jack, ninguém falou nada até agora, mas enfim, acho que é mais prático assim.

Minha tarde se resumiu em ter que arrumar meus últimos pertences para mudança, ter minha aula de inglês com Joseph, que estava muito bem-humorado hoje, e buscar meu bebê na escola.

Pedi o número dele também e incluí ele no grupo, uma hora essa gente vai ter que se falar.

Fico ansiosa, tento prestar atenção na aula, aula de Penal, minha grade ficou até justa, vou ter aulas de segunda a quarta pela tarde, na quinta e na sexta vou para o núcleo de práticas jurídicas e aos sábados, vou pagar o restante das minhas horas obrigatórias no corpo jurídico, acho que vai dar tudo certo.

E também acho que estudar é bem melhor do que trabalhar o dia todo, tenho poucas matérias para o último período, então, estou até feliz de concluir

tudo nesse resto de ano.

Jack tem razão, será mais prático para mim, assim não terei que começar em fevereiro, uma vez que só tenho três matérias no décimo período.

Vou conseguir.

Olho o grupo e fico agoniada, será que eles não gostaram da ideia?

—Você deve estar muito feliz.

Olho para minha esquerda, Fabi está mexendo em seu note cor de rosa, desde ontem ela está cultivando um ódio muito grande por mim, fica falando sempre que eu passo nos corredores e cochichando enquanto me olha, ela não superou a derrota, mas eu não tenho culpa se ela não foi escolhida, porque ambas tivemos as mesmas oportunidades.

—Estou.

—Vaca.

Viro para frente, ela implica comigo desde o primeiro período, me irritava muito no começo, hoje, aprendi que não adianta dar papo para esse tipo de gente, quero que essa aula acabe logo, Sah virá me buscar, deixei a Juh com o Nando, ela lendo e ele com seu quebra cabeças, uma cena muito incomum. Ela começou a Pedra Filosofal hoje, Nando fez questão de obrigar ela a lavar as mãos antes de pegar no livro, ele é muito enjoado com as coisas dele.

—Você é uma idiota.

Continuo ignorando, David provavelmente teria dado uma boa resposta.

—Vadia!

Ela fala num tom de voz muito baixo, educado, esse tipo de gente é a pior, se faz de santinha, filha do juiz, muito educada na frente dos outros, mas pessoalmente não passa de um ser humano baixo, que vive humilhando todo mundo para se sentir bem, conheço a Fabi, ela não vai me deixar em paz tão cedo.

—Teve que dar para alguém para ter esse Iphone? E essa aliança de mentira?

—Já chega! —Agora já deu. —Olha aqui, sua garota mimada, eu não admito que você fale isso para mim, eu estou cansada das suas insinuações, eu não tenho culpa se você foi infeliz com a sua pergunta na quarta, eu quero que você vá para casa do caralho, e pare de ficar me chamando de Vadia, porque vadia é a Senhora sua mãe, Vaca!

Pego a minha mochila, eu nunca fiz isso na minha vida, os meninos começam a gritar, fecho meu fichário e saio pisando forte, na minha sala somos apenas vinte pessoas, mas acho que esse é o desejo profundo de algumas pessoas dessa sala, cansei também, que ela vá para o inferno, escuto palmas e me viro para Fabi, ela está totalmente chocada.

—E se você ficar fofocando sobre meu nome, eu vou te denunciar por calúnia e difamação, sua louca!

E saio da sala, que ódio!

Vou para lanchonete, preciso tomar uma água, não quero voltar para sala, estou coberta de vergonha, vergonha demais por tudo, mas principalmente, raiva, não sou uma pessoa agressiva, mas hoje, já deu o meu limite, pego a fila do caixa, a área é aberta, está calor, acho que vou pedir um café.

—Um café, por favor, e um sanduíche natural.

Entrego o dinheiro, pego o meu pedido e procuro uma mesa bem longe do movimento, olho para o meu Iphone, no grupo nenhuma mensagem, me sinto no vácuo, acho que posso colocar a Sah e a Sandy, quem sabe elas não animam o grupo? Abro o meu sanduíche e fico olhando a tela, posso mudar o nome do grupo, mudo, “Família Carsson”.

E... nada, acho melhor eu mesma começar, por que eu devo começar? Bem, porque não quero milhares de notificações de cada um deles lotando o meu celular, esse WhatsApp é para me comunicar com o Jack, se bem, que tenho certeza que se eles quiserem falar, vão me chamar no privado mesmo.

E se eu gravasse um vídeo? Talvez isso os motive, estou morrendo de raiva da Fabi, preciso me distrair.

Coloco o celular diante de mim e mordo meu sanduíche, aperto no gravar.

—Oi gente, e aí? Tudo bem? —Bebo um pouco de café. —Estou me sentindo horrível com a forma como uma colega da faculdade me tratou, ela foi muito grossa e me humilhou bastante, me sinto mal, espero que onde quer que estejam, fiquem bem, até mais.

E aperto para parar de gravar, estou quase chorando, isso soou como um desabafo mesmo, isso é um pouco ridículo, melhor não, onde deleta esse vídeo mesmo? Aperto no “X”, mas meu dedo—exagerado—foi direto no enviar, fico apavorada, o vídeo já carregou, e já foi enviado!

—Merda!

Já visualizaram, não sei quem, deixo o celular na mesa e vou devorando o

meu sanduiche, estou nervosa e apavorada, como eu pude fazer isso? Que idiotice!

Preciso eliminar esse grupo imediatamente, Meu Deus, Jack viu isso! Ele viu!

Pego o Iphone, eu nunca fiz algo tão estúpido na minha vida, desbloqueio, e para minha surpresa, tem várias mensagens, Gil, Patrícia, Juh, todas comentaram, Sah mandou um emoji irritado, e Sandy mandou um emoji boquiaberto, Gil mandou uma mensagem enorme em apoio a mim, assim como Patrícia, vou descendo e lendo as reações dos demais, estou bem mais que surpresa.

—Duda!

Dou um pulo na cadeira, nossa, Iago, não faz isso comigo, meu coração está pulando.

—Professor Iago, boa noite!

Ele está como sempre, de terno, um sorriso bonito e sapatos reluzentes, ele indica a cadeira e faço que sim, as mulheres ficam olhando para minha mesa, algumas nem disfarçam, fico sem graça, mas enfim, sei que a beleza alheia é algo que atrai bastante os outros, eu, só atraio problemas.

—Fiquei sabendo que houve um desentendimento entre você e a Fabi.

Bebo um gole de café, as notícias voaram então.

—É, eu dei uns gritos com ela.

—Não precisa ficar nervosa Eduarda, eu sei muito bem que a Fabi não é flor que se cheire.

Respiro aliviada, ainda bem.

—Você foi muito bem na apresentação, tenho certeza de que será uma ótima palestrante.

—Obrigada professor, e me desculpe qualquer coisa, mas hoje passou dos limites.

—Ela a ofendeu?

—Nada que eu não esteja acostumada, mas odeio insinuações a respeito da minha vida.

—O que ela falou?

—Basicamente, me chamou de vadia.

Ele não está surpreso, fico meio aérea, acho que acabei chorando, fungo,

tomara que eu não tenha filmado a parte que eu chorei.

—Você é uma moça correta e de família, Duda, não precisa se preocupar.

—Ela insinuou que eu me prostitui para pagar o meu celular, eu não fiz isso, professor.

Acho que os acontecimentos estão me deixando só pior, estava feliz hoje de manhã, agora estou totalmente triste, mesmo que não deva, seco as minhas faces, meu celular começa a vibrar freneticamente.

—o David vai te levar?

—A Sarah vem me buscar.

—E essa aliança?

—Eu casei.

Iago você também, não, mas não adianta, ele já está me olhando com aquela cara de “mentira” que David fez quando contei ontem, não me irrita, mas isso é incomodo e constrangedor.

—Casou?

—É, há um mês.

—Mas já tinha namorado? Nunca te vi com ninguém!

—Pois é!

É a única coisa que sou capaz de falar.

O que posso dizer? Vou contar da minha vida para o reitor da faculdade?

Ele fica me olhando em silêncio, as vezes acho o Iago tão sistemático, mas em outras ele é muito engraçado e dinâmico, principalmente nas palestras da faculdade, ele sempre faz algumas piadas a respeito de todo o mundo jurídico e da carreira acadêmica dele, há quem diga que muito antes dele assumir essa postura séria e de alto escalão, era um estudante bagunceiro e muito popular, outros falam que ele sempre foi muito dedicado aos estudos e muito focado em seus objetivos.

Eu nunca parei para prestar atenção nele, ele é moreno, tem olhos castanhos arredondados, cabelos curtos, a boca dele é vermelha e pequena e o rosto meio cumprido, mas ele é muito bonito, acho que é descendente de turco, por causa do sobrenome, Dibb Saad, Iago Dibb Saad, eu acho que esse é o seu nome.

—Que pena!

Que pena?

Fico parada olhando para o reitor, como assim, que pena? Ele parece de repente sem graça, os ombros duros, eu estou dura, não acredito no que ele acabou de falar.

—Você é uma moça muito bonita, Eduarda.

E desvia o olhar, eu desvio o olhar, começo a ficar vermelha, que papo é esse, Iago? Você nunca trocou mais de duas palavras comigo.

—Eu sempre achei é claro.

—Obrigada!

É o que eu consigo dizer, Iago me acha bonita? Eu? A garota gorda que vive esbarrando em todo mundo enquanto tenta chegar no horário na sala? Eu, que só ando de tênis e jeans? Eu, a “lésbica” da faculdade?

—Não temos muita intimidade, hoje havia pensado em você bastante, você é brilhante.

—Obrigada professor.

—Iago.

—Obrigada Iago.

Estou morrendo de vergonha.

—Pensei que um dia notasse.

—Notasse o que?

—Que eu sou apaixonado por você!

Ah Meu Deus!

—Não, não se assuste, por favor, eu que sou meio fechado mesmo, eu não diria assim, estou nervoso.

—Eu também.

—Você nunca percebeu?

—Percebi o que, professor?

—Que eu fico te olhando?

Você fica me olhando?

—Não professor, por que olharia para mim?

—Porque você é linda!

Meu Deus.

Tento sorrir, olho para ele, ele permanece parado, calado, apenas me analisa, estou vermelha, além de Jack ele é o único homem na face da terra

que fala isso.

—Eu realmente pensei que houvesse notado, todo mundo sabe.

David sabe, ele me falou naquele dia por telefone, Droga, mas achei que ele estava brincando! Poxa Vida!

—Não que eu tenha dito. —A voz de Iago está baixa, acho que ele está constrangido. —Agora você casou, cheguei tarde demais, eu acho.

—Professor, por que não falou isso antes?

—Não sei, acho que por medo de uma recusa.

—Eu, recusando o Senhor?

—É, sou bem mais velho.

Também é mais inteligente, mais bonito, mais rico, e não precisaria de uma mulher como eu para nada, poxa, me sinto como numa conversa com Jack, nego, minha cabeça está girando, claro, Iago deve ter seus 45 anos, mas ele é um homem bem conservado.

—Desculpe professor, não poderia adivinhar.

—Eu sei.

E sorri para mim, fico sem graça, realmente, nunca saberia se ele não falasse, acabamos rindo.

—Amigos?

E estende a mão para mim, sorrio, e aperto a mão dele.

—Amigos!

—Achei ela! —Escuto a voz familiar se aproximar.

—Aí, Duda, graças a Deus, está tudo bem? —Sah está sentando na nossa mesa, ela ainda usa as roupas da academia. —Você está bem?

—Estou—respondo a força. —Ela me chamou de Vadia, Sah!

—Oi. —Sah me dá o ombro enquanto acena para Iago, a Sandy já está sentando na cadeira da direita, acho que as duas estavam malhando juntas na nova academia do Van e da Sandy.

—Oi —Sandy fala para Iago. —Duda, não fica assim.

Só quero ir embora daqui, que vergonha! Não apenas pela briga com a Fabi, mas por tudo o que acabei de ouvir do reitor Iago.

—Fica calma—Sah fala preocupada. —Aí, Duda, você sabe que essa vaca é insuportável.

Foi o jeito como ela falou, me senti tão sem valor!

—A gente veio buscar ela —Sandy explica para Iago e começa a pegar as minhas coisas.

—Claro. —Iago levanta. —Iago!

—Sandy!

Eles trocam apertos de mão, olho para Sah, estou mesmo abalada, sensível, tudo, melhor ir mesmo para casa, pego o meu celular, mas não me animo em olhar, só quero ficar um pouco quieta, sozinha, talvez funcione, costumava funcionar antes pelo menos, agora, já não sei se isso é a solução.



Acho que preciso de um tempo da minha atual vida.

Hoje é o dia da minha mudança, mas não estou com cabeça para nada, eu mal consigo me mover na cama, fui dormir à base de um remédio que Sah me deu, estava muito nervosa, e eu mal voltei das minhas férias, eu nunca fui assim, esses últimos acontecimentos estão me deixando louca.

Não tive coragem de olhar no celular ontem, quando cheguei só conseguia pensar em tudo o que aconteceu na faculdade, a minha briga com a Fabi, as declarações de amor do Iago e a minha posição em tudo isso.

Essa loucura que chamo de vida.

Não era assim, nunca fui, eu não sou na verdade, e sinto medo de continuar nesse rumo, é como se eu mesma colocasse uma corda no meu pescoço e em seguida pulasse do banco, depois eu provavelmente estaria morta por dentro, de novo.

Como eu me sentia em relação ao estupro no começo, um lixo humano, aprendi a lidar com isso, mas hoje, em vista de todos os problemas que passo, esse parece ser o menor deles, e também porque na época eu era apenas uma menina, hoje não.

Também por causa da minha situação com Jack, não consigo parar de pensar nele, a declaração de Iago mexeu comigo, se essa era sua intenção, então ele conseguiu, acabei sonhando com ele, coisa que eu não deveria, nada demais é claro, mas sonhei, sonhei com o reitor da faculdade e eu sentados num banco tomando sorvete, o cara perfeito com a garota imperfeita, mas sorriamos e conversávamos, algo agradável e muito natural.

Tudo era claro, tudo era transparente, não havia um passado tenebroso, não havia escuridão, e ele não havia me chamado de Soraya, e não havia doença alguma, apenas duas pessoas normais que se olhavam e sorriam enquanto tomavam sorvete.

Sonho idiota!

Tenho que esquecer esse sonho, Iago para mim não é uma opção, ele é o reitor da minha faculdade, e só, por que ele tinha que “aparecer” agora e causar esse reboliço em mim? Precisava dele se declarar?

Pego o meu celular, preciso conversar com Jack, sei que preciso.

Ignoro todas as outras mensagens, ignoro o grupo da família Carsson e aperto direto no contato dele, tem algumas mensagens.

“O que está havendo?”

“Maria, você está nervosa, fique calma”

“Se eu estivesse aí, isso não aconteceria”

Com coisa que você estaria na faculdade bem, pensando bem, talvez não acontecesse mesmo, vindo de Jack, tudo é possível.

“Fique calma”

“Só me fale o nome dessa garota”

“Fabi? Entendi”

Quem falou o nome dela para Jack?

“Amor, sei que está mal, fale comigo”

Suspiro, por isso que eu não desisto dele, Jack é um grosso, mas... mas ele se importa comigo como ninguém, ele quer cuidar de mim, e mesmo que não me ame de verdade, ele sempre quer me ver bem.

“Vida, bom dia”

“Bom dia, Jack”

“Você está melhor?”

“Sim, e você?”

Começo a chorar, gostaria mesmo que as coisas entre a gente não tivessem chegado a esse ponto, gosto mais dele do que jamais gostei de alguém em toda a minha vida.

“Vou te ligar, está bem?”

“Não”

Mas o meu celular já está tocando, respiro fundo, prometi a ele que atenderia.

—Oi amor!

Ah Jack, não fale assim comigo, está bem?

—O que foi?

—Nada.

—Você está chorando. —A voz dele está dura. —Maria, por favor, não diga que você está chorando por causa daquela idiota.

—Sinto sua falta.

Ele suspira, engulo o choro.

—Também sinto sua falta, querida, gostaria tanto que estivesse aqui comigo.

—Jack, o que você sente por mim?

—Muitas coisas.

—Mas você sente como se eu fosse brilhante? Sente amor? Me acha linda?

—Eu te acho fora de série, Maria, o que está havendo?

—Tenho medo que isso não seja o suficiente para mim.

—O meu amor?

—Talvez não seja amor.

—É amor, Maria, não fale isso, estou me controlando ao máximo para não ir, ontem depois daquele vídeo, eu quase mandei arrumarem o avião, eu não suporto que sofra.

—Você está em Dubai?

—Sim, daqui vou para Índia.

—Está bem, hoje é a mudança.

—Eu sei, você vai gostar do lugar.

—Espero que sim.

—E aquele... grupo?

Suspiro, acho que ele não gostou.

—Apenas para nos comunicarmos, acho que não consigo falar com várias pessoas ao mesmo tempo, e todos tem meu número.

—Pode bloqueá-los.

—Jack, é a sua família.

—E daí?

Quero rir porque fico imaginando a carranca dele, ele é tão genioso!

—Já falamos sobre isso.

—É, infelizmente essa gente tem o meu sangue, se sentem no direito de invadir a minha vida.

—Preciso ir, nos falamos depois.

—Está, você vai para faculdade hoje?

—Não, eu não estou bem, prefiro ficar no novo apê. —Já parei de chorar.

—Fica bem, ok?

—Na medida do possível...

—Amo você João Lucas.

—Amo você e não me chame por esse nome.

Desligo, olho para o celular, mando vários coraçõezinhos coloridos para ele, Jack manda um enorme que se move de volta para mim, sorrio, bem, mais um dia longe de Jack se inicia, mas eu nunca me senti tão próxima dele.



Mamãe teve a ideia brilhante de me colocar uma máscara de dormir nos olhos durante o percurso até o novo apartamento, entrei no jogo, já estou bem acostumada com isso, mãe, o Nando não fica quieto um segundo aqui no banco de trás, mas enfim, chegou o grande momento, vou conhecer meu novo apartamento!

Van dirige igual a uma menina, Juh está reclamando do barulho do som, eu acho que ela se apaixonou pelo HP também, mamãe está radiante e muito feliz, a partir de hoje ela também não terá que voltar para casa.

Sair de lá foi doloroso para todos nós, foi algo do qual nunca pensei que aconteceria na minha vida, deixar meu sobrado foi péssimo, vivi tantos momentos ali, eu acompanhei a construção, eu mesma pintei ele por dentro sozinha, e eu fui colocando cada móvel um por um lá. Quando desci a escada, olhei para trás e foi como se deixasse uma pequena parte de mim, alguém que sempre fui ficou sentada no topo da escada, uma garota solitária com um livro na mão e cheia de espinhas.

Mamãe não chorou muito, mas percebi que Van ficou meio assim, ele se

sacrificou muito para reformar a casa e tudo mais, Juh ficou resmungando sobre ter que deixar seu quarto—meu antigo quarto—para trás, mas sei que ela está triste com tudo.

Então nosso lar foi ficando para trás, Nando me abraçou, pude sentir sua dor silenciosa, nossa nova vida longe dali começara hoje depois do almoço.

Agora estamos a caminho do novo apartamento em Copa, estou ansiosa e curiosa, mas não estou assim muito contente, acho que ter deixado minha casinha para trás me deixou infeliz, até mais do que eu deveria.

Sah foi na frente é claro, hoje eu terei aulas de inglês no meu novo apartamento, Sandy também foi convidada para conhecer, não consigo disfarçar o meu nervosismo.

—Chegamos.

Mamãe me ajuda a sair do carro, tento escutar algum som, mas pelo eco das vozes sei que estamos num estacionamento, andamos, sinto um frio pesado na barriga, a cada passo mais próxima da minha nova realidade, não faço a mínima ideia de como seja o novo apartamento, mas espero que seja bem confortável, que medíocre da minha parte, claro que é, é um apartamento em COPACABANA, sua bobinha!

Isso me deixa com o pé esquerdo atrás, e o direito mais atrás ainda, tropeço para entrar no elevador, mamãe ri, e o Nando já está me abraçando, ele está tão assustado quanto eu, mas creio que seja porque ele vê e eu não.

Calma meu filho, mamãe usa mais coisas dessas do que você imagina.

Estou tão ansiosa que fico contando mentalmente quanto tempo demora para chegar ao andar, já contei mais de trinta segundos, o som das portas se abrindo, pronto, mamãe está me guiando, saímos do elevador, conto uns dez passos até chegarmos e pararmos, nossa, já?

—Pronta para conhecer sua nova casa?

—Aí mãe, anda logo.

Acho que só mamãe mesmo que está feliz, escuto o som das chaves, então a porta se abrindo, e mamãe me puxa, depois ela arranca a máscara dos meus olhos, pisco, e a minha reação é de choque total.

Ah Meu Deus.

Estou diante do mar numa sala gigantesca com mais de quatro ambientes... não, cinco ambientes, a minha direita um sofá grande e marrom de frente para uma tv de led gigantesca, tem móveis para todos os lados, mas não muitos,

olho para o chão, é porcelanato cor de pastel, o sonho de qualquer dona de casa decente, é claro.

Coloco as mãos na boca, nem quando estive no Hilton fiquei tão maravilhada, Nando corre para o sofá e pula lá, Juh também, Van vai na frente indicando a sacada, a vista é simplesmente maravilhosa, toda a imensidade do mar verde de Copacabana.

—Não é lindo, filha?

—É perfeito, mãe, mais que um sonho.

Ando pela sala observando os móveis, a sala de jantar tem uma mesa para umas doze pessoas, uma luminária que parece um cacho de uva de cristais muito chique, as cadeiras são estofadas e a mesa com uma pedra de mármore linda, tem vasos de flores para todos os lugares, orquídeas, flores, e o meu buquê que ganhei dele na segunda, mamãe trouxe ontem, nesse outro ambiente tem um piano preto com calda, fantástico, coisa de outro mundo, com dois sofás espaçosos e um centro com uma orquídea azul perfeita, abro o piano e meus dedos deslizam sob as teclas fazendo barulho, sorrio, me sinto boba.

Estou boba.

Estou bem mais que boba, estou estarecida.

Sah vem correndo—não sei de onde—, sorrindo com uma xícara de café para mim, olho para vista espetacular, estou sem palavras. Jack, você me surpreende cada dia a mais.



3 Semanas sem a Obsessão

—E então?

Acabei de entrar no meu quarto espetacular com vista para o mar, estou deitada, a voz de Jack não poderia me deixar mais feliz, ele está ansioso.

—Oi, Jack, eu estou bem e você?

—Por Deus, Maria, fale se gostou!

Se eu gostei? Eu amei!

—É bonito.

—Só bonito?

—Você entendeu.

Estou no paraíso, Jack sabe que eu amei cada detalhe desse lugar, amei os quartos, todos são suítes e enormes, acho que cada quarto desse equivale à metade do tamanho do meu sobrado, sem falar que todos tem closet, não, pensando bem, é bem maior que o meu sobrado.

—É perfeito.

Ele solta o ar, e eu já sei que ele está tendo algum tipo de crise de ansiedade, tudo isso para me ouvir falar se gostei de seu apartamento, ok, já sei, você tem esse lado completamente paranoico.

—Que bom que gostou.

—Tem um piano, isso é muito clichê!

—Para eu tocar quando eu for aí, amor.

Ah Jack, Pare! Pare! Pare! eu ainda não sei se te perdoei.

—Ok, parei, então, você já entrou no nosso quarto?

Nosso quarto!

—Sim, a cama é enorme.

—Precisamos de espaço.

Eu adoro espaço, pena que na minha casa antiga não tinha muito.

—Aham, eu gostei daqui, é simples, porém, chique.

—Eu mesmo mandei redecorar.

Você tem um gosto incrível, sofisticado, mas ao mesmo tempo, bem enxuto, o nosso quarto é composto por uma cama com dois criados e dois abajures pequenos cor de palha, uma mesa no canto com uma pequena gaveta e um vaso de orquídea cor de rosa choque, uma porta que dá para um closet

enorme e vazio e a outra que dá para um banheiro, mas o banheiro é bem mais sofisticado, tem banheira, box duplo, lavatório duplo e até dois vasos, não entendo para que dois vasos, não tem bidê, tudo de cor mais pastel, mas as paredes são branco gelo, o teto também.

—Que bom que gostou, vida.

—Eu achei tudo perfeito, obrigada, João Lucas.

—Maria, não me teste.

Rio, e escuto uma risadinha dele do outro lado da linha, acho que é a primeira vez que ele ri desde que foi embora.

—E o Nando?

—Ele está jogado na cama dele, ele mal acreditou que seja de casal.

—É para ele ter mais espaço quando você quiser dormir com ele ou a Sarah.

—Você sabe como se desculpar, Jack.

—Não faço isso por perdão, Maria, faço isso porque quero que tenham o melhor.

Poxa Vida.

—Desculpe!

—Tudo bem, você não quer tirar a roupa e relaxar um pouco?

Estou empolgada demais para isso.

—Tenho meu inglês daqui a pouco.

—Tem academia no prédio, pode descer e fazer seus exercícios com a Sandy diariamente lá, e como a cobertura é nossa, pode usar a piscina.

—Que piscina?

—A da cobertura amor, é só subir as escadas, toda a área é nossa.

Poxa Vida!

Me jogo na cama, estou sorrindo, maravilhada, feliz, empolgada, tudo!

—Obrigada mesmo, Jack, não tenho palavras para agradecer sua generosidade.

—No final do mês você poderá agradecer pessoalmente.

Ele está muito ansioso por isso, mas não sei se é de uma forma positiva ou negativa, eu não sei se a doença o afeta muito em relação a mim quanto no começo, eu também estou curiosa, mas não sinto como se isso fosse o mais

importante, mais importante é saber que Jack me ama, é perdoá-lo, é prosseguir com ele ao meu lado.

—Jack, não me importo com a sua aparência, aceito sua doença.

—Isso precisa acabar, vida.

Ele está decidido, mas não quero que seja por mim.

—Está fazendo isso por você mesmo?

—Sim, acho que já passou da hora de mudar a minha vida, quero tudo com você, e para isso, preciso perder o medo de estar com você, medo de que me veja.

—Eu te amo Jack, amo mais que tudo, sinto que essa distância te faz bem, para você refletir.

—É, mas isso me causa uma dor emocional muito forte, sinto sua falta e fico a todo tempo preocupado.

—Mas está aprendendo a lidar com isso, não está?

—Sim.

—E acha que pode ser que sinta mais amor do que preocupação, ou essa mania feia de me perseguir?

—Maria, o que eu sinto é muito mais forte que amor, não comece, está bem? Estou tão feliz que tenha gostado, isso significa muito para mim.

Acho que para Jack, é como se estivesse construindo sua própria base, sua nova vida. Sorrio, porque é isso o que eu quero, que ele viva o presente comigo, que esqueça o passado, que esqueça Condessa.

—Eu te ligo mais tarde.

—Está bem, vou esperar.

—Cuidado com o blindex, mas já mandei colocarem redes por causa do Fernando.

—Obrigada.

—Amo você, Maria, não esqueça, esse louco perseguidor sente muito sua falta.

—Também amo você, muito.

—Cuida do nosso Fernando.

—Ok, se cuida.

E ele desliga, olho em volta, dou um pulo. Estou mais feliz pela minha

conversa com o meu Bad Romance, que por estar aqui em si.

—Nossa cama! —digo ao me esparramar ainda mais.

E eu mal vejo a hora de estreá-la.



O meu fim de semana foi na praia.

Nando, Sah, minha família e eu, aproveitamos o domingo na praia de Copacabana, do outro lado da rua. Sandy também ficou com a gente, o que me deixou muito feliz e empolgada, porque ela nos deu aula. Mamãe quase quebrou a perna fazendo ioga, mas ela sobreviveu. Juh pareceu alheia a tudo e, Van bancou o playboy que ele sempre foi.

Ele também discutiu com a Sandy sobre os aparelhos da nova academia, que fica a três quarteirões do nosso novo prédio, e com a Sah porque eles não resistem a uma boa briga. Ela parece melhor esses dias, claro que estranhei o fato do Alejandro não ter vindo, mas preferi acreditar que em algum momento ela vai conversar comigo sobre isso.

Juh ficou lendo o tempo todo, vidrada, no final das contas, ela foi a que menos aproveitou. Conversei bastante com a família Carsson, o grupo parece mais alegre, Juh 2 não para de mandar emojis e fotos da universidade, Gil manda fotos de Blair, e Patrícia de seu cachorro.

Me sinto como aquelas mulheres que vivem conectadas o dia todo, mas enfim, também converso com elas, Jonas só manda emoji rindo e Alejandro sumiu— acho que por culpa da Sah —, Sandy e Sah também interagem com as meninas, mandam fotos da praia e tudo, mando fotos do Nando, porque é dele que todas querem saber.

Quando me sinto viciada, eu olho para o Nando, ele não desgruda desse Ipad, só a noite, que ele lê seu HP, acho que está na hora de estabelecer limites.

Meu domingo se encerra com um pôr do sol maravilhoso dessa praia, vim aqui poucas vezes, não costumo ter muito dinheiro para andar na zona sul, agora vou morar aqui, de frente para calçada da fama.

Nem consigo acreditar.

Pensei bastante em Jack, ele não ligou mais desde ontem. Minha chegada ao novo apartamento me deixou tão animada que pedi pizza, e esse foi o

nosso jantar ontem. Mamãe nos convidou para conhecer seu apartamento, que fica no andar de baixo do meu, vamos jantar lá.

Me sinto mais próxima dela, da minha irmã, e até do Van. Antes eu odiava sair com a família, ainda fico meio assim, mas prefiro entender que a minha mãe — agora que sabe de tudo — não vai sair de perto de mim, talvez eu não queira que ela saia, porque ela finalmente está me tratando um pouco melhor do que me tratava antes da viagem, me dá mais atenção e um pouco de carinho.

Me sinto mimada e feliz.

Nunca fui mimada, feliz dentro do possível.

Tomei bastante sol, e o meu rico dinheirinho deu para pagar bastante água de coco para o meu filho. Voltamos para casa às 17:30, a portaria aqui é administrada por um porteiro de terno e tem um segurança que fica no portão, ambos sorriem e nos cumprimentam com bastante educação. Eu duvido que possa ser tratada assim em algum outro lugar.

Mamãe e Van começam a se pegar no elevador, isso é constrangedor, acho que hoje tem.

—Ai gente, para! —Estresso, sei que estou fazendo uma cara de nojo impressionante, sou boa em cortar a onda deles.

—hoje à noite vai ser um jantar muito especial—mamãe fala radiante. — Temos uma novidade.

Conheço essa cara de “aconteceu algo maravilhoso” da minha mãe, ignoro, e no fundo sei que estou morrendo de inveja porque ela está feliz e eu não, não como eu gostaria de estar, ela tem um marido fiel e normal e eu não, e sei que o Van é louco pela minha mãe e o Jack, ele é louco por mim de uma forma doentia, bem, em algum sentido eu posso dizer que ganhei, certo?

Eles descem no 27º andar, Juh quase atropela eles, percebo sua mudança de humor e não entendo, Van fecha a cara para ela enquanto mamãe a ignora totalmente, acho que alguém não está tão feliz com a mudança.

As portas do elevador se fecham, então, Sah aponta a câmera do celular para mim, colando o rosto dela ao lado do meu. Sandy vem também, tento sorrir, mas não estou acostumada com esse tipo de coisa, Sah sabe que odeio tirar fotos, porém, agora eu sou a garota legal, que mora num prédio legal, com uma vida legal e com um marido legal, então, melhor nem discutir.

Acho que ela pensa que eu mudei mais o meu jeito por causa de Jack, mas

infelizmente não foi isso, eu mudei mais porque no começo ele obrigou a me comunicar com ele através dessa coisa viciante chamada WhatsApp, a mandar fotos e áudios, me pergunto como consegui mudar assim tão radicalmente em um mês.

Sah e Sandy vão dormir conosco hoje, no nosso apartamento novo tem cinco quartos, então, espaço não é problema, mas acho que elas vão pegar algum colchão e colocar na sala com o Nando, Sah sempre faz isso, e a Sandy, pelo visto, vai na mesma onda.

Vou na minha cozinha, meus olhos brilham com esse modelo americano perfeito, tem uma geladeira daquelas de duas portas e os armários revestem toda a parede lateral, com espaço para várias pessoas se movimentarem. Tem uma mesa de refeição para seis e uma pedra espaçosa com bancos para quatro pessoas comerem confortavelmente, as janelas são de madeira, da cor dos armários e bem amplas, todas com redes protetoras, é claro. Enquanto bebo água—e um purificador de água instalado na parede—, me pergunto se Jack pensa em tudo ao ponto de nunca deixar nada passar.

Aqui é um apartamento por bloco, então, me sinto dentro de uma casa gigantesca, descobri ontem que tem um quartinho para funcionários nos fundos, e que também temos um escritório, e uma sala de jogos—que eu sei que vai servir para o Nando—, tudo isso é fora da minha realidade, parece que estou dentro de um sonho confortável e bom.

Subo na pedra da pia, ainda com o meu biquíni preto que comprei para ir para Angra, mexo no meu celular, tem mensagens do meu marido, eu nem vi, vou direto nelas.

“Dia na praia..., você nunca me convida para nada”

Tenho que admitir que o humor dele está melhorando.

“Você está linda com esse biquíni”

“Mas TEM QUE USAR UM MAIÔ”

Sorrio, ciumento.

“Biquíni só quando eu estiver por perto”

“Na Índia”

A foto já está carregada, é a foto de uma espécie de porto, várias crianças andando, mas não é uma foto muito bonita, a sujeira do lugar me deixa meio assim, meus ombros caem com mais uma foto, essa de um menino usando apenas uma espécie de toga, ele é meio desnutrido, tem olhos expressivos e

verdes, ele é moreno mais escuro e os cabelos dele parecem totalmente sujos de um tipo de barro.

“Dalit”

O que é um Dalit?

“Acho um absurdo o descaso que eles fazem com essas crianças”

Meus dedos já estão deslizando pelas teclas.

“O que é um Dalit?”

“São crianças abandonadas, aqui tem sistemas de castas”

“Não entendi”

“Vida, são crianças que eles abandonam por acreditar que elas são alguma espécie de intocáveis”

Ainda não entendi, mas fico nervosa só de pensar que o menino é abandonado.

“Você pegou ele, não pegou?”

Jack acaba de visualizar, fico parada esperando, volto na foto da criança, essa criança deve ter no máximo sete anos, é magra, desnutrida e suja, alguém em sã consciência não poderia vê-la e deixa-la assim, as vezes, quando eu vejo alguma criança de rua no Rio — e não são poucas —, eu dou comida, levo para comer algum salgado, mas a maioria delas tem pais que as forçam a trabalhar pedindo dinheiro, são viciados, e muitas crianças também são, devido à triste realidade de vida, de outras eu tenho um pouco de medo, porque sei que as ruas se tornam muitas vezes a escola do crime para elas.

Gostaria de fazer mais por algumas crianças, talvez, quem sabe assim que eu me formar, eu não consiga ampliar mais o meu conhecimento para essa área, não me ocorreu antes que eu poderia ajudar de alguma forma dentro da minha área.

“Não peguei, por quê?”

“Você deixou ele nesse estado?”

“O que eu poderia fazer?”

“Acabei de falar, Jack, é uma criança abandonada”

“Tem dezenas delas aqui, se eu for pegar todas, serei preso pelas autoridades”

“Que descaso”

“Você pega toda criança que vê nas ruas do Rio? Acho que não”

“Deu comida a ele?”

“Não”

“Jack!”

“O que?”

Que insensível!

“Quer saber, deixa”

“ÓTIMO”

“ÓTIMO”

Desligo os dados móveis e bloqueio o telefone, eu sei que ele não vai me ligar, acabamos de discutir, estou nervosa só de pensar que ele viu tudo isso e se quer teve coragem de dar comida a essas crianças.

Olho para foto do menino e fico imaginando o Nando nesse estado, é bastante doloroso, fico inquieta, vou para o meu quarto, sei que com o dinheiro que ele tem, com certeza poderia ajudar essas crianças, poderia lhes dar alguma comida ou um banho, esse menino merecia ao menos uma espécie de morada, acho um absurdo o que Jack fez.

Entro no chuveiro, que ódio!

Acabamos de brigar de novo, é assim, quando tudo está ficando bem, arruinamos tudo com alguma discussão, pode ser por qualquer motivo por mais banal que seja, mas dessa vez eu me sinto dentro da minha razão, eu estou com razão, que tipo de pessoa seria insensível assim de ver uma criança largada na rua, suja e com fome e não lhe daria nem que fosse comida?

Eu sei que tem momentos em que realmente não dá para fazer nada, eu mesma já presenciei muitas crianças pequenas usando drogas, claro, a cena é deplorável, eu sabia que não poderia ir lá e tomar a lata de thinner da mão dela, mas eu tinha alguma preocupação e eu sempre me penalizei bastante de crianças assim. Ao menos, que desse comida ao menino.

Tomo banho com raiva, me visto com raiva e vou para sala com raiva.

Nando já está com uma roupa seca esparramado no sofá, ver ele usando essa coisa já está me deixando louca, me aproximo e tomo dele.

—Tem que ter hora para usar isso, Nando.

—Mas, mãe.

—Chega, só vai usar agora na hora que eu te devolver e sem discussão.

—Tudo bem.

Ele suspira fazendo cara de choro, sei que fui áspera, mas tudo tem um limite, levo o Ipad comigo para o quarto, me jogo na cama, deixo ele jogado num canto e abraço meu travesseiro, que ódio!

Odeio a ideia de que somos incompatíveis, que ele não tem as mesmas ideias que eu, e que não somos parecidos em quase nada, esse domingo tinha tudo para terminar muito bem, agora, sinto como se houvesse arruinado tudo.

— Eu não, ele arruinou!



—Eu estou grávida!

Me engasgo com a salada e sufoco, olho para Sah, ela acabou de deixar um pedaço de bife cair no prato, Juh está emburrada com os braços dobrados e Sandy está meio assim, como? Mamãe, você enlouqueceu?

GRÁVIDA?

—Descobrimos há uma semana, estou com dois meses de gestação.

Não posso acreditar.

Tenho 28 anos, minha mãe já beira os quarenta e lá vai cacetada e ela está grávida? Mãe, está louca? Van não para de sorrir. Meu Deus, essa gente não tem noção? Grávida?

Preciso de uma água, bebo um pouco tentando respirar, da última vez que ela falou isso eu fiquei muito feliz, é claro, só tinha treze anos, adorava ter a ideia de que teria uma boneca de verdade para brincar, mas agora eu não consigo me imaginar segurando um bebê da minha mãe, ela não tem mais idade para isso.

—Você pode começar a criticar, Maria.

Olho para Van, ele está feliz, coisa que eu realmente acredito que seja bem verdadeira, bem no começo, quando eles casaram, ele queria muitos filhos, mamãe não quis, na época eles não tinham assim tantas condições, Juh não foi bem planejada e só eu sei o que sofri para cuidar dela enquanto eles iam trabalhar, pensando bem, brincar de boneca não foi tão legal, olho para minha irmã tão diferente de mim, cabelos lisos e compridos, olhos castanhos como os de Van e a boca dela é parecida com a dele, ela é uma garota linda, com uma beleza natural e muito carioca, diferente de mim, que sou mais branca, ela está furiosa.

—Duda?

—Mãe, sério?

—Sim, fiz os exames de sangue e deu tudo positivo.

Enxergo uma mulher relaxada diante de mim, sorridente, diferente do que ela é normalmente, então esse era o motivo da mudança de humor da minha mãe, ela está GRÁVIDA!

—Estamos felizes com a notícia, você sabe que eu e a sua mãe não planejamos a Juh, mas eu sempre quis mais filhos.

—Van, é um grande passo—Sah fala assim incrédula. —A tia Fran vai ter que parar de trabalhar.

—Eu sei, e eu acho que já chegou o momento dela sossegar mais, nós adiantamos um bom dinheiro para o Jack, e vou pagar pelo resto do apartamento com os lucros da academia, claro, vai demorar para acabar, mas eu sei que vamos conseguir.

Poxa Vida, Van, você assumindo o controle o que está acontecendo com o Mundo nesse último mês, Deus do Céu?

Não tenho o que falar, não estou feliz, não fiquei alegre, eu não posso compreender como eles dois estão felizes com isso, eu não tenho mais idade para isso, eu tenho um filho de dez anos, em um mês farei 29 anos, e o meu filho onze anos, como posso ficar feliz com isso?

—Duda, contamos com o seu apoio, é claro.

Mãe, você nunca conta comigo para nada!

—Vai ser uma nova etapa, fui ao médico, há riscos, mas como eu ficarei em casa e não terei que trabalhar para fora, acho que a gestação vai ser muito tranquila.

—Mãe, tem certeza de que está mesmo bem?

—Sim, a Júlia é que está furiosa.

—Está bem.

Não posso falar nada, não tenho esse direito, mesmo que não aceite, sei que isso não é da minha conta, mamãe e Van tem a vida deles, eles sabem o que fazem e mesmo que não aprove e eles saibam disso, prefiro dar o que eu sempre dou, o meu silêncio.

Às vezes sinto que peço por isso, mas funciona melhor do que abrir a boca, se eu for falar como me sinto agora, vou estragar esse momento com a

família, Nando levanta e vai abraçar mamãe, como sempre, toda doce e compreensão do mundo, ela começa a chorar e me sinto mal com isso, por que acho que ela pensou que ficaríamos felizes com a notícia, nunca fiz parte profundamente da vida da minha mãe depois que ela casou, mas vê-la triste me deixa péssima.

Odeio quando ela chora.

Levanto e vou até ela, posso dar silêncio, mas um abraço para que não chore, ela deve entender que eu sou assim, ela é a minha mãe, ela me conhece, abraço ela, porque sei que é importante, e porque sei que ela ficará muito magoada se eu não o fizer.

Ainda estou chocada!

Juh revira os olhos e vem para o abraço, somos suas duas filhas, cada uma de um relacionamento diferente, de pais diferentes, que lhe proporcionaram momentos diferentes em toda a sua vida, nunca parei para pensar dessa forma, mamãe espera que nós lhe demos isso, um pouco de compreensão, como ela dentro do que poderia, sempre nos deu.

Beijo sua bochecha e Juh a outra, Sah está tirando uma foto, sorrio apertando a minha mãe, ela terá um novo bebê, que estranho, Nando está encostando a cabeça na barriga dela, acho que ele pensa que o bebê vai sair chutando assim, do nada.

—Minhas meninas!

E esse idiota vem para cima da gente, fecho a cara e reviro os olhos, Juh sorri, ela sabe que eu detesto o pai dela, somos adultos, mas tem momentos que essa gente age como se fossem crianças menores que o Nando, ela aperta a minha bochecha e estamos nos abraçando, Van apertando a gente, Sandy está chorando, assim como Sah, mais uma foto, ergo o dedo do meio, tomara que tenha pego esse momento também.

Sah ri e depois vem para perto da gente, chamo a Sandy, ela também é da família agora—minha família doida—e elas começam a tirar Selfies de todos juntos, Van ergue as mãos, mostrando chifrinhos com os dedos e abaixo a mão dele, isso é tão brega.

—O que?

—Não estrague, Van.

Ele fecha a cara depois sorri, então voltamos para os nossos lugares, o assunto “bebê” não é mais o foco, Juh começa a falar sobre sua transferência

para nova escola, fica na vizinhança, e dá para ela ir a pé com o Nando, mas Van deixa claro que ele mesmo irá buscar eles e deixar todos os dias. Eles estudarão em período integral, segundo Van, a escola fornece até o almoço e as crianças têm aulas de natação, inglês e fazem esportes à tarde, fico feliz por isso, é tudo o que eu desejo para o meu filho, para minha irmã, que os dois tenham uma orientação na vida, sei que eu não tenho nem como retribuir a Jack por tudo isso.

Após o jantar, mamãe nos serve pudim—amo o pudim da minha mãe—e até a Sandy quebra a dieta, é impossível não comer a comida da minha mãe, eu basicamente comi apenas salada com o bife malpassado, mas ao pudim eu digo sim, como eu sempre falo.

Ela me mostra seu apartamento, que basicamente é do tamanho do meu, mamãe está tão feliz que dá para sentir sua energia fluindo através dela, a todo momento ela sorri, me abraça, me chama de “filha”, me sinto bem com isso. Ela me mostra seu quarto, a decoração é um pouco diferente do meu apartamento, no meu é tudo um pouco mais marrom, aqui no da minha mãe é tudo colorido, a cara dela e do Van, eles não gostam de plantas e nem de livros, tudo aqui é bem colorido, ela me mostra o quarto cor de rosa dos sonhos—que eu nunca tive—da Juh, a cama dela está coberta pelas minhas pelúcias, a vista de todos os quartos é para o mar, como no meu apartamento. Tudo aqui respira zona sul, ou seja, riqueza e conforto, depois ela abre a porta desse quarto, e começa a falar sobre a decoração futura dele, é o quarto do bebê.

—Quero tudo azul se for menino, e tudo lilás se for menina.

Mamãe me vestiu de lilás até os meus dez anos, ela não entendia que eu odiava lilás, me obrigava a colocar aqueles vestidos feios de tecido e as vezes ela me fantasiava de princesa, eu adoro azul, mas acho que ela nunca vai entender isso.

—Você acha que eu estou cometendo um erro, não é? Que estou velha para isso!

Não acho a minha mãe velha, ela é bem conservada, magra, pequena, quase não tem sinais no rosto como a maioria das mulheres na casa dos quarenta, vejo apenas que sua aparência cansada era devido a todo o trabalho de cozinheira no restaurante daquele velho explorador, ela não tem fios brancos, mamãe é uma mulher bonita e bem conservada.

—Não acho que é velha, mãe.

—Você está brava?

Por que eu ficaria brava?

—Júlia odiou quando contei para ela, me chamou de ridícula.

—Mãe, você não pode deixar a Júh falar assim com você.

—Me senti mal.

—Vou falar com ela.

—Duda, eu sei que não fui uma boa mãe, hoje enxergo os meus erros, minhas falhas, ainda mais depois do que te aconteceu, me arrependo muito da forma como te tratei quando me casei com o Van, sinto como se tivesse esquecido de você, da mãe que era para você, mas eu te amo, quero que saiba que de tudo o que eu fiz, você é a coisa mais perfeita.

Poxa vida, mãe, não ferra com o meu emocional!

—Está bem.

Tento sorrir e abraço ela, sufoco o choro, e acho que a partir de hoje a nossa vida será de recomeços, tomara que sim.



Minha Segunda começa silenciosa e tranquila.

Na segunda levei o Nando para sua nova escola, fomos a pé os três, Juh já sabia o caminho e quando os deixei, ambos estavam sorridentes e inseguros com a nova escola, eles tiveram que usar uniformes azuis que parecem sacos e sapatos pretos horríveis. Sentia vontade de rir a todo momento com a cara feia do Nando por causa do calção azul feio que ele usava, mas prometi que tudo ficaria bem e que os buscaria as cinco, como é determinado pela escola, é uma escola católica que ocupa metade de um quarteirão a cinco ruas de onde nós moramos.

Volto para “casa” e Sandy já me espera na sala, como já estava com roupas de malha, só precisamos descer para academia do prédio, e que academia! O lugar é três vezes maior que a academia do Van, tem aparelhos modernos e novos e várias pessoas correm nas esteiras modernas desse lugar, fico até meio envergonhada de começar a minha sessão de exercícios aqui, é um lugar muito chique para alguém como eu, mas tento focar na minha série de exercícios, Sandy é motivadora e dessa vez nem precisamos do celular dela para colocar música, a academia tem um som magnifico e cheio de batida por

uma música eletrônica, tanto que combinamos de fazer a aula de ioga no meu apartamento, aqui não dá para se concentrar, quando subimos, mamãe já nós esperava com a mesa posta, fico confusa.

—Mãe, o que está fazendo aqui?

—Trabalhando!

—Como assim?

—Eu sou a sua nova cozinheira, querida!

Como assim?

Mas não gosto da ideia, isso é coisa de Jack, vou conversar com ele mais tarde sobre isso, de onde ele tirou que eu quero que a minha mãe cozinhe para mim? Que ela seja minha empregada? Eu não preciso de empregados, ainda mais agora, que ela está grávida.

Faço a aula de ioga bem inquieta, minha cabeça gira em torno disso, e também da nossa discussão idiota de ontem, depois disso não liguei mais a internet, Sandy parte exatamente as dez, eu mal tenho tempo de comer e Joseph chega pronto para aula, mamãe lhe serve um café e ele me dá a aula na mesa de jantar mesmo, minha inquietude é substituída pela concentração, algo que eu aprecio bem mais do que ficar sentindo raiva do meu marido a toda hora.

A aula é bem puxada, dura duas horas, então, chega o horário de almoço e mamãe vem colocar a mesa para mim, fecho a cara, ela sabe que eu odeio isso, mas ela está sorrindo e convidando Joseph para o almoço, ele não recusa.

O almoço é muito tranquilo, Joseph treina comigo frases como “minha casa fica logo ali” e “estou muito feliz por conhecê-la”, mais pelo meu sotaque que tudo, ele parte as 13:00 com um sorriso grato, eu também ficaria grata por comer algo tão bom. Para ele mamãe serviu estrogonofe, para mim só pasto, isso me estressa.

Ela tira a mesa e vou para o meu quarto, ligo os dados móveis, meu celular vibra muito, mas nenhuma mensagem de Jack, merda!

Vou acabar com a raça dele agora!

Vou digitar tudo o que está entalado na minha garganta, como ele se atreve?

Minha mãe é a minha mãe, não a minha empregada!

Começo a digitar, ele não visualiza desde ontem, o texto ficou enorme e

agressivo, sou direta e enfática, quando termino, meu dedo está pronto para apertar o enviar, mas então, releio e pondero, sei que há uma chance muito grande de acabarmos ficando ainda mais feridos um com o outro depois disso, já estamos brigados, será que mais uma briga vai fazer com que nossa situação melhore?

Não, não vai!

Apago tudo, melhor nem falar, melhor não brigar!

Vou para as mensagens da família Carsson, que são muitas, Alejandro!

“Oi Duda, adiei minha viagem para o Brasil, irei daqui duas semanas, negócios, trabalho, Sah ficou triste, abraços Alejandro”.

Então é por isso que ela não me contou mais nada.

Próximo, Gil:

“Duda, não suma, vai para o grupo, amei o jantar com a sua família, vocês são lindos juntos, deu vontade de estar aí com a minha Blair, Gil”

Também sinto sua falta Gil, e das suas mãozinhas nas minhas costas próximo, Patrícia.

“Que lindo você e a sua família, saudades, eu e Jonas já escolhemos uma casa e vamos mudar em uma semana, as coisas estão tensas por aqui, Mirna está furiosa.”

“Jonas e eu discutimos por causa da mudança, Mirna não quer que saíamos”

“Duda, o que eu faço?”

Respondo:

“Muda você então, Jonas tem que aprender a andar com as pernas dele, gente, a Mirna não é dona do casamento de vocês”

Digito em inglês faltando algumas letras, mas acho que dá para ela entender, ela responde imediatamente.

“Estamos brigados”

“Patrícia, você tem que se impor, vai você, ele vai atrás”

“Você acha?”

“Faz isso”

“Desanimada”

“Você não é a única”

Agora Jonas, ah meu Deus, essa gente acha que eu sou uma terapeuta familiar.

“Duda, me ajuda, a Patrícia está furiosa comigo”

“Escolhemos a casa, mas a minha mãe não aceita”

Mirna é a mãe, Gerald o pai, eles foram criados por essa gente depois que os pais morreram. Os únicos que não, são Jack e Alejandro, e acho que os únicos que não dão a mínima para a opinião da Mirna são eles, parece que vivem muito melhor do que Jonas ou Phelipe.

“Brigamos”

“Jonas, você tem que seguir a sua esposa, ela está infeliz aí, muda logo”

“Minha mãe está furiosa”

“Manda ela para o inferno”

Ele manda emojis rindo.

“Patrícia está aqui, ela está me olhando com uma cara”

“Fala que vai com ela ;)”

Ele para de responder, acho que já deixei o casal estranho bem encaminhado. Tem mensagens de voz do Aécio, fofocas e mais fofocas da empresa, escuto tudo sem dar muita atenção. Ao que parece, vão mesmo mudar a administração e tem muitas mudanças, mais benefícios, fico feliz que a Meta tenha essa injeção de ânimo para os funcionários, eles merecem um pouco mais de atenção, o que é uma pena que eu não esteja mais lá para ter isso também.

Me enfio no banho, hoje não fui para aula a tarde mesmo, só vou à noite, ainda tenho medo do que me espera na faculdade, medo da Fabi e medo de ver o Iago.

Estou com a cabeça cheia, preciso desligar um pouco, mas eu não consigo, mal dormi ontem à noite, essas crises de insônia estão me destruindo.

Deito na minha cama, ligo o reproduutor do meu celular, música clássica, acho que isso me ajudará bastante. Tenho muita coisa no que pensar semana que vem, na outra semana é a semana jurídica da faculdade, preciso ir fazendo o meu planejamento para as palestras, organizar o corpo jurídico, falar com o pessoal da secretária e do núcleo de práticas jurídicas, muita coisa para eu me ocupar.

Mas só consigo pensar nele!

Olho para o WhatsApp, vou direto no grupo da família.

Acabo rindo com as fotos que Sah enviou, são as fotos do jantar de ontem, todos comentaram e mandaram suas próprias fotos de onde estavam e momento em que estavam na hora do jantar da minha família. Patrícia estava deitada com uma máscara verde na cara, Gil com Blair na cama, Alejandro estava sentado numa mesa cheia de papéis, e Juh 2 estava cercada de livros usando um óculos quadrado imenso na cara, Sah também mandou uma foto minha olhando a vista com o Nando agarrado a mim comendo pudim, e uma dela fazendo caretas com Sandy. Que falta do que fazer, mas estou rindo.

Tiro uma foto de agora e envio, estou com os cabelos úmidos jogada na cama e sorrindo, nunca faria isso na minha vida, essas pessoas me motivam a fazer coisas tão estúpidas. Enviada!

Imediatamente alguém está digitando, Jack? Jack! Meu coração vai acelerando.

“Seque o CABELO”

Envia, Alejandro já está digitando.

“Quem é vivo sempre aparece”

Rio, Jack responde.

“Cala a boca, seu merda, vai trabalhar”

Alejandro manda emojis rindo, começo a gargalhar quando fico imaginando eles dois juntos discutindo, Alejandro e Jack são muito unidos, mas Jack ao seu modo tem um jeito engraçado e turrão de tratar o irmão caçula, Jonas está digitando.

“Animais”

Jack reage.

“Cuida da sua vida, seu merda”

Gargalho, meu Deus do Céu, todos mandam emojis sorrindo, Juh 2 reage.

“Paz e amor, gente”.

Gil envia uma foto dela fazendo uma careta, ela está ao lado de Blair trocando sua fraude.

“Vocês não tem o que fazer”

Ai Jack, que mal humor, respondo.

“Ninguém tem culpa se você é milionário e ocupado Senhor Carsson, por que não vai para um baile indiano e relaxa?”

Não acredito que enviei isso, imediatamente o meu marido mal-humorado está digitando, a chuva de emojis rindo volta.

“Alguém precisa trabalhar para te sustentar, Maria”

“Grosso”

“Seque os Cabelos”

Me irrita ao me ver indo para o banheiro, aquele secador cor de rosa ridículo está aqui, começo a secar vendo a família de Jack reagir a suas grosserias, Alejandro é o primeiro.

“Jack, não fale assim com a Duda, vai assustar ela”

Jonas em seguida.

“Cuidado como fala com ela, cara”

Gil manda emojis irritados e Juh manda aquele em que tem um dedo no meio, depois um macaquinho tampando os olhos, acabo rindo.

“Está bem, vida, me desculpe”

Suspiro, ah Jack, seu idiota!

“Uh, vida”

Juh 2 manda coraçõezinhos, sorrio, os irmãos dele começam a sessão de chacota de novo.

Fico olhando a conversa deles, estão animados, eu também. Acho que por enquanto, essa família estranha está começando a se mostrar para mim, bem mais do que um bando de rico esnobe, eles estão sendo legais e bons comigo, Jack não volta a falar no grupo, mas eu continuo, e assim a minha tarde fica mais alegre “Duda Carsson”

Apelida Juh, eu rio e concordo, Agora eu sou uma Carsson!





2 Semanas Sem a Obsessão

O resto da minha semana foi bastante monótono.

Minha rotina incluiu todos os exercícios pela manhã, as aulas e a tarde eu comecei a ir para faculdade. Na segunda à noite fiquei bem aliviada por não ver o reitor, e na terça à tarde eu não o vi, e assim se seguiu pela quarta, pela quinta e pela sexta.

De manhã levava Nando e Júh para escola, voltava para casa e Sandy já me esperava na academia, nossa rotina de exercícios mudou porque agora como temos aparelhos disponíveis, ela me colocou para começar a musculação—o que eu odeio—, mas foi bom, um treino intenso.

Na terça ela me obrigou a fazer uma hora de spinning, meia hora de esteira e meia hora de aeróbica, na quarta ela me pôs para começar com os pesos leves, exercícios com pesinhos e aqueles pesos pavorosos para pés, a rotina de quinta voltou ao spinning e esteira, a de sexta a musculação.

Joseph continuou a vir e nós dois almoçamos juntos todos os dias da semana, ele ainda é bastante fechado, mas gosto dele, principalmente quando ele fala de suas viagens pela Europa, acho muito chique mesmo que tenha sido a estudos, ele é uma pessoa apaixonada pela leitura e escrita, nossas conversações em inglês foram na base de *Romeo e Julieta* e é lógico, *Orgulho e Preconceito*, aproveitei os tempinhos que tinha no percurso para faculdade para ler os meus novos livros—os que comprei em Las Vegas—e acabei quebrando a cara porque só me dei conta que eram todos em inglês quando tirei a embalagem.

As aulas a tarde me ajudaram muito a me ocupar, as matérias não são difíceis, e como somos eu e mais cinco alunos, eu não vejo problema algum em pagar tudo, vai ser um semestre bem tranquilo.

Fiquei espantada com a atitude de Fabi na terça, ela se quer se aproximou de mim, sentou bem longe e mal olhava na minha cara, cheguei à conclusão

de que ela ficou envergonhada demais com o meu pequeno surto, e eu prefiro assim, as vezes é bom agir assim, feito uma doida, as pessoas começam a ter medo de você. Acho eu, que Fabi teve mais medo da vergonha de ser tão exposta.

No sábado a mesma rotina, acabei indo para o núcleo depois da academia, levei o Nando, devolvi seu Ipad, fomos de ônibus é claro, mas foi um percurso bem tranquilo, no núcleo encontrei David e as pessoas de sempre, tivemos atendimento ao público para dúvidas. Nando ficou na salinha jogando, enquanto ajudei os meninos no balcão de atendimento, isso me rende horas maravilhosas para minha grade, e é lógico, ótimas referências.

Foi um dia cheio e movimentado, almoçamos sanduiches—tive que comer o meu zero gordura—na lanchonete da faculdade, também não vi a Fabi, e foi melhor assim, os meninos inventaram de ir beber no centro e por pura e espontânea pressão do David, eu fui, convidei Sah e Sandy, as duas nem recusaram, nos encontramos num barzinho onde os meninos sempre bebem quando saem da aula as sextas, foi suportável, mas depois de duas cervejas eu já estava bem saturada de algumas brincadeiras do pessoal, Sandy também não é chegada nesse tipo de evento e por um milagre de Deus, Sah nem insistiu quando eu falei que já era hora de ir, dei a desculpa de que Nando estava cansado, David não insistiu.

Na noite de sábado fizemos brigadeiro e vemos filmes, acho que há um tempão não fazia isso com Sah, Sandy se mostra uma grande companhia, foi bom, rimos dos comentários da Sandy a respeito do Van sem camisa na academia—ela também acha ridículo—e Sah contou sobre a semana cheia na agência, nada de falar sobre garotos.

Jack me deu silêncio a semana toda, ele não ligou, não mandou mensagem, e eu lhe dei o mesmo, minha empolgação inicial foi acabando, e eu voltei para “bad”, todas as noites quando chegava da faculdade, eu chorei até dormir, e na manhã seguinte olhava para o celular, na esperança dele me mandar alguma mensagem, nada, apenas da família dele.

O grupo serviu de alguma coisa, essas pessoas me alegraram durante toda semana.

No Domingo resolvi me ocupar com uma pequena “geral” no meu novo apartamento, alguém tem que colocar a mão na massa em algum momento, mamãe deixou uma lasanha vegetariana—ela está me controlando a cada segundo e me enlouquecendo com essa dieta dos infernos—para o nosso

almoço, é a “folga” dela, as meninas me ajudaram, é claro, mesmo que Sah tenha feito as unhas no sábado de manhã, obriguei ela a lavar o banheiro do Nando, Sandy era mais animada. Almoçamos na sacada olhando para o mar, é um hábito que eu quero adquirir sempre, olhando o movimento no calçadão, os turistas, aquela natureza esplêndida que Deus nos deu de presente.

Domingo à noite, estávamos apenas eu e Nando na sala da minha nova casa vendo desenho, me sentia muito bem, porém, aquele incomodo de sempre sentir como se algo me faltasse, me perturbava, e eu o afastava de meus pensamentos, do meu coração, acabamos dormindo no sofá, apenas eu e o meu filho, mas nunca senti como se me faltasse tanto uma terceira pessoa ao nosso lado.

Na segunda seguinte eu estava de novo me arrastando para a academia depois de ter levado o Nando para escola, Sandy motivada e eu destruída emocionalmente.

Essa semana foi bem pior do que a outra, sentia mais vontade de chorar que tudo, e para que isso passasse, eu me enfiei nos projetos da faculdade, me ocupei ao máximo, e decidi que esse seria meu foco no momento.

Mais silêncio.

Mais quietude.

E mais sofrimento.

Tive crises de choro, apesar de tentar não ter, sentia falta de Jack, ao menos que me enviasse uma mensagem, um “oi”, mas cheguei à conclusão de que ele estava ocupado demais para falar comigo, os Carsson também voltaram a sua rotina e o ânimo inicial foi se esvaindo nessa semana.

A terça foi uma chatice, me animava apenas quando ia buscar a Juh e o Nando na escola, por fim, eu pedi para minha irmã ficar conosco essa semana, estava tão carente, que mal conseguia pensar em nada.

—Você está doente!

Eu a abracei e obriguei ela a dormir na minha cama abraçada comigo—nunca fiz isso com a Juh—depois que ela fez cinco anos, eu abraçava um outro bebê, Nando também veio para minha cama e assim foi o resto da semana.

Levantava, os levava para escola, malhava, tinha a aula, almoçava e ia para faculdade e lá ficava a tarde e à noite até as onze, David não podia me trazer

esses dias, então ia de ônibus.

Me dediquei profundamente ao estudo essa semana, li bastante, e estudei muito para conseguir ir bem na semana jurídica, no domingo seguinte o meu planejamento estava montado e perfeito, tinha tudo em mente, me sentia esgotada, mas com aquela sensação de que tudo sairia perfeito.

Sah veio no domingo para ficar comigo, não vi ela naquela semana, mas pela cara de trapo, não estava melhor do que eu, acho que foi o domingo mais silencioso com a minha melhor amiga em toda a minha vida. Nando foi para casa da minha mãe com a Juh, dormira lá, então éramos apenas eu e a Sah, caladas, emocionalmente abaladas, e fingindo que estava tudo bem.

Dormimos na minha cama abraçadas, mas dava para ouvir seus soluços no meio da noite, acabei chorando também mas ninguém dizia nada, e enfim amanheceu, ela foi trabalhar e eu voltei a minha rotina.

Duas semanas sem falar com Jack, rumo a terceira.

Não tenho dúvidas quanto ao que eu sinto por ele, nunca tive tanta certeza em toda a minha vida de que amo alguém, do que sinto, meu coração dói só de imaginar que talvez ele tenha parado para pensar e quando vier, queira desistir de tudo.

Hoje é noite de segunda, meu dia foi corrido e cheio, cercada das pessoas com quem convivo diariamente, pessoas que me ajudam e que demonstram me amar profundamente, me sinto egoísta de pensar que não preciso do carinho ou amor delas, mas tudo o que eu quero é o amor de Jack, seu carinho, sua atenção, nem que seja apenas para que diga um medíocre “oi” via mensagem.

O fato é que estou completamente apaixonada pelo meu marido.

E isso dói, machuca, porque ele não me corresponde.

Acho que a distância inicial foi uma ideia boa, mas agora se torna ruim, acho que eu o afastei de mim, eu fiz de novo o que sou mestre em fazer desde que me entendo por gente, afastar as pessoas.

Sou ótima nisso, deveria ganhar um troféu.

—Você está pronta?

Olho para Sah, tento sorrir, me olho no espelho com um conjunto que ela me trouxe, é uma saia lápis e uma blusa de tecido fino branca, sapatos, e essa sou eu, mais magra, visivelmente magra, bem vestida, morando num apartamento em Copacabana, tentando ser feliz com isso, rumo ao momento

mais importante da minha vida, mas tão vazia e oca por dentro quanto a mulher que eu sempre fui antes das minhas férias há quase dois meses.

—Não?

Sah ri, se aproxima com seu conjunto azul impecável, depois me dá um abraço, não me sinto menos oca, mas isso me enche de amor por essa mulher, ela é a minha irmã.

—Te amo Sah, obrigada!

—Te amo Duda, e de nada!

Então saímos do meu quarto chique e vamos para sala, quando entro, sinto vontade de chorar, mamãe não poderia estar mais bonita, Van está de terno e o Nando também, ambos de gravata, Juh usa um vestido comportado e sapatos, sorrio, só faltou o Jack para completar a nossa família, sim, nossa louca família.



A primeira noite de palestras foi tensa.

Fiquei muito nervosa quando entrei no anfiteatro e vi tanta gente, cumprimentei quem eu conhecia e quem eu não conhecia, coloquei o meu crachá—uou—com o nome “Palestrante” e fui ajudar o pessoal com a exposição de banners que os alunos do primeiro período organizaram, é a semana do Inter. Isso me trouxe várias lembranças de quando eu ingressei no curso de direito, estava intensamente entusiasmada com tudo, depois fui sentindo o peso do código com o passar dos semestres, muitas vezes me questioneei sobre o curso, algumas vezes me perguntava no meio da aula “o que eu estou fazendo aqui?”, tinha medo de outras coisas também, como desistir e de não conseguir passar na OAB, mas enfim, eu consegui, e já tenho a minha carteirinha provisória, estudei bastante para poder conseguir chegar aqui, e hoje, tudo isso é apenas um reflexo do meu esforço.

As primeiras apresentações são de Doutores de fora, depois dos alunos do primeiro período, então chega a minha vez, tudo sobre o tema, eu fiquei bem nervosa nos primeiros minutos, haviam mais de quatrocentas pessoas na expectativa me olhando, minha família na primeira fila, meu filho, ele está filmando tudo com seu Ipad.

Avistei Iago na bancada assim que subi no palco, e isso me deixou ainda

mais nervosa, tentei não tropeçar, mas ocorreu tudo bem, minha apresentação foi ótima e acabei arrancando algumas risadas de todos com comentários—ridículos—desnecessários que fiz a respeito do descaso das autoridades quanto ao assunto.

Fui aplaudida de pé pelos alunos e professores e tive que engolir o meu choro de orgulho, nunca achei que conseguiria falar em público para tanta gente.

E não tenho mais medo disso.

Depois da palestra fomos para uma pizzaria nas proximidades da faculdade, Van pagou a rodada, mas eu não comi muito, acho que o meu organismo se acostumou com pouco pasto e sucos naturais como vem sendo nas últimas duas semanas.

Tiramos muitas selfies, Sah e Sandy são mestres nisso, elas andam até com uma vara estranha para colocar o celular, eu sorrio, acho isso tão exagerado e ridículo, quando chegamos em casa, Nando me cobre de elogios e decide qual vai ser sua profissão.

—Médico!

Rio, não entendo, mas concordo, essa nova escola faz muito bem ao meu filho, sei que lá ele é tratado com cuidado e atenção, Juh só reclama do excesso de tarefas de casa e dos professores, algo sobre ter que cantar o hino nacional antes das aulas, acho pouco, na escola anterior ela mais matava aula que tudo, essa mudança mudou a rotina de todo mundo, inclusive a minha.

Me olho no espelho, uso uma lingerie daquelas que Sah comprou comigo no shopping para que eu usasse para Jack, sinto desgosto, minha barriga está mais seca e minha cintura mais fina, parece que a minha bunda está mais dura e firme e os meus peitos menores, mas não tem ninguém para quem eu possa usar isso além de mim mesma.

Ainda não me sinto magérrima, mas estou bem, me sinto mais magra e saudável, meu rosto afinou assim como os meus braços e coxas, agora eu tenho uma panturrilha dura e me sinto fitness.

Vou para cama, meu celular vibra, mas sei que não é ele, se me deu silêncio essas duas semanas, por que falaria comigo hoje? Solto os meus cabelos do coque, já havia tirado a maquiagem, agora tudo o que eu preciso é dormir.



Terça feira, acordo com o meu celular tocando, atendo.

—Por que você não me responde?

Dou um pulo, Jack!

—Ah, estava cansada!

Soa mais como uma pergunta, me ergo, desperto, Jack!

—Sei, e como foi a apresentação?

Mal-humorado!

—Foi boa.

—Chego na sexta, se organize.

Uou.

E desliga.

Meu Deus, o que foi isso?

Sacudo a cabeça, que homem mais estúpido!

Me irrita, depois olho no WhatsApp.

“Chego na sexta para o jantar, se organize, até”

Grosso!

Como eu te odeio, Jack.

Saio da cama a força, ainda são seis da manhã, e pelo visto já comecei bem, calço meus tênis e coloco uma roupa de malha, ainda não acredito que ele venha na sexta, ele foi tão grosso.

Voltando a bipolaridade!

Pensei que isso havia acabado, mas pelo visto, não, ele virá na sexta para o jantar, tenho sorte que a semana de atividades jurídicas acaba na quinta, então, estou ansiosa de novo.

Jack virá na sexta!

Ele virá me conhecer!

Estou tremendo quando acordo o Nando, Juh já está com a mochila colocando a mesa com mamãe, não falo nada, escondo minha ansiedade e finjo que está tudo bem, dentro de mim algo ferve.

Tomamos café juntos, depois acompanho o Nando e a Juh até a escola,

meu caminho de volta é rápido e cheio de tensão, a palavra “sexta” não sai da minha cabeça.

Preciso me organizar, preciso deixar tudo pronto para que quando ele chegue, seja bem recebido, acho que era isso o que ele queria dizer.

Afinal de contas, o apartamento é dele, no mínimo espera conforto e um pouco de paz depois dessas viagens dele, deve estar pilhado por causa do trabalho, porque sei que um dia de trabalho de Jack é algo que ele raramente poderá tirar ou repor assim tão facilmente.

O que posso fazer para que se sinta bem? Confortável?

Depois da academia subo e dou uma olhada na geladeira, está farta de legumes, vegetais, e tudo o que uma pessoa vegetariana possa querer, no congelador a minha carne magra e peixe, está faltando algo... o que?

Ah!

—Mãe, pode comprar açaí?

—Claro, você está bem?

—Estou sim.

Estou sorrindo, beijo ela e aperto a minha mãe.

Joseph chega minutos depois, e a nossa aula passa muito rapidamente, tudo flui em minha mente com pressa, sinto vontade de pular, em três dias Jack estará aqui comigo, ele virá, o grande dia!

Tomara que passe voando!



Hoje já é quarta e eu estou com tudo.

Já liguei para Sah e planejei como farei com o jantar na sexta, quero que saia tudo perfeito, a minha amiga começou a gritar quando eu liguei falando que o meu marido viria, depois ela voltou ao normal de disse que me ensinaria como seduzir Jack as claras.

Morri de vergonha com a aula de sedução da Sah ontem à noite.

Ela me ensinou como andar e como fazer uma cara de safada que até Deus duvida, eu não vou fazer aquilo, mas sei que é algo que talvez os homens apreciem bastante, não tenho jeito com essas coisas mesmo.

A aula da tarde passou rápido, nem voltei em casa, já tinha levado um

conjunto social qualquer na minha mochila, tomei um banho no banheiro da faculdade, preendi meus cabelos, passei uma maquiagem básica, contra a minha vontade, é claro, e pronto, as sete em ponto eu estava no anfiteatro.

A noite de ontem foi tranquila na semana jurídica, me sentei a mesa ao lado de Iago, ele foi bem educado, mas muito distante, acho que ele mesmo estava com muita vergonha de mim, assim como eu dele, sentia a todo momento que as vezes ele me olhava em silêncio, fiz parte da bancada de perguntas para os alunos dos terceiro e quarto períodos, depois fiz o encerramento com uma apresentação sobre a importância do investimento do governo em segurança e proteção do menor dentro dos centros sócio educativos no Brasil.

Estou orgulhosa de mim mesma.

Claro que sempre participo, mas eu nunca sou o foco, ficava a todo momento olhando o celular, nada de Jack, meu consolo era saber que ele viria em dois dias, me sentia nervosa e ao mesmo tempo empolgada, esperei pelo encerramento e eu fui para casa, paguei um taxi porque sabia que é muita contramão pedir a David que me levasse para o outro lado da cidade, ele mora numa comunidade distante e já é bem perigoso para ele chegar lá depois das dez.

Refleti bastante sobre várias coisas no meu relacionamento com Jack, pensei muito nos dias que ficamos juntos, em todos os momentos, tudo o que tinha eram lembranças dele, de sua risada, de seu toque, de seu abraço, tudo estava dissipado dentro de mim, já não estava coberta de raiva e nem rancor pelo ocorrido em Angra.

Sei que ele errou, sei que não tem perdão, mas sei que acima de tudo eu quero ele, e eu o amo, e não é algo que eu possa controlar ou tirar de mim de uma hora para outra.

Hoje é quinta, já estou pronta para mais um dia com toda a minha nova rotina, acabei me adaptando bem rápido, acho que pelo fato de que tudo ficou em família, Sandy é maravilhosa comigo sempre—exceto quando me coloca para correr na esteira naquele nível desumano—, Joseph é mais simpático comigo e aos poucos vai se mostrando um homem bom e engraçado durante as aulas, mamãe cozinha para mim, então, nem se fala, ela também está muito feliz com a vida aqui, mais relaxada, e ela está grávida!

Durante todo o dia refleti bastante também sobre como serão as coisas a partir de amanhã, não sei como vou reagir quando ver Jack, preciso pensar

em como vou lidar com isso a partir do momento em que eu tiver que vê-lo.

Isso é tão complicado.

Acho que me acostumei com o escuro por isso nada me permite ver as coisas com nitidez assim como elas são.

Não gostaria que ele fizesse isso por mim, mas sim por ele, também não gostaria que ele tomasse as decisões da vida dele em pró da minha pessoa ou minha família, sinto como se devesse algo de valor inestimável para ele.

Em quase dois meses de casados nós brigamos muito, discutimos muito, fizemos muitas besteiras e magoamos muito um ao outro, mudei a minha vida, minha rotina, tudo por causa dele, sinto que até um pouco da minha personalidade, também agora tenho uma ilha—parei de pensar nisso assim que sai de Angra, porque estava surtando nos primeiros dias—, um apartamento em Copacabana e o meu filho estuda numa escola na qual a mensalidade custa quase cinco mil reais, é muito dinheiro, ele achou que eu não descobriria? Perguntei na secretaria ontem, quando busquei o Nando e a Juh.

Minha mãe é minha cozinheira e pelo o que vejo, ela quem está mantendo a minha casa em ordem, Van está trabalhando por conta e quase não vem em casa, mas nas poucas vezes que esbarrei com ele, estava radiante e feliz com a nova academia.

Todas as pessoas a minha volta mudaram, tudo mudou, e eu mudei!

Mudei as minhas percepções sobre muitas coisas, sobre a minha família, sobre as minhas perspectivas de vida, mas principalmente, passei a pensar com muito mais cuidado em tudo o que tenho, Jack me fez perceber também o quanto eu era fechada antes dele entrar na minha vida, o quanto eu não permitia que as pessoas se aproximassem e no quanto eu era insegura, ainda sou, mas um pouco menos do que eu era.

Nunca ficar no escuro me ajudou tanto a refletir, encerrei minha última noite de palestras com um vídeo que encontrei sobre a profissão, caprichei no sensacionalismo é claro, montei um vídeo de apresentação com fotos de todo o corpo docente da escola, funcionários, dos professores, de algumas de vários atendimentos ao público no núcleo, acho que fui bem porque além de ser aplaudida de pé por todos, me jogaram uma rosa... David.

Sorrio e agradeço, faço meu discurso final, os agradecimentos finais, depois desço do palco feliz e sorridente, tinha matado dentro de mim as chances de ir mal desde o começo, meu pessimismo anda sumido, então

aproveito da minha nova autoconfiança.

Iago se aproxima, ele sorri, tento manter o sorriso, aquela situação naquela semana me fez pensar também nele, claro, não senti nada, talvez um pouco lisonjeada, mas nada além disso, todo o meu foco está na noite de amanhã.

—Muito bem, Maria, meus parabéns.

—Obrigada, professor.

Ele me estende a mão e o fotógrafo da faculdade se aproxima, sorrimos para foto, depois me afasto, não sinto como se lhe devesse nada, claro, vergonha, porque nunca imaginei que o reitor da faculdade fosse apaixonado por mim, eu sempre achei ele um homem discreto e fechado demais, nunca reparei nenhum olhar ou algo parecido, então o homem se declara para mim... o que posso fazer? Nunca poderei correspondê-lo, então, agora é seguir, bola para frente e evitar ele até que essa sensação de estranheza suma.

—Maria!

Me viro e Iago está diante de mim com um pequeno sorriso, charmoso como sempre, terno, a gravata impecável e cinza, seda, sapatos reluzentes, acho que qualquer garota da faculdade faria de tudo para ter esse homem.

—Sim, professor.

—Você não quer vir conosco para o barzinho?

—Ah não, professor.

—Vamos, não precisa ficar tímida, eu te levo para casa.

Tenho medo de falar não e parecer mal-educada.

—Está bem, mas eu peço um taxi assim que estiver na hora de ir.

—Feito.

David foi o mais empolgado com a ideia, é lógico, fomos no carro de Iago, eu na frente e ele atrás, não parou de falar um segundo, me senti até meio constrangida com algumas indiretas que ele mandou para o diretor. Agora, enquanto entramos no barzinho, me questiono se o David não se toca.

Os professores estão em três mesas juntas, a professora Camila faz festa em me ver, me sinto um peixe fora d'água, eu nunca imaginei que eles se reuniam para beber depois dos eventos da faculdade.

Me sento ao lado de Iago, não vou beber nada, peço apenas uma água, eu não quero acordar amanhã na cama de ninguém.

O pensamento me faz sorrir, exceto a cama de um certo alguém.

—E então, Maria, o seu marido faz o que?

Fico surpresa com a pergunta de Iago, ele já tirou o terno e folga a gravata, exibindo um charme fora do comum com isso, ele é magro, mas dá para ver que ele faz exercícios.

—Ele é físico.

Todo mundo parece surpreso, será que ninguém nunca vai acreditar que eu me casei?

—Físico? —Iago bebe um pouco de sua cerveja. —Legal.

Jack é inteligente, sei que sim, ele apenas não é sociável, ele por exemplo não é descontraído como Iago é agora, ele nunca faria algo assim, ir para um barzinho e beber com os amigos. Ele tem medo de pessoas, mas sei que eu tenho 29 anos e não tenho um avião particular e ele tem, sem falar na empresa dele.

—Ele dá aulas na rede pública?

—Não, ele é desenvolvedor de sistemas.

—Como.

—Bill Gates!

—Você se casou com um físico que mexe com informática?

Percebo um tom arrogante na voz do reitor, isso me deixa irritada, acho que não conheço bem os negócios de Jack para falar ou para defender, mas sei que ele é um homem muito importante na América, alguém com um futuro brilhante e uma empresa que atende a Microsoft e a Apple.

—É!

Não vou me vangloriar, não entendo dessas coisas, preciso saber mais a respeito do meu marido.

—E ele te ajuda com o seu filho?

—Sim, ele me ajuda muito.

—Que bom.

Iago bebe mais um pouco da cerveja, estão todos falando alto, o som que vem do fundo é de uma música sertaneja chata, pensando bem, as vezes dá para entender o porquê Jack não curte esse tipo de coisa, eu não curto, odeio massas, ainda mais se estiver sozinha.

—E vocês se conhecem há muito tempo?

—Sim, há bastante tempo.

Se ele soubesse que esses dois meses pareceram bem mais que sessenta e poucos dias, ele não acharia isso pouco. Vivo intensamente quando estou com Jack, e quando estou longe dele, a minha vida é um tédio, mas ainda assim, ele está próximo de mim.

É servida uma porção de peixe frito, e outra de batata frita, não sinto fome, bebo mais um pouco da minha água.

—Então, a Senhora se casou com um físico.

—É Iago.

—Vai passar fome.

Ele não dá sinais de que está bêbado, mas não gosto da insinuação, olho para David, ele me ignora completamente, não sabia que Iago tinha um lado arrogante assim.

—Acho que vou ao banheiro, com licença.

Levanto, e sinto a mão firme de Iago segurando meu pulso e me puxando para baixo.

—Fica mais um pouco.

E sento, solto o braço da mão dele, o que esse cara está pensando? Ele está louco?

—Relaxa.

Olho para David, ele está meio assim, pego o meu celular na bolsa e disco o número de Sah, minha mão treme, ter vindo para cá foi uma péssima ideia.

—Me dá isso aqui!

E toma o meu celular, fico chocada com essa atitude, David arregala os olhos, os professores riem, obviamente entendendo que é uma brincadeira, eu não gosto.

—Professor, me dá o celular.

—Nada de tensão, é hora de relaxar.

E coloca o celular no meio da mesa, a professora Camila tenta pegar, mas ele toma e enfia no bolso da camisa. Olho para David, ele está mexendo no celular, estou torcendo secretamente para que ele esteja ligando para Sah, mas segundos depois o professor Fábio arranca o celular da mão dele e guarda no bolso, arregalo os olhos, qual é o problema dessa gente?

—Você está brava?

—Não professor!

Só te acho um grande babaca por essa brincadeira sem graça, pelo visto, me enganei com o Senhor, e começo a me perguntar se tudo o que me disse era realmente verdade.

—Você mudou muito, Maria.

—É? Eu acho que não, professor.

—Está mais magra e bonita, sempre achei você fascinante, agora você está comestível.

Ele fala bem baixo perto da minha orelha, sinto o cheiro de cerveja e o hálito quente, mas a sensação que me toma é de extremo asco.

—Pode vir comigo para o meu apartamento hoje, o seu marido não precisa saber.

—Eu saberia.

Me irrita profundamente, estico a mão e pego o meu celular do bolso dele. Estou tremendo, levanto e me afasto, estou discando o número de Sah. Saio do barzinho, e isso me alivia, o céu está cor de rosa, o tempo mudou rapidamente, estico o braço, o movimento aqui é intenso.

—Eu te levo. —Iago está se aproximando. —Desculpe, só queria parecer interessante.

—Não, obrigada!

Um taxi para e eu entro, travo a porta antes que esse louco se aproxime, então falo meu endereço para o taxista, o homem segue e me sinto mais segura.

Francamente! Por alguns momentos cheguei a sentir até medo.

—Duda? Duda, o que aconteceu?

—Vai lá para casa.

—Foi algo na faculdade.

—Mais ou menos.

E desligo, enquanto o táxi se afasta, vou vendo Iago enfiar as mãos nos cabelos, parecendo muito desesperado, acho que ele percebeu o que fez, desse homem eu quero distância.



—Ele o que?

—Foi, o que eu acabei de falar!

—Meu Deus.

Você não está tão chocada quanto eu, Sah.

Ainda me tremo toda só de lembrar, nunca mais eu saio com ninguém da faculdade, sempre teve um bom motivo para eu não sair muito e hoje eu descobri o porquê.

Sah está chocada, eu também, mas o choque inicial foi substituído por uma sensação de medo fora do comum, acho que amanhã eu nem vou na aula de dia, tinha decidido pagar aula só três dias na semana, mas estava indo todos os dias à tarde, agora, eu não quero ir mais nenhum dia.

Sei que é burrice pedir transferência, gosto da Gama, mas devido aos últimos ocorridos com Iago, eu nem sei mais se essa situação vai dar para ir empurrando com a barriga, pensei que ele tinha parado com isso. Durante essa semana ele estava indiferente e na dele, agora ele voltou com isso, está dando em cima de mim na cara dura e agindo feito um idiota comigo.

Minha semana acabou, achei que iria correr tudo bem, mas pelo visto, meus esforços acadêmicos não são o único foco para o reitor, sinto nojo quando lembro do que ele falou, sugerindo que eu fosse para o apartamento dele, que coisa!

—Alejandro chega amanhã, ele quer saber se você deixa ele ficar hospedado aqui.

—Claro, preparo um quarto para ele.

—E o Jack?

—Não deu notícias, por que você não deixa o Alejandro ficar no seu apartamento?

Levo uma pancada com o travesseiro no rosto, não entendo.

—Faz mais de três meses que eu não transo e ele é virgem.

—Uhu!

Rimos, Sah deita ao meu lado na cama, fico imaginando como será amanhã, é o grande dia!

—Você já preparou a lingerie? O vestido?

—Que vestido?

—O que você vai usar para esperar ele, ora.

Faço uma careta, Sah me olha com uma cara muito cheia de malícia, achei

que iria dormir, mas pelo visto, a minha noite traumatizante de quinta só está começando.



Fim da Obsessão?

Acordo!

Hoje é o grande dia!

Estou sorridente, estou feliz, estou tudo!

Mal cabe dentro de mim todo esse sentimento, mal cabe no meu coração a felicidade de saber que ele estará aqui comigo.

Não tenho mais dúvidas, ainda um pouco de medo, mas uma absoluta certeza de que amo Jack.

Eu o amo!

Faria tudo por ele, quero tudo com ele, ele é o que eu mais quero.

Sigo a minha rotina de todas as manhãs, mas estou tão feliz, que quase pulo, deixei a Sah dormindo na minha cama e fui acordar o Nando, cobri ele de beijos, quero que seja surpresa para ele também, ele ficará muito feliz quando ver o Jack, eu ficarei muito feliz quando ver o Jack.

Entro na cozinha, dou um apertão na minha mãe, ela fica surpresa, mas também não questiona, abraço a Juh e beijo na bochecha dela.

—Você foi mesmo bem no negócio da faculdade!

—Aham.

Tomamos café juntos, Sah aparece depois um pouco sonolenta, mas já pronta para um dia de trabalho, ainda bem que eu não trabalho, seria uma correria só.

Após o café, levo o Nando e a Juh na escola e volto. Estou transbordando durante os exercícios, Sandy se impressiona e me cobre de elogios, e eu nem acho ruim ter que correr na esteira do mal, quando termino, estou coberta de suor, eu não paro.

Abraço Sandy depois da aula e lhe dou um beijo na cabeça, ela ri, provavelmente me achando a mulher mais louca do mundo. Eu sou!

Acho que fiquei louca.

Não me ocorreu naquele dia que pudesse sentir tanta falta de Jack, foi um mês um pouco rápido e cheio de acontecimentos, longe dele me sinto mal, mas sinto que se não houvesse feito isso, não saberia qual a importância que ele tem na minha vida.

Não importa seu passado.

Não importa sua doença.

Não importa Condessa.

Não vou conseguir esquecer o fato dele ter me chamado assim —sinto arrepios só de lembrar—, mas acho que com o tempo, posso esquecer isso, posso deixar para trás, desde que ele também esteja disposto a prosseguir.

Não será fácil, mas estou otimista.

Quero poder ter uma vida com ele, quero que ele venha mais vezes, quero poder dividir com ele os meus dias, mesmo que não sejam muitos, me sinto coberta de felicidade com sua chegada.

Joseph fica surpreso com os meus avanços, também, eu tento fazer as tarefas quando tenho tempo, ele me elogia pela minha conversação e falamos em inglês durante todo o almoço, não erro na pronuncia de nenhuma palavra.

A tarde passa rápido para minha surpresa, não fui para faculdade e nem vou à noite, hoje à noite não.

Quero estar linda para ele, me sinto boba com isso, mas quero que ele me veja bem, bem e diferente da mulher feia que ele conheceu. Perdi uns quinhos, acho que posso tentar me sentir bonita com alguma lingerie, Sah

vem para me ajudar a escovar o cabelo, agora estou lutando para pintar as unhas dos pés.

Minha melhor amiga chega as quatro, ela veio equipada e cheia de dicas para “sedução”, me sentirei eternamente grata por ela fazer isso por mim.

Conversamos sobre homens durante a lavagem de cabelo—sim, eu estou fazendo isso—, ela me explica sobre truques que posso usar na cama com Jack, fico vermelha só de pensar, claro, da última vez foi maravilhoso e, se não fosse por aquele nome feio, tudo teria acabado bem melhor, mas quero que hoje à noite seja especial.

Sah me faz experimentar todas as lingerie uma a uma e acaba me convencendo a usar uma preta de rendas que deixa a minha bunda mais bonita, é fio dental e transparente, me sinto como aquelas mulheres dos filmes, que se preparam para uma noite de sexo intensa.

Assim espero, não sou hipócrita, também sinto falta de fazer sexo com ele, ele é ótimo na cama.

As sensações só crescem dentro de mim, Sah seca o meu cabelo e damos uma pausa no tratamento de beleza, ela vai buscar o Nando e a Juh, mas como eu já havia avisado e pedido para minha mãe—com a desculpa de que iria para faculdade—, o Nando vai dormir no apartamento dela.

Ele não acha estranho de me ver com uma máscara cor de rosa na cara, vem, larga a mochila na sala e corre pro quarto, depois ele está saindo pela sala com sua bolsa e os livros de HP, seu Ipad. Ele sabe como chegar lá sozinho, aqui é muito seguro, daqui a pouco ligo para mamãe para saber se ele já chegou, ele também sabe que tem que descer de elevador.

Sah me leva de novo para o banheiro, e começa a tortura. uma esfoliação facial, depois como se não bastasse, ela começa a tirar a minha sobrancelha, sei que ela entende que eu nunca faço essas coisas e que não vai destruir a minha cara, mas tenho um pouco de receio.

Quando fico pronta, já passa das sete da noite. Tomei um banho, tomando cuidado com o meu cabelo recém pranchado e passei hidratante no meu corpo todo, depois vesti a lingerie. Sah deixou aquele vestido preto—que eu nunca iria usar—na cama para mim, coloco ele e me apresso para colocar o jantar para esquentar. Acho que a minha mãe deixou uma torta de berinjela e suco de maracujá.

Ligo o meu forno potente, coloco a mesa para dois e apago as luzes do apartamento, me sinto nervosa, tremo um pouco, vou ver o Jack!

Ah meu Deus!

Depois de mais de um mês sem vê-lo, não me lembro dele, nada me ocorreu da noite em Las Vegas, nem o nosso casamento lá, tenho memórias do homem em meu corpo, mas não faço ideia de como ele é.

O suspense me corroí, assim como a curiosidade, mas digo para mim mesma que se na hora ele não estiver pronto, eu não poderei força-lo.

A todo momento fico atenta a porta da sala, vou nos fundos e checo a porta da cozinha, não me ocorreu se ele tem as chaves, claro que tem, ele é o dono desse apartamento.

Por que não teria?

Oito da noite, ainda é cedo, me olho no espelho pelo menos umas dez vezes quando vou ao nosso quarto—nosso, nosso, preciso me acostumar com isso—, estou muito bem nesse vestido, ele valoriza os meus seios, e me deixa, como diria o Iago, “comestível”.

Sinto calafrios só de lembrar daquele homem, espero que até segunda isso passe, vou andar a dez metros de distância dele na faculdade.

Afasto esse medo idiota, preciso estar bem para receber o meu Bad Romance, para vê-lo.

VÊ-LO.

Minhas pernas estão de fora, o vestido alcança minhas coxas, e além de justo é tomara que caia, com um decote “V”, digno de uma caça sexo. Mal acredito que esteja tão bem, Sah pesou na maquiagem, meus olhos estão cobertos por um delineador preto e maquiagem escura, ela passou rímel, que alongou mais meus cílios e um batom vermelho mate lindo que ela tem. Ela me maquiou com perfeição hoje, meus cabelos estão soltos e de lado, pranchados ficam na altura dos meus quadris, parecem mais brilhantes e sedosos.

Me olho com mais cuidado.

Não estou tão mal, me sinto bonita e um pouco mais adulta, uma mulher!

Diferente do que eu sempre me senti, sempre fui mais fã de tênis e jeans, odeio vestidos, mas esse me deixou muito bem, meus seios estão em pé graças ao bojo da lingerie—meio pornô—que a Sah escolheu para mim, e por ser apertado, ele ressalta mais minha cintura, meus quadris são largos, não tem jeito, mas não me sinto tão mal com isso.

Meu cabelo está lindo assim, nunca me ocorreu que poderia usá-lo liso, eu

estou muito bem, até pintei as unhas das mãos, e eu não faço isso nunca.

Volto para cozinha, estou descalça até ele chegar, prefiro não quebrar nenhum osso do corpo usando os saltos que Sah me emprestou.

Desligo o forno, então, vou para sala, pego os sapatos, me sento no sofá e cruzo as pernas, fico olhando para a porta com as mãos dobradas sob as coxas, meu celular está aqui bem ao meu lado para o caso dele ligar, mas não vibra por nada.

Fico de lado, tentando fazer alguma espécie de pose, apoio minha mão na cabeça e o braço no encosto do sofá, tento parecer sexy, me inclino para frente, será que dá para ele ver os meus seios daqui?

Mudo de posição, arrumo o decote e abro mais as pernas... não, melhor estar deitada, isso, vou esperar deitada.

Deito, me apoio no cotovelo e ergo um pouco a perna, deixando minhas coxas bem à mostra, também não, estou parecendo uma vadia!

Levanto, olho a hora no meu celular, nove horas.

Nossa, já? Vou na cozinha, bebo uma água, sempre olhando o celular, será que ele vai demorar muito?

Estou tendo um colapso nervoso, melhor beliscar alguma coisa.

Furto umas uvas na geladeira e volto para sala, me sento no sofá e fico esperando, meus olhos não desgrudam da porta, e se ele entrar de uma vez? Posso fechar os olhos, talvez ele queira se preparar primeiro, eu não tenho nenhuma das minhas máscaras aqui.

Ando de um lado para o outro, porque de repente, já são 22:30 e nada, Jack não chega, será que aconteceu alguma coisa? No grupo a família não manda mensagens e nem no privado, a última visualização dele foi na quinta de manhã, exatamente a minha última mensagem, fico preocupada.

Aos poucos, canso de andar, e demoro um pouco para entender o que realmente aconteceu.

Ele não vem!

Ele desistiu!

Me recuso a acreditar no que é óbvio, ele falou que viria, ele prometeu!

Ainda espero, e espero, e as horas vão passando e me corroendo. Uma da manhã, nada, preciso pensar nas chances, nas possibilidades, pode ser que o voo dele tenha atrasado, mas me dou conta de que Jack não precisa de

escalas, ele tem um avião.

Talvez tenha se atrasado em alguma reunião, nos negócios, talvez ele tenha pego o trânsito no centro, talvez... talvez ele não venha.

Começo a chorar, me deito no sofá, e choro alto, os soluços na minha garganta são libertados por uma dor profunda.

ELE NÃO VEIO!



Começo da Loucura

Acordo com o som da campainha.

Tento olhar em volta, mas meus olhos estão cobertos pela camada pesada de rímel derretido, mal consigo enxergar direito, minha cabeça dói, e eu estou na sala, me situo no segundo toque, me sinto meio tonta, aérea, acho que ainda é cedo, não sei.

Meu coração vai ficando pesado de novo, enquanto tento chegar a porta, tropeço, e tocam a campainha mais uma vez, abro a porta cabisbaixa, enxergo o par de all star.

—Oi, Alejandro, a Sah avisou que você viria, entra aí.

Não estou envergonhada, estou destruída.

Meu subconsciente recorda dolorosamente a noite de ontem, a dor da humilhação, a dor de ter feito tudo aquilo para ele, e ele não veio.

Chorei tanto que dormi no sofá, me sentia péssima—ainda estou péssima—, esfrego os olhos e vou indo para o rumo do corredor do meu quarto.

Entro no banheiro e ligo a torneira, pego o sabonete e começo a lavar o rosto, esfrego até tirar toda a maquiagem. Choro um pouco, os soluços se tornam mais altos, odeio tanto me sentir assim, como eu pude acreditar nele? Como pude ser tão idiota? Como pude me deixar levar assim?

Seco bem o meu rosto, escovo os dentes, mais lágrimas.

Jack Carsson, você não presta!

Dessa vez eu não vou te perdoar tão fácil, não mesmo, por que eu acreditei que você viria? Que iria me permitir te ver? Que você atropelaria algo que o persegue desde sempre, por mim?

Logo eu? Um nada!

Fico olhando para o lavatório, tentando minimamente encontrar uma resposta para ele não ter vindo. Ele disse que viria, ele prometeu que dentro de um mês estaria aqui para que eu o conhecesse pessoalmente, ele respeitou a distância, e eu acredito que talvez isso tenha sido o mais difícil para ele.

Ergo a cabeça, meus olhos fechados, desejando profundamente acordar desse pesadelo.

Meu coração dói, minha garganta se comprime, e as lágrimas vão queimando em meu rosto, soluço muito baixo, acho que não tenho mais forças para chorar, não tenho mais forças para sofrer, eu cansei de tentar entender esse homem.

Ontem desejei acima de tudo que ele viesse, para que tentássemos resolver tudo isso, que ele colocasse um fim em toda essa história da doença dele, senão, ao menos que me desse um pouco de sua presença.

Talvez a distância tenha feito ele perceber que não sente nada, que eu não sou o suficiente, talvez isso o tenha ajudado a enxergar que eu não sou nem metade do que Condessa foi, ou é para ele.

Talvez ele a ame!

E eu o amo.

Bato o pé no chão com força e mordo a boca, oprimindo o choro, odeio chorar, mas vem acontecendo bastante ultimamente, é inevitável, é algo do qual não controlo, é algo que não quero.

Abro os olhos bem devagar, então, paraliso, e tem um par de olhos verdes pousados em mim. Meu coração vai disparando, e mais, e mais, e a respiração me falta.

—Oi!

Reconheço essa voz, e o sangue nas minhas veias gela, não, não é ele, não é, eu acho que estou ficando louca, eu estou ficando doida.

Tento respirar, tento puxar o ar, mas o ar não vem, preciso de um choque de realidade.

Acho que maravilhei tanto com esse homem, que estou imaginando coisas com esse homem atrás de mim me olhando, com olhos verdes incríveis. Olhos que parecem duas bolinhas de gude verdes e grandes, vejo sua face perfeita, ele é lindo!

Mas não é ele, acho que estou completamente louca, esse homem é algum tipo de alucinação, fruto da minha mente distorcida e doida.

—Jack, você chegou, Cara!

E vejo o meu filho pulando em cima da alucinação, ele não tira os olhos dos meus, ele aperta o Nando e depois se aproxima, meu coração vai acelerando mais e mais, ele enfia a mão na minha nuca e me puxa, reconheceria esse toque em qualquer lugar do meu corpo, apenas o toque me causa arrepios.

—Vida!

E estou nos braços dele. Nos Braços do Meu Marido!





Continua...